Artigos de Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Conde de Sabugosa.

JULHO DE 1905

N.º 1

SERÕES

REVISTA
MENSAL
ILLUSTRADA

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA L.DA
LISBOA

Artigos de Alberto Braga, Correia d'Oliveira, Silva Gayo, A. Mesquita, etc. — Modas e lavores femininos

Musica de A. Keil — Illustrações de Casanova, Keil, J. Machado, Moraes, etc.

Cada numero, alem do magazine propriamente dito, tem dois supplementos, A MUSICA DOS SERÕES, OS SERÕES DAS SENHORAS, com uma folha de moldes. Exigil-os com o numero ao preço total de **200 réis.**

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (26 illustrações)

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do volume será marcado pelos nossos agentes

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME I

PER ORBEM FULGENS

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA L.da — EDITORES
132 — RUA DO OURO — 138
1905

ANTIGO TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL, EM SANTA CLARA (COIMBRA)

A Esculptura em Portugal

O illustre professor e meu amigo Albrecht Haupt, auctor allemão do precioso livro *A architectura da Renascença em Portugal*, foi talvez limitado de mais nas palavras que em sua tão meritoria obra consagrou á importancia da plastica, segundo elle superficial e passageira, na historia da nossa arte. A mim, com o respeito devido a tão benemerito e insigne mestre, pelo contrario me parece que a esculptura é a expressão d'arte que em Portugal descreve a mais completa e caracteristica linha de evolução ininterrupta, desde os primeiros monumentos architectonicos coevos da fundação da nacionalidade até nossos dias.

A pintura somente nos aparece constituida no seculo XV sob a influencia dos grandes mestres flamengos, atinge o apogeu da perfeição no seculo XVI, decae profundamente com os italianisados do seculo XVII e do seculo XVIII, e entra com tão inferiores condições de concorrencia na producção artistica do seculo XIX que Raczinski, n'um rasgo de sinceridade, perante os methodos de ensino da Academia de Bellas Artes de Lisboa e em presença dos documentos pictoricos da decoração do Paço da Ajuda, se vê obrigado a dizer-nos em consternador resumo: Deixem se de pintar, que, por mil circumstancias, não é este o momento oportuno para tratarem d'isso; conservem, se lhes apraz, os professores que existem, mas não os substituam nem nomeiem outros durante muito tempo; fechem as aulas de pintura e utilisem a Academia convertendo-a n'uma simples escola de desenho.

A obra dos esculptores, não sei bem por que razão muito mais desatendida

da critica e da historiografia do que a obra dos pintores, nunca passou por analogos desfalecimentos e desandos.

Estudar as razões d'este fenomeno seria de grande proveito para a pedagogia artistica.

Esse estudo viria talvez demonstrar que a educação dos esculptores é intrinsecamente mais perfeita que a de todos os demais artistas. Pela imperativa e inevitavel subordinação da sua obra aos conjuntos architecturaes dos edificios, das ruas ou das praças a que ella se destina, bem como ás condições e aos aspectos da natureza que envolvem esses determinados conjuntos, o esculptor contrae espontaneamente, pelo simples exercicio da sua arte, um superior sentimento de ponderação, de unidade e de equilibrio, indispensavel á estabilidade esthetica de todo o producto artistico. Alem d'isso o ensino technico dos esculptores, impondo-lhes a necessidade do esforço muscular, é eminentemente educativo. Os esculptores teem de ser submissamente, obrigatoriamente, operarios. Para verdadeiramente serem, de sua arte, esculptores, elles serão indispensavelmente, de seu officio, canteiros, fundidores, cinzelado res, barristas ou entalhadores, — perfeição adaptiva, alicerce de toda a educação raciocinada. Em aulas estudantes theoricamente estudam. Só em officinas e em laboratorios aprendizes praticamente aprendem. O chamado *professor* é um aparelho didactico, muitas vezes luxuoso, sempre insuficiente; só o *mestre*, de que o trabalho commum faz o companheiro e o amigo, é o completo e perfeito agente de ensino artistico.

CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

A esculptura portugueza manifesta-se nos seculos XI, XII e XIII ocupando diligentemente os espaços que a architetura lhe concede: os timpanos dos arcos como em S. Christovam de Rio Mau, em S. Christovam de Coimbra e em Cedofeita do Porto, as sumptuosas archivoltas das portadas como em Villar de Frades e em Bravães, as pias batismaes, os tumulos ainda que tão rudimentarmente concebidos como o de Egas Moniz em Paço de Sousa, e finalmente as gargulas, os modilhões das cornijas e os variadissimos capiteis historiados de todas as nossas egrejas romanicas.

CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

No seculo XIV, com o advento do stilo gothico, sob a alta influencia mental do grande semeador de civilisação que foi o rei D. Diniz, alem de lavrador letrado, poeta e artista, a esculptura assume os mais inesperados e consideraveis desenvolvimentos.

Alimentado no estudo da natureza, que, substituindo a ornamentação geometrica pela ornamentação floral, por todos os pilares e por todos os frisos faz vivamente trepidar a alegria das flores e das folhagens, o baixo e alto relevo vegetabilisa-se, desabrocha, expande-se, conquista sobre a architectura novos e victoriosos dominios. São d'este periodo, um dos mais gloriosos para a arte portugueza, os encantadores capiteis do claustro de Cellas, em torno dos quaes com tão candido e commovido sorriso deslisa toda uma historia da Virgem, da Paixão de Jesus e da vida de alguns santos. Com esta linda obra se relaciona, na mesma epoca e em identico stilo, a dos tumulos de D. Rodrigo Sanches no claustro do convento de Grijó, talvez o mais

RETABULO DO ALTAR-MÓR NA EGREJA DE S. MARCOS (COIMBRA)

antigo da serie, da Rainha Santa Isabel em Santa Clara a velha de Coimbra, de Fernão Gomes de Goes em Oliveira do Conde, bem como varias placas, quadrilongas, em alabastro, com restos de antiga douradura, uniformes de dimensão, de stilo, de technica, representando assumptos identicos aos dos capiteis de Cellas, placas hoje dispersas no Museu do Carmo, no das Janellas Verdes, no do Instituto de Coimbra, e na Ilha da Madeira em posse da familia Ornellas. São provavelmente pequenas peças desconjunctas de um retabulo d'altar ou de um pulpito octogono no tipo dos italianos de Piza e de Sienna. Pertencem ainda a este ciclo, — ultimos annos do seculo XIII, primeira metade do seculo XIV — as estatuas jacentes d'alguus mausuleus como na Sé Velha de Coimbra, na Sé de Lisboa, nas egrejas de Alcobaça, de Odivellas, e no Museu do Carmo.

O seculo XVI é para a esculptura como para todas as formas de arte, o cyclo aureo da nossa cultura artistica. Toda uma pleiade de incomparaveis artistas levantam os nossos monumentaes edificios nesse stilo pomposo e simbolistico da nossa primeira renascença, que Sansovino considerava uma especialidade regional do talento portuguez, e a que mais tarde se chamou o stilo manoelino. Boytaca, João e Diogo de Castilho, João de Ruão, Nicolau Chatranez, Jacques Longuin, Thomé Velho, Matheus Fernandes, os Frias, os Arrudas, trabalham sucessivamente em Belem, na Batalha, em Coimbra, em Cintra, em Evora, em Santarem, fazendo desabrochar da pedra portugueza tão preciosas flores de esculptura como as duas portas dos Jeronymos, a portada septentrional da Sé velha de Coimbra, o portal da egreja e a janella da sala do capitulo no convento de Christo em Thomar, o admiravel frontal do altar mór da Sé de Braga, os baixos relevos do claustro do Silencio em Santa Cruz, os retabulos de S. Marcos e de S. Thomaz, em Coimbra, da Guarda e da Varziella, e os tumulos incomparaveis de Santa Cruz, de S. João de Alporão, da villa de Goes, da Trofa, perto de Agueda, e em S. Marcos de Coimbra, onde o Pantheon dos Silvas, pelo seu incomparavel conjunto, constitue o mais delicado specimen da plastica da renascença em Portugal.

CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

Chamar, como alguns querem, *extrangeira* a obra de Boytoca, de João de Ruão, dos Castilhos, de mestre Nicolau Francez é, a meu ver, um singular erro de classificação. Nunca a nacionalidade artistica se deduziu geographicamente no logar do globo em que os artistas nasceram, mas sim d'aquelle em que o seu genio se inspirou e em que a sua obra se produziu. Ninguem já hoje ignora que na arte Flamenga, na arte de Veneza e na arte de Roma raros foram os artistas indigenas que lhe deram o imortal esplendor que regionalmente as caracterisa.

A ourivesaria, que technicamente não é mais nem é menos do que a esculptura aplicada aos metaes precio

PIA BAPTISMAL EM S. JOÃO DE ALMEDINA (COIMBRA)

BAIXO RELEVO NO CLAUSTRO DO SILENCIO NA EGREJA DA SANTA CRUZ (COIMBRA)

CAPITEL DA SÉ VELHA (COIMBRA)

sos, acompanhou sempre a evolução portugueza da architectura, da esculptura e da pintura. São tão bellas como as dos nossos architectos do seculo XVI as obras dos nossos ourives do mesmo tempo. Assim como os illuministas, com relação aos pintores, os ourives, paralelamente com os esculptores, documentam gloriosamente a historia da sensibilidade esthetica, do poder imaginativo e da aptidão artistica da nossa raça. Rivalisam com os mais bellos trabalhos de cinzeladores do tempo, em Hispanha, na Italia, em França, na Belgica e na Allemanha, muitos dos calices gothicos que ainda hoje se conservam em algumas das nossas egrejas, a custodia chamada de Gil Vicente no thesouro da corôa, e os incomparaveis gomés, pratos e bacias de agua ás mãos da preciosa collecção de S. M. El Rei.

No seculo XVII, de tão rutilante brilho na historia das letras e da musica nacional, a desnudez architetonica posta em moda pela influencia austera e simplistica de Terzi e de Torralva, agravada ainda pela estreitesa esthetica dos jesuitas, afasta por um tempo a esculptura monumental do seu dominio lapidar, mas em compensação a esculptura em madeira e em barro assume no decorrer d'esta centuria a mais consideravel importancia. Entalham-se os mais elegantes retabulos ao gosto classico de Vitruvio e de Vinhola, no stilo da Renascença italiana e flamenga. Enchem-se os coros conventuaes, as capelas mores e as sacristias de numerosas egrejas com as mais sumptuosas decorações de talha dourada, e — como dizem os hespanhoes — estofada, em colorido polycromico, intenso, alegremente claro. As columnas dos porticos neogreco-romanos, torcem-se em espiral e circumdam-se de folhagens ascendentes, de hera e de vinha em fructo, envolvendo os entablamentos, as archivoltas e as cornijas, enlaçando risonhos grupos d'aves, d'anjos e de cherubins. Estas pomposas molduras não sómente engrinaldam o nicho do altar, mas desenvolvem-se ainda accessoriamente, encaixilhando successivos encasamentos povoados por outros baixo-relevos, egualmente policromicos, representando trechos biblicos, scenas do presepio do menino Deus ou da vida dos seus santos. E esta feição da plastica é das mais caracteristicamente expressivas da sensibilidade, da fantasia e do talento portuguez.

Com as obras de madeira seiscentistas propagam-se com egual intensidade nesta epoca as obras de barro. Seria talvez Filipe Edouard, o esculptor francez mandado vir por D. Manuel para fazer o grande apostolado do refeitorio

JAZIGO DO CONDE DA SORTELHA (GOES)

ALTAR DE S. FRANCISCO, EM BARRO, NA EGREJA DE ALCOBAÇA

de Santa Cruz, quem implantou o gosto pela esculptura em barro, tão preponderante em Portugal durante todo o decurso dos seculos XVII e XVIII. Aos barristas seiscentistas do mosteiro d'Alcobaça se devem numerosas obras summamente expressivas e da mais energica individualidade, retabulos e bustos relicarios, de que ainda lá existem bastantes restos em lastimavel abandono. Não esqueçamos ainda que foi durante o seculo XVII que um imaginador portuguez, Manoel Pereira, o qual Palomino designa *por nobre portuguez e insigne esculptor*, quem fez a linda estatua policromica de Santo Antonio dos Portuguezes em Madrid, assim como a de S. Bruno da Cartuja del Paular, talvez as duas de S. Domingos de Bemfica, que o Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz lhe attribue na sua *Lista de alguns artistas portuguezes*, e muitas outras disseminadas em Hespanha, onde Manuel Pereira trabalhou no tempo de Filipe III e de Filipe IV com notoriedade singular a par dos grandes esculptores hespanhoes contemporaneos, Montañez, Alonso Cano, José de Mora e Pedro de Mena.

CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

Considera-se ainda trabalho portuguez, de esculptor cujo nome infelizmente ignoro, o do cadeirado do coro da cathedral de Tuy representando episodios da vida de S. Telmo.

Da esculptura portugueza do seculo XVIII é Mafra o mais copioso e consideravel deposito. Sabe-se que foi um italiano, Alexandre Giusti, o mestre estatuario do edificio, quem principalmente trabalhou com artistas romanos nas estatuas de vestibulo, de valor desegual, e nos bellos retabulos da basilica. Mas da magnifica escola de Giusti sahiram e collaboraram com elle notaveis esculptores portuguezes, como Machado de Castro, Manuel Dias, Antonio Ferreira, José Joaquim Leitão e outros mencionados por Cyrillo, que trabalharam nos baixo-relevos da estatua equestre de Machado, e com elle cooperaram nos lindos presepios do tempo, pela maior parte desfeitos mas de que restam figurinhas deliciosas, a que bem podemos chamar as *Tanagras* de Portugal. Exemplos no Museu das Janellas Verdes, na egreja da Estrella, na da Madre de Deus, e na Sé. Exemplar precioso e menos conhecido, o presepio de Machado de Castro na casa dos condes de Sobral, em Almeirim.

Não é justo que, tratando-se da plastica portugueza do seculo XVIII, se deixe de mencionar a esculptura em granito d'esse admiravel sanctuario de ar livre que se chama o Bom Jesus do Monte, e cuja bella e monumental escadaria, entre jardins, como na mais sumptuosa das villas em Tivoli ou em Frascati, só tem o defeito de lhe haverem posto o monstruoso nome de *escadorio*. Os grupos polichromicos, em barro, representando suc-

cessivos passos da Paixão no interior das capellas, são indubitavelmente abominaveis, e ainda mais afrontosos e flagelantes para a arte que para Jesus no caminho do Calvario. Mas a obra em pedra, fontes e estatuas ao ar livre, docemente amaciadas agora pela patina do tempo, são de agradavel harmonia com a paisagem e os arvoredos que as rodeiam.

Os numerosos cruzeiros e pelourinhos dispersos por toda a terra portugueza são ainda outros tantos documentos da collectiva intenção plastica do nosso povo.

Finalmente a eurythmia, a graça, a esvelteza de todo o vasilhame nacional — a bilha de Coimbra, o pote de Loulé, a pucarinha de Prado, o moringue de Extremoz — as tão variadas improvisações da olaria popular attestam bem que a gente portugueza possue em subido grau, se não uma tradição de canones academicos aplicados á arte de esculpir, um consideravel poder de visão plastica e uma caracteristica aptidão espontanea para fazer palpitar em expressivas formas materiaes a sua especial maneira de sentir e de interpretar a vida.

Não podemos portanto dizer, ao deparar-se-nos no seculo XIX tão admiraveis esculptores como foi Soares dos Reis, como é Teixeira Lopes, que na sua raça não existisse a poderosa seiva artistica de que elles desabrocharam.

RAMALHO ORTIGÃO

TUMULO DE FERNAM GOMES DE GOES EM OLIVEIRA DO CONDE

Uma pagina inedita de GUERRA JUNQUEIRO

O QUE É A VIDA?

A vida é o mal. A expressão ultima da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se n'uma batalha inexoravel de apetites, n'um tumulto desordenado de egoismos, que se entrechocam, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca o a distancia que vae do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte kilometros. A fera a dez passos perturba-nos. O homem a quatro leguas enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas d'aço, os intestinos de bronze, o olhar de relampagos, e as bocas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata prehistorica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dinamites do chimico estoiram montanhas, como nozes. Se a preza do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krupp rebenta baluartes e trincheiras. Uma vibora envenena um homem, mas um homem, sósinho, arraza uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na epoca secundaria; apparecem na ultima, com o homem. Ao pé d'um Napoleão, um megalosauro é uma formiga. Os lobos da velha Europa trucidam algumas duzias de viandantes, emquanto milhões e milhões de miseraveis cahem de fome e de abandono, sacrificados á soberba dos principes, á mentira dos padres e á gula devoradora da burguezia christã e democratica. O matadoiro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rezes, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados. Ha creaturas lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e creaturas esplendidas, cobertas d'oiro e de veludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobresas metalisadas. Ha homens que ceiam n'uma noite um bairro funebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortezans rosarios d'esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutuosos que rosarios de craneos ao peito de selvagens.

Vivem quadrupedes em estrebarias de marmore, e agonisam párias em alfurjas infectas, roidos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseraveis. E, visto os palacios devorarem pocilgas, todo o boulevard grandioso reclama um quartel, um carcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinella. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que têm imperios, e homens que não têm lar.

Os pés mimosos das princezas deslizam lusentes d'oiro por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagaes. Bebem champagne alguns cavalos do sport, usam anneis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas creaturas, por falta d'uma codea, acendem fogareiros para morrer. Bemdito o oxido de carbone que exhala paz e esquecimento! E a natureza, insensivel ao drama barbaro do homem! Guerras, odios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-n'a indifferente e inconsciente, como o rochedo immovel, bulindo-lhe a aza d'uma vespa. O clamor atroador de todas as angustias não arranca um ai da immensidade inexoravel. A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao berço infantil, e as hervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joana d'Arc. Reguem vergeis com o sangue de Iscariote ou com o sangue de Christo, e os lyrios inocentes (estranha inocencia!) desabrocharão, egualmente candidos e nevados.

O NETO DO FAROLEIRO

CONTO

por **Alberto Braga**

O farol ficava situado no alto de uma pequena colina sobranceira ao mar. Á frente da casa da guarda, que era envidraçada de todos os lados, erguia-se um grande mastro com duas vergas, e, como das extremidades das vergas desciam as adriças e do meio do mastro os cabos que iam prender-se em argollas chumbadas no parapeito de pedra que cercava a casa, o mastro e as cordas davam ao farol um aspecto de navio, cuja prôa fosse avançando sobre o mar—como um navio prompto a largar do estaleiro.

Subia-se para o farol por uma estreita vereda aberta em zig-zag na ladeira da colina, que era eriçada de matto espesso e bravo. E n'essa vereda passavam apenas o faroleiro que por ali se dirigia ao romper da manhã e ali passava depois ao cahir da noite, e a filha do faroleiro, que subia a encosta duas vezes ao dia, com uma cesta pendente do braço, a primeira vez com o almoço e a segunda com o jantar do pae. O faroleiro passava pois, todo o dia mettido na casa da guarda, a vigiar o horisonte, e só sahia ao terraço, quando tinha de falar aos navios, que transpunham a barra, içando nas adriças os variados signaes com que se relacionava com as embarcações. Tão experimentado estava já n'aquella profissão, que, apenas no horisonte longinquo se avistava uma pequena mancha, como uma ligeira nuvem dispersa no espaço, e que mal se enxergava a olho nu, logo elle dizia se era navio de vela ou vapor, designando até as milhas a que o barco estava distante da costa. Depois, assestava o oculo, e descobria a nacionalidade da embarcação.

—É um vapor inglez, e deve ser um que se espera de Liverpool.

Não errava nunca.

O habito de viver só, ali, no alto d'aquella colina, tendo por unico espectaculo o ceo, ora todo azul, ora carregado de nuvens, e o mar vasto, umas vezes murmuroso e manso e outras agitado e bramidor, tornara-o taciturno e triste.

N-aquelle dia, dia de sol tepido de começos de outomno, a filha, ao entregar-lhe a cesta do almoço, disse-lhe:

—Pae, o Macario teima em ir hoje ao mar.

O faroleiro fitou um instante a filha, e encolheu vagamente os hombros, n'um gesto de resignação.

Elle não tinha querido que o neto seguisse a vida do mar. E como havia de querer!

O filho morrera-lhe, aos desoito annos, afogado n'uma volta de mar, quando, mettido com outros n'uma lancha de pesca, tentára, por uma tempestuosa manhã de inverno, entrar a barra. Dois annos depois, morreu-lhe

o genro, quando era piloto da galera *Santa Izabel*, que, n'uma noite de cerração, se despedaçou d'encontro aos rochedos, nas costas da Inglaterra.

O faroleiro então, viuvo, sem filho e sem genro, ficou sendo o unico amparo da filha e dos dois netos, o mais velho de sete annos e o outro apenas recemnascido.

Depois d'aquellas duas desgraças, começou a odiar espavorido o mar, como a um inimigo rancoroso, perseguidor e implacavel, de que era preciso fugir constantemente. Dispoz tudo para que o neto seguisse outro modo de vida. Enviou-o á escola, para o destinar ao commercio; mas o rapaz mostrava pouca disposição para o estudo, e corria para a praia com os outros, saltando de rochedo em rochedo, com a destemida ligeireza de um gamo. Um dia pediu á mãe que o deixasse partir n'uma lancha de pescadores.

Misericordia! A mãe ficou aterrada, e oppoz-se. O avô, ao chegar á noite a casa, informado do pedido do rapaz, falou-lhe com severidade, como se o reprehendesse por uma falta commettida.

Não; não iria ao mar. O mar para a familia tinha sido sempre a desgraça! Repetiu-lhe mais uma vez a dolorosa narrativa do naufragio, em que perdera o filho. Descrevia a agitação do mar, que, sob um ceo côr de chumbo, bramia de longe, galgando os rochedos da costa com estrepito. Perdida no meio do oceano, a pobre lancha luctava em vão com as violencias da tempestade, umas vezes desapparecendo de todo, como se houvesse sido tragada pelos vagalhões que a cercavam, ouvezes vezes emergindo, quasi vertical, na crista das ondas, navegando á tôa, com o mastro partido, sem leme e sem rumo, acossada pelo vendaval, com os pescadores aferrados á amurada e implorando em altos brados a mizericordia divina. E elle—façam ideia!—elle a assistir da costa aos horrores do naufragio, sem poder accudir ao filho, que lhe acenava de longe, com os braços estendidos para terra, como se o quizesse apertar no derradeiro adeus! E ainda as lagrimas lhe corriam dos olhos e a commoção lhe tremia na voz, cada vez que recordava as angustias d'aquella manhã sinistra.

— Não — terminou o faroleiro depois de enxugar os olhos—com o meu consentimento não segues a vida do mar.

Mas, decorridos alguns annos, decidiu o Macario ser pescador. Havia muito que tinha abandonado os estudos.

—Ou vou já para o mar—disse elle á mãe—ou, em chegando a minha vez, assento praça e vou servir na armada.

A mãe chorou, e foi referir ao faroleiro a teimosia do filho.

Não havia opposição a fazer.

Qualquer sabio, lido em Darwin e em Lamarck, explicaria a insistencia do rapaz pelo phenomeno da hereditariedade, phenomeno que não é, afinal de contas, mais do que a confirmação scientifica dos antigos proloquios populares, que affirmam saber nadar o filho do peixe e nascer com dentes o filho do lobo. Justifica-se assim a inabalavel resolução do Macario. As tendencias innatas venciam n'elle todas as considerações dictadas pelo affecto carinhoso da mãe e do avô. Era aquella a sua sorte: tinha de ser pescador, e havia de sel-o.

Foi d'essa vez que o faroleiro encolheu vagamente os hombros, n'um gesto de resignação. Depois da filha lhe repetir a declaração terminante do rapaz, o faroleiro perguntou:

—Mas sabe elle ao menos remar?

—Sabe—respondeu a filha—lá remar sabe.

E contou então que o Macario, desde que fôra para a escola, muitas vezes d'ali sahira em rancho com outros rapazes, indo todos á praia para metterem ao mar qualquer barco que encontrassem abandonado sobre a areia. Era elle até o que passava por ser mais destro e mais arrojado.

O faroleiro, ao cabo de um longo silencio, encarou a filha, e observou sentenciosamente:

—O que tem de ser tem muita força. Quer ser pescador? Que seja pescador.

Quando a filha ia já a descer a vereda da encosta, com a cesta do almoço pendente do braço o faroleiro sahiu ao terraço e chamou-a. A filha retrocedeu.

—Diz ao rapaz—recommendou elle—que peça emprestado um escaler ao José Piloto, que o traga para perto do farol, e que entre n'elle sosinho, á minha vista.

—E a que horas, pae?

—Ahi pela volta das quatro horas.

—E eu venho com elle?

—Não, deixa-o vir só.

A filha partiu. E o faroleiro, dirigindo-se para a casa da guarda, cabisbaixo e pensativo, ia dizendo de si para si:

—Sempre quero ver se o rapaz é o tal marinheiro que dizem!

*
* *

Pouco depois das tres horas, em diversos pontos do horisonte começaram a apparecer umas pequenas nuvens brancas, como flocos d'algodão em rama, e que pouco a pouco se iam avolumando. O mar, que toda a manhã se conservára de um azul claro de turquesa, e cuja superficie levemente ondeada á luz do sol mosqueava de scintillações, principiava a agitar-se ao longe.

O faroleiro, depois de observar detidamente o aspecto do mar, ergueu os olhos para a ventoinha do mastro, representando um peixe dourado. O peixe mudava constantemente de direcção, apontando já o norte, já o sul, girando de um para o outro lado, como se fosse um animal vivo, nervoso, irrequieto, presentindo a aproximação do perigo.

—Mudou o tempo—observou o faroleiro.

Entrou na casa da guarda e applicou o oculo.

Umas lanchas de pesca, que tinham sahido a barra duas horas antes, affastavam-se apressadamente da costa. As nuvens, que appareciam agora a noroeste, eram já côr de chumbo e, impelidas pelo vento, estendiam-se pouco a pouco no firmamento, como um enorme velario escuro, que de longe se viesse desenrolando no espaço, encobrindo o azul claro do ceo. O mar, que até então se espraiava com um doce e lento murmurio no areal da costa, começava a bater com fragor d'encontro aos penhascos.

O faroleiro estava inquieto.

N'aquella estação do anno—a passagem do equinoxio—os temporaes levantam-se de surpresa: umas vezes são tufões que passam rapidamente ao longo da costa, acompanhados de fortes aguaceiros, que rebentam como trombas d'agua; outras vezes são os temporaes menos violentos, mas mais prolongados, e conservam o mar bravo, durante dias e noites consecutivos.

Passeiando de um para o outro lado do terraço e fitando o horisonte, começava o faroleiro a arrepender-se do consentimento que dera, quando ouviu a voz do neto que o chamava do sopé da colina.

—Avô! meu avô!

Era a hora aprasada, e ali estava elle prompto para embarcar, com uma gôrra de pelle de coelho mettida até ás orelhas, uma grossa camisola de lã branca listada d'azul, as calças arrepanhadas até aos joelhos, deixando ver os pés fortes e musculosos habituados a palmilhar na areia e a trepar pelas saliencias dos rochedos. O barco, que fora trasido da barraca do José Piloto por seis homens, lá o esperava á beira do mar, a balouçar nas ondas, preso por um cabo a um espigão de ferro espetado na areia.

Como o avô não apparecia, o Macario impaciente subiu a ladeira. Ao ver o neto, o faroleiro carregou o sobrôlho, e perguntou-lhe:

—Sempre queres ir ao mar?

—Já lá está o escaler do José Piloto.

—Mas olha que sopra noroeste rijo, e o mar não está hoje para brincadeiras.

O Macario sorriu-se, mostrando que o não amedrontava o temporal. Elle ia ser pescador, e não havia de ir ao mar unicamente quando o tempo estivesse bom.

—Ainda ha pouco partiram cinco lanchas—disse elle, citando o facto para desatemorisar o avô.

—Partiram; bem sei que partiram—retorquiu o faroleiro—mas vejo-as agora a fugir da costa.

O Macario estava cada vez mais impaciente. Para dissipar as hesitações do avô, affirmava-lhe que se não affastaria muito da praia. O que elle queria era mostrar que sabia remar e aguentar-se no mar como qualquer outro pescador.

—Fique socegado. Se o mar crescer mais, remo para terra.

Insistiu com o avô, quasi supplicante, tirando-lhe pela manga do jaquetão, para que viesse vel-o largar da praia. O faroleiro não resistiu mais. Foi seguindo o neto sem proferir palavra.

—Tinha que rir—observava o rapaz ao descer a encosta—tinha que rir, se eu estivesse agora com medo do mar!

Chegaram á praia. Era uma curta faxa de areia reentrante, formando enseada, entre grandes e altos rochedos, que só em dias de grande temporal as ondas conseguiam galgar.

O Macario, apenas ali chegou, correu para o barco. Saltou de um pulo para dentro; e, deitando-se de bruços, com o busto fóra da prôa, estendeu o braço e arrancou da areia o espigão a que estava preso o cabo, collocando-o no fundo da embarcação. Sentou-se em seguida no banco do meio, deitando a mão aos remos. O barco, ao largar, oscillou um pouco,

batido pelo mar. O Macario, com duas remadas valentes, afastou-o da areia.

—Cá vou, meu avô.

O faroleiro voltou para o terraço, e d'ali esteve a observar o neto.

O ceo estava mais carregado e o mar roncava mais forte. O barco tinha ido para o largo, com a prôa virada contra o vento, balouçando-se á mercê das ondas. O faroleiro continuava inquieto, a observar o ceo e os movimentos rapidos da ventoinha.

Tudo annunciava temporal. De repente, estendeu-se ao longe sobre o mar uma nevoa densa, que encobria a linha do horisonte.

—É chuva—pensou o faroleiro.

Houve uma rajada forte, que fez estremecer o mastro do farol. A nevoa veio-se approximando e alargando sobre todo o oceano; e, ao cabo de alguns minutos, uma chuva torrencial, batida pelo noroeste, cahiu sobre toda a costa. Do terraço do farol nada se podia enxergar, como se no mar houvesse cerração. Logo que o aguaceiro passou, o faroleiro procurou no mar o escaler em que andava o neto. Não estava muito distante. Apenas o avistou, collocou as mãos em tubo junto da boca, e gritou com toda a força:

—Macario, volta. Volta depressa.

O rapaz devia ter ouvido, porque, tirando os remos com força, aproou para terra. Vinha-se dirigindo para o areal; mas, ao passar proximo dos rochedos, a ressaca, que ali era forte, impelliu de repente o barco para o largo. O faroleiro desceu apressadamente da colina e veio para a praia.

Trepou para a ponta de um rochedo, e, com o braço estendido, começou a indicar ao neto por onde devia trazer o barco.

—Ao sul—gritava elle, acenando—ao sul. O escaler seguia na direcção do sul.

O faroleiro não tirava os olhos do barco, que navegava á espera de occasião para não encontrar a ressaca. O Macario, a cada instante, voltava a cabeça para traz, esperando que uma vaga o levasse na direcção da praia. Duas vezes tentou ser impellido, mas a onda levantou no dorso o escaler, e deixou-o ficar no mesmo sitio. O faroleiro praguejava afflicto:

—Raios partam o mar!

E, elevando a voz, recommendava ao neto:

—Tem cautella! Espera a monção.

Desceu do rochedo e voltou para a praia.

Quando uma vaga, que vinha ondeando de longe, se aproximou do barco, o Macario, ao voltar-se para traz, deixou escapar da mão o remo. Tentou apanhal-o; mas, erguendo-se de repente, desiquilibrou o barco, e o remo, saltando fora da forqueta, cahiu á agua e afastou-se para longe. O faroleiro ergueu os braços tremulos n'um gesto de afflicção, e exclamou:

—Lá vae um remo! Está perdido!

Subiu rapidamente a praia até ao sopé da encosta, esperando ancioso que passasse alguem que fosse chamar soccorro. A estrada estava deserta. Voltou logo para a beira do mar. O barco continuava no mesmo sitio, sacudido pelas ondas. O Macario tinha abandonado o remo que lhe restava, e, com as mãos aferradas ás amuradas, esperava que uma vaga mais forte impelisse o barco para o areial. De longe, e em diagonal com a costa, vinha ondeando o mar n'um vagalhão escumoso, que roncava ameaçador. Era o lance decisivo. Ou aquella vaga trasia o barco para terra, ou o deixava ali, em risco de ser tragado pelo redemoinho da ressaca. O faroleiro, com a respiração suspensa, não desviava os olhos arregalados do barco, fitando-o com a fixidez angustiosa de quem prevê uma grande desgraça.

Chegou a vaga, ergueu no seu dorso o barco, pondo fóra d'agua uma parte da quilha, fel-o dar uma volta rapida, e arremessou-o violentamente d'encontro aos rochedos.

O faroleiro levou de repente as mãos ao peito, como se sentisse subitamente estrangulado, soltou um grito rouco, e cahiu redondo, ficando estendido na areia, paralello ao mar!

*
* *

Quando cahiu a noite, já no ceo brilhavam as estrellas. Tinha amainado o vento, e o murmurio doce do mar parecia o arfar compassado e lento do peito de um gigante, que acabasse de sustentar uma lucta formidanda.

A filha do faroleiro, vendo que nem o pae nem o Macario appareciam, sahiu de casa sobresaltada. Foi direita ao farol, e ficou espantada de o ver ás escuras, quando, áquella hora, devia já estar com as lanternas accesas. A porta da casa da guarda estava aberta.

—Meu pae—gritou ella.

Ninguem respondeu. Desceu a correr a encosta, e foi á barraca do José Piloto. Contou de afogadilho o que se passava. Nem o José

Piloto, nem nenhum dos marinheiros que ali estavam, tinham visto o faroleiro. A pobre mulher desatou a chorar afflicta, suplicando em soluços que a ajudassem a procurar o pae e o filho. Sahiram todos da barraca.

—Não se afflija—dizia o José Piloto para a consolar—não se afflija, que elles hão-de apparecer. Vamos em busca d'elles.

A alguns passos da barraca, parou, e considerou:

—Pelos modos, como se não avistava nada ao longe, o faroleiro embarcou com o neto; e, como o mar era muito, em vez de voltarem por onde havia rochedos, foram saltar em qualquer sitio que não tivesse pedra.

—Não foi outra cousa—obtemporou um dos freguezes da barraca.

—O melhor, por isso—resolveu o José Piloto—é irmos em dois ranchos, um que vae pelo norte, e outro pelo sul.

Separaram-se em dois grupos, seguindo um para o norte com o José Piloto, á frente, e outro para o sul com a filha do faroleiro.

*

*   *

Andavam correndo toda a costa com archotes accesos. A cada passo, por entre o marulho brando das ondas, ouviam-se estes gritos, que partiam, umas vezes d'um, outras vezes d'outro grupo:

—Ó meu pa... ae!

—Ó farolei... eiro!

E estes gritos, repetidos a cada instante, prolongavam-se na vastidão silenciosa da costa, echoando, como um lamento, nas anfractuosidades dos rochedos. O clarão dos archotes, ora apparecia no alto da penedia, seguindo os accidentes escabrosos, ora baixava ao areial; e, de longe, na penumbra fumacenta que se espalhava em torno da chamma, destacavam-se as figuras do grupo, marchando e gesticulando como sombras sinistras.

—Ó meu pa... ae!

—Ó farolei... eiro!

*

*   *

Foi o grupo do José Piloto o que primeiro chegou á praia, onde embarcara o Macario. O homem, que caminhava á frente, com o archote erguido ao alto, ao saltar da rocha para a areia, estacou de repente, e exclamou:

—Cá estão elles!

Desceram os outros precipitadamente.

E lá estavam! Lá estavam estendidos na areia, á borda do mar, o faroleiro e o Macario, um chegado ao outro, como se uma onda carinhosa houvesse trasido o corpo do neto para o juntar ao corpo do avô. Acercaram-se todos em torno dos dois mortos, contemplando-os silenciosos e consternados.

E, como a noite estava serena e a maré vinha subindo lentamente, as ondas, que se espraiavam na areia, cobriam o faroleiro e o neto com um manto de espuma branca, como se fosse o mesmo lençol de linho a amortalhar os dois cadaveres!

AS ONDAS, QUE SE ESPRAIAVAM NA AREIA, COBRIAM O FAROLEIRO E O NETO COM UM MANTO DE ESPUMA BRANCA,...

Neto do faroleiro, pag. 16

ALMADA

Qui locus Ulyssiponi imminet freto inter fluente Tago, saluber coelo, fontibus exuberans, Musarum otiis commodissimus.

(PROLOGO ÁS OBRAS de *Jayme Falcão.*)

Entre os quadros que Lisboa, a linda Lisboa, *Lisbon the fair,* como lhe chamou um escriptor americano, offerece para regalo dos olhos dos seus habitantes, figura o panorama da Outra Banda. Na sinuosa linha que além do Tejo corre desde as indecisas planuras do Montijo, subindo longe ao altivo castello de Palmella, e dobrando pelo Barreiro e Seixal vem quebrar-se no Pontal de Cacilhas, para, depois d'uma ascensão rapida, se prolongar com accidentes varios ao largo, até ás costas da Trafaria, e alcançar o isolamento do Bugio; n'essa linha, que traça uma das mais bellas paysagens do mundo, o olhar de quem sabe olhar, e de quem sente o que olha, descança docemente n'um dos refegos da encosta, onde se aninha a casaria branca de Almada.

Ou seja nas tardes claras em que a humidade da atmosphera serve de lente e approxima de nós as minuciosidades do quadro, mostrando-nos nitidamente as fachadas das casitas claras, os campanarios graciosos de Santa Maria e S. Thiago, o castello, as copas verdes e ramalhudas das arvores, e mais para a direita do espectador, em contraste com a risonha villa, o severo e sisudo convento de S. Paulo; ou seja, nas manhãs de outomno, em que a paysagem se distanceia mais e uma tenue neblina esbate os contornos dando aos objectos phantasticas fórmas cheias de indeciso e de mysterio; ou seja nas noites de plenilunio, em que, batidas de luar claro, as casas, a torre e o castello tomam o ar d'um scenario de ballada, e dominam com poesia severa a prata liquida do Tejo; Almada, a loureira visinha de Lisboa, tem sempre um encanto a que só se escapa o paladar embotado do espectador alfacinha que nasceu a ver a Outra Banda, e que, distrahido, n'ella não attenta.

E, comtudo, quem nos carros electricos, percorrendo cada dia a margem direita do Tejo, levado aos seus negocios ou attrahido pelos seus prazeres, olhar pelos intervallos das monstruosidades que se amontoam ao longo da linha marginal, como biombo asqueroso, e quem subindo a Santa Catharina, onde discreteavam os velhotes do Tolentino, ou ao adro das Chagas, onde galanteava Camões, reparar na margem fronteira, e deixar cahir a vista n'essa pequenina villa, tão garrida, sente de certo, além do pittoresco do espectaculo, aquelle phenomeno de evocação, que nasce das coisas que atravessaram a Historia.

De facto, Almada tem no grande livro dos fastos da peninsula alguns pequenos capitulos, ou pedaços d'elles, que lhe dão foro de fidalguia, e chamam o nosso interesse.

Appelidaram-n'a os latinos *Cætobrix,* ou *Cætobica,* e os arabes *Hosnel-Madan* (fortaleza da mina) ou *Almadan* (mina de ouro ou prata).

Frei Luiz de Sousa, que ainda quando era o brilhante Manuel de Sousa Coutinho, habitava o seu palacio n'esta villa, dá-lhe como etymologia a phrase dos cruzados inglezes que em 1147 ajudaram Affonso Henriques a tomal-a aos mouros, e os quaes, tendo acabado a faina, e querendo dar-lhe o nome da ventura e bom successo, exclamaram na sua lingua — *all is made.* Tudo está feito e acabado!

Na *Monarquia Lusitana* se diz tambem que os capitães inglezes que a povoaram, lhe chamaram ao principio *Vimadel*, que vale o mesmo que — *Povoação de muitos.*

Em materia de etymologia tudo é possivel. Mas como os mouros a habitaram antes da chegada dos inglezes, que depois vieram povoal-a, é mais provavel que a origem do seu nome arabe venha das minas d'ouro da Adiça, que ali havia proximo, e que deram mais tarde uma corôa a D. Diniz e um sceptro a D. João III. Dizem outros que Almada tomou o nome de um arabe que a senhoreava chamado *Almades* ou *Almadão.*

O que é certo é que depois de romana foi arabe, até que os cavalleiros inglezes, companheiros de *Guilherme da Longa Espada*, vindo auxiliar Affonso I na conquista christã, a tomaram, saquearam e depois habitaram.

D. Sancho I doou-a aos cavalleiros de S. Thiago, que ali perto tinham o seu fidalgo castello em Palmella, e D. Diniz encorporou-a na corôa.

Teve destinos varios, sendo devastada n'uma investida do Miramolim de Marrocos, que depois foi obrigado a recuar, refugiando-se em Hespanha.

Mas o facto culminante da sua historia é a heroica resistencia dos habitantes durante o cerco de Lisboa, em 1834.

UM CÊRCO NO SECULO XIV

Corria o mez de maio, sereno e tepido. D. João I de Castella, depois de se desfazer de D. Leonor Telles, sogra que se lhe tornára inutil e até importuna, desde que d'ella arrancára a regencia do reino, e tendo-a enviado para Tordezillas, a esmagar entre as paredes do convento as suas ambições violentas, a abafar na clausura as paixões ardentes que ainda a minavam, e emmurchecer na sombra a sua belleza sempre provocante, resolveu vir de Santarem, pôr cerco a Lisboa.

O seu exercito numeroso, brilhante e aguerrido, encaminhou-se para a capital, talando os campos, devastando as povoações, matando os habitantes.

Chamára além d'isso todo o poder de Castella em seu reforço. Ordenou ao marquez de Vilhena, ao arcebispo de Toledo e a Pero Gonçalves de Mendonça, que lhe trouxessem pelo menos mil lanças. Mandára que o seu almirante Fernão Sanchez de Toar, se juntasse em Castella com o conde de Niebla, com o mestre de Alcantara, com o prior dos Hospitalarios portuguezes e com outros, para que depois de tomadas as praças do Alemtejo se reunissem a elle no cerco de Lisboa.

No dia 26 de maio começaram a entrar no Tejo as primeiras galés castelhanas. A 28 o rei de Castella, que estava no Lumiar, marchou sobre a cidade. Veiu por Campolide com a sua hoste, a cavallo, acompanhado de muitos peões, e besteiros; e chegando a Monte Olivete, perto de onde hoje é a praça do Principe Real, e onde ainda uma rua conserva aquelle nome, ahi se demorou um dia, para d'aquella altura observar uma grande parte da muralha da cidade. Corria ella então por onde hoje está S. Roque, em direcção ao Tejo. E ali perto abria-se a porta de Santa Catharina, junto ao convento da Trindade, onde os frades, animados de ardor patriotico, muito contribuiram para a resistencia heroica da cidade. N'esse dia, os de Castella andaram por aquelles arredores, que então eram campos deshabitados, cortando arvores, arrancando vinhas. Ali se deu a primeira escaramuça com os portuguezes que sahiram da cidade.

Na manhã seguinte desceu El Rei de Castella a encosta, e mandou assentar o arraial junto do mosteiro das Donas de Santos, da ordem de S. Thiago, edificio que actualmente é o palacio dos marquezes de Abrantes e freguezia de Santos-o-Velho.

Era um deslumbramento esse arraial, onde se estabeleceu o rei, a rainha D. Beatriz, todas as suas damas e um numeroso exercito composto de mais de trinta mil homens.

Para El-Rei e rainha construiu-se uma casa sobradada, feita de quatro traves grossas e cercada de paredes de pedra secca. Em redor as numerosas tendas de senhores e fidalgos que com elles vinham, ostentavam os pendões, as armas e as signas de cada um. O restante do exercito estendia-se por Alcantara e Campolide, em bem alinhadas ruas que

NA MANHÃ SEGUINTE DESCEU EL-REI DE CASTELLA A ENCOSTA

davam ao arraial o aspecto de uma cidade de prazer.

Havia a rua dos armeiros, a dos mercadores christãos e judeus, que vendiam pannos, e *folias* e muitas outras coisas. Havia a rua dos *cambadores*, para compra e venda de moedas de ouro e prata. Parece, porém, que minguavam os sapateiros, porque o chronista nota que de *calçaduro* nunca foi o arraial bem abastado.

A justiça, como quem diria hoje a policia, era tão bem feita, que cada um podia dormir descançado, ainda mesmo que sobre si tivesse grossos cabedaes. Ali havia fisicos, *solorgiões* e boticarios, e nas coisas de prazer era o arraial abundantemente provido. De Sevilha vinham não só armas e mantimentos, como assucares, conservas, agua rosada e outras distilladas, de que os *viçosos homens usavam nos tempos de paz*, e até mesmo havia *rua de mulheres mundanarias no arraial, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades.*

A guarda d'esse arraial era vigilante em terra para que ninguem podesse sahir da cidade sem ser visto.

E no mar, cerca de Almada, jaziam sempre duas galés, para que a cidade não recebesse mantimentos pelo rio. Além d'isso outras naus, desde Cata-que-farás até ás portas da Cruz, cercavam pelo rio a cidade, que pela terra estava apertada n'um cinto de ferro.

Resistia valentemente. É digno de ler-se o capitulo de Fernão Lopes, em que descreve a heroicidade dos habitantes, a bravura dos soldados, a energia do Mestre de Aviz, e o enthusiasmo com que a população quando ouvia repicar os sinos da Sé corria ás muralhas, com espadas, lanças e pedras, que arremessava contra os castelhanos, cobrindo-os de apupos, brados e risadas de escarneo. Os frades da Trindade distinguiam-se usando das melhores armas que podiam haver, e os moços, sem medo, levando pedras fóra dos muros para fazerem a barbacan, cantavam:

«Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixada, se quisieredes carnero, qual dieron al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieron al arcebispo».

Do outro lado, Almada tambem estava pelo Mestre de Aviz.

Ora por este tempo aconteceu que Diogo Lopes Pacheco, velho de oitenta annos, que fugira para Castella depois da tragedia de Ignez de Castro, tendo resolvido vir ajudar o Mestre de Aviz, e sabendo que Lisboa estava cercada, subiu por Cacilhas junto a Almada, com seus tres filhos e trinta homens, que o acompanhavam, querendo entrar na villa, dizendo que lh'a dessem, que fossem seus e que elle lhes faria mercês. Os do conselho da villa recusaram por julgarem que elles fossem castelhanos. O velho pousou com os seus no arrabalde da villa.

Ao cabo de tres ou quatro dias, tendo o rei de Castella noticia de sua vinda em auxilio do mestre, mandou de noite, em galés e bateis, passar muita gente. Formou-se uma pequena columna que pela estrada que vem de Coina se dirigiu a Almada. Os da villa, tendo noticia d'isto, juntaram-se aos homens de Diogo Lopes e seus filhos, e com oitenta homens de cavallo, gente de pé e besteiros sommaram uns quatrocentos e cincoenta.

Os de Castella só de cavallo eram quatrocentos, fóra os muitos besteiros e peões. A manhã era de nevoa cerrada. Apesar da sua superioridade, os castelhanos perderam quarenta homens, e os portuguezes apenas sete.

Os filhos de Diogo Lopes fugiram para Ce-

zimbra. O velho foi preso, assim como Affonso Gallo, recebedor da villa.

Então os castelhanos atacaram Almada, e, como não lhe podessem fazer damno, pozeram-lhe cerco.

Este cerco foi um horror!

Do lado de terra defendia-se a villa contra os ataques ordenados pelo rei de Castella.

Do lado do mar não a podiam combater por causa da grande altura a pique sobre o mar.

Outra especie de guerra lhe fizeram mais cruel e efficaz. Tentaram reduzil-a pela fome e pela sêde. A uma e outra o povo de Almada resistiu heroicamente.

Depois que a esquadra de Castella veiu sobre Lisboa, os moradores de Almada acolheram-se ao castello em dois bateis bailheiros, em que ás vezes levavam mantimentos á cidade, e para que os castelhanos não os tomassem na peleja que se travou, e em que houve uns 16 feridos, queimaram-n'os.

A villa ficou cheia de gente, e provida ainda então de mantimentos: pão, vinho, carne e outras coisas que calculavam poder durar seis mezes.

A agua, porém, começava a escassear. Apenas a havia n'uma pequena cisterna, á qual foi posta uma guarda severa, que distribuia a cada habitante apenas *uma canada* por dia. E o calor ia apertando...

E havia dois mezes que a villa estava cercada...

Os seus habitantes faziam sortidas arriscadas, á caça dos castelhanos pelo termo, a Cezimbra e Arrentella. Um dia mataram mais de trinta em um lameiro.

Estas sortidas eram realisadas pela porta da Barroca, que chamavam Mejão frio, e defrontava com o mar.

Os castelhanos, por mandado do seu rei, tentaram então cavar uma mina para fazerem saltar uma alta torre que estava sobre a porta do castello.

Isto foi presentido pelos portuguezes, que se apressaram em augmentar a barbacan ou pequena muralha fóra da alcaçova. Ali foram sahir os sitiantes com a bocca da cava travando-se então rija peleja, em que houve muitos feridos, o que contrariou sobremaneira o rei D. João de Castella, que resolveu ir elle proprio combater Almada, para onde se dirigiu, com as suas gentes e capitães.

Mandou então construir no campanario da egreja de S. Thiago um *cadafacens* de madeira, d'onde podesse ver toda a villa e assistir ao combate.

Trepou-se a elle, e ordenou que o logar fosse atacado «com gente d'armas e de pé, e tiros e béstaria, e fundas de demogrillas e outras artilherias de combate!» Durou esse ataque desde a hora da terça até depois do meio dia.

A essa hora o rei desceu á egreja para comer. Foi a sua salvação, porque os da villa — imaginando que elle ainda se achava sobre o *cadafacens* de madeira — resolveram atirar-lhe um tiro. Esse tiro, que, atirado horas antes, teria morto o rei de Castella e adeantado, decerto, a victoria do Mestre de Aviz, que teria libertado Almada e Lisboa, que teria supprimido Aljubarrota e a continuação da epopéa do Mestre e do Condestavel, que teria decidido a sorte dos exercitos e da guerra da independencia, diminuindo o brilho da victoria, mas antecipando a fundação da dynastia de Aviz e alterando a sorte de Castella, esse tiro apenas matou dois homens obscuros, e feriu tres. O rei já lá não se encontrava. Estava na egreja, jantando. Amargou-lhe porém, decerto, a comida. Ainda tentou o recurso de atirar com uma bombarda do pezo de cinco quintaes, mas não tirou resultado do primeiro tiro de pedra, e ao segundo, a machina de guerra inutilisou-se.

Subiu a colera no animo do rei, e vendo que os de Almada se não queriam entregar, e resistiam aos seus ataques, lavrou ali solemne protesto de nunca preitejar com elles, nem com elles negociar qualquer fórma de capitulação.

Haviam de render-se. Haviam de ser vencidos, e para isso lhes deixava Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda, com abundancia de gente para o exterminio. E, dadas essas ordens, voltou raivoso ao arraial do lado de cá do Tejo.

O calor ia apertando, e o verão, adeantando-se, queimava a pequena villa de Almada.

Narra então o velho Ferrão Lopes, na sua linguagem rude e expansiva, as angustias d'aquelle transe. E tão intensamente dramatica é a situação que a crueza da sua expressão não chega a ser indecorosa.

«Onde sabei, diz elle, que dentro na villa eram uns quarenta cavalleiros afóra bestas de serventia, e quando a agua foi mingua-

da, houveram conselho de não darem de beber ás bestas, e foi tanta a sêde d'ellas, que ali, onde mi... os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada».

Foi tal o horror de verem assim os animaes padecer, que ordenaram lançal-os fóra para os não verem morrer, e como receiavam que deitando-os para a villa, os castellanos se aproveitassem d'elles, lançavam-n'os de cabeça para o mar!

E o calor ia sempre apertando!... E a agua da cisterna a diminuir.

Começaram então a amassar o pão, e a cozer as comidas com o vinho das adegas. Até o proprio peixe tinham de cozer n'esse mesmo vinho, sendo obrigados a comer tudo emquanto quente, pois que depois de esfriar lhes repugnava.

N'isto a cisterna seccou de todo.

Recorreram então, tal era o horror da sêde, a uma agua estagnada e verde, que desde as ultimas chuvas tinha ficado em charcos fóra dos muros do castello. N'esses charcos, antes do cerco, as mulheres da villa lavavam as «roupas infundidas e os trapos dos meninos» e agora, desde que ellas não podiam arriscar-se ali, estavam esses pantanos coalhados de cães e gatos, e outros animaes mortos.

Pois era tão grande a sêde d'aquella gente, que para obter essa agua immunda, alguns homens, em cada dia, arriscavam a vida. Como estava fóra dos muros, iam de noite descendo por cordas, a furtal-a; coziam-n'a, e depois de fervida a bebiam e amassavam o pão com ella. Mas os castelhanos em breve deram com isso. E nas noites calidas de julho, os portuguezes, para poderem dar de beber a suas mulheres, e a seus filhos, tinham de sustentar luctas rijas, em que houve muitos feridos de uma parte e de outra.

Mas como o calor apertava sempre, os proprios pantanos seccaram.

Recorreram então á agua do mar, e tentaram recolher em tinas agua doce, lá em baixo, na ribeira. Cavaram na barroca um caminho, e por elle desciam ás occultas.

No primeiro dia sahiu-lhes bem o estratagema, e trouxeram agua á vontade.

Apercebidos, porém, os castelhanos pozeram guardas áquelle caminho, e quando dezesete portuguezes iam na segunda noite recolher a agua, foram atacados com dardos e settas, por mais de um cento de inimigos

Mortos tres portuguezes, os outros quatorze, mal feridos, conseguiram ainda assim recolher dois ôdres meios de agua. As tinas, porém foram quebradas pelos castelhanos.

Era o ultimo recurso!

E o calor ia apertando! Julho meiava-se abrazador. Morria gente de sêde. Algumas mulheres e creanças fugiam de noite para os campos.

Accenderam-se almenáras, fachos sinistros que davam signal a Lisboa da angustia dos habitantes de Almada, que no emtanto heroicamente resistiam, sem quererem render-se.

Bem viam e sentiam os de Lisboa aquelle drama pungente, mas em nada podiam valer a seus irmãos.

Ainda assim, o Mestre de Aviz tentou enviar uma pequena barca com recursos, polvora e armas. Foi tomada pelos castelhanos

Então, um cavalleiro gascão chamado Mossen Mone, lembrou-se de levar atado com uma corda, o recebedor Affonso Gallo, que fôra preso por occasião das escaramuças em que Diogo Lopes Pacheco tambem tinha sido preso.

Em frente á muralha disse aos de dentro que se rendessem, que o rei de Castella lhes faria mais mercês, e que se não, Affonso Gallo seria morto ali mesmo, á sua vista.

Os de dentro teimaram em que não se renderiam, e com um tiro certeiro deram com o gascão morto. O portuguez ficou vivo.

Novo motivo de queixa para o rei D. João de Castella, que ao relatarem-lhe o facto, jurou que todos haviam de morrer pela espada.

Julho acabava. O Mestre de Aviz, dentro de Lisboa, affligia-se com as tribulações dos bravos de Almada, mas de modo nenhum podia corresponder-se com elles, e conhecer realmente a sua situação.

Appareceu-lhe então um homem natural de Almada, que viera na frota do Porto e disse que, nadando, levaria o recado do Mestre aos da villa da Outra Banda. Acceitou o Mestre esse offerecimento, e por escripto mandou o seu recado para o informarem das condições em que se achavam.

Atravessou esse homem, de noite, o rio, nadando com valentia, até á Ribeira do Monte. D'ali subiu dissimuladamente pela barroca ao Mejão Frio, e fallando aos do castello, estes, conhececendo-o, lhe abriram a porta. Tomado o recado, informaram o mensageiro da sua situação angustiosa.

E aquelle homem, com a simplicidade inge-

nua dos heroes, ouvida a resposta, de novo voltou a nado para Lisboa, arriscando n'essa noite mil vezes a vida, não só luctando com as correntes do Tejo, como expondo-se á vingança dos castelhanos, que se aqui ou na outra margem o presentissem, tel-o-hiam logo morto.

Ouvido pelo Mestre o relatorio dos padecimentos dos seus fieis d'além, passado tres dias mandou o mesmo homem, de noite, com recado a Almada, para que, em vista da situação, os seus habitantes preitejassem com o rei de Castella. E ainda em levar recados e trazer respostas, o heroe, cujo nome ficou ignorado, passou o Tejo seis vezes, a nado, sempre de noite.

Então, de accordo com o Mestre de Aviz, resolveram os de Almada capitular, e para isso mandaram emissarios.

Mas o rei de Castella, que sabia que todos os dias morria gente á sêde, e esperava que assim elles se rendessem, recusava-se a preitear com elles.

Interveiu então a rainha D. Beatriz. Confrangia-se porventura o seu coração de mulher com a narrativa dos horrores que ali perto estavam soffrendo mulheres e creanças, e não era talvez insensivel ao seu animo de portugueza, que fôra, a heroicidade com que portuguezes se defendiam tão tenazmente.

Implorou do marido que perdoasse e entrasse em negociações. Foi afinal concedido que, aos habitantes, se lhes segurassem «corpos e haveres e cada um ficasse em sua casa».

No dia primeiro de agosto, o rei D. João e a rainha D. Beatriz, sahindo do seu luxuoso arraial de Santos, embarcaram em festivas galés, dirigindo-se á Outra Banda, onde lhes foi entregue a villa e as chaves d'ella.

Almada defendera-se heroicamente, e capitulava agora com honra, escrevendo mais um capitulo brilhante na historia de Portugal.

Pouco depois ainda a vemos figurar quando Nuno Alvares Pereira, descendo d'Evora, resolveu vir a Almada, sobre Pedro Sarmento, capitão castelhano, que com elle não quizera pelejar.

Veiu pelo castello de Palmella, onde se apresentou e d'onde ao dia seguinte, por desfastio, sahiu a correr monte, matando um porco. Conta-se até que resolveu presentear o seu competidor com este porco.

O caso é que veiu por Azeitão, de noite, e por os guias não serem bem certos e andarem fóra dos caminhos, só chegou a Almada com sol nado. Esperava ahi surprehender Pedro Sarmento. Mas este estava em Lisboa. A sua hoste, porém, ficára ali, e por não esperar esta investida, quasi todos dormiam.

Levantaram-se á pressa, e combateram desordenadamente. Fugiam quanto mais podiam, e alguns ainda por vestir, como aquelle João Rodrigues de Castanheda, que nem podera envergar o gibão. Singular peleja aquella, em que até alguns capitães se evadiram pelos telhados.

Refere Fernão Lopes que, reunida a sua gente, ordenára Nuno Alvares que todos se collocassem no monte, sobre o mar, para serem vistos de Lisboa, d'onde effectivamente os lobrigaram com grande prazer os cercados na cidade, e com enorme furor o rei de Castella, e Pedro Sarmento, o fronteiro, que tambem, meio vestido, se metteu em uma galé, dirigindo-se a Almada. Já ali não encontrou Nuno Alvares, que muito descançadamente regressára a Palmella, onde á noite accendeu almenáras para avisar os de Lisboa, que ali se achava. De cá responderam-lhe com muitas tochas no eirado dos Paços, onde o Mestre pousava.

Termina o pittoresco Fernão Lopes, dizendo: Nuno Alvares apagou seus fogos por cobrar o somno que de antes perdera, onde fique com boas noites; nós tornemos ver esta attribulada Lisboa em que ponto está!!

Durou ainda um mez o cerco que o rei de Castella lhe pozera havia mais de tres.

A peste que dizimava o brilhante arraial, atacou a rainha, a quem deram duas tramas. No sabbado tres de setembro, o rei de Castella, roido de raiva, ordenou que o cerco fosse levantado e que o fogo consumisse o arraial.

Ardeu todo o domingo.

O exercito castelhano arrastou-se, combalido, com a rainha doente, por Santo Antão, Torres Vedras, até Santarem. Lisboa estava salva!

(Continúa)

CONDE DE SABUGOSA.

O Padre Himalaya

E

O SEU INVENTO

O QUE FOI A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

Os americanos do Norte, organisando a Exposição Universal de S. Luiz, quizeram realisar um grandioso certamen em que, pela exposição comparativa das machinas, apparelhos, processos e methodos de operar; pela exibição de objectos analogos de differentes épocas, de modelos demonstrativos do augmento da força productiva das variadas industriaes e das variações do gosto; pela relação de todos os pormenores respeitantes a todas as amostras e especimens dos productos que fossem objecto de commercio, indicação de procedencia, de quantidade produzida, de importação, exportação e preços; pela estatistica e quadros graficos dos grandes movimentos de transporte; pela comparação das superficies destinadas á cultura, das quantidades de produção agricola annual, dos preços e dos valores dos terrenos, das populações, etc.; pelos ensaios praticos; pelas conferencias de sciencia applicada; pelos concursos internacionaes destinados á escolha dos melhores instrumentos de trabalho; pelas provas dos productos alimenticios; e, finalmente, pelo agrupamento de todas as bellas-artes—fosse possivel verificar o estado actual, exacto e limpido, da civilisação e da economia social dos povos, e se procurasse favorecer-lhes o desenvolvimento.

A America, que muito bem conhecia já os grandes factos da actividade dos estados e nacionalidades da Europa, mas somente da sua actividade isolada, entendeu que esses factos só aproveitariam num verdadeiro sentido, quando relacionados com a vida de conjuncto da formidavel civilisação occidental. Os americanos, adoptando o criterio d'um nosso eminente pensador, consideraram cada estado ou nacionalidade europea como um membro cooperador d'esse todo solidario, factor principalissimo dos altos destinos da humanidade, e quizeram orgulhar-se tambem com o affirmar-lhes, sobre o seu proprio solo, a sua fecunda aspiração na evolução civilisadora.

O PADRE HIMALAYA

Quiz-se pois que a Exposição de S. Luiz tivesse, a par dos seus multiplos fins economicos e commerciaes, um caracter eminentemente pratico de lição de coisas.

No Palacio das Machinas, por exemplo, tudo se movia, se emaranhava e rodopiava numa agitação incessante. Os mais poderosos motores do mundo, as mais inconcebiveis rodas de aço, os mais despropositados cilindros, os eixos mais formidaveis, os embolos mais violentos, tudo isso produzia, a um mesmo tempo, e num mesmo recinto, as mais exageradas sommas de força, unicamente com o fim de bem patentear aos olhos do visitante da Exposição a realidade das mais monstruosas funcções mecanicas, que a ousadia do homem tem conseguido organisar e dirigir.

No Palacio das Manufacturas e no Palacio das Artes Liberaes, assistia-se á produção completa de uma infinidade de artigos que são objecto de commercio universal e de uso commum, e que todavia a maior parte da gente que por ali passava desconhecia nas minucias curiosas da materia prima, do preparo, e da manipulação. A cada passo se via uma fabrica em miniatura, uma officina, um recanto de atelier, onde dois, tres, quatro operarios realisavam em cada dia as oito horas de trabalho da sua especialidade.

No Palacio dos Transportes, onde a histo-

ria d'esta industria era a mais completa, cada carro de cavallos tinha seus cavallos atrelados, e cada boleia tinha seu bolieiro; as locomotivas não andavam mas fingiam que andavam, vendo-se todos os movimentos dos eixos e das rodas; a Pulmann, que é a grande companhia americana dos vagons-leitos e dos vagons-restaurantes, expunha alguns dos seus opulentos comboios de luxo, completos, de numerosas carruagens, exactamente como se os tivesse mandado formar sobre qualquer das mil e uma linhas ferreas que atravessam a America, para excursões de milionarios; as grandes emprezas de navegação tinham feito reproduzir pedaços dos seus mais bellos e commodos paquetes, de modo a dar ao visitante da Exposição uma idéa exacta dos seus diversos sistemas de cabines, da magnificencia das suas salas de jantar, das suas salas de fumo, e das suas salas de banho.

No Palacio das Minas e da Metallurgia, era possivel observar em muito interessantes resumos toda a vida de luta, de arrojo e ancia, que é a dos obscuros prescrutadores da terra, no que ella tem de mais misterioso e recondito. Havia galerias e labirintos subterraneos tão fielmente reproduzidos, que não era sem um certo sentimento de terror, difficil de vencer em muitos casos risonhos, que os mais curiosos lá entravam.

No Palacio da Educação, havia modelos de escolas, de gimnasios, de institutos, onde só faltava a multidão dos alumnos, suppondo-se que estivessem a férias. Tudo o mais lá estava nos seus logares e nas suas justas proporções, occupando os seus devidos espaços, mostrando tudo como tudo se passa no mundo e na vida escolares.

As sommas de dinheiro despendidas com a Exposição de São Luiz ultrapassaram todos os orçamentos, que já haviam sido talhados á larga. A superficie dos terrenos occupados pelas construcções excedia a de todas as exposições anteriores. A de Chicago em 1893 era de 253 hectares; a de Paris em 1900 era de 135; a de Buffalo em 1901 era de 120; a de Philadelphia era de 95; a de Omaha era de 60. Pois a de São Luiz era de 496 hectares!

Alem dos quinze grandes palacios destinados á installação dos diversos grupos classificados, cada Estado da União construiu o seu pavilhão especial, e cada uma das mais ricas nações estrangeiras levantou tambem o seu Palacio. Ao todo, comprehendia a Exposição 500 edificios. Sommadas as dimensões de todos estes palacios e pavilhões, obtinha se uma totalidade duas vezes equivalente ao que havia na Exposição de Chicago, tres vezes equivalente ao que havia na ultima Exposição de Paris, dez vezes equivalente ao que havia na Exposição de Buffalo.

O APPARELHO SOLAR-PYRHELIOPHORO

Pois foi no meio de tanta grandesa e tanta maravilha, que o invento de um portuguez poude attrair todas as attenções dos visitantes da Exposição. Esse invento era um apparelho solar denominado Pyrheliophoro («Pyr» —fogo; «Helios»—sol; «Phoros»—eu trago) pela primeira vez exposto ao publico entre os muitos triumfos da sciencia moderna, aglomerados no immenso recinto da chamada Feira do Mundo. O inventor era o Padre Himalaya.

O Pyrheliophoro consiste em um reflector de forma geometrica nova, montado sobre um equatorial tambem de sistema inteiramente novo. A grandeza do reflector é representada por 80 metros quadrados de superficie reflectora, e 6:117 elementos reflectidores. O calor enviado por todos estes elementos concentra-se no interior de uma fornalha, onde a temperatura pode attingir elevadissimo grau; qual será o maximo grau não o disse ainda o Padre Himalaya, persistindo em não o declarar antes de experiencias definitivas. Tudo depende do ajustamento dos reflectores elementares; mas não seria surpreza para elle que a temperatura se approximasse, ou mesmo excedesse a do Forno Eletrico, que é de 3:500 graus centigrados, segundo a escala do professor Violle.

O Pyrheliophoro poderá fundir todos os metaes existentes, e talvez a maior parte ou mesmo todas as rochas conhecidas, comprehendendo o granito, a magnesia pura, que é o corpo mais difficil de derreter; e depois d'este a cal, o boro, a alumina, a sylica ou quartzo, seixo branco que se encontra nas praias e em certos terrenos de Portugal.

É um heliostato notavel pela sua magnitude, simplicidade e originalidade de todos os seus orgãos.

O reflector tem a forma de um sector truncado de um paraboloide de revolução. As suas dimensões são estas: Desenvolvimento da curva na base do sector $10^{m},75$; desenvolvimento da curva ao nivel da truncação, $5^{m},25$; distancia media do reflector ao fóco, 10^{m};

O PYRHELIOPHORO DO PADRE HIMALAYA

diametro do fóco, $0,^{m}15$; superficie reflectora, 80^{m2}; numero de elementos reflectores, 6:117; grandeza de cada elemento, 123 $^{m}/_{m} \times$ 98 $^{m}/_{m}$.

Os elementos reflectores são de cristal puro prateado na parte posterior com tres camadas, e cobertos com uma pintura protectora. Cada elemento é fixado por tres parafusos especiaes, armados com molas em espiral, que permittem obter um rigoroso ajustamento.

Acha-se o reflector montado sobre um novo sistema de equatorial collocado na linha norte-sul verdadeira, sendo a machina orientada de fórma a acompanhar o sol desde manhã até á noite. O orgão destinado a effectuar esta orientação é um apparelho de relojoaria de grande força e precisão, tambem estudado e construido pelo Padre Himalaya. O forno é um cilindro de aço revestido de materias refractarias, devendo encontrar-se o fóco no eixo d'este cilindro, e nunca tocar nas paredes para não as fundir. Os productos fundidos são descarregados por uma porta lateral.

A machina exposta em S. Luiz foi a quarta que o inventor construiu. A primeira experimentara-a elle em Paris, nos principios do anno de 1900; a segunda nos Pyrineus, no verão do mesmo anno; a terceira em Lisboa, em 1902. Por meio de successivas modificações introduzidas nos diversos instrumentos, o Padre Himalaya tem realisado consideraveis progressos num caminho não estudado ainda, e propõe-se prosegui-lo até attingir os seus fins.

OS FINS DO PYRHELIOPHORO

—«Trabalhando na terra quando tinha meus doze annos—palavras do Padre Himalaya ouvidas por quem escreve estas linhas—impressionava-me o ver meu pae sair de casa sempre que sobrevinham fortes trovoadas, e ir captar os enxurros que vinham da montanha, para com elles regar os campos quando estava chovendo. Parecia-me aquillo uma especie de mania, e disse-lh'o uma vez. Meu pae respondeu-me que, por experiencia, tinha sempre visto que as aguas de trovoada engordam a terra, e que mais tarde se conhece nos campos o logar até onde ellas chegaram, pela côr e desenvolvimento das culturas. Não esqueci a lição, mas ainda fiquei na reserva.

Um anno depois de ter ido para os estudos em Arcos de Val-de-Vez, assisti a uma conversa entre dois homens da Serra do Suajo, dizendo um d'elles: «Este anno havemos de ter muito feno na serra, porque o anno foi de muitas trovoadas». Metti-me na conversa e pedi toda a sorte de explicações. Os pobres homens nada mais me souberam dizer, e eu fiquei na persuasão de que a sciencia poderia talvez explicar o fenomeno, se elle era verdadeiro.

Estudando depois sciencias fisico-chimicas no Seminario de Braga, vim a reconhecer que as chuvas das trovoadas tinham azotatos e azotitos de ammoniaco.

A chimica ficava satisfeita com isto, mas eu não.

Como seria que se formavam esses azotatos e azotitos de ammoniaco?

Inquestionavelmente, taes productos derivavam das descargas electricas atravez do ar saturado de humidade.

E não poderia a industria humana reproduzir este fenomeno por uma maneira continua e universal? Podia, se dispozesse de energias electricas comparaveis com as do raio das nuvens.

FAC-SIMILE DA ASSIGNATURA DO PADRE HIMALAYA

Mas como obter taes energias?

Transformando em electricidade a força cinetica dos ventos e das vagas, ou a energia formidavel das marés, das quedas d'agua e da radiação solar.

Como portuguez, sem todavia esquecer o resto da humanidade, intentei antes de tudo trabalhar para o meu paiz, que tão vivamente amo. E como o *meio* ambiente do nosso bello Portugal é o sol, comecei pela radiação solar. Estudando de perto o fenomeno da produção dos azotatos de ammoniaco em presença das descargas electricas, reconheci que o raio das nuvens actuava como meio de elevar sufficientemente a temperatura do oxigenio e do azote, e de lhes fornecer instantaneamente a quantidade de calor latente de que elles precisam para se combinar e formar os vapores nitrosos.

Experiencias especiaes me mostraram que o raio actua como calor e não como eletricidade no fenomeno da oxidação do azote. Foi então que me occorreu a seguinte idéa: seria possivel concentrar sufficientemente os raios solares até obter um fóco que tivesse uma intensidade comparavel á do raio?

Para responder a esta questão, todos os meus pobres conhecimentos eram insufficientes. Tornava-se necessaria a experiencia. Mas o sol não é facil de domar. A primeira coisa a fazer seria estuda-lo, para lhe conhecer as qualidades e os meios de o conduzir.

Estudar o sol é, implicitamente, lançar-se a gente no estudo do Universo; e nisto gastei o melhor da minha vida. Pouco a pouco fui conhecendo a geografia, a fisica, e a chimica solares, e fui descobrindo os meios praticos de utilisar para o meu fim o calor radiante do sol. N'este campo, a sciencia nada tinha progredido.

Tive eu proprio de abrir o caminho por onde havia de passar, tive de fazê-lo só Deus sabe com que difficuldades!

Conseguiria eu resolver o enorme problema da extracção do azote da atmosfera para fertilisar as terras?

Os dois apparelhos de experiencia que tive em França, e um que fui montar a Lisboa, não me tinham permittido dizer se sim, ou não. Este que V. aqui vê (estavamos no terreno da Exposição, em frente do Pyrheliophoro) e que é o mais perfeito de todos, acaba de me provar que, realmente, o problema é soluvel. A quantidade de vapores nitrosos que já obtive mostra-me que o caminho está aberto.

Sob o ponto de vista scientifico, este apparelho está apto para provar verdades importantes e imprevistas. Assim vejo agora que a origem do calor do sol é muito diversa do que se pensava em Meudon, e do que se pensa em geral. Posso já dizer que o calor do sol não provém da queda de aerolitos sobre a massa solar, nem da contracção da chamada *nebulosa solar*, nem da oxidação da materia de que se compõe o sol, nem de qualquer manifestação radioactiva.

O calor do sol é produzido por gigantescas descargas electricas, que se produzem na atmosfera solar ao nivel da fotosfera.

Mais do que isto, fornece-me este apparelho elementos para determinar a origem da energia que produz essas formidaveis descargas electricas. E esta é, por assim dizer, a chave dos mais passionantes arcanos do Universo.

Um livro em que trabalho, e que em breve será publicado, conterá as theorias que o estudo e a frequencia dos observatorios me inspiraram, desenvolvidas e baseadas em factos de observação real sobre estes dois formosos mensageiros do Infinito: a luz e o calor do sol».

O aspecto do céu visto do fóco do apparelho, á noite, quando uma estrella se encontra no eixo do paraboloide, é deslumbrante. Vê-se a mesma estrella projectada no infinito a distancias simetricas, e repetida 6:000 vezes. Quando é a lua que passa ao merediano, o fenomeno é ainda mais grandioso, pois se vêem 6:000 imagens da lua no firmamento. E o apparelho mostra que a luz da lua, concentrada 6:000 vezes, contem um certo grau de calor, e especialmente raios actinicos.

Em resumo, os fins scientificos do Pyrheliophoro, são: determinar a natureza e a origem do calor e da luz do sol; estudar as propriedades da materia sob a influencia das temperaturas extremamente elevadas; completar a escala das altas temperaturas, parada no grau da ebulição do carbone e da magnesia no forno electrico.

Os jornaes americanos, tendo recolhido a opinião de muitos homens de sciencia de differentes paizes, que visitaram a Exposição de São Luiz, estabeleceram o facto de ter sido o Pyrheliophoro a mais imprevista novidade que appareceu no formidavel certamen de 1905, todos dizendo estar o Padre Himalaya na pista de grandes descobrimentos scientificos e industriaes, que podem modificar profundamente as nossas idéas sobre a materia e a força, e sobre a origem, funccionamento e destino do universo. E que se as suas previsões se realisam, se elle chega a captar as forças primitivas da Natureza, como promettem as observações realisadas pelo Pyrheliophoro, a orientação industrial do mundo virá a ser inteiramente mudada, e os paizes até agora atrasados por falta de combustivel poderão vir a ser ainda consideraveis centros industriaes.

ALFREDO MESQUITA

Muros de Cintra

Que extranha e longa estrada silenciosa
N'este torvo crepusculo profundo!
Parece, de tão linda e tenebrosa,
Uma estrada que vae para o Outro Mundo...

Levanta-se o Mysterio em murmurinhos,
Suas azas de sombra, e sonho, e graça:
É tudo um vôo... A voz dos passarinhos
Não parece que vôa, mas esvoaça.

Abre-se a terra n'um mysterio immenso;
Fecha-se a nevoa em derredor de mim:
Não vejo a terra, o meu caminho, — e penso
Que vejo pelos seculos sem fim!

É tudo um vôo... Pela cerração
Das nevoas e da noite, como um cego,
Estendo, para andar, a minha mão,
N'um intimo e febril desasocégo.

É tudo um vôo... E agora, tacteando
Pelos musgos do muro (o noite absorta!)
Parece-me que vou arrepiando
As azas frias d'uma c'ruja morta...

Morta? Não sei... Encosto os meus ouvidos
Á pennugem dos muros esvoaçantes:
E eis-me a escutar soluços e gemidos,
Aqui, álem; tão perto! tão distantes!

Que fallas serão estas? Quem me falla?
Que vozes é que eu sinto a esvoaçar,
Como aroma de um lirio que se exala,
Como fumos que subam ao luar?

Encho-me todo de ternura e espanto;
Meu coração se aperta em funda magua...
Quem falla assim? E ao meu extranho encanto
Respondem so meus olhos razos de agua:

E entendo em fim! a longa voz chorada
De agua que falla dentro d'estes muros:
(Voz de milagre, Santa emparedada,
Lendas de tempos mysticos e escuros...)

E encosto o ouvido ao musgo brando e frio,
Muro fallante, ausculto-o anciosamente:
E em todo o verde carcere sombrio,
Correm vozes da triste agua corrente:

Aqui, soluça, e chora, e se enrouquece;
Alli, é doce, e tremula, e profunda;
Alem, tão commovida que parece
A voz de alguma rôla moribunda.

Depois, é ver, é ver como se solta
N'uma sinistra e funda imprecação:
Parece que desvaira e se revolta
Seu lucido e sereno coração!

O Agua, ó filha humilima dos montes,
Cheia de dôr christã, e tão feliz!
És preza, — e corres, liberal, nas fontes;
Canta teu chôro; e em lagrimas sorris...

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Inverno de 1903, Penha-Verde (Cintra).

COIMBRA — Vista geral

A Universidade de Coimbra

As linhas que seguem não representam um trabalho de folgada critica historica, nem um commentario á organisação actual da velha Universidade portuguêsa.

Tal commentario e critica demandariam longas folhas e viriam a geito numa publicação d'outro caracter.

Aqui, devo sobretudo ter em vista a curiosidade d'aquelles leitores a quem interessará mais, sempre, a nota chronologica rápida, a narração simples e desembaraçada, a descripção ligeira e sóbria.

Não poderei tambem, por falta de espaço, fazer a historia viva da academia portuguêsa, descendo com ella desde os meandros da Meia-idade até aos tempos abertos da Renascença, para, atravessados o inquieto e empolado seculo XVII e o XVIII — alambicado e chorudo —, de novo arejarmos a vista e o coração, passadas as invasões, pelas alturas das eras revoltas e romanticas.

Essa carreira longa e aventurosa demanda novo artigo.

Mas, indicando datas, relatando successos, expondo modos de ser, descrevendo aspectos desejo, naturalmente, referir-me não só ao que constitue o miolo do assumpto — sciencias cultivadas, sentido do seu estudo, formas de organisação do ensino —, mas tambem ás installações successivas e á situação material da Universidade, bem como, de época para época, ás condições de existencia e aos traços caracteristicos da instituição professoral e da corporação dos estudantes, vistas uma e outra, embora de fugida, em si mesmas, e na sua posição e attitude perante as outras corporações e classes.

I

1288-1308.

Lisboa. A 12 de novembro de 1288, o abbade de Alcobaça, o Prior de Santa Cruz, o de São Vicente e outros ecclesiasticos, regulares e seculares, reunidos em Monte-Mór-o-Novo — redigiam uma carta dirigida ao Papa, dizendo: que já ha-

viam pedido ao Rei, D. Dinís, a fundação d'um Estudo Geral na cidade de Lisbôa; que o Rei, tendo attendido benignamente o pedido, conviera com elles, como padroeiro dos seus mosteiros e igrejas, em pagar os salarios dos mestres e doutores pelas rendas dessas igrejas e mosteiros — ficando logo distribuída a contribuição; que vinham, pois, supplicar ao Santo Padre a confirmação de *obra tão pia e louvavel*, intentada para serviço de Deus, *honra da patria e proveito geral e particular de todos.*

A carta, escripta sem duvida de accordo com o Rei, que não queria dirigir-se ao Papa, em vista do estado de relações entre elle e a Santa-Sé, não obteve logo resposta. A bulla de confirmação, indispensavel segundo as idéas da época, fez-se esperar quasi dois annos.

Foi só em 9 de Agosto de 1290 que o Papa, Nicolau IV, expediu de Orvieto a bulla *De statu regni Portugaliae*, que dá, claramente, como já existente o Estudo Geral de Lisbôa, representando ella, pois, não o diploma de creação, mas a corroboração da obra realisada pelo Rei D. Dinís.

Nessa bulla, o Papa concedia ao Estudo Geral de Lisbôa privilegios singulares, fôro ecclesiastico, e a honra dos graus academicos.

O quadro do Estudo Geral, vasado de certo sobre o de outros Estudos ou Universidades, como a de Bolonha, por exemplo, era ao tempo de pouca larguêsa.

Comprehendia uma cadeira de *Direito canonico*, uma de *Direito civil*, uma de *Medicina*, e duas de *Artes*: a de *Dialectica* e a de *Grammatica*, além da cadeira de *Musica*.

Não entrava neste quadro a *Theologia*.

O proprio Papa a excluíra na bulla de confirmação, não permittindo nesta faculdade a collação dos graus, auctorisados para as outras faculdades.

Porquê? — Porque o Pontifice queria manter o privilegio do ensino theologico ás ordens religiosas, especialmente aos Dominicos e Franciscanos — cuja rivalidade, diga-se de passagem, foi fecunda para o saber e para o ensino durante a segunda phase da Idade-média. Isto, até que Roma manifestou o intuito de estabelecer, a favor da privilegiada Universidade de Paris, quando já consagrada como *alma mater studiorum*, o monopolio

VISTA GERAL DA UNIVERSIDADE

da collação dos graus na faculdade theologica.

Veremos que em Portugal a Theologia só apparece no quadro universitario depois de 1400.

Segundo dispunha a bulla *De statu regni*, quando os mestres de Artes e os doutores de Direito canonico, Direito civil e Medicina reputassem os estudantes habilitados, podiam estes receber o grau de *licenciado* nesses estudos ou faculdades.

Pela mesma bulla era o bispo de Lisbôa quem tinha o direito de conferir os graus e, na falta do bispo, em caso de *sede vacante*, o vigario geral eleito pelo Cabido.

O prelado diocesano, ou quem o substituisse, ficara pois, pela bulla, instituído *Cancellario*.

Tinha o bispo ainda outro privilegio, dado na bulla de confirmação: quando examinasse e approvasse algum mestre ou doutor em qualquer dos estudos do quadro — este doutor ou mestre ficava logo habilitado para ensinar nessa faculdade, fosse onde fosse, sem ter de sujeitar-se a novo exame.

Taes prerogativas e privilegios dados ao clero, regular e secular, estavam no espirito de épocas em que os prelados e religiosos constituíam a classe mais culta, embora já pela Europa o saber leigo fosse luzindo; e representariam, em parte, justo reconhecimento pelos serviços devidos ás collegiadas e ás cathedraes, onde os Mestre-Escolas tinham instruído gerações de noviços, e aos mosteiros onde, a par dos trabalhos manuaes dos officios e industrias, se exerciam as lettras e as artes.

Das collegiadas e mosteiros vinham tanto os elementos do ensino ecclesiastico, destinado aos religiosos, como aquelles que, talvez mau grado seu, a Igreja tivera de acceitar, desde que, por intermedio dos Arabes, se espalhára na Europa a sciencia e a philosophia da antiguidade grega.

Em Portugal, mesmo, de ha muito existiam Escolas para instrucção de moços ecclesiasticos. Ha especial noticia duma que, junto á cathedral de Coimbra, fundára, em 1086, o bispo D. Paterno — o primeiro depois da reconquista da cidade por Fernando Magno. E esta Escola fôra mais tarde continuada por outra, no mosteiro de Santa Cruz.

Parece, no emtanto, que o Estudo Geral fundado por D. Dinís nada teve directamente com a Escola de Santa Cruz.

Embora nesta os estudos estivessem desenvolvidos a ponto de, nessa época e já anteriormente, serem mandados educar a Paris os religiosos que se destinavam a mestres dos noviços.

A creação da nossa primitiva Universidade foi, naturalmente, devida antes á influencia da Italia e da França, e á acção dos bispos francêses, vindos para as Sés do novo reino de Portugal.

Mas o que é certo é que em D. Dinís se reuniam todas as qualidades e condições necessarias para lhe caber a elle a missão de iniciar essa obra intelligente, apropriada já a um reino constituido.

A sua educação fôra realmente superior para o tempo; devido isto, em grande proporção, ao facto de ter o pae viajado e vivido num meio civilisado como era Bolonha.

Comprehendêra a necessidade de illustrar o filho que, por sorte, para plena realização desse intuito, lhe saíu reunindo altas e garbosas faculdades de espirito, desenvolvidas e dirigidas pelo preceptor, certeiramente escolhido — o antigo troveiro mestre Aymeric de Ebrard -- mais tarde 15.º bispo de Coimbra.

SELLO DE AYMERIC D'EBRARD

Depois, ao Rei trovador não sería tambem estranha, na alma e no sangue, a acção e a influencia do avô materno, desse Affonso o *Sabio* de Castella, astrónomo e um pouco bruxo, aventureiro e poeta, guerreiro e legislador: uma das figurasmais curiosas e originaes da vio'enta e maga Idade-média.

O local escolhido para installação do Estudo Geral em Lisbôa foi o campo da Pedreira, no bairro de Alfama, onde D. Dinís mandou construir um edificio apropriado, mais tarde casa da Moeda, e por isso chamado, decorrida nova fiada de tempos, o sitio da Moeda velha.

Não se conservou o Estudo Geral muito tempo em Lisbôa; e pouco brilho deitou nessa phase, posto seja de crêr que os seus quatro ou cinco professores tivessem vindo educados de fóra, de Bolonha, pelos commentadores e glossistas deste centro intellectual onde, das dezoito nações representadas em número de alúmnos alli enviados, Portugal figurava já como uma das de maior contribuição de escolares.

Passados dezoito annos, em 1308, era o Estudo Geral transferido para Coímbra.

Houve para esta transferencia causas remotas e causas proximas.

Reduzir-se-hiam aquellas, afinal, á consideração, então accei te, de que Coímbra sería terra mais favoravel á tranquillidade do estudo, e de que a belleza da cidade, a sua situação no centro do país, a abundancia dos mantimentos tornariam attrahente e accessivel a maior numero de estudantes essa creação já querida do rei fundador.

SELLO DE EL-REI D. DINÍS

Entre as causas proximas avultára a urgencia de arrancar os Escolares de Lisbôa onde, á sombra dos privilegios e fóros concedidos pela bulla de confirmação, aquelles levantavam successivos barulhos com os moradores, provocando dahi graves conflictos entre as auctoridades civis, protectoras legaes destes, e as ecclesiasticas que mantinham os fóros e privilegios dos primeiros.

Era já a rivalidade, que em Coímbra daria a opposição do estudante e do *futrica*.

Caso geral, e não restricto ao nosso país.

Não fôra a Universidade de Paris desorganizada e dispersa, em 1229, com larga interrupção dos estudos, por causa dum terrivel conflicto de entrudo entre os estudantes e os moradores do bairro de São Marçal?

Para a mudança do Estudo Geral e sua installação em Coímbra obteve o Rei novas bullas.

Porque foram duas, que de Poitiers expediu, em fevereiro de 1308, o Papa Clemente V.

Uma era commettida ao Arcebispo de Braga e ao bispo de Coímbra, e continha a auctorização da transferencia, bem como a confirmação dos privilegios concedidos pela bulla *De statu regni*.

A outra era enviada ao proprio Rei, e continha a licença para que este annexasse á Universidade seis igrejas do padroado real, a fim de serem pagos com os rendimentos dellas os salarios dos mestres e doutores. Sobre este ponto especial da annexação de igrejas entendeu-se o Rei mais tarde com a Ordem de Christo, cujo Mestre, querendo guardar para a mesma Ordem as igrejas annexadas, pois lhe pertenciam, se obrigou a pagar directamente aquelles salarios.

1308-1338.

Coimbra. Posta em Coímbra a Universidade, ou Estudo Geral, apparece-nos — embora houvesse outro qualquer diploma de constituição e organização — um documento de verdadeira importancia, que alguns denomináram até: *Primeiros Estatutos*.

E' a Carta de privilegios concedida por D. Dinís, e que teve a data de 15 de fevereiro de 1309.

Se a organização do Estudo Geral em Lisbôa consta só da bulla *De statu regni* — devido isto certamente ao extravio do diploma desse primitivo Estudo —, da Carta de 1309 podemos conhecer qual foi a organização do Estudo em Coímbra, e concluir que, na época da transferencia, pouco se havia alargado o quadro universitario.

Mantinha-se o mesmo, a bem dizer, e os salarios dos mestres tambem deviam regular pelos anteriores. Segundo se apura da escriptura do contracto feito entre D. Dinís e os cavalleiros da recente Ordem de Christo — os lentes recebiam na seguinte proporção: o de Leis, remuneração equivalente a 21:600 réis annuaes; o de Cánones 18:000 réis; o de Medicina 7:200; o mesmo o de Grammatica; o de Logica 3:600; o de musica 2:700. Estas quantias eram pagas em duas prestações, no dia de S. Marcos (25 de Abril) e no dia de S. João Baptista (24 de Junho).

Vê-se claramente da Carta de 1309 que o Rei continuava a desvelar-se pela sua obra. Assim: estabelece régia protecção aos estudantes, suas familias e haveres, confirmando todos os anteriores

privilegios; dá-lhes o poder de elegerem Reitores, que eram tambem dois estudantes — os mais votados; podiam, além destes, eleger egualmente conselheiros, bedel e outros officiaes; confere-lhes a faculdade de fazerem Estatutos, por si ou por outrem; permitte que a Universidade tenha cofre seu e sêllo proprio.

Ordena ainda a Carta que dois homens bons da cidade sejam, com o titulo de *conservadores*, encarregados de manter os privilegios da Universidade, avisando o Rei de todas as perturbações e occorrencias. Sabe-se pela escriptura acima citada, que os conservadores recebiam a importancia, bem módica mesmo nesses tempos, de 1$440 réis annuaes. A verdadeira remuneração estava de certo na honra do cargo, de confiança e peso.

A Universidade chegou a elaborar Estatutos que o Rei D. Dinís confirmou em 1317.

Mas ignora-se o que esses Estatutos contivessem.

Tambem pouco ou nada se sabe do movimento, vida e costumes escolares desse tempo. Os trajos deviam ser talares, semelhantes aos dos ecclesiasticos. E pode concluir-se que os estudantes viviam a dentro das muralhas, no bairro alto, isto é — da Porta de Almedina para cima.

Só por analogia com os habitos e usos das Universidades estrangeiras, cujos vestigios ainda apparecem, se conseguirá ter idéa do que fosse a vida academica de Coímbra, e especialmente o regimen e costumes da Universidade.

Foi esta installada perto da Alcáçova Real, que se erguia talvez por onde hoje assenta a capella manuelina.

O Estudo Geral teria occupado o local onde depois existiu o collegio de S. Paulo, e mais tarde o Theatro academico.

Desse edificio da primitiva Universidade de Coímbra fazia parte o lindo claustro por D. João III doado, mais de dois seculos depois, ao mosteiro das freiras de Cellas, onde existe ainda.

Pelo bello vestigio se poderá avaliar do carinho com que o rei poeta quiz albergar o seu Estudo Geral. E nunca se desmentiram este amor e zelo de D. Dinís pelas coisas da Universidade, verdadeira creação regia, que permaneceu em Coímbra até pouco depois da sua morte.

1338-1354.

Lisboa. Corridos apenas treze annos sobre a morte de D. Dinís, que caíu a 7 de janeiro de 1325, era a Universidade mudada para Lisbôa pelo rei Affonso IV.

Porquê? Não póde responder-se com segurança. Conjecturam alguns que o rei desalojára o Estudo Geral da sua installação de Coímbra por querer nesta cidade aposentadoria bastante para quando a côrte (posta em Lisbôa desde Affonso III), viesse temporariamente habitar a antiga séde. A Alcáçova já não chegava de certo para alojar as comitivas, e por isso tornava-se necessario outro edificio além da aposentadoria real.

Mas se foi este o motivo, tambem foi de curta duração o capricho dessa mais larga installação da côrte em Coímbra; pois logo em 1354, apenas cumpridos dezaseis annos, volta o Estudo Geral para esta cidade. O que se infere de tão faceis e repetidas mudanças é que não havia ainda muito que mudar, e que devia ser bem simples, de pessoal e de material, essa primitiva Universidade.

1354-1377.

Coimbra. No estreito período colhido entre as datas de 1338-1354, correspondente ao reinado de D. Affonso IV, e no decorrido desde 1354 a 1377, que corresponde ao reinado de D. Pedro I e a dez annos do reinado de D. Fernando, nada aparece de notavel na vida da Universidade. Limitaram-se os tres monarchas quasi só a manter-lhe e a renovar-lhe os privilegios concedidos por D. Dinís.

E já se notava decadencia no limitado Estudo Geral quando D. Fernando o transfeiu para Lisbôa, abrindo o terceiro período de installação na capital do reino — período bem mais longo do que os dois anteriores, pois se conta de

1377 a 1537.

Lisboa. Com D. João I, o antigo Estudo Geral não só readquire vigor, mas desenvolve-se e cresce consideravelmente. Tudo, da parte do Mestre de Aviz,

revela a sua sympathia grata pela Universidade, cujos estudantes teriam tomado parte no movimento popular de Lisbôa a favor do Defensor do Reino. Foi talvez essa a primeira manifestação politica de estudantes portuguêses. Bastará, para revelar a boa vontade do rei acclamado, a simples enumeração das medidas por elle adoptadas relativamente á Universidade.

Confirma-lhe todos os antigos privilegios. Promette-lhe a permanencia em Lisbôa, condição para lhe poder conservar alguns professores, que se negavam a vir ensinar fóra da capital. Concede aos doutores, licenciados e bachareis que, independentemente de licença especial, advoguem em qualquer causa.

Dá-lhe o monopolio do ensino, estabelecendo que ninguem o possa exercer sem previo exame feito perante algum mestre ou doutor da respectiva faculdade.

Toma providencias para alliviar os estudantes e os mestres de pesados encargos nascidos das circumstancias do país; e ao mesmo tempo attende á necessidade de novos recursos exigidos pelo desenvolvimento do ensino.

Das medidas para este fim adoptadas são sobretudo importantes: a creação de *collectas*, pagas pelos estudantes aos lentes e ao bedel, segundo os meios de cada estudante; e a annexação de novas igrejas rendosas, realizada com acquiescencia de Roma.

Os estudos alargam-se no numero dos professores e no quadro das disciplinas.

Apparecem, em vez de um só por faculdade ou arte, tres doutores de Leis, tres de Cánones, quatro de Grammatica, dois de Lógica; apenas a Medicina contínúa com um professor.

Mas entra no plano das faculdades a Theologia, anteriormente reservada, como vimos, ás ordens dos Prégadores e Menores E isto não foi indifferente, não só pelo brilho que esta faculdade viria a ter entre nós no seculo XVI, mas pela importancia assim dada á Universidade em frente das ordens poderosas.

Apparece-nos agora tambem um *Director* de estudos, nomeado pelo rei; e essa alta direcção é pela primeira vez confiada ao dr. João das Regras, antigo discipulo da Universidade de Bolonha. Mas o que mais importancia teve talvez para a nossa Universidade, nesse momento, foi a eleição do seu primeiro Protector; porque o eleito era o infante D. Henrique.

Deveu-lhe a Universidade, além de valiosos auxilios materiaes, e das installações augmentadas com a doação de casas novas, (situadas *acima da igreja de S. Thomé, contra o muro da cidade de Lisbôa*) o desenvolvimento das Artes menores — passadas para estas casas, das da Pedreira, onde ficavam as Artes maiores — e a introducção dos *estudos mathematicos:* Arithmetica, Geometria e Astrologia, apurados na escola de Sagres. Como sabemos, a Musica já era cultivada.

O protectorado do infante D. Henrique prolongou-se ainda até parte do reinado de D. Affonso V.

Datam tambem de D. João I os primeiros Estatutos Geraes, que no emtanto figuram como *Segundos Estatutos*, por ser contada como *Primeiros Estatutos* a Carta de privilegios de D. Dinís, datada de 15 de fevereiro de 1309.

Esses *Segundos Estatutos*, jurados na Sé de Lisboa a 16 de julho de 1431, contêem disposições curiosas e interessantes sobre a frequencia, exames, graus, propinas. E' nelles que vem pela primeira vez regulado o trajo académico. Os professores, os licenciados, e os bachareis deviam usar veste comprida, pelo menos talar; os estudantes podiam usar veste mais curta, pelo meio da perna. Igualmente regularam a extensão dos cursos, e a forma dos exames com que haviam de obter-se os graus.

Assim, o curso dum estudante até ao grau *de bacharel*, em qualquer faculdade, comprehendia: os preparatorios da Grammatica e Logica, e tres annos lectivos da faculdade maior a que se dedicava, ao fim dos quaes tinha de defender umas theses ou conclusões publicamente, em presença dos mestres e doutores da sua faculdade. Se fosse julgado *sufficiente* em costumes e sciencia recebia o grau; se não, tinha de frequentar por mais tempo e de sujeitar-se a novo exame.

Eram tambem admittidos ao grau de bacharel, em determinadas condições, os estudantes vindos de Universidades estrangeiras.

Licenciados, podiam sê-lo os *bachareis* que tivessem frequentado, não tres, mas quatro annos lectivos da faculdade respectiva, e que ao fim deste curso fizessem repetição por *conclusões* em todas as disciplinas dessa faculdade.

O acto de *licenciado* consistia em duas lições, que eram feitas na Sé, ante os lentes e os Reitores, se estes ultimos fossem da faculdade.

O grau era conferido pelo *Cancellario* — sempre o Bispo da diocese — e dava direito, depois, ao grau de *doutor* sem novo exame.

Os graduandos pagavam propinas, e davam aos mestres e doutores certas refeições prescriptas. O cerimonial dos actos era semelhante ao que ainda corre.

Neste período, o que logo se nota, ao percorrer as disposições e as noticias relativas á Universidade — é a inteira independencia e liberdade de que ella gosava, perante o proprio poder central, que só parecia querer intervir para lhe garantir privilegios, e para lhe dar elementos de vida. Era com este fim que o rei mantinha os dois *conservadores*, que velavam pela execução e respeito das isenções e privilegios, avisando o monarcha de todas as occorrencias. Fôram elles, mais tarde, juizes privativos e seculares da Univerdade.

CLAUSTRO DE CELLAS

Mas o governo interino, a organização de Estatutos, a gerencia dos seus negocios e fazenda, a eleição dos Reitores e outros funccionarios — tudo pertencia ao corpo escolar. Não podia haver mais aberta e livre auto-administração.

E' neste tempo que entre nós se cria, por iniciativa generosa do Dr. Manga-Ancha, o primeiro *collegio* — destinado á sustentação dos estudantes pobres que deviam seguir os estudos da Universidade. Durou pouco esta instituição, mas foi talvez o início dos *collegios* que mais tarde se fundaram em Coímbra, com fins de protecção e de instrucção preparatoria.

Não tardou muito, no emtanto, que a Universidade começasse a soffrer embaraços, creados em grande parte pelo clero, cioso das rendas ecclesiasticas com que se sustentára e prosperára uma instituição tornada secular.

Até 1460, todavia, foi-se ella mantendo sem quebra visivel, atravez do reinado de D. Duarte, da regencia do infante D. Pedro, e dos primeiros annos da reinado de D. Affonso V.

Mas nesse anno de 1460 morre o grande *Protector*, o infante D. Henrique. E a contar d'ahi a existencia da Universidade já não corre com o desafogo em que vinha.

D. Affonso V interveiu na sua vida interna como rei e antes de ser *Protector*, substituindo-se ao corpo escolar numa das attribuições que este

mais zelosamente guardava—a da eleição de professores.

Tinha então sido eleito segundo *Protector* da Universidade o infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V. Nada resta, que atteste qualquer acção ou influencia desse principe, pae d'aquelle que depois foi o rei D. Manuel.

Decorrido pouco tempo, assumia o proprio rei D. Affonso V o *protectorado*, que logo transmittia a seu sobrinho D. Rodrigo de Noronha, bispo de Lamego, para este resolver uma nova pretenção da universidade — o direito de eleger um só Reitor, em vez dos dois como até alli.

Em seguida foi eleito *Protector* — o quinto, na ordem — o cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, por insinuação régia.

D. João II retomou, porém, para a corôa, pouco depois de subir ao throno, essa prerogativa e encargo do *protectorado* universitario.

Com a decadencia da Universidade, reconhecida desde a morte do infante D. Henrique, vinha o abandono dos seus estudos, saíndo grande numero de moços portuguêses a colher no estrangeiro a cultura litteraria e o ensino que lhes iam faltando no país.

Até que, reinando já D. Manuel, a Universidade o elege *Protector*, querendo, assim, entrar num caminho de reconciliação e de mais estreitas relações com a corôa, como pelo passado.

D. Manuel — que na ordem dos *Protectores* representa o setimo — foi, dos reis portuguêses, o primeiro *eleito* pela Universidade. A contar de D. Manuel, até ao presente, o *protectorado* da Universidade conserva-se adstricto á pessoa do monarcha.

Não respeitou D. Manuel as antigas tradições da autonomia universitaria. Antes alargou, á custa das prerogativas do velho Estudo Geral, as funcções e a acção do *protectorado*, decretando por auctoridade propria novos Estatutos, e reservando nelles ao *Protector* o direito exclusivo de fazer, de futuro, Estatutos novos ou mesmo modificações nos existentes.

Os Estatutos de D. Manuel são conhecidos e contados pelos *Terceiros Estatutos*, e deviam ter sido promulgados entre 1499 e 1504.

Foi, comtudo, benefica a acção de D. Manuel sobre a Universidade, sobretudo pelo concurso de professores e homens de sciencia que logrou congregar, depois que formára as Escolas Geraes, *abaixo de Santa Marinha*.

Cabe notar aqui que foi Sá de Miranda um dos professores provídos, como oppositores, numa cadeira vaga de *Instituta*, á volta dos annos de 1510-1512.

Os Estatutos manuelinos estabeleciam, em resumo: que para o cargo de Reitor, já substituído ao dos dois Reitores, fosse eleito sempre, não um escolar, mas *um fidalgo ou pessoa constituida em dignidade*; que fosse ampliado o quadro das cadeiras, ficando, além das que havia, com as seguintes: cadeira de *vespera* de Theologia e cadeira de *Philosophia natural* — ás quaes dentro de pouco tempo se acrescentaram a do *sexto* de Decretaes e a de Astronomia (composta em parte dos elementos mathematicos introduzidos pelo infante de Sagres).

Com estas ampliações crescia o numero de professores. Os salarios dos lentes e mestres augmentavam tambem, por disposição dos *Terceiros Estatutos*, que regulavam ainda com minúcia o systema e tempo dos cursos, as condições e cerimonias dos graus. Assim, mandavam que os lentes, depois da leitura de cada lição, cujo tempo variava segundo a graduação das cadeiras, explanassem quaesquer duvidas expostas pelos estudantes.

Os cursos, até ao bacharelato, comprehendiam cinco annos de frequencia, nas faculdades de Theologia, Cánones, Leis e Medicina, e tres em Artes; ao fim desses cinco ou desses tres annos, os escolares que quizessem obter o grau de *bacharel* deviam lêr e argumentar publicamente em *tres lições* sobre as materias dos seus cursos.

Até á acquisição do *bacharelato* estas tres lições constituíam o unico acto que se fazia na Universidade. Theologos e medicos tinham de ser bachareis em Artes, isto é, tinham de provar a frequencia dos cinco annos das suas faculdades e de tres annos de Artes — para pode-

rem conquistar o grau de bacharel naquellas. O curso de Artes tambem se desenvolvera. Se nos primeiros tempos do Estudo Geral comprehendia apenas duas cadeiras, em que se ensinava Logica e Dialectica, e a Grammatica, agora comprehendia: um anno com o estudo da Logica e da Grammatica, e certamente com alguns elementos das Ethicas de Aristóteles, distribuído tudo em duas cadeiras; e mais dois annos com o estudo da Philosophia natural — provavelmente composta dos livros das Physicas e dos *de Generatione e de Anima*, do mesmo Aristóteles.

Os bachareis, para receberem o grau de *licenciado*, tinham de defender *conclusões*, num acto que era principalmente de ostentação. Eram as *theses* de hoje. Vinha depois o exame privado, para que tiravam ponto dois dias antes.

Era na Sé que este acto ou exame privado se fazia, seguindo-se-lhe a collação do grau de *doutor*, conferido sempre pelo *Cancellario*.

O cerimonial do acto, descripto nos *Terceiros Estatutos*, tem muita analogia com o actual. Fôra de ha muito introduzido nos usos escolares, e certamente trazido das universidades da Italia, assim como as côres distinctivas das faculdades, cabendo desde o principio: ao capello e outros emblemas da Theologia — a côr branca; aos de Cánones — a côr verde; aos de Leis — a côr vermelha; aos de Medicina — a côr amarella; aos de Artes — a côr azul. A cadeira de Mathematica e Astronomia era isolada, embora alguns queiram que fosse professada no grupo das Artes; não constituía, porém, faculdade, e não tinha ainda emblema e côr propria.

O provimento das cadeiras vagas dava-se por concurso, que durava vinte dias, constando as provas de tres lições, em que os concorrentes argumentavam entre si. Eram verdadeiras sabbatinas, no fim das quaes havia votação sobre a preferencia entre os oppositores, tendo voto não só o Reitor e todos os lentes, mas tambem os bachareis, e até os estudantes da respectiva faculdade, que tivessem completado dois cursos isto é os estudantes a quem só faltasse o acto para o bacharelato. O candidato mais votado era provido pelo Reitor, e confirmado pelo Rei.

A Universidade recomeçava, todavia, a luctar com uma difficuldade grave. Já D. Manuel lhe tinha resolvido uma, tambem grave — a de mais largas installações, necessitadas pelo desenvolvimento que alcançára. A que subsistia era a da falta de meios para o custeio das despesas crescentes. Para a resolver obteve do Papa, Alexandre VI, que em todas as cathedraes de Portugal fossem estabelecidas certas prebendas para os mestres theologos e doutores juristas. Foi esta a origem das conesías *magistraes* e *doutoraes* com que durante seculos se remuneráram os professores de Theologia e Direito da Universidade.

PORTA DA REAL CAPELLA DA UNIVERSIDADE

Apesar dos esforços do Rei, e do concurso de professores escolhidos e cha-

mados, não prosperou longo tempo a Universidade.

Por um lado corroíam-na vicios antigos — na administração e na actividade de professores e escolares; por outro lado, prejudicava-a de certo a nova feição da vida portuguêsa, embriagada de todo com os fumos da India; sendo de crêr que a anterior sangria do país, a estúpida expulsão dos judeus e outras medidas depauperadoras das energias nacionaes não tivessem sido indifferentes, embora de longe, para a decadencia, tanto geral de todas as fontes de prosperidade, como especial de cada orgão ou instituição, a que faltariam, a par de recursos materiaes, o concurso mental valioso de tanta gente industriosa e subtil.

Não valeu á Universidade, nesse momento de crise — que coincidiu com a passagem do reinado de D. Manuel para o de D. João III, e com os primeiros annos deste — o ter um grupo de professores excepcionaes a esmaltar-lhe o corpo docente. Bastará citar-lhes os nomes para se vêr o que a Universidade, dadas outras condições, poderia representar na vida superior do país. Alguns são de todos conhecidos.

Mencionados os mestres e doutores de Theologia e Artes Balthazar Limpo, Pedro Margalho, Francisco de Maçon — recordaremos em especial o celebre naturalista Garcia da Horta, que regeu a cadeira de Philosophia natural até 1534, anno em que passou ao Oriente, onde compoz os *Colloquios dos Simplices e Drogas da India;* o astrónomo Thomaz de Torres, que regeu a cadeira de Astronomia até 1535; e o grande mathematico Pedro Nunes, doutor em Medicina pela Universidade de Lisbôa, onde regeu Logica e exerceu as funcções de Reitor, passando depois para a Universidade de Coimbra, onde regeu a cadeira de Mathematica e Astronomia, até 1562.

O mal da Universidade era, no emtanto, tão reconhecido, que logo no reinado de D. João III se lhe procurou remedio, pondo o proprio rei em acção todos os meios para conseguir a regeneração desse organismo atacado. Como, apesar dos mestres notaveis que tinha, a Universidade não produzia o que haveria a esperar, quiz o monarcha alargar o numero de professores devidamente preparados. Para isso, ao mesmo tempo que já pensára na mudança do Estudo Geral para Coímbra, começou por enviar para o estrangeiro, com *bolsas* ou pensões, alguns dos melhores estudantes e bachareis portuguêses, que voltariam depois a illustrar e educar as novas gerações. Iam, na maior parte, com destino a Paris — o grande centro intellectual do tempo.

Estava então alli — como Reitor do collegio de Santa Bárbara, em resultado duma consagradora eleição — o dr. Diogo de Gouvêa, a quem mais tarde sería confiada a escolha de mestres tambem pedidos a diversas universidades europêas, e que eram attrahidos á Universidade portuguêsa pelas vantajosas propostas do rei.

Além de tudo isto, iria D. João III aproveitar as reformas effectuadas, havia pouco, no mosteiro de Santa Cruz de Coímbra — para crear ou secundar a creação de novos collegios de ensino junto

PORTA FERREA

do mosteiro. Foram estes os de Todos os Santos, de S. Miguel, de S. João Baptista, de Santo Agostinho. Os dois primeiros eram destinados especialmente aos nobres e fidalgos; mas em todos elles se reuniam mestres notaveis, vindos de fóra, muitos, que davam brilho e relevo aos estudos de Theologia, Cánones, Leis, Medicina e Artes. E assim teria encontrado ou preparado centros de actividade mental, talhados a chamarem a Coímbra os estudos superiores, postos em Lisbôa havia 150 annos. Entre outros collegios figurava pouco depois aquelle que em 1549 sería substituido pelo de S. Paulo — aberto este no antigo local do Estudo Geral, onde veiu a installar-se por fim o Club e Theatro Academico, ha poucos annos demolido. O collegio de S. Paulo, uma vez posto junto dos Paços reaes, viria a ser uma corporação composta de *collegiaes e porcionistas*. Tambem além do de Santa Cruz se abríra o de S. Pedro, que sería representado e rendido, em 1570, por um outro, mandado edificar em frente do de S. Paulo do bairro alto. S. Pedro, tendo soffrido algumas modificações, é hoje residencia do Reitor da Universidade.

ASPECTO DA UNIVERSIDADE, DO LADO DO NORTE

Se os outros collegios representavam sobretudo institutos de ensino, e podiam filiar-se na boa tradição de lettras e de estudos da poderosa corporação dos Cruzios — os de S. Pedro e S. Paulo correspondiam tambem a fins de protecção e garantia; e poderemos talvez ir filiá-los na generosa instituição, contemporanea de D. João I, devida á iniciativa e legado do dr. Manga-Ancha.

Foi por certo attendendo á circumstancia favoravel de ter aqui um tal centro de preparação e cultura, que D. João III — pondo de parte a representação dos professores da Universidade contra a transferencia do Estudo Geral para fóra da capital (1534) — se lembrou da da Camara de Coímbra, que já em 1533 pedira, caso viesse a realizar-se a mudança, para ser preferida esta cidade como séde dos estudos superiores do reino.

A mudança effectuou-se em março de 1537, sendo nomeado Reitor, a titulo gratuito, D. Garcia de Almeida, e começando as aulas a funccionar logo no mês de abril seguinte.

Com esta transferencia abre-se o segundo dos tres longos períodos da vida universitaria portuguêsa.

(Continúa).

MANUEL DA SILVA GAYO

Se a mocidade soubesse...

I

UMA AVENTURA NA FLORESTA

ESTAVA sentado o nobre viajante n'um marco milliario, justamente no logar onde a estrada, que contornava o monte, deitava um ramal atravez da floresta. Aos pés tinha a roda que saltára do eixo, e mais longe, em lastimosa posição, o resto da carruagem. Um corpulento baio, sem parecer resentir-se do mais famoso par de joelheiras que ainda ornaram um cavallo, estava preso a um recurvado troço de arvore e ia deitando a bocca á relva fresca e a quantas folhas encontrava ao seu alcance. A situação explicava-se por si só, e o bello rosto do moço viajante explicava a situação com tanta eloquencia quanta permittia a Natureza, que lhe dera feições onde se estampava o desdem e a impassibilidade.

Por traz d'elle surgia a verde escuridão da floresta. Para a sua frente a planicie polvilhava-se de oiro, com os raios do sol já perto do occaso. Entre a estrada e a orla da floresta murmurava um regato. Um tordo cantava no mais alto ramo de um abeto. Mas o viajante, no marco da estrada, não via o oiro do valle, não ouvia o oiro do gorgeio, todo absorvido n'este pensamento:

«Em boa estou mettido!»

Pregado áquella pedra havia bem uma hora, tinha mandado para um lado o postilhão, que logo partira a galope, e para outro o lacaio a pé; todavia os momentos passaram com lentidão desesperadora e nenhuma creatura humana veiu acudir-lhe, ninguem lhe appareceu com quem ao menos trocasse uma palavra. Nos intervallos da somnolencia, a que já não podia resistir, amaldiçoava o pacifico valle com suas veigas e pomares, julgando-o a terra mais desamparada por Deus entre quantas existiam no mundo.

De repente animaram-se-lhes os olhos anuveados. Lá em baixo, na estrada, movia-se o que quer que fosse. Infelizmente era um homem a pé. Ainda assim, poderia dar-lhe auxilio, ou pelo menos alguma informação. Mas quando o viu mais proximo, no principio da rampa, a esperança apagou-se no coração do impaciente fidalgo: não era um visinho das cercanias, capaz de guial-o para a loja de algum ferreiro, ou para uma estalagem de aldeia, mas apenas um musico ambulante, provavelmente tão extranho ao logar como elle proprio. No polido tampo da rabeca espelhavam-se os raios do sol.

Immerso novamente no enfado, no desespero, viu eclipsar-se o viandante n'uma volta que fazia a estrada. Mas que vinha sempre avançando, conhecia-se por uma extranha melodia, tocada meio em pizzicato, meio em surdina. A principio casava-se em tanta maneira com o murmurio do regato, com o profundo sussurrar da floresta e com os gorgeios do tordo, que o viajante mal a distinguiu como som independente. Mas como partia cada vez de mais perto, forçoso lhe foi ouvil-a e escutal-a. Era uma canção de vagabundo—de vagabundo que percorre a pé os caminhos, humilde embora altivo, sem dinheiro, sem prisões, feliz se tem agua fresca para matar a sede, e uma codea de pão para matar a fome. Canção da erva que se balouça e da avesinha a trinar pousada na sebe, da oscillante folha, da cotovia de vôos circulares, do ceo profundo e suave. Oh! Os caminhos estão cheios de coisas alegres e ternas, de meiguice e de frescura, de fadiga salutar e de somno delicioso, para quem lhes conhecer os segredos!

—Boas tardes, senhor!

Tinha parado a musica. A figura de um homem excessivamente magro, negra sobre o sol poente, de subito emergira da aresta do monte, e saudava com gesto largo. Pareciam tão cortezes as maneiras da figura negra e tão amena a sua voz, que o fidalgo quasi se ergueu para corresponder ao cumprimento, senão quando enxergou o recurvo perfil do violino... Pff! Era o rabequista ambulante! Envergonhado do impulso, sacou da algibeira um florim e atirou-lh'o. O musico saltou agilmente para o lado, e a moeda foi cahir no chão, scintilando aos raios do sol. Olhou para o soberbo dadivoso e sorriu-se mostrando uma fiada de dentes, que eguala-

vam em brancura os de um lobo e que brilhavam sobre o negrume da crestada pelle. Tirou novamente da cabeça o chapeu já muito velho, recuou a nervosa perna cingida por

aprumou o corpo e soltou uma risada. Basta de acariciar a coronha da pistola, que tem no bolso. Por Calliope lhe juro que não lhe cubiço o dinheiro mas sim a doirada mocidade!

ACCEITE OS MEUS CUMPRIMENTOS E SAUDAÇÕES, MEU FIDALGO!

empoeirada meia azul, executando uma d'essas mesuras, que, vinte annos antes, fariam morder de inveja, em Versailles, o mais requintado marquez.

—Acceite os meus cumprimentos e saudações, meu fidalgo! disse o rabequista, e logo

—Tem olhar espantado!—pensou o outro. —Resta saber qual é mais para recear: o encontro com um salteador ou o encontro com um doido.

—Se é loucura honrar esse dom concedido pelos deuses, estou louco com toda a certe-

za!—observou o singular vagabundo, como se lhe tivesse lido no pensamento.

Descahiu para traz o corpo sobre uma perna, dobrou um pouco a outra, metteu a rabeca entre o mento e o pescoço, á laia de passaro que se acommoda no reconcavo do ninho, fez deslisar o arco pelas cordas, arrancando-lhes um prolongado lamento. «Ó mocidade!» entoou, no intervallo do suspirar do violino. «Ó primavera! Ó virgindade do coração, esperança, incognitos mysterios da vida! Ó felicidade da força e da commoção!» Depois deixou de cantar e clamou: Veja, veja o logar onde está, na orla da floresta, n'uma terra extranha, tendo a seus pés o valle banhado pelo sol proximo do occaso, e por traz o riacho correndo não se sabe onde, e por cima da cabeça o passaro, cantando as aspirações da sua alma. Por Apollo! Eil-o em plena mocidade, envolto pela primavera do mundo, no seio de uma aventura. Os dedos flexiveis correram ao longo das cordas, e com uma sensação de espanto o viajante sentiu-se, mau grado seu, abalado até o intimo.

—Escuta, disse elle, tentando mostrar-se carrancudo. Não estou para gracejar. Apanha esse florim e vae-te embora, ou então fica e trata de ganhar outro florim dizendo-me onde estou e a que distancia fica a aldeia mais proxima.

—Senhor, respondeu o outro com urbanidade, os viajantes devem auxiliar-se mutuamente, sem olhar a sordidas considerações... Ah! Se me tivesse offerecido uma parte da sua mocidade!... Estamos, se assim lhe apraz, na fronteira que separa o velho e solido principado de Schwarzburgo, do recentissimo e mal acabado reino da Westphalia, apanagio de Sua Magestade o rei Jeronymo... um dos remates da Grande Revolução.

—Pff!... exclamou o fidalgo.

Os olhos irriquietos do musico brilharam.

—Aposto que é inglez!—exclamou. Não ha duvida que só um inglez é capaz de levantar a cabeça com tanta sobranceria. Fiz uma pergunta excusada.

O viajante olhava-o com olhar altivo. Sem dizer palavra o rabequista encarou-o durante momentos, com certo ar de grave motejo e proseguiu depois:

—O sentir dos inglezes é uma excellente prescripção para o orgulho, o desdem e quejandos aromas fidalgos. Só lhe aconselho, collega viajante, que se não colloque acima da sua bella mocidade, e que se livre de despresar os favoraveis ensejos que ella proporciona:

> «*Singula de nobis anni prœdantur euntes*
> (Ó mancebo).
> *Eripuere jocos, Venerem, convivia, ludum...*»

E, ao dizer isto, metteu o instrumento debaixo do braço e fez com o arco um aceno de despedida, como se estivesse para se ir embora, mas, parecendo acudir-lhe nova ideia, parou e cravou outra vez os olhos no viajante. Foi qando este notou que no aspecto do rabequista havia certa dignidade, e em toda a sua pessoa uma elegancia que mal se coadunava com aquelles ares aciganados, com aquelles trajes miseraveis; que o seu cumprimento tinha sido um modelo de cortezia; e, acima de tudo, que o artista nem de leve se mostrara impressionado pelo mais nobre procedimento de um rapaz nobre.

E, ainda sentado no marco, principiou a sentir-se um nadinha parvo... e o rubor da ingenuidade tingiu-lhe as faces.

O tocador deu á rabeca um movimento circular, até encostal-a ao peito, e beliscou-lhe duas cordas, como um homem pode beliscar as faces da donzella a quem ama.

— *Pardi!* — murmurou, falando-lhe para dentro do recurvado ouvido—aquelle estandarte carmezim proclama que ainda ha esperança para o bom rapaz. Meu caro senhor—continuou em tom alegre—cuido que posso ser-lhe util. Estou ás suas ordens. Ser-me-ha licito perguntar-lhe a quem tenho a honra de estar falando?

—A Estevam See, conde de Waldorf-Kilmansegg. Sou fidalgo austriaco e vou de viagem para os meus dominios de Carinthia...

O musico só respondeu a estas palavras, pronunciadas com satisfação mal reprimida, exclamando:

—Austriaco!—E ao mesmo tempo levantava uma das expressivas sobrancelhas.—É nacionalidade, que hoje pode declarar com menos perigo, do que a ingleza, quem anda viajando pelos dominios do grande Cesar. Oh! Tem carradas de razão! Seria o cumulo da temeridade confessar, nos logares onde Monsieur Buonaparte governa, que lhe corre nas veias uma gota de sangue britannico.

O remoque acertou em cheio no alvo, tanto assim que novamente se tingiram de vermelho as faces do fidalgo.

—Apesar de eu ser austriaco por meu pae —bradou elle, encolerisado—tenho por parte de minha mãe bastante sangue inglez n'estas veias, para odiar o usurpador e desprezar-lhe os irmãos, por elle guindados ao poderio e ás grandezas! Pouco me importa que elles saibam que penso d'este modo!

O rabequista sorriu mais accentuadamente e segredou ao violino: «se a mocidade se renegar a si mesma, é por engano. Tem espirito, embora seja unicamente para o desdem... Comtudo a cerimonia ainda não está completa—acrescentou.—Tenho agora que retribuir o seu cumprimento. Primeiro que tudo, sejamos delicados. Pois aqui onde me vê, está um individuo a quem todos conhecem, n'estes logares, pelo «Musico Doido,» ou mais delicadamente pelo «Rabequista Hans,» em allemão «Geiger Hans.» Alguns tambem me chamam o «Estudante Vagabundo,» e outros as creanças, coitaditas! o «Tio Hans.»... A minha nacionalidade é, como a sua, materia controversa. Uns dizem que sou francez, outros que sou allemão, e outros, finalmente, que nasci no cume dos Alpes: deixo-a á sua escolha, assim como o nome por que me ha de tratar... Rabequista—Hans, Geiger—Hans, ou, se me quizer guindar o mais possivel, o Cantor da Mocidade!

N'este comenos Estevam See, conde de Kilmansegg, cada vez se ia enfurecendo mais comsigo mesmo, por ter denunciado os seus sentimentos a um vagabundo.

—Parece-me fóra de duvida—disse elle com summa arrogancia—que ás vezes lhe é conveniente occultar o nome. Pode ficar descançado, homem de Deus, que não tenho o minimo desejo de sabel-o.

Hans franziu tanto as sobrancelhas, que até a propria encosta do monte pareceu escurecer, e feriu as cordas do instrumento, fazendo-as soar como encolerisadas.

—O meu nome, disse com voz mal perceptivel, morreu com a minha mocidade.—Depois acalmou tão repentinamente, como se tinha enfurecido. — Ha gente feliz que morre, mas cujo nome continua a viver; eu ainda vivo.... e o meu nome já morreu. Basta-lhe saber isto. Mas repare!—exclamou, mudando rapidamente de tom, emquanto o conde Estevam continuava a miral-o, sem que o seu temperamento sereno de austriaco e o seu espirito reflectido de inglez podessem harmonisar-se com aquella vivacidade.—Vae escurecendo, o sol já desappareceu para além do contorno do valle e as sombras da noite povoam a floresta. Não vê, a acenaram-lhe de longe, as luzinhas de um incognito abrigo... não presente um canto de lareira concedido pela hospitalidade de extranhos? Sabe Deus que gentil hospedeira dará hoje as boas vindas á sua bella mocidade! Se, porém, o seu espirito o aconselha a ir buscar aventuras por entre o espesso arvoredo, lembre-se ao menos de que está ali um pobre ente, que, apesar de silencioso, grita por uma arribana e por um punhado de ração!

Ao dizer isto encaminhou-se, a passos ligeiros, para o cavallo ferido e soltou do tronco as rédeas.

—Já deviam ter-te banhado esses joelhos escalavrados!—murmurou, fitando os olhos na cabeça do pacifico animal.—Aproveitassem o regato, que ali corre tão caridosamente.

Conduziu-o até á agua e d'ahi a instantes voltou e disse ao viajante, com um sorriso em que denunciava estar-lhe adivinhando o vexame e a vergonha:

—Ajude-me a pegar n'esta roda e vamos a ver, companheiro, se conseguimos prendel-a ao eixo. Depois sem nunca deixar de amparal-a —não se esqueça!—faremos o possivel para que o pobre bicho leve tudo isto para logar seguro.

Metteu mãos á obra e foi elle, afinal, quem concertou a roda, com uma habilidade de que o outro reputava incapazes aquellas mãos tisnadas.

Já era escuro quando romperam a marcha, pesadamente: Estevam See, conde de Waldorf-Kilmansegg, sempre com as mãos na roda, conforme tinha recommendado o rabequista, que ia agora na frente segurando as rédeas e cantarolando, por entre dentes, uma gavota.

Fugindo á poeira e aos pedregulhos da estrada, tomou por um largo atalho, que parecia cortar ao meio a floresta e seguir em declive até ao horisonte. Debaixo dos pés sentiam um elastico tapete de caruma de pinheiros; de um lado e outro as fileiras compactas das arvores já com mil braços cingiam a noite, e falavam-lhes com a voz soturna do oceano; para a frente, no extremo da nave, lembrando janella de cathedral, luzia um trecho de ceo entre amarello e verde, esmaltado por uma estrella ainda mal accesa.

Então o austriaco avistou, muito para deante, um quadro de luz alaranjada, e presentiu

que era ali o incognito abrigo que o estava chamando.

—Mas que vae ser—perguntou, lembrando-se de repente—do meu postilhão e do meu lacaio?...

Hans voltou-se para traz, rindo sardonicamente. Deixou escorregar as rédeas para os hombros e pegou no violino.

—O demonio leve—cantou zombeteiramente ao longo da clareira—os lacaios e os postilhões! O demonio leve a prudencia e a previsão! Gente moça gosae a mocidade!

*
* *

Deus sabia que gentil hospedeira estaria a esperal-o—tinha dito o rabequista ao companheiro.

Apenas bateram, a porta abriu-se á mão de uma rapariguita de aldeia, cujas tranças loiras e rosto pequeno e levemente tostado, os dois puderam ver á luz, que illuminava o interior da casa.

Estevam sentiu um vivo desapontamento. O companheiro, que lhe dera o acaso, não lhe tinha mettido na cabeça a loucura de que, sob aquelle tecto solitario, encontraria coisa á altura da sua elevada phantasia?

—Geiger-Hans! gritou a rapariguita com espanto.

—Geiger-Hans! repetiu de dentro da casa o echo, e logo appareceu uma camponia velha, bamboleando-se como um ganso e de mãos estendidas.

—Sê amavel para o meu companheiro, ó «mãe da floresta», emquanto eu vou tratar d'este irmão—besta. Assim disse o tocador ambulante, e levou o cavallo para o pateo, que havia nas trazeiras da casa.

Estevam tinha entrado para a vasta cozinha, alegre, ao menos, pelo seu prosaico aroma de hortaliças, desde que o romance tinha emmudecido com o rabequista.

Era uma casa ampla, cujas paredes e tecto, forrados de carvalho, refletiam a luz do candieiro de latão e o clarão da rubra fornalha, em chammasinhas côr de junquilho e brilho côr de papoula. Uma meza de carvalho muito escuro corria quasi de um extremo ao outro, e estava coberta, até meio do comprimento, por uma toalha branca de neve e com bainhas e flores feitas a linha vermelha.

Um relogio alto, com a frente pintada a côres vivas, tinha um tic-tac solemne. Por cima dos armarios, carregados de louça azul e branca e de panellas de estanho, viam-se pontas de veado e cabeças de javali de beiços arrepanhados.

Estevam não tomou interesse por estas coisas, mas ficou satisfeito vendo que estava tudo no maior asseio. A cadeira de carvalho, onde se assentou, não correspondia, decerto, á sua nobre pessoa, mas, em todo o caso, valia muito mais do que o marco da estrada.

Parecia uma boa creatura a «mãe da floresta» e mostrou ter consciencia da gerarchia do seu hospede. Emquanto á rapariga, passou completamente despercebida ao viajante, que nem sequer um olhar lhe concedeu aos sapatinhos e ás meias escarlates, deixadas generosamento a descoberto pela saia curta á moda aldeã.

Foi a ella comtudo que Hans fez uma rasgada mesura, quando tambem entrou na cozinha.

—Menina Sidonia... disse elle, com o velho chapeo encostado ao peito, do lado do coração.

A resposta foi um sorriso meio ingenuo, meio malicioso. E os dentes da pequena brilhavam ainda mais brancos do que os d'elle no meio da face tisnada pelo sol, e onde por signal, havia umas covinhas deliciosas, que um rapaz de bom gosto tinha obrigação de notar. Mas que importancia podiam ter as covinhas na face de uma rapariga de aldeia?

O tocador chegou-se á velha, deitou-lhe os braços em volta do pescoço, pregou-lhe nas bochechas nedias e sadias dois beijos rechiados, e gritou:

—A ceia! A ceia! Se fôr boa, toco-lhes uma coisa tão bonita, que até os seus corações desatarão tambem a cantar!

A rapariga soltou uma gargalhada e correu para a fornalha em busca de uma panella.

—Santo nome de Deus! bradou a velha. Largue isso, menina Sidonia! Não é coisa para as suas mãos!

—Ora cale-se, faça favor! acudiu a outra. A minha ama não me criou para mandriona, pois não é assim?

—Então a velha criou-a?.., Julguei que fosse avô d'ella,—disse Estevam comsigo mesmo, apezar do nenhum interesse que o assumpto lhe inspirava.

—Pois então é servir o vinho—disse a ma-

trona, com risinho folgazão e unctuoso. E emquanto a rapariga ia rodeando a meza, com as longas tranças doiradas a balouçarem, tratou o exotico Hans de fazer entre o hospede e a hospedeira as devidas apresentações, com as suas patacoadas do costume.

—Esta dama, meu caro companheiro, é a respeitavel sr.ª Friedel, mãe do leal couteiro-mór do grande rei Jeronymo. E este cavalheiro é, veneranda matrona, um nobilissimo conde austriaco, a quem um desastre de viagem obrigou a acceitar, por uma noite, o abrigo d'estes humildes tectos.

A sr.ª Friedel fez uma grande mesura, e Estevam inclinou de leve a cabeça, mas como percebesse que o rabequista estava a escarnecel-o, poz-se muito vermelho e ficou furioso.

—Um copo em honra da sua chegada? perguntou Sidonia, debruçando-se-lhe por cima do hombro.

Approximou-se tanto que, sem querer, lhe bafejou o rosto com o halito fresco e perfumado, e lhe fez aspirar o aroma de um raminho de violetas, que trazia ao peito. Ao debruçar-se, para lhe dar o copo de vinho, uma das suas fartas tranças cahiu para cima do hombro do conde, fazendo-o aprumar-se arrogantemente contra o espaldar da cadeira.

—*Diavolo!* exclamou Hans. Sinto os dedos a esmorecer pelas cordas! Não tem duvida, que nada perdem com a demora. Oh! Está a chegar aqui o cheirinho delicioso de um guisado... Alguma peça de caça, hein?... Já vejo que se dão banquetes n'esta casa perdida nas solidões da floresta.

—Quando meu filho recolhe á noite... elle e os rapazes que o acompanham... vêem sempre com muita vontade de comer—explicou a sr.ª Friedel. Depois, voltando-se para Sidonia, pediu: Ande meu amorsinho, sente-se ao pé d'esse senhor e converse com elle, para o entreter.

A rapariga, n'um impeto de mau humor, arrastou, fazendo muita bulha, uma cadeira em volta da que o rabequista occupava, e sentou-se a certa distancia do viajante, que ficou isolado, como convinha á sua prosapia fidalga.

Hans bebeu á saude de Sidonia, e, quando ella ia encher-lhe o copo outra vez, o raminho de flores escapou-se e foi cahir sobre as mãos do musico ambulante.

—Violetas! gritou elle. E tornou-se como petrificado, com a lividez estampada no rosto. Empurrou para longe o prato, agarrou as flores, apertou-as contra os beiços e aspirou-lhes o perfume longamente. As lagrimas começaram a deslisar-lhe pelas faces, e os suspiros que irrompiam do peito com violencia, foram cortados afinal por um soluço.

Triste e com a cara afogueada, a rapariga foi para junto da velha, que continuava pausadamente a bater os ovos para a omelette. Nenhuma olhou mais para elle.

Estevam encarou com o musico, mas já tinha desviado os olhos muito enfadado, quando Hans se levantou, dizendo em voz quasi imperceptivel: «Já não posso comer hoje.» Foi buscar a rabeca ao banco onde a tinha deixado, encaminhou-se para a porta e sahiu em direcção á floresta.

—Já o tinha visto assim? perguntou baixinho Sidonia á sr.ª Friedel.

—Uma vez, no jardim, ao pé do canteiro de violetas. Lembrou-se provavelmente de algum antigo desgosto. Coitado! Quem se livra d'elles n'este mundo?...

Sidonia voltou para a mesma cadeira, descançou o rosto nas mãos e poz-se a olhar para o conde, distrahidamente. Foi quando elle notou o engano em que estava: não eram pretos os olhos da pequena, mas castanhos—castanhos com laivos doirados e verdes, como as aguas de uma corrente que se espraia á sombra do arvoredo.

—De que modo olha para mim!—disse d'ali a um instante Sidonia, com mostras irritadas.

O aristrocata mirou-a desdenhoso. «Elle!... Olhar para uma rapariga do campo!» Foi a sr.ª Friedel quem afinal rompeu o silencio:

—Não ouvem?... Ahi chega o meu filho!

Vinha, com effeito, de muito longe ainda, o som das trompas de caça. Um cão ladrou perto, no canil, como para responder, e as buzinas acordaram novamente os echos da floresta, mas cada vez de mais perto e com mais força.

—Sim! Sim!—disse a velha applicando o ouvido—é o toque da «Volta ao lar».

*
* *

Fóra da casa ia um enorme clamor: eram os cães a ladrar e a ganir, eram as trompas tocando ao desafio, eram os homens vozeando

alegremente. O couteiro-mór passou pela abertura da porta metade do alentado corpo e fez para sua mãe um aceno com a cabeça. Pelo que se lhe via do uniforme verde, podia calcular-se que estava fardado com esplendor: uma exhibição enorme de botões doirados com a coroa real esculpida, de alamares, de emblemas. O rosto largo e sardento, que todo parecia destinado a reflectir a alegria, avincava-o a anciedade: os olhos iam e vinham, com expressão de contrafeitos, do conde para Sidonia e de Sidonia para o conde.

Por fim o couteiro entrou e foi segredar á velha o que quer que fosse.

—Pelo amor de Deus!... disse ella, de mãos postas afflictivamente.

—Escute, mãe! murmurou o rapaz, levando o dedo aos labios para lhe impôr silencio, e voltando-se para a porta.

O conde tinha acabado de comer o guisado e estava agora a contas com uma codea de pão e um copo de vinho. Animado pela esperança, voltou-se na cadeira... vagarosamente porque um fidalgo não deve ser curioso.

Lá fora na escuridão da noite, sobre o fundo oscillante da folhagem e sob o clarão de dois archotes deparava-se um grupo deveras pittoresco de cães de caça e caçadores: dois d'estes vinham carregados cada um com seu cabrito montez, cuja linda e innocente cabeça a morte fazia pender para o chão.

De repente operou-se mutação de scena. Um homem avançou do meio dos caçadores e entrou na cozinha, emquanto os demais desappareciam, levando o que tinham caçado; os cães e os cavallos foram conduzidos para distantes canis e cavallariças, e a clareira recahiu no seu habitual socego.

Quando viu o recemchegado passar junto d'elle, o couteiro-mór levou a mão á testa por um movimento espasmodico, e, de olhos muito abertos, deteve-a rigidamente a meia altura. A mãe fez uma cortezia respeitosa, e Sidonia ficou a olhar com sincera curiosidade, abrindo a bocca de maneira, que todos os que tivessem o cuidado de observal-a se extasiariam perante o esplendor dos seus dentes juvenis.

O homem estacou, relanceando a vista para todos os circumstantes: era um moço de pequena estatura, magro, de rosto trigueiro e bem talhado, e cabello cortado rente por traz e dos lados e descendo, ao meio da testa, em melena ligeiramente anelada. Os olhos brilhavam-lhe por baixo das sobrancelhas espessas e direitas. O seu traje de caçador, embora egual no talhe ao de Friedel, era de panno mais fino e novo em folha. A gola erguia-se muito aos lados da barba, que no centro descançava em dobras de delicada cambraia.

Ah! Este sim! É com certeza fidalgo como eu!—pensou o conde de Waldorf-Kilmansegg.

Mas as primeiras palavras do homem baixinho destruiram de prompto a illusão.

O meu amigo Friedel aqui presente—disse elle para a velha, n'um allemão estrangeirado, —assegurou-me que sua mãe me daria hospitalidade por uma noite, visto eu ser companheiro de seu filho. Eis a razão por que estou aqui.

Como sorriu, a cara tomou-lhe uma expressão ordinaria e quasi atoleimada, que destruiu o effeito causado pela sua apparencia delicada, e fez o conde de novo concentrar toda a attenção no pão e no vinho, tendo-lhe provocado primeiro um gesto desdenhoso.

—São bemvindos para mim todos os amigos de meu filho—disse a velha, sorrindo contrafeita.

Friedel tambem se tornou de repente muito vermelho, e ficou a piscar os olhos e a engulir em secco, tão pouco á vontade como um peixe fora d'agua.

—Pelo que vejo tenho eu mesmo de me apresentar!—exclamou o caçador soltando uma gargalhada e dando uma forte palmada no hombro de Friedel.—Sou o couteiro Meyer, para servil-a aqui e onde quer que esteja.

—Ó homemzinhos!—disse Estevam—Vejam lá se fecham essa porta, que me fica por traz das costas.

—Hein! bradou Meyer com sobranceria. Quem temos nós aqui?

—Um hospede como o sr. Meyer—respondeu logo a sr.ª Friedel com sequidão, indo apressadamente para a fornalha, emquanto o fidalgo se revirava outra vez na pesada cadeira, a fim de completar aquella deficientissima indicação.

—Sou um nobre austriaco, se tem muita vontade de conhecer-me—continuou elle a dizer.—E o sr. Meyer—accrescentou com mais urbanidade, impressionado pela manifesta explicação de certos indicios, que o tinham desconcertado—é talvez o inspector d'estas florestas e anda passando a sua inspecção. Noto que fala com autoridade e que a sua pronuncia não é a de um natural do paiz... mas sim a de um patricio do rei Jeronymo.

Meyer soltou outra gargalhada.

—Oh! que finissima perspicacia a do fidalgo! disse alegremente.—Amigo Friedel, fecha lá a porta! Pois é verdade—proseguiu, dirigindo-se novamente ao conde.—Como não posso manter o incognito, confesso que ando passando uma inspecção por conta de Sua Magestade o rei Jeronymo Bonaparte. Ah! Ah! Ah!

—Ah! Ah! Ah!—repetiu Sidonia rindo sem motivo, como faria uma creança.

—Hein! Quem mais temos nós aqui? disse o inspector, mudando de tom. E dos olhos despediu um lampejo singular, emquanto examinava demoradamente a rapariguita, desde a loura cabeça até aos pés, e em sentido contrario.

—Eh! Eh! resmoneou o sr. inspector affagando ao de leve aquelle rostosinho escarlate, que tinha tomado entre as mãos, a fim de voltal-o para a luz.

—Nós aqui não seguimos as modas dos francezes—notou rabugentamente a sr.ª Friedel, o que provocou da parte do filho um gesto de energica advertencia.

Estevam, a quem isto não passou despercebido, ficou profundamente ennojado por ver o rapaz ter tamanho medo de um superior de insignificante categoria.

Como o vinho era forte, não admirava que já fosse subindo á cabeça do joven fidalgo. Tanto assim acontecia, que o conde começou a sentir-se extravagantemente provocador, e a desejar que voltasse o rabequista mais a sua musica. Ouvisse melodia que se casasse bem com aquella bebida côr de ambar, e tinha a certeza de que a sua mocidade, a que o vagabundo se referira tanto, experimentaria prazer especial em armar contenda com o tal Meyer, cujos olhos tomavam uma expressão altamente desagradavel quando se fitavam na rapariguinha de aldeia; com aquelle francez que encolhia os hombros tão irritantemente, e sorria de maneira tão avillanada.

Mas se o inspector tinha olhos para as caras bonitas, tambem tinha ouvidos para os ladrões de caça. O som distante de alguns tiros dados na floresta, fizeram-n'o estremecer e ficar á escuta. Vendo Friedel, de feições contrahidas, correr para a espingarda, que deixara a um canto da sala, Meyer sorriu e fez-lhe signal para que se contivesse. Foi entreabrir a porta e poz-se a escutar. Depois, com a physionomia a alargar-se ainda mais n'um sorriso, fechou a porta e voltou para a meza.

—Certamente já tem formado plano de agarrar os pobres diabos—pensou o conde.

Mas embora julgasse logica a explicação, sentia adejar em volta de si uma especie de mysterio, como se a aventura annunciada pela musica do rabequista estivesse a ponto de realisar-se.

Augmentou muito mais esta impressão, com o silencio que succedeu aos tiros. O francez parecia dominado por irresistivel desassocego. Percorria a sala de um extremo ao outro, comparava a hora indicada pelo relogio, que tirava da algibeira a cada instante, com a que lia no relogio da parede; ia á janella e tamburilava com os dedos na vidraça.

Estava sobresaltado certamente por qualquer motivo, mas Estevam debalde fatigava com conjecturas o seu espirito pouco imaginoso. Pois o motivo estava bem proximo.

Sentiram-se vozes e passos fóra de casa, e alguem bateu á porta com força.

—Será possivel que Deus Nosso Senhor ainda nos mande hoje mais hospedes!—bradou a sr.ª Friedel.

Era exactamente o que Deus Nosso Senhor lhes mandava, se porventura se podia lançar para tão alto semelhante responsabilidade. Mais duas pessoas entraram na estalagem, sem esperar que as annunciassem.

Por Santo Huberto!—disse Estevam comsigo mesmo, vendo que uma d'ellas tambem vestia o uniforme de couteiro—Sua Magestade Westphaliana tem mais couteiros do que folhas ha n'esse arvoredo! E que formosura!—accrescentou, ao dar com a vista na mulher, que pendia do braço d'aquelle visitante. Como se tratava de uma senhora, levantou-se.

O inspector e o couteiro recemchegado trocaram uma rapida olhadela. E então o segundo, dando estalos com o chicote que trazia na mão, começou a vociferar um allemão execravel, a que misturava, de vez em quando, pragas francezas. Era evidente que o rei Jeronymo gostava de ser servido pelos seus compatriotas.

—*Parbleu!* disse o homem do chicote. Não foi pequena fortuna encontrarmos um abrigo decente. Cheguei a suppor que ia passar, juntamente com esta senhora, a noite debaixo das arvores da floresta!

Ella no emtanto, a despeito da viva côr das

faces e do brilho dos olhos, mostrava-se tão fraca e abatida, que a sr.ª Friedel e sua filha de leite a ampararam e fizeram sentar n'uma cadeira.

Estevam ia para lhe offerecer um copo de vinho, mas o inspector Meyer antecipou-se-lhe arrogantemente.

—Que indigno attentado, succedido, de mais a mais, n'uma estrada de Sua Magestade! A carruagem d'esta senhora assaltada por bandidos!—disse o alentado couteiro, que tinha acabado de entrar.

—E que desgosto para Sua Magestade!—observou gravemente o inspector, sentando-se ao pé da recemchegada e descalçando-lhe parte da luva, para lhe tomar o delicado pulso.

—A escolta ainda fez fogo... Com todos os diabos!—disse o do chicote.

—Estupendo!—commentou o inspector.—Um copo de vinho, minha senhora?...

—Mas depois... mil raios os partam!... desataram a fugir cobardemente, abandonando-a sem defeza.

—Que vergonha!—commentou de novo o inspector, largando aquella linda mão, para receber da outra o copo despejado.

—Se eu não tivesse ouvido os tiros e acudido tão depressa, nem quero imaginar o que teria acontecido!

—Estou a tremer só de a contemplar!—disse Meyer.

—Meu valoroso libertador!—murmurou a dama, com voz meiga.

De repente escondeu o rosto nas mãos e teve uma tremura ao longo de todo o corpo.

Meyer olhou para a sr.ª Friedel, com ar de profunda compaixão, e explicou:

—É um ataque hysterico. Não admira...

A velha foi desembaraçando um pouco a viajante da bella capa côr de vinho que a envolvia, emquanto Sidonia lhe tirava o chapeu de velludo enfeitado de grandes plumas brancas, e punha a descoberto o cabello escuro e anelado d'aquella cabeça encantadora.

—Muito bem, Schmidt, eu... Ah! Sim!—disse o inspector Meyer.—O seu procedimento ha de ser levado ao conhecimento de Sua Magestade, para que tenha a devida recompensa.

—Muito obrigado, meu senhor... ah!... muito obrigado, Meyer,—redarguiu o alentado couteiro Schmidt, com estranho sorriso de malicia.

—Ai! Ai! Ai!—gritou a dama. E deixou a cabeça descahir para traz e os braços para os lados. Ao mesmo tempo derramava lagrimas copiosas, que lhe aljofraram as faces. Talvez fosse ataque nervoso, mas Estevam pensou que nunca em dias de sua vida assistira a mais completo espectaculo de commoções.

Tendo enxugado os olhos, a bonita mulher levantou-se mais leve do que uma avesinha, e emergindo das amplas dobras da capa, patenteou um vestido justo, azul pallido, apertado, informemente ao seio, por um cinto de amethystas engastadas em oiro.

O conde ficou extasiado perante aquellas formas de um roliço encantador, perante aquella bocca entreaberta n'um sorriso, perante aquelles olhos escuros, innocentes e profundos. Uma revelação!...

—E, além de tudo, fidalga!—disse comsigo mesmo.—Que delicadeza de aspecto! Que elegancia!—Um nobre austriaco sabe muito bem o valor das joias.—Quantos aneis nas suas mãos finissimas! Que lindas perolas nas suas rosadas orelhas!

—Ah! *Dio mio!*... Sempre tenho uma fome!...

Era italiana. Que estranho concurso de nacionalidades n'aquelle cantinho de terra allemã!

A fixidez do olhar do moço conde, attrahiu a attenção da bonita mulher. Encarou-o com surpresa e interesse, e acabou por lhe sorrir. Parecia convidal-o para que lhe falasse.

Pois não era elle o unico homem fino que ali estava, o unico, portanto, com quem uma senhora poderia conversar?... Avançou dois passos, com o coração a pulsar desordenadamente.

Os tres couteiros, em grupo, observavam-n'o e falavam baixinho uns com os outros, mas sem que Estevam o notasse, de absorvido que estava pelos olhares de sympathia, que lhe dardejava a beldade. Como lhe visse cahir das mãos o lenço, levantou-o promptamente e restituiu-lh'o, aproveitando o ensejo para lhe dar um ligeiro aperto de mão.

Ó Geiger-Hans, Cantor da Mocidade, tinhas adivinhado, porventura, este instante de arrebatamento?...

—Mil graças!—murmurou ella.

As graças... Estavam todas reunidas n'aquella mulher!

—Dá licença que eu mesmo me apresente? balbuciou o austriaco.

Mas o inspector, tomando-lhe o passo, atalhou com voz estridente:

—Deve por força estar muito cançado!

Estevam estremeceu de raiva, mas viu de um lado o couteiro Schmidt, e do outro o couteiro Friedel, que lhe disse ao ouvido, em tom submisso, mas de terminante advertencia:

—Vou mostrar ao amavel cavalheiro o caminho do seu quarto.

—E eu vou ajudal-o a chegar até á porta, *tonerre de Dieu!*—exclamou o outro, apertando o braço do conde debaixo do seu, como n'um torno de ferro.

Estevam libertou-se por um um esforço violento. Para alguma coisa, porém, deve servir a um homem o correr-lhe nas veias o prudente sangue britannico. Humilhante como era a posição em que estava, um momento de reflexão convenceu-o de que a resistencia só poderia augmentar-lhe o ridiculo, debaixo, de mais a mais, da luz que espargiam aquelles olhos.

— Indique-me o caminho — disse para Friedel. Tendo feito á dama um cumprimento, seguiu a escolta com toda a dignidade que poude assumir, e sahiu pela porta que dava para a floresta.

Refervia-lhe tanta raiva dentro do peito, comia-lhe tanto a palma da mão, com a gana de assental-a nas gordas bochechas do insolente Schmidt, que só depois de estar sob o tecto de um casebre escassamente allumiado e entre medas de palha, é que percebeu que julgavam um palheiro como sufficiente abrigo nocturno para o conde de Waldorf-Kilmansegg.

—Uma noite muito feliz!—disse-lhe Friedel e retirou-se.

*
* *

—Outra vez juntos!

Relanceando a vista em volta de si, Estevam descobriu o vulto do amalucado rabequista.

—Juntos na palha... E dão semelhante cama a um fidalgo!... *Misérables!*... Estes couteiros de má morte não teem a mais leve ideia do que sejam as gerarchias sociaes! Mas eu, cá por mim, antes quero esta palha muito limpinha, amarella, e cheirando a sol no meio da escuridão, do que um enpanturrado colchão de pennas, nem sempre cheirando a cravos nem a rosas.

—Geiger-Hans! ouviu-se gritarem com força atravez do ar frio da noite.

O tocador de rabeca voltou-se n'um pulo, e correu até ao meio do pateo, que o luar illuminava. O perfil da casa recortava-se sobre o pallido ceo. Cantigas de bebedores e gargalhadas boçaes vinham de longe, dos casebres em que os companheiros de Friedel se alojavam junctamente com a matilha.

De um balcão de madeira, a cavalleiro do tecto, sahia uma restea de luz amarellada. Sidonia debruçou-se no peitoril, escudando com a mão a vela, contra a aragem da floresta.

—Está ahi, Geiger-Hans?

—Estou, sim, meu amor...

—Ainda bem! Escute! Escute! Debruçou-se um pouco mais. As tranças pendiam para baixo, avermelhadas pela luz da vella e prateadas pelo luar. A voz entecortava-se-lhe, com tremuras de raiva:

—Não sabe?... Elle quiz... beijar-me!...

—Elle quem?...

—O homemzarrão do chicote. Agarrou-me pela cintura. Como não tinha mais nada á mão, bati-lhe com as tranças e acertei-lhe mesmo nos olhos...

—Nos olhos!... Bravo! Bravo!—gritou o rabequista, dando palmas.

—Zuniram como um azorrague. Foi uma verdadeira chicotada—disse a rapariguinha, chorando e rindo ao mesmo tempo.—Parece-me que o ceguei. Posso ir lá abaixo ter comsigo, ó Hans?... Preciso de conversar... ouvir musica...

—Aqui não está melhor...

Ainda não tinha acabado de dizer isto, quando viu Estevam sahir da sombra e approximar-se-lhe. — Era horrivel pensar que a dama de olhos pretos estava em companhia d'aquelles brutamontes.

Sidonia recuou um pouco e deu um grito.

—Não tenha medo, menina. É o meu companheiro. Mas ouça! O que deve fazer por causa dos outros, é ir para dentro e fechar bem a porta do seu quarto. Deite-se e durma descançada, que eu fico de sentinella.

—E toca para eu ouvir?—perguntou indo já a retirar-se e voltando-se para traz.

— Toco, sim, minha filha, uma musica com que vae adormecer agradavelmente, mas que a outros... fará dançar.

Sidonia desappareceu. Hans voltou-se para Estevam. Ria, mas os olhos faiscavam-lhe como os de certos animaes bravios na meia obscuridade.

—Ouviu?—perguntou elle.—A rapariguita bateu no bruto, ao passo que o senhor ... Oh! o senhor deixou que os labregos de dois couteiros o levassem pela porta fóra! Estevam Lee, conde de Waldorf-Klimansegg é um innocente cordeirinho ... Que diacho lhe corre nas veias: sangue ou agua com assucar? ... Um rapaz na flor ... na força da vida, consentiu que o boçal do Schmidt lhe puzesse as mãos! ... Pelo sangue de meus paes! Se o mariola tivesse tocado em mim que já sou velho, ficava logo marcado pelo meu chicote! Perdão! Perdão! O colosso tem bons musculos e ... Acho-lhe toda a razão, sr. conde! Acima de tudo sejamos prudentes! ... Só digo que mente essa mascara que tem no rosto, a pelle lisa, o cabello sem uma branca sequer. É moço na cara, mas não é moço no coração. Esse está como uma avelã pêca ... reduzido a uma pitada de moinha ... Pois eu ... e tenho o corpo gasto e alquebrado ... ainda conservo muito mais d'esse dom divino, chamado mocidade! ...

—Cale-se! bradou Estevam a tremer, ferido até o intimo de seu orgulho.—Não me entendeu. Estava deante de uma senhora ...

—Senhora! Oh! Oh! Oh!—interrompeu o outro, soltando uma risada.

Durante a vehemente objurgatoria, o musico tinha ido sempre avançando, de maneira que o conde, á força de recuar inconscientemente, ficou afinal encostado ao muro da casa. Por uma janella, que não estava fechada, chegou até aos dois homens um som, que parecia mais de suspiro que de palavras:

—*Ah! Dio!*

—Veiu á deixa! casquinou o artista ao ouvido do conde e sumiu-se na escuridão.

A janella era de um quarto do andar terreo. A bonita mulher debruçou-se para fóra, com os cotovelos no peitoril. Pela face deslisou-lhe um raio obliquo de luar.—Como era possivel haver formosura assim? ...

—Minha senhora!—disse-lhe Estevam. E aquelle coração, que julgavam reduzido a moinha, pulsou de um modo que até então lhe era desconhecido.

—Cale-se!—acudiu ella baixinho, pondo um dedo sobre os labios.—Ah! É o senhor! ...

Estevam deu um passo para diante e ficou banhado pelo mesmo raio de luar. O que não poude notar, foi que tambem estava parecendo muito bem, e sob um aspecto altamente romantico.

Perto d'ali, no seio das trevas, o arco do rabequista correu pelas cordas. Tão ligeiro o som, que menos substancial, mais tenue parecia do que o proprio luar; ciciava ao ouvido tão suavemente, como se fôra coisa que elle não sentisse. A mão do conde encontrou os dedos macios e quentes da bonita mulher ... a fragancia que exhalavam aquelles cabellos anelados inebriou-o. Ella fitou os seus olhos nos d'elle, e os olhos animaram-se-lhe, incenderam-se.

Dize-me, artista, que feitiço tem a tua musica? Que meiguice estranha insinua, que mysterosa audacia aconselha? Os labios descerrados d'aquella mulher deixavam entrever os dentes a brilharem, e veiu aquelle rapaz, que nunca beijára uma bocca pedindo amor ... Como estão já tão perto! ...

Rangeu uma porta no quarto. Ella esquivou-se ás mãos timidas. O debil trama de melodia quebrou-se como filandras que fluctuam no ar.

Estevam julgou ouvir o riso suffocado do rabequista ... Sentiu-se uma exclamação abafada ... Deveras tambem ella estaria a rir?... E viu—viu, sim!—o inspector surdir por traz da seductora mulher, agarral-a pelos hombros, puxal-a para dentro com violencia, e as portas baterem fortemente, fechando-se-lhe na cara! Ao mesmo tempo o chão ... como que o sentiu tremer debaixo dos pés. Tudo á sua vista pareceu que tomava a côr do sangue. Era ali o quarto d'ella, e até ali o maldito homem a tinha seguido! ... Realmente não tinha mocidade, não lhe corria sangue nas veias? ... Pois havia de tolerar isto?... Girou sobre os os calcanhares, precipitando-se ás cegas para a porta da entrada, e deu de cabeça contra o amplo tronco do Schmidt.

Explodiu uma praga em francez, e ouviu-se, em mau allemão perguntarem «Vae cego este diabo?» Novamente, do seio da escuridão, o rabequista soltou uma gargalhada ... Ou foi a sua musica? ... Ou os diabos que de emboscada mofam e incitam?... Ao certo nunca elle soube o que succedeu, até que um estampido, como de um tiro de pistola, estalou no meio da noite ... Reconheceu que afinal encontrava ao alcance da mão aquella cara larga e insolente. O som da bofetada esclareceu a

confusão que tinha no cerebro, do mesmo modo que uma lufada de vento varre o nevoeiro. Schmidt mugiu como um touro furioso, mas Estevam aparou a pancada do chicote com a agilidade que lhe tinham ensinado em Londres. Enlaçaram-se um ao outro com

COMO ESTÃO JÁ TÃO PERTO!...

furia, mas tendo sido elle o provocador e degenerando por fim o conflicto n'uma lucta de vida ou de morte.

E Hans moveu o arco sobre as cordas qual verdadeiro possesso. Era um canto ferocissimo de combate, que surgia agora cada vez mais penetrante, mais energico, mais rapido, erguendo-se no ceo tranquillo. Pelo ar subiam

as pragas do couteiro Schmidt, porém Estevam luctava em silencio, como fidalgo que era. Emquanto viveu sustentou sempre que ia levando a melhor contra o alarve até que, prendendo o calcanhar n'uma raiz, tombou desamparado para o chão, cahindo-lhe o outro por cima. Sentiu durante minutos a agonia da suffocação . . . por diante dos olhos o lampejo de uma lamina de aço, a que o luar deu um tom azul doirado . . . o estampido de dois tiros . . . um grito de mulher. E então o conde de Waldorf-Klimansegg deixou de ter consciencia do que se passava, e o espirito fugiu-lhe velozmente, ao compasso de uma musica extraordinariamente vivaz.

*

* *

Descerrou Estevam as pesadas palpebras e divisou uma claridade azulada insinuando-se por entre molhos de palha muito amarella, e deu vista do grande quadrado de alvacento nevoeiro e de oscillantes folhas, que a porta do palheiro, escancarada para a luz matutina, punha a descoberto. Voltou a cabeça para o outro lado e sentiu-a sobre almofada de linho exhalando perfumes, e teve uma impressão de ligeira dôr a contrariar aquella sensação deleitosa.

Bailava-lhe no cerebro uma musica alegre, vulgar, absurda. De subito descortinou a figura de um homem, que, sentado no chão e de pernas cruzadas, punha uma corda na rabeca.

A memoria voltou-lhe immediatamente.

—Foi por causa da musica!—disse elle.—Oh se foi!

Hans despediu-lhe um olhar de mofa, por baixo das franzidas sobrancelhas e retorquiu:

—Afinal de contas não apanhou o beijo.

—Pois sim, mas elle apanhou uma tremenda bofetada!

Espicaçado por esta recordação, levantou-se e conheceu que, além de umas ligeiras tonturas e um certo entorpecimento, não tinha outro incommodo.

—Pouco faltou para que a faca do patife lhe entrasse na pelle—disse o artista seccamente.—Era como acabava de ficar sabendo o que se deve á mocidade. No emtanto sempre tem aptidões. Sim, algumas aptidões.—Esticou mais a corda, arrancou-lhe um som agudo, e fez um aceno com a cabeça.

Um gallo cantou no pateo da herdade da floresta. Um tordo tambem cantava, no meio do destemperado chilrear dos passaros. A brisa perfumada vinha, atravez da rama dos pinheiros, refrescar a cabeça e o pescoço do conde, que levou a mão ao coz da camisa meio desabotoada, e encarou com o rabequista, cuja cabeça continuava a balouçar.

—A queda atordoou-o—disse este—tanto mais tendo-lhe cahido em cima aquelle grande animal. O que lhe valeu, foi eu a tempo segurar a mão d'elle. O homem pequenino veiu logo de corrida até cá fora e berrou: «Não quero sangue, d'Albignac!» Tem esta qualidade boa . . . compadece-se pela vida alheia.

—O homem pequenino . . . d'Albignac—repetiu com espanto o austriaco.

—Mediu-lhe admiravelmente a largura das bochechas: refiro-me ao d'Albignac—disse o musico.—Nós dois juntos podemos fazer grandes coisas . . . Não percebe que Schmidt era o d'Albignac, *chouan* renegado, hoje mouteiro-mór do rei da Westphalia e condescendente . . . intermediario para certas conquistas de Sua Magestade? . . .

—Sua Magestade . . . o rei Jeronymo?

—Deveras suppoz que Meyer e Schmidt fossem nomes verdadeiros de francezes? Valha-o Deus! Um tal incognito não podia enganar . . . um gato.

A madrugada vinha rompendo a pouco e pouco, mas a luz no cerebro de Estevam fez-se de repente e vivissima.

— Então — tartamudeou elle — aquella senhora? . . .

—A illustre dama é, meu pobre amigo, uma simples dançarina genoveza, que o imperador Napoleão, sensato e grande homem, mandou remover, por dois emmissarios, para longe d'estes reinos, onde a sua presença não contribuia para a dignidade do rei, nem tão pouco para a da rainha. O grande Napoleão é muitissimo niquento no que respeita á dignidade de Suas Magestades Westphalianas. O nosso pequenino soberano jurou, comtudo, aos seus deuses, que ainda havia de ter uma ultima entrevista e . . .

—Deus meu!—murmurou Estevam e passou a mão pela bocca, julgando-a maculada pela sombra do beijo, que tanto desejara.

—Então o Meyer é? . . .

—O nosso manosinho Jeronymo, está visto!

E emquanto o arco bailava subtil nas cor-

das, o rabequista cantou, com voz suave e amortecida, a estupida modinha:

Nous allons chercher un royaume
Pour not' p'tit frère Jérôme...

— Assim cantavam os soldados antes de Iena,— explicou elle.—*Sapristi!* É moda agradavel e patusca! A noite passada os nossos amigos, apenas a ouviram, desataram a fugir.

E, como Estevam se mostrasse cada vez mais espantado, Hans proseguiu com voz zombeteira:

—Quem anda por caminho torto, foge ainda que não o persigam. Não ha ninguem para metter medo ao pequeno Rei como o grande Imperador. Mesmo no seio da victoria, o irmão gigante não tira a vista de cima do mano pygmeu. E metteu-se na cachimonia d'este ultimo, que sou eu o olho mais vivo de Napoleão. Basta-me, como vê, tocar aquella musica, para que Sua Magestade da Westphalia e

AFINAL DE CONTAS NÃO APANHOU O BEIJO!

a sociedade selecta que o acompanha... Pfft!—Hans fez um gesto largo e produziu com os beiços um som imitativo do ruflar das azas.

—Foram-se, evaporaram-se como um bando de pardaes que sentiram bulha.

—Todos? perguntou Estevam. E ficou succumbido, apesar de ella ser uma simples dançarina de Genova, e mulher de costumes faceis.

—Sim, tambem a bailarina se foi, antes do romper da madrugada. E Sidonia tambem... Ah! Ah! Com que então para o sr. conde as saias curtas fazem a aldeã, e as joias de preço a fidalga?... Ah! Ah! Ainda o estou a ver fugindo ennojado ao contacto das tranças da encantadora creança!... Pois foi ella que, alta noite, lhe trouxe uma almofada, e que ahi mesmo chorou desconsoladamente, por julgal-o morto... Para que socegasse, tive de obrigal-a a pôr-lhe a mão sobre o peito, e só quando lhe ouviu o coração bater com força... Aquella é que é fidalga... Raça mais nobre, creia, nunca o meu amigo encontrará nas suas viagens. E, além d'isso, é a herdeira mais rica d'estes logares. Oh! A respeito d'ella não se dizem mentiras. De vez em quando vem visi-

tar a ama que a criou. Capricho, veneta que lhe dá... Mas o sr. conde não pensou em olhar-lhe para a cara, nem lhe viu o pésinho... Se era uma aldeã, *pardi!*... Pois saiba que o Jeronymo...

—Jeronymo! repetiu Estevam, e, sem saber porquê, sentiu um impeto de raiva como nunca tinha tido.

—O Jeronymo fez-lhe umas festinhas na cara—disse o musico—e por isso eu e o Friedel, á cautella, a expedimos para o seu castello... Foi emquanto o sr. conde estava a dormir. Mas ouça cá e deixe-me esses ares de tristeza,—continuou, mudando de tom. Não acha instructivo saber-se como o rei da Westphalia passa o tempo, quando todos os homens do seu reino andam batalhando pela causa do imperio... requeimados pelo sol da Hespanha ou regelados pelas neves da Russia? E confesse, em todo o caso, que passou uma noite, de que ha de lembrar-se até ao fim da sua mocidade tão comedida e tão regrada. Bom! Bom! Ande comigo, que lhe quero mostrar uma coisa, que decerto ainda não gosou... Juro que não!... O nascer do sol na floresta!

O pateo estava silencioso e deserto. Sem a minima duvida, todos se tinham ido como um sonho.

—Olhe!—disse o musico.—Já admirou azul tão limpido? Veja todas estas arvores envoltas em mysterio, e a prata do orvalho luzindo em cada rebento; ouça-o tombando de folha para folha. É todos os dias uma nova creação! Oh! Eu tocava-lhe o canto da aurora, se elle não lhe estivesse já resoando ao ouvido! Escute! Que meigas caricias, que segredos, que murmurios! Não ouve os passaros?... Ouve, sim! É ainda o tordo de hontem á tarde, pousado na copa do abeto. E agora canta baixinho espreitando o horisonte. Gorgeará estridulamente quando o sol despontar. Sente o zumbido das abelhas?... E o aspero sussurrar do riacho atravez dos penedos?... Oh minha alma, que symphonia! O respirar da floresta, não o sente, fresco e vivaz?... E o sabor do musgo encharcado no rócio da manhã e pisado pelos nossos pés?... E o cheiro dos renovos das faias, do incenso dos pinheiros?... Repare!... Como arde a floresta com o fogo verde, que lhe percorre as entranhas!... Perto de nós o arvoredo é escuro e sem côr. Mas que chamma lá por dentro, a crescer, a expandir-se, oiro vivo, viva esmeralda! Veja agora, veja! Estão escarlates os troncos d'aquelles abetos! O sol já nasceu!

Calou-se o artista. — Recordando-se d'aquelle espectaculo, Estevam admirava-se mais tarde de que elle tivesse dito uma só palavra, ou que, ao menos, houvesse dado a comprehender os seus pensamentos. Viu a estranha creatura suspender o lento divagar, e, descobrindo-se, acenar-lhe com o velho chapeo.

—Adeus!—disse-lhe Hans.—A tia Friedel lhe dará de almoçar, e o filho já foi tratar da sua carruagem. Adeus, nobre conde! Não se esqueça de que está na mocidade!

—Quando o torno a vêr?—gritou Estevam, com o coração acabrunhado.—E acrescentou hesitante:—Companheiro?...

O outro, que ia avançando na floresta, a passos ligeiros e extravagantes, parou pensativo.

—Quem sabe?—respondeu, virando-se para traz.—Se souber a maneira de procurar... mas... quem sabe?...

Embrenhou-se n'uma clareira, onde o sol abria para diante d'elle um caminho doirado, e incendiava de chammas as verdes arvores, que de um lado e outro se elevavam exuberantes de seiva.

(Continúa.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Versão do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO).

Escola medico-cirurgica do Porto

D'ENTRE as tres escolas de medicina do paiz, a do Porto é a mais frequentada. Desde 1892 até hoje formou 502 medicos, o que representa a média annual de 38. Actualmente estão matriculados 209 alumnos, dos quaes destacaremos duas senhoras. E como não é larga a lista de senhoras formadas em medicina pelas escolas do reino, aqui deixamos em homenagem o nome d'aquellas que se formaram no Porto: D. Amelia de Moraes Sarmento, D. Guilhermina de Moraes Sarmento, D. Laurinda de Moraes Sarmento, D. Maria Paes Moreira, D. Maria Genoveva de Jesus e Silva, D. Maria Prata e D. Guilhermina Prata.

A quem pretendesse estudar ou conhecer em minudencias de erudição e estatistica a historia do ensino medico no Porto, nós indicariamos o *Relatorio apresentado ao Conselho Superior de Instrucção Publica*, na sessão de 1 de outubro de 1895, pelo sr. Dr. Ricardo Jorge. É trabalho subidamente notavel, em que o proprio homem de letras haverá de deleitar-se nas graças e nos fulgores do estylista.

RESENHA HISTORICA

«A historia do ensino medico no Porto é bastante obscura — conta um jornal portuense. — É de crer que os hospitaes que em tão larga escala existiam pela cidade fossem outras tantas escolas, onde se habilitassem praticos de escassa demonstração e sufficiencia, a quem documentos officiaes dão constantemente a designação de idiotas. No hospital de D. Lopo, situado na rua das Flores, antecessor do grandioso hospital da Misericordia, as mais remotas noticias relativamente ao aprendizado da cirurgia referem-se ao meado do seculo XVII. Um assento da mesa da Misericordia, datado de 1641, denuncía que fôra mandado reprehender o cirurgião Antonio Sucarello, por encarregar os praticantes da execução dos curativos dos feridos.

Para se obter a carta de cirurgião, reclamava se que o candidato possuisse a lingua latina e houvesse frequentado por quatro annos os hospitaes da terra em que vivesse, ou na falta d'este seguisse pelo mesmo tempo a clinica de um cirurgião. Em seguida procedia-se a um exame perante o cirurgião-mór do mesmo, ou

DR. MORAES CALDAS
Actual director

um delegado acompanhado por dois cirurgiões. Estas disposições vigoraram até ao fim do seculo XVIII, em que as attribuições do cirurgião-mór passaram para a junta do proto-medicato, de ephemera duração.

Pelos annos de 1749, creava-se a academia medica e cirurgica do Porto, pelas diligencias de Manuel Gomes de Lima, a quem se havia associado os doutores Manuel Freire da Paz e Pedro Brow, medicos da Relação e do hospital. P. Bronn, medico honorario da Relação e da Feitoria Ingleza, Pantaleão da Costa Lima e Antonio Pereira Cortez. Ahi se realisou em 1760 uma sessão solemne de congratulação pelo anniversario de D. José, em que varios academicos fizeram doutas conferencias, e em que, para reunir o util ao agradavel, se executaram trechos de musica.

A esta reunião assistiram as pessoas de maior distincção que residiam na cidade. Sessões analogas se realisaram nos annos seguintes. No de 62, depois de uma sessão inaugural, executou se uma serenata de musica divina em córos, composta por ordem da academia. O côro a cada momento soltava este estribilho:

Viva, viva la suprema
Sempre augusta majestá

As matriculas regulares foram permittidas e auctorisadas pela mêsa da Misericordia desde 1793. A frequencia foi, nesse anno, de 32 alumnos. O professor era um notavel operador, José Caetano da Cunha, que ensinou no hospital de D. Lopo, e foi seguido pelo Dr. Izidoro Ferréira Machado, que inaugurou as suas lições no Hospital Novo ou Hospital Real de Santo Antonio.

O curso de cirurgia durava quatro annos, sendo o primeiro consagrado ao estudo da anatomia, o segundo ao da physiologia, e os dois restantes ao da clinica cirurgica e operações. A instrucção, porém, era deficientissima, o material de ensino nullo, e nos exames finaes haviam-se introduzido abusos intoleraveis. Tudo isto reclamava providencias, e, por instancias de alguns homens dedicados aos progressos dos estudos cirurgicos, e nomeadamente pelas diligencias de Theodoro Ferreira de Aguiar, cirurgião-mór do reino, e amigo particular de D. João VI, apresentava e referendava o ministro José Joaquim d'Almeida Araujo

DR. ALFREDO MAGALHÃES
Secretario

THEATRO ANATOMICO

O decreto de 29 de dezembro de 1836 ampliou e egualou o quadro das Escolas de Lisboa e Porto, ficando as cadeiras distribuidas pela fórma seguinte, em virtude da resolução do Conselho Escolar: 1.º anno, anatomia: Bernardo Joaquim Pinto; 2.º anno, physiologia e hygiene, Dr. José Pereira Reis: 3.º anno, materia medica e pharmacia, Francisco Pedro de Viterbo; pathologia e clinica externas, Antonio Ferreira Braga; clinica cirurgica, Antonio José de Sousa; 4.º anno, apparelhos e operações cirurgicas e cirurgia forense, Vicente José de Carvalho; partos, molestias das mulheres de parto e de recem-nascidos, pelo mesmo, interinamente, e clinica cirurgica; 5.º anno, Historia medica, pathologia e therapeutica internas, Francisco de Assis Sousa Vaz; clinica medica, hygiene publica e medicina legal, pelo mesmo, interinamente, e clinica cirurgica.

Por carta de lei de 26 de maio de 1836 foram creadas na Escola medico-cirurgica do Porto mais duas cadeiras: anatomia pathologica, medicina legal e hygiene publica.

Os primeiros professores d'estas cadeiras foram: da 1.ª o Dr. José Alves Corrêa de Barros, e da 2.ª o Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Ozorio.

Corrêa de Lacerda o alvará de 25 de junho de 1825, que creou as Reaes Escolas de cirurgia de Lisboa e Porto.

Os primeiros professores na nova escola foram os seguintes: Bernardo Pereira da Fonseca Campeão, delegado do cirurgião mór do reino, director e lente do 5.º anno, durante o qual se ensinava a pathologia interna e a clinica medica; Vicente José de Carvalho, ex-demonstrador de anatomia no hospital de S. José de Lisboa, lente do 1.º, durante o qual se ensinava a anatomia e a physiologia; Francisco Pedro de Viterbo, lente do 2.º, em que se ensinava materia medica, pharmacia e hygiene; Antonio José de Sousa, que era cirurgião e mestre de anatomia e fôra cirurgião militar de S. Bento, lente do 3.º, em que se esinava pathologia externa, therapeutica e chimica organica; Joaquim Ignacio Valente, antigo cirurgião do exercito, lente do 4.º, consagrado ao estudo de medicina operatoria e obstetrica.

Como substitutos foram nomeados: Bernardo Joaquim Pinto, do 1.º e 4.º annos; Francisco de Assis Sousa Vaz, do 3.º; e Alexandre de Sousa Pinto, do 2.º e 5.º A abertura solemne da escola realisou-se a 25 de novembro de 1826, e as aulas começaram em 2 de dezembro.

AULA DE HISTOLOGIA

CORPO CATHEDRATICO E ALUMNOS DO ANNO 1880-1881

Por carta de lei de 10 de abril de 1875 foi instituida a cadeira de pathologia geral, tendo por primeiro professor o Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle. Em 1900 foi desdobrada a cadeira de hygiene e medicina legal: o primeiro professor de hygiene foi o sr. Dr. João Lopes da Silva Martins Junior, e o de medicina legal o sr. Dr. Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos. Finalmente em 1903 foram creadas novas cadeiras: anatomia topographica e histologia, sendo nomeado professor da primeira o sr. Dr. Carlos Alberto de Lima e da segunda o sr. Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães.»

COMO A INICIATIVA PARTICULAR AUXILIA O ENSINO MEDICO

A Escola medico-cirurgica tem sido comtemplada ultimamente com importantes legados, que, se mostram por um lado a consideração que merece ao publico pelos serviços que presta, por outro concorrem poderosamente para o desenvolvimento da instrucção medica. São elles: os legados Barão de Castello de Paiva e Macedo Pinto, destinados a premios escolares; o legado Assis, destinado á sustentação d'um pensionista em cada curso, á creação de bolsas para o aperfeiçoamento em Paris e Montpellier de medicos recem-formados, e ainda ao custeio de viagens scientificas pelos professores; e o legado Nobre, para a sustentação de doze alumnos, medicos ou não, em toda a duração do seu curso, revertendo o remanescente do rendimento em favor da escola, para ser empregado em beneficio do seu ensino.

Além d'estes legados, os amigos do mallogrado professor Manuel Rodrigu da Silva Pinto fizeram doação áquell estabelecimento d'uma inscripção de u conto de réis para um premio na cadei de hygiene e medicina legal

SALÃO NOBRE

RIQUEZAS DA ESCOLA

Modernamente a Escola Medica d Porto tem prosperado muito n'um impuls de aperfeiçoamento digno de louvor i condicional. Entre o material de estu que enriquece os laboratorios, mere especial registo o das secções de chimi medica, bacteriologia e histologia norma que representa um alto desenvolvimen de processos de investigação experime tal. A Escola possue vinte excellent microscopios dos melhores auctores, e u magnifico apparelho de projecção d casa Zeiss.

A sua bibliotheca comporta 20:00 volumes, que foram ultimamente catal gados pelo secretario interino da Escol o distinctiss mo professo Alfredo d Magalhães. é notavel por certo un ca a secçã de obras d medicina po tuguesa do seculos x XVI, XVII XVIII, orga nisada muit sabiament para essa bi bliotheca pel fallecido pro fessor Jos Carlos Lopes Comprehende-se o valor d'essa secção onde estão incluidas algumas centenas d livros de grande interesse bibliographic e historico.

LENTES E ALUMNOS

Seria interessante contar, a proposit d'esta Escola, onde, como é natural e meios academicos, tantos temperamento diversos passaram, um ou outro cas anedoctico, que ainda é um modo d

ar muitas vezes a silhuette
al de um homem, a syn-
de um caracter ou a aresta
s curiosa d'um espirito. E
haveria de tudo, á escolha,
le aquelles feitios bonachei-
amente bondosos até á rigi
um pouco dogmatica e im-
urbavelmente dura d'aquel
entes classicos, que se diria
erem sempre do Olympo,
palestrar com Jupiter. Aqui
se-hia um volume de histo-
hilariantes, de lusa chalaça
e licenciosa e faceta, de len-
e alumnos. O Dr. José Pe-
a dos Reis seria um grande
aborador d'esse livro de riso,
coligissemos os ditos e as partidas
sse morto illustre.

Em toda a parte é assim, quando ha
irito e mocidade E' certo que as
s das figuras perdem-se sem relevo,
s fica de muitos ainda um destaque
gido, pela ironia, pelo saber, pela bon-
e ou pelo genio.

Vem a talho de foice duas historietas
professores fallecidos, grandes ambos
talento e pela bondade. E não são
s duas coisas conciliadas que marcam

GABINETE DE CHIMICA

a verdadeira superioridade do homem?

A BONDADE DE JULIO DINIZ

Uma é de Gomes Coelho, o admiravel Julio Diniz da nossa litteratura. Imaginem que um homem já velho o procurava para lhe pedir a «valiosa protecção» no exame de pharmacia. Contára-lhe elle infortunios da sua vida, a real desgraça que lhe podia trazer uma reprovação, o quadro da familia numerosa, uma miseria dramatica.

—«Vá descançado!» disse lhe, commovido, o lente poeta. «Hei de fazer quanto puder, creia!»

Mas o bom velho, que dispunha apenas d'uns conhecimentos praticos, começou a estender-se d'um modo incalculavel. Julio Diniz, que ainda não tinha interrogado, estava afflicto, inquieto. Aquella fronte larga e melancolica do grande novelista engelhava-se de afflição. Pobre velho! Como salval o? E cada vez o pobre homem se compromettia mais. Julio Diniz empallidecia...

Coube-lhe a vez de o interrogar. Mas o que havia Gomes Coelho de perguntar-lhe? Cada vez seria mais grave e mais dolorosa a situação. Pobre velho! Perguntar-lhe o quê?

De repente Julio Diniz tem uma ideia, que lhe traz um sorriso... A fronte desenruga-se-lhe:

—Olhe: conte-nos a sua vida!

Esgazeado, o velho fitou-o. Não percebia bem.

PROFESSOR — EDUARDO PIMENTA

—Conte, conte a sua vida!

Animado, o homem fez com singelesa e verdade a narrativa dolorosa da sua existencia. Isso sabia elle contar, e tinha a eloquencia da dôr! O jury escutava o, visivelmente interessado. Julio Diniz sorria como se visse dissipar-se na sua grande alma, tocada por um vento abençoado, uma nuvem pesada...

Fitou carinhosamente os collegas com o olhar meigo e triste.

Sim, estavam satisfeitos. Já tinha dado a hora. O pobre homem passára, *nemine discrepante*...

GOMES COELHO
Julio Diniz

UM LENTE COSINHEIRO

N'uma madrugada clara de agosto, atravessava o professor Pimenta o campo de Santo Ovidio a passo miudo e rapido. A' altura do quartel de infanteria 18, encontrou-se com um estudante de medicina a quem votava uma estima especial. Cumprimentaram-se os dois. Conversando e rindo muito intimamente, seguiram até ao monte da Lapa. Separaram-se ahi. Combinaram, porém, encontrar-se novamente n'aquelle mesmo ponto.

No regresso, como o alumno se cançasse de o esperar, e soubesse do seu paradeiro, resolveu ir procural-o. Subiu a rua tortuosa e estreita até um alto, onde poisava, isolado, um pobre casinholo. Empurrou a porta, e entrou.

Como as casas das *ilhas*, esta nada tinha de especial. Um corredor; ao lado um quarto escuro; ao fundo uma cosinha estreita. No quarto, deitada num catre, jazia uma velha, em cujo rosto se lia a angustia do soffrimento; na cosinha o professor Pimenta, em mangas de camisa, o farto bigode matisado de carumas brancas fazia ferver uma panella abanando o lume. Como o estudante quedasse surpreso, o cirurgião explicou que se demorára a operar a enferma, procedendo á paracentese abdominal; depois, como a sentisse enfraquecidissima, saíra a comprar carne; e como ella não tinha ninguem, a pobre de Christo, estava lhe arranjando uma *sustanciasinha*...

Quando sahiram, como o estudante, commovido, elogiasse aquelle procedimento altruista, e na sua admiração consagrasse a lendaria bondade do Mestre, o professor Pimenta, atalhando-o, retorquiu singelamente, com um gesto rapido para lhe impôr silencio:

—Eis, meu amigo, uma coisa, que todos os medicos devem fazer, mas que nunca devem contar».

Memorias de um Kangurú

CONTADAS PELO PROPRIO

E COPIADAS POR

A. J. Dawson

FALAMOS CONSTANTEMENTE COM AS ORELHAS...

Desde o primeiro salto, que dei por esse mundo, fui logo fadado, quero crer, para uma vida aventurosa. Se aos homens acontece isto, porque não será determinado outro tanto para os kangurús pelos deuses que lhes regulam a existencia? E que de coisas eu tenho visto e feito nas eternas peregrinações atravez das florestas da minha Australia!...

Se duvidam, posso mostrar-lhes o registo das aventuras nas cicatrizes numerosas semeadas por toda a minha pelle e nem sempre cobertas de cabello. São os tropheus das façanhas que esmaltam o meu longo passado, especialmente esta grande costura que tenho aqui, na frente do pescoço, e que um cão de caça...

Oh! Ainda não ha nenhum que me assuste! Nem dois ou tres me fazem recuar. Pois escapei a alguns de respeito!

Vi a morte mais perto de mim, do que vejo n'este momento o papel em que escrevo; mas porque ainda cá estou, não me julgo com direito de escarnecer dos homens nem dos cães, que não conseguiram matar-me. Já sou velho, e por isso tenho o juizo amadurecido.

Querem que me apresente? Sou pardo escuro desde a cabeça até aos pés, incluindo a propria cauda, parte para nós, kangurús, muito importante. Só pareço mais claro quando os cães ou os caçadores passam por barlavento, buscando-me atravez do matto, e o pêlo todo se me erriça. Ah! Tambem tenho uma listra clara pelo peito abaixo.

Quando me ponho em pé, como qualquer homem, tão alta como a de um homem fica a minha cabeça, mas o meu focinho, não é por me gabar, serve para muito mais que o focinho de um homem. Desafio todos elles, e até os seus cães, para farejarem melhor que nós a approximação do inimigo. Até quando estamos a dormir!

É que os homens e os cães se abarrotam, umas poucas de vezes ao dia, com toda a casta de alimentos ruins, e contra a natureza, como é por exemplo a carne dos outros animaes e principalmente uma certa sopa. (1) Como poderiam então manter os sentidos em toda a sua vivacidade, especialmente o mais delicado e util, o olfacto? Mas ainda bem, para nós, kangurús, que os nossos inimigos, não teem as narinas muito sensiveis! De outro modo já teriamos deixado de existir.

E que ideia extravagante os homens formam a nosso respeito!

Um dos nossos, que esteve preso al-

---

(1) O auctor d'estas memorias refere-se evidentemente á sopa de rabo de kangurú, que os australianos consideram petisco delicioso.

gum tempo, contou-me, por exemplo, que elles julgam o kangurú desprovido de linguagem pela qual se entenda com outro kangurú, e que se falamos alguma vez é quando

EXPEDIA-ME PARA UM LOGAR DO MATTO Á SUA DIREITA ONDE EU FICAVA MUITO ACAÇAPADO.

estamos para morrer. Pois ha maior disparate! Prova apenas a curteza de vista que soffre a humanidade. Como não tem outra maneira de expressar-se a não ser aquella tão perigosa, bulhenta e grosseira, conclue que não podemos ter mais nenhuma. Fossem perspicazes os homens e conheceriam que falamos constantemente com as orelhas, com os olhos, com o focinho, com as mãos, com o rabo, e principalmente com os pés.

Supponha-se que, em numero de vinte ou trinta, andamos a pastar muito socegados da nossa vida no meio do silencio da noite e que uma das nossas sentinellas, afastada um quarto de milha do corpo principal, ouve ou fareja a approximação de gente, que vem caminhando atravez do matto. Julgam que cae na asneira de desatar aos berros, dando o alarme? Se tal fizesse, ao mesmo tempo que nos avisava, tambem avisava os nossos inimigos. Então é que é falar com os pés! Soubessem os homens ouvir, e conheceriam que as nossas sentinellas batendo no chão conseguem avisar-nos, não sómente da approximação dos inimigos, mas do numero d'estes e da direcção que levam.

Tenho ouvido dizer que os homens, na sua lamentavel cegueira, julgam descobrir nas nossas acções carencia de instincto maternal, por isso que algumas fêmeas de kangurús, quando perseguidas pelos caçadores, atiram para longe os filhos, e tratam de salvar a pelle fugindo a sete pés. Calumnia e despauterio. É que não sabem, certamente, que nos costumamos aninhar no sacco materno até chegarmos á edade madura. Se nossas mães quizessem então fugir aos cães de caça, carregadas com aquelle trambolho, acontecia-lhes forçosamente ficarem na bocca dos negregados, juntamente com a sua prole. É regra estabelecida entre nós que toda a mãe que fôr perseguida de perto pelos caçadores, trate de pôr a salvo os filhos ainda incapazes de se defenderem. Se não puder collocal-os em logar mais seguro do que o sacco respectivo, tem obrigação de fazer frente a todos os perigos.

Ainda me lembro do que fazia minha mãe, muito tempo depois de meu pae — um valente! — ter sido morto, e quando eu ainda era pequeno, mas já muito airoso, tão pequeno que a minha cauda, na raiz, não tinha mais de tres pollegadas de grossura. Quando nos davam caça, encaixava-me para dentro do grande sacco, mas, se o perigo era terrivel, parava, puxava-me para fóra agarradinho pelo cachaço, expedia-me para um logar do matto á sua direita, onde eu ficava muito acaçapado, corria para a esquerda como uma bala e parava outra vez á espera de que os cães a avistassem, para romper então para a frente n'uma tal corrida, que nem o vento seria capaz de apanhal-a.

Em chegando a alguma encosta, que a occultasse aos cães, dava um salto de uns vinte pés para o lado e agachava-se, muito cosida com o matto ou com as ervas altas. Os cães passavam-lhe adiante na corrida doida em que iam, e ella, voltando para traz aos zig-zags, vinha ter ao sitio onde eu estava, para me socegar.

E como as nossas mães sabem sustentar-nos, quando somos muito, muito pequeninos e não temos em todo o corpo a mais leve sombra de pêlo! Mettem-nos nos seus saccos muito quentes e macios, e deitam-nos o alimento para a bocca, ainda incapaz de chupar.

Aquelle sacco é a nossa casa. Ali estamos ao abrigo de todos os males, que poderiam acontecer-nos no meio da floresta.

Temos tres quartas partes do tamanho de nossas mães e ainda ali vamos buscar refugio, amorosamente resguardados do mundo exterior.

...SE NÃO QUANDO MINHA MÃE FITA AS ORELHAS, AGARRA-ME PELO PESCOÇO E METTE-ME PARA DENTRO DO SACCO

O primeiro acontecimento que se deu na minha vida e de que ainda me lembro bem, foi o seguinte: eu era pequenote e andava com meu pae e minha mãe pela abençoada região da Australia, que os rios Clarence e Stephens fertilisam, e onde é basto o arvoredo e fresquissima a relva. Tosavamos um prado, muito satisfeitos do pasto, senão quando minha mãe fita as orelhas, agarrame pelo pescoço e metteme para o sacco, dizendo ao mesmo tempo meu pae uma coisa, que não pude ouvir bem, porque o sacco era muito fundo. O que sei é que fugimos, com uma velocidade, que eu até ali desconhecia. Calculo que ella não galgava menos de vinte passos em cada salto, embora, do logar onde eu ia, não podesse fazer a verificação por meus proprios olhos, nem pedir informações a minha mãe, a cuja pelle ia agarrado com unhas e dentes, uma

parte do corpo pendente e exposta a bater nas pedras e nos troncos ou a ser arranhada e chicoteada pelas vergonteas e rebentos. Mas peior ainda era o que minha mãe provavelmente soffria. Chegava até a incommodar-me com a bulha que fazia respirando apressadamente, com o tum-tum-tum do seu coração!

— É o homem de cabello vermelho da herdade do Riacho — segredou meu pae, estacando ao lado de minha mãe, na encosta pedregosa de um profundo barranco, para onde se tinham precipitado. Esta paragem subita fez-me apanhar uma valente sacudidela, mas dei-a por bem empregada, sabendo que tinhamos assim obrigado a um grande rodeio os nossos perseguidores.

— O cavallo que elle monta — disse tambem meu pae — não passa de um reles sendeiro, mas — pela força da minha cauda! — os cães são bons corredores. Felizmente devem estar cançados.

Continuámos a correr e fomos dar junto de uma grande rocha forrada de musgo. Á nossa direita o desfiladeiro abria-se para um terreno plano, e á nossa esquerda ficava a estreita vereda, por onde tinhamos vindo.

— Já não posso mais — disse minha mãe, arquejando. — O pequeno pesa immenso! Não tardam ahi os cães e o homem. Vamos fazer-lhes frente!

—Não! O melhor é ires-te embora. Eu fico á espera d'elles.

—A cadela deixa-a por minha conta! —foi a unica resposta de minha mãe. E sentiam-se-lhe ranger os dentes, quando me impelliu mais para o fundo do sacco, ao tempo que se arrastava atraz de meu pae para o lado da estreita abertura, por onde os cães não tardariam a apparecer.

D'ahi a um instante estavam effectivamente a contas comnosco, primeiro um cão cinzento e depois uma cadela: dois brutos possantes e ligeiros. Eu tinha o focinho a sair do sacco materno, e não sei como os olhos não me saltaram da cabeça quando vi os dois monstros atacarem meu pae. Com que valentia elle os esperava, encostado á rocha e a cabeça inclinada graciosamente, na melhor posição — aprendi-o depois — para evitar o fatal estrangulamento!

O cão só por uma unha negra deixou de apanhar o pescoço de meu pae, e apenas conseguiu mordel-o n'uma espadua, mas logo caíu para traz, com o sangue a espadanar por uma ilharga. O pé direito de meu pae tinha falado!

Seguiu-se logo o ataque da cadela, que tambem não fez damno ao auctor dos meus dias, e, antes pelo contrario, lhe deixou nas unhas, ao roçar por elle como uma bala, boa porção de pelle e de cabello.

No entretanto — faça-se ideia — eu tremia como varas verdes, ouvindo os ladros terriveis dos dois inimigos, que voltavam a aggredir meu pae.

O heroe já estava todo coberto de sangue e batalhava com as mãos para a sua frente, movendo-as como se fossem azas.

Ouvi de repente, por cima de mim, um grito agudo dado por minha mãe, que saltava em defeza do companheiro: um instante depois o ventre ensanguentado da cadela batia-me na cabeça, empurrando-me para o fundo do sacco. Ao mesmo tempo, sinto a voz de meu pae, bradando: «Vae-te! Vae-te já d'aqui!»

Tornei a espreitar e vi-o despedaçando o corpo do cão cinzento, emquanto minha mãe atirava para longe, com o pé direito, a cadela, no momento em

COM QUE VALENTIA ELLE OS ESPERAVA ENCOSTADO Á ROCHA

que corriamos para o terreno plano. Tinha-lhe feito um fundo rasgão de cima para baixo, e deixava-a estendida, offegante!

Não tornei a vêr meu pae, mas soube depois que morrera de bala, e que o cão cinzento ficára para sempre junto da rocha coberta de musgo.

Mas nem todas as caçadas são tão perigosas como aquella. A prova é que estou vivo, tendo visto mais de cem. Quando as mães, com os filhos a augmentar-lhes o peso, estão bem escondidas (como aconteceu á minha, no final d'esse dia tão funesto) e são caçados unicamente os que tem edade e força para a lucta, affianço-lhes que nem sempre os homens se ficam a rir de nós.

Com muitos factos da minha vida o poderia demonstrar. Contarei apenas um, que me deu celebridade.

N'uma manhã bastante quente estava eu a dormir muito socegado no fundo de um barranco, e até sonhava que andava pastando no meio de um immenso milharal, eis que fui acordado por um fétido fortissimo a homem e a cão. O meu somno era pesadissimo, porque só despertei quando os meus inimigos se achavam a poucas jardas de mim, na crista do barranco. Eram quatro canzarrões de kangurús e um rapaz montado n'um cavallo castanho. Emquanto o démo esfrega um olho, puz-me em tres pés, conforme se diz em lingua kangurú, isto é, fiquei muito aprumado sobre as pernas trazeiras e a cauda, de sorte que a minha cabeça excedia pelo menos um pé a de um homem de estatura elevada. Deitei, d'esta altura, os meus calculos e despedi um salto de dezenove pés por sobre o fundo do barranco, deixando de bocca aberta e de olhos esbugalhados — aposto quanto quizerem — os cães e o rapaz. Parecia-me que facilmente me distanciaria d'elles, mas o esquecimento das pacientes lições de meu defuncto pae esteve, por um triz, a acabar a caçada logo á primeira milha. Na propria occasião em que ia saltando, puz em pratica o funesto costume da minha raça, quero dizer, voltei a cabeça para todos os lados, na ancia de saber o que seria feito dos meus perseguidores.

EMQUANTO O DEMO ESFREGA UM OLHO,
PUZ-ME EM TRES PÉS,
CONFORME SE DIZ EM LINGUA DE KANGURÚ

Zás! Não vi uma grande arvore e bati de encontro a ella, no meio de um salto de dezeseis pés. Meio tonto, rolei pela encosta escarpada

de outro barranco, felizmente de muito menos fundura, e fui ter lá abaixo mais morto do que vivo, quasi embrulhado com o cachorro da frente — um bruto de metter medo, fortissimo e todo preto, que já estendia para mim a bocca espumante.

Puxei para traz a perna direita, por baixo da barriga do cão — escuso dizer que estava deitado de costas — e empurrei-o para diante com quanta força tinha. Não quero gabar-me, mas affianço que o canzarrão preto ficou aberto até ao espinhaço, e que nunca mais tornou a pôr-se em pé.

O segundo cão agarrou se-me á cauda, quando eu me preparava para saltar depois de dar cabo do primeiro. Teve de largar-me. Eu estava todo empastado no sangue, que me borbulhava do pescoço, e assim continuei durante as tres milhas, que o barranco distava da lagôa mais proxima. Pode haver kangurús zangados por todo esse matto, mas tanto como eu ia n'aquelle aperto, juro que não ha nenhum!

Quando cheguei á margem pedregosa, já sentia bem pouca vontade de correr, de forma que o mais ligeiro dos tres cães pôz-se, n'um pulo, ao pé de mim. Não fiz mais do que tomal-o nos braços, qual mãe brincando com o filho.

Mas o meu abraço não foi de brincadeira! Se o cachorro nem podia abrir a dentuça!...

Sem o largar, saltei com elle para dentro d'agua e mergulhei, tendo o cuidado de só voltar á superficie quando conheci, pelas sacudidelas, que o cachorro me dava convulsivamente, que já pouca vida lhe restava. Preguei-lhe então um empuxão fortissimo com os pés, calcando-o para o fundo, afim acabar de afogal-o e corri a encontrar-me com os outros. Eram mais pequenos e tinham, pelos modos, mais juizo, visto que se não aventuraram á lagôa: estavam na margem, ladrando e babando-se, á espreita de que eu sahisse da agua. Quando me viu deitar a cabeça de fóra, o rapaz galopou para mim, apeou-se e tirou da cinta um revolver. Como já sabia para que ser-

NÃO ERA FACIL SEGURAR O SUJEITO

vem os revolvers, dei um salto para o rapaz e agarrei-me a elle com ancia, ao mesmo tempo que o revolver se disparava para o ar. Mas não era das coisas mais faceis segurar o sujeito, porque os seus esforços exerciam-se nas direcções que eu menos podia esperar, e zombavam dos que eu empregava para obrigal-o a mergulhar.

Afinal cantei victoria, mas, quando tratava de mettel-o bem para o fundo, senti-me agarrado pelos dois cães, de que me tinha esquecido totalmente e que me puxavam com força, cada um para o seu lado. Não tive mais remedio que largar o homem. Depressa chegou á margem e correu para o cavallo.

Como o revolver tinha ficado dentro da lagôa, não me importei mais com o dono e tratei unicamente dos cães, afogando um e despedaçando o outro, que ainda deixei arquejando ao de cima da agua, quando fugi a esconder-me no matto, muito longe d'ali.

Após esta façanha, a maior talvez que tem feito um simples kangurú, gosei, durante uma semana, o descanço a que tinha todo o direito.

Se foram grandes os perigos d'aquelle dia, a outros maiores ainda tenho escapado. Nenhuns mais terriveis que os de uma batida aos kangurús!

Felizmente vae-se tornando rara esta selvajaria medonha, talvez porque os homens conhecessem que assim acabariam por exterminar-nos, commettendo uma crueldade inutil, visto não tirarmos aos seus carneiros e outro gado a alimentação precisa, por mais que nos aproveitemos dos fructos do sertão australiano.

A primeira batida que vi, foi quando o meu tamanho não fazia mais do que tres quartos do que é hoje. N'esse tempo nunca me tirava de ao pé de minha mãe.

De subito passaram ao nosso lado muitos kangurús e dezenas de outros habitantes do matto, mais pequenos do que nós, fugindo todos á desfilada. Era o medo que os fazia correr assim e que nos levou tambem de roldão. Acontecia outro tanto em milhas e milhas do matto. Porquê? Porque vinha avançando uma muralha viva de homens, cães e cavallos, formando um grande arco sempre a encurvar-se em volta de nós, e levando-nos despiedosamente, arrebanhados como carneiros que vão para a tosquia, a morrer dentro d'um enorme campo fechado por uma extensa paliçada.

Minha mãe recobrou-se do susto e gritou-me que a seguisse. Demos grandes saltos e escapámo-nos pela tangente á linha avançada dos fugitivos.

—Ainda nos livramos d'esta vez! dizia eu commigo mesmo emquanto fugia, dando tres saltos para galgar o espaço que minha mãe atravessava n'um só.

—Para traz,—gritou-me ella, com a voz a tremer. Olhei para diante e arrefeci até á medula dos ossos, vendo atravez de uma aberta do arvoredo um homem armado de espingarda e acompanhado por um grande cão escuro, preso á trela. Minha mãe estava tão fóra de si, como a turba multa que fugia. Ainda que viva tanto como um papagaio, nunca me hei-de esquecer das correrias que demos ás cegas pelo meio da carnificina, gritando, tropeçando nos corpos mortos de outros habitantes do matto.

O espaço por onde podiamos passar ia-se reduzindo cada vez mais com a aproximação da muralha viva, que se fechava em roda de nós.

Já se avistavam perfeitamente os homens, os cavallos e os cães, de to-

dos os lados para onde nos virassemos. Todos menos um. Se podessemos atravessar por ali, estavamos salvos. Que lucta para lá chegar! E a morte a espreitar-nos sempre! Afinal chegámos. Os que corriam na frente não poderam ir mais adiante. Os que vinham depois cahiram-lhes em cima, e outros por cima d'estes, obrigados pelos cães e pelos homens. Fui arrebatado juntamente com minha mãe. Ella cahiu e eu senti o tropel de mil pés atraz de mim.

—Trepa! ouvi minha mãe gritar. Agarrei-me com as mãos á rede da paliçada. Trepei, cahi... Estava sósinho no matto livre. Assobiou-me o que quer que fosse por cima da cabeça; ouvi um tiro e a voz de um homem atiçando os cães. Deitei as orelhas para traz e corri pelo campo aberto, dando saltos desesperados e fazendo, em breve, renunciarem á perseguição os cães que vinham atraz de mim.

Foi esta a ultima vez que vi minha mãe.

Se eu quizesse falar de horror maior ainda, contaria o que é um incendio no matto. Nada mais terrivel! O fogo leva diante de si tudo o que vive sobre a terra ou debaixo d'ella, no ar e nas arvores, chicoteando com azorragues de labaredas e nuvens de fumo a todas as creaturas que respiram, e que morrerão suffocadas, se antes o lume as não tiver envolvido.

Lembram-se do que contei da batida? Imaginem que em vez dos homens e dos cães ha chammas, e já fazem ideia de um incendio no matto.

Mas felizmente não ha batidas nem incendios a toda a hora.

Temos dias de completa satisfação, como, por exemplo, os da primavera, quando o campo está todo verdejante e vemos os nossos pequeninos retouçarem por entre os silvados e na relva fresca e viçosa.

Quiz falar d'isto em ultimo logar, para que não pensem que julgo a vida coisa absolutamente detestavel.

Tanto não sou d'esta opinião, que não desejo ir-me embora tão depressa. O ponto é continuar escapando dos perigos, como tenho conseguido até hoje.

OS SEROÊS DOS BEBÉS

OS PAPÕES

Era uma vez um velho, que morava n'uma choupana, mais a sua velha e uma neta, ainda pequena, e o cão Fiel, mais pequeno ainda.

E uma noite passaram por ali os Papões, e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe o rabo!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou o rabo ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha;

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe uma perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou uma perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe outra perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou outra perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe outra perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou outra perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe a ultima perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou a ultima perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe a cabeça!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou a cabeça ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:

—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel, que já não tinha cabeça, não os sentiu, nem ladrou, e os Papões abriram um buraco no restolho, saltaram para dentro da choupana, paparam o velho, paparam a velha e levaram a pequena fechada n'um sacco.

E quando os Papões chegaram a casa, pousaram o sacco no chão, e cada um d'elles bateu-lhe em cima, dizendo:

— Ficas para logo! Ficas para logo!

E foram deitar-se e dormiram até á noite, porque os Papões só dormiam de dia.

A pequena ouviu-os resonar, e tanto gritou, que lhe acudiu um homem, com um cão muito grande.

E ella disse como tinha ido alli parar, e o homem fechou o cão grande no sacco e levou a pequena comsigo.

Á noite os Papões acordaram, foram ao sacco e cada um bateu em cima, dizendo:

— Agora é que é! Agora é que é!

Desataram o sacco, e o cão grande saltou para fóra, e papou os Papões desde o primeiro até o ultimo.

E nunca mais tornou a haver Papões.

QUEBRA-CABEÇAS

É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, *onde terão cabimento todos os problemas de diversas indoles que possam exercitar as faculdades do raciocinio. Os* Serões *convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a indole das questões que especialmente nos conveem, publicamos o seguinte interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas. E em seguida encetaremos os nossos appellos á intelligencia dos leitores.*

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogriphos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocinio se possa impôr á nossa attenção pelo sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje occupa esta secção perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

Ha uma especie de perguntas, do genero das que nós costumamos chamar perguntas de algibeira, capazes de atrapalhar os miolos mais bem organisados, quando afinal a resposta é de uma simplicidade extrema, tendo apenas no inesperado a difficuldade. Está n'este caso por exemplo, o problema com que o rei de Inglaterra Jayme I atarantou os mais atilados espiritos do seu tempo. Era elle o seguinte: «Porque é que, quando se introduz um peixe dentro de um balde, cheio de agua até á borda, a agua não extravasa?»

Aventaram-se dezenas de theorias, qual d'ellas a mais engenhosa, para explicar o extraordinario phenomeno. E afinal de contas os sabios do seculo XVII não atinaram com a verdadeira solução do problema, com que o rei inglez zombou d'elles. Porque o facto que serve de base á pergunta é absolutamente falso; a agua do balde extravasa, no caso sujeito, como facilmente se pode verificar. Podiam-se apontar numerosos exemplos do mesmo genero, de perguntas de armadilha, cuja resposta correcta é simplesmente:

«Não é verdade.»

Outros problemas ha, parecidos com este, que teem desorientado completamente individuos a quem não cabe a reputação de tolos. Apresentamos como exemplos os seguintes, talvez ainda não muito conhecidos:

«Uma peça de seda tem 20 metros de comprido. Cortando-se-lhe todos os dias um metro, em quantos dias ficará ella toda dividida em pedaços de um metro de comprido?»

«Um homem trepa por um mastro encebado, de vinte metros de altura. N'um minuto sobe dois metros, depois descansa no minuto seguinte, durante o qual escorrega tres quartas partes da distancia que venceu. Por este andar, quanto tempo levará elle a chegar ao cimo do mastro?»

A maior parte da gente responderá sem hesitação, 20 dias á primeira pergunta e 40 minutos á segunda. E no emtanto as respostas correctas são 19 e 37. O homem que trepa pelo mastro vence meio metro em cada dois minutos. Portanto, no fim de 36 minutos, está elle a dois metros do extremo. No fim do 37º minuto chega lá cima—e deixa-se ficar.

Aqui teem agora os leitores outro proble-

ma que demanda noções elementares de geometria:

«Tinha no meu quarto uma pequena fresta com meio metro de altura e meio metro de largura, por onde entrava muito pouca luz. Em consequencia de certos pormenores de construcção, não me era possivel augmentar-lhe a altura nem a largura. Appareceu-me n'isto um amigo que me ensinou a maneira de lhe duplicar a area sem lhe alterar as dimensões. De que maneira foi?»

É simples, por mais complicado que pareça. A fresta era um quadrado com as diagonaes nos sentidos horizontal e vertical. As linhas horizontaes e verticaes que passam pelos vertices formam um quadrado cuja area é dupla da primitiva fresta, sem lhe acrescentar nem a largura nem a altura.

Problemas de solução duvidosa ou paradoxal

Para encontrar a solução exacta dos problemas precedentes basta apenas alguma reflexão. Outros existem comtudo que são menos faceis de deslindar e que deixam campo aberto á discussão. Por exemplo o seguinte:

«Supponham um homem a andar á roda de um mastro, no cimo do qual está sentado um macaco. Á proporção que o homem anda, o macaco gyra sobre si e vira constantemente o focinho para elle. Quando o homem completou a volta á roda do mastro, deu ou não deu a volta á roda do macaco?»

A maior parte da gente será porventura de opinião que o homem não deu volta á roda do macaco, visto que o viu sempre de frente; mas não faltam individuos auctorisados de parecer contrario. Entendem elles que o homem, gyrando em derredor do mastro, andou tambem necessariamente em volta do macaco.

«Como se demonstra que um navio de vela pode andar com velocidade superior á do vento que o impelle?»

Á primeira vista, o leitor circumspecto, mas pouco versado em assumptos nauticos, imaginará que a pergunta se funda n'um absurdo, como aquella com que Jayme I conseguiu atordoar os sabios do seu tempo. Mas para um maritimo, a pergunta tem toda a razão de ser. Um navio de vela pode realmente andar mais depressa do que o vento. Succede, por exemplo, elle navegar á razão de quinze milhas por hora, ao passo que o vento não tem velocidade superior a dez milhas. É este um facto que todos os dias se prova na pratica; mas, embora verdadeiro, não ha muitos embarcadiços que tenham facilidade de lhe dar uma explicação clara. É evidente que, quando o navio vae de vento em popa, não é admissivel que elle ande mais que o vento. N'esse caso seja qual fôr o motivo, a sua velocidade será sempre muito menor. Mas quando a sua derrota faz um angulo com a direcção do vento, quando navega á bolina ou a um largo, por paradoxal que o facto se possa afigurar ás pessoas alheias á nautica, a velocidade do navio excede muitas vezes a do vento.

A demonstração pode dar-se por analogia, em cima de um bilhar. Colloque-se a rabeca ao longo das tabellas. Supponham que essa rabeca movida pela força do braço representa o vento. Se n'esse movimento, de um extremo a outro do bilhar, ella encontrar uma bola, é claro que a impellirá pelo taboleiro fóra, exactamente como o vento impelliria um navio adeante de si, na mesma direcção. A rabeca e a bola caminharão com velocidade perfeitamente identica.

Mas imaginem agora que de canto a canto do taboleiro se abre um entalhe diagonal, onde a bola está collocada. Quando a rabeca n'esse caso encontrar a bola, ha de empurral-a necessariamente, não no sentido do comprimento do taboleiro, mas no sentido diagonal para a bolsa que fica no extremo do entalhe. Ora emquanto a rabeca percorre um caminho egual ao comprimento do taboleiro, a bola percorrerá a diagonal traçada pelo entalhe, o que representa uma distancia muito maior. É precisamente de uma maneira analoga que um navio de bolina ou a um largo, consegue ter uma velocidade superior á do vento.

Problemas de caminhos de ferro

Muitos problemas excellentes tem suggerido o caminho de ferro. Aqui teem um que não é tão facil de resolver como á primeira vista se afigura:

«Ás dez horas da manhã, sae um comboio de Lisboa para o Porto com a velocidade de cincoenta kilometros por hora. Ao mesmo tempo sae do Porto para Lisboa outro com-

boio com a velocidade de quarenta kilometros por hora. Qual dos comboios estará mais perto de Lisboa quando os dois se encontrarem?»

A maior parte da gente a quem se dirige esta pergunta—e o leitor entra sem duvida na minoria dos atilados—começará immediatamente a fazer calculos sobre a distancia a que cada um dos comboios estará do ponto de partida no momento em que se encontram. É evidente que o comboio mais rapido, o que sae de Lisboa, ha de ter vencido muito mais do que metade da distancia que separa os dois pontos extremos, no momento em que encontra o outro, mais vagaroso, que sahiu do Porto. Mas afinal tudo isto é perder tempo. A velocidade dos dois comboios, assim como a hora a que elles partiram, são elementos absolutamente desnecessarios para a resposta formal. Quando os comboios se encontram, é claro que elles não podem deixar de estar á mesma distancia dos pontos de partida ou de chegada, qualquer que seja a sua velocidade. Basta que o leitor comprehenda bem a pergunta para dar uma resposta satisfatoria. E, por simples que o caso pareça, pode gabar-se da sua esperteza; porque não faltam pessoas de são juizo a quem este problema tem atrapalhado ignominiosamente.

De um caracter similhante é outra interessante pergunta de algibeira.

«De hora em hora sae de Lisboa um comboio para Faro, e sae outro de Faro para Lisboa. A distancia entre as duas cidades é percorrida em dez horas á justa. Quantos comboios encontrará no caminho um viajante que saia de Lisboa ao meio dia, antes de chegar ao seu destino?»

Á pergunta, na apparencia simples, não ha talvez muitos leitores que dêem de prompto a resposta correcta. Entre dez a quem o problema se proponha pela primeira vez, nove declararão sem hesitar que o numero de comboios encontrados é doze. Ao decimo é que talvez occorra a circumstancia de que no momento de partir um comboio de Lisboa ao meio dia, já estão em caminho doze que partiram de Faro, a começar pelo que sahiu de lá á meia noite. O viajante deve pois encontrar estes doze, alem dos outros doze que hão de sahir de Faro ao meio dia e de hora em hora d'ahi por deante, até que elle chegue ao seu destino. Portanto a resposta correcta é vinte e quatro e não doze.

Para seismar

Começamos a apellar, por meio dos problemas seguintes, para o engenho dos leitores dos Serões. *Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida para o «Director do Quebra-cabeças dos Serões». E' esta a fórma pratica de lhe dar mais rapido andamento.*

E vamos agora a matutar.

UM PARADOXO ARITHMETICO

Trata-se de demonstrar que

$$2 = 3$$

Para isso, poremos a seguinte equação, a qual não offerece duvidas:

$$4 - 10 = 9 - 15$$

Portanto é egualmente verdadeiro que

$$4 - 10 + \frac{25}{4} = 9 - 15 + \frac{25}{4}$$

Ora cada um dos membros d'esta equação representa o desenvolvimento de um quadrado. Meditem um pouco, e verão como a equação é absolutamente identica á seguinte:

$$(2 - \frac{5}{2})^2 = (3 - \frac{5}{2})^2$$

Extrahindo aos dois membros á raiz quadrada, temos:

$$2 - \frac{5}{2} = 3 - \frac{5}{2}$$

Logo

$$2 = 3 \qquad q. e. d.$$

Ora custa-nos a crer, por mais evidente que se nos afigure a demonstração, que a arithmetica esteja desde o começo do mundo a enga-

nar-nos, dando-nos noções absolutamente inexactas sobre a differenciação dos numeros. Portanto, devemos suppôr que algum artificio ou alguma inexactidão houve no decurso da demonstração acima desenvolvida. Vejam agora os leitores se descobrem onde está o *busilis*. Cá estão os *Serões* prestes a receber todas as respostas.

Um paradoxo geometrico

Depois da arithmetica a geometria. Aqui teem uma nova demonstração de um principio, evidentemente absurdo, segundo as noções scientificas vindas de tempos immemoriaes.

O principio é o seguinte:

«Duas circumferencias de raios differentes e com centro commum teem uma extensão exactamente egual quando rectificadas».

Vamos agora á demonstração d'este theorema original.

Suppunhamos que os dois circulos da figura, formando systema, rolam sobre a linha A a, como se fizessem parte de uma roda cujo eixo passa por C.

Quando o ponto A, depois de dar a volta completa toca de novo na linha de rolamento, em a, é claro que a distancia A a, entre dois pontos de tangencia, equivale á circumferencia rectificada. Mas n'esse momento o ponto B deu egualmente a volta completa e encontra-se agora em b. Similhantemente, é pois a distancia B b egual á circumferencia interior rectificada. Ora, como essas distancias são indubitavelmente eguaes, segue-se d'ahi a egualdade das duas circumferencias.

Onde é que se encontra a falha do raciocinio? Saberão indical-a os leitores mathematicos?

Onde irá parar?

Suppunhamos—salvo seja!—que um novo diluvio transforma o hemispherio norte n'um immenso Oceano. N'estas circumstancias, sem ter terras nem baixos que lhe estorvem a derrota, um navio parte de um ponto qualquer do Equador, seguindo sempre com o rumo invariavel de nordeste. Pergunta-se apenas: qual será o termo da sua viajem? Isto agora é com os geographos.

Artes magicas

Na maior parte das habilidades feitas com o auxilio de um compadre, o essencial é que esse compadre não se descubra. Mas aqui teem o exemplo de uma habilidade magica, em que o compadrio se pode confessar á vontade. O ponto é descobrir-se como é que os dois cumplices se entendem.

Suppunhamos que um certo numero de pessoas estão reunidas na casa de jantar com a meza ainda posta. Sae uma d'ellas, comprommettendo-se a adivinhar qualquer numero de tres algarismos que as outras pensem. Quando ella volta, o compadre pega n'um talher por exemplo, e colloca de uma maneira mysteriosa, em cima da meza, a colher, o garfo e a faca, unidos por um dos extremos, como se fossem raios do mesmo circulo—e o bruxo declara immediatamente qual é o numero combinado.

A solução é simples, embora um pouco difficil de descobrir. Os dois amigos imaginam que cada uma das peças do talher é o ponteiro de um relogio, apontando para o sitio onde deveria estar uma certa hora, e os tres algarismos assim indicados formam o numero requerido. Supponhamos que a ordem previamente combinada é a alphabetica: colher, faca, garfo. A colher aponta para VI, a faca para III, o garfo para IX. O numero é pois 639.

E assim se maravilha uma sociedade.

As capas dos "Serões"

Os actuaes editores e proprietarios dos *Serões*, abriram concurso para o desenho das capas d'esta publicação. Foi a 27 de novembro de 1904 que terminou o prazo d'esse concurso, com a affluencia excepcional de projectos, muitos dos quaes, como os leitores podem verificar pelas reproducções que offerecemos ao seu exame, revelam apreciaveis qualidades e denunciam o interesse que no nosso meio artistico despertou o certamen iniciado pela empreza dos *Serões*.

Na data acima indicada reuniu-se o jury, composto dos insignes artistas José Malhôa, Columbano Bordallo Pinheiro e Ernesto Ferreira Condeixa, decidindo classificar em primeiro logar, pelo seu merecimento artistico, o projecto com a divisa «Portugal». Como porém este projecto, na opinião do jury, não satisfizesse as condições praticas para capa de livro ou car-

taz, resolveu o jury excluil-o, classificando a seguir o projecto com a divisa «Senefelder». Foi pois este projecto, que, pela abertura do respectivo envelope, se reconheceu ter por auctor o sr. Alfredo Roque Gameiro, o adoptado pelos editores para a capa d'esta publicação.

A empreza dos *Serões* orgulha-se de ter contribuido por esta fórma para uma nova e brilhante manifestação do trabalho artistico nacional.

Bafejando-a, como espera, a protecção que o publico deve aos seus esforços em favor dos nossos interesses artísticos e litterarios e da importancia sempre crescente do nosso magazine, como repositorio opulento de variadissimas noções sobre os mais desvairados assumptos, conta a empresa de futuro

abrir novos concursos, de indole litteraria, artistica ou scientifica, que tendam a desenvolver as fontes da mentalidade portugueza.

Crê assim corresponder á missão que a si propria impoz e á confiança que d'ella derivará por certo. Entretanto, como pelo presente numero já se póde vêr, a empreza trata de congregar os melhores elementos do nosso paiz para dar interesse a esta publicação, tanto sob o ponto de vista de collaboração litteraria, como de collaboração artistica. E, forte com a consciencia da sua devoção a interesses de ordem superior, não duvida por um momento de que a affluencia crescente de leitores determinará a prosperidade futura dos *Serões*.

Não tem a empreza a pretenção vaidosa de que o presente numero

corresponda cabalmente ás suas ambiciosas aspirações. Mas não descurará o aperfeiçoamento successivo e gradual d'esta publicação, á medida que se forem aplanando as difficuldades que de começo se offerecem a emprehendimentos d'esta natureza, n'um paiz onde não abundam todos os variados e complexos recursos que elles requerem.

O seu empenho é que os leitores de todos as edades e condições encontrem em cada volume dos *Serões* artigos, notas, elementos de estudo e de recreio, que particularmente os interessem. Serão, pois, bem acolhidas todas as suggestões que lhe sejam dirigidas para melhoramento de uma publicação que a empreza deseja rivalise quanto possivel com as congeneres do extrangeiro. O alvoroço com que estas são geralmente recebidas accentua as nossas esperanças de que os *Serões* virão, para usar da expressão consagrada, preencher uma lacuna no nosso meio litterario e social.

Por bem compensados nos daremos se, excluida a demasiada confiança n'um largo lucro mercantil, a que não dão direito as avultadas despezas de uma publicação d'esta ordem, o publico nos fortalecer na convicção de que contribuimos para o desenvolvimento da cultura nacional. Este interesse de ordem moral é de sobejo para nos encher de justificado orgulho

ACTUALIDADES

Grandes topicos

O Fim da Guerra

Vae para anno e meio que dura a guerra e quasi se póde dizer que nem um dia sequer a fortuna sorriu para as armas do Imperador Nicolau. As perdas que os japonezes experimentaram ainda agora na batalha naval foram tão insignificantes e tão deseguaes, comparadas com as perdas russas, que não se póde deixar de admirar a superioridade de uns para deplorar a inhabilidade dos outros.

Avisado o Almirante Togo pelos seus cruzadores de que a armada russa se aproximava, investindo o estreito da Coréa, a esquadra japonêsa atacou-a com impeto pelo norte, por oeste, e pelo sul, dirigindo sobre ella um fogo bem sustentado e certeiro, e apertou a contra a costa do Japão, de modo que o Almirante Rodjestvensky pouco espaço tinha para manobrar á vontade. Quiz elle forçar a linha de aço que lhe oppunham os navios japonêses, mas o fogo d'estes navios e a acção dos destroyers obrigaram-no a mudar de rumo mais uma vez. Pelas quatro horas da tarde do mesmo dia, afundavam-se os primeiros navios russos e outros se lhes foram seguindo até ao dia seguinte, durando o ataque successivo dos torpedeiros japonêses pela noite, e determinando a desordem na esquadra russa. Foi nessa noite que se afundaram os couraçados *Alexandre III, Navarino* e *Oslabya*.

Continuou o combate no dia immediato, sendo aniquiladas inteiramente a segunda e terceira esquadras do Pacifico, e feitos prisioneiros dois almirantes da Russia. O navio de Rodjestvensky, o couraçado *Kniar Souvaroff,* ficou tambem sepultado nas aguas do Japão.

A acção começára no dia 27 de maio, pelo fogo da artilharia pesando sobre uma parte da esquadra russa; depois das 8 horas da noite teve principio o ataque dos torpedeiros protegidos pelos navios da esquadra, parecendo averiguado que o canhoneio durou até ás 2 horas da madrugada de 28. Neste dia, em que foi a caça aos navios russos que pretendiam escapar-se para Vladivostock, serviram mais os cruzadores. Nenhuma unidade tactica foi despresada. «É cedo — escreve um entendido chronista da guerra — para se dizer qual foi a arma que mais preponderancia teve nos combates de 27 e 28 e quaes os tipos e classes dos navios que melhor serviram; mas cremos que não nos enganamos dizendo que todos tiveram o seu papel, e todos foram utilisados intelligentemente na occasião em que o deviam ser».

Desde esse momento, o Japão não tinha mais a recear pelo mar; as communicações com os exercitos da Mandchuria não seriam interrompidas; o seu commercio poderia fazer-se sem risco. E quanto estaria arrependido Rodjestvensky!

Nicolau II, ao receber as primeiras communicações respeitantes á derrota, ficou como aniquilado, pois sempre tivera a victoria por certa, e neste sentido preparara toda uma nova orientação. Depois de um accesso de tremor nervoso, desatou a chorar. Logo que poude serenar um pouco, mandou chamar os ministros, e do conselho de todos logo se soube que resultara a deliberação de continuar a guerra. Entretanto, em todos os paizes do mundo se afigurava esse o momento propicio para effectuar a paz.

Só depois de ter a certesa de que a sua intervenção a favor da paz seria bem recebida, é que Roosevelt, presidente da Republica dos Estados Unidos, enviou aos seus embaixadores em Petersburgo e em Tokio uma nota em que, interpretando os sentimentos humanitarios manifestados por todas as nações, dizia julgar chegado o momento de tentar pôr termo ao tremendo conflicto; e que o melhor meio de as duas nações belligerantes chegarem a um accordo, seria o de iniciarem directamente as negociações, convocando-se para uma conferencia plenipotenciarios japonêses e russos sem nenhum intermediario. Para o fim de se regularem os pre-

liminares relativos ao logar e occasião d'essa conferencia, offerecia os seus serviços. A Russia e o Japão acceitaram este offerecimento, e immediatamedte começaram as negociações da paz. A situação revolucionaria da Russia, onde a exaltação popular chegou ao ponto de serem levantados vivas ao Almirante Togo nas ruas de Petersburgo e Moscow, e outras razões provenientes do isolamento internacional em que se encontra o Imperio moscovita, determinam a urgencia de levar a bom termo as negociações entaboladas.

A Suecia e a Noruega separam-se

A Suecia e a Noruega são dois reinos autonomos que ha largos annos viviam unidos, sob a dinastia Bernadotte. Tinha cada qual suas leis, seu governo e seu parlamento especiaes, mas os consulados eram communs ás duas nações. Ultimamente, porém, o Parlamento da Noruega votou por unanimidade uma lei creando consulados norueguêses no Estrangeiro, mas sendo a lei apresentada ao Rei Oscar II em conselho de Estado reunido em Stokolmo, o monarcha declarou não poder aprova-la, dizendo que a communidade consular não seria dissolvida sem assentimento dos dois paizes, comquanto fosse opinião geral que só aquelle desdobramento é que conseguiria prolongar as boas relações de amisade e confiança entre a Noruega e a Suecia.

Os ministros insistiram perante o Rei para que reconsiderasse na sua recusa, ou lhes acceitasse a demissão. Recusando-se o Rei formalmente a uma e outra coisa, o ministerio declarou que se considerava demittido, e as Camaras norueguêsas declararam dissolvida a União e findo o poder constitucional do Rei, elegendo um governo provisorio presidido por Michelsen, um dos homens que mais honram o seu paiz, pela sua intelligencia e pela tempera do seu caracter.

O Rei Oscar, muito adeantado em annos, dedicou toda a sua vida á felicidade dos dois paizes, conservando-os sempre em paz, como os herdou de seus pae e avô.

Ainda os exercitos do primeiro Bonaparte percorriam a Europa, já essa paz existia na Suecia e Noruega, e não fôra ainda interrompida. Entretanto a dinastia que deu tanta felicidade aos dois reinos durante noventa annos, é deposta, porque a ambição dos politicos da Noruega exige independencia, côrte, reis e representação exclusivamente sua no Estrangeiro.

O COURAÇADO RUSSO SISSOI VELIKY

Attentado contra o Rei de Hespanha

Emquanto a França recebia com expressivas demonstrações de enthusiasmo o seu regio hospede Affonso XIII de Hespanha, forjava-se contra o joven rei e contra o Presidente da Republica um tremendo plano criminoso.

Ao terminar a recita dada no Grande Opera, e que fazia parte do excellente programma das festas com que Paris acolheu o soberano da nação amiga, Affonso XIII, acompanhado por Mr. Loubet, subiu para a carruagem presidencial, a caminho do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde fôra alojado. Ao passar a carruagem pela Rua de Rohan, e em frente do Louvre, ouviu-se uma forte detonação, e porque a multidão de curiosos que aguardavam a passagem do rei era numerosa, o panico foi tremendo. Os cavallos da Guarda empinavam-se, relinchando; de toda a parte partiam gritos e exclamações de terror, lamentos de creaturas feridas, e a confusão mais au-

gmentava pelo embate do povo que fugia desordenadamente. A policia, após o primeiro abalo, começou logo a effectuar prisões entre as pessoas que se lhe afiguravam suspeitas, emquanto Affonso XIII e Mr. Loubet se punham de pé dentro da carruagem, procurando perceber o motivo do panico, pois só mais tarde tiveram conhecimento exacto do acontecimento.

A bomba, que deveria ter sido arremessada a uma distancia de 60 metros, explodira sob a barriga de um cavallo da Guarda, perdendo assim a força expansiva, e não dando resultados tão funestos como seria de esperar. Foram feridas umas vinte pessoas. A bomba, que parece ter sido fabricada em Barcelona, carregada com muitos prégos, foi arremessada, segundo as suspeitas fundamentadas nas investigações da policia, por um anarchista hespanhol de nome Alexandre Ferras, achando-se tambem muito compromettido no crime o publicista Carlos Malato.

Affonso XIII conservou admiravelmente o sangue frio depois do attentado, e nas suas saudações á muldidão, que redobrou de enthusiasmo por elle, o moço rei, sempre risonho e gracioso, mostrou que andava muito longe de se sentir mal em Paris.

Vida na arte

ITALIA VITALIANI EM LISBOA

Lisboa é, talvez, a unica capital da Europa que tem visto passar pelos seus palcos todas as modernas notabilidades da arte dramatica: Sarah Benardth, os Coquelin, Eleonora Duse, Novelli, Le Bargy, Emanuel, Zacconi, a Réjane, e agora a Vitaliani.

Recente como era a impressão que tinham deixado nos espiritos a Duse e a Réjane, aquellas a par de quem se deve collocar a muito notavel actriz italiana, só um talento muito extraordinario, visinho do sublime, poderia estimular os enthusiasmos do publico de Lisboa. Isto conseguiu a actriz Vitaliani, que ha poucos dias nos proporcionou uma série de recitas no Theatro de D. Maria II e no Real Theatro de S. Carlos.

Italia Vitaliani

MOVIMENTO THEATRAL EM FRANÇA

Em Paris, não houve ultimamente novidades theatraes de summa importancia, Eis as peças novas de maior tomo, representadas durante o mez de maio:

No Odéon, *La Variation*, comedia em 4 actos de Pierre Soulaine. Em casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão, é proverbio que podia servir de epigraphe á peça. A protagonista é uma linda dançarina que deixa um protector nobre e rico para casar com um rapazote sem meios. A pobreza produz o descontentamento mutuo e ameaça lançal-a de novo nos braços do protector. Analyse miuda e pouco theatral. Peça graciosa, segundo Brisson, maçadora, na opinião de Faguet, interessante, no dizer de Arène.

No theatro Antoine *La Race*, comedia em 3 actos de Jean Thorel. Ataca o prejuizo de raça. Acção complicada e um pouco confusa. Um velho marquez, cheio de prosapia, vê-se por fim obrigado a confiar a honrosa herança do seu nome a uma creança, dupla ou triplamente bastarda. Dialogo scenico, conciso, forte e espirituoso.

No mesmo theatro, *Monsieur Lambert marchand de tableaux*, comedia em 2 actos de Max Maurey. Motivo de farça, já um pouco velho: um credor que o devedor tenta internar n'um manicomio. Typos caricaturaes, franca alegria no andamento da peça.

Na Opera Comica, *La Cabrera*, de G. Dupont, já conhecida pelo seu exito recente em S. Carlos. A protagonista foi Bellincioni, que foi bem acolhida.

Os criticos musicaes são geralmente favoraveis á opera, embora sem excessos de enthusiasmo.

No mesmo theatro, *Chérubin*, comedia cantada de Massenet. Libretto d'uma peça de Fr. de Croisset, a qual fôra ha tres annos recusada na Comédie, depois de a começo admittida. Musica com todos os cara-

cteres de mestria e de encanto do illustre compositor, se bem que considerada por alguns criticos como um pouco frivola e cheia de reminiscencias mozartianas, o que não admira em vista do assumpto.

Alfred Capus, o auctor da *Castelã*, e da *Nossa Mocidade*, que tão notavel exito tiveram em Paris e em Lisboa, escreveu uma outra peça, *Monsieur Piégois*, que foi agora representado no Thetro da Renaissance. N'esta, a julgar por aquillo que d'ella dizem alguns criticos francezes, não foi tão feliz como nas outras; não foi mesmo nada feliz. Parece que é peça sem nenhuma idea nova, sem entrecho empolgante, sem dialogo vivo. Depois de se ter feito de Capus o conceito que se chegou a fazer, é preciso que a sua nova producção seja realmente muito má, para que d'ella se possa dizer o que se tem dito.

Regina Paccini, que está cantando opera italiana em Paris, no Theatro do Atheneu, chama sobre si n'este momento as attenções do mundo lyrico. Convidada a tomar parte em um concerto no salão do *Figaro*, cantou ali a cavatina da *Traviata*, que teve um exito ruidoso.

MOVIMENTO THEATRAL EM INGLATERRA

Em Londres, representaram ultimamente com exito tres companhias estrangeiras: a da Duse, a da Réjane e a dos Coquelin. Poucas novidades tinham no reportorio, e essas mediocremente apreciaveis.

Shakespeare continua a figurar abundantemente nos cartazes inglezes. Nada menos de tres Hamlets surgiram ao mesmo tempo em tres theatros differentes. Uma sociedade particular (Elisabethian) tentou o interessante emprehendimento de representar Shakespeare na integra e sem scenario, como no tempo do grande dramaturgo. A tentativa gorou deante da indifferença do publico. O grande Irving reappareceu, depois de um largo periodo de retrahimento, no *Mercador de Veneza* e no *Luiz XI*. Parece que nem a doença nem a velhice lhe teem diminuido sensivelmente as poderosas faculdades.

Começaram no dia 15 de junho em Londres as representações em *matinée* de M.me Georgette Leblanc Maeterlinck, que o nosso publico teve já ensejo de admirar no D. Amelia.

Outra curiosidade: a estreia de M.me Simone Le Bargy, esposa do insigne actor francez, representando na lingua ingleza. A sua estreia foi no *Adversaire* de Capus (*The man of the moment* na versão ingleza). Havia interesse em avaliar como essa franceza falaria uma lingua extranha. O resultado foi optimo... demais, segundo affirma o *Times*, visto que sobretudo no começo da peça a volubilidade da sua expressão era tal que aos proprios inglezes não era muito facil comprehendel-a. De resto, o exito foi grande para ella e para o protagonista, o actor Alexander.

Os artistas francezes, como se vê, teem em Londres um grande campo de exploração e grande numero de admiradores. Aos que citámos, ha a acrescentar ainda, entre os universalmente conhecidos, a celebre Yvette Guilbert, muito applaudida nas suas *matinées* do Haymarket.

Vida na sciencia

MONUMENTO A LEBON

Paris vae erigir uma estatua a Philipe Lebon, o celebre inventor do gaz, assassinado por uns malfeitores inglezes, que o roubaram, e tempos depois pois pozeram em pratica o invento cujo segredo poderam arrancar-lhe. O monumento será collocado nos Campos Elyseos, mesmo no logar onde Lebon foi assassinado.

MARTE

O planeta Marte está neste momento a 79.950:000 kilometros da terra, apenas. Dentro de dois annos, ter-se-ha aproximado tanto do nosso, que aos astronomos será então possivel estudar esse outro mundo mysterioso que tanto tem dado que falar, mas a respeito do qual tão pouco se póde affirmar ainda.

A VISÃO DAS CORES APERFEIÇOADA PELA CIVILISAÇÃO

Um sabio professor de ophtalmologia, dr. Magnus, em uma serie de memorias que acaba de publicar, affirma que a capacidade visual não varía unicamente de individuo para individuo, mas é proporcional ao grau de civilisação a que cada um pertence. A retina humana, diz esse sabio, devia encontrar-se em sua origem n'um estado analogo ao que apresenta actualmente a zona periferica d'esta membrana. Só mais tarde é que o homem começou a ter a noção da cor vermelha e da amarella, que são as que correspondem ás ondas luminosas mais distantes e de maior poder. É talvez por esta razão que nem os himnos antigos dos Vedas, nem o Antigo Testamento falam, em nenhuma das suas passagens, do «azul celeste» comquanto muito abundem em descripções da natureza. Assim não aparece tambem nos poemas homericos o verde das plantas, ao passo que frequentemente ha referencias ao amarello e ao vermelho. Homero e Ezequiel são apenas sensiveis ás luzes incandescentes do arco-iris; alguns seculos depois Xenofanes distingue n'este meteoro a cor da purpura, a vermelha e a amarella esverdeada. Aristoteles acrescenta-lhes a azul, ou violacea.

Baseando-se n'um estudo ácerca das linguas da Africa meridional, devido a mr. Froverville, secretario da Sociedade de Geographia de Paris, diz o

professor Magnus que, com excepção dos malgachez, que são muito habeis tintureiros, e possuem um vocabulario completo para a designação das cores, todos os povos d'aquella região só distinguem com nitidez a cor branca, a negra, e a vermelha, considerando todas as outras como variedades d'aquellas. Confundem sempre o azul e a cor de violeta com a a prata; a cor amarella e a alaranjada ou com a branca, ou com a vermelha, a verde, tomam-na umas vezes por azul, outras por amarella.

D'aqui o poder-se admittir que o orgão da visão se torne mais perfeito no homem á medida que elle vae adquirindo o habito de analisar com maior cuidado as suas sensações, e que, sempre que for augmentando o campo de acção d'este orgão, o grau periferico da retina humana chegará a tornar-se sensivel a certos raios de luz, desconhecidos ainda por nós!

As crianças possuem ao principio unicamente o sentido da luz; distinguem o branco e o preto, e aprendem a vêr os objectos que os cercam e a conhecer-lhes os differentes movimentos. Chegada ao 16.º mez, a sensação da cor vermelha e da cor verde começa a desenvolver-se-lhes nas partes centraes da retina, e aperfeiçoam-se cada vez mais até ao 24.º mez. Dos 2 aos 3 annos, começa a criança a conhecer a cor amarella; dos 3 para os 4, a cor alaranjada, o azul, e finalmente a cor de violeta. O sentido chromatico vae-se aperfeiçoando assim até aos 5 ou 6 annos. Só passado um anno depois que a criança aprendeu a reconhecer as seis cores principaes (verde, amarello, laranja, violeta) é que toma o habito de as distinguir na conversação.

A Maior Ponte do Mundo

Uma poderosa companhia de caminhos de ferro dos Estados Unidos da America, a Southern Pacific, tem concluido o assentamento de uma ponte sobre o Mississipi, que deixa a perder de vista a famosa ponte de Forth, que os inglezes consideravam até agora a mais admiravel construcção metalica do mundo inteiro. Esta nova ponte, que é de via dupla, proximo de Nova Orléans, tem 3:000 metros de comprimento, quasi duas vezes o que tem a ponte do Forth. Pesa 25:000 toneladas. Custou 4 milhões e 500 mil dollars. Foi toda constrnida na America. Facilita consideravelmente as communicações entre os Estados do Norte e os do Sul, e mantem á capital da Luisiania a supremacia como ponto de embarque dos algodões d'aquella região.

A Vida Humana conforme a Altura da Habitação

Um higienista hungaro teve a idéa de estabelecer, fundando-se nas estatisticas mais recentes, as relações da duração da vida humana com o nivel do andar do predio em que cada qual habita. Pela sua profissão ou pela sua pobresa, os que são constrangidos a viver nas lojas subterraneas são os que morrem mais depressa. Veem depois, por ordem decrescente de insalubridade, o 3.º andar, o 4.º andar, e o rez do chão. Os andares mais sadios são o 1.º e o 2.º Quanto ao 5.º, ao 6.º, e ao que ainda porventura fiquem para cima d'esses, o numero de degraus que é preciso subir para lá chegar é tão grande, que o seus inquilinos devem contar com a morte dois annos mais cedo que aquelles que habitem os andares intermedios.

Despovoamento dos Mares

Um fenomeno que interessa particularmente o nosso paiz, dada a sua situação geografica, é o do despovoamento dos mares; principalmente nas proximidades das costas. As sociedades de piscicultura da America do Norte tem agora debatido muito esta questão.

Supunha-se d'antes que as idéas do professor inglez Hxley a respeito da reproducção e quantidade dos animaes marinhos eram d'uma inteira exactidão, admittindo-se que a pesca, por mais intensiva que se praticasse, não era factor de importancia que concorresse para diminuir sensivelmente a multidão dos peixes aproveitados para o consumo. Vieram depois os trabalhos de Agassiz, Mac-Intosh, Hensen Whitman, Marion, Heincke, e outros, e revelaram que, se é certo que a pesca feita de acordo com prescripções scientificas, não prejudica consideravelmente a população dos mares, desde que só se escolha o que deva ser aproveitado, outros factores ha que poderosamente contribuem para que o esgotamento do litoral se prepare pouco a pouco.

Quanto Peso aguenta um Soldado

Os alumnos do Instituto de Medicina Frederico Guilherme, na Allemanha, têm realisado experiencias com o fim de averiguar qual o peso maximo que os soldados de infanteria podem transportar, em determinadas condições de marcha.

As conclusões a que chegaram, deduzidas e relatadas pelo professor Luntz, são as seguintes:

Quando o peso transportado não exceda 22 kilos, numa marcha de 25 a 28 kilometros, com uma temperatura média, não exerce acção deprimente sob a saude do soldado. Em condições identicas de peso e marcha, mas sob elevadas temperaturas atmosfericas observam-se perturbações cardiacas, circulação anormal, respiração forte e apressada.

Um peso de 27 kilos em marchas de 22 a 28 kilometros, com temperatura favoravel, é ainda suportado facilmente pelo soldado; mas é o maximo para a média dos soldados, durante o estio. D'ahi para cima, o peso diminue o andamento da infantaria, produzindo todos os simptomas do esgotamento muscular.

As variações que possa haver nestes numeros, obtidos sobre calculos muito precisos, só pódem ser determinados pela naturesa dos caminhos a percorrer.

A marcha realisada em uma superficie plana não póde ser egual á que se faça em uma extensão egual de terreno montanhoso. As experiencias dos estudantes allemães fixarem a média dos casos.

Vida no sport

Um Cavallo que vale uma Fortuna

Por morte do Duque de Westminster, em 1900, as suas cavallariças foram vendidas em hasta publica, chamando principalmente a attenção dos entendidos o famoso cavallo de corridas *Flying Fox* (Raposa voadora) que em 1889 tinha ganho os seis primeiros maiores premios da Inglaterra, para cima de um milhão de francos. Disputaram-no o Principe de Galles, depois Eduardo VII, e Mr. Edmond Blanc. O Principe chegou a offerecer pelo cavallo 900:000 francos, mas ficou-se nesse lanço. E o *Flying Fox* foi adjudicado a Mr. Blanc por um milhão. Levado para Jardy, logo no anno seguinte teve oito descendentes, que, vendidos, deram 1.315:000 francos ao dono do tão celebre garanhão, além dos premios que já tinha obtido em corridas, o que tudo foi calculado em cinco vezes o preço que o pae custára. Eduardo VII deve ter torcido a régia orelha por haver perdido um tão bom ensejo de enriquecer a Inglaterra sportiva.

Vida de um Toureiro

O illustre Mazzantini esteve no Mexico, toureando com o applauso que lhe é devido, emquanto não entra na vida politica, pois que espera breve o seu mandato de deputado. Durante os quarenta e oito annos da sua vida, Mazzantini tem morto nada menos de *tres mil e quinhentos* touros. A sua biographia é bastante accidentada. Começou por telegraphista, depois graduou-se em leis, em seguida o theatro tentou-o, e a sua voz de barytono deu-lhe uma certa fama como cantor. Foi depois destas tentativas varias que elle entrou no redondel, seguindo todas as phases até se tornar o grande matador que Lisboa apreciou.

Corrida de 100 kilos

Um jornal de Bruxellas organisou no fim de maio uma corrida pedestre reservada para homens que pezassem 100 kilos pelo menos. Tomaram parte na corrida 150 concorrentes, que tiveram de percorrer uma distancia de 10 kilometros em redor da cidade. Os corredores eram na maioria magarefes, homens do campo e moços de fretes. Alguns pesavam 130 e até 150 kilogrammas. O primeiro a chegar á meta foi um homem dos arredores de Lierre, chamado Vancraen.

A Taça do Oceano

O esplendido objecto de arte, de ouro massiço, offerecido pelo Imperador da Allemanha para uma regata de yachts atravez do Atlantico, foi posto a premio a 17 de maio. Entraram no concurso 11 yachts, sendo 6 americanos, 4 inglezes e 1 allemão.

Ganhou a escuna americana *Atlantic*, pertencente a M. Wilson Marshall, que alcançou o ponto de chegada a 29 de maio, ás 9 horas da noite, com o avanço de 23 horas sobre o *Hamburg*. O mais pequeno dos concorrentes foi o *Sunbeam*, de 30 pés apenas de comprido, que apesar d'isso realisou o percurso em 15 dias.

Até agora, o record da travessia do Atlantico pertencia ao *Endymion*, que a tinha feito em 20 dias e 20 horas.

Viagem Aerea

Realisou-se a 24 de junho uma ascensão interessante no Havre. Dirigia-a Mr. Jacques Faure, piloto do *Aero-Club*, e acompanhavam-no dois illustres *sportmen*. Os aeronautas tendo partido ás 6 horas da tarde, foram impellidos pelo vento nordeste, passando por deante de Trouville e chegando ás 8 e meia á vista de Cabourg. Um salto de vento empurrou-os de novo para o Havre. A's 4 horas da manhã, passavam entre Beauvais e Amiens, e em seguida sobre Saint-Quentin. A's 5 da manhã estava o balão á altura de 3:900 metros por cima de Vervins e descia vagarosamente para o lado da fronteira belga, aferrando terra pelas 9 horas perto do *château* de Chimay.

Yachting

Eis o programma da grande semana de yachting, que se organisa em San Sebastian, sob os auspicios do rei de Hespanha.

16 de julho — Regata do Grande Casino para yachts de menos de 3 toneladas; taça Picavea para yachts de 3 a 10 ton.

17 de julho — Regata internacional: 1.ª serie, até 2 ton., com 4 premios pecuniarios; 2.ª serie, de 2 a 5 ton., com 4 premios pecuniarios: 3.ª serie, 5 a 10 ton., com 2 premios pecuniarios.

18 de julho — Taça de S. M. El-Rei Affonso XIII, para yachts de 40 a 100 ton.

18 e 19 de julho — Taça da Liga Maritima Hespanhola, em duas provas, com 1:000 pesetas de premio em especie.

19 e 20 de julho — Premio de Guipuzcoa, para yachts de construcção hespanhola.

20 e 21 de julho — Taça do Cantabrico, para yachts dos clubs de Santander, Bilbao e San Sebastian.

20 e 21 de julho — Regata em cruzeiro de San Sebastian a Bilbao: 2 premios pecuniarios e medalhas.

22, 23 e 24 de julho — Grande regata internacional Sonderklasse: Taça da Rainha. Além d'este premio de honra, 4 premios pecuniarios, sendo o maior de 2:000 pesetas. Tres provas.

Variedades

MONUMENTO AO MARQUEZ DE POMBAL

CONSTITUIU-SE officialmente a grande commissão nacional que deve levar a effeito a idéa de se levantar em Lisboa um monumento ao Marquez de Pombal, o omnipotente ministro de D. José I.

Sebastião José de Carvalho foi um dictador por excellencia, mas o seu absolutismo era o germen fecundo da liberdade, porque do conjuncto de todas as suas medidas havia de resultar o progresso material e moral do povo portuguez.

A todo Portugal, pelo modo por que elle sustentou e fez respeitar os seus direitos, orientou a sua instrução, creou e desenvolveu as suas mais poderosas fontes de receita, e sempre o serviu com amor e lealdade, corre o dever impreterivel de saldar a sua divida de homenagem á memoria do incomparavel estadista, cujo nome se pode collocar sem desvantagem ao lado dos de Cavour, de Bismarck, de Tailleyrand, de Richelieu...

Mas Lisboa era, naturalmente, o melhor pedestal para supportar a estatua de Pombal: o terrivel terremoto de 1755 tornara um montão de ruinas a opulenta cidade do Tejo, e só ao *fiat* do imperturbavel ministro é que ella poude surgir radiante dos destroços de tamanha catastrofe.

Para erigir o monumento se abriu uma subscripção publica no dia 8 de junho, anniversario do nascimento do Marquez, a qual vae avolumando.

UM DOS CARROS DO ENTERRO DO GRAU

O ENTERRO DO GRÁU

O que era o Grau?

Que foi o enterro do Grau?

Grau era o pretexto tradicional de uma cerimonia que se realisava na Universidade de Coimbra de cada vez que um alumno concluia o seu curso, e lhe era reconhecido o direito de receber a carta de bacharel. Uma recente determinação do Governo poz termo a esse antigo costume, e logo os estudantes da Universidade se lembraram de celebrar o fim do Grau, promovendo-lhe o *enterro*.

UM DOS CARROS DO ENTERRO DO GRAU

Mas tão vivo e alegre alarido fizeram com tal motivo de folgança, tal programma de galhófa organisaram e espalharam para os dias destinados á celebração, que de toda a parte do paiz foram curiosos a Coimbra, assistir aos funeraes. E todo o programma, jovialissimo, correspondeu inteiramente á espectativa.

PROGRESSOS DO FEMINISMO

EM um Relatorio official agora publicado na Inglaterra ha interessantes indicações sobre os progressos do feminismo, de 1871 para cá.

Naquelle anno, eram 5:000 as mulheres inglesas occupadas nos serviços administrativos; esse numero subiu depois a 8:500. As jornalistas, auctoras de novelas, poetisas, que eram 225, chegaram a ser 960; e as reporters, que ainda então não existiam, passam hoje de 200. Comquanto já em 1871 houvesse nas escolas de medicina muitas raparigas es-

tudantes, nenhuma exercia a profissão de medico. A estatistica em que se baseia o Relatorio que temos á vista fixa em 250 as mulheres doutoras. As enfermeiras são 53:000, as pintoras, gravadoras, esculptoras, architectas, 3:050. As mestras de musica, 19:000. As actrizes, 3:698.

Envenenamento pelas uvas

O *British Medical Journal* cita alguns casos de envenenamento pelas uvas, cujas cepas haviam sido regadas com suco de tabaco, numa formula muito concentrada, para destruição de insectos e parasitas. As pessoas que comeram d'essas uvas tiveram vomitos, sincopes, e simptomas graves de intoxicação. Os medicos chamados para as tratarem foram da opinião unanime de que estavam em presença de casos de envenenamento pela nicotina.

Quanto Come um Soldado Inglez

As refeições do soldado inglez são tres: almoço, jantar e chá. As duas primeiras são obrigatorias, a ultima é facultativa. O almoço é servido ás 8 horas da manhã, o jantar á 1 da tarde, e o chá ás 4 da tarde.

A ração diaria inclue 1 arratel de pão e 3 quartos de arratel de carne. O resto compõe-se de porções regulamentares de chá, café, hortaliças, manteigas, geleia, ovos, peixe, etc.

Durante a ultima campanha de Africa Meridional, cada soldado tinha a seguinte ração diaria: 1 arratel e quarta de pão ou 1 arratel de bolacha; 1 arratel de carne; meio arratel de legumes e hortaliças; 4 onças de geleia; 3 onças de assucar; 1,6 onça de chá; 1,3 onça de café; sal e pimenta.

Um exercito de 50:000 homens, com os respectivos cavallos e muares, calcula-se que precisa durante 30 dias nada menos de cincoenta mil toneladas de mantimentos.

Orientação das Camas

De um interessante inquerito aberto por um magazine inglez entre os seus leitores, resulta que a melhor maneira de collocar a cama, para ter um somno tranquillo e salutar, é com a cabeceira para o norte.

As Horas do Somno

Um medico illustre fez varios estudos sobre as horas que se devem dedicar ao somno. O adulto deve dormir pelo menos 8 horas e meia, e o velho 9 horas. Depois de uma experiencia de 26 annos conseguiu arranjar o seguinte mappa:

EDADES	HORAS
15 annos	10 horas
19 »	9 e meia
21 a 48 (homem)	8 e um quarto
21 a 48 (mulher)	9 horas
48 a 59 (homem)	9 horas
48 a 59 (mulher)	9 e tres quartos

Além dos 59 annos é muito difficil dizer quanto se póde dormir, mas já se teem encontrado pessoas com 65 annos que dormem mais horas do que as que teem 50.

Um Rei Creança

Quando Affonso XIII de Hespanha era uma creancita, tinha o mau habito de metter a faca na bocca ás refeições. Reprehendeu-o a aia por esse motivo.

— «As pessoas bem educadas nunca fazem isso», disse ella.

— «Mas eu sou rei», retorquiu o pequeno monarcha.

— «Os reis ainda menos fazem similhante má creação», volveu a aia.

— «Ah! sim? Pois fal-a este rei», concluiu Affonso XIII.

Cães Policias

Os cães são empregados com excellente exito pela policia de Philadelphia, fazendo serviços analogos aos dos cães de S. Bernardo, a cuja raça pertencem. Patrulham a rua á noite, e, em pilhando um bebado cahido, vão logo chamar o policia mais proximo. Com o seu maravilhoso faro, percebem de longe o cheiro a queimado, e avisam immediatamente para se atalhar qualquer incendio. Acodem egualmente ás creanças desgarradas, que conhecem facilmente por as verem sósinhas a chorar.

OBRAS PRIMAS

O

ENGENHOSO FIDALGO

DOM QUICHOTE

DE LA MANCHA

COMPOSTO POR

Miguel de Cervantes Saavedra

VOLUME I

Ferreira & Oliveira L.da * Editores *
Rua do Ouro, 132 * Lisboa.

CADA VOLUME CUSTARÁ:

Avulso em todo o paiz

Em brochura........ 200 réis
Encadernado em panno, com ferros especiaes........ 300 »

Pelo correio franco de porte

Por assignatura

Séries de 5 volumes { brochados........ 900 réis
encadernados........ 1$400 »

Séries de 10 volumes { brochados........ 1$800 »
encadernados........ 2$700 »

Desnecessario nos parece justificar a escolha que fizemos do **«Dom Quixote»** para encetarmos a nossa Bibliotheca, bastando dizer que depois da Biblia é este o livro que tem maior numero de edições em todo o mundo, e que ainda ha dias se festejou o tricentenario do apparecimento da 1.ª edição.

A OBRA COMPLETA CONTERÁ 3 VOLUMES

Artigos de Affonso Lopes Vieira, Conde de Sabugosa, Carlos Malheiro Dias, Celestino Soares, Ernesto Vieira, Julio Brandão, Manoel da Silva Gayo, Rocha Peixoto, H. G. Wells

AGOSTO DE 1906

N.º 2

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA L.DA
LISBOA

Musica de Augusto Machado — Illustrações de

Cada numero, alem do magazine propriamente dito, tem dois supplementos, A MUSICA DOS SERÕES, OS SERÕES DAS SENHORAS, com uma folha de moldes. Exigil-os com o numero ao preço total de **200 réis.**

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (31 illustrações)

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos SERÕES

Ao abrir esta secção, cumpre agradecermos as innumeraveis manifestações de sympathia e congratulação que, publica e particularmente, foram dirigidas aos *Serões*. Ellas representam para nós um estimulo que não ha de perder-se.

Procuraremos melhorar quanto possivel a nossa publicação, acceitando varios dos muitos alvitres e conselhos que temos recebido. É claro que não podemos adoptar todos elles, visto que entre alguns ha manifesta contradição, e nós temos em mente aquelle conhecido apologo de La Fontaine, *O moleiro, seu filho e o burro*. Desculpem aquelles a quem não podemos fazer a vontade, e não se arrependam de nos suggerir ideias. D'entre ellas, alguma haverá sempre que se adapte ás condições da nossa revista.

Vamos por partes responder da maneira mais summaria possivel aos nossos amaveis correspondentes.

MAGAZINE

Um grande numero de pessoas nos offerece delicadamente a sua collaboração, enviando-nos artigos, em que predomina o verso e a especie de litteratura que os inglezes denominam de ficção (contos, novelas, etc.) A direcção dos *Serões* pede desculpa de não dar de prompto resposta a essas captivantes offertas, por isso que leva seu tempo a ajuizar sobre a conveniencia da publicação.

Mas desde já pede licença para observar que, por interessantes que sejam essas producções litterarias, muito mais alvoroçadamente acolheria artigos especiaes sobre assumptos de ethnographia, de economia politica, de agricultura, de arte, etc., que digam respeito ao nosso paiz, sobretudo quando venham acompanhados de elementos ou indicações para a sua illustração.

A empreza dos *Serões* deseja fazer da sua revista um repositorio, tão completo quanto possivel, de informações e noticias de cousas portuguezas, um interessante archivo da nossa terra e do viver nacional, e é n'esse sentido que estimaria muito receber larga e documentada collaboração, mas, note-se bem, no estylo ligeiro e pittoresco proprio do *Magazine*. É preciso ter em mente que a clientela feminina, á qual muito especialmente attendemos, só admitte artigos, embora substanciosos, mas ligeiros de aspecto.

QUEBRA-CABEÇAS

No numero 3 publicaremos as soluções e a correspondencia, relativas ao numero 1. Deixaremos sempre este intervallo, afim de dar tempo aos nossos leitores de fora do paiz para nos enviarem as suas respostas.

A todos convidamos para que se interessem por esta secção, já scismando sobre as questões apresentadas, já collaborando com problemas, enigmas, perguntas, etc., que n'ella tenham cabimento.

Um correspondente pede-nos a inserção de charadas e logrogriphos, á moda velha. Não duvidaremos publical-os; mas, como já dissemos no cabeçalho da respectiva secção, convem que pelo seu engenho e artificio saiam do ramerrão, um pouco bolorento, que de ha cincoenta annos para cá tem abarrotado os almanachs e as publicações periodicas.

Para exemplo das charadas que nos sorriem, publicamos a seguir uma que na nossa infancia—já distante—nos encantou:

Está na garganta—1
Está no nariz—2
Acaba por C,
Começa por X.

Toda a gente sabe a solução d'ella, não é

(Vidè concurso photographico a pag. III dos annuncios)

assim? Mas isso é hoje em dia, porque em tempos que já lá vão deu que parafusar a muita gente boa.

D'estas, sim senhor! Porque teem um artificio engenhoso, que, francamente, se encontra pouco em corriqueiras charadas, novissimas e não novissimas, sobre as quaes não vale muito a pena gastar o pensamento.

OS SEROES DAS SENHORAS

Uma amavel correspondente pede-nos que nos abstenhamos de termos francezes, accusando-se modestamente de uma ignorancia philologica, em que pedimos licença para não acreditar. Que quer a nossa desconhecida e sympathica leitora? A technologia franceza invadiu completamente a linguagem das modistas, costureiras, etc., e não ha meio de lhe escaparmos, por mais vernaculos que desejemos ser. Ha nomes de fazendas, de cores, de enfeites, de guarnições, etc., absolutamente intraduziveis; e, se é pecha usarmos d'elles como nol-os offerece o torrão nativo, d'essa pecha sofrem, creia, todos os paizes civilisados, onde a nomenclatura parisiense domina orgulhosamente n'este campo.

Todavia, não deixaremos de attender, quanto nos fôr possivel, ás suas observações, ditadas por um captivante affecto á nossa Revista. Assim, verá no presente numero como nacionalisamos a culinaria, embora não nos abstenhamos de futuro de offerecer ás nossas leitoras, alternadamente, menus em francez, que é tambem a lingua universalmente adoptada pela gastronomia elegante.

O nosso lemma, n'este como em todos os assumptos, é satisfazermos todas as aspirações e agradarmos a todos os paladares.

Oxalá o consigamos!

AOS PHOTOGRAPHOS AMADORES

Aberto pelos "SERÕES"

PRIMEIRO CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

EM vista do largo desenvolvimento da photographia em Portugal, é por um concurso n'esta especialidade que os **Serões** inauguram a serie de concursos, prometidos no seu prospecto e tendentes a dar alento de todas as manifestações de arte, de sciencia, de industria, d'actividade intellectual do nosso paiz, em summa.

Attendendo á quadra do anno que actualmente atravessamos, o nosso concurso será especialmente limitado a

PHOTOGRAPHOS AMADORES

e a

Photographias tiradas nas praias e thermas de Portugal, incluindo paizagens, trechos da beira mar, aspectos do oceano, grupos de banhistas ou de typos regionaes, especialmente casando-se com o aspecto physico do meio ou suggerindo qualquer idéia dramatica ou comica, etc.

Devem além d'isso os concorrentes submetter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja o de 9×12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos SERÕES com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos SERÕES reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos SERÕES.

4.º — A direcção dos SERÕES não se compromete a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos SERÕES será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos SERÕES com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10:000 RÉIS;** o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos «Serões»** já publicados; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos «Serões»** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

(Boletim para cortar e remetter com a photographia)

PRIMEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 30 DE SETEMBRO

Titulo da photographia ....

Local em foi tirada ....

Nome e endereço do photographo amador ....

....

Declaração. — Declaro que não sou photographo de profissão, e que a photographia, que junto remetto, foi tirada por mim e nunca foi publicada.

Assignatura ....

Endereço: Á Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138

UM BRINDE PRINCIPESCO

Um appello coroado do melhor exito!!...

Todas as Fabricas, aquellas que fornecem exclusivamente OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, acabam de quotisar-se entre si para offerecerem aos freguezes **d'estes importantissimos armazens** um **BRINDE** que ficará memoravel nos annaes commerciaes de Portugal, ou seja

O CHALET IDEAL

Este **BRINDE** representa um bilhete de agradecimento ao Publico que tão bem soube comprehender os seus interesses, correndo em massa a este importantissimo estabelecimento; é uma demonstração de gratidão para com os proprietarios d'estes armazens, que conseguiram triplicar-lhe a venda dos seus productos. Muito reconhecidos, offerecem pois,

O CHALET IDEAL

Para a construcção d'este chalet foi escolhido o melhor sitio dos arredores de Lisboa, isto é, a linha de Cascaes.

O CHALET IDEAL será construido no sitio de Cae-Agua, entre as estações de S. João do Estoril e Parede e ficará situado em frente da nova estação em projecto, isto é, a 50 metros de distancia d'esta; tem praia e todas as condições para que possa dar-se-lhe o nome de **Chalet Ideal.**

O CHALET IDEAL será de magnica construcção e possuirá todos os confortos d'uma casa moderna, terá 9 divisões e será cercado por um lindo jardim de 300 metros quadrados.

O CHALET IDEAL representa uma pequena fortuna e pobres e ricos podem aspirar a conseguil-o sem dispendio d'um unico real.

O CHALET IDEAL será entregue ao portador do bilhete com egual numero ao da sorte grande da Grande Loteria Portugueza do mez de dezembro. Os bilhetes para conseguir **O Chalet Ideal** não custam nada, são **GRATIS.** Basta effectuar compras na importancia de cincoenta mil réis para obter um bilhete.

Todas as compras não inferiores a 2$500 réis terão direito a uma senha e cada 20 senhas a um bilhete para **O Chalet Ideal.**

Alem d'este brinde, todos os portadores de bilhetes ficam habilitados aos **600** brindes que por seu turno os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado distribuirão ao mesmo tempo e pela mesma loteria, pois serão tantos os brindes quantos os premios sorteados na mesma. Todos os brindes representam uma verdadeira chuva de ouro e uma somma fabulosa. Eis a lista d'elles:

1.º BRINDE, **O CHALET IDEAL.** — 2.º Brinde, **Um magnifico piano vertical, marca Frantz.** — 3.º Brinde, — **Uma rica mobilia para quarto.** — 4.º Brinde, **Uma esplendida mobilia de casa de jantar.** — 5.º Brinde, **Uma linda mobilia de sala.**—6.º 7.º e 8.º Brindes, **3 bicyclettes americanas, marca Reading Standard.** 9.º a 30.º Brindes, **21 phonographos «Pathé».** Os restantes numeros premiados terão direito cada um a **Meia duzia de lindas chavenas de phantasia para café.**

O Plano detalhado será publicado opportunamente. A planta e alçado d'**O CHALET IDEAL,** serão expostas desde o dia 6 nas vitrines d'estes GRANDES ARMAZENS.

A distribuição das senhas principiou no dia 6

Filtro Chamberland

Systema PASTEUR

Exposição de Paris de 1900

A melhor recompensa foi concedida aos filtros CHAMBERL ND systema PAS

2 Grandes Premios

Na classe 111 (Hygiene geral) e 121 (Hygiene militar)

Um filtro premiado pela *Academia das Sciencias* e approvado por unanimidade pela *Academia de Medicina de Paris* por ser o unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação.

Os filtros **Chamberland** systema *PASTEUR* são adoptados em Portugal, na Casa Real, Ministerios da Guerra e da Marinha, Escola Medica, Real Casa Pia, Guarda Fiscal, Casa da Moeda, Hospitaes, Asylos, Hoteis, Associações, Casas particulares, etc,, etc.

Fogareiros e Caloriferos Para petroleo

FLAMME BLEUE (chama azul)

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

O fogareiro **FLAMME BLEUE** é o unico apparelho de torcidas que funcciona **com chama azul sem fumo e sem cheiro, qualquer que seja a graduação da chamma**; tem o mesmo poder que um fogão a **Gaz,** o que o torna um verdadeiro fogareiro de cosinha.

Este apparelho é o mais rapido, o mais puro, o mais economico com segurança absoluta. As pessoas que já tenham um fogareiro, **CHAMMA AZUL, podem transformal-o** á vontade em um excellente calorifero.

Depositario especial para Portugal e suas colonias: CARLOS LARCHER

RUA NOVA DO ALMADA, 79 — LISBOA

NOTA — Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos dos filtros e dos fogareiros para petroleo **Chamma azul,** a quem os requisitar.

OBRAS PRIMAS

O

ENGENHOSO FIDALGO

DOM QUICHOTE

DE LA MANCHA

COMPOSTO POR

Miguel de Cervantes Saavedra

VOLUME I

Ferreira & Oliveira L.da — Editores —
Rua do Ouro, 132 — Lisboa.

CADA VOLUME CUSTARÁ:

Avulso em todo o paiz

Em brochura.......................... 200 réis
Encadernado em panno, com ferros especiaes.......... 300 »

Pelo correio franco de porte

Por assignatura

Séries de 5 volumes { brochados.................... 900 réis
{ encadernados.................. 1$400 »

Séries de 10 volumes { brochados.................... 1$800 »
{ encadernados.................. 2$700 »

Desnecessario nos parece justificar a escolha que fizemos do «**Dom Quixote**» para encetarmos a nossa Bibliotheca, bastando dizer que depois da Biblia é este o livro que tem maior numero de edições em todo o mundo, e que ainda ha dias se festejou o tricentenario do apparecimento da 1.ª edição.

A OBRA COMPLETA CONTERÁ 3 VOLUMES

LOMBADAS
A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

GOARMON & C.ª

Fabrica a Vapor de Mosaicos hydraulicos

Azulejos nacionaes e estrangeiros. Ditos em cartão,

Tijolos em cimento

21, T. do Corpo Santo—LISBOA

Catalogos sob requisição

Formicida Progresso

O melhor e mais seguro remedio

CONTRA AS FORMIGAS

A' venda em todas as boas drogarias

DEPOSITO PARA REVENDA

Drogaria Progresso

RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA, 109 A 113

Pacote 60 réis

(Vidè concurso photographico a pag. III dos annuncios)

O Museu de Alfredo Keil

Instrumentos de musica

Um eminente artista, gloria de Portugal pela superioridade e variedade dos seus talentos, compositor afamado, pintor insígne, poeta inspirado, ainda logra dispensar parte da sua febril actividade para uma obra verdadeiramente patriotica e meritoria. Alfredo Keil junta ás suas multiplices aptidões a paixão, para outros absorvente, do colleccionador. Assim as suas salas constituem um valioso museu cuja visita elle amavelmente proporciona. Museu variado, de arte e de archeologia, onde se encontram joias, leques, louças, caixas de rapé, miniaturas, utensilios de toda a casta, que passaram por aristocraticas mãos, que conservam a rescendencia extranha dos seculos idos.

Mas a parte seguramente mais completa é a que se refere a instrumentos de musica, e para a apresentar aos leitores escolheram os SERÕES um cicerone de indiscutivel competencia e de interessantissimo discurso, o sr. Ernesto Vieira, um dos mais abalisados criticos e historiadores musicaes da nossa terra. Descrevendo varios instrumentos e dando a historia anecdotica de alguns delles, o sr. Vieira põe em relevo a benemerita tarefa realizada atravez de mil estorvos por um grande artista portuguez.

MUSEUS MAIS INTERESSANTES QUE BIBLIOTHECAS

ASSIM como já passou o tempo em que a historia politica das nações se aprendia decorando as datas do nascimento e morte de cada rei, os nomes dos filhos que teve e das mulheres que desposou, tambem a historia da arte já não consiste em saber que Zeuxís pintava uvas para os pardaes bicarem, e que Pythagoras descobria theorias musicaes ouvindo martelar os ferreiros.

Fazer hoje a historia de um paiz é estudar a vida do povo que o habita; historiar uma arte é apresentar as obras que ella tem produzido.

Compete esta ultima tarefa menos aos livros que aos museus. Por isso elles se multiplicam a par das bibliothecas. Um museu é um archivo de historia, e os exemplares que elle contém são documentos authenticos que nos attestam a vida da arte, mostrando-nos o seu desenvolvimento progressivo, as suas épocas de florescencia e de decadencia, dando-nos mesmo, em muitos casos, idéa da sua infancia nos exemplares de primitiva rudeza.

Ensino muito mais interessante que o dos livros, porque nos recreia a vista ao mesmo tempo que nos esclarece o espirito e nos apresenta o passado exactamente como elle existiu, fazendo-nos viver em alguns momentos muitas centenas — e até milhares, de annos.

Não se póde dizer que o nosso paiz

seja absolutamente pobre de museus, pelo menos de pequenos museus reunidos por colleccionadores particulares, que até certo ponto supprem a insufficiencia do grande colleccionador official que deve ser o governo.

Entretanto tem existido até aqui uma grande lacuna; uma arte tem sido geralmente despresada por todos os colleccionadores, grandes e pequenos: a musica. Ninguem ainda se tinha dedicado a reunir numero consideravel de instrumentos musicos com valor historico ou archeologico.

Injustiça flagrante e dos mais desastrosos effeitos. Busca-se por todos os cantos, batem-se todas as povoações, entra-se em todas as casas, paga-se por altos preços um quadro, um movel, um crystal, uma faiança, um relogio e até um insignificante *bibelot*, mas ninguem procura nem mesmo aprecia quando se lhe depara, um instrumento de musica. «Não entendo d'isso», é o que geralmente dizem — por palavras ou por pensamentos.

CLAVICORDIO DO CONVENTO DE SEMIDE

Fatal ignorancia!

Quantos documentos irremediavelmente perdidos, que seriam preciosos tanto para a ethnographia como para a historia da musica em Portugal!

Quantas canceiras, e já agora quantas despezas, são e virão a ser necessarias para adquirir objectos que nada custariam algumas dezenas de annos atraz!

UM EMINENTE ARTISTA, COLLECCIONADOR EMERITO

Alfredo Keil é o primeiro — cabe-lhe essa gloria a par de tantas outras — é incontestavelmente o primeiro que reune uma numerosa collecção de instrumentos musicos de todas as especies. E essa collecção, unica entre nós, é já de tal ordem que desperta cubiças a um grande museu especial e organisado de longa data: o do Conservatorio de Bruxellas, na sua especialidade um dos mais ricos da Europa, o qual lhe propõe trocas e lhe pede descripções, na falta de exemplares.

«Não se pescam porém trutas a bragas enxutas» diz o povo na sua sabedoria.

Alfredo Keil tem trabalhado e feito taes sacrificios pelo seu museu, que ninguem os poderá nunca avaliar e ninguem decerto lh'os recompensará jamais.

Apezar dos triumphos que alguns d'esses sacrificios lhe teem valido, apezar das intimas alegrias que as surprezas do acaso lhe teem proporcionado, não poucas semsaborias veem a cada passo amargurar-lhe o prazer da conquista feita á custa de renhidas lutas.

UMA RESTAURAÇÃO DESTRUIDORA

Este caso por exemplo: um dia viu um objecto servindo de encosto a uma porta, objecto que a sua vista perspicaz e sempre alerta lhe revelou como sendo um instrumento musico qualquer; comprou-o ao dono que o não considerava coisa de algum valor, levou-o para casa, examinou-o, confrontou-o com livros e estampas, concluindo que estava senhor de um *fagottino*, especie de antigo pequeno fagote, hoje só conhecido nos museus. Encontrou-o porém arruinado: chaves partidas, guarnições oxidadas, ca-

runcho e podridão a desfazerem-no; uma restauração intelligente poderia dar-lhe boa apparecia sem lhe tirar a veneravel vetustez, encanto dos archeologos e testemunho de authenticidade. Inculcaram-lhe musico habil em recomposições de instrumentos. Entregou-lhe Keil o seu precioso achado, que elle queria vêr limpinho mas tal como foi feito e como funccionava no seu tempo, pois está claro que só assim é que taes objectos teem todo o valor archeologico.

Succede porém, que ao cabo de dois annos de diligencias, esgotada a paciencia a ponto de pedir o auxilio da policia, o pobre Keil recebe o fagottino lindo e lustroso, coberto de tinta e verniz, augmentado no tamanho e com chaves que elle nunca tinha tido! Um velho casquilho de chinó e bigodes pintados!—Agora, disse o restaurador de fagottes, dá melhor a escala.—Uma escala de improperios até ao sobreagudissimo, lhe descarregou indignado Alfredo Keil, que ainda hoje chora lagrimas de desespero quando vê o venerando instrumento vestido de janota. E ás lagrimas do desolado collecionador corresponderá o riso dos visitantes, perante aquelle hilariante exemplar de restaurações desastradas.

CRAVO DE PENNAS DE 1724

A HISTORIA VIVA DO PIANO

Felizmente que a sorte lhe tem sido mais propicia com outras restaurações. Assim os clavicordios, os cravos, as espinetas, a preciossima virginal de Hans Rucker (1620), os pianos que nos mostram todas as phases por que este instrumento tem passado desde o seu nascimento, veem-se ali em estado de funccionar, com os seus machinismos renovados mas não alterados. É a historia viva do piano, sob uma fórma bem mais instructiva e attrahente do que tudo que possa ler-se nos livros.

Podemos ali ouvir os sons tenuissimos do clavicordio e da espineta, cuja doçura encantadora nos enleva; sentiremos as volatas saltitantes do cravo de pennas, que nos fazem comprehender a razão dos *quebros* e *requebros* tão usados pelos mestres cravistas. Poderemos tambem avaliar as diligencias empregadas pelos fabricantes para produzirem instrumentos *col piano* e *col forte*, vindo, de esforço em esforço, a cahir no estrondoso *piano-forte*, tão diverso do suave clavicordio.

Ao agrado dos sons correspondia muitas vezes o prazer da vista, como nos mostram não só a virginal de Rucker, com as suas deliciosas pinturas no interior do tampo, mas ainda a espineta de 1724 e o clavicordio que pertenceu ao antiquissimo convento de Semide.

Para que nada falte na historia do piano, estão os antecessores do clavicordio representados por um canon arabe e por varios psalterios, um dos quaes bem notavel pelas pinturas e outro por apresentar, ainda com o primitivo brilho, os finos doirados e cores purpurinas da época de D. João V.

A FLAUTA DO PRINCIPE AUGUSTO
E A TROMPA DO CONDE DE FARROBO

Tudo isto são importantes documentos para a historia geral da instrumentação; mas tambem Alfredo Keil tem reunido alguns especimens que interessam em particular a historia artistica do nosso paiz. Falemos por exemplo, de uma flauta de ebano com oito chaves de prata e a marca *Haupt-Lisboa*. Tem uma historia curiosa: Ernesto Frederico Haupt, neto de um torneiro allemão chamado Frederico Haupt, que se estabeleceu em Lis-

boa no tempo do marquez de Pombal, era habil fabricante de flautas, clarinetes e outros instrumentos congeneres. Seu pae, Antonio José Haupt, tinha obtido licença em 1785 para abrir uma «fabrica de torneiro de madeira e metaes

PSALTERIO DA EPOCA DE D. JOÃO V

em que se fizessem instrumentos musicos, castões de ouro e prata, e outras obras delicadas que se guarnecem com os mesmos metaes, á similhança das que n'este reino se introduziam dos estranhos...» (1) Conservou Ernesto a fabrica herdada do pae e tendo prestado serviços á causa da liberdade, batendo-se nas linhas de Lisboa, lembrou em 1835 a utilidade de se organisar no Arsenal do Exercito uma officina de instrumentos musicos para fornecimento das bandas militares. Acceite a ideia, Haupt quiz dar prova de competencia para dirigir essa officina, construindo um instrumento de fabricação esmerada que tivesse a approvação de alguem competente; ora como, exatamente n'esse tempo, se realisou o casamento da rainha D. Maria II com o principe Augusto de Leuchtenberg, que era amador de musica e flautista eximio, o director da nova officina do Arsenal construiu, para offerecer ao principe, uma flauta feita com o maior esmero, guarnecida de prata primorosamente lavrada.

Entretanto o pouco ditoso principe adoeceu e em breves dias morreu.

A flauta ficou pertencendo ao Arsenal, que a apresentou em diversas exposições publicas como objecto digno de ser apreciado; mas ultimamente voltou-se o catavento, e ella deixou de merecer o menor apreço, sendo posta em almoeda. Comprou-a, por preço ridiculo, uma sociedade de *cabeças de pau*.

D'este modo, o cuidadoso trabalho de um excellente artista, feito para um principe, veiu parar ás mãos de sordidos ferro-velhos.

Felizmente pouco tempo se conservou em tão immunda posse, e o nosso collecionador teve mais esta boa ventura de arrebanhal-a para o seu thesoiro, d'onde provavelmente não sahirá tão depressa nem tão despresada como sahiu do Arsenal.

A par da flauta que devia pertencer ao principe de Leuchtenberg, temos a trompa que de facto pertenceu ao conde de Farrobo.

Uma construcção tambem primorosa, embora não nacional; chapeada e guarnecida de prata, tem gravados o brasão e o nome do conde juntamente com o do fabricante, que é Raoux, celebre especialista em construir trompas e membro de uma familia que durante mais de

PSALTERIO DA EPOCA DE LUIZ XIV

cem annos teve officina de instrumentos de metal.

A trompa do conde de Farrobo tem a data de 1835. D'esta data em diante foi ella decerto a companheira constante do nobre amador, primeiro trompa em todas as orchestras de amadores — e até de artistas — que se reuniam em Lisboa.

(1) Alvará existente na Torre do Tombo.

Estava talvez tocando com a esplendida trompa de Raoux, quando, tendo errado o tom, Frondoni o advertiu gritando-lhe: *Signor Conte, mettete il vostro corno in mi.*

Alem dos exemplares de valor historico, temos outros de valor puramente ethnico, como são a gaita de folle, o adufe, o pandeiro, o tamburil, as guitarras, violões, machetes e cavaquinhos, tudo de fabricação nacional.

TROMBETA MARINHA

A FAMILIA DOS INSTRUMENTOS DE CORDA

Não é só a historia do piano que se encontra viva no museu de Keil. A familia dos instrumentos de arco ali patenteia a sua arvore genealogica, cujos troncos principaes estão representados pela *chrota* dos bretões e pelo *rebab* dos arabes. A rudeza d'estes avoengos torna mais frisante o contraste formado por uma formosa trombeta marinha pintada por Claude em 1627; uma esplendida *lira di gamba*, uma curiosa viola de amor, uma linda *rabequinha* e tantos outros exemplares interessantes d'esta numerosa familia.

Os instrumentos de cordas dedilhadas ostentam poeticos alaudes, grandes theorbas, um magestoso archilaude e uma enorme archicitara, tudo com monstruosos braços para sustentarem dois cravelhames e cordas de cumprimento tal que é preciso mandal-as fazer de encommenda.

A complicação d'estes instrumentos, que obrigava os tocadores a mandal-os encordoar e afinar por especialistas, fazia dizer que era mais caro sustentar um alaude que um cavallo.

Pertence á grande familia de cordas dedilhadas a colleção de harpas, menos numerosa que a dos cravos, mas egualmente instructiva por nos apresentar todas as transformações que no seculo XVIII soffreu o instrumento de David até chegar ao mecanismo duplo de Sebastião Erard.

Aqui, como nos clavicordios, tambem a ornamentação vem recrear a vista; são os ornatos de esculptura, as pinturas delicadas, os finos doirados e até as *chinoiseries*. Para nada faltar, vê-se ali tambem um exemplar da harpa eolia, cujo destino é pendurar-se nos ramos das arvores ou nos peitoris das janellas para o vento lhe extrahir aquelles accordes mysteriosos de que os poetas falam sem nunca terem ouvido. É o mais nobre dos instrumentos: só Deus o faz vibrar!

RIBECCHINO

OS INSTRUMENTOS DE SOPRO

Nos instrumentos de sopro está a collecção menos completa mas ainda abundante e curiosa. Não faltam as flautas, os oboés, clarinetes e fagottes de diversas épocas, contando-se entre elles alguns exemplares de fabricação nacional. Lá está um grande e feio contra-fagotte, fazendo contraste com o atraz citado fagottino, de linda figura e triste lembrança. Vê-se ali tambem o antigo serpentão, verdadeira serpente no aspecto, mas peor que serpente na voz, similhante á de um burro. Não longe se encontra o seu successor, o ophicleide, cujo nome emphaticamente rebuscado no diccionario grego os nossos musicos ageitaram chamando-lhe figle.

RÉBAB

Dispersos por differentes logares, segundo permitte a já deficiente capacidade das salas, o visitante encontra os seguintes membros da familia dos metaes: cornetas de chaves, dignas

e desafinadas irmãs do figle; trombones de varas, tendo um d'elles as varas mais compridas que *la voluntad de Diós,* como disse um hespanhol; clarins e trombetas, com suas bandeirolas bordadas de insignias heraldicas. A vista d'estes instrumentos guerreiros, de sons estridentes e agudos, faz acudir á memoria o nosso grande épico:

«Deu signal a trombeta castelhana...»

CORNETA CURVA DE MADEIRA SECULO XVI

Da época das trombetas ha ainda que reparar n'uma trombeta de madeira, pertencente á familia dos serpentões e de egual *maviosidade* na voz; os nossos musicos chamavam-lhe *corneta torta* e davam-lhe tambem outro nome pittoresco: *corneta de boi.* Este nome emparelhava com o que o povo dava ás charamellas: *vaccas.*

Na familia das flautas tambem se devem notar dois exemplares de *flauta doce,* um dos quaes de marfim; estes instrumentos, cuja caracteristica é a embocadura em bisel como no apito, foi denominado em francez *flûte-à-bec,* nome que certo professor traduziu por *flauta bicuda.*

A SECÇÃO EXOTICA DO MUSEU

Emfim, porque é indispensavel haver um fim, mencione-se que os instrumentos peculiares a certos paizes pódem ser vistos, e até tocados, no museu Keil. Representantes da musica russa, temos a *domra,* cítara de costas bombeadas e forma de pera, como o alaude; o *gusli,* verdadeiro psalterio da edade-media; o *lojki,* instrumento de percussão usado pelos terriveis cossacos; a *balalaika* dos camponezes russos e a *kantela* dos finlandezes. Contrastando com tantos especimens, todos geralmente grosseiros, da arte russa, apresenta-se só, mas impondo-se pelo aspecto distincto, o *takigoto* das damas japonezas; formoso instrumento construido de preciosa madeira mosqueada como pelle de cobra, sobre o qual se estendem treze longas cordas de seda verde, que se afinam por meio de cavaletes moveis, tudo primorosamente construido com um apuro e luxo de materiaes, que mostram bem o seu destino aristocratico.

Depois de notado o parallelo dos especimens musicaes pertencentes aos dois paizes antagonistas, Russia e Japão, resta ainda citar os de outros mais pacificos na actualidade, como são: o *langleik* da Noruega; o *tamburil* e o *galoubet* do Bearn; o *biniou* da Bretanha; a *Nyckelharfe* da Suecia; o *Crout* de Galles; a *bagp'pe* dos escocezes; a *Zampogna* dos italianos e o *canon* dos arabes; o *tambôur* turco; o *schofar* hebreu; o *guenbri* dos marroquinos, a *zanza* do Congo, a *ingomba* da Guiné, etc., etc.

CURIOSIDADES EXTRAVAGANTES

Ultima curiosidade: um enorme berimbau, instrumento proprio para distrahidos e preguiçosos; os italianos chamam-lhe *scaccia-pensier,* como quem diz: *deixemo-nos de cuidados.*

BERIMBAU

Deveria ainda referir-me aos instrumentos de simples galanteria, como são os relogios, caixas de rapé e outras bijouterias com musica; e aos accessorios, como estantes, batutas etc.; mas para

tanto não chega o espaço e a tanto não chegará a paciencia de quem lê. Melhor será guardar essa paciencia para ver minuciosamente o proprio museu, que o enthusiasta collecionador patenteia generosamente a toda a gente.

Preciosa prova de amor patrio dá o eminente artista, substituindo-se pela sua fecunda e laboriosa iniciativa á acção absolutamente nulla dos governos n'este ponto especial. Graças lhe sejam dadas por nos proporcionar este delicado prazer do espirito.

Penetrar n'aquelle thesoiro de arte é entrar n'uma escola; passar ali algumas horas acompanhado pelo *mestre* é viver espiritualmente algumas centenas de annos.

ERNESTO VIEIRA.

Pobre amor!

No parque, em pleno Abril ; mas que tristeza !
Elle, tão velho já, todo curvado,
Ella, velha tambem, no mesmo estado,
A sombra apenas da gentil marqueza.

Quarenta annos havia, com certeza,
Que a medo um beijo ali tinham trocado ;
Raiava, como agora, o sol doirado,
Despertava sorrindo a natureza.

E na doce visão d'aquelle dia,
Olharam de revez, sem dizer nada,
Para um marmoreo amor, que perto havia.

Mas ai ! que a pobre figurinha alada,
Cheia de laivos d'uma côr sombria,
Só tinha uma das azas... e quebrada !

CELESTINO SOARES.

Ballada·

POR

JULIO BRANDÃO

RUIDOSO, entre os cavalleiros da montaria, el-rei apeara-se no castello, ao cair do sol fulgente. No ceu alto, na grande floresta, o poente estendia uma longa mancha de sangue. As matilhas ladravam, os corseis magnificos sacudiam as cabeças esbeltas.

—Senhor, grande montaria! Só em tempo de vosso Avô, que me lembre, houve outra egual - disse um velho fidalgo, servil, curvando o dorso.

E o rei contou, jubiloso e altivo, que as settas haviam sido certeiras, e a caça abundante: e que d'algum feito era avisado, d'amor ou de guerra, d'algum successo estranho em seus reinos, porque desde os mais velhos senhores do imperio, de feito sempre uma grande càçada vinha annunciar ou prodigio ou façanha.

—São os Fados que assim mandam—murmurou o velho—e invencivel é a força dos Fados! Bem certo, quando vosso Pae venceu os moiros, pouco antes tinha morto nas selvas mais gamos e javardos, do que a propria Diana seria capaz de ferir com as flechas de oiro... Mas tambem d'outra feita...

—Sei bem—respondeu el-rei, mais sombrio.—O destino anda encantado, como as grutas do mar. Quem as conhece? Acaso as conheceis, velho agoirento?

O cortezão ficou-se silencioso. Alembrára o desastre, em que o rei orgulhoso ficára mal ferido junto a umas velhas muralhas rebeldes. E a sanha do rei não se escondera, antes chispára no olhar negro, e se esboçára num sorriso frio como um gume. Melhor se houvesse calado; mas a bocca — pensava o cortezão — era egual ás fundas covas da terra, d'onde podiam vir os filões da riqueza ou os bafos pestilentes da morte. Ah! velha bocca de valído!—dizia comsigo—velho sapo a babar lisonja e mentiras! Caiam os dentes podres, mas não caia d'uma vez a palavra embusteira!

El-rei, bravo e mau, entrára brusco no castello, deixando o cortezão cabisbaixo.

O velho aulico, coçando as barbas, receava as suas palavras imprudentes deante de senhor tão perverso. Para que fôra elle, manhoso e sabido, avivar o desastre d'essa batalha, em que a melhor cavallaria perecêra, afogada no rio maldito, por uma noite de traição e sem lua? Então el-rei ficára mais bravo que as feras do monte; e foi uma era de horror e de matança... E pouco antes uma caçada lhe havia vaticinado a victoria! Ai! de que lhe servia ser velho, se nem sabia fechar na boca, como num sacco atado, as palavras que feriam os principes!...

Alguns cavalleiros fallavam ainda da montaria, agitando as lanças. O sol morrêra. Ao longe uma nesga de mar brilhava numa la-

mina—e a lua apparecia sobre as grandes arvores da floresta, como uma branca deusa amorosa.

*

* *

Numa camara escura, com as pernas cruzadas num estrado coberto de purpura, o Bobo cantarolava umas trovas, brincando com uns dados.

Amor e desgraça andaram
Como irmãos:
E nunca mais se apartaram...
Ah! ah! ah!...

A voz era ardente e hostil: o riso era a antiga casquinada do diabo, tinia como ferros hervados.

O Bobo ergueu-se, e foi a uma das ogivas espiar o vasto oceano triste das arvores, sobre que a lua estendia, num veu de fadas, a elegia eterna dos seus luares. O brilho argenteo batia agora na figurinha anã, corcunda e grotesca do Bobo, que tinha os olhos esbugalhados como contas de vidro preto.

Fóra, no eirado, uma figura branca e esbelta de mulher olhava o ceu. O homunculo poz-se de esculca, estendendo o pescoço magro, com os cantos da boca franzidos num sarcasmo angustioso.

Aquella mulher alta e branca era a Rainha. Com as vestes fluctuando como se fossem de nuvens, a cabeça de oiro erguia-se-lhe para os ceus, para o longe. Vagamente olhava em torno aquella natureza, semelhante a um grande sonho triste—aguas distantes, florestas, que gemiam de tristeza e de amor. De quando 'a, quando o perfil da Rainha cortava-se no luar: e não o haveria decerto mais doce e mais lindo no agiologio christão e nos sonhos dos bardos. O seu olhar era immenso, como immenso vôo a procurar alguma estrella, decerto, na poeira luminosa dos ceus. Era o paiz d'onde viera, numa nave cheia de saudade e de flores. Era o seu paço antigo e poetico, á beira d'um lendario lago cheio de cysnes... Como tudo lhe lembrava alli, onde tão pouco floresc a a graça, a pureza, a ventura El-rei era brutal—ou perdido em caçadas, ou fallando de guerras: e a sua alma voava para a terra florida onde nascera, e d'onde a trouxeram tão moça para junto d'aquelle rei de olhar funesto!

Nos seus paços perdidos, nas altas salas gothicas, as princezas passavam enlaçadas como lirios que voassem; os trovadores tangiam alaúdes; havia torneios e jogos. Uma belleza constante enchia o reino amado, onde em cada floresta havia uma lenda, e onde em cada nascente se escutava uma nympha. Lá appareciam as fadas, junto aos lagos, a lavarem o enxoval das noivas que seriam felizes; á sombra das tilias os namorados sorriam, emquanto os rouxinoes cantavam no alto...

Agora só havia feiticeiras malditas, temperando nas florestas presagas, á lua chorosa, as triagas de peçonha e de ciume... Ah! nos seus velhos paços sempre florira a ventura mais aurea, o amor mais lindo; aqui o mesmo perfume das flores entontecia como se tivesse veneno!...

Ora de uma feita que el-rei se andava nas brenhas praguejando e caçando, ella ouvira um troveiro cantar a alguns cavalleiros velhos, uma ballada que lhe encheu os olhos de agua, e o peito de saudades. Era uma lenda do seu paiz que o menestrel cantava, uma historia singela, tanta vez escutada pela Rainha no seu palacio antigo: a lenda de uma santa que onde punha os pés fazia nascer rosas, e quem as aspirasse sentia-se nascer para uma felicidade interminavel como a da morte, e balsamica como o mel divino, que as abelhas iam sugar, segundo a ballada, ás flores que nasciam ao luar na sepultura das noivas...

Mandou a Rainha chamar o troveiro andante, e ás tardes, debaixo d'um velho roble, elle lhe cantava esses poemas de sonho. Elle lhe fallava a sua lingua, como se lhe trouxesse em cada verso uma flor da sua patria—por isso a Rainha vinha agora olhar a noite immensa e placida, evocando a sua terra perdida e a sua perdida ventura.

A noite ia ficando uma seara de estrellas. Uma fonte chorava. No eirado, em silencio, a Rainha scismava...

*

* *

Então o Bobo, afastando-se da ogiva com um sorriso cansado e livido, veiu sentar-se de novo no estrado, onde batia o luar. A sua mancha pequena e corcovada aninhara-se, a scismar naquelle silencio. Como era linda essa Rainha melancolica! E elle feio e vil,

SENHOR. LÁ ESTÁ NO EIRADO...

escarnecido de todas as mulheres, aos tombos e aos momos nesse castello, para agradar aos senhores!... E aos seus olhos accesos appareceu a visão de Ermegilda, a aia de olhos de treva, que elle amava... Ah! mas ao erguer para ella a vista ardente, logo Ermegilda tirava os olhos lindos, com desdem e com nojo.

Maldita sorte a d'elle! Maldita mil vezes—entre tanto esplendor, tanto amor que elle via nascer, medrar em flores purpureas! E o Bobo rangia os dentes, silvava umas risadas curtas e gelidas. Tanto oiro, tanta galhardia e esbelteza: só elle não tinha um boccado d'oiro, um ceitil de belleza ou de esperança... Tinha de rir, tinha de rir!... Ermegilda era linda; elle era hediondo... Despresava-o como a um trapo—como a um sapo que pincha na lama... Ah! ah! ah!... E de avezado a rir, o Bobo ria-se, mas um odio horrivel, viscoso e peçonhento enroscava-se-lhe na alma como uma serpe enorme que assobia.

Um arruido de ferros despertou as abobodas, e como um vago incendio, um clarão foi enchendo a quadra.

—É El-rei! — murmurou o Bobo, erguendo-se.

E logo o rei entrou, entre luzes avermelhadas e tremulas. Ao ver o Bobo, desanuviou-se-lhe um pouco a fronte aspera. Gostava de lhe ouvir as facecias, as historias secretas dos paços, que elle sabia.

Sentando-se, el-rei disse:

—Bobo, conta-me uma historia que seja alegre!

Elle veiu deitar-se, como um cão, aos pés do senhor.

—Melhor saberei conto triste, que outros não tenho ouvido.

— Quem falla de tristuras? — perguntou o rei.

—O menestrel da Rainha, debaixo do roble canta de amor e faz chorar...

—Anh? Quem cantava debaixo do roble?

E elle contou-lhe então do troveiro, que, emquanto el-rei se andava nos montes, alli vinha tanger. Trazia o manto poento dos caminhos, tinha os olhos doces, e fallava a lingua da rainha... Depois sumia-se nos burgos, para reapparecer á sombra das velhas arvores, ainda a cantar d'amor...

Os olhos bravos do rei abriram-se scintillantes. A testa vincou-se-lhe de grossas rugas:

—E é moço? É formoso?—perguntou.

Oh! era como um principe: a sua voz era mais doce que o mel mais doce...

Num salto, o Bobo foi á ogiva espreitar:

—Senhor, lá está no eirado...

El-rei ergueu-se com má sombra. A figura branca e esguia lá estava ainda, olhando a fita argentea do mar longinquo. Ao luar surprehendente, dir-se-hia uma figura de marmore, immovel. Nos cabellos loiros pareciam estrellas as pedras do diadema...

El-rei sahiu em direcção ao eirado. Agachado, o Bobo cantarolava:

> Amor tem os olhos lindos,
>   Estrellas d'oiro.
> Mas os olhos deitam sangue,
>   Mau agoiro!...

*

* *

O Bobo vertêra a peçonha. El-rei nem dormira, ciumento e iracundo. Quem sabia lá se era principe namorado, que vinha de longe como troveiro errante, fallar d'um velho amor?

Mais triste andava a Rainha, mais branca ainda; os seus olhos poisavam lentos em tudo, como lindas aves cansadas. El-rei, supersticioso, recordava-se da grande caçada, talvez agoiro da desgraça ou perjurio... E o seu olhar era mais torvo, e mais aspera a sua voz, mais assanhado o aspeito.

A Rainha chorava; a sua belleza emmurchecia. Nem ao menos voltára o troveiro contar-lhe, como num sonho, as lendas do seu paiz. O mau humor do rei assustava-a, á maneira da pequena ave fragil, que ouviu crocitar os bandos de pilhagem... No castello tudo era funereo, rude como armas que se chocam; velhos senhores andavam taciturnos, como se viessem de afiar espadas; só o Bobo cantarolava umas trovas frias, asperas como um grasnido...

Ah! que saudade do seu lago cheio de cysnes, do berço onde a mãe a embalára, tam distante, e sempre doirado como um sonho perdido!...

Um dia, no eirado, disse el-rei taciturno:

—Porque andaes triste? Acaso vos aborreceis dos meus beijos?!

—Senhor, porque o perguntaes? Não vedes que sou leda e ditosa!...

Mas logo, debaixo do roble (já a tarde caía, como uma immensa flor de luz que se desfo-

lha), um moço poento e errante veio pôr-se a cantar ao som de uma mandóra.

—Quem tange?—perguntou o rei, como se o mordesse um aspide.

Como alheada naquella musica de sonho

ACASO VOS ABORRECEIS DOS MEUS BEIJOS?

e de saudade, a Rainha apontou-lhe o trovador que ahi vinha dizer-lhe lendas do seu paiz longinquo.

—Lendas de amor? De guerra?!

—Ouvi! disse a Rainha, mais pallida.

A mandóra chorava. O menestrel cantava d'um grande amor sepulto no fundo argenteo d'um lago... Era uma princeza formosa como o sol, que se viu desditosa longe da sua patria, onde a primavera fazia constantemente florir as montanhas. Fugiu a princeza para o seu reino por uma noite estrellada e balsamica, em que as cigarras cantavam. Mas ao chegar ao seu reino, soube que tinha morrido numa guerra o moço que ella amava... E afogou-se no lago, onde desde então abrem grandes nunuphares côr da lua, que parece que choram, quando lhes dá o vento...

Ouvira el-rei, taciturno, o principio da ballada. Depois, pouco a pouco, o aspeito conturbára-se, os olhos chisparam lume... D'uma vez levára a mão crispada á adaga de oiro; mas logo se quedára, e no rosto passava-lhe uma nuvem tremenda. Na corôa, que lhe prendia os cabellos caidos, os rubis scintilavam como bagas de sangue...

A tarde caía. A Rainha sonhava. A mandora calara-se...

—Bem trovaste, menestrel, bem trovaste! Vaes ter o premio — disse o rei numa voz cava e tremula. E, chamando o Bobo, deu-lhe ao ouvido uma ordem rapida.

Os velhos cavalleiros empallideceram. A ultima luz do poente doirava agora no alto o roble antigo... Um silencio pesava, como se a noite que descia arrastasse um manto de infortunio.

Mas o Bobo voltava, adunco e livido—e ao seu lado, de negro e disforme, caminhava um homem espadaúdo, com uma longa corda.

Era o carrasco.

Branco como uma estatua, com a capa e os cabellos soltos, o menestrel adolescente perguntou em voz clara:

—Rei, porque vou eu morrer? Acaso vos falei de guerra ou de morte? Que mal vos fiz eu, que só canto d'amôr?...

De pé, silencioso, o rei apontou o roble antigo—e o carrasco atirou a um dos seus longos ramos a longa corda escura...

Então um velho senhor ergueu a voz já tremula—quebrando o silencio tragico:

—Senhor, deixae que eu me vá... A cova espera-me; tambem já amei... E custa-me ver morrer a juventude quando ella falla d'amor!

—Quedae, quedae!—respondeu el-rei com voz cava.—Vamos a ver se o troveiro ainda sabe cantar!...

Immovel, o menestrel deixára enrolar ao pescoço a corda assassina. Na mão pendente segurava a mandora. Cravára os olhos no ceu, onde abria uma estrella...

De pé, branca como os sepulcros de pedra, a Rainha parecia sonhar. Nos olhos, como extaticos, tremiam-lhe duas lagrimas.

Já a lua subia, esplendida e nua. O carrasco olhava, esperando um gesto de el-rei. Ao lado, semelhante a uma nodoa escura, o Bobo espiava.

Então o menestrel passou os dedos nas cordas... E começou a cantar, numa voz vaga

e meiga como a lua nascente, um solau de saudade... Mas o carrasco estrangulou-lhe os versos; a mandora caiu-lhe da mão pallida; e o corpo ficou oscilando, pendente do braço do roble gigantesco, atravez de cuja folhagem a lua viera beijar-lhe a fronte larga e pallida...

El-rei afastou-se, e com elle, lentamente, os cavalleiros e senhores.

O silencio e a lua enchiam o ceu e a terra. E apenas tres manchas destacavam ao luar phantastico: a Rainha, branca, que tombára no eirado, como se fosse um pedaço do mesmo luar; o enforcado, a que o vento de leve ondeava os cabellos compridos, a capa negra e solta—e a mancha escura do Bobo, que cantarolava em surdina:

> Amor tem os olhos lindos
> Estrellas d'oiro...
> Mas os olhos deitam sangue,
> Mau agoiro!...

O CORPO FICOU OSCILANDO PENDENTE DO BRAÇO DO ROBLE..

EM CASTRO LABOREIRO

A CASA PORTUGUEZA

PRIMEIRA PARTE

O novo predio que um engenheiro illustre edificou na travessa recatada e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez. Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita? E representa a nova casa um d'esses typos, descriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia, de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos albuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia? Um julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a «unidade caracteristica», ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o typo ou typos da casa portugueza.

A habitação é a expressão final da convergencia de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topographicos, as imposições climaticas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas, á uma e parcellarmente imperativas. A geologia, primeiramente, dicta subordinações que logo emergem da physionomia exterior de um povoado. N'um sólo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se; no calcareo, em que ellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se: é o caso extremenho, é o caso minhoto. Se a cal abunda a povoação avulta clara e vivaz, como na Beira littoral e no Algarve; se falta, dilue-se confusa e esparsa por entre a vegetação sombria, como no interior beirão e em Traz-os-Montes.

Ás vezes a pedra é cara e mais dispendiosas as communicações e os transportes: fabricam-se então os adobes, de Aveiro para o sul, e nos forros junta-se palha á argamassa (Baixo-Minho) ou en-

tretecem-se com cordas de palma os ripados de caniça divisorios (Algarve). Assim a architectura se submette aos recursos naturaes, uma vez que edificando-se com adobes não é possivel erguer andares ou multiplicar os ornamentos.

Onde a rocha é schisto não raro as guarnições são de piçarra

EM CASTRO LABOREIRO

NA GRALHEIRA

mais rija ou de granito (Campeã, Penaguião, Fozcôa), se a pedra de cantaria está perto e se os recursos não limitam mesmo o luxo da alvenaria até ao nivel do sobrado; porque muita vez o andar é só de taipa (Lobrigos, Fontes, Sanhoane) e outras mesmo de madeira a verga, bombreiras e soleira (Bornes, Grijó, Valle Bemfeito). Nas zonas de contacto, como em Ovelha e Varzea do Marão e ainda em Montesinho, o predio é todo de granito, e de lousa, por facilidade e economia, só as coberturas ou beiradas; assentando o burgo sobre o proprio afloramento, uma e outra rocha indistinctamente se misturam, como em Abreiro, na juncção do granito com o precambrico; e por fim a exuberancia do granito fino e alvacento faz solidas e garridas mediocres povoações como Lindoso, com as suas amplas lages de cantaria exhibindo-se particularmente ao longo das varandas e a toda a altura indivisa das pilastras.

As ondulações do solo, principalmente nas regiões serranas, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou manteem-se no pavimento, tortuoso (Gavieira, Peneda, Campo do Gerez); e os blocos com que o predio se ultíma, em harmonia com a natureza envolvente, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupações de fiadas, nem rebocos (Gralheira, Serra da Amarella, Adrão no Suajo).

Ainda do dominio da geologia é a formação incessante de medões que do littoral para o interior mordem a terra de lavoura. Para attenuar a instabilidade do solo e sobretudo onde ella mais vivamente se accentúa, o pescador da costa de Mira, na Ria de Aveiro, o da Cova de Lavos, para além da foz do Mondego e o de Vieira, nas proximidades de Leiria, erige uma parte dos seus palheiros sobre estacas. É por entre estas, um metro e mais acima do pavimento movediço que a areia passa para ir formar distante a duna; e assim insulado entre o medão e a linha das marés, o burgo assume o aspecto estranho e imprevisto das antigas povoações lacustres.

A adaptação ao clima obriga a providencias e previsões que se exhibem, em escala variavel, na physionomia exterior dos edificios. O telhado de beiral alongado e balcão avançando, attenua os effeitos das ardencias e nevadas; para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rapido pendor (Marão); e os ventos desabridos da montanha, a despeito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha, as grossas placas de schisto cobrindo os telhados e egualmente schistosos (Marão, Arga), os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Barroso, Campeã, Montemuro). Para protegerem do frio, as varandas são baixas e vedadas (Serra de Arga, Labruge), estreitos os respiros e postigos, muito chegadas ao beiral as janellas diminutas e escassas (Ermida e Germil, na Amarella) e colmados os chapeus com palha-centeia, giesta ou feno secco. É o que se observa em todas as povoações da serra e, com extensa amplitude, no famoso planalto bar-

NA CAMPEÃ

EM GONDAR, FALDAS DO MARÃO

rosão, a começar em Basto ou em Boticas, seguindo até á Serra das Alturas, abrangendo os numerosos povoados da vasta chã de S. Vicente, comprehendendo as povoações das margens do Cávado perto das origens, avançando até ás faldas de Larouco e penetrando ainda nas terras hespanholas de Videferre, Gironda, Villa Mayor, Rendim e mais além.

Por vezes, emtanto, a ventania é persistente e violenta e com ella o abaixamento da temperatura constituem um flagello; então, como em Castro Laboreiro, os povos mais altos de Portos, Seára, Rodeiro e outros mais, mudam das *verandas* ou habitações de verão, para as *inverneiras*, residencias mais baixas, situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta. O exodo começa no mez do Natal para junto do rio, que na estação dos frios se expande e ruge desabrído entre o fraguedo; e pela Paschoa, quando pelas bombas abrigadas já as belgas reverdecem e se desenham os mosaicos de feno que os vidoeiros enfeixam e limitam, as populações volvem das cubatas—da Entalada, Dorna, Mareco, Varziella, e Canheiras—para o grangeio das leiras altas e só agora apenas supportaveis.

EM MOREIRA DE LIMA, FALDAS DA SERRA DE ARGA

NO SUAJO

Com a influencia das razões orographicas, hydrographicas, geognosticas e meteoricas vem a da paisagem, que d'ellas deriva, e que explica o contraste dos aspectos das povoações funebres e sombrias das abas das Serras de Bornes, da Nogueira ou do Alvão, por exemplo, e

as alvas e cantantes aldeias dos valles minhotos. Assim ainda na architectura, na esbelta gracilidade de alguns pormenores, nos desmandos mesmo da polychromia, em opposição ás linhas hirtas e simples dos «montes» das herdades transtaganas, por entre uma natureza onde não ha bruscos resaltos, imprevistos relevos, exuberantes seivas, riachos que dessedentem a charneca ardida e fulva.

Quando todos ou alguns d'estes factores se não oppõem, o instincto da sociabilidade determina o agrupamento do casarío e sobretudo em regiões de planicie, outr'ora principalmente abertas a ciladas sortidas. A concentração era uma necessidade collectiva para a defeza; com a disseminação e o isolamento avultavam os riscos de ataques e incursões, contra as quaes a previdencia de algum dos moradores fizera abrir orificios aos lados das sacadas para o facil despedir dos zagalotes e dos quartos na hora ousada ou traiçoeira dos assaltos. Entretanto o regimen da propriedade interfere na compacidade ou affastamento, agglomerando os visinhos nas zonas dos dominios restrictos, como no norte, ou dispersando as moradías, como nos latifundios do Alemtejo.

Para a agglomeração concorrem ainda certas formas do commercio e da industria, como a da pesca, juntando nas proximidades da abra ou da enseada mais humilde os que se entregam á piscicaptura, ou ainda á funcção mixta de pescarias e lavoura (Apulia, Aguçadoura, Lavra); o fabrico das loiças, nos solos productivos de argila plastica (Prado, Tondella, Aveiro); o transito de mercadorias e viajantes, como no Pico, Famalicão e Amarante, depois diminuidos ou estaveis com o desvio dos trajectos pela viação accelerada.

A desagregação do nucleo central em logares distantes, aliás enquadrados na mesma similitude de aspectos e costumes, effectua-se quando circumstancias economicas determinam a busca de outras facilidades de subsistencia que no burgo inicial já se não logram. Todos podemos assistir agora a um d'esses interessantes casos de desintegração na *villa* do Suajo, distante da qual embryonam o logarejo da Açoreira, com dois ou trez casaes e o de Campo Grande, já com seis: como outros, aqui e em toda a parte, são a viva imagem e a continuidade do agglomerado d'onde veem.

Annotados abreviadamente os conjunctos, destaquemos as formas e desentranhemos d'ellas, se é possivel, os typos.

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

(Clichés do autor)

Educação de um principe

Há certas figuras historicas, predestinadas a uma vida de obscuridade, que se somem no tumulo sem deixar vestigios de haverem transitado na terra. E pode o acaso tel-as collocado nos logares mais eminentes, dirigil-as na curta existencia através dos acontecimentos mais memoraveis. A sombra persegue-as implacavelmente. A mão da providencia vela sempre, aos olhos desatentos da posteridade, a luz que passageiramente as illumina.

Na historia dos ultimos annos do seculo XVIII, em Portugal, caracterisada pela decadencia do poder da realeza e da fidalguia, perpassou uma pallida, quasi esvahida figurinha de principe, retocada de commovedoras infelicidades, que o olvido matou antes da morte e de que o tempo fez quasi uma personagem sem authenticidade.

E comtudo esse principesinho do tempo da Revolução, essa sombra fugaz e esquecida, que brincou nos jardins de Queluz, que perseguiu os gamos na tapada de Mafra, que se apoiou nas amuradas das náos portuguezas, usofruiu um titulo pomposo. Era o infante de Hespanha e Portugal, D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, almirante general da marinha portugueza, marido da Infanta D. Maria Thereza, neto do rei Carlos III de Hespanha e da rainha D. Maria I de Portugal, nascido em Aranjuez, aos 18 de junho de 1786.

Ainda creança, já orfão, enfermiço e fragil, a Hespanha faz d'elle presente a Portugal, e a côrte portugueza, já tão sobrecarregada de principes e princezas, adopta-o, dá-lhe a dignidade de Infante, cria-o, educa-o, casa-o, vê-o crescer, vê-o morrer e esquece-o.

Filho do casamento da Infanta portugueza D. Marianna Victoria com o Infante de Hespanha D. Gabriel, irmão do principe das Asturias, que foi depois, no throno das Hespanhas, o rei Carlos IV, esse pobre predestinado deveu a luz ás consequencias do tratado funesto de 24 de março de 1778, que egualmente concertou o casamento de D. Carlota Joaquina com o Infante D. João.

Com uma cortezã e um epileptico compen-

sou-nos generosamente a Hespanha da perda da colonia do Sacramento, dos territorios do Paraguay, das ilhas de Fernando Pó e Anno Bom, arrebatadas á posse da corôa pelo tino politico de Florida Blanco, que deixara de encontrar na sua frente as ameaças e os talentos do marquez de Pombal.

Seria hoje difficil ao historiador escrever duas paginas sobre essa pallida figura, seguil-a no seu caminhar ephemero pela vida, acompanhal-a do berço hespanhol ao tumulo brasileiro, se a piedade quasi paternal de um professor não tivesse escripto, entre lagrimas saudosas, com uma ingenuidade enternecedora, o elogio historico d'esse joven e malogrado almirante das esquadras portuguesas.

Chamava-se o professor José Maria Dantas Pereira e foi o elogio impresso no Rio de Janeiro, residencia da côrte, em 1813, e dedicado á Infanta viuva D. Maria Thereza.

Para quem conhece o estylo gongorico, guindado, palaciano, que o seculo XVIII creou em Portugal para glorificação de principes e reis, e que ainda em 1806 produzia o elogio do professor regio de rethorica e poetica, Antonio Lourenço Caminha, *á sempre grande, sempre immortal senhora D. Carlota Joaquina, serenissima princeza de Portugal, gloriosa heroína do estado luso,*—um dos documentos mais valiosos do cortezanismo indecoroso da época para os que, por investigações e estudos pacientes, tenham penetrado a vida portuguesa no declinar do grande seculo de Pombal,—o elogio do professor Dantas Pereira distingue-se pela emoção sincera com que o mestre obscuro procura retratar o discipulo querido.

Á ingenuidade d'esse culto piedoso devem-se detalhes que, para o tempo, podiam parecer attentatorios da majestade e grandeza do defunto: tão minuciosos, que constituem a historia mais elucidativa e completa da côrte devota de D. Maria I.

Pobre principesinho! Quem mais do que esse professor lacrimoso, a viuva quasi donzella e o sogro infeliz, sentiram a tua morte e a choraram?

Fazer conhecer aos portugueses, ao mundo e á posteridade quem foi na realidade o senhor Infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, era, para o teu professor, *uma obrigação indispensavel, uma precisão imperiosa!*

E como se desobriga d'essa missão, digna de um Plutarcho, o teu professor inconsolavel? Como te mostra elle á posteridade e ao mundo?

Pinta-te physicamente de uma delicadeza extremosa, *como de esperar da creação entre braços de senhoras.* Descreve-te, ó debil almirante das esquadras portuguesas, de saude *tão mesquinha, debil e infectada, quanto se pode deduzir do desenvolvimento do teu physico!*

Conta á posteridade que foste um epileptico. Retira-te o culto das mulheres, dizendo-lhes que eras marcado das bexigas. Que provas do teu grande talento legou á historia o teu panegyrista? Que em 24 de setembro de 1803 estudaste, reproduziste e demonstraste, sem soccorro e sem erro algum, o calculo das tres equações da hyperbole e de algumas propriedades d'esta notavel curva. Que no dia 28 de setembro de 1804 estudaste e repetiste muito bem, sem auxilio e sem emenda, as primeiras cinco paginas da luz reflexa, que se encontram na primeira edição de Jacotot!

Que feito notavel, digno de se transladar aos compendios de civismo, designou o teu chronista fiel ao assombro dos vindouros? Tu deste a mais decisiva prova de adhesão e amor a teu augusto tio, o regente de Portugal, deliberando acompanhal-o ao Brasil, sem

te importares—ó desherdado!—com a perda da tua grande casa; sem te importares—ó exilado!—com a tua eminente representação na Hespanha!

E nem uma hora de heroismo e de gloria, almirante? Sim; embarcaste na náo *Principe Real*, um dia em que os semaphoros da barra do Rio de Janeiro assignalavam ao largo uma escuna francesa. Mas o vento teve inveja da tua gloria. A esquadra não poude levantar ferro para perseguir a escuna errante e perdida no mar. E por tão pouco, és comparado ao Infante D. Henrique! Em vão, esse pobre homem procurou motivos para te egualar a todos os varões illustres da historia, aos conquistadores romanos, aos sabios de Alexandria, aos grandes deuses do Olympo. Mas como almirante, não te coadjuvaram os ventos; como presidente da Academia apenas tentaste os primeiros bosquejos de uma traducção dos *Annaes* de Tacito. Debalde, o teu unico amigo pesquisou a tua vida, quiz ser o novo André de Resende de um novo Infante D. Duarte. A tua vida não deu assumpto para o panegyrico. O teu nome fluctua apenas como uma nevoa impalpavel n'essas paginas inconsolaveis. Mas uma cousa se aprende no teu elogio historico e para isso elle serviu as curiosidades de uma posteridade, que não pode admirar-te:—a maneira como se educavam, no tempo da Encyclopedia e da Revolução, no seculo de Diderot e de Voltaire, os principes portugueses; a maneira como se preparava, na hora das conflagrações dos povos com as realezas, para as culminancias do mando, um Infante de Portugal!

A côrte portuguesa era uma côrte triste. Presidia-a uma rainha louca. O Regente, devorado de desgostos domesticos, andava recolhido, dias inteiros, a um isolamento taciturno. Era um homem tristonho, bonacheirão, complacente e tibio, casado com uma mulher grosseira, intrigante, luxuriosa e estupida. Vagueava ainda pelas salas dos paços uma viuva a chorar o esposo morto e o throno perdido. Em redor d'essa côrte caduca, enfermiça e devota, onde havia de tudo, desde a comborça á doida, evolucionava uma nobreza em decadencia, insidiosa e soffrega, illetrada e hypocrita, vivendo dos ultimos privilegios, salvos de entre o sangue, sob o castello de Belem. Emquanto a guilhotina trabalhava em França, Portugal construia a basilica da Estrella e o theatro de S. Carlos. O Intendente conseguira atrazar por vinte annos a revolução, inaugurando a repressão do philosophismo. Os sabios eram desterrados; os livros eram perseguidos. Essa sociedade vigiada, espiada, escondera-se nas alcovas. A democracia invadiu a unica provincia do sentimento, que o Intendente se esquecera de policiar: o amor. As princezas amaram os almoxarifes. A philosophia, encontrando todas as portas fechadas, refugiara-se nos quartos de cama. A republica escondeu-se debaixo dos leitos da nobreza e esperou que a fossem accordar em 1820.

D. PEDRO III
REY DE PORTUGAL

De Cintra para as Caldas, das Caldas para Salvaterra, de Salvaterra para Queluz, de Queluz para Mafra, de Mafra para Caxias, da Ajuda para a Bemposta, da Bemposta para a Praça do Commercio, vagueava a côrte com os seus bôbos, as suas validas pretas, os seus parasitas, os seus maestros, as suas damas de honôr e as suas açafatas, sem encontrar alojamento condigno da Majestade. Os entulhos do terremoto difficultavam ainda o transito das ruas. Por toda a parte se viam escombros. A monarchia absoluta agonisava n'uma capital cheia de ruinas, que o governo pombalino não tivera tempo de reconstruir por completo. Ao poder varonil de Pombal, succedera a tibieza de Cerveira. A energia entregára o sce-

ptro á incuria. A prosperidade corrompia-se na decadencia. Na phrase pittoresca do proscripto, *Portugal ia á vela.* Ao ministro genial substituira-se o arcebispo confessor. Só a execução da nobreza continuava,—não já com o apparato tragico e com os solemnes horrores do cadafalso, mas com as humilhantes affrontas de Thessalonica, que dizia a lord Beckford, na sala dos Cysnes, indicando com a mão plebêa a maior fidalguia de Portugal:—*Meu caro inglez, tudo isto é uma sucia de marotos e aduladores. Não acredite nem uma palavra do que lhe disserem. Apesar de brilharem como oiro, a lama não é mais vil. Eu conheço-os bem. Aqui está uma prova da prudencia ingleza. Este botãosinho para segurar a algibeira é uma invenção preciosa, especialmente na grande sociedade. Não o tire, não adopte nenhuma das nossas modas ou terá de se arrepender.* E a nobreza de Portugal,—os descendentes dos heroes, dos conquistadores, dos vice-reis,—curvava-se, sorria, dobrava o joelho, beijava o anel do antigo soldado de Chaves! Sim; *Portugal ia á vela,* contra um penedo, por um mar de lama! Por toda a parte lavrava a desorganisação. A provincia de Minas Geraes sublevava-se. Os milhões de cruzados, que a previdencia de Pombal juntara no erario para custear as despezas da guerra imminente com a Hespanha, eram applicados na construcção do convento e da basilica da Estrella. D. Pedro de Cevallos apparecia, de subito, em frente da ilha Santa Catharina, em som de guerra. A Inglaterra tratava-nos desdenhosamente como um paiz tributario, fazia a guerra de côrso nas nossas aguas e nos nossos portos. As ruas de Lisboa eram infestadas de maltas de ladrões. Pallidos de medo, os embaixadores faziam e desfaziam os tratados de paz. A Hespanha roubava-nos Olivença. É entre esse desabar de tradições, n'esse verdadeiro terremoto de um passado, abrindo fendas e desmoronando-se, que crescia o Infante D. Pedro Carlos, o futuro almirante das esquadras portuguesas.

Os seus passatempos resentiam-se da natureza enferma e fragil com que nascera e dos cuidados mulheris com que fôra creado, entre as saias das açafatas e das camaristas, n'uma atmosphera morna de sacristia e de alcova. Os seus recreios consistiam na cultura de jardins e hortas, no trabalho do tôrno e na confecção de theatrinhos e presepios. É curioso verificar a influencia das doutrinas de Rousseau, evidenciada n'essas recreações campestres e mechanicas, de mistura com os divertimentos devotos. *Diversões innocentissimas!*—exclama o seu panegyrista. Nunca ninguem lh'as conheceu criminosas ou remotamente suspeitas. Entretanto, a côrte não era logar de virtude. Os leitos de páo santo das açafatas tinham fama de acolhedores. Lord Beckford corria atraz d'ellas nos jardins da Ajuda e o proprio Arcebispo as beliscava. Mas o principesinho, picado das bexigas, não era de feição a tentar as dançarinas languidas dos *lunduns,* que tanto captivavam pelos meneios lubricos a sua tia Carlota Joaquina.

Quando falleceu o seu confessor e mestre de primeiras lettras, padre João Marim, o infante sabia já de cór o cathecismo e ia pouco adiantado em escripta e taboada. Não importa! Dantas Pereira, que é humanista e rhetorico, leva-o para o latim e para a metaphysica de Genuense. Simultaneamente, são dados a sua alteza mestres de dança, esgrima, inglez e desenho e ensinam-lhe *alguns brincos militares, que no progresso dos tempos virão a constituir-se mais serios e mais instructivos.*

Resumidamente, o Infante estuda o francez; a geographia; a historia geral e particular de Hespanha; as mathematicas puras, exceptuando o calculo superior; as noções elementares da mechanica, da cosmographia, da artilharia e as das evoluções da infantaria e cavallaria; grande parte dos *Elementos Botanicos* de Brotero; todo o curso phisico-chimico de Jacotot; as artes de pensar, raciocinar e escrever de Condillac.

Traduzindo o cathecismo de Fleury, as fabulas de Florian e La Fontaine, os dialogos de Fenelon e o *Telemaco*—livros consagrados na pedagogia palaciana, aconselhados por Maria Antonietta, que os fazia ler ao Delfim, —aprendeu sua alteza o bastante de francez para consentir no mestre a esperança de que a pratica lhe substituisse com vantagem as lições! A esse tempo, o principe falava uma algaravia castelhana e portuguesa, dado o uso em que se estava na côrte de cuscuvilhar em italiano, a linguagem de sua alteza, com os progressos no francez, tornou-se embaraçosa. Mas o professor era habilissimo e paciente. Não se prendeu com futilidades. Começou o ensino de geographia... em francez, e como julgasse preferivel, *ir como que marchando de um centro e dilatando-se de periferia em periferia, com attenção a passar, gradual e conse-*

cutivamente, do conhecido para o desconhecido e do menor para o maior, fez principiar o senhor Infante pelo mappa de Lisboa, *após o qual considerámos o dos arredores d'esta capital até Mafra, cuja estrada, por sua alteza muito conhecida, foi por sua alteza mesmo transladada a outro papel!* Para que enfastiar o principe com o estudo da *innumeravel e desunida* multidão de nomes barbaros, relativos a paizes, povoações, lagos, rios, montes e vales? *Por tanto, no jardim geographico*—confessa o professor, — *demorámo-nos sómente com os bustos e os obeliscos principaes.* E velozmente,—porque a morte, n'esse findar de seculo, parecia caminhar mais depressa do que a sciencia nos palacios dos reis,—o professor sagaz, de uma tão exuberante fantasia pedagogica, entra com o seu discipulo nos dominios da historia: a sciencia dos principes, por excellencia, como lhe chamou Machiavelo.

Discreteando com jactancia e finura sobre o seu methodo de ensino, escreve Dantas Pereira:

Segui n'este estudo, tanto quanto julguei praticavel, o systema de adquirir ideias individuaes, para depois as classificarmos e ligarmos entre si; passando do individuo á especie, d'esta ao genero e d'este ao total complexo da Sciencia. N'estes termos aprendeu Sua Alteza, primeiro, a historia individual de Plutarcho, em cuja leitura tive presente a formação do caracter e do coração do senhor Infante: objecto essencialissimo, que nunca deixei de considerar, ainda mesmo nas acções que pratiquei e nas palavras que proferi na Sua Real Presença. De Plutarcho passámos á historia universal de Milot, d'esta á de Condillac e d'esta aos Annaes de Tacito, occupando intervalos com o grande Atlas de le Sage. Combinado com Pons e Bowles, entretiveram-nos em cousas de Hespanha, Bourgoing, Colmenar, Xavier e o censo de 1778. A traducção de Duchesne foi lida com grande reflexão e o seu resumo em verso foi decorado e repetido.

Finalmente, como de Hespanha tivessem vindo numerosas gravuras representando trajes, edificios e terras mais notaveis, o principe, com grande applausos do professor, resolveu amenisar o estudo de Tacito e Plutarcho, entretendo-se a pregar nas paredes os retratos dos homens insignes, *desde Homero,* innocente occupação que tanto o adiantou em conhecimentos, que o mestre entendeu por concluida a educação humanista do Infante, dando-lhe a ler a *Historia Geral das Viagens* —adivinhem de quem?—do auctor galante da *Manon Lescaut,* do esmoler do principe de Conti, do aventureiro abbade Prévost: esse Fleury do romance, na phrase de Sainte-Beuve.

Passando agora á quarta e ultima parte dos estudos de Sua Alteza, que elle devia dirigir, conforme as ordens regias, que lhe foram intimadas pelo Marquez Mordomo Mór em agosto de 1797, as attenções de Dantas Pereira occuparam-se nos progressos do principe na *Sciencia* por antonomasia. Em compendios por elle elaborados, o principe aprendeu a arithemetica e algebra elementar, *com assás investigação sobre a douctrina das series,* dando depois uns elementos geometricos, ambas as trigonometrias, um tratado de secções conicas, o de mechanica, escripto por Jentet e a cosmographia de Mentelle, addicionada com extractos dos principios Newtonianos, com a astronomia de La Lande e a gnomonica de Wolf, advertindo que o mestre procedeu *com todo o rigor Euclidiano, coherente com a opinião do immortal Archimédes, que não achou em mathematica estrada privativa para os monarchas.*

No tocante ao calculo superior, propunha-se o mestre explical-o ao discipulo querido, quando os acontecimentos politicos aconselharam a familia real a embarcar para o Bra-

sil em 29 de novembro de 1807, na frota commandada pelo vice-almirante Manoel da Cunha Souto Maior.

Teve Sua Alteza outros professores, como o de esgrima—que foi Jacques Lebon, mais tarde expulso pela policia, como jacobino; e o de inglez—que foi Cartwright, parente do actual primeiro secretario da legação de Inglaterra em Lisboa. Mas a sua educação, confiada a um mestre carinhoso e incompetente, resente-se de todos os vicios, que o obscurantismo da *viradeira* trouxera á vida intellectual portuguesa, n'esse memoravel fim de seculo, ainda aggravados pelo preconceito da religião e da realeza.

A historia resumida d'esta educação de um principe, pode servir, com poucas variantes, para explicar a ignorancia dos futuros monarchas D. Miguel e D. Pedro, um pouco attenuada, n'este ultimo, pela convivencia com homens eminentes na politica, nas sciencias e nas lettras.

D. JOZE
PRINCIPE DO BRAZIL

É legendaria a boçalidade de D. Pedro III —o capacidonio—preferido ao duque de Lafões para o casamento da herdeira do throno. Pombal pareceu recear-se da illustração e dos talentos de D. João de Bragança, da preponderancia que o duque assumiria no animo do rei ao elevar-se á dignidade politica de marido da princeza real, e sacrificando á sua vaidade e soberba de valido a paixão averiguada, de D. Maria, afastou de Portugal e do throno o unico homem capaz de lhe continuar a obra prodigiosa. Tardiamente, o grande ministro comprehendeu o seu erro e ainda tentou, pela educação de D. José, preparar um novo sucessor á corôa. O seu conhecimento dos homens deixava-lhe adivinhar e prever os dias de desgraça, que se avisinhavam com a sua velhice e a enfermidade do soberano. Quiz ainda salvar o paiz e salvar-se. Pela derradeira vez, pôz em movimento os machinismos complicados e tão seus conhecidos de uma verdadeira conspiração contra a futura rainha. Ou a abdicação no primogenito ou a lei salica: era o dilema, que o ministro poderoso proporia ao monarcha, se a morte não viesse inutilisar os seus calculos!

Quantas vezes no seu exilio de Pombal, o Richelieu portuguez não teria pensado com tristeza e amargo arrependimento n'esse outro exilado, que a sua inveja afastara do throno, n'esse brilhante D. João de Bragança, o amigo dilecto do imperador da Austria, que havia de ser o generoso conselheiro d'aquelle seu bem amado principe D. José, e unico, apesar de inimigo, que mais tarde faria justiça á sua obra e ao seu genio!

A substituição de D. João por D. Pedro no thalamo da princeza D. Maria é a causa remota da decadencia da monarchia portuguesa no fim do seculo XVIII.

Pombal pagou cruelmente o seu crime de Estado, para que nos detenhamos a accusal-o. Este foi o maior delicto da sua vida de politico. Os dois reis imbecis, a rainha doida, a princeza dissoluta, o regente poltrão e manhoso, são os filhos d'esse erro condemnavel. O que teria sido a historia portuguesa do seculo XIX, se ao lado de D. Maria I se houvesse sentado no throno, em logar do rei D. Pedro, o rei D. João Carlos; e se á rainha tivesse succedido esse principe energico e revolucionario, que as vagas palavras de Thessalonica a lord Beckford deixam adivinhar tenha sido a ultima victima da *viradeira*?

Mas o nosso proposito é apenas o de accentuar as causas que influiram n'esse despreso pela educação, que caracterisou no alvorecer do grande seculo XIX a familia real portuguesa, collocando-a abaixo da sua missão, preparando as conflagrações intestinas e temperando as energias revolucionarias.

Viu-se, n'esta exposição apressada, que podia lucrar em claresa, se a desenvolvessemos mais do que é consentido a um simples artigo, a falta de escrupulo com que se fazia de um rapazinho de vinte e um annos, pelo simples privilegio do nascimento, um almirante general, n'essa hora excepcionalmente perigosa para as monarchias, quando a Revolução Franceza, preparada pelo philosophismo e pela livre critica, advertia os reis dos perigos a que os expunha a soberana vontade dos povos, a consciencia novissima da sua importancia social e a experiencia terrivel do poder destruidor das suas coleras. Seria proveitoso comparar ainda essa educação de um principe portuguez á educação que tinham recebido em França os inimigos da monarchia. Lá, como em Portugal, o humanismo era o alimento mais nobre dos espiritos. A egreja exercia o monopolio do ensino. As artes latinas, universitarias e theologicas, povoavam as imaginações de heroes, exercitavam as faculdades oratorias e desenvolviam os recursos casuisticos. A mocidade descobrira na historia de Roma a Republica. Uma sede de saber curvava sobre os livros esses moços inquietos, de uma energia de predestinados. Os padres exaltam essa geração pertinaz e estudiosa, difficilmente estabelecem limites a essa curiosidade avida de saber, que a empallidece em vigilias perseverantes. Essas feras, como depois hão de chamar-lhes, teem o culto apaixonado da elegancia e da forma. Á ignorancia da nobreza, oppõem os primores de uma illustração classica e academica, que prepara a eloquencia oratoria da Revolução. Aos quatorze annos, Mirabeau é um excellente discipulo do pensionario militar do abbade Choquart e surprehende os camaradas pela sua paixão pelas linguas antigas; Vergniaud excita a admiração de Turgot nos exames do collegio de Limoges. Os padres oratorianos de Marselha, criam um premio de honra para Barbaroux. O partido da *Gironda* distingue-se pelo seu gosto apaixonado pelas humanidades. Fouché ensinara philosophia a Billaud-Verennes. Saint-Just era o melhor alumno do collegio de S. Nicolau de Soissons. O abbade Proyart, vice-reitor do collegio de Luiz-o-Grande, diz de Robespierre: *o estudo era o seu Deus!* No concurso geral de 1778, o primeiro *accessit* d'amplificação franceza é concedido a *Camillo Benedictus Desmoulins.* O primeiro premio pertence a André Chenier. Danton improvisa discursos em latim e lê Shakespeare em inglez. Muitos d'elles, como Chenier e Desmoulins, sabem grego, traduzem Xenophonte e Aristophanes. Todos elles conheciam a Encyclopedia, tinham estudado Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Beccaria e Buffon.

Esses selvagens eram, no fundo, uns lettrados. O sanguinoso Marat idolatrava Virgilio. Brissot era um sabio.

Por esse tempo, em Portugal, os principes mal sabiam escrever. A instrução do Infante D. Miguel era confiada a frei Antonio da Arrabida. A Infanta D. Maria d'Assumpção ignorava quem fosse Camões. A descendencia do *capacidonio* arrastava o paiz á vergonha, á miseria e á guerra. Pombal inutilisara toda a sua obra n'uma hora de fraqueza, de inveja e de ciume.

CARLOS MALHEIRO DIAS.

AS ARVORES DA CIDADE

Tristes arvores, coitadas,
que descorada tristeza
nas suas pobres ramadas...
que sabem da natureza?

Não dão a sombra a quem passa,
sua sombra fresca e verde;
o claro manto da graça
na de altas casas se perde.

Lá longe, o campo..., e bebendo
o chão p'las fortes raizes,
vão suas irmãs crescendo,
— arvores livres, felizes.

Perdem a rusticidade,
sua fecunda beleza,
as arvores da cidade...
que sabem da natureza?

Pódam-nas. Tesoiras frias
aparam ramos espertos,
que são os braços abertos
da alma das ramarias.

Brotam das calçadas duras,
da sua crua dureza,
e não das leivas escuras...
que sabem da natureza?

Em suas braças, — as traves
que ampárariam cem lares, —
nunca se amaram as aves
com chalreados cantares.

E cada braça sósinha
mal sabe dessa pobreza,
ou quem sabe se a adivinha ..
que sabem da natureza?

Lá longe, o Campo..., as florestas,
que são familias unidas
de criaturas honestas
no trabalho recolhidas.

Dos pinhaes na fresquidão,
ou no cheiro dos pomares,
o bom silencio dos ares
convida á meditação.

E estas cresceram ouvindo
ranger, com brava fereza,
a cidade uivando e rindo...
que sabem da natureza?

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Se a mocidade soubesse...

II

ROSAS DE TRIANON

Estevam Lee, conde de Waldorf-Kilmansegg — inglez por educação e por herança materna e austriaco por seu pae e em razão de ser proprietario de terras na Silecia—rapaz difficil de contentar e de gostos epicuristas, escolheu para viajar, por motivos que o seu lacaio julgava incomprehensiveis, uns invios e negregados logares da Westphalia, no mez de abril de 1813, anno de cruentas guerras. Em vez de se dirigir para a alegre capital do rei Jeronymo, onde poderia viver á lei da nobreza, encaminhou-se para as cercanias da floresta thuringiana e foi pousando nas estalagens de villas então meio desertas e de miseraveis aldeias espalhadas ao longo da estrada Imperial.

Emquanto os postilhões e lacaios maldiziam do vinho fraco e da comida grosseira, e os cavallos da sege de viagem passavam horas e horas em cavallariças ordinarissimas, o amo e dono, á procura não se sabia de quê, dava a pé e sósinho longos passeios, de que voltava emproado, como de costume, fatigado e descontente.

Ouvindo-lhe dar ordem para pernoitarem no logarejo de Wellenshausen, quando bastaria andar um pouco mais para irem ficar á razoavel cidadesinha de Halberstadt, o lacaio Franz entendeu que a situação excedia o que o seu espirito irrequieto de viennense podia supportar, e resolveu demittir-se do cargo. Logo depois bateu na testa de modo significativo, porque o amo sahiu da hospedaria forrada de videiras e veiu para a rua, onde ficou olhando para a direita e para a esquerda, como se esperasse alguem.

—Temos mulher no caso—opinou o Pedro postilhão, fazendo uma careta sobre a caneca de cerveja—ou anda o diabo de volta com elle.

Mais longe não podia ir no diagnostico do estado mental de seu patrão.

*
* *

Posto que situada, em parte, na orla da planicie, a aldeia ainda se estendia pela montanha: cavalgando o aspero contraforte da distante cordilheira coberta de arvoredo, escudava-a, pela banda septentrional, uma grande rocha, que sósinha se erguia no meio do campo, tão empinada e alterosa, que a julgariamos inaccessivel se não a coroasse um castello. Torrente de escuras aguas, em todo o tempo frigidissimas, precipitava-se espumante pela encosta, havendo manado de mysteriosa e sombria caverna, e, correndo com estrepito ao longo do leito, ia cortar em duas a aldeia, no seu caminhar em direcção á planicie.

Estevam Lee ergueu os olhos para o Burgo, carrancudo de aspecto a maior parte do tempo, mas que, n'aquelle instante, illuminadas as suas estreitas janellas pelo sol poente, despedia clarões côr de rosa. O pensamento, nas azas da phantasia, alçava-se-lhe para o castello roqueiro, quando o clamor de vozes infantis lhe desviou a attenção para outra parte. Era um bando de gaiatos que ia correndo para o lado da ribeira, em cuja ponte vinha a passos ligeiros avançando um homem. Parou, por instantes, sobre a parte mais alta do arco de pedra tosca, e os sons alegres de uma rabeca fizeram-se ouvir acima do vozear da gaiatada e do murmurio das aguas. Bailando, cantarolando, pinchando, os pequenos rodearam o musico e seguiram após elle, agarrando-se-lhe alguns ás abas da casaca. Fazia lembrar o magico flautista da lenda.

Parado no meio da estrada, o conde tinha os olhos a brilhar e reflectia no semblante risonho os clarões do sol quasi a occultar-se.

O rabequista encaminhou-se para elle e cumprimentou-o, inclinando o corpo sem afastar do peito a rabeca, porque ainda não tinha acabado o que estava tocando.

—Já nos encontrámos—disse elle.

—E eu já não esperava tornar a encontral-o—redarguiu Estevam, com ligeira commoção.—A sua musica não me sahiu da cabeça estes dias. Parece que me enfeitiçou!

A despeito do tom de amigavel censura com que foram ditas estas palavras, o conde estava envergonhado por se mostrar tão affavel para com um musico ambulante, e córou.

— Com que então — disse o outro, petulantemente—não deixou ainda de ser macambuzio! Oh grande Apollo! Quem me dera que podessemos trocar os nossos destinos, e affianço que não me faria falta a companhia de um velho. Quietinhos, meus pequenotes, e deixem um fidalgo falar .. com outro fidalgo

Calou-se e, após instantes de meditação, olhou para o interior da estalagem atravéz da porta aberta de par em par; ergueu depois a vista, rapidamente, para a mansão acastellada, cujas torres coroavam o cume do morro.

— É possivel que pessoa tão fina queira ficar n'esta aldeia miseravel!— exclamou. — Vejo acolá adeante os seus cavallos já desapparelhados. Convida-me para ceiar... collega viajante?

Como, ao dizer isto, cingiu com a coçada manga a do conde, que era do mais fino estofo, os garotos soltaram grandes gargalhadas.

Estevam estremeceu e franziu o rosto, mas dominou-se promptamente e acompanhou de boa vontade Hans até á sala da estalagem da Cegonha de Prata, onde abancou em frente d'elle, com grande pasmo do hospedeiro.

Era o musico homem dos seus cincoenta annos, magro, alto, de feições bem pronunciadas e de aspecto singular. No fato, embora pobrissimo, revelava uma tal ou qu distincção: calções de fazenda ordinaria, sapatos com fivela de metal e camisa de panno de linho grosseiro, muito cavada no coz, de modo que deixava bem á vista as cordoveias do pescoço. O emmaranhado cabello formava por traz um *chicote*, muito em moda vinte annos antes. Os olhos grandes e occultos em orbitas profundas, pareciam melancholicos e scismadores, quando não exprimiam implacavel zombaria.

O certo era, em todo o caso, que o conde de Waldorf-Kilmansegg, apesar de sentir-se um tanto embaraçado, tinha por conviva um reles musico ambulante, que todos conheciam n'aquelles sitios pelo «Rabequista Hans».

SIDONIA DEBRUÇOU-SE POR CIMA DO HOMBRO DA TIA

— Sabe – dizia este — que não posso dar-lhe parabens? O pão é azedo, e mais que azedo o vinho. Gabo-me de ter bons dentes, mas não sou capaz de rilhar esta salchicha. Assim com fome e com sede—e bateu com a mão no deprimido estomago—não terei espirito para to-

car, logo á noite, uma unica nota... Guarde as suas pragas para melhor uso, pois com ellas não tira o azedume a esta zurrapa. E eu, pobre de mim!—acrescentou, olhando pensativo para as pernas, que estendera commodamente—eu que estava antegosando uma ceiasinha de capão assado, regada com uns copos de velho Borgonha! Que diz? Que já ceou? Não? Outro tanto digo eu. Venha comigo, sr. conde. Convido a sua seriedade para cear n'um sitio, onde a meza será opipara e onde gosará a presença de uma linda mulher.

Calou-se para gosar o espanto do auditorio, e continuou com animação:

—A nobre ingleza e o fidalgo austriaco responsaveis pela sua existencia, meu caro, estragaram o acepipe, faltando-lhe um nadinha com os temperos. Com a fortuna! Pois não tem em si, ao menos, um sorriso... uma centelha, que o anime perante o aspecto jovial das coisas? A mocidade deve ser o riso da vida. Ande comigo! Tem muita coisa que aprender.

E deixando de parte a comida, tomou o mancebo pelo braço e levou-o pela porta fora. A aldeia já começava a envolver-se em sombras, mas o castello alcandorado no cimo da penha ainda scintillava como um rubi. Apontando para lá, o musico disse:

—Já uma vez o puz em contacto com uma sociedade muito ordinaria. Foi no dia em que travámos conhecimento. Hoje vou apresental-o a uma sociedade das mais selectas.

O dono da estalagem, que tinha estado de bocca aberta, e que ria sempre ás gargalhadas com as facecias do musico, resmungou:

—Valha-te Deus! Julgas que assim entras no castello, onde o burgrave tem sempre a mulher fechada a sete chaves?

—Está claro que entramos!—respondeu o outro, imperturbavel.—Anda, empresta-nos o burro e o garoto do Georgi e dá ordem para que a mala do fidalgo seja posta, com todo o cuidado, ás costas do animal. Passamos a noite no castello. Vae!

A ideia pareceu-lhe uma simples brincadeira, porém o dono da Cegonha de Prata não resistiu á intimação, reforçada, de mais a mais, com um gesto imperioso.

—Não faça de mim um tolo—disse Estevam ao musico, em voz baixa, quando viu o hospedeiro ir cumprir a ordem.

O outro atalhou com impaciencia:

—Na mocidade mostra mais juizo quem fizer mais tolices. Que tenha, ao menos, o privilegio de fazel-as com graça... Oh! Tomara eu poder ensinal-o!

E voltando-se para os garotitos, disse-lhes jovialmente:

—Hoje não, amanhã toco para dançarem até não poderem mais... Hoje sou uma grande personagem, vou cear com o burgrave!

Os garotos, que eram já como tordos em volta d'elles, responderam em côro:

—Pois sim, tio Hans! Pois sim!

E o dono da estalagem d'ahi a instantes, quando os hospedes já se afastavam da Cegonha de Prata a caminho do castello, dizia com os seus botões:

—Levado da breca este Hans!... Faz o que quer dos grandes e dos pequenos! Nem que fosse um feiticeiro! Pois se entrarem no castello, talvez não voltem de lá! Valha-lhes Deus!

É que o estalajadeiro, como toda a gente da aldeia, tinha na massa do sangue o terror do velho Burgo, que lá no alto se erguia ameaçador, povoado talvez de portas falsas, de alçapões e de masmorras...

*

* *

—Sidonia,—disse a burgravina, no quarto da torre—isto não se pode aturar!

Como esta affirmação se fazia, pelo menos, cinco vezes em cada dia que Deus deitava ao mundo, a ouvinte não ficou tão impressionada quanto pedia o apparente desespero da mulher do burgrave. As lamentações continuaram com grande intimativa:

—Um dia atiro-me d'esta janella abaixo!

Por causa das duvidas e como quizesse olhar para fora sem perigo de despenhar-se, encostou com cuidado os cotovellos á cantaria do peitoril.

—Se a tia quizer, pode sahir comigo uma vez por outra—lembrou Sidonia, amavelmente.

—Para passeiar? Ai, filha, teu tio bem sabe o que fez encarcerando-me despoticamente no cimo d'este infernal rochedo. Já não tenho sequer um par de sapatinhos, com que deitasse até meio do caminho, que vae d'aqui até lá abaixo. Só de olhar para a rampa que sobe para o castello, sinto vertigens...

Tapou os olhos com as mãos e teve uma tremura por todo o corpo.

Para distrahil-a, Sidonia disse-lhe:

—Sabe, tia?... A floresta está um verdadeiro encanto. Os morangos já começam a florir...

—Os morangos!... Pois é n'isso que deves pensar na tua edade?... Ás vezes chegas a ser cruel...

—Não imagina como estão crescidas as corças... E são tão meigas!...

—As corças!... Meigo seria para ti o homem a quem amasses... Ah! Se eu tambem amasse!... Nasci para ser desgraçada!

Sidonia, esbelta, fina, e beijada do sol como coisa que na floresta sempre tivesse estado, tornou-se carmezim por traz da tia, que deixara a cabeça descahir sobre o peito. Perguntou:

—Porque nos tem aqui fechadas o tio Ludovico?

A esposa do tio Ludovico agitou-se violentamente na cadeira onde estava sentada. Dos olhos despediu chammas e dos labios, vermelhos como cerejas, deitou uma torrente de palavras, tão inflammadas como os olhares.

—Porque tendo gasto a maior parte da vida a estudar o nosso sexo, se lisongeia de que possue larga experiencia das fragilidades femininas! Porque tendo demonstrado tantas vezes que é facillimo quebrar os votos do matrimonio, não acredita que alguem os possa cumprir á risca! Porque—e o seio palpitou-lhe de indignação—Cassel é hoje o logar mais divertido de toda a Europa, e nenhum marido, que se preza, pode divertir-se com commodidade se não tiver a certeza de que sua mulher, no entretanto, se aborrece de modo proporcional.

A estas palavras Sidonia objectou:

—Lembre-se de que o tio desempenha na côrte os deveres de chanceller...

—Os deveres de chanceller!—disse a fidalga, batendo furiosa com as pontas dos dedos contra a vidraça.—Sim, filha, o rei Jeronymo impõe deveres penosissimos aos seus ministros e talvez Ludovico os desempenhe *con amore*.

N'isto os dedos deixaram de bater, e a burgravina abriu um pouco mais a janella e debruçou-se tanto, como se estivesse com tenções de levar a effeito o annunciado suicidio. Depois gritou com voz alterada:

—Não vês? Olha! Vêem na estrada dois homens e um cavallo carregado... Não! É um burro!

Sidonia debruçou-se tambem, muito pressurosa, por cima do hombro da tia. Duas creanças de edade differente é o que eram afinal.

—É o jardineiro e o pastor—disse ella.

A outra respondeu ironicamente:

—Isso mesmo! Vê-se perfeitamente a corcunda de João e a perna coxa do Peperl! Ora que á tarde sempre ha de haver nevoeiro!... Agora! Agora! Se não vem acolá um fidalgo, podem chamar-me guardadora de gansos... e avósinha, se elle não fôr um rapaz novo.

—É Hans, o rabequista—disse, com espanto, Sidonia. Porém não foi, com certeza, o musico ambulante que lhe fez subir o rubor ás faces.

—Que rabequista é esse?

—Quem não o conhecerá? A tia já ouviu por força falar n'elle. Se fosse ainda novo e trouxesse penna no gorro e florete á cinta, julgal-o-hiam um trovador. E toca de um modo tão commovente!...

—Cala-te, filha! Sabes o que elle me parece? O farroupilha de um mendigo. Mas o outro... Até que vou ter... e tu tambem quem nos faça companhia!... Uma vez, ao menos, hei de ser dona d'esta casa! Anda! Vae chamar a Elisa... e veste, pelo amor de Deus, um vestido rasoavel. Eu ponho o de tafetá côr de rosa... E tu?... O que quizeres, menos o branco... Não te fica bem...

Emquanto dizia isto, a burgravina tinha-se retirado apressadamente da janella e corria, com grande espalhafato, para o toucador.

*

*   *

—O sr. burgrave não está no castello e a sr.ª burgravina não recebe visitas.

Foram as palavras que proferiu o guarda-portão Martim, deixando ver atravez das grades a horrenda carantonha.

A ultima claridade do sol tinha esmorecido. Cinzentas e côr de rosa, as muralhas e as torres do Burgo erguiam-se por cima da cabeça dos viajantes, a cujos pés se desenrolava a encosta do monte cinzento e côr de rosa.

—Repare! Estamos aqui em plena Edade Media—segredou o musico a Estevam, e, notando que Martim ia sorrateiramente a desviar-se do postigo, intimou-lhe em voz muito alta:—Um minuto, ó amigo, e trata de ouvir as nossas razões. Não me deste nenhuma no-

UM MINUTO, Ó AMIGO, E TRATA DE OUVIR AS NOSSAS RAZÕES

vidade, quando me disseste que teu amo não está no castello; mas que tua ama não recebe estas visitas, é que ainda não está provado. Como pode ser isso, estando nós aqui por convite do proprio sr. burgrave?

Atravez da escuridão que se ia adensando, Estevam fitou a vista nas feições escarninhas do musico, ao passo que o guarda-portão ficou silencioso por momentos. Ouviu-se o ranger das trancas de ferro e das chaves, e viu-se a grande porta soabrir-se, não para dar en-

trada aos visitantes, mas para Martim poder vel-os de mais perto.

—Antes devias chamar-te Thomé do que Martim, já que és tão incredulo—disse-lhe Hans.

—Tenho ordem de não admittir ninguem.

—As ordens que recebe um creado não são como os dez mandamentos: estão sujeitas a variações conforme a vontade alheia. Ora se eu, conhecendo o teu amo, te disser...

O guarda-portão mostrou a dentuça, como um cão velho, e com um sorriso meio de duvida meio de desprezo, perguntou:

—Conhece o meu amo? Você!...

—Separámo-nos ha pouco tempo ainda. Para prova, dir-te-hei que se acha a estas horas em Halberstadt e que tambem lá passa o dia de amanhã. Como o tempo está muito humido e já é quasi noite fechada, deixa-nos entrar para o teu cacifo de pedra, onde quero sentar-me um bocado, e olha bem para nós, antes de impedir que o amigo do burgrave e o primo da senhora burgravina entrem no castello, para onde tinham sido convidados. Olha bem, homem de Deus, para este senhor, e verás que é fidalgo desde o cocoruto da sua nobre cabeça até á planta dos seus aristocraticos pés. E olha bem para mim. Ah! Já me reconheceste!... Sou ou não sou o Geiger-Hans? Cuidado, Martim, muito cuidado! Sabes tão bem como eu que os grandes costumam disfarçar-se.

O tiro acertou no alvo: a prova é que Martim, em serios embaraços, acabou por ceder. O outro, mantendo-o sob o predominio do seu olhar motejador, levou por deante a argumentação:

—Vamos! Já basta de coçar o grisalho mattagal, que te vou dizer como podes tirar-te de uma posição má. Corre á presença de tua ama e previne-a da vista de dois cavalheiros, por quem ella esperava talvez, visto que nos apresentámos em obediencia ao convite do marido. Emquanto vaes e voltas, ficamos sentados a descançar, n'aquelle banco de pedra, eu e o meu presado companheiro, a quem procurarei amenisar a fadiga com uma ariasinha do meu reportorio.

Sem dizer palavra o guarda-portão retirou-se vagarosamente, voltando-se, mais de uma vez, para lançar aos dois visitantes olhadelas de desconfiança.

—Mas como se atreveu?... perguntou Estevam, cheio de pasmo, ao rabequista, que, muito fresco da sua vida, apertava uma cravelha do instrumento.

—A que me atrevi eu?... E porque não havia de atrever-me?—Fez soar a corda, abanou a cabeça e tornou a apertar a mesma cravelha.—Que tinha eu que receiar ou que perder? Vamos ser muito bem recebidos, digo-lh'o eu! E verá a optima ceia e os momentos deliciosos que nos esperam!

—Que pasmosa audacia!—E tendo soltado esta exclamação, o austriaco sentou-se cautellosamente n'um dos extremos do banco, sem poder desfitar os olhos do rosto do musico, exactamente como se tivesse deante de si o Principe da Mentira.—Se eu mesmo cheguei a crer que era verdade o que lhe ouvia!

—E era a pura verdade!...

—Explique-me então como sou primo da mulher do burgrave!

—O sr. conde é austriaco e ella, sei-o com certeza, tambem é austriaca. Pertencem ambos á flôr da nobreza do Imperio. Se não forem parentes, obrigo-me a comer esta rabeca... e até o arco!

—Ora! Ora! Esse parentesco é tão verdadeiro, como o seu conhecimento com o burgrave.

—Somos conhecidos, acredite!

—E elle convidou-o para vir ao castello?—perguntou Estevam, já perdido de riso.

—Pois convidou!

Levantou a rabeca e tirou d'ella um som prolongado, que era como a imitação musical da inflexão, que Estevam dera á voz. E foi dizendo:

—O marido que fecha n'uma torre inaccessisivel a esposa apaixonada por divertimentos, convida, nos termos mais claros e positivos, qualquer homem de coração e de intelligencia para que venha consolal-a. O senhor de Welenshausen está em Halberstadt... Eu fui lá tocar ao hotel da Corôa... e em Halberstadt fica até amanhã. Ora elle disse-me: «Amigo...» Note que me chamou seu amigo... «Amigo, ha de ir tocar essa aria ao meu castello!» Como vê, tem a paixão da musica. Foi um convite ou não foi?... A unica pessoa que em tudo isto mentirá, é a nobre esposa do burgrave. Está morta de aborrecimento e vae affirmar ao guarda-portão... *affirmar*, ouviu?... que já estava ao facto da nossa visita. Este procedimento, embora lastimavel, é o que tem sempre as mulheres fechadas a sete chaves pelos respectivos maridos.

Encostou o peito á rabeca e a mais fluente melodia soou no vestibulo e foi echoando pelos corredores e sob os tectos abobadados. Á laia de coelhos curiosos que despontam da coelheira, um moço de cozinha deitou a cabeça de fóra, surgindo de escuro recanto, e uma rosada moçoila entreabriu uma porta e espreitou o que era, com o riso a bailar-lhe no rubicundo carão. D'ali a pouco tudo foi despertando no somnolento castello, ao som de falas trocadas rapidamente e em voz baixa, de risadas mal reprimidas: agora ouvia-se o palmilhar de uns pés descalços, logo o tropear de umas botas, que nenhumas precauções logravam abafar. Afinal a figura majestosa do mordomo appareceu aos dois visitantes, esplendida á custa das cadeias de prata e das meias de seda. Hans parou com a musica, e, curvado para Estevam, segredou-lhe:

—Veja! Revestiu-se com as suas mais preciosas galas, para vir dizer-nos a mentira da patroa.

O mórdomo, depois de fazer uma grande cortezia ao conde, fallou-lhe n'estes termos:

— A minha nobre ama esperava para amanhã a honra d'esta visita.

No entrementes deu com os olhos de xarrôco no rabequista e ficou verdadeiramente banzado, mas ainda assim proseguiu:

—Quer Vossa Honra acompanhar-me até aos seus aposentos?

Como despedisse nova olhadela ao musico, este ergueu-se promptamente e cumprimentou, dizendo ao mesmo tempo com suavidade:

—A minha honra tambem o acompanha. A nossa bagagem está lá fóra, ás costas de um burro. Mande buscal-a.

*
* *

Se o musico estava surprehendido com o seu triumpho, só o deu a perceber por um leve repellão, que a alegria lhe imprimiu aos sobrolhos. Apparentemente era d'aquelles que tão bem sabem aproveitar-se das opportunidades, que chegam a convencer-se de as terem creado por si mesmos.

—Os companheiros devem repartir entre si o que teem, e repartil-o irmãmente—disse Hans, largando a escova de Estevam, com que estivera sacudindo o pó do seu fato já no fio.—Empreste-me uma fita para o chicote da minha cabelleira. É moda que passou, mas que eu adoro. Barbearam-me hoje *à velours*... Foi uma inspiração! Para não me faltar nada, seria necessario uma nuvem de pó... mas os elegantes do seculo actual desconhecem estes requintes. Deixe-me ver... Oh! Parece-me que esta andaina de fato preto, aqui dobrada ao canto da sua mala, talvez conviesse admiravelmente á minha gravidade. Sim! E esta camisa de rendas... Obrigado! Ah!... E estas meias de seda roxa!—Vendo Estevam como hypnotisado, disse-lhe que se arriscava a ficar sem olhos continuando a miral-o asssim; depois, tirou uma caixa de rapé de uma das algibeiras do seu velhissimo collete, deu-lhe uma pancadinha com o dedo e disse:

—Triste coisa é uma pitada, se quem a tomar não tiver uns bofes de renda, d'onde possa depois sacudir o rapé não aproveitado.

Olhou para Estevam e não lhe desagradou que elle estivesse a admirar-lhe a graça, com que fazia ondular as rendas emprestadas, e os ares, com que sacudia dos punhos um invisivel atomo de rapé. Deu alguns passos e dir-se-hia que toda a vida tinham aquellas pernas trazido meias de seda. O fato de Estevam, se lhe ficava um pouco largo, cahia-lhe todavia com certa elegancia.

—Palavra de honra, é um fidalgo!—exclamou o conde de Waldorf-Kilmansegg, rindo ás gargalhadas, com a alegria de ter feito uma descoberta.

Franziu o musico as negras sobrancelhas, e, com o seu habitual riso sardonico, respondeu seccamente:

—Quer dizer, um seu egual. Faz-me demasiada honra!

Dando novamente expressão suave á physionomia, passou, por sua vez, a examinar o companheiro e disse-lhe:

—Sabe? Dava todos os annos que ainda me restam de vida, por alguma das suas incapacidades juvenis. Não acalento illusões a respeito da escolha que entre nós vae fazer a formosa burgravina, para alvo dos seus desvelos.

E realmente, quando os dois foram introduzidos na sala comprida, sombria e forrada de pesadas tapeçarias, os olhares da castellã mal perpassaram por Hans, que, vestindo o alheio, estava prodigiosamente distincto, e foram fixar-se complacentes no mancebo que o seguia.

Estevam tinha bem levantada a cabeça, que, sendo d'aquellas em que a Natureza impri-

miu um nobre cunho, parecia bem n'uma tal attitude. Se havia orgulho na arcada do supercilio e no franzido dos labios, tambem havia a nobreza de raça para jusfifical-o. Isto poude observar a burgravina n'uma rapida olhadela que despediu por entre as pestanas, notando que elle não usava as recentes e odiosas calças á cossaca, mas que, pelo contrario, seguia a moda das épocas em que valia a pena a um homem ter perna bem torneada e airosa. Viu, além d'isso, que a casaca côr de milho e o calção côr de peito de rôla se harmonisavam excellentemente com o vestido de tafetá côr de rosa, que tinha acabado de pôr. Educada para brilhar nas côrtes, agora mesmo, qual aguiasinha empoleirada no alteroso burgo, agitava-se no ambiente alegre e frivolo que lhe era proprio. E o conde Estevam, destinado tambem pelo nascimento ás elevadas posições sociaes, sentiu, quando lhe retribuia aquelle olhar, que se achava mais uma vez no seu elemento.

— Os cavalheiros! — annunciou Nicklaus, suffocando uma risadinha nervosa. Conhecia perfeitamente o rabequista Hans, como toda a gente d'aquelles sitios, mas a familariedade não era tal que lhe permitisse, nem a qualquer outro, dirigir perguntas ao mysterioso ente.

Tivesse este querido que o annunciassem como sendo o Archanjo Miguel, o Principe Lucifer, o Imperador Napoleão, ou o Judeu Errante, e Nicklaus pouco se admiraria.

A dama de vestido côr de rosa avançou o delicado sapatinho e fez uma profunda reverencia. Sem embargo de ser preto de azeviche o cabello, que formava sobre a nuca o apanhado classico e vinha assombrar as faces avelludadas, os olhos eram azues — reconheceu-o surprehendido o conde, no instante em que a burgravina, ao fazer-lhe a mesura,

ENTROU SIDONIA QUASI DE CORRIDA

vagarosamente os erguia para elle — azues como myosotes!

—Meus senhores! disse ella, substituindo o grosseiro germano-saxão de Nicklaus por fluente francez, que era então a lingua falada nas côrtes allemãs. As flores azues dos seus olhos desabrocharam de surpreza, quando se voltaram para Hans. Não tinha visto dois *cavalheiros*, quando espreitara da janella da torre, mas só o encantador mancebo e um guia, que lhe indicava o caminho. Porém aquelle homem edoso, era sem duvida uma pessoa finissima. Só fazia pena que fosse tão velho!...

O rabequista, conforme convinha á sua edade, é que se encarregou de dirigir a conversação.

—*Madame la burgravine*—disse elle, n'um francez cuja requintada pureza não passou despercebida a Estevam, apezar do seu ouvido anglo-austriaco — permitta que dois viandantes lhe manifestem a mais profunda gratidão, por terem sido aqui recebidos com tão hospitaleira bizarria. Tinhamo-nos perdido no caminho e...

—Perdido!...

Esta exclamação foi acompanhada por um sorriso, que a castellã não poude soffrear a tempo, e que lhe fez arripiar os labios.

Hans continuou imperturbavel:

—Sim, minha senhora. A noite vinha imminente, e Deus sabe o que nos teria acontecido, n'esta região bravia e montanhosa...

—Ignoro o destino que levam—disse ella recuando, com altivez mal perceptivel—mas extranho itinerario seria certamente o que os conduziu para um monte isolado de todos os caminhos.

— Só com grande trabalho conseguimos chegar a estas alturas.

O rabequista acompanhou as suas palavras com um certo olhar, levando ao mesmo tempo a mão ao coração e curvando-se respeitoso, de modo que lhes deu o sabor do mais delicado cumprimento.

Novamente oscillou o contorno encantador d'aquella bocca.

—Descer para o valle ser-nos-hia totalmente impossivel—proseguiu Hans.—O nosso itinerario é talvez de difficil explicação, mas se eu dissesse que nos tinhamos transviado, o meu companheiro não deixaria de emendar. Porquê?... Porque, sem a menor duvida, está absolutamente convencido de que o verdadeiro caminho era este, que o trouxe á sua presença, minha senhora, ou, para melhor dizer, aos seus pés.

Estevam limitou-se a fazer uma cortezia, mas fel-a com graça tão juvenil e despediu dos olhos tão ardente lampejo, que a severidade da castellã se fundiu immediatamente n'um sorriso.

—Senhor... disse ella com acanhamento, o que mostrou ao condesinho que tivera sufficiente eloquencia a sua linguagem muda.

O musico apresentou-o, fazendo com o braço um d'esses ademanes, que denunciam o cortezão:

—O sr. conde Estevam Lee de Waldorf-Kilmansegg.

—Lee... Waldorf?—perguntou ella, com vivacidade.

—Estevam Lee, em Inglaterra; Waldorf-Kilmansegg, na Austria.

Ainda se não tinha acabado a explicação, e já a burgravina exclamava, cheia de enthusiasmo:

—A minha querida Austria!

E uma lagrima de sensibilidade marejou-lhe os olhos côr de myosote.

—Waldorf-Kilmansegg de Waldeck.

Emquanto o mestre de cerimonias fazia esta enumeração, conservou-se o conde muito aprumado, conscio das suas honrarias.

—Mas então somos primos!...

E bateu uma contra a outra, as macias palmas das mãos pequeninas, e esqueceu no riso a commoção que principiava a dominal-a.

—Somos primos, sim—continuou a dizer—porque pertenço á familia Schwartzenber.., sou Betty Schwartzenberg... E um primo de minha mãe, Rezy Lutzof, desposou Tony Kilmansegg. Seja bem vindo, meu caro primo! Ao proferir estas palavras, a mulher do burgrave estendeu a mão ao conde, que lh'a beijou cerimoniosamente, o que ella retribuiu pousando-lhe, ao de leve, os labios na testa. Embora isto fosse pratica vulgar no paiz de seu pae, Estevam, por haver estado muito tempo em Inglaterra, tinha-a quasi esquecido, de modo que sentiu o coração contrahir-se-lhe n'um espasmo delicioso e o sangue zunir-lhe nos ouvidos.

Antes de ter perfeita consciencia do que fazia, apertou entre os seus os dedos afusados da castellã e beijou-lhe a mão segunda vez.

Talvez ella não gostasse, mas se assim foi, disfarçou a impressão com um rubor que lhe dizia muito bem, e, como os dois ficaram de

parte a conversar, devia concluir-se, com provas irrefragaveis, que a posição do moço visitante se achava solidamente estabelecida.

O rabequista olhava-os benevolamente, batendo na caixa do rapé e tendo uma das pernas avançada, segundo o estylo.

A burgravina esperava ouvir outra apresentação, que lhe fosse não menos agradavel, mas como a demora já era tanta que os collocava em certo embaraço, perguntou:

—Primo Kilmansegg, não imita a amabilidade do seu companheiro, apresentando-m'o tambem?

Chegou ao conde a vez de ruborisar-se.

Hans fitou n'elle, por instantes, um olhar implacavel, mas fartou-se afinal de gosal-o e acudiu-lhe dizendo:

—Se o meu amigo acceitou como util e divertida a minha companhia, sem tratar de saber préviamente quaes tinham sido os meus antepassados, egual indulgencia não posso impetrar de quem nos acolheu com a mais requintada amabilidade. Como sei que de mistura com o sangue nobilissimo que lhe corre nas veias, sempre haverá uma gotinha do que animou a nossa mãe Eva, deixe-me participar-lhe que sou *Jean, Seigneur de la Viole, Marquis de Grand Chemin*... e que me limito, por emquanto, a depôr aos seus pés estes dois dos meus pobres titulos.

Ficou meditabunda a castellã, com as sobrancelhas contrahidas pelo esforço de se recordar. Disse afinal, cheia de gravidade:

—Esses nomes teem um certo sabor antigo.

Oh! Se quizesse gabar-me, diria que nenhum outro os excede em duração.

Tornou a ficar pensativa, remirando o bico do elegante sapatinho. Reanimaram-se os bellos olhos azues, espancando o sol as nuvens que se iam adensando n'aquella fronte. Com simulada indifferença, retorquiu a fidalga:

—Seja bemvindo, sr. meu hospede.

—Oh! Minha senhora! Sabe o que lamento deveras? Que esse titulo, o mais bello de quantos possuo, deva ser tambem o menos duradouro.

Foi n'esta occasião que Sidonia entrou quasi de corrida, ainda acabando de atar a fita azul, que trazia á cintura. Tinha-se demorado na tarefa de formar, com as lindas e fartas madeixas, o penteado da moda, mas alcançando um resultado, que a tia criticou severamente por um simples olhar de compaixão. Estacou mais envergonhada que uma collegial, com o sangue a purpurear-lhe o rosto e sem ousio de levantar os olhos.

—Creança!—disse-lhe Betty.—Apresento-te meu primo, o conde de Kilmansegg, que, passando perto d'aqui, teve a amabilidade de vir saber da minha saude.

Sidonia olhou a furto, e logo percebeu—oh cruel momento!—que elle não a reconhecia.

A castellã continuou a falar, mas agora com um risinho sarcastico:

—E tambem veiu este cavalheiro...

Ainda cheia de confusão a recem-chegada ia fazer outra mesura, quando se deteve repentinamente e deu um grito de espanto:

—O «Geiger Hans»!

—É outro dos meus titulos,—explicou o musico, muito serio, á burgravina—o que me dá a pequenada, para quem não são totalmente desagradaveis os sons da minha rabeca.

—Emquanto aqui estiver, será *Monsieur de la Viole*—disse Betty á sobrinha, com a mesma seriedade.

—*Marquis de Grand Chemin!* insistiu o vagabundo, acompanhando o dito com uma rasgada cortezia.

—*Marquis de Grand Chemin*—repetiu de boa feição a burgravina.

Apezar d'isto, foi o braço do primo, simples conde, que tomou quando se encaminharam para a sala de jantar.

*
* *

Tinham-se retirado os creados, depois de servirem a ceia promettida pelo rabequista, e tão abundante e succulenta como elle annunciara.

Segurando com o segundo e terceiro dedo o alto pé de um calix de crystal, olhava Hans distrahidamente a transparencia do vinho generoso. Onde tinha o pensamento? Porque se tornou taciturno perante o espectaculo das flores em profusão, da custosa baixella, dos crystaes, das porcellanas? E conservava no copo o rubi do admiravel «Clos Vougeot», em frente do qual Bonaparte, ainda republicano, mandara, na marcha para Italia, os seus soldados fazerem alto e apresentar armas, como ao principe dos vinhedos! Pois era o mesmo homem que tanta vez, atolado na poeira dos caminhos, cantava deante de uma codea de pão, ou dava graças a Deus, se podia beber uma sede de agua nas correntes que desciam das monta-

nhas!... Se tivesse na mão o violino, seria agora de lagrimas a sua musica.

Mexeu com os olhos. Primeiro descançou-os, com singular expressão de carinho, no rosto de Sidonia, de uma frescura de rosa silvestre; depois fixou-os na burgravina. Era realmente como que um altar para a adoração a formosa mulher, com o farto seio emergindo do decote do vestido, e a petulante cabeça —uma cabecinha de boneca—a offerecer-se ardentemente, em extasis, ao fogo que se ia ateando no semblante de Estevam, até então subjugado pelo respeito das conveniencias. O musico viu isto e os labios arrepanharam-se-lhe n'um sorriso de mofa. Olhou para o conde, que tinha as faces incendidas e o olhar chammejante, e ainda se tornou mais funda aquella contracção. Não lhe eram agradaveis semelhantes enthusiasmos.

Voltou-se e attentou na silenciosa creança. Havia um quê de austero no manto de orgulho e modestia, em que ella se envolvia. Disse-lhe meigamente:

—Menina Sidonia! ..

Só teve em resposta um breve olhar, lançado por olhos rasos de lagrimas. Perguntou, com a physionomia distendida pela ternura:

—Quer que toque?...

Sidonia disse-lhe que sim com a cabeça. Os cantos da boca tremiam-lhe; se pronunciasse uma palavra só que fosse, romperia em soluços.

—Poz-lhe uma almofada debaixo da cabeça—pensou o musico—e foi quanto bastou para que o amor florescesse no seu coração. Ah! mocidade!... Pobre creança!—E olhou para os outros que estavam conversando em voz baixa. Gritou-lhes:

—Depois do banquete, a dança! Não acham?...

—Sim! Sim! Vamos dançar!

Mal disse isto, a burgravina ergueu-se rapidamente, n'uma alegria doida. Que mulher, que boneca para ter nas suas mãos a honra de um homem!...

—Pois então vou tocar—disse Hans, com riso amarello. E mandou o Niklaus buscar a rabeca. Depois de uma pausa, murmurou estas palavras, que mais pareciam o echo de um suspiro:

—Ha de ser um minuete.

E o *Marquis de Grand Chemin* floreteou com o arco á feição de esgrimista, fazendo adejar as rendas dos punhos, e avançou um passo donairosamente: era como se o aroma das rosas mortas de Trianon perpassasse por entre as rudes tapeçarias gothicas do Burgo.

—O minuete é a dança das damas da alta aristocracia e dos gentis fidalgos—disse elle, começando uma melodia dos tempos passados, em que havia um mixto de travessura e de melancholia subtil. E foi tocando, e as palavras que pronunciava a modo que se entrelaçavam, com a sua harmonia especial, na grinalda dos sons. «Incline-se, senhor, levando a mão direita ao coração. Pegue na mão do seu par, a quem deve encarar, os olhos bem fitos nos olhos.—Ah! dirá em silencio, mas eloquentemente. Apertar essa mão delicada... apertal-a por toda a vida!... Gosar a sua deliciosa companhia sempre, sempre!... Assim é que todos os dias da existencia deslisariam como suave melodia!... Oh senhor! responderá a dama na mesma linguagem, confunde-me!—E ao dizer isto esquiva-se-lhe com uma reverencia toda encanto e dignidade. Faz-lhe outra mesura... se bem que ella realmente não a mereça!... Mas que é isto? A mão d'ella voltou para a sua... Oh! Agora approxime-se um pouco da linda feiticeira... Levantam bem alto as duas mãos enlaçadas. O setim do elegante vestido cicía de encontro ao damasco da airosa casaca... O hombro d'ella tocou-lhe. Fal-a rodopiar da direita para a esquerda.. com que orgulho... Ceos! Com que respeito! Como gira aquelle corpinho gentil, pelo simples instincto d'uns dedos apaixonados, indo d'um lado para o outro, para que todos o vejam, para que todos admirem o premio que lhe coube em sorte!...

—Agora já se não dança o minuete—interrompeu Estevam, com timido resentimento.

Os compassos de *Jean de la Viole*, que tinham soado meio alegres, meio dolorosos, mas sempre suaves, como a saudade de um passado encantador, pararam de repente. O musico deitou um olhar mau para o conde, no instante em que levantava o arco da rabeca.

—Sim, tem razão—disse-lhe depois.—O minuete foi á guilhotina. A França poz em moda outras danças... *Ça ira, Ça ira! Dansons la carmagnole!*—Tinha aspecto sinistro quando as notas d'estas ensanguentadas canções do enxurro lhe brotaram das cordas.—Ahi tem as novas danças dos francezes! Que as dancem até á morte!

—Acabe com essas musicas tão feias!—atalhou Betty, em cujo semblante não se refle-

ctiu a mais leve sombra da tragica paixão que animava o rabequista.—Toque-nos uma valsa, *Monsieur le Marquis!*—E agarrando-se a esta inspiração repentina, como a creança se agarra a um brinquedo, exclamou:—Uma valsa! Uma valsa, *beau cousin* de Kilmansegg! Ouço dizer que é a dança, que faz agora furor! E Deus nos livre dos velhos minuetes!

—Pois seja uma valsa!—disse o rabequista, que dominado pela ira a deixou transparecer juntamente com a ironia brutal do *Ça ira*, no rythmo de uma valsa phantastica. «Anda á roda, coração inanimado e cabeça vazia! Segura-a bem, e leva-a comtigo no rodopiar furioso, para que sintas crescer essas pernas de cabrito montez, tu que podias erguer a cabeça a topetar com os deuses, e conhecer a inestimavel vertigem das alturas! É para isso que tens mocidade!

Mais rapido, sempre mais rapido foi sendo o compasso da musica, executada com doidos e asperos arrancos; mais rapido o turbilhão da dança! *Beau cousin* já principia a estar arquejante. Leva a *Belle Cousine* tão apertada a si, que mal a deixa respirar. O cabello meio solto, fluctúa ao desdem; o hombro, de tanto solevar-se, ameaça romper a manga curtissima. Sem animo de continuar a vel-os, Sidonia foi para a janella: encostou aos vidros a face que escaldava, e fitou os olhos, que ardiam como lume, nas estrellas tremeluzentes. Havia uma coisa que lhe empolgava a garganta e o coração, apertando-os ferozmente.

Sem os advertir, o artista passou o arco nas cordas produzindo um som dilacerante, e, como se uma espada tivesse cahido no meio d'elles, Estevam e a burgravina separaram-se, attonitos, confusos. O conde cambaleou e amparou-'se a uma cadeira. Ella levou a mão ás desalinhadas madeixas e ás rendas do decote, tornando-se escarlate na testa, nas faces, no pescoço, nos hombros.

—Não querem dançar mais o minuete?—perguntou Hans, soltando uma gargalhada secca e arranhando novamente as cordas da rabeca.

Afigurou-se ao mancebo que o riso d'aquelle homem tinha o que quer que fosse de diabolico, e que succedia outro tanto ao riso que se reflectia do instrumento.

O musico proseguiu:

— Dou-lhe toda a razão, sr. conde, e o mesmo lhe digo, minha senhora, porque a valsa tem andamento mais veloz. Quanto sinto vel-a assim, sem quasi poder tomar respiração! Permitte-me que me assente, por um instante, ao seu lado? E porque não explica, sr. conde de Kilmansegg, os principios d'esse... d'esse gracioso e elegante passatempo a *Mademoiselle?*... Foi para longe de nós, mas a sua mocidade está ainda a tempo de aprender a nova moda. Não lhe parece, burgravina, que as duas creanças fariam excellente companhia uma á outra, debaixo das nossas vistas?... Temos toda a competencia para guardas: eu como velho que sou, e a burgravina por ser uma senhora casada e cheia de sisudez.

Não obteve resposta, a não ser o olhar que ella, entre admirada e offendida, lhe relanceou.

O musico sentou-se e foi dizendo:

—Não tem razão, creia, para se zangar com o seu marido e senhor, por elle a conservar fechada n'este castello. Valha-nos Deus! Não lhe provará com isto o amoroso apreço em que a tem?

Betty deu ao rosto uma expressão de profundo desprezo e replicou:

—Sem duvida!... Não pode mostrar com mais eloquencia a sua enorme affeição!

—Occultando o seu thesouro onde os ladrões não podem chegar-lhe? De accordo! Assim ao menos o pobre do homem fica inteiramente descançado.

—E o infeliz thesouro que se vá estragando, no emtanto, por obra da traça e da ferrugem!

Retorquiu em voz baixa o musico ambulante:

—Não são esses os peores inimigos! O dono do thesouro receará mais ainda alguma nodoa...

—Que audacia!...

Ainda ella não lhe tinha atirado á cara esta exclamação, e já o rabequista fazia gemer no violino uma toada melancholica. De repente encarou a formosa mulher e disse-lhe a sorrir:

—Ah! Que se por graça especial da divindade, eu fosse o possuidor de uma ave de tão brilhante plumagem...

Calou-se e por isso a burgravina lhe perguntou, com ar triumphante:

—Que faria?... Vamos! Explique-se!

—Abria de par em par todas as portas e dizia-lhe que voasse!

MAIS RAPIDO, SEMPRE MAIS RAPIDO FOI SENDO O ANDAMENTO DA MUSICA

—Que audacia!—disse a fidalga outra vez, e ficou tão sentida, que chegou ainda a soltar do peito um soluço.

—Vê?—perguntou o rabequista, dando ás suas palavras um acompanhamento de notas quasi imperceptiveis.—É apenas o ponto de vista do sr. burgrave que lhe pareceu menos cortez.

—Devia ter confiança em mim—acudiu ella, a meia voz.

—Quem sabe, minha senhora, se estão para succeder coisas extraordinarias?... Pode ser que ainda algum dia a avesinha deixe de suspirar pela liberdade, e só deseje o ninho...

Movia os dedos suavemente. O arco tinha a flexibilidade de uma vergontea muito verde, que cresce em plena primavera. Eram compassos do mais insinuante rythmo e alegria, tão doces e tão meigos como as notas com que a andorinha, debaixo do beiral, saúda a madrugada.

Presa da fascinação, Betty perguntou-lhe, sem quasi poder falar:

—Que vem a ser isso?

—Esta musica?... É para se cantar ao pé dos berços.

Novamente se calou. Tinha a physionomia transtornada, fixo e pensativo o olhar, que de ordinario não parava um momento. A encantadora Madame de Wellenshausen deixou pender a cabeça para o peito e as lagrimas deslisaram-lhe silenciosas e abundantes.

*

* *

Emquanto o musico ia obtendo este resultado em relação á dona do castello, Estevam Lee, atravessou a sala a passos vagarosos e dirigiu-se para o vulto gracil da rapariguita, que estava no vão da janella. Ia dizendo comsigo mesmo que o rabequista Hans possuia indubitavelmente qualquer mysterioso poder para sujeitar-lhe a vontade, como esse de que dispunha Mesmer, então muito celebrado.

Mal o sentiu para ali perto, Sidonia voltou-se de repelão e com os olhos a faiscarem. Disse-lhe o conde:

—Pois é realmente a pessoa com quem me encontrei n'aquella casa da floresta?

—Ah! Não vê bem ao longe, nem promptamente?... É talvez consequencia de ter vivido sempre nas cidades.

Sidonia foi descórando a pouco e pouco e tomando um aspecto rigido e cheio de altivez. O conde, ainda enlevado na descoberta, continuou:

— Já sei que me levou uma almofada, quando eu estava ferido...

—O mesmo faria a qualquer outra pessoa... até mesmo a um cão.

—E commoveu-se muito, por julgar que eu tinha morrido!—acrescentou o austriaco, espantado com o despreso que ella lhe mostrava.

—Ah! Se eu o conhecesse melhor!...

Tinha os olhos brilhantes e dura a expressão physionomica, ao mesmo tempo que franzia os labios com desprezo. Logo, porém, elle viu que, por baixo do vestido de cintura curta, lhe pulsava o coração como o de um passarinho que, louco de medo, se vê fechado na rêde do caçador. O peito arfando desordenadamente fazia dançar o laço de fita azul, que ornava a frente do corpete. Assaltou-o o desejo terno e cruel ao mesmo tempo, de sentir debaixo da mão aquelle coração palpitante. Deu uma curta risada, e perguntou, inclinando-se:

—Quer que lhe ensine a valsa? É facil. Deixe-me cingil-a com o braço e á musica fará o resto.

Sidonia recuou, lançando-lhe um olhar que parecia querer fulminal-o, e gritou-lhe:

—Não me toque!—Embora com o coração a palpitar-lhe na voz, mantinha alta a cabeça, como a corça da floresta. Proseguiu:—Aquelle minuete, tal qual Hans o tocou, é possivel que eu o dançasse. Mas não gosto do seu modo de dançar, sr. conde, e ainda menos das suas maneiras inglezas. Era muito melhor que cada um se deixasse ficar no seu paiz!

E emquanto elle permanecia no mesmo sitio, como se aquella mão de creança lhe tivesse dado uma punhalada, Sidonia atravessou a sala e parou por momentos ao pé da tia e do rabequista, que estavam sentados a par um do outro, em estranho silencio.

—Vou-me deitar—disse rapidamente, e retirou-se com a mesma sobranceria.

O musico, que já tinha parado de tocar, desatou a rir e perguntou:

—Então a menina Sidonia não o quiz para mestre de valsas, depois d'aquella brilhante prova?...

Madame baixou os olhos e de novo os fixou nas pontas dos pés, que mal surdiam da fimbria do vestido. Estava subjugada, quasi com medo.

O *Marquis de Grand Chemin* levantou-se com os seus ares majestosos e disse:

—Temos que desfazer a companhia, minha senhora. Tanto eu como este cavalheiro devemos estar a pé ao romper do dia. Permitta-nos, pois, que lhe offereçamos os protestos da nossa gratidão e que nos retiremos.

A burgravina estendeu-lhe a mão e elle tomou-lhe as pontas dos dedos e fez-lhe uma

profunda cortezia, que ella retribuiu. Para que fossem bem do minuete estes dois movimentos, só faltava a musica.

—Adeus, primo!—disse timidamente a castellã. E elle respondeu:—Adeus, prima.

Estavam muito direitos em frente um do outro, como duas creanças que fizeram travessura e foram apanhadas em flagrante. Tomara ella poder segredar a Estevam que não era um adeus o que lhe queria dizer!...

Mas o Hans não a perdia de vista um só momento.

PAROU EM FRENTE DE ESTEVAM

*

* *

Sem embargo de estar no alto de um monte, Estevam achou que este mundo é a coisa mais baixa que imaginars-e pode, quando se viu no seu pomposo quarto de cama, e, bocejando, principiou a desfazer as voltas que a gravata lhe dava em torno do pescoço. No quarto contiguo ficava o rabequista, mas tinha fechado por dentro a porta de communicação. Estava em maré de infelicidade o conde de Waldorf-Kilmansegg—elle proprio o reconheceu. De subito Hans abriu a porta e entrou. Vestia outra vez o fato miseravel e trazia na mão o rico trajo, que o companheiro lhe tinha emprestado e que elle foi arrumando, peça por peça, dentro da mala, pondo ao de cima as meias de seda roxa.

Deu depois algumas voltas pelo quarto, e afinal parou, de braços cruzados, em frente de Estevam, que baixou a cabeça e se fez muito córado.

— Sim, senhor! Collocou-me n'uma situação desgraçada! Pois eu merecia-lhe aquillo? Eu que tive a amabilidade de trazel-o aqui, para lhe fazer gosar uma delicada comedia de côrte... ao gosto de um seculo que não volta!... E o sr. conde, afinal de contas, converteu-a n'uma verdadeira farça da hora actual. Trouxe-o de uma estalagem para um castello, e o sr. conde, sem poder separar-se do seu Teniers, estragou o meu Wateau! Toquei-lhe um minuete, e o sr. conde só quiz dança que lhe permittisse agarrar bem o par, e ir com elle aos saltos!...

—Para que tocou aquella musica?—perguntou Estevam, desculpando-se á laia de pequeno de escola.—E foi ella que pediu uma valsa...

—*Mon Dieu!* Talvez os rapazes do meu tempo não fossem melhores que os de hoje, mas ao menos sabiamos fazer as coisas com distincção. Se colhiamos uma rosa, não era com a mão fechada, mas apenas com dois dedos. Dama com que dançassemos, não ia apertada em nossos braços, como se fosse uma vaqueira, e fineza que nos concedessem, sómente de joelhos a recebiamos! Que aroma pode expandir a flor, que sem dó machucámos? Ha tres coisas em que uma pessoa experiente da vida só deve tocar com dedos mais leves que

plumas: um gracejo subtil, a discrição feminina, e as illusões de um coração de vinte annos. Em todas tres o sr. conde poz mão brutal, durante o tempo que estivemos na sala. Ápage! Estragou a minha noite!

Causou tanta surpreza a Estevam o contraste que havia entre o fato humilde d'aquelle homem e a arrogante cultura das suas palavras, que nem pensou em irritar-se com a censura, e procurou apenas decifrar o curioso enigma. Porém Hans notou-lhe os olhares e os sorrisos e calou-se. Desde que se conheciam, era a primeira vez que parecia menos senhor de si. Por fim deu uma risada de bom humor e disse já com o semblante desannuviado:

—Foi um cego, fique-o sabendo, um perfeito cego! Pois não lhe merecia um olhar, ao menos, aquella creança de graça virginal? Quando, hoje á tarde, nos avistámos novamente, debaixo da sombra do Burgo, encaminhei-me para o conde com o coração a pular como uma gazella, e disse comsigo mesmo: «Bem sei o que procuras. Até que achaste o caminho da mocidade!» Fiquei certo de que o tinha traçado ... de accordo com o romance, que a fortuna lhe deparou no meio da floresta. Por fim reconheço que eram castellos no ar, construidos pela phantasia de um velho .. . para um rapaz, por quem tomei passageiro interesse, e para uma rapariguinha de quem sou verdadeiro amigo. Mas o conde nem sequer a reconheceu! ... Pois teve a cabeça no collo d'ella, quando estava ferido n'aquella noite! Sidonia julgava-o um paladino, todo galanteria, e agora ...

—É muito pouco delicada ...

—É encantadora, como a floresta ao raiar da manhã. Quando me approximo de Sidonia, é sempre de chapeu na mão. Se tivesse a sua mocidade, ajoelhava-lhe aos pés. As linhas d'aquella cabeça, a curva do seu pequenino regaço ... — Subitamente enrouqueceu, mas repetiu pouco depois:—O seu pequenino regaço ... E Estevam, sem saber porquê, teve uma impressão de tristeza tão pungitiva, que baixou os olhos e não mais se atreveu a encarar com o musico.

Ao cabo de uma pausa, disse-lhe Hans, com a voz já mudada:

—Venho acordal-o ao nascer do sol. Prometti aos pequenos tocar-lhes umas coisas antes de irem para a escola, e além d'isso quero deixal-o são e salvo lá em baixo, no sopé do monte, para então me separar do meu caro companheiro, a quem fiz subir tão alto ... Sabe Deus o que ainda lhe estará reservado!

*
* *

Levantou-se contra vontade Estevam Lee, depois de noite tão desagradavel, e sahiu de muito mau humor do castello, mais o rabequista e o burro, e com o estomago a chorar pelo almoço. O outro pouca attenção lhe dava, de absorvido que ia nas suas cogitações.

Quando atravessaram a ponte, uma carruagem surdiu do meio da nevoa e passou por elles com ruido de trovão, para ir trepar a ingreme encosta.

O musico disse com riso sarcastico:

—Lá vae o Barba-Azul do burgrave surprehender a apaixonada esposa. Chega mais cedo que eu imaginava. Fiz bem ou não fiz em apressar-lhe a *toilette*, meu caro? ... De contrario talvez o obrigassem a sahir ainda mais depressa e de modo mais desagradavel. Bem! Está acabado o episodio, e embora o seu procedimento me causasse profunda desillusão...

—Que lhe dirá ella, a respeito da nossa visita?—perguntou o conde.

O musico foi andando silencioso, e, alguns passsos mais adeante, respondeu:

—É assumpto para illimitada phantasia.

(Continúa.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO).

ALMADA

(Continuação)

UM AUTO DE GIL VICENTE — PROCESSO DE VASCO ABUL

Depois da epopêa a farça. A rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II, é uma das mais luminosas figuras da Historia de Portugal.

Bella e elegante na sua mocidade, segundo a pintam as chronicas, a sua estatura moral é de primeira grandeza, e a sua influencia decisiva na sociedade do seculo XVI.

Á sua iniciativa e intelligente impulso deve Portugal a instituição da Misericordia, a introducção da Imprensa, e, por assim dizer, o theatro nacional.

Foi ella quem, cooperando com D. Beatriz, sua mãe, appelidada a *Rainha Velha*, trouxe ás festas da côrte o poeta Gil Vicente, o iniciador do theatro portuguez.

Em 1502, uma quarta feira, 8 de junho, representou-se na camara da rainha D. Maria, que dois dias antes tivera um filho (que veio a ser D. João III), o monologo do *Vaqueiro*, que se póde considerar a primeira peça dramatica com fórma litteraria, representada entre nós.

Depois, vê-se pelas rubricas das obras do poeta, a grande influencia que na sua factura teve a rainha D. Leonor.

É perante ella que em 1504 é representado na egreja das Caldas o *Auto de S. Martinho*.

E' por seu mandado que em 1505 se representa nos Paços da Alcaçova em Lisboa, o *Auto dos Quatro Tempos*.

É em 1506 que em Abrantes, tendo nascido o infante D. Luiz, filho de El-rei D. Manuel, foi pelo mesmo Gil Vicente feito no serão do Paço um sermão á christianissima rainha D. Leonor. E em 1508, é representado nos Paços da Ribeira perante a mui devota rainha D. Leonor e a seu mandado o *auto da Alma*.

E ás representações que a ella directamente não eram dedicadas, ou por seu mandado feitas, assistiu muita vez como protectora que era do poeta, e como principal elemento da animação e brilho dos serões reaes, a cuja organisação já presidia em tempo de seu marido, nos Paços de Santarem, de Setubal, etc.

Nascimentos de principes, casamentos reaes, recepções e despedidas, eram quasi sempre acompanhadas com alguma representação do Gil, *que fazia os aytos a El-Rei*. E muitas vezes, sem motivo de festa, ou acontecimento publico, e unicamente por desfastio nas continuas mudanças da côrte, que fugia aos assaltos da peste, tão frequente n'essa epoca, Gil Vicente representava um Auto, ou uma farça que o seu genio animava com a graça viva das concepções, com o engenho dos argumentos, com a critica mordente dos costumes, com o desenho dos caracteres, com o bem achado das situações.

Foi durante um d'aquelles recrudescimentos de peste em Lisboa, que a rainha D. Leonor, em 1509, se retirou para Almada. E ali, fiel ás suas predilecções, chamou Gil Vicente para lhe representar um auto.

Accudiu elle prompto ao chamamento, e ali mesmo compoz a farça chamada o *Auto da India.*

Diz a rubrica assim: Á farça seguinte chamam Auto da India.

«Foi fundado sobre que hũa mulher, estando já embarcado para a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado, e que já não ia, e ella, de pezar, está chorando.

GIL VICENTE E A RAINHA D. LEONOR

Foi feita em Almada, representada á muito catholica rainha D. Leonor, era de 1519». Esta data está errada na edição de Hamburgo, pois que na edição de 1562 se lê: Era de MDIX. E assim deve ser. Em 1510 ainda a Rainha ali estava, quando foi do processo do Vasco Abul, como adeante veremos.

Accresce tambem que n'um dialogo d'esta farça a *Moça*, diz:

Tres annos ha
Que partiu Tristão da Cunha

Ora a partida da armada de Tristão da Cunha para a India, foi em abril de 1506, o que dá positivamente os tres annos em 1509.

Diz o sr. Theophilo Braga que o poeta dá a entender que esta farça era já conhecida do vulgo por que n'ella se diz: Á farça seguinte chamam *Auto da India.*

Salvo o devido respeito ao douto professor, parece-nos que aquelle dizer não indica senão que ao tempo que o poeta ajudado por sua filha Paula Vicenta, a *Tangedora,* coordenava as suas obras na quinta do Mosteiro, em Torres Vedras, a esta farça, que já era então muito conhecida, chamavam *Auto da India.* Como se sabe, n'esse periodo inicial do theatro raramente se repetia nas representações a mesma peça. E na rubrica d'esta claramente diz o poeta: Foi feita em Almada.

Gil Vicente, em muitos dos typos de seu theatro, é o precursor de Moliére. É facil o parallelo, já mais de uma vez apresentado, entre os dois genios. Apontam os mesmos ridiculos, como na farça dos Fisicos, em que o nosso poeta, com dois seculos de avanço, enche de epigrammas uma classe depois tão caricaturada pelo comediographo francez. Um e outro debicam no clero e na nobreza. E n'esta farça da India, as figuras da Ama e do Marido são perfeitamente de um Moliére do seculo XVI.

Como vimos na rubrica, a anecdota sobre que a farça assenta, tomada nos costumes portuguezes a que as partidas das armadas para a India tinham dado feições novas, põe em relevo um facto decerto frequente na classe baixa em que elle se passa; e confirmando o proverbio que diz: *les absents ont toujours tort,* aponta com graça e ironia a fragilidade e a perfidia do coração feminino.

Personagens são apenas cinco:

A Ama, que rejubila com a partida do marido para a India.

A Moça — creada acomodaticia, que lhe diz:

Dae-me alviçaras, Senhora,
Já lá vae de foz em fóra,
(Ama) — Dou-te uma touca de seda,
(Moça)—Ou quando elle vier
Dae-me do que vos trouxer.

Figuram mais dois galantes, um castelhano e outro portuguez, o Lemos, que, aproveitando a ausencia do marido e a leviandade da mulher, se introduzira na sua habitação, com seu assentimento, e finalmente o marido, que chega bem fóra de proposito e bem pouco desejado, mas ainda a tempo talvez de não ter ardido Troia, e de ouvir de sua mulher os hypocritas protestos de affeição.

N'um dialogo rapido, em versos cheios de

conceitos, e com a genuina graça portugueza, Gil Vicente define promptamente os caracteres dos cinco, e desenvolve a anecdota sem delongas que enfastiem.

A Ama diz á Moça, sua confidente:

Quem se vê moça e fermosa,
Esperar pola ira má,
Hi se vae elle a pescar
Meia legoa pelo mar,
Isto bem o sabes tu
Quanto mais a Calecut:
Quem ha tanto de esperar?
. . . .
Para qe he envelhecer,
Esperando pelo vento?
Quant'eu por mui necia sento,
A que o contrario fizer.
Partem em Maio d'aqui
Quando o sangue novo atiça...

E ella, moça e formosa, a quem o sangue novo atiça, sente com prazer que pela escada lhe sobe o castelhano, que emphaticamente se declara quando ella lhe pergunta:

(Ama) — Bem que vinda foi ora esta?
(Cast.)—Vengo aqui en busca mia,
Que me perdi en aquel dia
Que os vi hermosa y honesta.

Continua o castelhano a alardear o seu sentimento:

Supe que vueso marido
Era ido.
Al diablo que lo doy
El desestrado perdido.
Que mas India que vos,
Que mas piedras preciosas,
Que mas alindadas cosas
Que estardes juntos los dos?...

Ella defende-se com requintado *coquettismo* e acaba por lhe conceder uma entrevista ás nove da noite, dizendo-lhe que dê signal com uma pedrinha na janella.

Apenas elle sahe, entra o Lemos, que:

Andava aqui
Meu namorado perdido,
(Moça)—Quem? O rascão do sombreiro?
(Ama) — Mas antes era escudeiro.

E o Lemos, que se declara:

Vosso captivo, senhora,
(Ama) — Jesu! Tamanha mezura!
Sou a rainha, por ventura?
(Lem.)—Mas sois minha imperadora!

E assim piegas e alambicado, continua cortejando, quando se ouvem na janella as pedrinhas do castelhano. Querem metter o Lemos para a cozinha, o castelhano impacienta-se, e depois de peripecias varias, exclama a moça:

Quantas artes, quanta manha,
Que sabe fazer minha ama,
Um na rua outro na cama...
E logo partiu a armada
Domingo de madrugada,
Não póde muito tardar,
Nova se ha de tornar
Noss'amo pera a pousada.
Tres annos ha
Que partiu Tristão da Cunha

Volta d'ahi a pouco esbaforida e exclama:
(Moça) — Ai, senhora! Venho morta:
Noss'amo he hoje aqui.
(Ama) — Má nova venha por ti,
Perra excommungada torta.

E quando depois o marido entra, esperando encontrar n'ella *mulher de recado*, ella descreve-lhe o que soffreu com a ausencia:

Jesu! Eu fiquei finada,
Tres dias não comi nada,
A alma se me queria ir.

Juro-vos que de saudade
Tanto de pão não comia,
A triste de mi cada dia,
Doente era uma piedade.

Aonde não ha marido
Cuidae que tudo é tristura,
Não ha prazer nem folgura
Sabei que é viver perdido,
Alembrava-vos eu lá?
(Mar.) — E como?
(Ama)— Ágora, aramá
Lá ha indias mui fermosas;
Lá farieis vós das vossas
E a triste de mi cá,
Encerrada n'esta casa...

Com que conhecimento do coração humano não é lançada esta nota perfida destinada a socegar o confiado marido, e a lisongeirar-lhe a vaidade!

E com estas fallas lá o leva a ir juntamente com ella ver a náo que o trouxera, e assim, diz Gil Vicente, na rubrica, *fenece esta farça.*

Divertiu ella por certo, distrahiu, e alegrou o escolhido auditorio dos refugiados em Almada, por causa da peste que ardia defronte em Lisboa. Mas não deixa de ser curioso ver uma rainha, já a esse tempo tocando nos 52 annos, entregue habitualmente á vida severa a recatada do seu palacio de Enxobregas, e o escol da sociedade que a acompanhava comprazerem-se e folgarem com as aventuras algo libertinas da astuta e leviana mulher do embarcadiço, com a ingenua e cega confiança d'elle, e com os requebros amorosos dos dois rufiões, tudo expresso em linguagem crua e sem rebuços.

É que no seculo XVI havia menos convencionalismo. Diziam-se as coisas pelos seus nomes, sem escandalisar ouvir o que hoje se chamaria um *palavrão*. Os personagens de Gil Vicente fallam deante da côrte com a liberdade isempta de circumloquios com que hoje as regateiras e collarejas da praça da Figueira discutem entre si.

E não só a linguagem era rude, e as pragas, as chufas, as exclamações brutaes eram pronunciadas claramente, como a ideia do pudor era diversa da que hoje impera.

Gil Vicente entrava vestido de Vaqueiro, na camara em que dois dias antes a Rainha D. Maria tinha dado á luz um filho, e referia-se sem euphemismos ao facto physiologico que n'esse quarto se passára.

Os amores dos clerigos, as proezas dos frades rufiões, a interferencia das alcoviteiras, e os infortunios dos mal maridados, eram contados por claro, a Rei, Rainha, infantes e cortezãos.

Mas não era só Gil Vicente quem tomava estas liberdades nas suas peças.

Nos serões do Paço, onde se discutiam subtilezas d'amor, e se versejava sobre as intrigas da côrte, não só as palavras eram claras, e as expressões d'então parecem hoje indecorosas, mas os factos sobre que se faziam apodos e se rimavam coisas de folgar, eram, segundo o criterio d'agora, sujas ou escabrosas.

Quem quizer ler no cancioneiro de Rezende as trovas do Brazeiro, as trovas do conde de Vimioso ao Barão do Alvito, porque vindo com El-rei de Almeirim, se lhe destemperou o estomago, etc. terá uma ideia da pouca limpeza na linguagem corrente d'esse tempo. E quem ler as trovas de Fernam da Silveyra a D. Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, ou as de D. Joam de Meneses, e varios poetas a outra dama que beijava D. Guiomar de Castro, terá ideia das surprezas d'aquelle D. Rodrigo, e das proezas d'aquella dama de saphica memoria.

Mas o que hoje faria córar muitos que ouvissem taes desmandos n'uma sala, era admittido como fina essencia de espirito em toda aquella epocha, e n'esse serão do paço d'Almada, no anno de 1509.

Onde se aposentava a Rainha D. Leonor, n'essa villa? E onde era representada perante ella e a sua côrte a farça da India?

Palacio com grandeza e magnificencia não havia.

Durante toda a Edade Media a côrte deslocava-se muito frequentemente, e a não ser em Lisboa, Santarem, Cintra, Estremoz, Coimbra, Almeirim, Setubal e Evora, e ainda outras terras onde havia paços verdadeiramente reaes, de resto escolhia-se uma casa boa ou soffrivel para aposentação dos reis, e a comitiva accomodava-se pelas habitações dos principaes d'essa localidade.

Em Almada não havia paço, mas é de presumir que a Rainha D. Leonor teria ali, herdada de sua mãe a infanta D. Beatriz, alguma morada de casas pertencente ao almoxarifado.

E foi n'essas casas, de que hoje não ha vestigios, onde se refugiou da peste, onde hospedou Gil Vicente, e os comediantes, e onde reuniu a sua côrte, para ouvir e se deleitar com as graças da farça da India.

Foi ali tambem que no anno seguinte se deu o caso que na litteratura ficou com o nome de Processo de Vasco Abul.

*

* *

Nos serões do Paço era vulgar debaterem-se entre poetas, ou simples versejadores, algumas questões amorosas, anecdotas pessoaes, casos da côrte em fórma de pleito judicial, ou processo o que foi para assim dizer o rudimento de uma especie de arte dramatica.

No cancioneiro de Rezende encontram-se varios torneios metricos tratados por esta fórma como a questão do *Cuidar e Suspirar*, esta de Vasco Abul e outras mais.

Quer-se ir procurar a origem d'esta maneira de versejar na intenção que tiveram os juriconsultos da Italia (depois da passagem do papado para Avinhão) de tornarem conhecidas as fórmas do processo, compondo debates entre grandes personagens da antiguidade, que se atacavam e defendiam pelo ministerio dos procuradores e advogados, usando dos recursos das discussões judiciarias.

O processo de Vasco Abul, que se debateu nos serões da Rainha D. Leonor, estando ella ainda em Almada, em 1510, tem esta fórma usada nas discussões dos tribunaes, e n'ella entram varios poetas, como vamos ver.

O que deu origem a este caso diz-nos uma rubrica do cancioneiro geral que reza assim:

«Anrique da Mota a Vasco Abul, porque an-
«dando uma moça baylando em Alemquer,
«deu-lhe, zombando, uma cadeia d'ouro, e de-
«pois a moça não lh'a quiz tornar, e andaram
«sobre isso em demanda, e veo Vasco Abul fa-
«lar sobre isso ha raynha, estando em Almada
«e haly lhe fez estas trovas.»

Vasco Abul era um cavalleiro que vinha de nobre gente, e parece certo ser aquelle mesmo Abul que annos antes, em 1488, fôra como capitão d'uma caravella na armada da «ida e passagem de D. João de Bemoim» o principe Jalofo, que visitara D. João II. A essa opinião se inclina o erudito escriptor o sr. Anselmo Braamcamp Freire. E a nós parece-nos essa opinião confirmada nos versos:

Andais ledo em grão guisa
Como quem veio da Myna».

Não era portanto d'uma grande mocidade o Vasco Abul posto que fosse *bem disposto*, isto é, bem parecido ainda, quando, segundo dizem as trovas:

Uma gentil bailadeira
De Alemquer
fermosa, gentil mulher,
me chofrou d'esta maneira:
Por me não parecer feia,
vendo-a bailar um dia,
lhe mandei por boa estreia
uma cadeia
que eu no pescoço trazia.

Depois, quando a quizera
recolher,
quizeram-me fazer crer
que eu por sua lh'a dera.

O folião do velhote, vendo a mocetona dançar, e sentindo ferver-lhe o sangue, com amor, galanteria ou concupiscencia, tira do pescoço uma cadeia d'ouro que valia «cincoenta bons cruzados», cerca de cento e trinta mil réis, e enfia-a no pescoço da rapariga, que das trovas se parece deduzir ser senhora e orfã, e que decerto tomaria o offerecimento como declaração de namorado. Ella, segundo a allegação que elle depois offerece:

Bailava bailo vilão
ou mourisca
mas chamo-lh'eu carraquisca,
Mais viva que tardião.

O caso é que elle, acabada a dança, quiz recuperar a sua cadeia, mas a bailadeira recusou-se a dar-lh'a, e começando assim a demanda, o velhote veiu queixar-se á Rainha D. Leonor, a Almada, onde Henrique da Motta, poeta satyrico, e mais outros ajudadores, lhe dirigem trovas n'uma chacota que o deixou mal ferido:

«Que buscaes cá n'esta terra
Com tal sul
Meu senhor Vasco Abul?

E o poeta das trovas figura um dialogo em que o Abul responde defendendo-se que parece terem-lhe declarado guerra, mas que tudo são mexericos ou intrigas que lhe levantaram.

Replica Anrique da Motta:

Vós andais esmorecido,
Eu não sei que vós haveis,

Responde o Abul:

E' um caso tão subido
Que duvido
Se vós o entendereis.

Motta:

Não cureis de duvidar
E dizei-m'o,

Abul:

Não no digo porque temo
Que hão de mim de zombar.

E tinha razão de temer que zombassem d'elle, porque este dialogo todo, composição do Motta, revela notavel graça pela facilidade em improvisar. É uma troça pegada ao cavalleiro e capitão da caravella que depois de, em um impeto de enthusiasmo, ter sido generoso com a ladina bailadeira, se arrepende, e quer voltar atraz, tirando-lhe a cadeia.

Depois, quando quizera
recolher,
Quizeram-me fazer crer
Que eu por sua lh'a dera.

Responde-lhe o Motta:

E vós ficais d'hi honrado,
Não deveis dizer hi al,
Que o homem bemcriado
Namorado
O bom é ser liberal.

Mas de liberal e generoso é que Abul não tinha fama, pois no seguimento do processo é sempre apodado pela sua avareza. Dizem-lhe que não crie fama de *escasso* e mais:

Usai liberdade
e quiçá, se vos não ama
Essa dama
amarvos-ha de verdade.

E hi levar boa vida
A vossa casa,
qu'isto é vergonha rasa
Avareza conhecida.

Aperta-o o Motta por tal fórma, que figura elle declarar:

Ataes-me por tal maneira
que me pesa,
e não posso achar defesa
que preste, posto que queira
a verdade não me vale,
Por escasso me apregôo.

E acabando em *vilancete,* exclama Anrique da Motta:

Todos vós, outros, senhores,
Que sabeis aqueste feito,
Sede meus ajudadores.

Estes ajudadores são varios. Uns, poetas da côrte. Outros poetas de profissão, como Gil Vicente, que tambem entra n'este processo. Outros são empregados na casa da Rainha D. Leonor, como João Alvares, o secretario, Sebastião da Costa, o cantor, Branca Alvares, crystaleira, e até o *mestre Gil,* que parece ao sr. Theophilo Braga ser o celebre ourives, auctor da custodia dos Jeronymos, que por muitas vezes tem passado por ser o proprio Gil Vicente do theatro. O sr. Theophilo Braga nos seus recentes estudos affirma ser um primo do poeta que foi *ourives* tambem da rainha D. Leonor, que tinha o mesmo nome e que tambem metrificava, como tambem ao poeta não eram estranhas as regras da arte da ourivesaria. E d'aqui nasceu facilmente a confusão. E um dos argumentos do sr. Theophilo Braga para a existencia da dualidade do ourives e do poeta é, n'este proceso deVasco Abul, apparecer uma copla de *Mestre Gil,* ao passo que adeante se lê no cancioneiro e n'este mesmo processo o *parecer de Gil Vicente,* sem lhe chamar Mestre. Ao sr. Anselmo Braamcamp parece que este Mestre Gil será o cirurgião-mór a que os documentos sempre dão esta designação e que morreu em 1511.

Fechado aqui este parenthesis, que tem o seu interesse, e acceitando que o *ourives da Rainha* ou o cirurgião-mór tambem fosse trovador com o nome de mestre Gil, vejamos quem são mais os ajudadores. É Agostinho Gyram, é Affonso Fernandes Montarroio, é Diogo de Lemos, é Diogo Gonçalves, é Fernão Dias, é finalmente o proprio Gil Vicente, que dá o seu parecer com uma arte e uma firmeza que demonstra a sua superioridade sobre os precedentes, a maior parte dos quaes são versejadores de occasião n'este divertimento palaciano, e que não mais figuram entre os poetas do tempo.

Todos estes entram no processo, por assim dizer, como testemunhas de accusação, e os seus depoimentos teem mais ou menos interesse. Um, porém, o do cantor Sebastião da Costa, é digno de reparo, pois que diz:

Andais ledo, em grão guisa
Como quem veiu da Myna,
Galante, cheio de frisa,
Com vossa gentil devisa
De cruz vermelha mui fina.
E pois já se determina
Que percais este colar
Não vos deve de lembrar.

O facto de dizer: como quem veiu da Myna, isto é de S. Jorge da Myna que fica ao sul do paiz dos Jalofos, para onde partira em 1488 a caravella commandada por um Abul, confirma, emquanto a nós, a supposição do sr. Anselmo Braamcamp, de que este Abul do processo é o mesmo da viagem, o que faz com que elle em 1510 fosse já proximo dos sessenta, concordando isso com o verso que Anrique da Motta lhe põe na bocca:

pois que sei e vós sabeis
que sei mais por ser mais velho.

É impossivel trasladar aqui todo o processo embora curioso. E dos *embargos de Anrique da Motta pera se non entregar o colar a Vasco Abul, ffeito a rraynha dona Lyanor,* apenas transcrevemos o começo que diz:

Senhora,
Bem posso eu com razão
por ser dos orfãos juiz
acceitar a tal acção;
o direito assim o diz
nas Sergas d'Espradiam.

Estes ultimos dois versos são notaveis, porque determinam por assim dizer a data do processo, conforme nota o sr. Theophilo Braga, que primeiro o julgou passado em 1493, e que depois se convenceu de que o foi em 1510, pois é d'esse anno a primeira edição das conhecidas — Sergas d'Esplandiam. Segue-se o parecer de Gil Vicente, onde facilmente se reconhece *la griffe du lïon.*

Começa elle:

Senhora,

Vossa Alteza me perdoe
eu acho muito danado
este feito processado,
em que manda que razoe,
vae a cura tão errada,
vae o feito tão perdido,
vae tão fora da estrada,
que a moça condenada
Vasc'Abul fica vencido.

Como quem diz que se a sentença obrigasse a moça bailadeira a restituir o colar, quem moralmente ficava vencido e condemnado era Vasco Abul.

E de facto, na replica que depois do parecer de Gil Vicente apresenta Anrique da Motta acaba por dizer-se:

E tanto que lhe foi dado
não seja aqui mais ouvido,
seja d'aqui degradado
não se chame namorado,
pois d'amor não foi vencido.
Mas eu certo não duvido
por isto que se cá fez,
qu'elle não seja atrevido
em praça nem escondido
a emprestal-o outra vez.

Assim, esse Vasco Abul, nobre e cavalleiro, que commandara uma caravella, e que navegara pelos mares d'Africa até á costa da Mina, é crivado de chufas e de motejos, troçado, alvo da chacota dos poetas, dos cantores, e das crystalleiras, e finalmente escorraçado d'Almada, só porque faltara ás leis da galanteria, tão presadas n'esses seculos de cavallaria, em que o culto da mulher era a lei suprema.

E o pobre Vasco Abul, que merecia talvez pelos seus feitos ter o nome registado entre os dos nossos navegadores, fica apenas conhecido com o processo de Almada, por ter negado um colar de cincoenta cruzados a uma bailadeira d'Alemquer!

O FREI LUIZ DE SOUSA

Agora um drama verdadeiro.

Nos fins do seculo XVI e principio do XVII, passa-se em Almada o mysterioso e pungente episodio sobre o qual Garrett architectou o mais bello poema em prosa da nossa litteratura, a mais poetica definição da alma portugueza, ao mesmo tempo apaixonada e cavalheirosa, repassada de mysticismo e vibrante de amor, accessivel a todas as ideias generosas, namorada e supersticiosa, dilacerada pela fatalidade do destino, energica na resolução do supremo sacrificio.

E porque os personagens existiram, e porque viveram, e se amaram, e os dois principaes se separaram ao cabo de uma união feliz, para irem acabar a existencia, distanciados nas cellas dos seus conventos, o «Frei Luiz de Sousa» tem além do prestigio de symbolisar o genio d'uma nação, o interesse que despertam as scenas vivídas.

Quem não conhece o drama de Garrett não é portuguez.

Inutil portanto recordal-o.

Que ha de realidade n'essa obra?

O episodio fundamental é verdadeiro. Verdadeiros os principaes personagens. Exacto o desenlace. É de Garrett a escolha da mais artistica e delicada das versões sobre os motivos de separação, a psychologia das figuras, e o sopro de genio que anima o drama.

Pelos annos de 1575 residia em Almada e tinha ali propriedades D. Maria da Silva, mãe de D. Magdalena de Vilhena.

Esta casou com D. João de Portugal, da casa dos condes de Vimioso, por volta de 1568, vivendo com elle dez annos até á partida para Alcacer Kibir.

Ficaram tres filhos, D. Luiz, que veiu a morrer em Tanger, n'uma escaramuça depois de 1592. Duas meninas, D. Maria de Vilhena e D. Joanna de Portugal, que vieram mais tarde a casar, esta ultima com D. Lopo de Almeida, dos quaes nasceu uma filha que acompanhou sua avó para o convento quando a elle se recolheu. D. João de Portugal desappareceu na batalha. Os documentos officiaes deram-n'o como morto.

D. Magdalena, conta-se, espaçara por alguns annos o segundo casamento com Manuel de Sousa Coutinho, com receio de não ser na realidade viuva. Afinal as razões que lhe deram os proprios parentes do primeiro marido convenceram o seu coração, já de ha muito dominado pelo encanto do brilhante cavalleiro Manuel de Sousa. Casaram entre 1584 e 1586. Elle tinha todas as qualidades que seduzem as mulheres. Era bravo e destemido, tentava-o a aventura longiqua. As coisas banaes passadas pela sua palavra adquiriam a harmonia que nos embala quando lêmos periodos da Historia de S. Domingos e da Vida do Arcebispo. Usava no airoso chapéu de aba larga a pluma branca a la moda, e na imaginação tremulava-lhe a pluma ligeira d'uma phantasia romanesca.

Generoso, valente e poeta, captivou a linda e opulenta viuva.

Alguns auctores teem avançado que essa riqueza tinha em grande parte resolvido o cavalleiro de 30 annos a desposar uma viuva bem mais velha do que elle. Entretanto essa hypothese é destituida de fundamento pela razão de que uma grande parte da fortuna e toda a que vinha do primeiro marido, pertencia aos filhos que d'elle tinham ficado. E Manuel era rico, e cavalleiro, e namorado!... Em que repugna que elle se deixasse apaixonar pela bella e seductora viuva, que além de tudo não era talvez tanto mais velha do que elle?

Tiveram uma filha — a Maria do drama de Garrett, a que alguns escriptores chamam D. Anna de Noronha.

Em Lisboa viviam os conjuges a S. Roque, na freguezia do Loreto. Mas a sua residencia predilecta era Almada, onde, segundo affirma Barbosa Machado, Manuel commandava um corpo de setecentos infantes e cem cavallos.

A casa que habitavam n'esta villa era na rua Direita, como se vê d'uma escriptura publicada pelo erudito escriptor sr. Sousa Viterbo, na sua memoria apresentada á Academia Real das Sciencias.

Qual ella fosse torna-se difficil averiguar. Não só porque o incendio, cavalheirosamente ateiado pelo proprio Manuel, a teria destruido, e as confrontações indicadas na escriptura nada elucidam, como por não haver indicio na rua Direita de reedificação nenhuma que indique ter havido ali habitação nobre.

Percorrida essa rua, apenas uma morada de casas mais importante onde se veem uns bellos azulejos, permitte á imaginação conjecturar ter sido ali a pousada dos dois protogonistas do drama.

É certo que elles habitavam n'aquella rua e que já então Manuel de Sousa Coutinho cultivava as lettras em prosa e em verso, quando no anno de 1599 a peste grassava em Lisboa.

Resolveram os governadores do Reino, em nome de D. Filippe, virem estabelecer-se em Almada, e para palacio do governo escolheram a casa em que D. Magdalena e Manuel residiam.

Foi então que o fogoso cavalleiro e ardente patriota respondeu á importuna intimação, incendiando a sua casa, episodio com que Garrett fecha tão brilhantemente o acto do seu drama «Illumino a minha casa», diz Manuel de Sousa «para receber os muito poderosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos.»

O facto é verdadeiro. Elle proprio o narra no prologo que em latim escreveu ás obras de Jayme Falcão: «*In fumum et cineres abïere*».

E é mesmo de crer que esse atrevido repto atirado aos governadores do Reino, influisse para a sua resolução em se expatriar.

Retirou para Madrid, onde encontrou o acolhimento protector de D. Pedro e D. João de Borja, e d'ahi seguiu para a America.

Moraes

ACCRESCENTOU QUE FORA ELLE QUEM ALLI O MANDÁRA

N'este ponto se affastou da realidade Garrett, no seu drama, que faz succeder immediatamente ao incendio de Almada a catastrophe que decidiu os dois esposos a tomarem o habito.

Entre um e outro facto mediaram perto de 13 annos.

Foi em 1600 que elle partiu para a America, em 1604 que d'ali regressou, e em 1613 que se realisou o divorcio.

O que motivou a sua volta a Portugal? Qual foi a causa da separação?

Diz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, e confirma-o Barbosa Machado, que o trouxera arrebatadamente á patria a noticia da morte de sua filha.

Outros affirmam que viria por saber que os governadores que ultrajara já tinham sido substituidos, e que saudades da familia e da sua Almada, que tanto estremecia, o tinham repatriado. N'esta hypothese, sua filha ainda viveria, e a sua morte, mais tarde, teria grande influencia na resolução de os paes se recolherem ao convento.

A mysteriosa causa do divorcio, interessante problema de psychologia, que tanto preoccupa os escriptores que d'elle teem tratado, está ainda hoje para resolver.

Seria a morte da filha unica?

Não ha uma data que nos possa guiar. Não ha uma citação que nos elucide.

Seria, como se inclina a crer o sr. Sousa Viterbo, um phenomeno de suggestão, que teria actuado no espirito dos dois, levando-os a esta especie de duplo suicidio?

É facto que, pouco tempo antes, o conde e a condessa de Vimioso se tinham separado, para professarem, ella no convento do Sacramento, em Alcantara, que instituira, e elle no convento de S. Paulo, em Almada.

A coincidencia de serem os mesmos conventos em que Manuel de Sousa e D. Magdalena de Vilhena vieram a professar, a amizade e parentesco que existia entre o Vimioso e Manuel de Sousa Coutinho, a inclinação ao mysticismo da alma de D. Magdalena de Vilhena, que foi creada e educada por uma mãe excessivamente devota, n'uma epocha de profundas crenças religiosas, e supersticiosos terrores, que facilmente levariam o seu animo a procurar abrigo contra as tempestades da vida no convento que a condessa de Vimioso instituira e onde se escolhera, tudo teria influido no espirito dos dois esposos, já ambos no começo do inverno da vida, a procurarem no claustro paz e tranquillidade.

A apparição do peregrino, facto que aos eruditos repugna e aos poetas seduz, foi o motivo escolhido por Garrett para explicar a subita resolução do divorcio. Tirou-o Garrett da narrativa de Frei Antonio da Encarnação, que, por ser contemporaneo dos acontecimentos, tem em favor da sua versão um grande saldo de probabilidades.

Conta elle que em 1613, estando D. Magdalena de Vilhena em Almada, lhe apparecera um peregrino que vinha da Terra Santa, trazendo novas de um portuguez que ha muitos annos vivia em Jerusalem, e que escapara aos desastres de Alcacer Kibir.

E dando os signaes certos de D. João de Portugal, o primeiro marido, accrescentou que fôra elle quem ali o mandára.

Aterrada com tão fulminante acontecimento, contou a seu segundo marido o que se passára, e o que Frei Jorge seu irmão presenceára.

Elle então dizem que respondera: «Até agora, senhora, vivi em boa fé convosco; e creio de vós que na mesma boa fé viveste comigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez se não tivesseis por certa a morte do vosso primeiro marido. O que convém mais é fugir para o sagrado da religião.»

A este episodio, narrado por Fr. Antonio da Encarnação, põe muitas reservas o Bispo de Vizeu, o sr. Sousa Viterbo e outros, que se teem occupado do caso, e attribuem a invenção ao espirito de messianismo sebastico que inflammava as imaginações n'essa epocha.

E a phantasia popular, que esperava ver apparecer o «Desejado» e cria que elle não perecera, facilmente daria como explicação á repentina deliberação dos dois conjuges, a chegada d'um mensageiro que trazia novas do cavalleiro de Alcacer Kibir.

Não havendo provas que invalidem esta versão, e havendo em seu favor o testemunho de um contemporaneo, porque regeital-o?

E porque não fundiremos na alma dos dois heroes d'essa historia os tres motivos de anniquillamento moral?

A morte d'uma filha, é a maior dôr humana. E essa dôr ter-lhes-hia quebrado as energias vitaes.

A apparição do peregrino mensageiro do D. João de Portugal, ou elle proprio, como alvitra Garrett, seria para as suas almas a ca-

tastrophe determinante do refugio na casa de Deus.

E o exemplo dos condes de Vimioso, tão seus intimos, ter-lhes-hia indicado o caminho

Por isso n'esse mesmo anno de 1613, deixando Almada, entraram, ella no convento de Alcantara, levando comsigo uma netasinha de sete annos, que a seguiu na clausura, elle no convento dos dominicanos de Bemfica, onde veiu a escrever as mais harmoniosas paginas da harmoniosa lingua portugueza.

*
* *

Quando depois de dominicano, Frei Luiz de Sousa escreve a sua Historia de S. Domingos, ao contar a fundação do convento de S. Paulo em Almada, por Frei Francisco Foreiro, no anno de 1569, e dando d'ella algumas noticias, deixa ainda transparecer n'essas paginas o encanto pela terra que tanto amára, e onde tanto amára. «Sitio, diz elle do local do convento, que como é no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa, sujeito a todos os ventos. Porém, paga-se este damno com ser senhor de um tão fermoso e tão bem assombrado horisonte, que confiadamente e sem parecer encarecimento, podemos affirmar que não ha outro tal em toda a redondeza da terra». Conta elle depois que por ser de tal modo formoso o panorama de Lisboa que da villa de Almada se disfructa escolheu D. Filippe II esta villa para gozar da vista da cidade, antes de n'ella entrar.

Em uma noite mandou que lhe crivassem a cidade de Lisboa de luminarias, e tão deslumbrante era o espectaculo, que Frei Luiz de Sousa accrescenta que: «estando assim ardendo sem damno, toda, ficou devendo mais ás sombras nocturnas que ao resplendor do sol».

Annos depois, diz-se, esteve ali tambem o Duque de Bragança, mas com o intuito de ás occultas vir entender-se com os conjurados que em 1640 o acclamaram rei com o nome de D. João IV.

Dorme desde então Almada, perto de dois seculos, na Historia de Portugal, até que accorda em 1833, com a entrada de Telles Jordão, que o Duque de Cadaval, governador de Lisboa, para ali manda com tres mil homens, defender esse posto avançado, e fazer face ao Duque da Terceira, que vinha com 1500 homens sobre Lisboa.

A 22 de Julho a columna liberal entrára em Setubal, saltava por Azeitão, descia ao valle de Coina, e marchava pelo Seixal e pelo Alfeite, até á Piedade. Ahi, ao entardecer do dia 23, encontraram as avançadas do Telles Jordão. A guarnição miguelista de Almada, vindo ao seu encontro a Cacilhas, e julgando o inimigo muito superior em numero, aterrorisou-se. O combate, já de noite, foi uma derrota rapida para os miguelistas, que vinham apavorados, atropellar-se no Caes de Cacilhas. No escuro d'essa noite houve forte carnificina. Telles Jordão, a cavallo, combatendo, forcejava entrar n'uma falua. Abriram-lhe o craneo com uma cutilada, e arrastaram-n,o, quasi morto, emquanto uma grande parte dos seus fugia pelas trevas da noite, em catraios, faluas e barcos cacilheiros.

Pela madrugada do dia 24 o Duque de Cadaval mandou evacuar Lisboa. Foram avisar d'isto o Duque da Terceira, á Outra Banda. O castello d'Almada entregou-se-lhe, e a sua columna atravessou o rio, entrando triumphante na capital.

Hoje a figura em bronze do brilhante conde de Villa Flôr Duque da Terceira, ali no caes do Sodré, sobre o pedestal de pedra, com a cabeça levemente inclinada e pensativa, olha com a insistencia immovel das estatuas, para a frente, lá ao longe, a villa de Almada, que se lhe rendeu n'essa linda manhã de Julho.

E se porventura no craneo de metal ainda palpitasse um cerebro, o seu pensamento, correndo ao arripio pelo tempo que já passou, iria recordando, n'uma evocação, as scenas tragicas ou festivas, sentimentaes ou guerreiras, de que foi theatro essa Almada de Frei Luiz de Sousa, dos autos de Gil Vicente, do cerco do seculo XIV, das façanhas dos cruzados inglezes, e das origens da sua fundação arabe.

CONDE DE SABUGOSA.

A perfuração do Simplon

O tunnel mais extenso do mundo

Concluiu-se ha pouco uma das obras mais gigantescas de engenharia que se teem emprehendido: a perfuração de uma das mais altas montanhas dos Alpes, o monte Simplon, para unir mais rapidamente pela linha ferrea os dois paizes fronteiriços, a Italia e a Suissa. No seguinte artigo, historía-se minuciosamente a prodigiosa empreza, e descrevem-se, com o auxilio de primorosas photographias, todos os trabalhos do enorme tunnel. Na singeleza da verdade, esta narrativa representa o mais bello dos hymnos, entoado á gloria do trabalho e da sciencia humana.

I

Quando se completar a linha ferrea atravez do maravilhoso tunnel do Simplon, a diligencia amarella do governo suisso abandonará uma das mais pittorescas passagens alpestres do mundo inteiro. Essa grande façanha de engenharia será o meio de estabelecer atravez dos Alpes o rapido transito que Napoleão tentou ha um seculo. O carthaginez Hannibal fez essa passagem com um exercito e todo o respectivo material, mas não deixou noticia de como essa notavel expedição foi levada a cabo. Já de ha muito que o problema havia preoccupado os conquistadores romanos, mas foi Napoleão que deu os primeiros passos para um caminho methodicamente traçado, encarregando em 1800 Mr. Céard da construcção da estrada do Simplon.

Empreza foi esta erriçada de difficuldades tremendas, mas o dinheiro, e o homem que a dirigia, conseguiram realisal-a sem interrupção. N'um praso de cinco annos completára-se a estrada Alpina da Italia, com o comprimento de quarenta milhas, cerca de nove metros de largo, com 613 pontes e 8 tunneis, custando dezoito milhões de francos.

Napoleão declarou que a estrada poderia ser utilisada por mais de dezeseis milhões de individuos, mas tornava-se inutil se acaso o commercio não se podesse fazer por ella com toda a segurança.

No intuito de pôr cobro á condição anarchica d'aquella região e dar um golpe nas pretensões de uma parte da população á soberania sobre a outra, elle decretou peremptoriamente que essa região ficasse unida ao Imperio.

Cincoenta annos depois houve uma proposta para perfurar o Simplon. Era uma questão momentosa para a politica e para as relações commerciaes das duas principaes nações latinas, a Italia e a França.

Por essa epoca já se encetara o tunnel do Monte Cenis, embora só vinte e quatro annos mais tarde ficasse prompto para o trafico.

A Allemanha pretendeu então a sua via de communicação. Sob os auspicios de Bismarck. abriu-se o tunnel do Saint Gothard nove annos depois do seu começo em 1872. Rapidamente se demonstrou o grande alcance d'esta linha. A questão do caminho subterraneo atravez do Simplon começou então a preoccupar seriamente a França. Em 1893 principiaram as combinações para esse effeito entre a Italia e a Suissa, e as obras do tunnel encetaram-se a 13 de novembro de 1898. Fez-se um contracto, dispondo que o tunnel ficaria prompto para o serviço em 1904, mas este periodo foi afinal prolongado até 30 de

PANORAMA DO MONTE LEONE MOSTRANDO A ESTRADA SOBRE O SIMPLON

abril de 1905, com uma multa de 5000 francos por cada dia que excedesse este prazo, a não ser em casos de força maior de que se especialisaram dois no contracto, a saber, um terremoto ou uma guerra entre a Italia e a Suissa.

Ora, por occasião da abertura do tunnel do Simplon, foi quando a França abriu os olhos para a posição equivoca em que ficava collocada. Não lhe aproveitara a lição do Saint Gothard. O Simplon aproxima Paris umas sessenta e cinco milhas de Milão, e tornar-se-ha o caminho natural para a Italia; mas, em frente de tudo isto, a França ainda não se preparou para essa enorme mudança physica que deve affectar os seus interesses internos.

II

O Simplon é o tunnel mais extenso do mundo. Concluiu-se á custa de tremendas difficuldades, a maior parte das quaes eram inteiramente inesperadas, e muitas que apresentavam problemas novos de engenharia. Prolonga-se desde Brieg na Suissa até Iselle na Italia, sendo o comprimento total de doze milhas e um quarto—em numeros precisos, 21,576 jardas ou 20,713 metros. Para o con-

DO LADO DA SUISSA—PROXIMIDADES DO TUNNEL EM BRIEG

fronto com outros grandes tunneis, é decerto interessante o mappa seguinte:

Tunnel do Simplon........	22 1/2	Kilometros
» de Saint Gothard ..	16 1/2	»
» do Monte Cenis....	14	»
» do Arlberg........	12 1/2	»
» de Hoosac (Estados-Unidos)	8 1/2	»
Tunnel de Severn.........	8	»

O Simplon fica um pouco a oeste da estrada Napoleonica. O preço do contracto foi de 15.700 contos de réis, e a obra foi emprehendida pela firma de Brandt, Brandau & C.a, formada em Winterhur. Eram socios d'esta importante organisação os senhores Alfred Brandt, de Hamburgo; Charles Brandau, de Cassel; o coronel Locher, de Zurich, pertencente á firma de Sulzer, machinistas em Winterhur; e o banco de Winterhur. O corpo de engenheiros era composto de Alphonse Zollinger, como chefe dos Caminhos de Ferro Federaes; do barão Hugo von Kager, como engenheiro pelo lado suisso; e de Konrad Pressel, engenheiro pelo lado italiano. Desgraçadamente, o senhor Brandt perdeu a vida n'esta grande obra, succumbindo em 1899 a uma inflammação pulmonar, causada pelo ar sobre-aquecido dentro do tunnel.

ENTRADA DO TUNNEL EM BRIEG

A empreza, organizada de uma forma esplendida, excitou a admiração do mundo scientifico—em primeiro logar, pelos cuidados philanthropicos dados ao bem estar dos operarios; e depois, pelos extraordinarios resultados obtidos pelas condições scientificas de

PARAGEM NA ALDEIA DE SIMPLON, NA JORNADA PELA GRANDE ESTRADA NAPOLEONICA

cada exame e de cada pollegada de avanço, e na rapidez da brocagem, que foi de incalculavel valor para determinar as condições thermaes abaixo da crosta terrestre; visto que, embora o Simplon seja uma excrescencia anormal, a penetração no seu centro desenvolve os mesmos caracteres obtidos abaixo do nivel do mar. A maxima profundidade do tunnel abaixo da cumiada dos Alpes é de 7005 pés (mais de 2100 metros), muito maior do que a attingida anteriormente.

Uma das primeiras surprezas produzidas pela rotação da broca hydraulica consistiu na differença entre as phases experimentaes e effectivas do avanço quotidiano. Ao formular-se o contracto, foi levado para Winterhur um grande pedaço de rocha, que se mostrou poder ser furado pela acção da broca á razão de uma jarda (0,m96) por cada doze a quinze minutos; mas descobriu-se mais tarde que esta proporção era diminuida pelo menos vinte por cento no trabalho effectivo realisado sobre a pedra no interior do tunnel, demonstrando-se que a enorme pressão produzia um effeito que não se previra e em que até então mal se poderia acreditar. Todavia, mesmo assim, o avanço diario da broca foi durante mezes de dezoito pés, e esta proporção cessou apenas por um motivo absolutamente imprevisto, de que a seu tempo trataremos.

Observaram-se curiosos phenomenos na distribuição da temperatura dentro do tunnel. Quando se assentava n'alguma lei definida, appareciam sempre muitos factores que a perturbavam.

Dependia-se muito da inclinação da rocha, conforme fosse horizontal, declivada ou vertical, synclinal ou anticlinal. O tunnel consiste em duas galerias paralellas, e, á proporção que ellas se adeantavam, a temperatura da rocha verificava-se por meio de uma serie de orificios abertos aos lados, aos quaes se adaptavam thermometros permanentes. Á medida que se attingiam maiores profundidades, elevava-se a temperatura até se chegar ao grande jorro de agua, sob o qual, a 7005 pés abaixo da superficie, a thermometro marcou o maximo de 130° Fahrenheit (cerca de 54° centigrados). Depois d'isso, a temperatura foi baixando gradualmente á proporção que os trabalhos proseguiam na direcção do sul. A umas quatro milhas da estrada de Iselle, descahiu até 55° Fahrenheit (12° a 13° centigrados), sob uma depressão de 2500 pés.

DO LADO DA ITALIA—PROXIMIDADES DO TUNNEL EM ISELLE

Muito d'esta rapida mudança foi devido a um grande manancial de agua fria, attingindo o jorro de agua em duas cascatas 10.564 galões (cerca de 48.000 litros) por minuto, á pressão de quasi 300 kilos por pollegada quadrada.

Estes mananciaes e o jorro de agua, quente (40° centigrados), mesmo ao sul do lençol de agua, foram dois incidentes seriissimos na construcção do tunnel; e tão prodigiosos foram os embaraços, tão renhida se tornou a lucta, que a obra quasi esteve a pique de ser de todo em todo abandonada.

Mas a vontade indomita, a pericia e a deducção scientifica dos engenheiros levaram finalmente de vencida os obstaculos que se lhes defrontavam. N'estas occasiões fizeram-se algumas observações interessantissimas para o calculo da temperatura da terra. Verificou-se em geral que o acrescimo de calor importava n'um grau Fahrenheit por 67 e meio pés, um pouco mais lento do que os calculos anteriores de um grau por 64 pés, comquanto em concordancia com observações feitas tanto no tunnel do Monte Cenis como no do Saint Gothard (1).

Foi em maio de 1904 que fontes quentes de enorme poder pozeram em risco a continuação dos trabalhos. Descobriu-se então que uma zona extensissima da montanha era quasi uma massa liquida, uma especie de greda malleavel, necessitando tremendos contrafortes de ferro e carvalho, e uma estructura interior especial para permittir o trabalho dos operarios, cuja lucta persistente e heroica excitou a admiração dos patrões. N'este periodo havia mais jorros de agua, alguns rebentando

ENTRADA SUL DO TUNNEL, EM ISELLE

A galeria da esquerda tornar-se-ha de futuro um segundo tunnel

(1) É bastante difficil certificar qual a temperatura que se presume existir perto da superficie dos Altos Alpes. Nos sitios em que prevalecem as neves perpetuas, ellas teem sem duvida uma acção protectora e evitam a irradiação; e onde as neves duram os longos mezes de inverno, obteem-se em menor grau identicos resultados. Provavelmente, a uma profundidade que varía entre vinte e trinta pés abaixo da superficie, a temperatura mantem-se pouco mais ou menos uniforme — provavelmente a 32° Farenheit (0° centigrados). É este o parecer expresso por Francis Fox n'uma communicação feita á Sociedade Real de Londres.

do tecto, tão incommodos e custosos de vencer que obrigavam a combates constantes, com intervallos de vinte ou trinta minutos. Do lado norte, um pouco além do ponto mais alto, os trabalhos foram interrompidos. A agua precipitava-se em catadupa pelo declivio que se dirigia para o sul, e as bombas não conseguiram dar-lhe vencimento. Durante as semanas anteriores á abertura final, mais de 1800 metros cubicos de agua foram impellidos para a curta distancia que mediava entre o ponto mais alto e o extremo da galeria, e represos por uma enorme comporta de ferro.

PREPARATIVOS DE EXPLOSÃO

Por um expediente engenhoso, esta agua foi finalmente exgotada atravez do tunnel do sul. As galerias tinham sido levadas até um tal ou qual adeantamento, uma por debaixo d'outra. O cimo da galeria sul tocava no pavimento da galeria norte; e assim, quando se disparou o ultimo tiro para communicar as galerias, a agua correu para um leito que do lado sul haviam preparado expressamente para a receber. Tudo isto occasionou grandes transtornos, que os operarios supportaram de animo leve. Teve-se na maxima consideração a commodidade e a saude de todos; uma das secções mais dispendiosas da empreza foi a que dizia respeito aos lavadouros e enxugadouros dos corpos e fatos. Durante os seis annos e meio que durou a construcção deram-se apenas vinte obitos entre os trez mil homens empregados. Até novembro de 1905, tinha havido 1.530:000 explosões de rocha, em que se tinham empregado setenta e cinco toneladas de dynamite.

É interessante, a proposito, notar que se faziam, geralmente, oito ou nove inserções de cartuchos de dynamite de cada vez. Quando se deitava fogo ao rastilho, concediam-se dois minutos para se procurar abrigo. Os trabalhadores inexperientes eram sobretudo italianos, que se mostraram mais aptos para

TRABALHO DE BROCAS

aquelle trabalho do que os camponezes suissos. (1).

O tunnel acabado é um dos dois que estarão em serviço de futuro. O segundo tunnel está apenas feito em parte, e chamam-lhe «a galeria» Não se completará para a segunda via senão quando o primeiro render 2000 francos por kilometro. A galeria prestou um grande serviço para facilitar a circulação do ar e para os trabalhos hydraulicos do exgoto. (2).

Para aproveitamento immediato da linha ferrea, ha um grande desvio, a meio do tunnel pouco mais ou menos, para a passagem dos comboios.

O eixo do tunnel é quasi uma recta. O declivio é bastante doce. A maior inclinação, e essa mesmo n'uma distancia curtissima, é apenas de quarenta — muito inferior á dos tunneis do Monte Cenis, do Saint Gothard ou do Arlberg. Os accessos ao Simplon são extremamente faceis. O Caminho de ferro Federal da Suissa, que desde o lago de Genebra atravessa o valle do Rhodano e que alli chega tambem do valle de Zermatt, entra quasi de nivel no tunnel em Briege. Os viajantes que atravessam o Saint Gothard devem recordar-se da maravilhosa ascensão serpentina do caminho de ferro antes de chegar a Geschenen.

Do lado italiano do Simplon, a Sociedade Italo-Mediterranea construiu o entroncamento de Milão-Arona, Domodosolla e Iselle. Assim, o grande lago de Genebra fica directamente ligado a Placencia e Milão, e encurta-se o caminho da Italia para a França e a Grã-Bretanha.

Antes de se abrir o tunnel do Simplon ao trafego ferro-viario, (1) são indispensaveis varias installações.

A via ferrea exigirá a collocação de cinco cabos para o serviço telegraphico e para trens de balastro; o leito da via precisa ainda de grandes trabalhos; e a apparição de novos mananciaes ou de movimentos do solo sob a pressão naturalmente exercida pela montanha —transtorno que não é absolutamente ines-

(1) O ultimo obstaculo de formidavel especie appareceu em 22 de dezembro de 1904.

(2) É interessante notar que a força motriz foi toda fornecida do lado suisso pelo Rhodano, do lado italiano pelo rio Deveria.

(1) No domingo, 2 de abril, o tunnel foi aberto formalmente, embora não estivesse prompto para o trafico. Encontraram-se a meio do tunnel comboios partidos das entradas suissa e italiana, e, depois de tirada a porta de ferro que marcava a linha fronteiriça, dirigiram-se juntos até Iselle, onde se realisaram as ceremonias inauguraes. O sr. Zollinger espera que o tunnel ficará aberto definitivamente para o trafico em outubro proximo futuro.

1 Ardosias vidradas
2 Gneiss
3 Mica-schisto
4 Ardosias cristallinas
5 Gneiss do Antigorio
6 Cal dolomitica
7 Gesso
8 Cal com ardosias vidradas

PERFIL DO TUNNEL DE SIMPLON

perado—exigirá, obras de reforço bastante dispendiosas.

III

Fóra do tunnel, nos dois extremos, foi necessaria uma enorme accumulação de trabalhadores e de materiaes para supprir as necessidades do grande emprehendimento. A força natural das aguas foi excellentemente aproveitada n'um e n'outro extremo do tunnel. A obra exigiu a construcção de gigantescos reforços, plantas de installação, machinismo de secagem, dynamos electricos—em summa, uma alluvião tremenda de machinas para satisfazer ás mais complexas necessidades.

Edificaram-se grandes depositos para locomotivas e para a construcção de carruagens. Vinte e cinco comboios entravam e sahiam cada dia pelo tunnel, simplesmente para transporte dos mineiros.

Depois, toda essa população de trabalhadores precisava accommodações: edificaram-se para elles e para as familias centenas de pequenas casas, e foi indispensavel prover ás necessidades do seu viver. Brotaram do solo hoteis e salas de espectaculo, tal como em casos analogos acontece na America. E, como a maior parte d'esses edificios se erguiam em terrenos arrendados, foram sendo abandonados á medida que diminuiam as exigencias do trabalho do tunnel. A 1 de fevereiro, a chusma de dois mil homens, recentemente empregados, ficava reduzida a seiscentos, e no dia em que se operou a derradeira brocagem, esse numero ficou ainda reduzido a metade. Finalmente, houve um leilão em que as casas que elles haviam habitado foram vendidas ahi por uma libra cada uma! Mas os habitantes permanentes de cada uma das povoações das entradas do tunnel tinham ganho uma pequena fortuna, por isso que o valor da propriedade immovel dos camponios tinha augmentado consideravelmente. N'esses dois pontos estão agora surgindo novas povoações. Brieg nada perderá do seu pitto-

EXPLOSÕES DE AGUA

JORRO INESPERADO

UMA EXPLOSÃO DE AGUA QUENTE

UMA FONTE DE AGUA FRIA

resco; conservar-se-ha o seu velho *château*. Foi n'esse solar historico que o barão von Kager e alguns dos seus auxiliares residiram durante a construcção do tunnel; e foi ahi que em 1680 viveu o grande Kasper Stockalper, que em seus dias dirigiu o trafico do Simplon, protegido por uma importante guarda de homens armados. Se elle podesse contem-

ARMADURA N'UM SITIO PERIGOSO

PARTE DO TUNNEL

plar a esplendida estação nova do caminho de ferro em Brieg, e ter conhecimento do tunnel colossal, ficaria verdadeiramente maravilhado.

O custo total do tunnel do Simplon foi muito inferior ao de qualquer dos outros tunneis. Com as despezas de installação, foi de 3250 francos por metro. O Monte Cenis custou 5878 francos por metro; o Saint Gothard. 3940; e o Arlberg, 3975. O tunnel do Saint Gothard desviou do Monte Cenis para cima de 40 milhões de francos por anno. Sem duvida que uma parte consideravel d'esta quantia reverterá d'ora avante em favor do Simplon.

GALERIA DE VENTILAÇÃO

ONDE FORAM NECESSARIOS REFORÇOS

IV

O emprehendimento do Simplon revestiu-se de um interesse poderoso para o observador attento. Teve por momentos uma apparencia deveras theatral. Os despachos referentes á grande obra excitavam como lances dramaticos os animos em todas as comarcas circumvisinhas. Quando de um extremo ao outro do mundo foi telegraphada a perfuração definitiva do gigantesco monte, os cidadãos da Italia e da Suissa não podiam furtar-se a um estremeção de alvoroço á vista do boletineiro que espalhava a grande noticia. O estalajadeiro Jean apertou effusivamente as mãos do advogado Dufour, emquanto ambos elles iam lendo o momentoso telegramma:

LA PERCÉE DU SIMPLON

Gondo, le 24 février

Rencontre effectuée 7 heures 20 minutes ce matin!

ENTREPRISE SIMPLON.

O canhão troou pelos desfiladeiros e pelas quebradas; e quando os ultimos ranchos de

cabouqueiros sahiram da enorme caverna e esgazearam os olhos ao sol que n'essa manhã dourava a cumieira do Simplon, as suas physionomias offereciam estudos para um quadro allegorico sobre a apotheose do trabalho humano—realisação das bençãos lançadas annos

ARREFECIMENTO DO AMBIENTE

antes pelos bispos de Sion e de Iselle sobre a primeira rotação da broca hydraulica.

Haviam batalhado valorosamente. Tinham excavado, martellado, brocado, e tinham soffrido deveras. Occasiões houve em que toda a substancia solida da montanha, acima das suas cabeças, pareceu estar a pique de se insinuar pelas fendas da aboboda e entulhar a obra penosamente feita. A intrepidez d'esse exercito de obreiros, a tenacidade indomita dos engenheiros, constituiram o summo do esforço que em trabalhos d'estes o mundo tem até hoje presenciado. A construcção das Pyramides do Egypto não exigiu maior coragem nem maior tensão mental.

V

Mas a perfuração do Simplon trará infelizmente comsigo a suppressão definitiva de um dos caminhos mais romanescos e mais ricos de tradições historicas em todo o mundo —é um panno que desce sobre o mais pittoresco espectaculo que a Europa tem offerecido. O drama Napoleonico foi repleto de surpresas; o seu argumento narra as complicações da sociedade e da guerra; as suas peripecias completas patenteiam o prestigio do magnetismo e da força individual.

A magnifica estrada sobre os Alpes foi durante largo tempo das diversões mais fascinantes do *touriste* pensador, e offerecia os mais variados e memoraveis lances. Desde o momento de entrar na diligencia amarella, quando o chicote estalava sobre as cabeças dos cavallos de posta em Brieg, até chegar á garganta do Gondo em Iselle, era um panorama de grandeza e de encanto que se desdobrava de continuo. A symphonia começára logo no valle do Rhodano com os castellos de Sion e Sierre, as torres de Louëche e Martigny, nas abas do grande S. Bernardo. Mas quando principiava a ascensão do Simplon, percorria-se uma serie innumera de voltas atravez de desfiladeiros fortificados que rodeiavam pavorosos abysmos e atravez dos mais selvaticos recessos de serra. Ficava-se assombrado com o esplendor do espectaculo e estimulado por emoções contraditorias. Havia, é certo, alli um refugio—o hospicio dos frades Agostinhos. Quem haverá que, depois de a experimentar, tenha esquecido a generosa hospitalidade d'esses quatro monges, sequestrados n'aquelle páramo desolado?

TRES BROCAS TRABALHANDO A UM TEMPO

A Terra dos Cegos

P.M. G.R.

Como o velho e conhecido proloquio que se refere á terra dos cegos é uma illusão dos que vêem; como não pódem entender-se uns com os outros os entes a quem diversas fontes de observação dão criterio absolutamente differente; eis o qne mostra n'este admiravel conto o escriptor mais fantasista da litteratura contemporanea, o inglez H. G. Wells. Os romances e os contos d'este prestigioso romancista são avidamente lidos hoje em todas as partes do mundo. A sua vasta cultura scientifica, a sua imaginação torrencial, o vigor das suas descripções, a energia vivaz do seu estylo, collocam-no n'um nivel muito acima do seu antecessor no mesmo genero, o francez Julio Verne, e dão ás suas obras um interesse dramatico que subjuga os espiritos mais cultos e as almas mais simples.

Quem não o conheça ainda, pode avaliar a grandeza do seu merito por este extraordinario conto que os Serões *offerecem aos seus leitores.*

A mais de trezentas milhas do Chimborazo, a cem milhas das neves do Cotopaxi, nos mais desolados desertos dos Andes do Equador, é onde fica esse mysterioso valle, isolado de todo o convivio humano, a Terra dos Cegos. Ha muitos e muitos annos que esse valle era tão patente ao mundo que aos seus deleitosos prados se podia chegar atravez de medonhos desfiladeiros e sobre nevosas gargantas. E com effeito lá tinham ido parar entes humanos, uma familia de mestiços do Peru, foragidos á cubiça e tyrania de um governador hespanhol. Veiu depois a pavorosa erupção do Mindobamba, quando cahiu sobre Quito uma noite de dezesete dias, e a agua esteve a ferver em Yaguachi e todos os peixes vieram a fluctuar mortos até Guayaquil. Por toda a parte, nas vertentes do Pacifico, houve desaterros subitos e rapidos degelos, e cheias repentinas, e uma aba inteira da velha serra de Arauca desabou com um estridor de trovoada e isolou para sempre a Terra dos Cegos de toda a exploração humana. Mas um d'esses primitivos colonos ficou por acaso áquem dos desfiladeiros, no momento em que tamanho abalo soffreu o mundo, e viu-se forçado a dizer adeus á mulher e aos filhos, a todos os amigos e bens que lá no alto deixara, e a recomeçar a vida na terra baixa. Assim fez, mas o mau fado e a cegueira mallograram-lhe os esforços. Morreu nas minas por castigo, mas a historia por elle contada gerou uma lenda que até hoje em dia voga por toda a cordilheira dos Andes.

Contou elle os motivos por que se arriscara a sahir d'aquella fortaleza natural, para onde fora levado em creança, amarrado a um lhama, entre um montão de carga. O valle, segundo elle affirmou, continha tudo quanto poderia desejar o coração do homem—agua doce, pastos, um clima ameno, encostas de terra escura e fertil com moutas e moutas de um arbusto que dava um fructo excellente, e a um dos lados grandes pinhaes em declivio que aguentavam as avalanches. Lá muito acima, por tres bandas, divisavam-se enormes rochedos esverdeados, cobertos de penhas de neve. Mas não chegava alli a torrente das geleiras, a qual corria por vertentes distantes, e só uma que outra vez desabavam para o lado do valle massas collossaes de gelo.

No valle não chovia nem cahia neve, mas as fontes copiosas produziam bellas e viçosas pastagens, que a irrigação espalhava por todo o ambito do valle. Os colonos davam-se alli perfeitamente, e o mesmo succedia ao gado que rapidamente se multiplicava. Só uma cousa porem turvava a felicidade d'aquella gente.

Mas essa era bastante para a turvar deveras. Cahira sobre elles uma molestia extra-

nha, a qual cegara todas as creanças alli nascidas, e ainda um grande numero dos outros. Era para procurar qualquer amuleto ou remedio contra essa horrivel praga da cegueira que elle tinha voltado pelo desfiladeiro abaixo, á custa de grandes fadigas e perigos.

Por aquelles tempos, n'um caso como este, os homens não pensavam em germens nem infecções, mas só em peccados, e assim parecia-lhe a elle que o motivo da triste epidemia devia estar na negligencia dos immigrantes, privados do ministerio sacerdotal, em erguer um sanctuario apenas entraram no valle. O que elle queria era que alli se erigisse esse sanctuario, embora modesto, mas bello e efficaz. Do que elle precisava era de reliquias e analogos objectos abençoados pelo ceu, medalhas mysticas com orações. Trazia no alforge uma barra de prata nativa que já deitara em despeza. Toda a população do valle tinha contribuido com quanto dinheiro e enfeites possuia, visto de pouco lhe servirem alli taes thesouros, affirmava elle, só com o fim de angariar um patrocinio contra o mal que os affligia.

Está-se-me figurando na mente esse joven montanhez de olhos baços, tisnado do sol, macilento, ancioso, arrepanhando febrilmente as abas do chapelão, de todo em todo alheio aos habitos do mundo, a contar a sua historia a um padre astuto e attento, antes da grande convulsão. Imagino-o depois regressando com remedios pios e infalliveis contra a tremenda praga, e a infinita angustia com que elle devia ter visto os gigantescos destroços que tapavam o desfiladeiro. Mas perdeu-se para mim o resto da sua historia de infortunios, apenas sei da sua desgraçada morte passados bastantes annos. Pobre extraviado d'essa região mysteriosa e remota! A torrente que outr'ora cavara o desfiladeiro rebenta agora da entrada de uma caverna penhascosa, e ainda hoje corre de bocca em bocca a lenda, desenvolvida da sua obscura e desalinhada historia, de uma raça de cegos existentes algures, «lá p'r'aquellas bandas».

E pelo meio da exigua população d'esse hoje isolado e esquecido valle, a enfermidade foi lavrando, lavrando sempre. Os velhos foram-se tornando peticegos e tropegos, a visão dos novos foi-se embaciando, e as creanças d'elles nascidas nunca chegaram a ter vista. Mas a vida corria placida n'aquella planura orlada de neves, perdida para o mundo inteiro, desprovida de sarças e abrolhos, sem insectos damninhos, sem quadrupedes a não ser as crias mansas das lhamas que elles tinham arrastado comsigo atravez do leito meio enxuto dos rios, pelos desfiladeiros e gargantas que haviam transposto. Os videntes tinham chegado a myopes e a peticegos tão gradualmente que mal tinham dado pela perda. Foram guiando para um lado e outro os novos privados de vista, até que conheceram maravilhosamente o valle inteiro; e quando a vista se extinguiu por fim n'essa raça, ella foi vivendo conformada. Tinham até chegado a adaptar-se á percepção cega do fogo, que cuidadosamente faziam em lareiras de pedra. A

DERAM ENTÃO PELA FALTA DE NUÑEZ

principio, não passavam de um simples rancho illetrado, apenas ao de leve tingido da civilisação hespanhola, mas com uma tal ou qual tradição das artes do antigo Peru e da sua perdida philosophia. Foram-se succedendo as gerações. Muita coisa foi esquecendo, muita outra se foi inventando. A tradição do vasto mundo d'onde elles provinham assumiu pouco a pouco um colorido mystico e indefinido. Em tudo, á excepção da vista, eram elles fortes e dextros, e o destino enviou-lhes um, e após outro espirito original e levantado, capaz de os ensinar e persuadir. Passaram esses dois, deixando o seu rasto, e a pequena communidade cresceu em numero e em entendimento, e defrontou-se com os problemas sociaes e economicos que se lhe depararam, e logrou resolvel-os. As gerações foram-se succedendo, succedendo sempre. Tempo chegou em que uma nasceu com quinze gerações atraz de si, desde esse antepassado que do valle sahira com uma barra de prata no intento de conciliar o auxilio divino, e que nunca mais voltara. Foi por essa epoca que o acaso atirou para o meio da communidade um homem vindo do mundo exterior. E é esta a historia d'esse homem.

*

Era um montanhez dos arredores de Quito, que andara pelo mar e tinha visto mundo, homem arrojado e esperto, dado á leitura de livros. Fôra contractado por um rancho de inglezes que tinham vindo do Equador para trepar á serra, a fim de substituir um dos seus tres guias suissos que havia adoecido. Trepou por um, por outro monte, até que tentou a ascensão do Parascotopetl, o mais alto pincaro dos Andes, no qual se perdeu para o mundo externo. A historia d'esse accidente já uma duzia de vezes se escreveu. A melhor narrativa é a de Pointer. Conta-nos elle como o pequeno rancho conseguiu á custa de esforços, por uma ladeira aspera e quasi vertical, erguer-se até á borda do ultimo e maior precipicio. Ahi, no meio da neve, construiram elles um abrigo para noite em cima de uma especie de prateleira fragosa. E está descripto com verdadeira intensidade dramatica o facto de elles darem então pela falta de Nuñez. Gritaram, mas não houve resposta; tornaram a gritar, assobiaram, e o resto da noite passaram-no em claro.

Ao romper da manhã, é que elles perceberam os vestigios do desastre. Comprehendia-se que lhe tivesse sido impossivel soltar um grito. Tinha resvalado para leste, para a encosta desconhecida da serra; lá muito abaixo tinha batido de encontro a um alcantil de neve, e fôra d'ahi precipitado de envolta com uma enorme avalanche. O rasto ia direito á orla de um despenhadeiro, alem do qual tudo estava encoberto. Lá muito abaixo, enfumaçadas pela distancia, lobrigaram arvores surdindo n'um valle estreito e cerrado — a desconhecida Terra dos Cegos. Elles porem é que não sabiam que era alli essa desconhecida Terra dos Cegos, nem podiam discriminal-a de qualquer outro listrão delgado de planura. Desalentados pela catastrophe, deram n'aquella tarde de mão á sua empreza, e Pointer foi chamado para serviço de campanha antes de tentar novo ataque. Até hoje o Parascotopetl ergue um pincaro invio e invicto, e o abrigo de Pointer esmigalha-se solitario no meio dos nevões.

Mas o homem despenhado escapou á morte. Do alcantil onde batera foi cahindo no meio de uma nuvem de neve até chegar, a mil pés de distancia, a outro alcantil mais aspero ainda que o primeiro. Para baixo d'este, foi arrastado n'um turbilhão, atordoado, insensivel, mas com os ossos inteiros, resvalando por outros alcantis mais suaves, até rolar e ficar sepultado entre o montão macio dos nevões que o haviam acompanhado e que o salvavam. Voltou a si com a ideia vaga de que estava doente de cama; depois é que a sua intelligencia de montanhez lhe deu a consciencia da sua situação. Tratou de se desenvincilhar da massa de neve que o envolvia, até que, depois de umas duas pausas de repouso, conseguiu ver as estrellas. Permaneceu algum tempo de borco, a scismar onde tinha ido parar e no que lhe haveria acontecido. Apalpou-se todo e percebeu que se lhe tinham ido embora varios botões e que tinha o casaco voltado para cima da cabeça. Sumira-se-lhe a navalha que tinha no bolso, e desapparecera-lhe o chapeu, apezar de estar atado por baixo do queixo. Lembrou-se de que tinha andado á cata de pedras soltas para construir o seu lanço de parede para o abrigo. Tinha tambem perdido a machadinha do gelo.

Foi então que percebeu que devia ter cahido; ergueu os olhos para avaliar, exagerado pela claridade livida da lua nascente o tremendo adejo que elle havia soltado. Jazeu algum

tempo pasmado para esses enormes e alvos penhascos que muito acima d'elle torrejavam tomando a cada instante relevo sobre a maré refluente da treva. Impressionou-o durante momentos a sua belleza phantasmagorica e mysteriosa, e por ultimo acommetteu-o um frouxo de gargalhadas soluçantes...

Passado um grande intervallo, o homem comprehendeu que estava perto da orla inferior das neves. Abaixo d'elle, no fundo do que o luar deixava perceber como encosta praticavel, lobrigou elle a gleba escura juncada de pedras. Tratou de se pôr em pé, embora lhe doessem todas as juntas e todos os membros, foi abrindo a custo o caminho por entre os monticulos de neve que o cercavam, até que se achou em cima da terra. Ahi se deixou cahir á beira de um rochedo, bebeu uma boa golada do frasco que tinha na algibeira do forro, e pegou immediatamente no somno...

Despertaram-no gorgeios de passarada, no arvoredo que se divisava lá muito em baixo.

Sentou-se e percebeu que estava sobre uma pequena eminencia, ao sopé de um enorme despenhadeiro, que tinha apenas um ligeiro declivio na quebrada, por onde elle tinha resvalado, mais o seu fardo de neve. Em frente d'elle erguia-se para o ceu outra muralha de rocha. O desfiladeiro entre estes precipicios corria na direcção leste-oeste e estava banhado pela luz da manhã, a qual para as bandas de oeste illuminava os destroços do monte desabado que cerravam o desfiladeiro. Abaixo d'elle, parecia haver um despenhadeiro egualmente escarpado, mas por detraz da neve que enchia a quebrada achou elle uma especie de fenda d'onde escorria agua, e ao longo da qual um homem desesperado poderia aventurar-se a descer. Foi-lhe isso mais facil do que a principio lhe parecera, e chegou afinal a outro monticulo desolado, e d'ahi, engatinhando com pouca difficuldade, a uma ladeira com arvores. Tratou de se orientar. Voltou-se para o lado superior do desfiladeiro, por lhe parecer que elle abria sobre prados viçosos, por meio dos quaes elle agora avistava distinctamente um grupo de casebres de pedra, de configuração fora do vulgar. Por vezes, para se adeantar, era obrigado a trepar ao longo da muralha. Passado um tempo, o sol oriental deixou de enfiar pelo desfiladeiro fora, desvaneceu-se o trinar da passarada, o ar arrefeceu, e elle viu-se mergulhado na sombra.

NUÑEZ SOLTOU UM GRITO POSSANTE QUE RETUMBOU PELO VALLE

Mas por isso mesmo mais avultava a luz do valle distante com a sua casaria. O homem chegou finalmente ao talude, e notou entre as rochas—como observador que era—um feto desconhecido que parecia alongar para fora das fendas gadanhos de um verde intenso. Apanhou umas folhas, roeu-lhes os talos, e souberam-lhe menos mal.

Por volta do meio dia é que elle se achou por fim fora da garganta do desfiladeiro, em pleno descampado batido de sol. Estava esfalfado e entorpecido; sentou-se á sombra de um rochedo, encheu o seu frasco com agua de uma fonte, regalou-se a bebel-a, e para alli ficou algum tempo a descançar, antes de se dirigir ás casas.

Tinham um aspecto extranho, as casas, e todo o valle, quanto mais o observava, mais extraordinario e exotico se lhe deparava.

A maior parte d'elle estava coberto de verdura, salpicada de um grande numero de bonitas flores, irrigado com meticuloso cuidado, e com indicios claros de uma colheita systematica e gradual. Rodeiava todo o valle uma muralha altissima, e uma especie de canal annular, d'onde provinha a agua que ia regar as plantas. Nas encostas mais altas, viam-se manadas de lhamas a apascentar-se na hervagem escassa. Aqui e alem, junto ao muro de limite, erguiam-se uns telheiros, que apparentemente serviam de apriscos ou estrebarias para os lhamas. Os canaletes de irrigação convergiam todos para um canal grande, que atravessava o centro do valle, margeado de um muro á altura do peito.

Tudo offerecia uma singular apparencia, por extremo realçada pelo grande numero de carreiros calcetados de pedras brancas e pretas, todos elles com uma especie de passeios estreitos, os quaes se cruzavam ordenadamente em todas as direcções. As casas da aldeia central em nada se pareciam com a agglomeração casual e a troxe-moxe, nos logarejos serranos que o homem conhecia. Enfileiravam-se sem intervallo nas duas beiras de uma rua central, de um aceio pasmoso. N'um que outro ponto, abria-se nas frontarias uma porta, mas nem uma janella sequer se rasgava nas paredes. Eram todas pintalgadas em retalhos muito irregulares, cobertas como eram de uma especie de reboco, umas vezes pardo, outras acastanhado, outras ainda côr de ardosia ou de amarello torrado. E foi a vista d'esse extraordinario reboco que trouxe de repente ao pensamento do explorador a ideia da cegueira.

—«O homemsinho que fez isto,» pensou elle, «por força que era cego como uma toupeira.»

Desceu uma ladeira, e achou-se perto do muro e do canal que corria em derredor do valle, proximo do sitio em que esse canal despejava por uma cascata estreita o seu excesso de agua. Poude então avistar uma porção de homens e de mulheres, reclinados em montes de feno, como se estivessem dormindo a sesta, e mais perto da aldeia umas poucas de creanças tambem deitadas, e mais ao seu alcance tres homens, carregados de baldes, caminhando por um atalho que do muro da circumvalação se dirigia para as casas. Estes tres homens trajavam roupas tecidas de pello de lhama, botas e cintos de couro, carapuços de panno com cobertura de nuca e de orelhas. Iam todos em fila, muito devagar, bocejando a cada passo, como se tivessem passado toda a noite a pé. O seu aspecto tinha tanto de tranquilisador e de respeitavel que, passado um momento de hesitação, Nuñez ergueu-se no beiral da rocha, o mais á vista que possivel fosse, e soltou um grito possante que retumbou por toda a redondeza do valle.

Os tres homens estacaram, e mecheram as cabeças como se estivessem a olhar em torno de si. Voltaram a cara para um lado e para outro, emquanto Nuñez gesticulava abertamente. Mas elles pareciam não lhe ver o vulto nem os gestos, e d'alli a pouco encaminharam-se para os montes que ficavam ao longe, á direita, gritando como para responder. Nuñez tornou a berrar, uma e mais vezes, e, vendo a inefficacia dos accionados, de novo lhe dominou o pensamento a ideia da cegueira.

—«Estes marotos por força que são cegos,» resmungou elle.

Quando afinal, depois de muito berrar e vociferar, Nuñez galgou uma pontesinha que atravessava a corrente, transpoz um postigo da muralha, e se aproximou dos homens, então é que elle se certificou de que eram cegos. Adquiriu a convicção de que era alli a Terra dos Cegos, de que falava a lenda. E ao mesmo tempo teve a percepção de uma extraordinaria e invejavel aventura. Os tres estavam agora enfileirados, sem olhar para elle, mas com os ouvidos voltados para o seu lado, a ver se os passos extranhos lhes davam a ideia da pessoa. Acotovelavam-se como homens um pouco assustados, e elle já lhes podia ver as

palpebras cerradas e cavadas, como se as orbitas dentro houvessem encolhido de todo.

Tinham no rosto uma vaga expressão de pavor.

—«Um homem!» disse um d'elles, n'um espanhol que a custo se reconhecia. É um homem—um homem ou um espirito — que vem d'alem do lado das rochas».

Mas Nuñez adeantava-se com os passos confiantes de um rapaz que enceta o caminho da vida. Tinham-lhe acudido á mente todas as antigas historias do valle perdido e da Terra dos Cegos, e corria-lhe pelo cerebro, como um estribilho, aquelle velho proverbio:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei».

E saudou-os então com toda a cortezia. Falou-lhes, e foi-os examinando.

—«D'onde vem elle, mano Pedro?» perguntou um d'elles.

—D'além, das rochas».

—«De lá do alto das montanhas venho eu,» redarguiu Nuñez, «da terra que além d'ellas fica — de uma terra em que os homens vêem. Lá para o pé de Bogotá, onde ha povo ás rebatinhas, onde se pódem ver casas e mais casas...»

«CAUTELA!» EXCLAMOU ELLE, AO SENTIR UM DEDO A ENTERRAR-SE-LHE POR UM DOS OLHOS

—«Ver?» murmurou Pedro. «Ver?»

—«D'onde elle vem,» disse o segundo cego, «é d'alem de traz das rochas.»

Reparou Nuñez que os casacos d'elles tinham os quartos de fazendas diversamente coloridas.

Surprehenderam-no por um movimento simultaneo para o seu lado, cada um d'elles com a mão extendida. Furtou-se ao avanço d'esses dedos abertos.

—«Aproxima-te,» disse o terceiro cego, seguindo-lhe o movimento e agarrando-o com firmeza.

Seguraram Nuñez e apalparam-no todo, sem dizer palavra no emtanto.

«Cautela!» exclamou elle, ao sentir um dedo a enterrar-se-lhe por um dos olhos.

Percebeu que elles lhe extranhavam immenso aquelle orgão, com as suas palpebras movediças.

Continuaram ás apalpadelas.

—«Que creatura tão extraordinaria, Correa!» disse aquelle que respondera ao nome de Pedro. «Apalpa-lhe o cabello, como é aspero! Tal qual o pelo de um lhama.

—«Aspero como os rochedos que o crearam,» disse Correa, pesquizando com a mão macia e levemente humida o mento de Nuñez, que tinha a barba por fazer. «Talvez fique mais fino depois de crescer.»

Nuñez debateu-se um pouco, para fugir ao exame; mas elles seguraram-no com mais força.

—«Cautela!» repetiu elle.

—«Elle fala,» disse o terceiro cego. «Com certeza que é homem.»

—«Hum!» resmungou Pedro, tacteando-lhe a aspereza do casaco.

—«Vieste então a este mundo?» perguntou Pedro.

«De lá do mundo é que eu venho. Por montes e por geleiras; lá muito em cima, a meio caminho do sol. D'esse mundo muito grande, que fica lá longe, a doze dias do mar.»

Elles quasi pareciam não lhe prestar attenção.

—«Contavam-nos nossos paes que os homens podiam ser engendrados pelas forças da natureza,» disse Correa. «Saem do calor das cousas, e mais da humidade, e mais da podridão.»

—«Levemol-o á presença dos velhos,» disse Pedro.

—«Mas primeiro grita para prevenir,» disse Correa, «não se assustem as creanças. O ensejo é magnifico.»

Com effeito gritaram. Pedro tomou a mão de Nuñez, afim de o conduzir até ás casas.

Elle desviou a mão.

- «Eu posso ver o caminho,» disse elle.

- «Ver?» extranhou Correa.

Ver, sim,» affirmou Nuñez, voltando-se para elle, e tropeçando no balde de Pedro.

- «Tem ainda os sentidos imperfeitos,» disse o terceiro cego. «Anda aos tropeções, e diz palavras sem significação. Levem-no pela mão.»

—«Como quizerem,» disse Nuñez, deixando-se guiar por elles, a rir.

Parecia que elles nada entendiam do que era vista.

Deixal-o! A seu tempo elle lh'o explicaria.

Ouviu gritos, e viu um magote de gente que se agglomerava a meio caminho da aldeia.

Achou que lhe excitava os nervos, muito mais do que previra, aquelle primeiro encontro com a população da Terra dos Cegos. Á proporção que se acercava, parecia-lhe a povoação mais extensa, mais exquisitos os variegados rebocos. Cercou-o uma multidão de creanças, de mulheres, de homens, tacteando-o, apalpando-o com as mãos macias e muito sensiveis, cheirando-o, escutando attentos todas as palavras que elle pronunciava. Reparou com prazer que algumas das mulheres tinham um rosto meigo, embora os olhos estivessem cerrados e cavos. Algumas raparigas e creanças mantinham-se a distancia respeitosa, como se elle lhes mettesse medo, e com effeito a voz de Nuñez parecia aspera e rude, comparada com o mavioso das suas falas. Havia apertão em redor d'elle. Os seus tres guias não o largavam com ar de quem tomava conta de propriedade sua, e diziam repetidas vezes:

«Um selvagem que veiu das rochas.»

«De Bogotá,» dizia elle. «Bogotá. Lá para a cumiada da serra.»

-«Um selvagem que se serve de termos selvagens,» disse Pedro. «Não ouviram o que elle disse—Bogotá? Tem ainda o entendimento por formar. Mal começa a ter uso de linguagem.»

Beliscou-lhe a mão um rapasito.

«Bogotá!» disse este em ar de troça.

- «Sim, sim! Uma cidade, ao pé da qual nada vale esta aldeia. Eu d'onde venho é do grande mundo onde ha homens que teem olhos e vêem.»

—«Bogotá é o nome d'elle,» disseram os cegos.

E Correa acrescentou:

—«Elle tropeçou duas vezes emquanto viemos de caminho.»

-«Levem-no lá para dentro aos velhos.»

E de repente atiraram com elle por uma porta dentro, para um aposento escuro como breu, no extremo do qual bruxuleava apenas uma fogueirita. A multidão agrupou-se atraz d'elle, interceptando de todo a claridade do dia, e antes que podesse firmar-se nas pernas, Nuñez estiraçava-se de borco em cima dos pés de um homem sentado. Ao cahir, alongou o braço e bateu na cara de outra pessoa. Ouviu um grito de raiva, e durante um momento estrebuxou entre uma porção de mãos que o agadanhavam. Era uma lucta desegual. Compenetrou-se da situação e aquietou-se.

—«Cahi ao chão,» disse elle. «Eu não vejo boia, no meio d'esta maldita escuridão!»

Houve uma pausa, como se as pessoas que o cercavam tentassem perscrutar o significado das suas palavras. Ergueu-se então a voz de Correa:

«Este homem ainda tem muito pouco entendimento. Tropeça a cada passo e mistura na sua linguagem umas palavras que não querem dizer nada.»

Outros acrescentaram varias considerações a seu respeito, que elle mal ouviu ou percebeu.

—«Dão-me licença que me levante?» perguntou elle, n'um intervallo de silencio. «Prometto conservar-me em socego.»

Depois de se consultarem, deram-lhe a permissão perdida.

A voz de um velho começou a interrogal-o. Nuñez tentou então explicar o que era o mundo de que elle cahira, e o firmamento e os montes e a vista e maravilhas similhantes, a esses anciãos que na terra dos cegos o interrogavam do meio das trevas. E elles nem acreditavam nem comprehendiam cousa alguma do que elle lhes dizia, caso para elle absolutamente inesperado. Nem sequer ao menos entendiam muitas das suas palavras.

A CLARIDADE SOBRE AS GELEIRAS E OS CAMPOS DE NEVE ERA A COUSA MAIS BELLA QUE EM SUA VIDA TINHA VISTO

Durante quatorze gerações aquella gente permanecera na cegueira, isolada de todos os videntes. Os nomes de todas as cousas que á vista diziam respeito tinham-se apagado ou mudado de sentido. A historia do mundo exterior desvanecera-se tambem e transformara-se n'um conto de creanças. Aquella gente deixara de ter a minima ligação com as cousas que existiam alem das encostas penhascosas que dominavam a sua muralha de circumvallação. Tinham surgido entre elles cegos de genio, os quaes haviam colligido e perscrutado os farrapos de crenças e tradições que dos velhos tempos de visão restavam ainda, e tinham rejeitado todas essas cousas como fantasias inuteis, subtituindo-as por novas e mais positivas noções. Com os olhos tinha-se-lhes enfezado muito a imaginação. E outras ideias novas lhe tinham suggerido o tacto e o ouvido, cuja sensibilidade se exacerbara.

Pouco a pouco foi-se Nuñez compenetrando de que não se realizava de improviso a sua esperança de assombro e de veneração pela sua origem e pelas suas faculdades. E depois de se ter mallogrado a sua mesquinha tentativa de explicar aos cegos o que era vista, como a versão confusa de um ente recem-creado descrevendo as maravilhas das suas incoherentes sensações, elle resignou-se, embora um pouco envergonhado, a prestar ouvidos á instrucção que elles ministravam.

Então o decano dos cegos explicou-lhe a vida e a philosophia e a religião, de como o mundo (referia-se ao seu valle) não passava a começo de um buraco vasio nas rochas, e de como tinham primeiro surgido cousas inanimadas sem o sentido do tacto, e lhamas e algumas outras creaturas que pouco sentido possuiam, e mais tarde homens, e por fim anjos, que se ouviam cantar em notas requebradas e suaves, mas que ninguem podia tocar, cousa em que muito parafusou Nuñez até lhe occorrer que elles alludiam aos passaros.

Em seguida proseguiu, explicando a Nuñez de como o tempo se dividia em tempo quente e frio, que eram para os cegos os equivalentes do dia e da noite, e de como cumpria dormir durante as horas quentes e trabalhar durante as horas frias, de forma que n'aquella occasião, se não fora o seu inesperado advento, toda a povoação dos cegos estaria a dormir. Acrescentou que Nuñez devia ter sido especialmente creado para aprender a compenetrar-se da sabedoria que elles haviam adquirido, que a sua deficiencia mental e o embotado dos seus sentidos não lhe deviam fazer

perder o animo, que estudasse com afinco e fizesse o possivel para aprendar. A isto, por toda a gente que estava á porta correu um murmurio de applauso. Disse depois que a noite—porque os cegos chamam noite ao dia—já ia adeantada, e que era conveniente que todos se recolhessem para dormir. Perguntou a Nuñez se elle sabia que cousa era dormir; Nuñez respondeu que sim, mas que antes de dormir precisava comer. Trouxeram-lhe então alimentos, leite de lhama n'uma tigella, e pão escuro e ordinario, e deixaram-no sósinho para comer á vontade e depois passar pelo somno até que voltassem ao trabalho. Mas Nuñez não poude pregar olho.

De vez em quando desatava a rir, ora de pura galhofa, ora de indignação.

—«Uma intelligencia em via de formação!» monologava elle. «Com os sentidos ainda embotados! Mal sabem elles que estiveram a insultar o rei e o senhor que Deus lhes mandou... O que eu vejo é que tenho de os trazer á razão. Deixa-me pensar. Deixa-me pensar».

E a pensar estava ainda quando o sol se poz.

Nuñez tinha olhos para todas as cousas bellas. Parecia-lhe que a claridade que se espalhava sobre as geleiras e os campos de neve, em derredor do valle, era a cousa mais bella que em sua vida tinha visto. D'essa inaccessivel gloria foram-se-lhe os olhos para a aldeia e para os campos irrigados, e de repente alagou-lhe a alma um esto de commoção. Do fundo do coração, agradeceu a Deus o ter-lhe concedido o poder da vista.

De fora da aldeia, sentiu uma voz que o chamava.

—«Eh! Bogotá! Chega-te aqui!»

Ergueu-se a sorrir. Ia mostrar áquella gente, uma vez por todas, quanto valia a vista para um homem. Haviam de andar á procura d'elle sem o encontrar.

—«Trata de te mecher, Bogotá!» disse a voz

Riu-se para dentro e deu dois passos furtivos para fora do carreiro.

—«Não pises a relva, Bogotá. Isso é prohibido.»

Aos ouvidos de Nuñez mal chegava o rumor dos seus proprios passos. Estacou, pasmado.

O homem que falava veiu para elle a correr, pelo carreiro sarapintado de preto e branco.

Nuñez voltou para o carreiro.

—«Estou aqui,» disse elle.

—«Porque é que não vieste logo que eu chamei?» perguntou o cego. «Será preciso que te guiem como se fôras uma creança? Não ouves o carreiro quando andas?»

Nuñez desatou a rir.

—«Até o posso ver,» disse elle.

—«Ver!» replicou o cego, depois de uma pausa. «Isso não é palavra que se entenda. Deixa-te de tolices, e segue o som dos meus passos.»

Nuñez seguiu-o, um pouco despeitado.

—«O meu tempo virá!» disse elle.

—«Sim, has de aprender,» redarguiu o homem. «Ha muito que aprender n'este mundo.»

—«Nunca por aqui ouviram dizer que na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei?»

—«Que vem a ser isso de cegos?» perguntou o cego com indifferença, por cima do hombro.

Decorreram quatro dias, e o quinto ainda encontrou o rei dos Cegos no seu incognito, á laia de um forasteiro ignorante e inutil no meio dos seus subditos.

Foi percebendo que era muito mais difficil acclamar-se do que elle suppunha a principio, e entrementes, emquanto meditava no seu golpe de estado, ia-se conformando com as suggestões que lhe davam, e aprendendo os costumes e habitos da Terra dos Cegos. Achou muito maçador isto de trabalhar de noite, e resolveu que seria essa a primeira alteração a fazer.

(Conclue no proximo numero).

H. G. WELLS.

Versão de H. LOPES DE MENDONÇA

PAISAGEM NO CHOUPAL

A Universidade de Coimbra

II

1537-1772.

Coimbra. Pareceu de acerto a medida, a julgar pelo brilho e desenvolvimento da Universidade pouco depois da sua mudança para Coímbra. Se foi curto o seu período de vida intensa—uns estreitos vinte annos — a transferencia nada podia influir na decadencia rápida, e representou talvez em si, nessa época, uma condição e um motivo de exito, embora ephémero.

Como o antigo Estudo Geral se tinha successivamente desenvolvido, em material e pessoal, desde a ultima mudança para Lisbôa em 1377 — não se tornava agora facil a sua nova installação em Coímbra, onde não havia edificio apropriado bastante espaçoso.

Recorreu-se ao expediente de dividir as faculdades por diversos locaes. Provisoriamente, ficaram umas nas aulas dos collegios pertencentes a Santa Cruz, e outras nas casas occupadas pelo Reitor D. Garcia de Almeida, junto do arco de Belcouce, onde depois foi edificado o collegio de Santo Antonio da Estrella.

Mas logo no mês de setembro se modificou, em parte, este estado de coisas; porque o Rei, declarando ir edificar umas Escolas Geraes, ordenou que as aulas abrigadas nas casas do Reitor fossem installadas, emquanto se não fundavam essas Escolas — nos proprios Paços Reaes. Já então estes eram bem mais vastos do que a primitiva Alcáçova; á antiga construcção romanica substituíra-se, por completo, a reconstrucção manuelina, em successivas obras, dirigidas pelo mestre Pero Anes, depois por Marcos Pires, e finalmente pelo architecto Diogo de Castilho.

Ficáram então: nos Paços reaes — as faculdades de Direito Civil (Leis), de Cánones, de Mathematica, a Rhetorica e a Musica; e nos collegios de Santa Cruz – a Theologia, as linguas Latina e Grega, a Medicina e as Artes.

Alem do inconveniente desta separação material dos estudos, o expediente de semelhantes installações trazia uma difficuldade grave, tanto para a administração da Universidade como para o exercicio do ensino: era a divisão da auctoridade superior entre duas entidades; pois, se nas faculdades e serviços postos nos Paços reaes governava o Reitor, tudo quanto ficára ao abrigo dos collegios de Santa Cruz estava por esse facto sujeito á jurisdicção e governo do Prior dos Cruzios, agora do governador-reformador Frei Braz de Barros, que fundára os collegios de accôrdo com o proprio Rei.

D. GARCIA DE ALMEIDA

Tanto era delicada de resolver a difficuldade, que só sete annos depois — em 1544, governando a Universidade fr. Diogo de Murça, e passando todas as faculdades para os Paços reaes — fôram estas reunidas sob a auctoridade unica do Reitor, tudo sempre de accôrdo com o reformador de Santa Cruz — Frei Braz de Barros. Já, porem, o superior de Santa Cruz passára a exercer uma funcção que, embora exterior e formal, representava o reconhecimento de uma verdadeira auctoridade, e até certo ponto o da gratidão devida pelo Estudo português á antiga tradição do mosteiro de Santo Agostinho.

Refiro-me ao privilegio da collação dos graus de *licenciado* e de *doutor*.

Vimos que, desde os primeiros tempos do Estudo Geral, eram os graus conferidos, *auctoritate apostolica*, na Sé da cidade onde o Estudo estivesse — na de Lisbôa ou na de Coímbra — pelo respectivo bispo ou pelo seu vigario. Eram estes os *cancellarios*, e na sua presença se verificavam, dentro da cathedral, os actos grandes que precediam aquelles graus.

Effectuada a mudança definitiva da Universidade para Coímbra — houve nisto modificação.

Fôra por D. João III conferida ao segundo Reitor do novo periodo — D. Agostinho Ribeiro — a prerogativa da collação dos graus, primeiro em Leis e Medicina, depois em Theologia e Cánones — prerogativa confirmada por cartas apostolicas. Mas não tardou que o mesmo rei, movido de certo por aquelles motivos de reconhecimento, passasse o privilegio para o Prior Geral de Santa Cruz. Já este gosava do privilegio em 1540, isto é — quatro annos antes da passagem das faculdades todas para os Paços reaes.

Com o titulo de Cancellario, conservaram os Priores de Santa Cruz o privilegio da collação dos graus até 1834.

Emquanto as faculdades de Cánones e Leis estiveram nos collegios de Santa Cruz, realizaram-se na igreja do convento os actos grandes. Desde que as faculdades ficaram todas reunidas nos Paços reaes — fôram feitos aqui os actos grandes, regulando-se a collação dos graus da maneira seguinte.

Se o grau era em Theologia, a collação realizava-se na igreja de Santa Cruz, *auctoritate apostolica*.

Se o grau devia ser conferido em qualquer das outras faculdades, *auctoritate regia*, a cerimonia effectuava-se nos Paços reaes, — agora, como vimos, installação privativa da Universidade, por cedencia do Rei.

Mas, como 'num e noutro caso, era

sempre o Prior cancellario quem o conferia, na presença do Reitor, doutores, mestres, etc. — tinha de haver cortejo de um para outro ponto. No primeiro caso, a comittiva do Reitor, com o graduando theologo, descia dos Paços á igreja. No segundo — era a comitiva do D. Prior cancellario que se dirigia, burgo arriba, para os Paços reaes.

E, duma e doutra vez, a velha cidade assistia a uma curiosa cavalgada, cheia de caracter, de pittoresco, e certamente de episodios comicos, em que doutores ou conegos regrantes, officiaes, bedeis, pagens e fidalgos, montando uns as mulas ajaezadas, outros, cavallos de parada — tudo ladeado de moços e escudeiros, e precedido de atabales e trombetas — iam celebrar o acto da mais pacifica investidura com uma solemnidade tradicionalmente cavalleirosa, ainda no fio do costume medieval da imposição das armas.

Em si, o acto revestia cerimonial identico ao actual, cabendo então ao Cancellario as funcções e prerogativas hoje do Reitor.

Mas se pode offerecer curiosidade a historia das installações da Universidade, assim como despertaria interesse uma descripção mais miuda dos cortejos e cerimonias usadas — o que sobretudo importará será notar a vida interna do nosso Estudo Geral, exactamente no momento em que ia attingir o mais alto grau de brilho e de valor, embora por pouco tempo.

Como fôram conservados por D. João III nas suas disposições fundamentaes, os Estatutos de D. Manoel, não voltarei a descrever o quadro das sciencias e das artes professadas na Universidade. Mas não posso deixar de mencionar a divisão e disposição dadas a todos esses estudos com a creação dum novo instituto, a que a Universidade deveu largas vantagens — até que tivesse de o ver convertido na mais terrivel das armas voltadas contra as suas proprias condições de vida.

Refiro-me ao Collegio das Artes.

Depois de existirem os collegios de ensino e os collegios-pensões que descrevi, e estabelecidas já todas as faculdades nos Paços reaes — foi ainda assim reconhecida a necessidade de crear esse novo collegio, destinado ás Artes e Humanidades, isto é: pouco mais ou menos ao que hoje chamariamos preparatorios, instrucção secundaria — até ahi dada com as faculdades.

EGREJA DE SANTA CRUZ

Ficou assim feita nitidamente a destrinça, entre as Escolas Maiores ou das faculdades, e as Menores — ou Artes; constituindo, comtudo, umas e outras, o todo moral, ou corpo universitario.

O *Collegio das Artes* principiou a funccionar em 1548, em casas dos collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, junto a Santa Cruz.

Só mais tarde, no tempo do Cardeal regente, á volta do anno de 1558, foi o *Collegio das Artes* transferido para casa de proposito edificada (onde é hoje o hospital da Universidade). O primitivo *Collegio das Artes* começou a funccionar independente, na sua administração, da jurisdicção e governo do Reitor da Universidade. Mas esteve assim pouco tempo. Logo em 1549 foi incorporado no governo da Universidade, sem que disso parecesse advir inconveniente.

Foi primeiro Reitor ou principal do *Collegio das Artes* o dr. André de Gouvêa, irmão de Marçal e de Antonio de Gouvêa; a sua direcção logo se tornou notavel pela alta superioridade com que organizou alli o ensino, secundado pelo grupo escolhido de professores vindos com elle de Paris — João da Costa, Diogo de Teive, André de Resende, Melchior Belliago — e pelos professores estrangeiros Jorge e Arlando Buchanan (escoceses), Elie e Jacques, francêses, entre outros.

Nas faculdades maiores não era menos brilhante o concurso de dotuores e

D JOÃO III

professores. Assim, na Theologia apparecem-nos: o Dr. Affonso do Prado, o Dr. Francisco de Masson, já da Universidade de Lisboa, este, Frei João Pedro, Martinho de Ledesma, Antonio d'Affonseca, Marcos Romeiro; nas cadeiras de Cánones: o famoso Dr. Aspilcueta Navarro, tão desejado para Portugal, quando ensinava em Salamanca, que D. João III metteu por empenho, a fim de o trazer cá, o proprio imperador Carlos V, depois de valiosas promessas feitas ao rogado professor; Morgovejo, tambem de Salamanca, Luis de Alarcão, Manoel d'Andrade, etc; em Leis, entre os seus 18 professores, o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, ainda da Universidade de Lisbôa, Manoel da Costa — o *subtil*, vindo de Salamanca, Fabio Arcas Armanio, vindo de Roma.

Se a Medicina abriu com um unico professor — o Dr. Henrique de Cuellar — teve depois Thomaz da Veiga, Antonio Barbosa, Affonso Guevara, e o afamado Rodrigo Reynoso.

A cadeira de Mathemathica foi regida de começo pelo celebre Pedro Nunes, já professor de Artes e Reitor em Lisbôa, e que ainda regeu aquella cadeira no reinado de D. Sebastião.

Dentro de pouco tempo, a Universidade de Coímbra attrahia tamanha concorrencia, que nem o tempo nem o espaço chegavam para dar entrada a quantos queriam ouvir mestres tão conhecidos. Tornou-se necessario que, alem dos professores effectivos, viessem reger cursos extraordinarios outros doutores, visto permittirem-no os Estatutos manuelinos em vigor; para a época das ferias do verão foram creadas duas cadeiras em cada faculdade, com salário especial de professores para esse periodo de férias.

Emfim, pediam-se então aulas com o mesmo furor com que hoje se pedem feriados!

E era tal a abundancia de homens habilitados ao ensino pela nossa Universidade, que Portugal teve de exportar professores, a convite das outras nações.

Exodo glorioso este dos doutores de Coímbra do seculo XVI!

Por toda a parte os encontrariam; em Salamanca, em Paris, em Roma, em Louvain, Pisa, Bolonha, Montpellier etc.

Parecendo ter ainda a consciencia de quanto valia essa instituição, cuja mudança para Coímbra tão diligentemente ordenára — o Rei D. João III não ficou estranho ao enthusiasmo espalhado durante os primeiros doze annos, e quiz honrar a Universidade com a sua visita e de toda a familia real, no anno de 1550. E tão grande era a distancia e a altura a que a Universidade de Coímbra estava, comparada com o antigo Estudo de Lisbôa — que a sua corporação recebeu o rei como receberia um fundador.

E comtudo o período d'esta existencia

EVORA — EDIFICIO DO LYCEU, ONDE ESTEVE A UNIVERSIDADE

brilhante e fecunda não alcançou vinte annos!

Como explicar então a sua decadencia?

Alem das causas geraes da decadencia nacional — pode ella explicar-se por duas influencias funestas, cuja eclosão e desenvolvimento prendem, em grande parte, com o feitio e caracter do proprio Rei — «imbecil ou ignorante, em todo o caso fanatico» — como escreveu Herculano.

Essas duas influencias fôram a da Inquisição — tribunal introduzido em Portugal pela bula de 23 de maio de 1536, de Paulo III, a instancias de D. João III; e a da Companhia de Jesus, introduzida no país em 1540, tambem a pedido do monarcha.

Não é neccessario estar animado do espírito de hostilidade que verte do *Compendio historico* para attribuir aos Jesuítas a parte principal no desbarato da nossa gloriosa Universidade do século XVI. Isto sem golpe nas qualidades e talentos de individuos pertencentes á Companhia, e que tambem pertenceram, alguns, ao corpo universitario.

Foi de consumada habilidade e astúcia o plano de ataque concebido e executado contra a Universidade pela Companhia de Jesus.

Podemos encará-lo sob três aspectos, que correspondem aos campos e meios de acção escolhidos pelos persistentes inimigos; a) — conquista dos elementos de ensino existentes; b) exigencias de ordem economica; c) creação de instituições concorrentes.

Começam pela conquista do *Collegio das Artes*, que logo em 1555 lhes é forçadamente entregue por Diogo de Teive, em vista da carta régia de 10 de setembro desse anno. E tomam o centro do ensino secundario e preparatorio já com a mira na conquista do ensino superior.

Como este, no emtanto, se encontra ainda cheio de prestígio e de força, tra-

tam de obter a separação das Artes menores das Maiores, isto é, de obter que o *Collegio das Artes* volte a ser da independente jurisdicção universitaria, para o tornarem bem *seu*, e de sua feição. Até que, conseguido o monopólio do ensino secundario, a par de medidas crescentemente restrictivas das liberdades e prerogativas do antigo Estudo — obtenham a admissão dos seus examinados e alumnos aos graus universitarios, sem juramento nem propinas; e depois: a equiparação dos religiosos da Companhia, embora graduados fóra da Universidade, aos graduados desta, e a condição, imposta aos estudantes de Cánones e Leis, de apresentarem sempre, para a sua matricula nessas faculdades, certidão passada pelo *Collegio das Artes*.

Quando, porém, já de fóra e de modo indirecto, assim chegam a dominar para dentro da Universidade, tanto andam e intrigam, que conseguem de novo reunir as Escolas Menores com as Maiores, como estavam antes da sua campanha insidiosa.

Para que as teriam, agora, separadas, se umas e outras lhes iam pertencendo?

Era de tão habil tactica unir n'esta altura os elementos conquistados, como o fôra separá-los para os arrancar aos professores antigos, prestigiosos e livres.

E estes, os que restavam, dos bons, o que faziam?

Entre as medidas regias, inspiradas pelos Jesuitas, e as ameaças e perseguições da Inquisição, não lhes restava meio de defêsa. Retiravam-se uns, submettiam-se outros, calavam-se todos, ou abafavam a voz. Eram convincentes os exemplos de severidade e mortificação a que se tinham sujeitado os mais independentes e altivos de espirito.

A expulsão, a ruína e a exautoração figuravam no numero dos mais brandos. Lá viriam o cárcere e a fogueira, e, como expedientes para colher as victimas, a delação, a calumnia, a bisbilhotice sinistra dos fieis.

Tantas vezes, depois, oppostas e rivaes, as duas instituições — Companhia de Jesus e Santo Officio — auxiliavam-se de começo na mais monstruosa, vil e esterilisadora obra de destruição.

Mas notei, até aqui, apenas um dos meios de que os jesuitas lançaram mão: a conquista dos elementos de ensino preexistentes.

Uma outra medida — a de ordem economica — foi a imposição, á Universidade, da despesa com a sustentação dos mestres do *Collegio das Artes*, que dantes eram pagos pelas rendas da Fazenda real.

O terceiro dos passos mais importantes dos Jesuitas, nesse caminho de conquista, consistiu na creação da Universidade de Evora — dotada, de principio, com singulares garantias, embora lhe não fosse dado um quadro completo das faculdades.

Carecendo de espaço para desenvolver estes pontos, quero comtudo indicar as datas que primeiro marcam e balisam o período de decadencia da Universidade.

Data, como disse, de 1555 a entrega do *Collegio das Artes* á Companhia de Jesus. Foi ainda obra de D. João III, assim como a separação do Collegio, sanccionada por uma provisão de 1557. Pouco depois, logo em junho deste anno, morria o monarcha piedoso, de certo em plena paz de consciencia por ter começado a destruir na terra portuguêsa perigosas vegetações de pensamento, cuja seara elle proprio parecera ter querido ver medrar. As outras medidas, alcançadas pela perseverança dos Jesuitas, são já dos reinados seguintes.

Corria a regencia da rainha D. Catharina quando se realizou a abertura solemne da Universidade de Evora.

Pertencem tambem a esta regencia da rainha viuva tres alvarás — dois de 1560, outro de 1561 — contendo os privilegios principaes concedidos ao ensino do *Collegio das Artes*.

Com o governo do Cardeal regente a Companhia entra em pleno período de prosperidade, ao mesmo tempo, é claro, que a Universidade vae declinando, como continuará a declinar durante o reinado de D. Sebastião, e durante o curto reinado desse fraco e lúgubre D. Henrique.

Em taes condições, não havia Estatutos nem actos regulamentares que pudessem valer á Universidade, a diminuir sempre, a mirrar-se dia a dia.

Em todo o seu melhor período, depois da transferencia para Coímbra, regera-se ella ainda pelos Estatutos de D. Manuel — os *terceiros* na ordem historica, pois, á parte algumas provisões e ordens regias avulsas, não quizera D. João III ordenar novos Estatutos.

Mas, embora deixassem muito a desejar, com estes não levára a Universidade muito tempo a attingir uma elevação superior á de toda a sua historia.

É que, se eram incompletos, os Estatutos manuelinos não eram oppressivos. Deixavam ainda entrar para dentro ar e luz — esse ar e essa luz da Renascença, que fecundavam e reanimavam, onde penetrassem.

A liberdade era, como sempre, a melhor garantia de desenvolvimento e de actividade creadora.

SÉ VELHA DE COIMBRA

Nesses dezoito annos de maior brilho não se fizera sentir peso nem sombra de intolerancia.

Por isso mesmo se não tornava necessario mexer na Lei reguladora.

Pois em compensação, pouco depois de começar a invasão teimosa por parte da Companhia — logo em 1559, e d'aqui até 1612, num período de 53 annos apenas, apparecem nada menos de cinco reformas da Universidade, traduzidas noutros tantos corpos de Estatutos.

Explica-se.

Cada reforma representava novo passo e nova conquista da Companhia que contou muitas pessoas affectas entre Reitores, Reformadores e Visitadores da Universidade, a seguir ao primeiro golpe — a invasão do *Collegio das Artes*. Essa serie de Estatutos, dos quaes uns eram impostos, outros acceitos de melhor ou peor feição pelos professores, figuram com as datas seguintes: 1559 (são os 4.os Estatutos), 1565 (5.os Estatutos), 1592 (6.os Estatutos), 1597 (7.os Estatutos) 1612 (8.os Estatutos). De toda a série, apenas especializarei os de 1592, os *sextos*, não só pela difficil e longa gestação que tiveram, mas por dois outros motivos: reorganizaram o estudo das Artes, que ficou com quatro cadeiras, compostas de divisões e subdivisões aristotelicas — desse Aristoteles herdado da Idade-media, e ainda complicado; e fôram os primeiros que se deram á estampa, saíndo impressos em Coímbra no anno de 1593, na officina de Antonio de Barreira, impressor da Universidade.

Ao longo deste período de mais de meio século, e do periodo seguido até D. João V que comprehenderam o reinado de D. Catharina, a regencia de D. Henrique, o reinado de D. Sebastião, o do Cardeal, o dos Filippes, e os dos três primeiros Braganças — nada temos a registar de util e de proficuo para a existencia interna da Universidade.

A orientação e o regime do ensino secundavam e completavam a obra dos Estatutos successivos — a crescente submissão da Universidade ao dominio e aos fins da Companhia. Era o progressivo enfraquecimento e adulteração do espirito e dos processos de verdadeira acquisição scientifica.

(Continua).

MANOEL DA SILVA GAYO

OS SERÕES DOS BÉBÉS

O João Mandrião

Vivia em certa aldeia uma viuva mais um filho, já crescido.

Eram muito pobres, e ella passava os dias e as noites a fiar, mas o rapaz não trabalhava, e só queria estar deitado ao sol, de papo para o ar, quando fazia bom tempo, ou acocorado ao canto do borralho, quando fazia muito frio. Por isso toda a gente lhe chamava o João Mandrião. A viuva já estava cançada de ralhar com o filho, até que n'uma segunda-feira lhe disse que ou elle tratava de procurar vida, ou ella o punha de vez pela porta fóra.

O rapaz disse que sim, comtanto que n'aquelle dia ainda podesse descançar.

E na terça-feira levantou-se mais cedo — não eram ainda onze horas — e depois de almoçar foi offerecer-se a um visinho, que era carroceiro. O visinho ia fazer um frete e levou-o comsigo, para ajudal-o a descarregar as carroças. Por fim deu-lhe um vintem pelo trabalho. O João nunca tinha tido de seu tanto dinheiro e voltou para casa muito alegre, atirando com a moeda ao ar, ate que, passando uma ponte, pespegou sem querer com o vintem para dentro da agua. Disse a mãe ao filho, quando o viu muito desgostoso:

—Quem te mandou ser pateta? Devias ter guardado o vintem na algibeira.

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na quarta-feira o rapaz conchavou-se com um lavrador, que andava a tirar pipas da adega. Á tarde recebeu em paga um cantaro de vinho, e despejou-o para dentro da maior algibeira que tinha no casaco, e foi sempre a entornal-o desde alli até a casa.

—Tu és os meus peccados, gritou-lhe a mãe. Porque não puzeste o cantaro á cabeça?

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na quinta-feira foi trabalhar para um casal, onde estavam fazendo queijos, e á tarde só lhe deram de jornal um queijinho, que por signal ainda estava muito molle. Quando foi para casa, pol-o á cabeça, e como fazia calor o queijo derreteu-se todo e escorreu-lhe pela cara e cabello. A mãe disse lhe muito zangada:

—Estás cada vez mais asno. Na mão é que o devias trazer.

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na sexta-feira foi ajudar uma velha, que se estava mudando. O mais que ella tinha eram gatos e disse-lhe afinal:

—Olha, filho, só te posso dar a minha Malteza. Outra coisa não tenho.

E o rapaz aceitou e foi para casa com a gata segura nas mãos, até que um cão saltou para elles a ladrar, e fez a gata assanhar-se e fugir.

—Valha-te Nossa Senhora!—disse a viuva. A bichana fazia tão bom arranjo, por causa dos ratos! Devias tel-a trazido atraz de ti, amarrada com uma corda.

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

No sabbado foi ajudar a matar um porco e o dono deu lhe em paga, sabendo da pobreza em que elle vivia mais a mãe, uma cabeça de porco. E vae o João amarrou-o muito bem com uma corda e levou-a de rojo por cima da lama e da sujidade, batendo com ella tanta vez nas pedras do caminho que se perdeu a carne quasi toda. A mãe disse mais zangada do que nunca:

— Assim estragaste o jantar de ámanhã! Devias trazel-a ás costas, grande parvo!

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na segunda feira seguinte foi ajudar um burriqueiro e esteve lá até ao sabbado e por isso o homem lhe deu um burro. Custou-lhe muito a pol o ás costas, mas por fim lá se arranjou, tendo primeiro o cuidado de tirar o chapeu e o casaco e de os pôr no burro, para não se estragarem debaixo da carga. Quando ia andando muito ajoujado, passou á porta de um ricaço que tinha uma filha surda-muda. Ora os doutores diziam que para ella ouvir e fallar outra vez, bastava que désse uma grande gargalhada, coisa que ainda ninguem tinha podido conseguir. A menina estava á janella quando viu o burro de pernas muito espetadas, escarranchado como gente nas costas do rapaz, e desatou a rir, a rir, e logo alli mesmo ficou falando e ouvindo. O pae parecia doido de alegria e, para cumprir uma promessa que tinha feito, casou a filha com o rapaz.

Aqui teem como o João Mandrião enriqueceu e se fez pessoa importante. A mãe foi para casa d'elle e chegou até muito velha, sem nunca dizer aos netos que o pae se tinha chamado João Mandrião.

QUEBRA-CABEÇAS

É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, *onde terão cabimento todos os problemas de diversas indoles que possam exercitar as faculdades do raciocinio. Os* Serões *convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a indole das questões que especialmente nos conveem, continuamos n'este numero o interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas.*

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogriphos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocinio se possa impôr á nossa attenção pela sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje continuamos n'esta secção e pelos problemas que apresentamos sob o titulo «Para Scismar», perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

«Solvitur ambulando»

Ha problemas que teem o privilegio de irritar os nervos por causa da difficuldade real que se occulta sob a apparente facilidade. Tal é o seguinte:

«Se tres serpentes, formando circulo, desatarem a engulir-se umas ás outras, começando pela cauda, parece que o circulo deve diminuir gradualmente de diametro. Até que ponto irá parar por este processo, e que succederá ás cobras?»

O leitor que parafuse no caso, se estiver para isso.

A este problema se pode dar uma resposta analoga á famosa resposta dada por um rabugento ao celebre philosopho grego Zenon. Pretendia este engenhoso casuista provar que não existia movimento, e a sua argumentação era a seguinte:

«Todos os corpos devem estar n'um ponto ou n'outro. É impossivel que um corpo esteja ao mesmo tempo em dois sitios, portanto é impossivel que haja movimento.»

Parecia, e ainda parece, o argumento irrespondivel. Mas a resposta do tal sugeito impaciente *solvitur ambulando*, «a solução é andar», é talvez afinal a melhor de todas as soluções. Quer dizer, em vez do raciocinio, a experiencia que resolva o caso.

Muito similhante a este é aquelle velho enigma grego do veloz Achilles e do Kágado. Ao passo que o Kágado vence a muito custo dez metros, Achilles deixa cem metros atraz de si. N'uma corrida de velocidade entre os dois, Achilles dá ao Kágado cem metros de

partido, e n'essas condições teimavam os escolasticos que Achilles nunca poderia alcançar o seu pachorrento competidor. «Porque», diziam elles, «quando Achilles completou os seus cem metros, o Kágado tem dez metros de deanteira. Emquanto Achilles percorre esses dez metros, adeanta-se o Kágado mais um metro. Ao tempo em que Achilles venceu esse metro, ainda o Kágado tem um decimetro de vantagem. Quando Achilles avançar mais esse decimetro, está o Kágado um centimetro adeante d'elle. Por esta forma, o raciocinio pode prolongar-se infinitamente, demonstrando com a maior evidencia possivel que, apezar da velocidade superior, Achilles ha de ser sempre distanciado pelo Kágado.» É claro que na argumentação ha de haver uma falha, por isso que na pratica a conclusão é sem duvida opposta. É o caso do *solvitur ambulando*.

Até ao infinito

É de natureza identica o seguinte problema:

«Um sujeito, que deve dez mil réis a outro, promette pagar segundo as seguintes condições. No primeiro mez dá-lhe cinco mil réis, no segundo dois mil e quinhentos, no terceiro mil duzentos e cincoenta, e assim successivamente, sendo cada pagamento egual a metade da importancia do precedente. Suppondo-se que o devedor tem sempre maneira de dar o equivalente exacto de cada prestação, em quanto tempo se realisará o pagamento total da divida?»

Mathematicamente, a resposta é *nunca*. Se fizerem a conta, verão que no fim do anno, a divida ainda monta a dois reaes e uma fracção inferior a metade. Se as prestações continuarem a ser feitas segundo a mesma proporção, e o credor e o devedor viverem até ao dia do juizo final, ainda n'esse momento não estará saldada a divida, por infinitessima que seja a differença a favor do credor.

Ha quem diga que os burros são animaes intelligentissimos, talvez ainda levando vantagem aos cães. Mas, se dermos credito a certos adeptos da logica impreterivel, o celebre burro de Buridan, collocado entre duas medidas de cevada exactamente eguaes e exactamente á mesma distancia do seu focinho, devia morrer de fome. Com effeito, não se offerece ao espirito d'aquelles sujeitos razão sufficiente para que o burro preferisse a medida da direita á da esquerda, ou vice-versa. E n'estas condições o pobre do animalsinho seria victima das suas faculdades logicas. Mas nós estamos persuadidos que, por mais burro que fosse, elle mandaria a logica á fava, e não permaneceria n'um estado de equilibrio instavel senão o tempo absolutamente preciso para se compenetrar da situação.

Calculos curiosos

Ha outra especie de perguntas que levam a resultados curiosissimos, explicando de um modo perfeitamente simples e natural muitas das pretendidas coincidencias extraordinarias que maravilham as almas simples. Por exemplo:

«Como se prova que existem no mundo duas pessoas, pelo menos, que teem na cabeça exactamente o mesmo numero de cabellos?»

Calculem pelo alto o maximo numero de cabellos que podem crescer na cabeça de um individuo. Um milhão já é um numero consideravel, mas, para não haver duvidas na cadeia da argumentação, supponham mesmo que se possam contar dez, cem milhões de cabellos n'um toutiço humano. Ainda assim ficarão muito abaixo do numero que representa a população total do mundo. Admittido isto, está provada a asserção. Basta que o numero de individuos exceda em dois a mais exorbitante avaliação do numero de cabellos existentes em uma cabeça, para que haja pelo menos dois individuos com o mesmo numero de cabellos exactamente. Ainda suppondo que existe um individuo careca como uma bola de bilhar, e que ha cem milhões d'elles que possuem desde um cabello até cem milhões, a cabeça do segundo homem que excede os cem milhões, deve egualar em numero de cabellos alguma das incluidas n'esses cem milhões.

Por forma identica se provará o erro dos naturalistas, quando affirmam que a natureza nunca faz dois objectos absolutamente eguaes, quer sejam folhas de plantas quer caras de gente. O ponto é mostrar que as differenças, existentes entre as folhas ou entre as caras, são menos que o numero total de folhas ou de caras que ha no mundo. Note-se que a população do mundo, n'um dado momento, sobe a um numero respeitavel de centenas de milhão. Se considerarmos o numero de entes humanos que hajam vivido, supponhamos, durante os ultimos mil annos, chegaremos a

numeros tão elevados que a imaginação mal os concebe. É indubitavel que esse numero ha de exceder muito quaesquer differenças perceptiveis aos nossos deficientes sentidos— n'um objecto de tamanho tão limitado como uma cara humana. Por conseguinte, a conclusão inevitavel é que cada individuo possue ou possuiu no passado um duplicado da sua pessoa, pelo menos, provavelmente muitos, absolutamente identicos no aspecto. Por extraordinaria que esta conclusão nos pareça, não ha meio de fugir á convicção de que ella não é um simples capricho de fantasia, mas uma verdade positiva. Veja-se como este facto tem sido aproveitado pelos escriptores de obras de imaginação, e repare-se como é frequente apparecerem nos tribunaes casos de erro de identidade.

Armadilhas ao pensamento

Supponham que um cavallo e uma vaca estão deitados em differentes pontos de um campo que tem de comprido o dobro da largura. Qual será a differença entre a maneira por que os dois animaes se levantam? Experimentem fazer esta pergunta a um amigo lavrador, e vejam se encontra sem hesitação a resposta, por mais intelligente e vivo que seja. E no emtanto ella é simplicissima: ainda que o campo tenha de comprido cincoenta vezes a largura, o cavallo levantar-se-ha primeiro nas patas deanteiras, e a vaca nas trazeiras, sem se importarem nada com as dimensões do campo.

Menos desculpa terá o lavrador que succumba á anterior pergunta mystificadora, do que o relojoeiro de aldeia que caia na seguinte esparrela. Conte-lhe o leitor que ha pouco fez encommenda de uma corrente de relogio, mas que, devido a qualquer equivoco, o ourives forneceu, não uma corrente completa, mas seis pedaços contendo cada um quatro elos para a cadeia. Deseja o leitor que lhe unam esses pedaços; se o relojoeiro quer encarregar-se d'esse trabalho, pagar-lh'o-ha á razão de um tostão por cada elo que elle abrir, e outro tostão por cada elo que elle fechar. Se elle estiver de accordo, pergunte-lhe qual é a importancia total.

Segundo todas as probabilidades, elle responderá immediatamente: «Dez tostões», explicando-lhe que para unir as secções elle terá que abrir e fechar pelo menos cinco elos. «Não lha tal!» replicará o leitor. «Se eu lhe pagar con forme as condições propostas, não tenho que lhe dar mais de oito tostões».

Se elle fizer questão, o leitor tratará de lhe mostrar que, caso elle pegue n'uma das secções e abra os quatro elos de que ella é formada, bastarão elles para unir n'uma cadeia as restantes cinco secções. Elle não terá remedio senão admittir que a razão está da parte do leitor.

Muitas perguntas terão egualmente resposta prompta, a qual, conforme o desejo do mystificador, será erronea.

Entre ellas ha aquella velhissima: «Quem é é o pae dos filhos de Zebedeu?» Uma da mesma familia se costuma fazer em Inglaterra: «Noé teve tres filhos, Sem, Cham e Japhet. Quem foi o pae d'elles?» E outra tambem curiosa é a seguinte: «Quem foi o matador de Caim?» Qualquer pessoa desprevenida responderá quasi invariavelmente: «Abel». É espantosa a quantidade de gente, aliás esperta que deixará de dar a devida resposta ás perguntas antecedentes, quando enunciadas com rapidez e a serio.

Para seismar

Adivinhar um numero

Maneira de atrapalhar as pessoas, com um numero de tres algarismos.

Peçam a um amigo que ponha um numero d'esses no pensamento. Digam-lhe que inverta a ordem dos algarismos, e que subtraia o menor do maior. Suppunhamos que elle pensou no numero 487, que invertido dá 784: o resto será portanto 297. Agora o ponto é o seguinte: Depois de elle ter feito as operações indicadas, peçam-lhe que lhes diga o ultimo algarismo do resto. Immediatamente lhe poderão declarar qual é esse resto. É facillimo; porque o algarismo do meio deve ser sempre 9, e a somma dos dois outros deve ser tambem 9. Assim, sendo o ultimo algarismo 7, no exemplo acima, o primeiro será forçosamente 2.

As secções da batata

A figura junta representa uma fatia de batata, de feitio especial, na qual se espetaram seis phosphoros.

Trata-se de a pôr em cima da mesa, e com uma faca fazer dois córtes em linha recta, de forma que se reparta a batata em seis pedaços, ficando em cada um d'elles um dos phosphoros espetado.

O diametro de uma esphera

Ora vamos lá a ver se ha quem resolva o engenhoso problema que vamos apresentar, envolvendo principios de geometria e de physica.

Supponham que teem deante de si uma esphera, uma bola de bilhar por exemplo, e que precisam determinar-lhe o diametro. Não querem riscal-a, nem podem fazer uso do compasso. N'estas condições, como hão de resolver o intrincado problema?

Esperamos as respostas dos estudiosos.

Um testamenteiro atrapalhado

Isto de testamentos extravagantes é coisa tão vulgar em problemas, que chega a gente a suppôr que os mortos ficam na outra vida a regalar-se de pôrem os vivos difficuldades. Mas casos ha em que é a sorte quem cria terriveis embaraços. Aqui teem um exemplo:

Um patusco endinheirado morreu, deixando a viuva em vesperas de lhe dar um herdeiro. (Isto, já se vê, aconteceu n'uma terra onde havia para testar a maxima liberdade). Aberto o testamento, reconheceu-se que continha, em resumo, as seguintes disposições:

Se o filho que estava para nascer fosse varão, ficaria este com dois terços da fortuna, restando para a viuva um terço. Se acaso pelo contrario fosse femea, o testador destinava á viuva dois terços da fortuna, reservando para a filha o terço restante. Succedeu um caso inesperado: nasceram dois gemeos, um rapaz e uma menina. Afflicções do testamenteiro!

Como é que n'estas condições deve ser repartida a herança, para corresponder á vontade do testador?

Qual é o partido?

Conheço tres amigos, Antonio, Bernardo e Carlos, que se reunem ás noites n'um club, onde se entreteem a jogar o bilhar. Mas são de força desegualissima. O Antonio, quando joga com o Bernardo, dá-lhe 30 de partido ás 50. O Bernardo, quando joga com o Carlos, dá-lhe partido egual. É claro que o Carlos nunca se atreveu a medir-se com o Antonio, tal é a differença entre as suas forças. Mas de uma vez que se encontram os dois sósinhos, o Antonio propõe uma partida. O Carlos acceita, com a condição que o partido seja equitativo, segundo a proporção determinada pelos numeros acima. Qual será n'este caso o partido que o Antonio deve conceder ao seu humilde parceiro?

N'um dos numeros seguintes, trataremos das soluções dadas pelos nossos leitores aos problemas do n.º 1. E daremos sempre longo praso, afim de que os leitores, residentes fóra de Portugal, possam ter tempo de enviar-nos quaesquer respostas.

Primeiro concurso dos SERÕES

Chamamos a attenção dos «photographos amadores» para o programma do nosso primeiro concurso, inserto nas paginas de annuncios.

ACTUALIDADES

Grandes topicos

As negociações da paz

Entrevistado por um jornalista francez, o chefe da missão diplomatica russa que foi a Washington para negociar a paz com o Japão, o Sr. de Witte, affirmou que a Russia não estaria disposta a fazer a paz por todo o preço, e que se o Japão fosse muito exigente ella empregaria os vastos recursos de que ainda dispõe para continuar a guerra.

Ao mesmo tempo, annunciou-se o projecto de uma alliança russo-japonêsa, cujo tratado se firmaria immediatamente ao restabelecimento da paz.

Comquanto seja notoria a boa-vontade dos negociadores russos e japonèses que o Presidente Roosevelt convidou a conferenciarem em Portsmouth, é possivel que taes negociações não cheguem a bom termo. N'este caso, proseguirá a guerra, mas sem vigor. Os japonêses irão consolidando a sua occupação em todo o territorio conquistado, e as potencias ver-se-hão obrigadas, por seu proprio interesse, que é o interesse do seu commercio, a reconhecer a legalidade das auctoridades de facto, que serão as auctoridades japonêsas.

Uma entrevista de Imperadores

O Imperador da Russia, que desde o assassinio do Grão Duque Sergio não tornara a apparecer em publico, ameaçado de morte pelos revolucionarios, ousou arrostar com essa ameaça, saindo do palacio e embarcando no yacht *Estrella Polar*, para ir ter uma conferencia com o Imperador da Allemanha, que tambem embarcara, para o mesmo fim, no *Hohenzollern*..

O *Estrella Polar*, conduzindo Nicolau II e o Grão Duque Miguel, ancorou em Bjorko, apparecendo pouco depois o *Hohenzollern*. Foi o Imperador Guilherme que deixou o seu navio para ir ao encontro do Czar, trazendo-o depois em sua companhia para o mesmo navio. Ali cearam, e conferenciaram por largo tempo. Na noite seguinte o *Estrella Polar* voltava a Peterhoff, onde Nicolau II desembarcou, «parecendo muito contente», segundo diz um correspondente do *Matin*, que conseguiu assistir ao desembarque.

Nos circulos politicos assumiu a noticia d'esta entrevista uma grande importancia, sobretudo por ser da iniciativa do Imperador Guilherme, que foi tambem o primeiro a assignalar o «perigo amarello».

UM AUXILIO INESPERADO

Caricatura extrahida do «Brooklyn Eagle»

Parece que o encontro dos dois soberanos foi precedido de uma serie de cartas em que se discutiu a questão da paz. Presume-se que Guilherme II, em vista da precaria situação da Russia no Extremo Oriente, terá tido justificados receios pelas suas pos-

RESULTADO DA DIPLOMACIA GERMANICA

A PORTA ABERTA EM MARROCOS

Caricaturas extrahidas do «Kladeradatsch»

sessões asiaticas, e offerecido apoio ao Czar para as negociações da paz, formando-se em compensação do accordo a alliança da Allemanha, Russia e França, para estabelecer uma base de acção commum no Extremo Oriente. Esta intelligencia, á semelhança da alliança germano-italo-austriaca, isolaria completamente a Inglaterra, augmentando grandemente o poder da Allemanha.

A imprensa de todo o mundo consagrou columnas e columnas á entrevista dos Imperadores, com abundantes e variadas hipotheses; mas, por emquanto, ninguem poude descobrir-lhe o profundo designio.

PORTO DE ODESSA

SITUAÇÃO INTERNA DA RUSSIA

Apesar de toda a resistencia de um governo autocrata e de uma burocracia reaccionaria, os *zemstvos* reuniram-se em Moscow, tomando resoluções radicalmente revolucionarias. Está o mundo assistindo a um colossal movimento do enorme imperio, ao lado do qual a Revolução Franceza diminue de importancia intrinseca, embora fosse maior pelo seu poder expansivo. As doutrinas democraticas propagam-se espantosamente pela Russia inteira, levando o povo á consciencia dos seus direitos, ha seculos recalcados pela autocracia. É um drama grandioso e empolgante, que terá decerto por desenlace a libertação da Russia.

A caricatura, que extrahimos de um jornal americano, mostra admiravelmente a influencia que teve o Japão para se chegar a este admiravel resultado. É a illustração d'aquelle grito, que se attribue á populaça revolucionada: «Viva Togo, libertador da Russia!»

Uma das peripecias violentas da colossal tragedia dera-se já ha tempos em Odessa, quando a guarnição do couraçado *Kniaz Potemkin* se insurreccionou e ameaçou a cidade de um bombardeamento. Os incidentes d'este caso são por demais conhecidos. A' semelhança do navio-phantasma da lenda, o couraçado andou uns poucos de dias pelos portos do Mar Negro, até que os insurrectos se viram forçados a entregal-o nas mãos do governo roumaico.

Quantos mais episodios tragicos nos reserva o futuro, n'esta lucta tremenda entre uma burocracia oppressiva e corrupta e as legitimas aspirações de um povo inteiro, cansado de soffrer!

ATTENTADOS NA TURQUIA E NA GRECIA

No fim de uma festa soberana na Mesquita de Constantinopla, quando o Sultão vinha a descer o primeiro degrau da grande escadaria, foi-lhe atirada uma bomba de dynamite, que fez explosão a 30 metros de distancia d'elle. Foram mortas e ficaram gravemente feridas muitas pessoas, e destruidos muitos cavallos e alguns carros.

As janellas da torre do Relogio e as do pavilhão reservado para os membros do corpo diplomatico, foram tambem attingidas por estilhaços da bomba.

O COURAÇADO DRAKE
DO COMMANDO DO PRINCIPE DE BATTENBERG

PROJECTO DE FRISO PARA O PALACIO DA PAZ
Caricatura extrahida do «Puck» de New-York.

Ao estampido, que foi enorme, seguiu-se um violento panico, parecendo ser o Sultão a unica pessoa que conservou o sangue frio. Continuou a descer a escada muito serenamente, subiu para o carro que o esperava, e elle mesmo tomou as redeas dos cavallos, dirigindo-se para Ildiz-Kiosque, em meio dos applausos do seu sequito.

Menos feliz do que o Sultão foi o primeiro ministro da visinha Grecia, Delyannis. Ferido por um jogador de officio, que lhe attribuiu, pelas suas prohibições, a ruina e a miseria, o velho estadista succumbiu pouco depois. O seu funeral, em que se fizeram representar todas as classes sociaes da nação hellenica, a começar pelo proprio rei, foi uma manifestação imponente e mais um frisante protesto contra a brutal solução, dada pelos descontentes aos perpetuos conflictos levantados entre governantes e governados.

UMA VISITA PRINCIPESCA

Foi Lisboa honrada com a visita do principe de Battenberg, a qual vem ainda mais cimentar os vinculos que prendem o nosso paiz á sua antiga e poderosa alliada Grã-Bretanha. Estes motivos eram mais do que sufficientes para que a recepção feita ao principe, por parte da familia real e da alta sociedade lisbonense, fosse carinhosa e captivante, embora fosse naturalmente destituida d'aquelle publico enthusiasmo que assignalou as visitas de Eduardo VII e de sua graciosa Rainha (segundo a cavalheiresca phrase ingleza).

DELYANNIS — PRIMEIRO MINISTRO DA GRECIA ASSASSINADO EM ATHENAS

CONTA DE GUERRA IMPOSTA PELO JAPÃO

Eis a conta que um artigo de uma revista ingleza suppõe será apresentada pelo Japão á Russia, para justificar a indemnisação da guerra:

	Libras
Dinheiro levantado por emprestimo ou outra forma........	116.500:000
Compensação para invalidos, viuvas e orphãos............	30.000:000
Compensação á população civil por damnos soffridos por causa da mobilisação, perdas e lucros cessantes, etc...............	15.000:000
Avarias de material de guerra, liquidação da guerra e varias despezas	20.000:000
Total...........	181.500:000

Esta quantia — que representa para nós, ao par, a linda somma de 816:750 contos de réis — é a que o

O NOVO DERRIÇO DE MISS BRITANNIA
Caricatura extrahida do «Simplicissimus»

articulista espera será reclamada pelo Japão, caso a guerra termine sem demora. Mas o Japão tem todo o direito de exigir muitissimo mais do que as suas despezas de guerra. A guerra franco-allemã custou á Allemanha 64 milhões de libras, e a França teve que lhe pagar 200 milhões. Além d'isso, cada dia de guerra a mais accrescenta á conta futura do Japão cerca de meio milhão de libras.

SITUAÇÃO POLITICA DO MUNDO — E' suggestiva e engraçadamente commentada a situação geral do mundo pelo friso proposto por um caricaturista para o Palacio de Paz na Haya. Vê-se por alli a maneira affavel e altruista por que as potencias se tratam umas ás outras.

Um outro caricaturista inspira-se especialmente na situação da Inglaterra, *miss* esgalgada e loura que prefere abrigar de uma grande batega de agua o seu novo *sweet heart* francez, deixando ignominiosamente encharcar-se o seu mais antigo conversado japonico.

Graças á importuna intervenção do valentão germanico, é possivel que o caricaturista do *Simplicissimus* se illudisse. Quem se molha mais, afinal de contas, é possivel que seja a França.

E' mordaz a fórma por que o jornal allemão *Kladeradatsch* allude ao desastre diplomatico do rival francez. Apesar da queda de Delcassé, apezar da apparente cordialidade de relações que se seguiu ao estourar da bomba diplomatica do Kaiser, é indubitavel que um perigo ainda subsiste no Occidente — o perigo de Marrocos, que é possivel não seja conjurado pela futura conferencia

Tão excitados estão os animos por essa Europa, que o mais simples passo fóra dos atalhos batidos basta para os alvoroçar. Tal está sucedendo com a annunciada visita da esquadra britannica do Canal ao Baltico, na qual os *Chauvinistas* germanicos pretendem ver uma ameeça. Esse alvoroço é symptoma grave.

A aguia negra afia as garras, emquanto o leopardo rosna da sua toca insular. Permitta Deus que as duas feras se aquietem!

Vida na arte

O CHAT NOIR — QUEM, tendo ido uma vez a Paris, não desejou vir, e não foi, ao *Chat Noir?*

Era uma casa de pittoresca architectura, situada na rua Victor Massé, interiormente decorada por Cheret, tão famoso pelos seus cartazes. Dentro d'essa casa havia um homem chamado Rodolfo Salis, que vendia cerveja, gabando-lhe o sabor com epithetos truculentos e imagens sempre novas. Em volta d'esse homem reunia-se um grupo de humoristas que escreviam a lettra e compunham a musica de cançonetas que elle cantava. Os criados que serviam a cerveja vestiam a farda da Academia Francêsa, e tudo o mais, ali, se harmonisava com tão risonho despauterio. Paris, que é terra onde sempre viceja o espirito, alimentou por largos annos o galhofeiro Cenaculo de Salis. Burguêsas e *grandes dames*, principes e vagabundos, todos quizeram penetrar algum dia n'aquella caverna de alegres maleficios. Do *Chat Noir* irradiaram, para a fama universal, talentos como os de Capus, de Caran d'Ache, de Courteline, de Willete...

Morto Salis, a cerveja e o espirito da rue Victor Massé nunca mais tiveram o sabor que então tinham. E o *Chat Noir* começou a decahir. Demoliram-lhe as tradições; agora estão a demolir-lhe a casa. *Tout passe!*

SARAH BERNHARDT DRAMATURGA — A grande actriz francêsa representou ultimamente em Londres uma *Adriana Lecouvreur*, versão sua, que diverge essencialmente da peça de Legouvé e Scribe. O drama agradou bastante ao publico, mas mediocremente aos criticos. Alguns acharam-no palavroso, pesado e incomprehensivel, ainda mesmo em confronto com o melodrama que a actriz pretendeu melhorar. Um jornalista inglez suspeita que a verdadeira explicação da tentativa renovadora é a introducção de uma nova personagem, que é nada menos que Voltaire. Na opinião d'elle, Madame Bernhardt quiz reparar a omissão dos seus antecessores, «dando a Voltaire constantemente o seu sorriso ironico e matando Adriana na sua presença afim de lhe purgar de ironia esse sorriso. Mas o nosso é que ella não consegue purgar da mesma forma. Por mais lamentavel que seja acolher com sorriso ironico uma obra que evidentemente custou á artista muita somma de trabalho e de tinta — tinta demais até! — nós não podemos furtar-nos a tal sorriso».

Crueis palavras, as do critico, apenas attenuadas com elogiosas referencias ao desempenho.

ROUBO DE UMA PRECIOSIDADE ARTISTICA — DO Museu Real de Haia (Hollanda) foi roubado um quadro muito valioso, do pintor Franz Halls, representando o busto de um homem com largo chapeu de feltro, e grande cabeção de rendas. A téla mede $24^{m},5$ centimetros de altura por $19^{m},5$ centimetros de largura.

O Governo hollandez dá 500 florins de alviçaras a quem entregar o quadro, ou indicar o seu paradeiro.

Vida na sciencia

O ECLIPSE DE 30 DE AGOSTO COMO SE HADE VER EM ST. AUGUSTINE (1), WASHINGTON (2), NOVA-YORK (3), MONTREAL (4), LONDRES (5), PARIS (6), LISBOA (7), MADRID (8), E BURGOS (9)

O ECLIPSE DO SOL DE 30 DE AGOSTO

No proximo dia 30 d'agosto a natureza fornecerá á contemplação humana um dos seus mais grandiosos e suggestivos phenomenos. Os tres astros, Sol, Lua e Terra, obedecendo ás precisas leis dos seus movimentos, encontrar-se-hão durante um curto, mas solemnissimo e precioso espaço de tempo na mesma linha recta, ficando occulto durante momentos, para uma determinada faxa terrestre, o radioso disco solar.

Para a sciencia, um tal phenomeno tem sempre uma importancia assombrosamente grande, e o que agora se vae dar attrahe ainda d'um modo particular a attenção dos sabios em virtude de circumstancias egualmente particulares que lhe são inherentes.

O que vemos habitualmente do Sol é apenas uma fracção de toda a materia d'este grandioso astro, e só durante a curta duração dos seus eclipses totaes podemos observar a sua atmosphera ou corôa, mais volumosa que o proprio globo solar. E sendo então esta atmosphera assaz accessivel aos instrumentos d'observação, e sendo ella ainda como que o reflexo dos phenomenos que se passam na massa interna solar, inaccessivel á observação humana, comprehende-se quam importante seja para a sciencia um eclipse total do Sol. Aquelles escassos momentos durante os quaes a Lua esconde por completo o disco solar, deixando só a descoberto a maravilhosa corôa, são assaz preciosos, em virtude da raridade do phenomeno. A tudo isto, e valorisando ainda mais o proximo eclipse, accresce que elle se apresenta em tão valiosas condições d'observação que occupa o primeiro logar entre os eclipses que se lhe hão de succeder em todo o seculo XX. A sua zona de totalidade começa no Canadá, ao sul do lago Winnipeg, passa na extremidade austral da bahia d'Hudson, depois um pouco ao norte da Terra Nova, atravessa o Atlantico, corta o norte da Hespanha, atravessa o Mediterraneo por cima das Baleares, corta a Argelia, a Tunisia, o golpho de Gabes, Tripoli, o Egypto, o mar Vermelho, morrendo na Arabia um pouco antes d'attingir a costa do mar d'Oman.

Como eclipse parcial, será o phenomeno visivel em toda a Europa, na Africa septentrional e na parte oriental da America do Norte. Para Portugal, e especialmente para o norte, em virtude da grande proximidade da zona de totalidade, o aspecto do Sol, no momento da phase maxima, será o d'um tenue crescente.

As melhores estações para a observação do phenomeno são povoações hespanholas, argelinas ou tunisianas, como Ferrol, Oviedo, Burgos, Soria, Tortosa, Palma, Philippeville, Sfax, etc., situadas na zôna de totalidade, em algumas das quaes a duração do phenomeno chega a attingir mais de 3 minutos e 30 segundos.

É para estas regiões que se dirigem os differentes sabios que esperam tirar da observação do eclipe uteis ensinamentos astronomicos.

Os instantes da totalidade no Labrador e no Egypto são separados por um intervallo de duas horas e meia. O observatorio de Lick, na California, aproveitou esta circumstancia para a observação, preparando tres expedições scientificas subordinadas a um programma, expedições que observarão o phenomeno no Labrador, na Hespanha e no Egypto. Como o anno de 1905 é um anno de grande actividade solar, as observações do eclipse terão sob este ponto de vista uma excepcional importancia. O estudo da *corôa* deve tambem receber novos elementos elucidativos com a observação do proximo eclipse. Tem-se, com effeito, reconhecido que a fórma da corôa está dependente do estado da actividade do Sol.

THEORIA GERAL DOS ECLIPSES

O proximo eclipse poderá ainda conduzir a uma sensacional descoberta astronomica — á descoberta de planetas intramercuriaes ou de cometas fracos visinhos do perihelio. Este problema dos planetas intramercuriaes, desde ha muito abandonado, foi ultimamente posto em discussão pelos astronomos americanos, que intentam resolvel-o por meio da photo-

graphia. Realmente, se apparecesse uma imagem normal nos clichés photographicos das tres estações d'observação do eclipse, situadas no Labrador, na Hespanha e no Egypto, estariamos em presença d'um novo planeta cuja orbita seria logo determinada pelas

ZONA DE TOTALIDADE DO ECLIPSE DE 30 DE AGOSTO

tres observações. O eclipse de 30 d'agosto revelar-nos-hia assim um desconhecido irmão da Terra.

Além das observações terrestres, far-se-hão tambem algumas atmosphericas, em balão, em Burgos e na Argelia, e das quaes se esperam preciosos resultados scientificos.

O proximo eclipse do Sol é, pois, um acontecimento de superior valôr scientifico e que chama egualmente a attenção dos sabios e dos simples observadores da natureza. Os primeiros esperam-no com anciedade para satisfação da sua ancia de saber e os segundos para assistir a um dos mais grandiosos phenomenos que póde contemplar a vista humana.

MARIOTTE.

PREMIO DE BACTEREOLOGIA

Em novembro de 1899, os empregados da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa nomearam entre si uma commissão que trataria de obter, por subscripção publica, o capital necessario para um premio annual a distribuir ao alumno que melhor these apresentasse e defendesse sobre bactereologia, em homenagem á memoria do professor Camara Pestana, victima da sua dedicação pela causa da humanidade.

Essa commissão poude angariar 4:600$000 réis, de que acaba de fazer entrega ao Secretario d'aquella Escola, em inscripções.

O premio annual «Camara Pestana» poderá ser pois de 100$000 réis.

PEIXES FAROES

O principe de Monaco communicou ultimamente á Academia das Sciencias de Paris os resultados das suas recentes explorações pelas Canarias e Açores. Entre os novos animaes descobertos com o auxilio de um apparelho que desce ao fundo do mar, ha uns peixes curiosos cujos olhos, á feição de lanternas, illuminam as aguas a certa distancia. É a parte inferior do seu apparelho visual que emitte luz, a qual toma successivamente um grande numero de côres, vermelho, verde, azul, amarello, etc. Segundo as experiencias biologicas, parece que estas variações chromaticas se operam á vontade do animal.

A ORIGEM DA VIDA

O facto scientifico culminante n'este momento é indubitavelmente o resultado obtido nas suas experiencias no laboratorio Cavendish por um physico inglez, ainda bastante novo, Mr. John Butler Burke. As suas descobertas trazem novamente a pello a momentosa questão: É possivel a geração espontanea?

Tem-se supposto geralmente até hoje que dentro de uma substancia absolutamente esterelisada e livre de contaminação exterior, a vida não se podia desenvolver, mortos como ficavam todos os germens.

Ora Mr. Burke expoz uma solução de caldo de carne ou gelatina á acção do radium e n'esse meio, previamente sujeito a condições mortaes para todas as formas conhecidas de vida, cresceram uns corpusculos redondos, com apparencia de bacterias. Trata-se agora de verificar, por meio de successivas

JOHN BURKE — DESCOBRIDOR DOS RADIOBIOS

experiencias, se acaso esses corpusculos são effectivamente centros de vida.

«Radiobios» foi o nome que lhes deu o descobridor. Pensam alguns sabios que elles não são mais do que crystaes.

Circumstancias ha, comtudo, que não permittem essa classificação. Os radiobios subdividem-se e reproduzem-se, ainda mesmo fóra da influencia do radium. É certo que são soluveis em agua quente, e as bacterias não são. Mas, em todo o caso, outros homens de sciencia se inclinam a suppol-os, senão bacterias, pelo menos cousas com vida.

Ha quem tambem supponha que as pretendidas cellulas não são mais do que globulos gazosos provenientes da decomposição da agua pelo radium.

Em resumo, julgam os mais cordatos que deve esperar-se por ulteriores experiencias para assentar n'uma opinião definitiva com respeito aos radiobios.

Radio-actividade

Em todos os laboratorios do mundo se continuam as experiencias sobre os effeitos do radium. O dr. Dissoni, de Bologne, trabalha sobre a cura da hydrophobia por esse agente. Por varias vezes fez inoculações do virus mais violento de raiva em coelhos. Depois tratou-os pelo radium: todos os coelhos inoculados, affirma elle terem-se curado dentro de seis dias.

O Terror dos Gatos

É proverbial entre nós o sentimento de terror que a um dos mais notaveis escriptores nossos do seculo passado produzia a presença de um gato preto.

Pois um medico estrangeiro fez ultimamente curiosas investigações acerca de identica influencia dos gatos sobre certas organizações humanas.

Os asthmaticos,, por exemplo, soffrem muitas vezes terriveis accessos com a vista d'esses animaes. Em certas pesssoas, produz a mesma causa symptomas variados: arripios, horror, fraqueza, oppressão, cerrar de maxillas. Cita-se um caso de rigidez de braços, pallidez, nausea, ás vezes vomitos, convulsões hystericas, até mesmo cegueira temporaria. Ha duas pessoas que se queixam de pesadelos frequentes, em que predominam os gatos.

Um soldado distincto, muito dado em moço ás caçadas ao tigre, não sente perturbaçao alguma deante d'esses grandes felinos, e aterra-se com a vista de um gato domestico.

Poucos dos individuos examinados pódem satisfatoriamente justificar esse terror. Alguns attribuem-no a arranhões com que algum gato os mimoseou em creanças. Todos affirmam que o terror datava da infancia, mas que os outros symptomas appareceram mais tarde e cresceram depois da puberdade.

A quarta parte d'essas pessoas, pelo menos, affirma que os symptomas graves de terror pelo gato constituem um geito de familia. Mas a regra é serem taes casos singulares dentro da mesma familia. Quanto ao sexo, não parece ter influencia notavel, se bem que os symptonas extremos são mais frequentes nas mulheres.

Muitos ha que percebem a approximação de um gato, antes de elle ser visto. Dizem alguns que lh'a revela o cheiro particular d'esses animaes. O observador inclina-se a julgar que essas emanações existem, embora nem sempre impressionem os orgãos do olfacto a ponto de poderem ser consideradas como cheiro.

Vê-se forçado a explicar este terror pela persistencia de instinctos animaes de defeza. Mas admitte que esta opinião tem contra si o facto de que, em muitos dos peiores casos, o paciente não sente o mesmo terror em presença de leões.

ELYSEU RECLUS

O Geographo Reclus

Elisée Réclus, fallecido agora com 75 annos de idade, foi o eminente geographo francez que deu maior impulso ao estudo da geographia, codificando-a sob os seus mais interessantes e mais exactos aspectos. A sua actividade foi prodigiosa e fecunda. Nos seus livros dir-se-ía que se combinam a flamejante eloquencia de um Michelet, o admiravel poder synthetico de um Cuvier, e a racional precisão de um Arago. Não se sabe o que mais admirar nelle, se o seu talento de escriptor, se o seu methodo de sabio.

Quando realisou os trabalhos preparatorios para a sua *Geographia Universal*, Réclus veiu a Portugal, demorando-se algum tempo em Lisboa. O seu ultimo trabalho intitula-se *O Homem e a Terra*, e é como que o remate geral e philosophico das suas ideias e esforços.

As Ostras e a Febre Typhoide

Desde 1896 que voga grande descredito contra as ostras por lhes attribuirem a transmissão do bacillo typhico ou de Eberth. Parece agora demonstrado que, embora a transmissão seja possivel, os casos são excessivamente raros. Averiguou-se egualmente que a enterite, observada em certos pon-

tos do littoral do Mediterraneo e denominada *conchylio-enterite,* é devida á presença nos molluscos comestiveis de um bacillo que offerece grandes analogias, mas tambem differenças importantes, com os bacillos *coli communis* e *Eberthi.* Essas analogias é que deram provavelmente origem á idéa de que a febre typhoide era muitas vezes causada pela ingestão de ostras contaminadas pelos dejectos de individuos atacados d'essa doença. Vê-se pois que a molestia é differente e menos grave. Tranquilisem-se os ostricultores e as familias que frequentam as praias.

A SAUDE DA BOCCA

A British dental Association, importante associação dentaria de Inglaterra, conseguiu, ao cabo de uma intensa propaganda, que fôssem agregados ás escolas publicas d'aquelle paiz dentistas incumbidos do tratamento da bôca das creanças, sem encargo para as familias dos alumnos. Ninguem já póde ignorar quanto a qualidade e o estado do systema dentario influe na saude, quanto as affecções dos dentes prejudicam a nutrição e, consequentemente, o desenvolvimento do individuo. As creanças com má dentadura são sempre mais propensas que as outras ás fôrmas malignas da diphteria, da pneumonia, de todas as doenças infecciosas. A exemplo da Inglaterra, creou-se agora em França, nas escolas municipaes, um serviço de inspecção dental. O dentista inspector examinará a dentadura dos alumnos duas vezes por anno, enviando aos paes d'esses alumnos uma nota determinando o tratamento da bôca que devem seguir.

USANÇA POPULAR JUSTIFICADA PELA SCIENCIA

M. Trillat apresentou à Academia das Sciencias de França uma nota em que assignala as propriedades antisepticas dos vapores provenientes do assucar queimado. O aldehido formico que d'elle se desenvolve pode ser utilisado com muita efficacia na desinfecção dos aposentos, dado o seu poder antiseptico. Assim se justifica o velho costume, muito em pratica ainda em certas terras de Portugal, de queimar assucar para purificar o ar das casas.

Vida no sport

A «COUPE» GORDON BENNETT

Mais uma vez, a 5 de julho, ficaram victoriosos os francezes no famoso concurso da «coupe» Gordon Bennett. E diz-se que é esta a ultima vez em que se corre a celebrada «coupe». Folgam os francezes de lhe terem feito esplendidas exequias.

Entravam no certamen internacional *équipes* de cada um dos seis paizes: França, Allemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Austria e Italia. Logo desde o começo, a lucta concentrou-se entre os campeões da França e da Italia, Théry e Lancia, montando respectivamente machinas Richard Brasier e Fiat. Na primeira volta, tinha Lancia 6 minutos de avanço. Ainda na segunda volta, leva o italiano a melhor. Mas na ultima, o pobre Lancia ficou com o automovel *en panne*, emquanto o seu adversario o vencia. De raiva, o italiano atirou com a machina por um barranco e despedaçou-a.

Théry tinha vencido. A honra da industria franceza estava salva.

THÉRY, VENCEDOR DA COUPE GORDON BENNETT NA SUA MACHINA RICHARD-BRASIER

CONCURSO DE POMBOS CORREIOS

Realisou-se em Paris um concurso de pombos-correios, sendo soltos 62.000 pombos procedentes de todas as regiões da França. Attingiram velocidades surprehendentes: em distancias de 150 kilometros voaram á rasão de 76 kilometros por hora. Ha aves emigratorias cujas viagens de primavera e outono representam um percurso de 30.000 kilometros, mas a sua velocidade não chega a ser tão grande como a dos pombos. Palmen, Weissmann e Seebohnre passaram annos estudando as emigrações das aves, demonstrando que os passaros mais velhos e mais fortes de cada tribu são os que servem de guias aos bandos de emigrantes; os que se perdem no caminho são sempre os mais novinhos, ou mães que voltam atraz em busca dos filhos. Os machos adultos quasi nunca perdem o rumo, nem tampouco os afasta d'elle a tempestade. Refere Balmen que os passaros, logo que sáem do ninho, começam por

educar o instincto, estudando o terreno que os rodeia, demorando-se em certos pontos dos sitios que atravessam em procura de alimento. Assim desenvolvem rapidamente o sentido da orientação.

O pombo-correio, antes de tres annos de exercicio dirigido por um educador intelligente, não attinge toda a sua habilidade para orientar-se. Todavia, ha exemplos de excepção, citando-se entre estes o de tres pombos, que, vindos dos Estados Unidos, e postos em liberdade logo que chegaram a Londres, immediatamente regressaram aos pombaes americanos.

Record cyclista

Deve interessar o nosso paiz, onde o sport velocipedico excita um vivo alvoroço, a noticia que encontramos de um record cyclista, batido na pista de Buffalo. Venceu-o o cyclista Petit Breton, conseguindo percorrer n'uma hora nada menos de 40 kilometros e 342 metros.

A semana maritima do Havre

Inaugurou-se a grande semana maritima do Havre pelo premio do Presidente da Republica, handicaps para yachts acima de 20 toneladas. O primeiro classificado foi a escuna allemã *Susana*, de 154 toneladas. O premio consistia n'um objecto de *biscuit* de Sávres do valor de 3000 francos.

Seguiu-se o handicap para a *coupe* do Rei de Inglaterra. Entraram poucos concorrentes, porque a maior parte desesperaram em vista da calma pódre. Venceu o cuter americano *Vendetta*, de 76 toneladas.

A «coupe» dos Pyrinéos

Annuncia-se para breve o concurso de automoveis para a *coupe* dos Pyrinéos, organizada pelo jornal *Dépêche* com collaboração de *La vie au grand air*. Eis o programma resumido:

Quinta feira 24 de agosto, partida de Luchon. Passagem pelos desfiladeiros de Peyresourde e de Aspin. Paragem em Bagnéres-de-Bigorre. Almoço em Bagnéres para as tres primeiras categorias de carruagens. Almoço em Argelés para as tres ultimas categorias. Excursão de Gavarnie facultativa. Chegada e dormida em Cauterets. Trajecto: 189 kilometros.

Sexta feira 25, partida de Cauterets. Passagem por Lourdes, Nay, Oloron, Saint-Marie, Saint-Palais, Hosparren. Chegada e dormida em Biarritz. Trajecto: 210 kilometros.

O novo balão de Santos-Dumont

O illustre aeronauta Santos-Dumont mandou construir um novo balão dirigivel, n.º 14, que tem 41 metros de comprido e 170 metros cubicos de volume. A força motriz é produzida por um motor Peugeot de 14 cavallos, com o pezo de 27 kilos. Fizeram-se todas as modificações e todos os aperfeiçoamentos na mira de obter a maxima velocidade possivel.

Variedades

Temporal de calor

Aos habitantes de Portugal, e especialmente aos lisboetas, offerecemos as seguintes notas, que devem saber-lhes como um sorvete n'esta epoca dos caniculares.

Um verdadeiro temporal de calor abrazou New-York durante o mez de julho. No dia 19 o numero de mortes occasionadas pelo calor andou por 60. Na manhã d'esse dia, o correspondente do *Times* leu n'um thermometro, collocado á sombra e n'uma esquina onde corria alguma aragem, a temperatura de 101º Fahrenheit (56º centigrados).

«O soffrimento dos moradores em casas de aluguer é terrivel», accrescenta o correspondente. «Ha gente que dorme nos telhados, nos vãos das portas, nos passeios — em qualquer parte onde se vejam livres dos quartos suffocantes. Hontem deu-se ordem para abrir de noite os parques, e todos os relvões dentro da cidade ficaram cobertos de gente a dormir. O effeito era exactamente o de um campo de batalha. N'uma quadra assim, esquecem-se todos as regras ordinarias do decoro.

«As creanças banham-se nos tanques publicos sem intervenção da policia, e á porta dos banhos publicos estão á espera de vez filas e filas de homens e rapazes, com tal ancia de não perder tempo apenas sejam admittidos que se vão despindo quasi completamente em plena rua».

Queixa-se o correspondente da falta absoluta de regas para attenuar um pouco esta temperatura torrida. A cidade arrematou esse cuidado a uma firma particular que não prima por zelosa. Mas que querem? o desditoso municipio de New-York não tem cabedal para fazer esse serviço directamente. Imaginem que o seu rendimento é *apenas* de 19.000 contos, e — nota ainda o *Times* — os politicos precisam viver!

Casa de 9.000 Contos

Trata-se de construir em New-York uma casa de quinze andares, a qual deve vir a custar uns 9.000 contos. Convem accrescentar que o terreno importou em mais de dois contos cada metro.

A cabeça de Bismarck

Entre os apontamentos e recordações escriptas que deixou o celebre esculptor allemão Shaper, e que foram agora publicadas por um editor de Berlim, ha uma pagina devéras curiosa a respeito da cabeça de Bismarck. Shaper foi incumbido de fazer a estatua do grande chanceler para o monumento de Colonia, e teve de tomar medidas da «maior cabeça» da Allemanha.

Essa medição, obedecendo a rigoroso methodo scientifico, deu o seguinte: da testa ao occipital, medido horisontalmente, segundo as prescripções da anthropologia, a cabeça de Bismarck apresentava 212 millimetros por 170 millimetros — o que representa uma verdadeira maravilha. A maior cabeça de sabio até então conhecida dava 205 por 162 millimetros. O peso do cerebro de Bismarck seria de 1867 grammas.

O maior diamante do mundo

Foi descoberto a 26 de janeiro em Johannesburg. Pesa 3032 quilates. Os mais bellos diamantes conhecidos estão longe de se aproximar d'este peso. São elles: Excelsior (970 quilates), Rajah de Muttam (367), Nizam (340), Rough Steward (288,34), Grão-Mogol (279,5), Koh-i-Noor, cortado em dois pedaços (186 quilates e 102,5), Tavola do Shah (244), Estrella do Sul (254,) Orloff (193), Shah II (186), Kok-i-Noor do Shah (157), o Regente (137). O «New Gem», como se baptisou este extraordinario diamante, está avaliado em, pelo menos, 1.250.000 francos (225 contos ao par).

Note-se que ha poucos annos se tinha descoberto no Brazil um diamante negro, por consequencia de muito menor valor, mas de dimensões ligeiramente superiores.

GENTLEMAN (TIGRE)

Photographia P. Plantier, obsequiosamente cedida

Ferreira & Oliveira L.da — Livreiros-Editores
Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Recordações e viagens

POR

ANTHERO DE FIGUEIREDO

SUMMARIO:

Gôsto de recordar. — Na «City». — Três cemiterios italianos. — Uma casa minhota. — Na nconia. — Nas aguas de Capri. — O Bom Jesus do Monte. — Entre Southampton e Vigo — a aldeia espiritual (Assis). — Lisboa. — O mosteiro do Canigou. — O Minho pesarôso. — O le do Tet no Rossilhão. — Unhaes da Serra. — Davos Platz. — Uma tarde em Biarritz. — Nos nts. — Um amigo da sua terra. Paginas de um «Bloc-notes»: (1 — de Salamanca a Lião. — Passando por Washington). — Post-Scriptum.

Um volume broch. 600 réis Cart, 800

(Trechos de alguns artigos de critica feita a este livro:)

.. *Recordações e viagens.* As via- são deliciosamente contadas e ecordações teem extraordina- encanto. E' um livro que me ressa em todos os seus aspectos elleza e de sentimento».

ria Amalia Vaz de Car- lho.

Recordações e viagens são le hoje, escripto em por- derno, mas portuguez, o muito raro. Tem coisas en- tadoras. Li-o e reli-o».

Bulhão Pato.

...O sr. Anthero de Figueiredo, dando agora as nossas lêtras as suas *Recordações e viagens,* lizou um livro inconfundivel na liografia dos viajantes, porque, ra a ementa escrupulosa e critica paisagens, factos, personagens, be repassar a sua obra, não só de elevado sentimento artistico, ão tambem de um entranhado ôr ás coisas da sua terra, sem- viva e presente em meio de ravilhas estranhas, e deu ao seu balho uma fórma, que, sendo pit- esca e nova, muitas vêzes origi- , não desacata os mais rigorosos ones da boa linguagem nacio-

Escritôr moderno, familiarizado n os processes de colorido e de ra-vulgar, — se assim podemos er — que caractererizam os mais lerosos e modelares estilistas mo- nos, o sr. Anthero de Figuei- o tem um raro e profundo culto a pureza do nosso idioma, e tim- em escrever com uma correcção, e não só testifica a seriedade dos s estudos, mas que tambem de- ria ser proficuo exemplo a tantos e se julgam escritores, antes de er o que esta palavra exprime».

Candido de Figueiredo.

«... Convictamente affirmo: reputo este livro um dos mais bellos que nos ultimos annos tem apparecido em Portugal. Como portuguez, afinam com os seus meus pensamentos; reproduzem-se no meu espirito as suas impressões; e tenho um voluptuoso prazer em as ver expressas n'uma linguagem communicativa e rythmica, sem resaibos barbaros de exotismo, com uma subtil rescendencia classica, como se a visão das cousas de hoje se offerecesse a um espirito embebido do passado. Mas isto, apresso-me a accrescentar, quanto baste para não alterar a nitidez d'essa visão e para fazer sentir a perduração do sentimento atavico nos intimos recessos da alma portugueza».

Henrique Lopes de Mendonça.

«... Muitas das paginas, como as dos capitulos *Aldeia espiritual, Na Franconia, Lisboa, Bom-Jesus-do-Monte,* dizem coisas que nunca se tinham dito, e dizem-as com a mais singular perfeição d'arte».

Ramalho Ortigão.

«... Este livro triumpha bellamente das escabrosidades do genero. Tem paginas que, para o meu temperamento, me dominam e me deixam por um largo espaço a vibrar das saudades que evocam. Citarei o capitulo: «*Na City*». Todas aquellas evocações as sinto eu, resoando na corda das minhas saudades, sempre que passo juncto dos objectos, mesmo das personagens onde, por vezes, me parecia viver mais feliz, isto é, mais illudido!»

José Caldas.

«... A prosa é magnifica, clara, limpida; a observação segura e nobremente orientada; as paginas d'artista estão dadas com uma segurança e uma leveza que revelam o escriptor feito, muito lido em leituras modernas, cuja sumula digeriu um espirito elevado. E' uma das mais bellas obras que entre nós tem apparecido nos ultimos três annos».

Fialho d'Almeida.

«... *Recordações e Viagens* é, a todos os respeitos, um livro excellente. Excellente no fundo, porque affirma um pensamento forte e individual, um espirito de artista cheio de fina esthesia, de gostoe de cultura, um temperamento de critico, de observador e até de moralista. Excellente na fórma, porque a sua prosa clara, facil, correcta, elegante, d'um raro poder evocativo, rica d'expressões e d'imagens, sem ajoujamentos de pesada rhetorica é, quanto a mim, das mais bellas que ultimamente tem saído da penna d'escriptores portuguezes».

Luiz de Magalhães.

«... Este livro *Recordações e Viagens*, sendo intenso e vivo como raros, affirma, e marca um temperamento de poeta, e um escriptor cuja esthetica tem a a mator magia, uma simplicidade que mais põe em relevo a emoção, e a profnndeza com que os seus olhos sabem vêr.

A fórma de Anthero de Figueiredo chegou n'este livro a uma expressão translucida: é uma agua clara e fresca, cuja corrente doce não turva os fundos, e que nos mata a sede.

E' assim que se entende escrever portuguez; porque tendo uma doce *patine* classica, sendo agua da mais pura fonte lusitana, é d'hoje aquella prosa.

E' um escriptor que triumpha inconfundivelmente».

Julio Brandão.

SERÕES

Setembro de 1905

N.º 3

Summario

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	**2$200**	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	**1$200**	Moeda fraca	**12$000**	Frs.	**15,00**
Trimestre	**600**				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos SERÕES

Magazine

Continuamos a receber um grande numero de artigos, alguns dos quaes oportunamente serão publicados. Mas insistimos no convite para que de todos os pontos do paiz nos remettam artigos sobre quaesquer circumstancias que tornam interessantes as respectivas localidades e que não sejam por demais conhecidas: um momento, uma tradicção local, um phenomeno de caracter geologico ou ethnographico, etc., isto, já se vê, n'uma redação correcta, embora sem grandes assomos de litteratura, e de uma leitura amena e correntia. Excellente será, quando esses artigos venham acompanhados de algum documento graphico, proprio para illustração.

Assim se tornará a nossa revista, conforme o nosso desejo, uma publicação essencialmente portugueza, um repositorio de curiosas e valiosas informações sobre tudo quanto respeita á nossa terra. É por isso que não é facil terem n'ella cabimento as innumeraveis traduções com que os nossos amaveis collaboradores atulham positivamente o nosso archivo, nem as longas dissertações philosophicas, nem as aliás louvaveis tentativas de neophytos do Parnaso, nem os contos que não tenham um certo alcance ou moral ou historico ou educativo. Quando não fizessemos uma rigorosa selecção, nem que os *Serões* se tornassem semanaes, com a mesma extensão de texto por cada numero, lograriam abranger toda a collaboração espontanea que recebemos e que em todo o caso agradecemos cordialmente, como prova do interesse que tem merecido a nossa revista.

Essa mesma abundancia, ligada ao excessivo trabalho que demânda uma publicação d'esta indole, nos força a não respondermos individualmente a cada uma das pessoas que desejam honrar-nos com a sua collaboração.

Quebra cabeças

No artigo «Perguntas de algibeira» veiu um problema de caminhos de ferro, que suscitou justificados reparos a dois dos nossos leitores. Ha effectivamente erro, de que os *Serões* se penitenceiam, não querendo lançar responsabilidade ás costas do inglez que lhe impingiu o problema com aquella solução.

Escolhemos de entre a correspondencia que a este respeito recebemos o seguinte trecho de *Deucalião* que resume claramente o caso:

«O viajante A que sae de Lisboa ao meio dia, não póde encontrar antes de chegar a Faro o comboio que d'ali sahiu á meia noite, por isso que a distancia é percorrida em horas e portanto o comboio sahindo de Faro á meia noite chegou a Lisboa ás 10 horas da manhã, duas horas antes do cavalheiro A seguir viagem. O mais que poderá acontecer é encontrar á hora da partida (meio dia) o comboio que sahiu de Faro ás 2 horas da noite, e pelo caminho os sahidos ás 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 da manhã, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 10 da noite, encontrando ainda este ultimo a partir de Faro. Ergó, incluindo os que encontra na estação de chegada e na de partida, encontra ao todo 21. Não será esta a resposta *correcta?...*»

Identica observação faz o correspondente que se assigna *Saloio de Belem.*

Na secção *Para scismar,* mereceram as honras de referencia o paradoxo arithmetico e o geometrico, postos a claro por *E'ss'E'me,* e J. F. de B. A falha do primeiro vem da extracção da raiz quadrada, por isso que não se attendeu a que essa raiz, no caso sujeito, deve ter nos dois membros da equação signaes contrarios. No paradoxo geometrico não se attendeu ao movimento de translação de todos os pontos, o qual, em relação ao de rota-

ção, é maior á medida que os pontos se aproximam do centro commum.

Sobre o problema geographico que propozemos sobre a epigraphe *Onde irá parar?* conservaram-se mudos os nossos leitores, a não considerarmos uma resposta inexacta que recebemos de Espinho e sobre a qual pedimos ao correspondente o favor de reconsiderar. Convidamos egualmente todos os nossos prezados leitores a scismarem um bocado sobre o caso e a enviarem-nos o resultado das suas lucubrações. Por isso abstemo-nos por emquanto de apresentar a solução do problema.

O paradoxo arithmetico que nos envia o sr. L. T. similhante ao que publicámos, é já por demais conhecido. Eis a razão por que não lhe damos logar. Mas não desanime o nosso amavel correspondente, e empenhe-se por enriquecer esta nossa secção. Egual convite temos a honra de repetir aos nossos numerosos leitores.

A NOSSA COLLABORAÇÃO NO BRAZIL

Com grande alegria nossa, já começámos a receber dos nossos estimados leitores do Brazil carinhosas manifestações do seu interesse pela nossa revista, em artigos para collaboração, a que opportunamente daremos publicidade. Alvoroçadamente agradecemos.

Aos nossos irmãos de além do Atlantico convidamos para que nos enviem os productos do seu engenho e dos seus talentos, que correspondam á indole especial dos *Serões*. Teremos um grande orgulho, se por esta forma contribuirmos a tornar mais intimas as relações litterarias entre os dois povos da lingua portugueza.

Advertimos que seria vantajosissimo acompanharem os seus artigos de documentos que facilitassem a illustração.

Com o titulo *Episodio da segunda invasão* recebemos um artigo muito apreciavel. Pediamos porém ao seu auctor, que se envolve n'uma modestia muito louvavel, para nos obter umas photographias dos locaes onde os factos descriptos tiveram logar. Egualmente lhe pediamos para, de futuro, não fazer uma letra tão microscopica.

OS NOSSOS CONCURSOS

Sentimo-nos plenamente satisfeitos com a idéa que tivemos da realisação de diversos concursos. Para o concurso photographico, cujo praso termina a 30 do corrente, temos recebido grande numero de photographias, algumas d'ellas muito mimosas. Ha aspectos das nossas praias e thermas, trechos da beira-mar, que são encantadores, e que escolhidos, revelam da parte dos concorrentes um alto sentimento artistico.

Ao concurso photographico, seguir-se-hão outros, sendo talvez dos primeiros a realisarmos, os concursos litterarios e artisticos, destinados a exercer uma notavel influencia nos dominios da Arte e Litteratura.

Tambem pensamos em abrir um concurso entre os nossos assignantes, destinado a servir de estimulo áquelles que mais nos teem ajudado, obtendo o maior numero de assignaturas.

Assim, procuraremos corresponder ao apreço e á sympathia com que os *Serões* teem sido recebidos dentro e fóra do paiz.

O 1.º NUMERO DOS SERÕES

Apesar dos nossos desejos, não nos foi possivel ainda concluir a reimpressão do 1.º numero dos *Serões*. Tão depressa porém essa reimpressão esteja concluida, o que será por estes dias, envial-o-hemos a todos os nossos presados assignantes que o requisitarem.

AOS PHOTOGRAPHOS AMADORES

Aberto pelos "SERÕES"

PRIMEIRO CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

EM vista do largo desenvolvimento da photographia em Portugal, é por um concurso n'esta especialidade que os **Serões** inauguram a serie de concursos, promettidos no seu prospecto e tendentes a dar alento a todas as manifestações de arte, de sciencia, de industria, de actividade intellectual do nosso paiz, em summa.

Attendendo á quadra do anno que actualmente atravessamos, o nosso concurso será especialmente limitado a

PHOTOGRAPHOS AMADORES

e a

Photographias tiradas nas praias e thermas de Portugal, incluindo paizagens, trechos da beira mar, aspectos do oceano, grupos de banhistas ou de typos regionaes, especialmente casando-se com o aspecto physico do meio ou suggerindo qualquer ideia dramatica ou comica, etc.

Devem além d'isso os concorrentes submetter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja o de 9×12 centimetros.
2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos SERÕES com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos SERÕES reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.
3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos SERÕES.
4.º — A direcção dos SERÕES não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhes enviem um enveloppe devidamente estampilhado.
5.º — A decisão dos SERÕES será definitiva.
6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos SERÕES com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.
7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10$000 RÉIS**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos «Serões»** já publicados; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos «Serões»** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

(Boletim para cortar e remetter com a photographia)

PRIMEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 30 DE SETEMBRO

Titulo da photographia ....

Local em que foi tirada ....

Nome e endereço do photographo amador ....

....

Declaração. — Declaro que não sou photographo de profissão, e que a photographia, que junto remetto, foi tirada por mim e nunca foi publicada.

Assignatura ....

Endereço: Á Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Romances, Viagens, Sciencias, Historia, Artes, Musica, Conhecimentos uteis, Modas, etc.

Plano da publicação

Uma vez por mez darão os **Serões** aos seus leitores um elegante volume, de 100 a 150 paginas, impresso em fino papel de arte, profusamente illustrado, com collaboração escrupulosamente escolhida, para que possa ser recebido com inteira confiança nas familias.

Cada numero se comporá:

1.º **Do magazine propriamente dito,** de 80 a 120 paginas, semelhante ás publicações congéneres do estrangeiro, mas com um plano mais vasto, abrangendo todas as manifestações da intelligencia humana, e comprehendendo:

a) romances, novelas e contos dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros, cuidadosamente escolhidos;
b) narrativas de viagens, descripções geographicas, artigos de sciencia, tudo apresentado sob a forma mais amena e pittoresca;
c) artigos elucidativos sobre a geographia, a ethnographia, a vida social, politica e domestica em Portugal, sobre todas as manifestações da intellectualidade portugueza, os nossos artistas, os nossos homens de lettras, descripções interessantes dos nossos monumentos, das nossas industrias, das nossas paisagens, das nossas romarias, das nossas feiras, das nossas cidades; as nossas alegrias e as nossas tristezas;
d) monographias historicas, sempre revestindo uma fórma anecdotica e incisiva, especialmente referidas á fecunda e épica historia do nosso paiz;
e) uma secção de **Actualidades**, dando conta de todo o movimento social, litterario e artistico do mundo, subdividida por varios titulos, como: **Grandes topicos**, noticias dos grandes acontecimentos politicos e sociaes que interessam a humanidade; **Vida na arte**, contendo a analyse summaria dos livros mais interessantes publicados entre nós e no estrangeiro, ideia do movimento theatral, com a critica succinta das

mais notaveis peças, noticia das mais importantes obras de arte apparecidas, exposições, galerias, etc.; **Vida na Sciencia**, com informações sobre os inventos mais uteis, as descobertas mais curiosas, os factos scientificos e industriaes de maior monta; **Vida no sport**, noticias do movimento sportivo, yachting, automobilismo, tauromachia, athletismo, gymnastica, etc. **Variedades**, miscellanea de noticias sobre todos os assumptos que não caibam nos titulos antecedentes, anecdotas de interesse de momento, etc.

f) uma secção denominada **Quebra-cabeças**, com problemas de indole scientifica, paradoxos interessantes, etc.

g) artigos especiaes sobre jogos, exercicios de differente natureza, assumptos de sport, etc.

h) **Os Serões das creanças**, contendo historietas para a infancia, cuidadosamente escolhidas nas collecções estrangeiras, ou devidas á penna de escriptores nacionaes experimentados no genero.

2.º **Os Serões das senhoras**, supplemento constante de 10 a 20 paginas. numeradas em separado, contendo:

Chronica geral de modas: Figurinos e modelos de vestidos, chapeus, etc, com a maneira mais economica e facil de os executar;

Uma **folha de moldes**, expressamente desenhada, para traje e roupas de senhoras e creanças, e ainda de homens, facilitando e simplificando o trabalho domestico;

Lavores femininos, explicação, com desenho á vista, de trabalhos de costura, bordado, renda, crochet, pintura, etc., todos os trabalhos caseiros, emfim, com a maneira mais simples e economica de os executar;

Chronica do movimento da sociedade portugueza, casamentos, baptisados, soirées, bailes, etc.

Notas da dona de casa, receitas simples de culinaria, hygiene domestica, applicações da sciencia ao conforto e vida economica de familia, *menus*, etc.

Ainda para servir as suas leitoras, os **Serões** estão organisando uma agencia que se encarregará de compras de toda a natureza em Lisboa e no estrangeiro, sem retribuição alguma.

3.º **A Musica dos Serões**, outro supplemento de 4 a 8 paginas, com trechos faceis para piano, ou piano e canto, dos melhores compositores portuguezes e estrangeiros, ou reproducção dos mais bellos trechos de musica.

Desejando que os **Serões** sejam uma representação, quanto possivel fiel, de todas as forças vivas da mentalidade portugueza, procuraremos a collaboração dos homens de maior nomeada entre nós, nas sciencias, nas lettras e nas artes,

e acolheremos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offereça, comtanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem, se possa adequar aos moldes em que planeamos o jornal. Incitamos os nossos leitores e leitoras a fornecer-nos elementos de collaboração litteraria ou artistica, como por exemplo curiosidades locaes, tradições, contos figurados, photographias curiosas, etc., etc., ainda que não venham revestidos de fórma litteraria, mas sejam apenas suggestões, ideias, lembranças sobre assumpto de geral interesse, etc.

Alem d'isso, os **Serões** abrirão frequentemente concursos de litteratura, de arte, de photographia, de sciencia, etc.

Toda a collaboração acceite será paga.

Por este modo procuram os **Serões** corresponder á sua ambição: a de se tornar um agente efficaz e sincero do desenvolvimento nacional e a de promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte e ensinar a apreciar o muito que temos de bom e interessante.

As difficuldades oppostas á reunião de todos os elementos materiaes e intellectuaes, indispensaveis para o conseguimento do nosso plano, explica a demora na publicação do 1.º numero, que só agora conseguimos apresentar, ao fim de mais de um anno de trabalho, e de enormes sacrificios monetarios. Este numero representa já um progresso, mas ainda o reconhecemos susceptivel de aperfeiçoamentos que gradualmente tentaremos, e para os quaes contamos com o favor do publico do paiz e dos nossos irmãos espalhados pelas colonias, Brazil e estrangeiro, que nos **Serões** encontrarão a cada passo recordações illustradas da patria, que todos tanto devemos amar.

Em resumo, os **Serões** serão uma publicação indispensavel a todos que queiram saber o que se faz e o que se pensa em todos os ramos do saber humano e terão uma leitura tão variada que todas as classes de leitores encontrarão em cada numero ou um conselho, ou um conhecimento, ou uma hora de leitura amena e honesta.

Condições de publicação

Cada numero dos **Serões** de 100 a 150 paginas, com 2 supplementos e de 100 a 200 illustrações, magnificamente impresso em papel couché

200 réis avulso em todo o paiz

Para se avaliar do quanto é reduzido este preço, basta que se diga que cada numero dos **Serões** tem mais materia que a de um volume vulgar de 200 a 300 paginas formato in-8.º

Cada anno formarão os **Serões** 2 volumes contendo

mais materia que doze volumes vulgares de formato in-8.º

e custando cada um **1$200 réis em brochura** e **1$600 réis encadernado** com capa de ferros especiaes.

ASSIGNATURAS: (Pagamento adeantado)

Para Portugal, Ilhas, Colonias e Hespanha

Por anno (12 numeros).............. 2$200 réis

Os assignantes de um anno recebem assim um numero de graça

Por semestre (6 numeros)........... 1$200 réis
Por trimestre (3 numeros)........... 600 »

Para o Brazil

Por anno (12 numeros) moeda fraca.. 12$000 réis

Para o estrangeiro

Por anno (12 numeros) .... 15,00 frs.

O preço de numero avulso no Brazil e estrangeiro será marcado pelos nossos correspondentes.

Assigna-se em todas as livrarias e nas repartições do Correio

---

Temos ainda uma pequena quantidade da 1.ª serie dos *SERÕES* completa.

Esta série fórma 4 volumes, cheios de interessantes artigos de diversas indoles, collaborados por varios escriptores e artistas do nosso paiz, sob a direcção intelligente e carinhosa de um homem, cujo nome, tanta é a sua modestia, era desconhecido da maioria dos assignantes. Commetteremos agora a indiscripção de o revelar, como exemplo de quanto pode a perseverança unida a uma vasta erudição e a um requintado gosto. Foi elle o sr. Adrião de Seixas, já sobejamente conhecido no mundo das letras, e cujo nome ficará ligado aos *SERÕES*, como seu primeiro inspirador e fundador.

O preço dos quatro volumes é:

Em brochura...... 4$800
Encadernado...... 6$400

Para os assignantes da nova série dos *SERÕES* vendemos a antiga série a *pagamentos mensaes de 800 réis.*

A nova série dos *SERÕES* continuará a publicação d'alguns interessantes trabalhos interrompidos, entre os quaes avulta a obra do dr. Haupt sobre Architectura Portugueza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Ferreira & Oliveira L.da, Editores

LIVREIROS DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

UM BRINDE PRINCIPESCO

Um appello coroado do melhor exito!!...

Todas as Fabricas, aquellas que fornecem exclusivamente OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, acabam de quotisar-se entre si para offerecerem aos freguezes **d'estes importantissimos armazens** um **BRINDE** que ficará memoravel nos annaes commerciaes de Portugal, ou seja

O CHALET IDEAL

Este **BRINDE** representa um bilhete de agradecimento ao Publico que tão bem soube comprehender os seus interesses, correndo em massa a este importantissimo estabelecimento; é uma demonstração de gratidão para com os proprietarios d'estes armazens, que conseguiram triplicar-lhe a venda dos seus productos. Muito reconhecidos, offerecem pois,

O CHALET IDEAL

Para a construcção d'este chalet foi escolhido o melhor sitio dos arredores de Lisboa, isto é, a linha de Cascaes.

O CHALET IDEAL será construido no sitio de Cae-Agua, entre as estações de S. João do Estoril e Parede e ficará situado em frente da nova estação de Cae-Agua já approvada pela Companhia e pelo governo, e que se espera que fique concluida até ao fim do corrente anno; tem praia e todas as condições para que possa dar-se-lhe o nome de **Chalet Ideal.**

O CHALET IDEAL será de magnifica construcção e possuirá todos os confortos d'uma casa moderna, terá 9 divisões e será cercado por um lindo jardim de 300 metros quadrados.

O CHALET IDEAL representa uma pequena fortuna e pobres e ricos podem aspirar a conseguil-o sem dispendio d'um unico real

O CHALET IDEAL será entregue ao portador do bilhete com egual numero ao da sorte grande da Grande Loteria Portugueza do mez de dezembro. Os bilhetes para conseguir **O Chalet Ideal** não custam nada, são **GRATIS.** Basta effectuar compras na importancia de cincoenta mil réis para obter um bilhete.

Todas as compras não inferiores a 2$500 réis terão direito a uma senha e cada 20 senhas a um bilhete para **O Chalet Ideal.**

Alem d'este brinde, todos os portadores de bilhetes ficam habilitados aos **600** brindes que por seu turno os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado distribuirão ao mesmo tempo e pela mesma loteria, pois serão tantos os brindes quantos os premios sorteados na mesma. Todos os brindes representam uma verdadeira chuva de ouro e uma somma fabulosa. Eis a lista d'elles:

1.º BRINDE, **O CHALET IDEAL.** — 2.º Brinde, **Um magnifico piano vertical, marca Frantz.** — 3.º Brinde, — **Uma rica mobilia para quarto.** — 4.º Brinde, **Uma esplendida mobilia de casa de jantar.** — 5.º Brinde, **Uma linda mobilia de sala.**—6.º 7.º e 8.º Brindes, **3 bicyclettes americanas, marca Readiog Standard.** 9.º a 30.º Brindes, **21 phonographos «Pathé».** Os restantes numeros premiados terão direito cada um a **Meia duzia de lindas chavenas de phantasia para café.**

O Plano detalhado será publicado opportunamente. A planta e alçado d'**O CHALET IDEAL,** serão expostas desde o dia 6 nas vitrines d'estes GRANDES ARMAZENS.

A distribuição das senhas principiou no dia 6

LIVRARIA FERREIRA

FUNDADA EM 1846

FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

Livreiros Editores

LIVREIROS DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

RUA DO OURO, 132 A 138 — LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES MILITARES

Black and White War Album. The Fight in the Far East. An Illustrated History of the Russo-Japanese War of 1904. Fol. *Office* .... net, 7/6

Dunslow (S. E.) and **Jones** (R. J.) The Commission of H.M.S. *Eclipse.* (Log Series.) Cr. 8vo, pp. 140. *Westminster Press* .... bds., net. 4/

Fremantle (Hon. Sir E. R.) Tge Navy as I have Know It. 1849-1899. With Portrait. Roy. 8vo. pp. 488. *Cassell* .... net, 16/

Harbottle (Thomas Benfield) Dictionary of Battles. From the Earliest Date to the Present Time. 8vo,.. pp. 288. *Sonnenschein* 7/6

Legge (R. F.) The Auxiliary Officer's Handbook of General Information and Company Officer's Lecture Book With an Intro by Field-Marshal Viscount Wolseley. 12mo, pp.246. *Gale & Polden* .... net, 3/6

Macquoid (C. E. K.) Strategy. Illust. by British Campaigns, With Introduction by Field-Marshal Earl Roberts. V.C. Including 12 Maps and 7 Plats. Roy. 8vo, pp. 272. *Cassell* .... net, 10/6

Markham (Admiral John) Selections from the Correspondence of During the Years 1801-4 and 1806-7. Edit. by Sir Clements Markham. (Navy Records Soc. Publications. Vol. 28.) 8vo, pp. xx—451. *Society* 12/6

Miremont (Comte de) Practical Methods in Modern Navigation. For the Ready Solution of Daily Problems at Sea. 8vo, pp. 116. *G. Philips* .... net, 4/

Nobbs (F. E) and **Berger** (W. T.) The Commission of H M.S. *Fox*, East Indies Station. 1901-1904. (Log Series.) Cr. 8vo, pp. 312. *Westminster Press* .... net. 4/

O'Connor (W D.) Heroes of the Storm. Cr. 8vo, pp. 281. *Houghton Minffli* (Boston) 7/6

Reynard (F. H.) **The Ninth (Queen's Royal) Lancers, 1715-1903**, 8vo, pp. 258. *W. Blackwood* .... net, 42/

Stirlingshire Dumbarton, Clackmannan, and Kinross Militia, Highland Borderers Light Infantry, now 3rd Battalion Argyll and Sutherland Highlanders (Princess Louise's), Records of the Compiled by A. H. Middleton. Imp. 8vo, pp. 255. *E. Mackay* (Stirling) ....

Thomson (Lt. Col. S. J.) The Transvaal Burgher Camps, South Africa. Cr. 8vo, limp. pp. 74. *Hugh Rees* .. net, 2/6

Wattst (W. H.) The Commission of H.M S. *Retribution*, North American and West Indies Station. 1902-1904. (Log Series. No 17.) Cr. 8vo, pp. 193. *Westminster Press*...... net. 4/

Hamon (A.) Psicologia del militar profesional, edicicn corregida y aumentada com uma defensa y um prefacio, traducción de José Prat; un vol. en 8.º, peseta 1

A SAHIR BREVEMENTE

O HOMEM PRIMITIVO

2.º volume da Bibliotheca de Conhecimentos Uteis

VIAGENS DE GULLIVER

Segunda publicação da Bibliotheca OBRAS PRIMAS

A VIRGEM DOS LYRIOS

O pintor Bouguereau, ultimamente fallecido e a que os **Serões** *prestam devida homenagem na secção de* **Actualidades**, *era notavel pelas suas tendencias docemente ideialistas.*

Da suavidade encantadora que caracterisava as suas telas, mais impregnadas porventura de sentimento de belleza plastica do que de mysticismo religioso, é prova frizante o bello quadro que reproduzimos, talvez uma das suas obras menos conhecidas em Portugal, onde aliás contava Bouguereau um grande numero de admiradores.

COCHE DOS MM COROADOS (D. MARIANNA VICTORIA)

Os côches da Casa Real

O antigo picadeiro mandado construir por El-rei D. José no Paço de Belém, onde o José Roquete, o Victorino, o *Antonico gordo* e o proprio marquez de Marialva fizeram prodigios de gineta e de estardióta, acaba de ser transformado, por iniciativa de S. M. a Rainha, em deposito dos carros nobres da Casa Real. Desappareceu d'ali o velho *Estafermo* que em tempo teve a honra de castigar com a ponta do seu chicote alguns infantes portuguezes,— e o mais moderno dos betumes substituiu a terra revolta onde se afundavam heroicamente as patas dos cavallos.

Onde existiu uma escola de picaria, existe hoje um verdadeiro museu. Vinte côches alinhados, solémnes, oscilando nos correões, erguem nobremente, na meia-penumbra, o oiro sumptuoso da sua talha, como vinte pequenas capellas suspensas, bocejando velludos e brocados, espelhando cristaes, animando pinturas. N'uma impressão contradictoria de fragilidade, succede-se symétrica, regular, a monotonia dos jogos e das rodas, aquellas immensas rodas quasi léves, ricamente entalhadas desde os raios aos tapadouros, que ha um século, século e meio, dois séculos, caminham tropegamente na solemnidade dos cortejos, dos casamentos, das embaixadas. Os panéis, as molduras, as cimalhas, aquella estylisação constante d'anjos e de amores, toda aquella profusão de talha doirada ennobrecida pela pátina do tempo, sobre tudo a grandeza calma e hieratica das grandes berlindas joanninas, dão a quem pela primeira vez entra no antigo picadeiro de Belém, a impressão confusa d'um museu d'arte religiosa. Respira-se uma atmosphéra de sacristia entre aquelles velhos oiros empallidecidos ha cincoenta annos nas cocheiras do Calvario,—e em frente de cada um d'esses côches, d'essas estufas, d'essas berlindas, a gente sente instinctivamente vontade de tirar o chapéu. O culto supersticioso do passado leva-nos a olhar com um certo respeito

JOGO TRAZEIRO D'UM DOS COCHES DE D. JOÃO V

aquelles coxins altos onde se assentaram reis e principes, o persevão onde pozeram os pés, todos aquelles pequenos interiores de camarim, a cada um dos quaes está preso, indissoluvelmente, um farrapo de Historia.

Muitos d'estes côches representaram um largo papel na nossa historia diplomatica: todos, sem excepção, constituem documentos preciosos para a historia da nossa Arte. A alguns d'elles estão ligadas velhas e nobres tradições de grandeza e de sumptuosidade: são verdadeiras syntheses de determinadas épocas. Outros evocam-nos complicados e fugitivos perfis de Princezas e de Rainhas, léves como figuras de Watteau ou de Boucher, polvilhadas e cheias de joias, mosqueadas de signaes e pintadas á franceza, — Izabel de Saboya, Maria Sophia de Neubourg, Marianna d'Austria, Marianna Victoria... E todos elles, emfim, coches ou estufas, berlindas ou carrinhos d'arruar, nos fazem pensar vagamente nos artistas ignorados que entalharam e pintaram aquellas maravilhas, sem que do seu nome — pobres d'elles! — ficasse ao menos um vestigio no catalogo official do novo museu. Esse catalogo, que é apenas um inventario bréve e nem sempre escrupulosamente exacto, suggeriu-me a idéa de investigar por assim dizer a *biographia* de cada um dos carros expostos, os acontecimentos historicos a que se deve a sua existencia, o seu papel na historia politica e diplomatica do tempo, os nomes dos entalhadores e pintores que os executaram, e finalmente a relação das grandes personagens que atravéz oito ou dez gerações, tiveram a honra de oscillar dentro d'aquellas estufas doiradas e bamboleantes.

As poucas notas — poucas, infelizmente — que consegui obter, constituem o presente artigo.

P. Mar. gr.

BERLINDA DE D. PEDRO II

*
* *

Filippe II, quando em 1581 veio legalisar e completar a usurpação, trouxe comsigo os primeiros côches que appareceram em Portugal. (1)

Um d'elles, o proprio côche onde vinha o rei com o cardeal Alberto, uma immensa «estufa» quasi barbara, armada em ferro, coberta de couro com pregaria e forrada interiormente d'uma especie de brocado riquissimo, conservou-se entre nós e faz parte actualmente do deposito de Belém. É o n.º 2 do catalogo. Deve-se portanto a esse rei beato e sombrio, sangrento e formalista, de quem o velho Cordoba dizia que «*su risa y cuchillo eran confines*» (2) a introducção do uso dos coches em Lisboa.

Escusado accrescentar que a moda pegou. D'ahi a pouco, os mais ricos fidalgos portuguezes, entre elles os duques de Bragança e de Aveiro, mandavam encommendar em Paris e na Hollanda côches sumptuosos. Cincoenta annos depois, já era vulgar apparecerem pelas ruas da velha cidade, oscillando nos correões, enormes «estufas» tropegas e doiradas, cujo tejadilho attingia as rótulas dos primeiros andares. Em 1640, um dos senhores da casa de Redondo offerecia a D. João IV um côche riquissimo, com o persevão marchetado de tartaruga e marfim, e dentro d'elle uma magnifica baixella de prata. (3) D'ahi por diante era sempre n'esse côche que o rei sahia para a solemnidade da procissão do Corpus-Christi. Entretanto, o uso dos carros nobres nas ceremonias e actos officiaes não conseguiu vingar completamente: a não ser na procissão do Corpo de Deus, o rei, nas grandes solemnidades, sahia sempre a cavallo, á antiga portugueza, embrulhado na sua opa tradicional de brocado d'oiro. Só na ceremonia do casamento por procuração da Infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II de Inglaterra, é que os côches começaram definitivamente a servir nos préstitos reaes. O casamento d'esta princeza, que teve a honra de introduzir em Inglaterra o uso do *five-o'-clock-tea*, só veio a realisar-se mais tarde, em 1666, no reinado de D. Affonso VI. No mesmo anno, este pobre rei «*en opinion de demi-homme natural*», como dizia um embaixador, casou com Maria Francisca Izabel de Saboya, que trouxe para a côrte um magnifico côche mandado fazer por Luiz XIV: é o n.º 18 do catalogo, a que chamam vulgarmente—côche de D. Affonso VI.

JOGO DIANTEIRO D'OUTRO COCHE DE D. JOÃO V

O uso dos carros nobres estava definitivamente radicado. Começou então o abuso. Os fidalgos, os proprios mercadores, arruinavam-

(1) O primeiro côche que appareceu na Europa foi a estufa offerecida em 1545 a Maria d'Anjou, mãe de Luiz XI, por Ladisláu IV da Hungria. Mas a moda não pegou, e os côches só voltaram a apparecer em Paris por occasião do casamento de Henrique IV com Maria de Medicis (1600).

(2) *Chronica de Filippe II*, por Cabrera de Cordoba, cap. I, pag. 562.

(3) *Os côches dà Casa Real*, pelo Abbade de Castro e Sousa.

se em côches, em liteiras, em cadeirinhas. Uma cadeirinha «de ataúde», forrada de brocado, custava, em 1600, cincoenta mil réis: (4) um côche não custava menos d'uma fortuna. Choveram então as pragmaticas sobre o luxo. De 1668 a 1749, nada menos de cinco leis sumptuarias: abril de 1668, agosto de 1686, novembro de 1698, maio de 1708, junho de 1749. N'esta ultima (5) prohibiam-se «os filetes doirados nas cadeirinhas, liteiras e séges d'arruar» e as pinturas de «figuras e mascaras», permittindo apenas que os coches «tivessem brazões ou cifras com moderada tarja». Além d'isso, a pragmatica de 1749 mandava reservar a côr encarnada para os «redingotes, casacas e capotes da casa Real», não se esquecendo de determinar que «as pessoas que vão em côches e liteiras se façam acompanhar apenas dois lacaios, além dos cocheiros e sotta-cocheiros ou liteireiros».

Mas D. João V era o primeiro a dar o exemplo da dissipação.

Quando o conde de Villar Maior, Fernando Telles da Silva, partiu como embaixador extraordinario a buscar-lhe a noiva á côrte de Vienna d'Austria (1706), levava ordem de passar pela Hollanda e de encommendar na Haya os côches em que havia de fazer a sua entrada solémne. Eram sete riquissimas berlindas, «as mais ricas carroças que jámais se viram n'esta côrte Imperial», diz o padre Francisco da Fonseca, traduzindo na sua «Relação da Embaixada» (6) as palavras da *Gazeta* de Vienna d'Austria. «A primeira, em que ia S. Ex.a —accrescenta o douto capellão do conde—era toda doirada com engenhosa e soberba talha, e por dentro forrada de um tissu d'oiro com flôres de sêda, o mais rico que se podia vêr: as cortinas eram do mesmo tissu com riquissimas bordaduras e rendas de finissimo ouro; o tecto, ilhargas e espaldar estava coberto de velludo carmezim, mas com tão altos bordados d'ouro que apenas se distinguia o fundo: coroavam-n'a dez pomos dourados, e de todas as faces tinha as armas de Sua Excellencia, que são dois leões em campo vermelho e os outros dois quarteis em branco». A segunda berlinda, em que ia o Thesoureiro Real, o secretario da Embaixada e o mestre de camara, era outra maravilha. As restantes faziam egualmente honra aos artistas hollandezes que as executaram: a Hollanda tornara-se uma segunda patria dos côches. (7)

Mas D. João V não ficou por aqui. Poucos annos depois, André de Mello e Castro, futuro conde das Galvêas, enviado extraordinario do monarca ao santo padre Clemente XI, fazia a sua entrada solémne em Roma, nos tres mais sumptuosos côches que a cidade dos Papas tinha visto em embaixadas extrangeiras. (8) D'uma alta importancia sob o ponto de vista politico e diplomatico, a viagem de André de Mello foi tambem interessantissima para historia da nossa arte. Os tres côches, ou melhor, as tres «estufas», voltaram para Portugal e ainda serviram, em novembro de 1795, nas cavalhadas de fidalgos que se fizeram no Terreiro do Paço. Depois, não sei que destino levaram. Fariam parte dos quarenta e tantos côches que foram para o Brazil com D. João VI? Para se formar idéa da sua sumptuosidade, basta ver as magnificas gravuras em cobre que acompanham a «*Relation du voyage de monseigneur André de Mello e Castro a la cour de Romme*, etc.», publicada em Paris no anno de 1709, e lêr a descripção que De Bellebat, estribeiro de André de Mello e auctor do livro, faz das trez célebres «carrosses». As duas primeiras foram executadas em Roma, sob a direcção de Manoel Gonçalves Ribeiro, gentilhomem da embaixada, e com a collaboração de dois artistas portuguezes, ambos entalhadores: Antonio Salci Selleiro e José Machado, de que não encontro noticia em Raczynski. Estas duas estufas, diz De Bellebat, eram dois verdadeiros «montes d'ouro». A primeira especialmente, cheia de figuras em vulto por todos os lados, podia considerar-se uma obra prima de talha e de pintura. Dos quatro cantos da caixa nasciam quatro figuras em mezo-corpo,—a Justiça, a Moderação, a Liberdade e a Prudencia; nos braços do côche, dominando os jogos dianteiro e trazeiro, outras quatro figuras que symbolisavam as

(4) *Tempos d'Agora,* por Martim Affonso de Miranda, vol. I, pag. 166.

(5) *Collecção de Leis,* (1643).

(6) *Embayxada do Conde de Villar Mayor Fernando Telles da Silva, de Lisboa á côrte de Vienna d'Austria,* etc., pelo padre Francisco da Fonseca. — Vienna, officina de João Diogo Krüner, pag. 330

(7) O uso dos côches, relativamente moderno, teve a sua origem na Hungria. As liteiras eram muito mais antigas e remontam aos reis da Bithynia.

(8) *Relation du voyage de Monseigneur André de Mello e Castro à la cour de Rome en qualité de Envoyé extraordinaire du Roi de Portugal D. Joan V auprès de la Mageste Clement XI,—chez Avisson, Paris,* 1709.

quatro partes do mundo, e no couce, a Religião sob a fórma d'uma mulher sombria e velada, erguendo piedosamente um mouro cahido por terra. Todas as figuras, entalhadas a primor e laminadas d'um explendido ouro, enriqueciam o jogo trazeiro, animavam-n'o com a maior originalidade, ao passo que entre os braços da frente as figuras intonsas do Tejo e do Tibre sustinham a concha doirada onde o cocheiro punha os pés. Todo o côche era forrado interiormente de velludo carmezin bordado a fio d'oiro, cortinas de brocado riquissimo velavam as portinholas, e sobre o tejadilho vermelho, quasi em dômo, tres Amores doirados erguiam graciosamente a corôa real. Dir-se-hia que para arrastar essa molla immensa seriam necessarias muitas parelhas de cavallos; mas não, — dois simples urcos hollandezes tiravam-n'o facilmente. Era este o côche em que ia André de Mello e Castro. Os outros, onde iam os gentis-homens da embaixada, o mestre de camara José Bartole, o mordomo Pedro Vaz Tarouco, e dois abbades, não ficavam muito áquem da soberba «estufa» do embaixador: eram d'uma riqueza esmagadora e d'uma solemnidade triumphal. Comprehende-se facilmente a impressão profunda de extranheza e de espanto que semelhante exhibição produziu em Roma e especialmente entre o sacro-collegio. Foi um successo. Aquella enfiada de côches doirados e bamboleantes era bem o delirio de grandezas d'um monarca freiratico e perdulario. O peor é que por detraz do explendido rei, apparecia sempre o brazileiro rico: o presente que André de Mello levava ao Papa Clemente XI era... uma soberba collecção de araras e de papagaios. (9)

Por este tempo já D. João V tinha um grande numero de côches no seu serviço.

(9) *Ut supra.*

Além das tres estufas que o futuro conde das Galvêas trouxe no seu regresso de Roma, contavam-se entre os melhores o côche de Filippe II, o côche de D. João IV, offerecido pela casa de Redondo, a que já me referi, os côches trazidos pelas rainhas Izabel de Saboya (1666), Maria Sophia de Neubourg (1687) e Marianna d'Austria (1708), as duas berlindas de D. Pedro II (n.os 4 e 19 do catalogo), e os bellos côches inglezes que vieram para a côrte com a rainha viuva d'Inglaterra, D. Catharina, filha de D. João IV. Além d'estes devia haver muitos outros. Mas ainda não eram bastantes. D. João V dizia como Luiz XIV no seu manual para uso do Delphim: «*J'enrichis mon Royaume en dèpensant beaucoup*». D'ahi a pouco, mandava construir novos côches, entre os quaes o da corôa (n.o 14 do catalogo), o côche para seu proprio uso (n.o 15), o côche para o faccinora do irmão (côche de D. Fran-

JOGO TRAZEIRO DA BERLINDA DE D. JOSÉ — PINTURAS DE CYRILLO WOLCKMAR MACHADO

cisco, n.º 16), e duas berlindas para os meninos de Palhavã,—chamando para dirigir os trabalhos um pintor francez de nome Pedro Antonio Quillard, que pintava á maneira de Watteau (10). Depois, como não tinha onde metter tanto carro nobre, mandou construir, com a sua habitual fanfarronada de grandezas, as cocheiras reaes do Calvario. Entretanto, as encommendas de novos côches succediam-se, para França, para a Italia, para a Hollanda. Quando em 1729 se fez solémnemente, no palacio de madeira doirada armado sobre o rio Caia, a troca das duas princezas (Marianna Victoria, filha de Filippe V, que vinha casar com o principe D. José, e Maria Barbara, filha de D. João V, que ia casar com o principe das Asturias) o estado da Casa Real constava de 10 côches, 8 berlindas, 29 estufas e 141 séges, com 353 urcos ou frisões de tiro para os côches, e 468 cavallos e mulas para as seges e para os creados. (11) Era um assombro, era uma verdadeira mania.

Morto D. João V, tudo indicava que não voltariam a construir-se mais carros nobres. Mas não: d'ahi a alguns annos D. José dava ordem para a construcção de tres novos côches, cujos paineis seriam pintados por Joaquim da Costa, José Raposo e Cyrillo Wolckmar Machado. Um d'esses côches, um exemplar riquissimo de que fallarei adiante, conserva-se no deposito de Belem: é o n.º 7 do catalogo. Este, o côche dos MM coroados que D. Marianna Victoria trouxe de Hespanha como pertença matrimonial, e, por ultimo, a berlinda mandada construir por D. Maria I com paineis pintados pelo célebre Pedro Alexandrino (n.º 3 do salão) e os carrinhos d'arruar encommendados em Paris (n.ºs 3, 4, 5, 6 e 7 do vestibulo), vieram ainda enriquecer as já tão ricas cocheiras do Calvario. Estes carrinhos d'arruar, muito leves e muito elegantes, marcavam então em Lisboa a ultima moda. As infantas D. Maria Benedicta, D. Marianna Josépha e D. Maria Dorothéa andavam n'elles constantemente, em correrias pelas quintas. Eram o terror do velho musico da côrte David Péres, o mesmo que está pintado em Quéluz, no tecto da sala das Talhas, de batuta em punho, homem tão timorato, que um dia, vendo uma nodoa de zarcão n'uma das meias e julgando que era sangue, desmaiou. Quem então primava no governo d'esses carrinhos era o conde d'Aveiras, neto d'aquelle outro conde do mesmo titulo, João da Silveira Tello de Menezes, a quem D. João V comprou por duzentos mil cruzados o palacio de Belém. Não fazia outra coisa: passava os dias á desfilada n'aquellas pequeninas rhédas doiradas e perigosissimas. A Rainha, quando lh'o apontavam ao longe, a perder-se n'uma nuvem de poeira, era certo dizer, encolhendo os hombros: — *Deixal-o, coitado, é o seu forte e o seu fraco...*» (12).

D'ahi por diante, poucos côches se mandaram fazer. Apenas a riquissima berlinda que serviu no casamento do principe D. José com sua tia, a infanta D. Maria Benedicta,—essa singular creatura de quem mais tarde Belckford dizia, descrevendo-lhe o luto:—«Parece uma figura de Velasquez...» Esta berlinda, pintada egualmente por Pedro Alexandrino; o côche mandado fazer em Paris por Anselmo José da Cruz Sobral e offerecido ao Arcebispo de Thessalonica, confessor da Rainha, (13) e as duas magnificas estufas vindas de Hespanha como pertença nupcial de Carlota Joaquina (n.ºs 1 e 21 do catalogo), são os ultimos exemplares notaveis. A historia dos côches terminava. O ultimo que D. João VI encommendou em Inglaterra, em 1825, por intermedio do então ministro da fazenda conde da Povoa, era já uma vulgar carruagem de gala.

Vejamos agora detidamente, um a um, alguns côches mais interessantes do museu de Belém.

*
* *

Á mão esquerda de quem entra, logo depois de um dos côches de Carlota Joaquina, «estufa» enorme com espaldar de couro negro pregado em volta e molduras sóbriamente abertas em talha doirada, está o velho côche de Filippe II. É tambem uma estufa,—e, como vimos, a primeira que entrou em Portugal.

Acérca d'esta riquissima peça de museu, vêm a proposito entendermo-nos sobre as designações tantas vezes repetidas de «estufa», «côche» e «berlinda»,—designações que não são arbitrarias. Côche é propriamente o carro de apparato, muito trabalhado de talha e

---

(10) *Os côches da Casa Real*, pelo Abbade de Castro e Sousa.—Raczynski, *Dicc. des Arts*.

(11) Artigo de Vilhena Barbosa sobre os côches da Casa Real—*Archivo Pittoresco*, vol. 10, pag. 241.

(12) Marquez de Rezende, *Descrição do Palacio e Quinta de Queluz*,—*Panorama*, vol. XII.

(13) Abbade de Castro e Sousa, *loc. cit.*

de pintura, mas pesado e sumptuoso; entretanto, a palavra emprega-se hoje para designar indifferentemente qualquer carro nobre. Entre «estufa» e «berlinda» é que ha sensiveis differenças. A estufa é o côche de grandes dimensões, coberto em parte ou na totalidade de couro negro, com grossa pregaria doirada e pouca obra de talha, ás vezes com banco ao meio ou escabéllos lateraes: é o côche das viagens, o côche das estradas. A berlinda, pelo contrario, é leve, esbelta, ornamental, muito estylisada e muito rica, com pinturas dos melhores artistas do tempo, molduras, cornijas, braços, jogos e rodas abertas em talha doirada: é o côche da cidade, o côche de luxo, o côche de arruar. O côche de Filippe II (n.º 3), o de Marianna d'Austria (n.º 17), e os de Carlota Joaquina (1 e 21) são exemplos de estufas; os côches de D. João V (14, 15 e 16), o de D. Maria I (3) e o da princeza Maria Benedicta (20), representam o typo puro da «berlinda».

Como exemplo de estufa, o côche de Filippe II é completo. Todo armado em ferro e coberto de couro pregado, tem lateralmente, sobre os estribos, os escabéllos caracteristicos onde se sentavam as pessoas de menos cathegoria; sustentando os guarda-lamas, uns cachos de flôres de ferro, primitivas e brutaes, onde ainda se percebe o doirado antigo, e dos lados umas vidraças de vidros pequenos, encaixilhados em chumbo, tal qual como os do primeiro côche que appareceu em Paris,—o do celebre marechal de França, Francisco de Boissompierre. Por fóra, nada mais tosco; interiormente, tudo comodidade e riqueza, desde o estofo que forra os coxins até ao tecto, um riquissimo tecto de talha doirada aberta sobre velludo vermelho. É bem o typo da estufa de viagem, construida de forma a supportar a poeira e a rudeza das estradas.

Logo adiante (n.º 3 do catalogo) está a berlinda de D. Maria I, toda d'oiro, elegantissima, valorisada pelas pinturas de Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810) e pela obra de talha de Silvestre de Faria, artista entalhador que trabalhou nas salas de Queluz e especialmente na sala dos *Serenins*, quasi toda obra sua (14). Esta barlinda serviu pela primeira vez quando D. Maria I conduziu ao mosteiro da invocação de Jesus as cinco religiosas que mandara vir de Carnide. Toda a pintura é feita sobre motivos mythologicos: nos paineis lateraes ha umas figuras de faunos lindamente tocadas, e nas portinholas, sob baldaquinos verdes, as armas de Portugal. É curiosa a disposição dos correões, que se prendem á caixa junto dos mascarões dos cantos, e séguem rasteiros passando por uma

COCHE OFFERECIDO PELO PAPA CLEMENTE XI A D. JOÃO V. QUANDO ENVIOU A FAIXA-BENTA AO PRINCIPE D. JOSÉ

(14) Marquez de Rezende, *ut supra*.

COCHE DO INFANTE D. FRANCISCO

verdade é que o côche dos MM coroados não é nem d'El-Rei D. Manoel nem da mulher de D. João V: é da rainha D. Marianna Victoria, (15) que casou com o principe, depois rei D. José. Offereceu-o Filippe V á filha, que o trouxe como pertença nupcial. Foi n'este côche que a futura rainha sahiu de Badajoz, a encontrar-se com o principe seu noivo no palacio de madeira doirada mandado construir expressamente sobre o rio Caia. Houve apenas, da parte do auctor do catalogo, uma confusão de *Mariannas:* consulte-se sobre o assumpto o bello artigo de Vilhena Barbosa publicado no volume X do «Archivo Pittoresco».

Ao côche de D. Marianna Victoria segue-se

cabeça doirada de grypho antes de attingir as roldanas dos braços.

Deixando de lado as duas berlindas de D. Pedro II, chegamos ao n.º 6 do catalogo, o celebre côche dos MM coroados,—celebre principalmente pelas confusões a que tem dado logar. É um côche infeliz. Quando foi restaurado e doirado de novo para o casamento do Senhor D. Luiz I (1862), os jornaes do tempo, nas referencias que lhes fizeram, interpretaram mal as lettras abertas em talha nos paineis lateraes e chamaram-lhe «côche d'El-Rei D. Manoel». Agora, a etiqueta do museu e o respectivo catalogo, dão-n'o como sendo o «côche de D. Marianna d'Austria». Ora a

COCHE DA COROA — MANDADO CONSTRUIR POR D JOÃO V

outro riquissimo côche, o d'El-Rei D. José (n.º 7 do catalogo). É uma das berlindas mandadas construir para uso d'este monarca, com soberbas pinturas, bella talha e explendidos cristaes. A caixa é ricamente entalhada nas molduras e paineis; por toda a parte, masca-

(15) Artigo de Vilhena Barbosa, *loc. cit.*

rões alados; no jogo trazeiro, entre os braços do côche, uma aguia rodeada d'anjos que sustentam uma grinalda de rosas. A pintura do espaldar foi executada pelo pintor Cyrillo Wolckmar Machado (1748-1823), que estudou em Roma e em Sevilha, trabalhou em Mafra e no palacio da Ajuda, e a quem se deve o retabulo do altar mór da egreja do Coração de Jesus e o conhecido quadro de S. Miguel d'Alfama, «Christo sarando os hydropicos». (16) Nos outros côches d'el-rei D. José, que não estão no museu e de que não tenho noticia, trabalharam tambem os pintores Joaquim da Costa e Gaspar José Raposo. O soberano que mandou construir esta berlinda preferia-a a todas as outras, pela commodidade e pelo equilibrio. É um magnifico exemplar, —como o é tambem o côche que se ségue, o do Papa Clemente XI (n.º 8 do catalogo). Na sua elegancia sóbria, na sua apparente simplicidade, é talvez este o mais original de todos os côches expostos, e faz honra aos artistas italianos, que ao tempo competiam com os hollandezes na construcção d'estas peças de sumptuaria. Todo elle em obra de talha doirada, trabalhado a um tempo com severidade e com delicadeza, torna-se notado desde logo pela particularidade de apresentar no logar das portinholas meios-pannos de velludo carmezim bordado a ouro, com escabéllos em vez de estribos. Nos quatro cantos da caixa, sobre mascarões, quatro figuras representando as quatro partes do mundo: a Europa, erguendo n'uma das mãos a thiara pontifical; a Asia, com a sua caçoula de perfumes; a Africa levantando uma palma e calcando marfins preciosos; a America, toucada de pennas, empunhando o arco e a flécha, com uma cabeça decapitada a rolar-lhe aos pés. Ao alto, nos angulos do tejadilho, anjos com grinaldas corôam as quatro figuras, e á frente, estylisados, elegantissimos, servindo de suppedaneo ao cocheiro, dois hippocampos sustentam uma concha doirada. No jogo trazeiro, os braços do côche são supportados por quatro canéphoras que symbolisam as quatro estações, e que se afastam em dois grupos, deixando vêr, sentado ao meio, um Amor deliciosamente entalhado e doirado. Um grande equilibrio, uma grande simplicidade, e ao mesmo tempo uma grande riqueza em toda a ornamentação. Este côche foi offerecido pelo papa Clemente XI a D. João V, em 1715, quando o Pontifice enviou a «Faixa-benta» ao primogenito d'este rei, o principe D. José. O encarregado d'esta offerta foi o Nuncio D. José Firrau, Arcebispo de Nicéa. O mesmo côche serviu logo dois annos depois, em 1717, para conduzir o primeiro patriarca de Lisboa e antigo bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, quando este prelado fez a sua entrada solémne na cidade.

BERLINDA DA PRINCEZA D. MARIA BENEDICTA — PINTURAS DE PEDRO ALEXANDRINO

D. João V, muito sensivel a todas as ama-

(16) Raczynski, *Dicc. des Artes*.

bilidades da Santa Sé, reservava este côche para as ceremonias de caracter exclusivamente religioso. Os côches em que habitualmente sahia eram dois: a estufa de Marianna d'Austria (n.º 17 do catalogo), para as viagens; o côche mandado fazer para seu uso (n.º 15), como berlinda de arruar. Este ultimo, o côche da corôa (n.º 14), o côche do infante D. Francisco (n.º 16), e os côches dos meninos de Palhavã, que não se encontram no museu, foram mandados construir por D. João V entre 1723 e 1730. A obra de talha de todos estes côches deve-se a tres artistas, dois dos quaes muito illustres: José d'Almeida, Silvestre de Faria e Felix Vicente. O primeiro, um dos maiores esculptores portuguezes do século XVIII, subsidiado por D. João V, estudou em Roma, onde foi discipulo de Carlos Monald, e tornou-se entre nós o émulo de Alexandre Giusti, que fundou em 1750 a escola de esculptura de Mafra. Do segundo, Silvestre de Faria, o entalhador da sala dos *Serenins*, já

ESTUFA DE D. MARIANNA D'AUSTRIA — N.º 17 DO CATALOGO, ONDE VEM DADA COMO PERTENÇA NUPCIAL DE D. MARIANNA VICTORIA

tivemos occasião de falar. O terceiro, Felix Vicente, tambem entalhador, era irmão de José d'Almeida. Todos estes artistas fizeram prodigios. Os côches de D. João V são uma maravilha como obra de talha, especialmente o celebre côche da corôa, cuja riquissima cornija, sustentada por quatro lindas cariatides, é uma verdadeira obra prima de concepção e de execução. Os painéis dos tres carros nobres foram pintados por um artista francez, mandado vir por El-Rei D. João V, Pedro Antonio Quillard, que pintava «*des fêtes galantes*» á maneira de Watteau, e a quem foi dado o titulo de pintor da Casa Real. Devem-se-lhe muitos altos de porta em varios palacios e muitas pinturas em alçados de tremó. O espaldar do côche de D. Francisco e os painéis lateraes onde se vêem, entre as figuras das quatro estações, as armas do Infante com o competente banco de pinchar em prata, são obras de Pedro Quillard. Egualmente lhe pertencem as pinturas do côche da corôa e as do côche de arruar de D. João V, notaveis especialmente as d'este ultimo: n'uma portinhola, a figura de Neptuno entre sereias de cauda estylisada; n'outra, Venus; e nos paineis lateraes, com o feitio precioso e amaneirado das mythologias do século XVIII os medalhões de Venus, Jupiter, Mercurio e Pallas. A linda portinhola da esquerda deu logar a um bello dito de Manoel da Costa, o intimo que acompanhava D. João V nos seus passeios de côche, nos dias em que João Jacques de Magalhães lhe dava a essencia d'ambar para certos fins: — *Vossa Magestade entra sempre pela porta de Venus.* D'ahi o comentario do Doutor Bernardes, seu physico-mór, quando o rei voltava doente para o Paço: — *Cure-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manoel da Costa que sabe o que elle fez.* (17) Pedro Quillard, que morreu em 1733, já não pintou os côches dos «meninos de Palhavã»: o pintor d'esses côches, pelo menos d'aquelle que serviu ao «menino» D. Gaspar para fazer a sua entrada solemne em Braga como Arcebispo Primaz, foi José da Costa Negreiros, o mesmo que pintou o «S. Roque» para a capella da Ribeira das Náos e a «Santa Thereza» para as carmelitas de Carnide (1698-1759). O côche da Corôa, que é todo elle uma maravilha de construcção, tem ainda de notavel a disposição e a riqueza dos correões, que são cobertos de velludo verde e abraçados por enormes fivellas de bronze doirado, e o persevão ou chão do côche, ricamente in-

(17) *Memorias do Bispo do Grão Pará*, pag. 151.

crustado de marfim e tartaruga, e naturalmente copiado do côche de D. João IV, offerecido ao monarca por um dos senhores da casa de Redondo.

Mais adiante, passada a estufa de D. Marianna d'Austria (18), muito caracteristica, com o seu espaldar de couro negro, a sua pregaria e os seus grupos d'Amores em talha doirada dando insersão aos correões, está a riquissima berlinda *rocaille* da princeza D. Maria Benedicta. Esta berlinda, que é um encanto, foi mandada fazer de proposito para servir no casamento d'esta senhora com o mallogrado principe D. José, esse pobre rapazito romantico e revoltado que o marquez de Pombal sentava nos seus joelhos, que o arcebispo de Thessalonica temia, e de quem Lord Beckford nos dá em dois traços o perfil intenso. As pinturas dos paineis lateraes e do espaldar devem ser de Pedro Alexandrino: ha, n'uma das portinholas umas figuras de faunos perseguindo nymphas, que são uma maravilha. Os correões inserem-se nos cantos da caixa em grandes placas de bronze lavrado, e as rodas, delicadamente entalhadas, dão-nos a impressão d'uma extraordinaria leveza. É bem um coche de noivos, todo forrado de velludo azul. E como elle nos evoca a figura empoada e senhoril de Maria Benedicta, a poetisa, a pintora e a *virtuose*, de quem um *Elogio* do tempo refere que casara «maternalmente» com o sobrinho!

E já agora, não quero sahir do museu nem encerrar estes ligeiros apontamentos sem me referir a duas cadeirinhas forradas de damasco vermelho que estão quasi á porta, mysteriosas como mascaras, pequeninas como caixas d'amendoas, e que parecem vigiar com as suas lunetas quadradas a entrada d'aquelle riquissimo salão de côches. São duas vulgares cadeirinhas do século XVIII, mas suggerem tanta coisa, que a gente pára insensivelmente ao pé d'ellas e chega a ter vontade de as abrir para vêr se ainda sae de lá de dentro alguma cabeça empoada... A historia galante das cadeiras de mão, dos «ataúdes» como lhe chamavam d'antes por troça, tem dois séculos. Entre nós a grande moda foi de 1650 a 1700: as ruas da velha Lisboa enchiam-se de cadeirinhas de todo o feitio, doiradas, forradas de brocado amarello, de damasco, cheias de brazões, tarjas, divisas. «As donas enjoavam os côches e liteiras, para usarem em suas visitas de mais commodo... e iam em ataudes, quero dizer, em cadeiras e andores...» (19) Era a tentação do mysterio. As que não tinham cadeirinhas, escondiam-se nos biôcos e nos rebuços, envolviam-se nos mantéos, de modo que a certas horas Lisboa dava a impressão d'uma cidade de mascarados. Foi necessario publicar um alvará prohibindo «os rebuços e chapéos com que as mulheres andavam para serem desconhecidas». (20) As cadeirinhas não eram outra coisa senão uns rebuços mais commodos, mais ricos e mais efficazes, onde se percorriam beccos, viéllas, alfurjas, onde se ia para toda a parte, mesmo para onde se não devia ir, e a cuja invenção o século XVIII deve muitos maridos infelizes,—ou, como diria o espirituosissimo bispo do Grão Pará, muitos *cucos, recucos e ante-cucos*... Mas, talvez por isso mesmo, ninguem se lembrou de as prohibir.

Ainda acérca da physionomia da velha Lis-

COCHE DE PHILIPPE II FOI O PRIMEIRO QUE ENTROU EM PORTUGAL

---

(18) Esta estufa está no catalogo como sendo de D. Anna Victoria, mulher d'El-Rei D. José. Houve troca entre este côche e o de D. Marianna d'Austria.

(19) Martim Affonso de Miranda, *Tempo d'Agora*, I, 1660.

(20) Collecção de Leis (1649).

bôa de 1680, recordo-me d'um curioso alvará d'esta data em que se procurava regulamentar o movimento das estufas, berlindas, séges e liteiras nas ruas da cidade. As ruas eram estreitas; os côches eram enormes, suspensos sobre jogos sumptuosos, com immensas rodas que á largura dos eixos juntavam ainda mais um palmo de cada lado para os tapadouros. Por conseguinte, quando no meio d'uma ladeira estreita e ingreme se encontravam em sentido contrario dois côches de grandes senhores, como não podiam passar ambos, levantavam-se frequentemente questões sobre qual d'elles havia de recuar para dar passagem ao outro. Ora as questões d'esta ordem, em pleno século XVII, eram graves; diz o proprio alvará que «viéram a tanto excesso que chegavam a ser empenhos d'honra». D'ahi brigas, espadas fóra, motins, feridas e mortes. D. Pedro II, então rei, comprehendendo a necessidade de tomar uma medida energica, ordenou n'esse documento que fôsse qual fôsse o grande senhor a quem pertencesse a equipagem, o côche a recuar seria sempre aquelle que viesse subindo a ladeira; e concluiu determinando que o Senado da Camara da cidade mandasse affixar «padrões» com o alvará nas esquinas das ruas mais estreitas e mais ingremes. Os transgressores eram degredados por cinco annos para as praças da Bahia ou Pernambuco, pagavam 2:000 cruzados para remir captivos e para despezas de justiça,—e caso chegassem a tirar as espadas incorriam, além d'isso, nas penas graves dos desafios (alvará de 13 de setembro de 1686). Como as penas eram pesadas e irremissiveis, os fidalgos acatavam as disposições reaes, — mas mandavam depois os seus liteiros, eguariços e sotta-cocheiros tirar desforço, á navalha e á paulada, do vexame de se terem visto obrigados a recuar n'uma subida. Isso deu logar a outro alvará (18 de novembro de 1687) em que se prohibia aos lacaios, cocheiros e mochilas, o uso «d'armas curtas e de bastões». D'ahi por diante, tudo entrou na ordem.

Por estas breves notas se vê que os côches da Casa Real merecem bem uma monographia cuidada e pacientemente feita. D'antes, uma visita ao antigo picadeiro de D. José, com o Victorino ou o Sédvem, era uma bella lição de picaria: hoje, pelo braço d'um erudito, é uma excellente lição de historia.

JULIO DANTAS.

COCHE DE D. JOÃO V — ERA O COCHE DE USO DO MONARCA, OBRA DE TALHA DE JOSÉ D'ALMEIDA E FELIX VICENTE
PINTURA DE PEDRO ANTONIO QUILLARD

Caso da rua

I

Outro dia, á hora matinal em que as chaminés das fabricas uivam como guéllas de monstros, sobre a cidade, e atravez da azulada neblina que esfuma as perspectivas, o esvoaçar de chales das costureiras correndo lembra palpitações d'azas — ia eu descendo a rua, quando um ajuntamento atraiu a minha curiosidade vagueante.

O que seria?...

Algumas d'essas pittorescas disputas de mulheres que n'uma crise histerica de ciumes se injuriam, despenteadas e esbracejando, entre as gargalhadas trocistas da turba, com fuzilantes ditos d'um plebeismo tão imprevisto? Algum d'esses casos triviaes da rua—scenas flagrantes da farça ou da tragedia popular—que d'improviso abrem na melancholica banalidade da vida urbana um intermezzo de riso ou de pranto?...

Insinuei-me no grupo, entre uma viçosa e morena lavadeira com a trouxa á cabeça e um cautelleiro côxo que se firmava na ponta do pé valido, encostado á moleta, para vêr melhor, por cima da cabeça ruiva d'uma garotita descalça—e olhei tambem.

Com as mãos crispadas no peito (oh! o gesto inolvidavel d'essas dolorosas mãos de brunideira, arroxeadas de queimaduras!...) uma rapariga toda curvada golfava o sangue dos pulmões, estorcida n'uma convulsão de tosse que lhe sacudia, a cada arranco, o mirrado tronco d'etica.

Devia ter vinte annos. Trazia um pobre vestido tingido. O lenço de luto, caido nos hombros osseos, mostrava os cabellos pretos enrodilhados n'um *puxo* mal pregado com ganchos d'aço, ao alto da nuca, e as orelhas de cêra, transparentes, despregadas do craneo, com as arrecadas d'oiro pendulando sobre o pescoço esguio.

Em toda a sua pobre figura combalida, havia a curvatura precoce que o trabalho rude, a má alimentação e a miseria imprimem ás escravas do inexoravel mal hereditario, dia a dia aggravado no ambiente suffocante e morbido das officinas.

Uma companheira, pallida e sardenta, amparava-lhe a testa com a mão estendida—e, n'um movimento subito, a cada jorro da hemoptise, retraia o corpo para que o sangue, ao esparrinhar nas pedras, lhe não manchasse a saia de chita.

Tolhida de espanto, circumvagando os olhos afflictos, n'uma angustia inexprimivel, só balbuciava:

—Ai Jesus! que ella morre-me aqui!... Ai meu Jesus Senhor!...

Em roda, o grupo ia augmentando:—creadas de servir, em cabello, com a ceira das compras pendente do braço; garotos de jornaes, simiescos e vivos, estendendo os pescoços por entre os hombros das leiteiras de saios ensacados, e das varinas com as canastras á cabeça; soldados de faces glabras e boçaes, sob os kepis avivados de encarnado; quinquilheiros ambulantes com os taboleiros suspensos sobre o peito; hortaliceiros com as gigas carregadas de hortaliças verdes; operarios magros das fabricas, pedreiros com os grandes cabazes ao hombro e trolhas vestidos

de branco, mastigando á pressa a broa do almoço...

Aquelle trecho de rua tomava de repente uma animação dramatica, palpitante de vida, de côr, de movimento, como um palco de pedra, ao ar livre. Um carro de bois parára, com o lavrador, de carapuça verde e de camisa d'estopa arregaçada, debruçado no caniço de verga, e o moço de támancos, apoiado á aguilhada, arregalando os olhos rusticos. Abriam-se as saccadas, com vazos de craveiros, e as vidraças onde surgiam, ainda de penteador e de caracoes na testa, as damas da visinhança ao lado dos maridos, de meia-face ensaboada, com a navalha de barba suspensa nos dedos.

Ás portas das lojas proximas, appareciam os caixeiros, penteados e em chinellos. Das esquinas, os gallegos, com os chinguiços ao hombro, vinham correndo. E até um velho cego do fado, pela mão do pequenito roto, parára tambem, olhando sem ver, com a guitarra enfiada n'um sacco de riscado.

Cruzavam-se as perguntas, os ditos de piedade. Todos os que iam chegando queriam saber, pediam informações, alongando as cabeças avidas por cima dos mais, com esse ar de commiseração passiva, essa curiosidade pasmada e fatalista do povo habituado á miseria e á desgraça.

—O que foi? o que aconteceu?...

—Algum ataque?

—E tão nova ainda, pobresinha!

—Diz que é de paixão, por causa do conversado a deixar para casar com outra!...

Uma lamuria de dó corria de bocca em bocca.

—Coitada de Christo! coitadinha da pobre!...

Ao meu lado, uma carvoeira, viuva e gravida, com um filhito todo enfarruscado ao colo, aconselhou:

—Era dar-lhe um copinho d'aguardente!

—Credo, mulher! que até pode abafar!—contradisse logo uma cigarreira d'olhos garços e vivos, que levantára do chão o chale da tisica, todo manchado pelo sinistro vómito sangrento.

—Antes assucar... Vinho da Companhia com assucar é que faz parar logo!

—Ou pôr-lhe uma cruz de palhas, nas costas, que é remedio sagrado!—disse a lavadeira.

—O melhor era leval-a já para o hospital, que até pode morrer aqui, sem confissão!

—E onde está a maca? Quem vae buscar uma maca?

—Ai Jesus Senhor! Ai meu pae do ceu!—soluçava a companheira, desnorteada, segurando a testa da tisica.

Alguem lembrou então que a conduzissem para alguma casa da visinhança.

Ampararam-na nos braços a cigarreira e a amiga, encaminhando-a para uma mercearia proxima. Mas a cada passo tinham de parar. Toda sacudida pela tosse cava, vacilando nas pernas lassas, a pobre, ao menor movimento, levava as mãos crispadas á bocca—e por entre os dedos, aos borbotões, o sangue jorrava, salpicando as pedras do passeio...

Sentaram-na porfim n'um banco, ao pé do balcão. Deram-lhe vinho e assucar mascavado, n'uma tijela vidrada. Como não tinha sequer força para a levar aos labios, foi a carvoeira gravida, toda curvada, com o filhito seminú embrulhado no regaço, quem lhe deu de beber—os maternaes olhos a luzir de piedade, a luzir de ternura no rosto todo enfarruscado.

—Vá, só mais um golinho, para espertar!

Passando-lhe a mão pelos cabellos, n'um afago de caricia, a companheira amimava-a.

—Bebe, Roza, bebe mais um golinho, que isso passa!

A rapariga fechou os olhos, deixou pender a cabeça sobre o hombro da amiga, n'uma prostação, n'um cançasso infinito. Tinha a testa inundada de suor frio. Tremiam-lhes os labios ensanguentados. O coração latejava-lhe como um passaro preso que bate as azas, agonisando. Entre o corpete desabotoado, via-se-lhe o começo do peito esqueletico:—e pendendo d'uma fita de veludo, enrolada ao pescoço, uma madeixa de cabello castanho, atada com um fio de retroz verde, tremia, oscilava, sobre o seio offegante.

—É o cabello da filhinha que lhe morreu!—disse a outra ageitando-lh'a, n'um gesto de ternura.

Ella tornou a abrir os olhos azues, muito claros, os lacrimosos olhos infinitamente resignados e tristes—d'essa tristeza inexprimivel que teem as pupilas meigas dos animaes que soffrem.

—Estás melhor, Rosa? Sentes-te melhorsinha?—perguntou-lhe a companheira.

Passou a mão pela testa humida de suor e de sangue. Alongou os olhos para a rua, n'uma singular expressão de susto, de interrogação e de receio. Quiz dizer alguma coi-

TODOS OS QUE IAM CHEGANDO QUERIAM SABER, PEDIAM INFORMAÇÕES, ALONGANDO AS CABEÇAS AVIDAS POR CIMA DOS MAIS

sa... Novo accesso de tosse afogou-lhe as palavras na garganta.

—Não falle, não falle que lhe volta!—disse a carvoeira.

Fez um signal com a mão, que logo lhe tornou a pender, exanime. O seu olhar humilde de novo fitou a rua, e veio pousar, n'uma muda interrogação anciosa, nos olhos da amiga.

—Não penses mais n'elle, filha... Deita-o ao desprezo!—exclamou a outra, desviando-lhe a cabeça para que ella não continuasse a olhar n'aquella direcção.

Mas n'uma supplica—tão transida, bom Deus! atravez de que profundos abismos de angustias soffocadas, de dores accumuladas, subindo do coração aos labios, até se exalar n'um gemido—a voz d'ella balbuciou, muito baixinho:

—Elle ainda lá está?...

Levantou-se a outra e foi até á porta da loja.

E seguindo o seu olhar, vimos então, encostado á esquina fronteira, um rapazola de melena sobre a testa, o chapeu d'aba direita para a nuca—um d'esses typos caracteristicos do operario-fadista, do *Don-Juan* de bailes publicos.

—Lá está elle ainda!... Aquelle garoto! aquelle malvado!...

E sem attender ao timido gesto em que ella lhe implorava o silencio, continuou, instigada por essa necessidade que a gente do povo tem sempre de desabafar, em plena rua, de revelar a quem passa os mais dolorosos segredos:

—O cara sem vergonha! Desgraçou-a para a deixar com a filhinha nos braços, e ainda por cima a atirar-lhe chufas, quando a encontra o seu caminho. O coração de pedra! E nem sequer teve uma palavra de dó para a pobre infeliz, a escoar-se em sangue, por amor d'elle!...

Todos em roda, o encararam indignados. A cigarreira, comovida, estendeu o punho magro, gritou-lhe:

—Passa fora, cão!

O malandrim encolheu os hombros, n'um tregeito de cinismo canalha, cuspiu para o lado, com um esgar de troça, e puxou o chapeu desabado sobre a melena, voltou a esquina da rua, gingando...

N'um soluço, a voz da abandonada implorou:

—Rozalina, pelo amor de Deus, vamos!...

—Mas estás toda a tremer, creatura de Deus... Mal te tens em pé!

—Não! Já estou melhor... Isto passou, vamos!

Enxugou com a ponta do lenço as ultimas lagrimas. E embrulhada no chale tingido, lá partiu, apoiada ao braço da companheira—a caminho do trabalho, a caminho da officina.

Commentando o caso, cada um seguia para a sua vida. De novo, a vibração dos pregões subiu no esplendor da manhã sonora, onde os primeiros clarões d'oiro do sol, vaporisavam, n'um fumo azulado e roseo de fluidas claridades, as ultimas cambraias fluctuantes da neblina. Sob o seu véu immaterial e diaphano de bruma, a cidade despertava immensa, erigindo no azul a sua mole de pedra, as cruzes victoriosas dos seus templos, a gloria morta das suas estatuas, a columnata hirta das suas chaminés fumegantes, os seus corucheus, os seus hospitaes, as suas cadeias e as suas mansardas, sob o carrilhão alegre dos sinos, sob o tumultuar echoante das suas milhares de vozes, celebrando o triumpho impassivel da força, da riqueza, da lucta, da vida brutal, luminosa, obscura, multiforme e magnifica. As guellas das fabricas uivavam. Os pregões subiam.

Na rua, que retomou o seu aspecto habitual, apenas ficou, immovel, com a cabeça d'apostolo erguida para o alto, ao lado do pequenito roto e pallido, o velho cego, tangendo na guitarra o seu fado eterno.

II

Tem um epilogo este «caso da rua»—epilogo bem trivial e triste, como tudo o que é real—porque a historia d'essa brunideirita que outro dia encontrei, golfando o sangue dos pulmões, entre a curiosidade compassiva de povo, não é uma simples fantasia de litterato sem assumpto.

E é tão banal, talvez, esta historieta, por ser triste; talvez tão frivola, por ser verdadeira, que eu sinto que vou enfadal-os, e que melhor andaria decerto, enchendo estas tiras brancas com o chimerico enxame d'outras imagens aladas de belleza e d'arte em que vibrasse, triunfalmente, a alegria esparsa na alleluia d'esta fulva manhã d'outono e toda a harmoniosa symphonia das claras ondas que, deante das minhas janellas, emquanto escrevo, estão celebrando, na cathedral azul do Atlantico, a sua missa pagã, sob o glorioso sol que lá no alto pontifica, de mitra d'oiro...

... Pobre brunideirita macerada, os teus olhos (que eu só vi uma vez, para não tornar a esquecel-os, nem ás lagrimas que choraram) os teus olhos pizados é que nunca o verão mais, a esse divino sol que perpetuamente refulge, na sua impassibilidade olympica, sobre as perpetuas dores do mundo.

APENAS FICOU, IMMOVEL, AO LADO DO PEQUENITO ROTO E PALLIDO, O VELHO CEGO

A tua vida de sacrificada foi apenas—como a de tantas que hoje riem na candida aurora da illusão miraculosa, para ámanhã chorarem na amargura ignorada do abandono—mais um d'esses innumeraveis episodios do sublime e futil Drama eterno que tantos poetas tem cantado, desde Goethe.

Gretchen, a de cabellos flavos e olhos ceruleos de pervinca, no seu florido jardim do Rheno, a fiar na dobadoura, ao cair das tardes d'ouro, o branco linho da sua mortalha d'amorosa: ou essa pobre Roza brunideira (era assim que te chamavas?...) todas têm a mesma dolorida historia, todas têm chorado as mesmas lagrimas, ao desfolhar da ultima petala d'aquella margarida fatidica das namoradas.

Mas a umas, bem aventuradas do sonho, immortalisaram-nas poetas, e para sempre gerações sentimentaes as ficarão relembrando, com emoção e lagrimas.

*

Quem tivesse palavras impereciveis para dizer teu martyrio angusto, pobre brunideira humilde!

Quem tivesse genio para te engrinaldar d'estrellas e enrolar n'um sidereo nimbo resplandecente a cabecita ossea e exangue de tuberculosa para quem a vida foi uma tortura d'escrava, entre a miseria, o sacrificio, o trabalho inexoravel de todos os dias e o pranto amargo de todas as noites!

Para seres santa, ó minha obscura e misera martyr das ruas, nem sequer o divino transe da maternidade faltou—porque d'esse sonho desfeito, que foi o teu amor e a tua morte, um malfadado fructo brotou, fructo de dôr n'uma arvore de desgraça.

Da tua existencia, a bem dizer, nada mais sei—a não ser que houve um homem que te enganou e te deixou com um filho no regaço, e que desde essa hora nunca mais soubeste o que era ter alegria, sempre curvada, a tossir, sobre o ferro, para não morrer de fome e para o sustentar a elle com o teu amargo leite de tysica.

Quem poderá descrevel-as, as agonias inexprimiveis da tua vergonha, no dia em que o primeiro fremito d'uma vida mysteriosa, depois de semanas tragicas d'incerteza, se agitou, revelador, nas tuas entranhas?

Depois, o drama de lagrimas do abandono, logo que tu confessaste, n'um alvoroço d'esperança, n'um alvoroço de receio, o teu divino segredo áquelle que, uma noite, á volta do serão, jurava nunca mais te deixar e casar comtigo...

Oh! a crueldade d'esses olhos cinicos, de repente tão mudados, a fugir dos teus. A lama das suas injurias, e a certeza, a horrivel certeza da sua infamia e da tua desgraça...

Sósinha, na tua dôr infinita, sem um olhar de piedade, ante a ironia má das que te escarneciam na visinhança ou na officina.

Sósinha, para sempre, no teu abandono de

escorraçada, sem ninguem que te tomasse as mãos roxas de queimaduras, contra o peito, n'uma caricia misericordiosa.

Como tu tentarias, a principio, esconder a tocante deformidade que te fazia expiar uma illusão com lagrimas de sangue—sobretudo, Senhora das Dores! para que a pobre velha, meio tropega e quasi cega, não soubesse a tua vergonha...

E as noites, as infinitas, as desoladas noites passadas a chorar, na dura enxerga da tua alcôva sem luz e sem ar, ao fundo d'essa «ilha do Paraizo» onde moravas com tua mãe desde que teu pae morrera, uma tarde, de um ataque de sangue, á volta da fabrica.

Quantas vezes, ella, a unica que te via, sem te ver—tristes olhos cegos d'essa cegueira sagrada das mães!—ao encontrar pela manhã o travesseiro todo molhado, te perguntaria:

—Porque choraste, Roza?

E tu responderias de certo, para a não affligir, com mêdo de que ella advinhasse:

—Não sei, mãe, foi a sonhar!

Quantas vezes cantaste, para esquecer, e não pudeste—porque os versos te saiam todos transformados em soluços.

Quantas vezes, pobresinha!

Quantas vezes pensaste em matar-te: moer vidro, tomar phosphoros, ou atirar-te ao rio, como tantas de quem lias, tremendo, a historia tragica no jornal.

E, pensando decerto na velha que ficaria ao abandono, faltar-te-ia a coragem: e em vez de partires para a morte, partirias para a officina—silhueta vaga de luto, atravez da neblina matinal, sob o chale tingido, a palpitar como uma aza negra.

—Que olheiras trazes hoje, perdida!—diriam as companheiras, fitando a rir de malicia, os teus olhos pisados, os teus tristes olhos tão pisados, de chorar.

E a tossir, com as mãos no peito (oh! o geito d'essas mãos crispadas!) tu responderias, porventura, a rir tambem, senhora das sete dores, para que ellas não escarnecessem a tua magoa:

—A vida leva-se assim, raparigas!...

III

—Ter um filho!

Alegria das ricas!

Supplicio das pobres!

Sobretudo d'essas proscriptas do lar, d'essas escravas do destino que não tem o nome d'um pae para lhe dar.

Ter filhos, é para vós, ó cheias de graça que nascestes sob a boa estrella da fortuna e para quem a existencia é um lindo romance á Bourget, que se folheia sorrindo, entre um bocejo e uma lagrima logo enxuta n'um beijo.

DESDE ESSA HORA NUNCA MAIS SOUBESTE O QUE ERA TER ALEGRIA

Podereis gozar depois, n'esses adoraveis *bibelots* louros, o reflexo da vossa vaidade de mães felizes: embalados em berços d'ouro, trazel-os ao lado, na *mylord* armoriada ao collo das amas, com precisos enxovaes de rendas de Bruges, finas e fluidas como espumas: e, quando crescem, passear ás tardes, nos jardins, emquanto elles brincam, invejados e lindos, vestidos de velludo negro como pequeninos infantes de Velasquez.

Para as pobres abandonadas, os filhos são a miseria, a fome e a vergonha.

Alli presas, sem poder ir á fabrica ou ao *atelier*, d'onde ha-de vir o pão, emquanto o nuzinho e raquitico ente suga sangue nos tristes seios resequidos, com o botão vermelho da boquinha soffrega estendida como um bico de passaro faminto.

—Oh! se Deus o levasse!

... Viver, para que?

Dores serão teu pão, lagrimas teu vinho amargoso, quanto fores crescendo, crescendo, filho sem pae.

Antes Deus te levasse, antes...

A tua bocca procura agora um veio que não tem senão sangue para te dar.

A tua bocca em vão procurará, mais tarde, outra que tenha alivios para te consolar.

Ser batido, ser escorraçado, ter fome e não ter que comer, ter somno e não haver onde te deitar, ter amor e não haver quem te ame.

O hospital, a cadeia, a doença, o rio—valla commum dos párias—ahi tens, filho de pobre, filho enjeitado, para que lindo futuro os teus olhos se abriram á luz da vida.

—Ah! se elle viesse morto!

Quantas, innumeraveis, pelo mundo, ante o milagre da Annunciação, ao sentirem palpitar a misteriosa vida occulta, murmuraram, em segredo, esta prece sacrilega e dolorosa...

... Mas — contradicção divina! — quando pela primeira vez o pequenino ser roseo e innocente estendeu para o teu seio a boquinha sedenta; quando pela primeira vez beijaste, a chorar e a sorrir, essa carne d'aurora, da tua carne e do teu sangue nascida, com que fervôr imploraste ao Deus dos infelizes que désse a vida e a saude ao anjinho que não podias alimentar senão com lagrimas.

Não te ouviu elle e levou-t'o, quando já ninguem ignorava a tua vergonha, e te afizeras a sonhar um futuro luminoso, cheia de amor, outra vez cheia de esperança—da sacrosanta esperança das mães que tudo faz es-quecer, que tudo transfigura em rosas, até as pedras dos seus calvarios.

E foste desde então esse espectro do desespero e do supremo abandono que passa nas ruas, entre a agitação e o tumulto da multidão, encolhida n'um velho chale tingido: essa misera creatura escondida entre o povo, á porta das egrejas, nas manhãs doiradas em que os sinos repicam alegremente a baptisado.

E como os teus olhos, silenciosamente, se arrazariam de lagrimas, ao evocar, n'esses filhos das mães felizes, a imagem do teu pequenino morto!...

IV

Banal, não é verdade, a historieta?... Já agora, para acabar, deixem-me dizer-lhes que durou apenas mais dia e meio, depois d'aquella scena que lhes contei.

Ainda quiz voltar para a officina. Mas n'aquelle estado, sem forças sequer para pegar no ferro, mandaram-na embora.

—Morreu abafadinha em sangue!—disseram-me no casebre onde morava na «ilha do Paraizo»—um d'esses lobregos esgotos da cidade, estreitos e infectos como saguões, onde fervilha uma densa ralé prolétaria e se estiola, grulha e apodrece ao sol, uma infancia descarnada, entre charcos estagnados de despejos e bandos de gatos famélicos.

Na hora do «descanço» foram vel-a as companheiras da officina e encher-lhe de dhalias e chrysantemos o caixãosito de panninho branco muito decente—que o patrão offereceu com uma philantropia muito para reclamar, não haja duvida.

Estava inchada, horrivel, com manchas azuladas nas faces de cêra rigidas, os dentes á mostra entre os lividos beiços crispados n'um rictus de agonia muda,—e as mãos osseas e amarellas, com signaes roxos de queimaduras, tão sequinhas de magreza—as mãos emfim quietas! em cruz sobre o mirrado peito chato.

Detalhe que talvez achem tocante; nos pés, levava umas chinellas de verniz que as amigas lhe compraram por subscripção, porque as unicas que possuia, já quasi nem solas tinham.

—Acabaram-se-lhe os trabalhos!— foi a exclamação fatalista e humilde d'uma d'ellas, ao beijar-lhe a testa gelada.

Acocorada a um canto, sobre uma caixa de pinho, com a cabeça escondida entre as mãos, a mãe soluçava:

—Com tanto amor te criei, filha da minha alma, e que desgraçadinha foste!

Tentavam as mais confortal-a.

—Ninguem sabe a sina para que nasce destinado!...

—Não se afflija, não se consuma, que mais lhe valeu ir de vez do que ficar ainda a penar, mirradinha de desgostos!

—E agora que vae ser de mim, sosinha no mundo?...

—Tenha fé, tenha fé, que Deus ha-de ter pena da sua sorte!

—Deus!... Deus!...

E não se sabia bem se n'essa palavra unica da pobre velha encolhida e tropega, a soluçar a um canto d'aquelle casebre tão pobre, havia ainda esperança ou desillusão immensa de quem passou toda a vida a invocal-o, em vão...

Bruscamente, ao longe, as chaminés das fabricas uivaram, sobre a cidade enorme, annunciando o recomeçar do trabalho. E dizendo á pressa o derradeiro adeus á companheira morta—imagem do destino de tantas! —todas partiram correndo.

Cada vez mais agudos, os largos uivos, ao longe, echoavam...

A mãe ergueu a cabeça engelhada, e n'um soluço, murmurou:

—Só tu, filha, é que já não precisas mais de correr!...

—Chegou-lhe a hora do «descanço!»—disse uma visinha, que ficára ao meu lado.

—E a minha, Senhor! a minha hora quando chegará?...

E os olhos da velha procuraram o ceu—mas não o avistaram, de tão cegos de chorar.

Justino de Montalvão

RUBIA

A uma andaluza

Loira, como a loira messe,
D'um loiro tão doce e bello,
Que de loira até parece
Que tens o sol no cabello!

Andei scismando e perplexo,
A meditar se essa luz
Era um palido reflexo
Do teu olhar andaluz!

E, decifrando adivinhas
Em teus olhos, minha louca,
Eu conclui que tu tinhas
Um sol ardente na boca!...

E de ti enamorado
— Ai do tresloucado que ama! —
Fui-me queimar, deslumbrado,
Na labareda da chamma!

Depois .. minha aventureira,
Com a mais linda aventura
Levaste me a luz inteira,
Deixaste-me em noite escura!

Mariano Gracias

EM MELGAÇO

A CASA PORTUGUEZA

SEGUNDA PARTE

A cabana de madeira, que primitivamente se dilatára pelas collinas da Roma antiga e que iniciou povoações mais tarde investidas, como Londres, n'um destino proeminente, foi um dos typos de habitação em algumas estações lusitanas, subsistindo pelos tempos historicos e perdurando até hoje nos conhecidos palheiros littoraes.

Para abrigo de utensilios de pesca e de sargaço (Moinho do Bispo, Fão, Gramadoura, Lavra) ou para habitação (Espinho, Furadouro, Costa Nova, Torreira), as barracas de taboado deixaram na toponymia — Cabanas, Cabana Maior, Cabanellas, Cabanões, etc., — os vestigios da sua inicial e extensa propagação. Mas já nas cidades se edificára parallelamente com pedra, vendo-se ainda no valle do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas á mistura com outras quadradas em que a abertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente conica. Na Gralheira e em Alhões (Montemuro) ainda apparecem casas redondas como a antiga habitação do lusitano; e em Bobadella, na Beira, a povoação viva junta á cidade extincta, renascendo uma da outra, permittem comprehender, das civilisações pre-romana, romana e post-romana, os élos d'um encadeamento ininterrupto.

A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra, com um miudo apparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversaes (Pitões, Covellães, Villarinho de Negrões) a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas. Onde é cosinha é tudo: alli se dorme, alli se tece, gallinhas sobre os catres, porcos familiares, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura, n'uma canastra

a creança e o cão dormindo juntos. (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira).

Na ribeira a casa terrea, frequentemente, é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou annexadas estão as córtes da rez e dos marranchos, o cobêrto e o celleiro. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na cohabitação e aposentos, na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nos postigos desguarnecidos e com o desagasalho da ausencia de vidraças. Erguendo, porém, um andar, a fachada mostra-se com duas, tres, quatro janellas sob as quaes se abrem oculos ou frestas que vão tenuemente illuminar e arejar os estabulos ou os armazens de provisões. O ingresso, vindo de fóra, faz-se muitas vezes, desde a Maia ao valle do Vouga, pela porta intermediaria do predio e do muro que veda o quinteiro enramado. Lateralmente ao edificio, ou ainda na face opposta á frontaria, uma escada de pedra sobe junta á parede até ao nivel do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo d'um alpendre superior central ou a um dos lados, seguindo para baixo com guarda lavrada ou não, e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma columna jonica de fuste esguio e longo.

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. De pedra e fechadas, veem-se, conforme a exposição, junto das serras (Varzea e Ovelha do Marão); de madeira são as communs, assentando sobre pilastras (Cabração, Moreira do Lima, Estorãos), ou fixadas em cachorros (Bouro, Soajo, Gerez). A communicação para o sobrado faz-se pela escada perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da apeiria e está a adega, a salgadeira, ás vezes celleiros e até córtes. Em roda a eira, as mêdas e moreias, o poço, as córtes e cortelhos, o gallinheiro, a casa do cão, os espigueiros ou canastros (Arcos, Barca, Ponte de Lima), os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para o gado (Baião) ou se livram das chuvadas os pães que seccam no eirado.

No Minho, a varanda salienta-se geralmente da fachada; em Traz-os Montes este annexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa; se assenta, porém, sobre o travejamento que vem da parede mestra e d'ella parte a escada encostada á frontaria (Bragança, Vimioso), alonga-se o beiral protegendo a uma e outra. Succede, emtanto, que muitas vezes o andar recolhe dentro e a balaustrada então se nivela com a frente (Penaguião, Villa Real).

Na Beira, a varanda tem egualmente apoio na parede mestra, espessa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede todavia, de prumada o balcão subsiste firmado em cachorros ou esteios. A disposição e situação da varanda, que nas raras casas de dois andares passa para o ultimo (Bouro, Gerez, Moncorvo), é outra nos predios em que um pateo interior evoca a claustrada dos conventos; á excepção d'uma das faces, que encosta no visinho ou onde se rompe o amplo portão de ingresso, nas tres restantes corre de nivel com o sobrado (Tourém) exhibindo o aspecto, certamente mais modesto, d'esta parte complementar da crasta dos mosteiros.

O caracter que imprime á casa de lavoura a ausencia ou disposição dos balcões e das escadas é ainda alterado por outros pormenores e minudencias. Assim é que dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Braga, Guimarães, Barcellos), sobem chaminés de typos varios, como as boieiras (Montesinho), trapeiras (Campeã) ou goteiras (Minho e Douro), as bombaças (Braga e Porto), as que lembram pombaes (Amarante), ou semelham tumulos, minaretes e zimborios (Alemtejo e Algarve).

No norte, o pavimento é terreo ou empedrado, e revestido de tijolo no Alemtejo; os peitoris salientam-se um decimetro para fóra (Monsão, Melgaço, Guimarães); as padieiras e humbreiras são lavradas, chanfradas ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; ladeando as janellas e para a séca das fructas, de roupa ou para vasos, avultam mísulas de schisto, de calcareo ou de granito; a palhoça ou telha vã

é um abrigo que assim fica ou se reveste de forro, em masseira ou caixotão; o forno ou é commum ao povo (Barroso), ou um annexo indispensavel na cosinha, ou um accessorio independente no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Povoa de Varzim, Villa do Conde); os angulos em bico de loiça nos telhados (Beira Baixa) ou rematados por pombas e brutescos de olaria (Eixo, Ilhavo, Aveiro); as cabeças de saurios ao alto nas chaminés ou como gárgulas (Povoa, Villa do Conde); as portas almofadadas, mosqueadas de grandes pregos (Sendim de Miranda) ou ornatadas em relêvo e polychromicas (Maia, Paderne, S. Gregorio); os galeões, de vélas pandas, lavrados em calcareo nos cunhaes (Lisboa); os escudetes recortados para os fechos; os reta-

EM ANCEDE (BAIÃO)

EM ARGIVAL (POVOA DE VARZIM)

bulos de azulejos; os nichos e as cruzes de pedra embutidas nas fachadas; os relogios solares; as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado; as pilheiras, interiormente, para a loiça, o mêdas de cucuruto enfeitado com torres e flamulas; os poços de bomba e rodizio ou carretel; as burras (Alfandega da Fé), baldes (Mirandella) ou cegonhas (Coimbra) e os pombaes, como moinhos de

EM TERRA DE MIRANDA

EM TERRA DE MIRANDA

caniço para a castanha, a gramalheira para o panêlo, os assentos de pedra nas janellas, os couções, os sotãos, os falsos, os alçapões, as trancas, os ferrolhos, os taramêlos; e ao largo os bate-bates, ralhadeiras, taramellas e cataventos; as vento, independentes em Melgaço, Monsão e Traz-os-Montes e historiados e encostados ás chaminés no Alemtejo completam os accessorios das habitações que, com os rocios, as alamedas, os ribeiros, as pontes, as alpondras, os moi-

nhos, as azenhas, as fontes, os chafarizes, as capellas, os cruzeiros, as ermidas, as alminhas e os pelourinhos, dão, em vario

EM MELGAÇO

NOS ARREDORES DE BRAGA

grau, a physionomia das povoações de Portugal.

De tam simplista architectura e da sua associação com varios d'estes pormenores ha logar para o destaque d'uma casa ou casas de indefectivel estylo nacional? De modo nenhum.

Aqui, como n'outras regiões de Hespanha, de França, principalmente no Languedoc e na Provença, da Italia meridional e até da Argolida, os typos de habitação exprimem apenas, para povos aliás com parentesco na mesma estirpe ethnica, uma adaptação a circumstancias locaes sensivelmente identicas. O predio em que os baixos arrecadam e armazenam e no andar existem os aposentos de viver, com escada exterior encostada á fachada ou lateral, resume entre nós, como nos paizes alludidos, a estructura da casa de lavoura. Divergencias secundarias regionaes e alguns dos pormenores não modificam fundamental-

mente a traça inicial, mesmo quando o estado de fortuna ou algum devaneio da esthetica local excedem os modelos tradicionalmente consagrados. E os outros predíolos, as casas terrenhas, são a bem dizer universaes, sempre que as d'outro paiz se emmoldurem nas mesmas condições que explicam as nossas.

Já um historiador insigne affirmára que o cultivador minhoto, «absorvido pela terra que o alimenta, pede á casa só um abrigo, sem luxo, nem conforto». A asserção é extensiva a maior ambito. E deveras nenhum espelho tam fiel do espirito nacional de que o interior da casa em que se vive. Elle nos dá a impressão da sua tradicional penuria, da indole rude e violentamente utilitaria, da indigencia mental d'um povo absolutamente carecido de faculdades artisticas, a um tempo amorudo e interesseiro, pagão irreductivel ainda quando beato, escravo por vicio de origem, por habito historico e por eterno assentimento grato e conformado.

Muitas vezes quando as prosperidades do casal ensejam o levantamento d'um andar ou o goso da pueril vaidade de transmudar a moradia primitiva em casarão, o schema fundamental em nada altera e até os costumes subsistem, utilisando-se os novos aposentos, afinal vagos, na arrecadação das tulhas ou na transitoria apropriação a madureiros.

A habitação entre nós é, pois, uma consequencia da adaptação ás varias circumstancias naturaes e sociaes que a condicionam — mas isto apenas. E as casas senhoriaes, com o seu vasto terreiro enfrentando a longa frontaria em que uma dupla escada, começando a divergir do pé, converge no alto sob a alpendrada, umas com capella, outras com torres lateraes, outras com torre central ameiada, outras ainda com diversos aspectos de exterior, são ás vezes a modificação erudita ou a corrupção pedante da modesta casa de lavoura e mais frequentemente um typo de importação franceza ou italiana — como agora!

Seria realmente estranho que um povo sem autonomia artistica, logrando só, para enlevo proprio, o episodio do *manuelino*, que é uma enxertia n'um estylo, resumisse apenas as suas faculdades creadoras no predio que erigiu em domicilio!

Mas se não temos uma architectura exclusivamente nossa, nem rural nem urbana, e por signal é escassa a nossa originalidade nos pormenores e accessorios, a tradição que radicou numerosos costumes compartilhados por povos affins, egualmente consagrou os typos de casas já descriptas e que afinal, como o assegura um longo tempo decorrido, melhor se accomodam ao genio do povo que as habita.

(Conclue).

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

Clichés do autor.

Fonte dos Amores

Ó agua triste, não chores,
Vae de vagar, de vagar . . .
Que ella não cuide que choras
Porque me viste chorar !

Ai não soluces tam alto,
Ó fonte do seu caminho !
Agua chorosa e romantica,
Falla mais devagarinho . .

Não digas nessa toada
Melancolias ás flores :
Ó fonte, vae socegada,
Nunca lhes falles d'amores.

Não contes o que me ouviste,
O que te estive a dizer . . .
Sê contente, agua romantica,
Que ella o não venha a saber !

Olha as minhas mãos ardentes,
Refresca-as, fonte amorosa !
Olha os meus olhos vermelhos . . .
É de rir, agua chorosa !

Ó agua triste, cautella,
Vae de vagar, de vagar . . .
Que ella não pense que choras
Porque me ouviste chorar ! . . .

Julio Brandão

O CHAPÉO ALTO

ALGUNS higienistas prescrevem, em nome da higiene, o chapéo alto, que se tornou o emblema das democracias egualitarias, porque cobre indistinctamente a cabeça do aristocrata elegante e do operario laborioso.

Os medicos affiançam que provoca a calvicie e as enxaquecas. Sousa Martins disse uma vez, prelectando na cathedra: «Sobre o chapeu ha muito a dizer; não fallemos no chapéo alto, que é uma camara de ar sem renovamento; este tambem, se apparecesse nas ruinas de uma cidade, os archeologos diriam lá para si: *em que cylindro se enfiaria este canudo?*... O chapéo higienico é o de feltro, flexivel e molle; o alto e o de côco apertam a pelle, produzindo congestões n'esta, que dão a maior tendencia para as doenças de pelle do coiro cabelludo».

Mas a guerra contra o chapéo alto não se tem empenhado só no campo medico, mas tambem no campo economico, porque já houve quem tentasse propôr, no parlamento inglez, um imposto sobre todos os que usassem *quartola*. Os elegantes, porém, não a deixam nem á quinta facada, ligam debil importancia ás objurgatorias dos medicos e pouco lhes montaria pagar a taxação de alguns cobres sobre um chapéo, pelo qual esportulam uma libra esterlina, para cima, que não para baixo.

Ao chapéo alto uns dão a paternidade ingleza, outros a franceza. Os primeiros dizem que elle veio á luz trazido por um botiqueiro do Strand em 1797. Mas o peregrino *quico* deu visgo á caçoada dos gaiatos londrinos, que seguiram na cola do portador do novo chapéo, o qual se tingou depois de ter passado as passas do Algarve. A vista da estrambolica chapelêta gerou nos *cockneys* a mesma crise de assombro, que nos domina ao mirarmos os casquêtes mirabolantes com que as actrizes minutissimas nos veem chimpar uma baboseira qualquer n'uma revista mais qualquer ainda.

Os que assignalam uma origem franceza ao chapéo alto sustentam que foram os alambicados *incroyables*, que tiveram o descôco de exhibir esta novidade em flor no anno de 1796.

A historia do chapéo alto cifra-se na das variantes das suas tres dimensões. Ora é estreito e alto, ora é rotundo e baixo, ora de aba estreita, ora de aba larga.

Sob o Directorio, as mulheres e os homens politicaram com a *toilette*, pagaram tributo á moda politica.

O chapéo feminino, que tinha emigrado perante as excitativas

nudezes do Directorio, operou a sua restauração com o Imperio. Em 1802 o chapéo alto semelhava uma caçarola sem cabo. Depois, a burguezia arvorou uns chapéos de copa estreita em baixo e tampo largo, com as abas arredondadas em semi-circulo, até que estas foram gradualmente diminuindo e, em 1816, se tornaram reduzidissimas.

Em 1814, as damas usaram o chapéo á Henrique IV, que não era senão um chapéo alto com plumas. Em 1819, appareceu o descommunal chapéo Bolivar, symbolo dos liberaes, que encontrava a antithese no Morillo, emblema dos absolutistas.

As senhoras traziam um Bolivar com abas enormes.

Os chapeus altos eram de feltro ou de seda. O primeiro chapeu de seda remonta ao raiar d'alva do seculo passado, e o primeiro chapeu de molas foi visto em Inglaterra, em 1824.

O chapéo alto entrou na moda lisbonense nos fins do seculo XVIII. O Intendente Geral de Policia, Pina Manique, averbou-o logo de suspeito, capitulou-o logo de subversivo, e emparceirou-o com as luvas, os cócares *á liberdade,* os sapatos sem fivelas e outros objectos, que elle imaginava serem manifestações de sentimentos revolucionarios. Nicolau Tolentino fala no *gigante chapeu de pello;* e, em 1808, usavam-se muito os chapeus redondos ou chapéos altos nos bailes. Desde então, o chapéo alto nunca mais deixou de ser moda em Lisboa. Em 1820, os melhores chapéos finos vinham de Londres. O eminente vintista Manoel Fernandes Thomaz usava chapéo alto, e com elle figura n'um quadro ornamental da salla das sessões do municipio lisboeta. As gravuras do *Portugal Illustrated* de Kinsey representam os camponezes de Guimarães em 1827, os quaes andavam de chapéo alto, capote e calças compridas, os do Alemtejo, que estylavam chapéo alto de aba larga derrubada atraz e capote azul, e as camponezas do Minho, que usavam chapéo alto com tope na frente, e, algumas, um lenço preso ao chapéo e cahido pelas costas. Entre outras fabricas de chapéos de pello de seda, contava-se, em 1829, a do Lafaia, na rua das Olarias, onde se vendiam «chapéos redondos e armados de differentes qualidades, barretinas e gorros para senhoras, de varios gostos e enfeitados á moda do Brazil».

No mesmo anno, José Agostinho de Macedo chasqueava os modismos francezes na *Besta Esfolada*, e dizia:

«Por amor d'esta mania (os francezismos) foram as nossas fabricas para traz, ainda que de todo se não extinguissem, e se não fôssem rindo os estrangeiros com os nossos vintens, o que agora fazem com especialidade n'esse pinhal de Azambuja femea, chamado o Corpo das Modistas, com esses pannos de palha que põem na cabeça das mulheres, com mais fitas que uma fogaça de aldeia».

Depois da expulsão de D. Miguel, o chapéo alto continuou a

dominar com sobranceria. Quando a joven rainha D. Maria II entrou no Porto, em 34, ia trajada de amazona com chapéo alto de pellucia preta. Um chroniqueiro de modas informava os elegantes, na occasião do lucto pelo principe D. Augusto, em 35, que as casacas continuavam a ser muito abertas, algumas sem portinholas e outras sem algibeiras, que se deviam trazer os punhos da camisa dobrados sobre os canhões da casaca, que as calças deviam ser justas com puxadeiras ou presilhas e que os chapéos altos eram verticaes e de abas largas, tendo já visto nos bailes alguns chapéos de pasta confeiçoados de velludo e galão de oiro.

Em Inglaterra, George Bryan Brummel, o arbitro geral da casquilharia britannica, usava o chapéo alto, que punha uma nota grave na gamma brilhante da sua elegancia esplendidissima; e, em França, o principe Fernando de Orleans, soberano tafulão, tapava a caixa craneana com o circumspecto sombreiro alto.

Em 1838, os pintalegrêtes lisbonezes cobriam as lustrosas trunfas san-simonienses com chapéos altos de castor, e, durante o verão, com chapéos de castor branco e de castorinho cinzento.

Em 1840, usavam chapéos altos de seda, em 1841 os de pello de seda de Italia, em 1842 chapéos com copa mais alta e abas mais largas, e no verão, os brancos de seda de Italia. Em 1844 encolheram-se as abas e em 1845 a copa mingoou de altura, para, volvidos seis annos, tornar novamente a crescer em aba e em copa, evidenciando sempre uma elasticidade de guttapercha e uma volubilidade de catavento. Então, os franchinotes do Chiado e os peralvilhos da Baixa andavam todos de chapéo alto, e até se viam operarios que iam para o seu trabalho com o capote e chapéo alto. O chapeu cylindrico triumphava em toda a linha.

O jornalista parisiense Villemessant apresentava-se com um chapéo alto de pello de coelho branco, que embasbacava os pacovios, como succedera com aquelle celebrisado collete de setim chinez, que Theophilo Gautier luziu na primeira recita do *Hernani*, uma das grandes batalhas do romantismo incipiente.

Quando o duque de Morny — a impeccabilidade rigida da *toilette* erigida em dogma — presidiu ao parlamento francez, entendeu que devia alterar o feitio dos seus chapéos, de maneira mais consentanea com a gravidade do seu alto cargo, e, para esse fim, advertiu o chapelleiro de que necessitava um chapéo mais severo, mas sem exaggeros.

«Perfeitamente! exclamou o artifice após breve meditação. Eu sei o que convem a V. Ex.ª — um chapéo serio com alguma alegria nas abas...»

O chapeu alto era, e continúa a ser, o chapéo dos estadistas e dos que andam ferropeados pela grilheta da galé potitica. Assim não podemos comprehender Guizot ou Emile Olivier sem o *haut de forme,* não podemos figurar Lord Palmerston ou Lord Derby

sem *tall hat,* não podemos conceber Isturitz ou Mon sem o *sombrero de copa*, não podemos imaginar Rodrigo da Fonseca ou Fontes sem o *penante.*

Houve quem usasse constantemente o chapéo alto, qualquer que fosse a razão ou o cariz celeste. Citaremos, por exemplo, o conde de Vimioso, o memoravel curandeiro barão de Catanea e o Domingos Antonio, proprietaro do Café Central, do Chiado, prazo-dado da aurea juventude de outros tempos. Houve quem usasse a *quartola* inalteravelmente da mesma fôrma, como foram, por exemplo, o dr. Brilhante e o conde de Casal Ribeiro. Estylavam-n'a com grande anchura de abas. Quando, em 1879, este ultimo recebeu a nomeação de ministro em Hespanha, o gazetilheiro Argus gazetilhava assim a *chaminé* do diplomata:

Quando fôres para Madrid,
Ó Casal, dize de lá,
Se o teu chapéo póde passar
Pela «calle» de Alcalá.

Outr'ora, nenhum brazileiro retornava á Portugal, que não viesse munido de um *panamá* e de um chapéo alto de pellucia avinhada para brazileirar no seu torrão natal. Os bolieiros das obsoletas seges e traquitanas usavam uniformemente o chapéo alto, costumeira esta olvidada por muitos cocheiros modernos, que preferem o *mazzantini* toireiro ao *penante* de gato-pingado. E ainda não ha muitos annos que os porteiros de S. Carlos se uniformisavam de casaca e chapéo alto.

Ahi por 1872 ou 1873 — quando o Roxo e o Grezielle eram os chapelleiros que mais sabiam da poda — os marialvas do Chiado andavam todos de chapéo alto de aba direita, e de ahi vinha o appellidarem n'os *os abas direitas.* Chegámos a conhecer um ferro-velho das ruas lisbonenses, que só vendia *mimosos* ou chapéos altos.

O chapéo alto veio do seculo XVIII, atravessou incolume o seculo XIX e entrou, com desgarro, pelo seculo XX .O do nosso tempo brilha como um pharol e, na imagem do decadentista Mallarmé, dá idéa de um meteoro tenebroso. Em nossa opinião, o chapéo alto devia cahir perante a insurreição do bom gosto. Mas elle parece ter-se enraizado nos nossos costumes mais solidamente que o systema parlamentar. E os inimigos do chapéo ficaram de ventas á banda, porque continùa impertinentemente a sua carreira, sobrevive a todas as revoluções, affronta todos os regimens politicos, derruba todas as invencionices de chapelleria, é acceito, com boa sombra, por ambos os sexos, conseguiu fazer a volta do planeta como a bandeira tricolor na celeberrima arenga lamartiniana. O chapéo alto ficou como um pretendente que não abdica.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

A tranformação do ar atmosferico

O ar engarrafado e o ar em blocos

APEZAR DE SUA TEMPERATURA DE 192° ABAIXO DE ZERO, O AR LIQUIDO PÓDE SER RECEBIDO IMPUNEMENTE NA MÃO

LIQUEFACÇÃO DO AR

A sciencia moderna conseguiu liquefazer o ar que respiramos.

Na sua forma liquida, o ar tem a apparencia de agua a ferver, mas agua com um colorido de azul ethereo, mais brilhante e lindo do que um manancial de rocha. É tão frio que o gelo é comparativamente quentissimo, e de tão poderosos effeitos que uma barra de aço candente, mergulhada n'esse liquido, flammeja instantaneamente e arde n'um momento até se sumir de todo.

Para operar essa transformação no ar atmospherico, é preciso roubar-lhe 200 a 220 graus centigrados de calor. A sua temperatura anda por 192 graus abaixo de zero. O ar condensa-se a esta temperatura, exactamente como o vapor de agua quando a temperatura desce abaixo de 100 graus. Se nós, por analogia, houvessemos conhecido a agua no estado gazoso antes de a havermos conhecido no estado liquido, dar-lhe-hiamos tambem, n'este ultimo estado, o nome de «vapor liquido».

QUANTO CUSTA O AR LIQUIDO

Se a transformação se podesse operar com pequena despeza, se o ar liquido se podesse conservar facilmente, com certeza que o mundo andaria mais depressa. Não ha realmente uma difficuldade extrema em fabricar o ar liquido. Basta recorrer á bem conhecida lei de physica de que os gazes, quando comprimidos e em seguida entregues livremente á sua força expansiva, arrefecem extraordinariamente. Ora o que é deveras dispendioso é exercer sobre o ar respiravel uma pressão sufficiente para lhe extrair o calor. É necessaria uma pressão de 1100 kilogrammas, pouco mais ou menos. É isso que eleva o preço

QUANDO SE DEITA AR LIQUIDO N'UM COPO, ESTE RECEBE-O A COMEÇO SEM DAMNO...

...MAS, QUANDO O COPO ARREFECE E SE ESTABELECE O CONTACTO MAIS INTIMO ENTRE ELLE E O AR LIQUIDO... ERA UMA VEZ UM COPO!

do ar a cerca de uma libra sterlina por cada medida ingleza de galão (aproximadamente quatro litros e meio), ou duzentas libras por tonelada ingleza, ao passo que o gelo não chega a custar uma libra por tonelada.

COMO SE ENGARRAFA O AR LIQUIDO

Depois de comprimido o ar na machina de pressão, que d'elle extrae o calor, deixa-se escorrer por um tubo e espalha-se n'um receptaculo como um fluido muito limpido. Surge depois o problema: como conservar este fluido? E' claro que elle começa immediatamente a evaporar-se ao contacto com qualquer objecto muito mais quente, e a reverter ao estado gazoso. Ferve logo, tal qual como a agua arremessada sobre a chapa aquecida de um fogão.

Que se ha de fazer? Se engarrafarem esse liquido, ainda dentro de um tubo de aço, basta o calor da materia em contacto para causar uma formidavel explosão, tal que a vasilha mais forte de aço é n'um instante feita em estilhas. Este problema ainda não conseguiu resolver-se satisfactoriamente.

Se se deitar o ar liquido n'uma tigela, elle começa logo a ferver, devido ao calor que absorve. Ao cabo de meia hora, misturou-se completamente com a atmosfera d'onde veiu, deixando as paredes da vasilha cobertas de uma camada bastante espessa de gelo.

Mas se a vasilha estiver cercada pelo vacuo, que não conduz o calor, então prolonga-se consideravelmente a existencia do precioso liquido.

Por isso é que se guarda sempre o ar liquido n'uma especie de receptaculo de vidro, de construcção especial, mettido dentro de outro vaso maior, com um espaço entre elles d'onde se extraiu o ar.

Até hoje, em consequencia do seu custo, o ar liquido, assim como o radium, ainda para os homens de sciencia não passa de um brinquedo, tantas e tão bellas são as experiencias que com elle se podem fazer, tão vastas e extraordinarias se antolham as consequencias logo que se possa produzir ar liquido em abundancia e barato.

EFFEITOS DO AR LIQUIDO SOBRE OS OBJECTOS

Não ha perigo no manusear do ar liquido, comtanto que elle não esteja hermeticamente fechado.

Pode-se encher com elle uma vasilha de metal, como se fôra com agua.

Mas se se deixar cahir no chão a vasilha, ella quebra-se como se fôra vidro, tal é a fragilidade que o frio intenso communica ao ferro ou ao aço. Pode-se mergulhar a mão n'uma tigela cheia de ar liquido sem sofrer damno algum, comtanto que se retire rapidamente a mão. O calor da mão forma momentaneamente uma delgada almofada de ar que a protege como uma luva. Aliás a mão ficaria completamente gelada.

E' uma experiencia interessante entornar o

PÓDE-SE MERGULHAR O DEDO EM AR LIQUIDO SEM DAMNO ALGUM, COM A CONDIÇÃO DE O TIRAR COM A MAXIMA RAPIDEZ

ar liquido sobre frutas, flôres, e outros objectos para ver como elles ficam instantaneamente endurecidos.

As uvas, por exemplo, tomam a consistencia de pedras.

As flores ficam tão quebradiças, que com o dedo se podem partir em bocadinhos. Um pedaço de carne de vacca fica tão duro que resoa como um sino quando lhe batem, e pode ser facilmente reduzido a pó.

PULVERISAÇÃO DE UM TUBO DE CAOUTCHOUC ENDURECIDO NO AR LIQUIDO

Mas as flores e as frutas voltam em breve á temperatura normal, e não apresentam signaes de terem soffrido cousa alguma com a experiencia.

FRUTAS CONGELADAS NO AR LIQUIDO; Á DIREITA FRUTAS NÃO CONGELADAS

Com o ar liquido, faz-se ferver uma chaleira em cima de um bloco de gelo. Não ha nada mais simples. Ponha-se a chaleira em cima do gelo, encha-se de ar liquido, e eil-a que desata logo a ferver sem lume. O metal da chaleira está quente em comparação com o liquido, e é isso que produz a ebullição e a evaporação do ar, o qual em nuvens se evola pelo bico da chaleira. O proprio gelo, a pouco menos de zero de graus, está quente em relação ao ar · 192 graus centigrados

FERVER SOBRE O GELO

O liquido magico é o mais curioso dos paradoxos da actualidade. Apesar de liquido, não molha, porque não contem uma gota de humidade.

Apesar de intensamento frio, é em certo sentido realmente quente, por isso que ferve em contacto com substancias geladas. Alem d'isso quanto maior é a effervescencia, tanto mais intenso se torna o frio.

COMO UMA LARANJA MOLHADA NO AR LIQUIDO SE DESFAZ EM PÓ

mais quente. Acontece pois que, se partirmos um pedaço de gelo, «gelo quente», se é permittida a juncção dos termos, e se o deitarmos para dentro da chaleira, a ebullição, que ia abrandando á medida que o metal arrefecia, redobra immediatamente de violencia, e o vapor sae pelo bico em nuvens densas. Uma pouca de agua deitada para dentro da chaleira estimula egualmente a ebullição, embora a agua gele instantaneamente e fique seca como um pedaço de gesso.

UM BIFE TÃO DURO, DEPOIS DE MERGULHADO NO AR LIQUIDO, QUE SE QUEBRA O PRATO ANTES QUE ELLE SE PARTA

Uma das mais interessantes habilidades a que se presta o ar liquido é a de fazer um sorvete dentro de um taboleiro ou de uma fôrma aquecida.

Basta para isso entornar umas gotas de ar liquido sobre as partes componentes do sorvete, sejam ellas quaes forem, e apezar da chamma que arde debaixo da vasilha, o sorvete apparece sem demora.

METTA-SE UM CHAPEU EM AR LIQUIDO E VER-SE-HA COMO LOGO SE ESMIGALHA N'UM PROMPTO

Mesmo por cima da chamma, agglomera-se no fundo da vasilha uma camada de gelo.

A COMBUSTÃO ACTIVADA

Quando se expõe o ar liquido na temperatura do ambiente, o primeiro elemento a vaporizar-se é o azote, deixando durante algum tempo um liquido azul, que contem 75 por cento de oxygenio.

Este facto dá motivo a experiencias interessantissimas, alem de ser de uma grande importancia scientifica, pela facilidade de obter oxygenio cujo valor therapeutico é tantas vezes aproveitado pelos medicos.

Muitas substancias, que não ardem promptamente no ar ordinario, incendeiam-se com chamma, ao contacto de uma simples faulha, depois de embebidas em oxygenio.

Assim, uma pequena porção de oxygenio liquido esbrazea instantaneamente um charuto.

A lã saturada de oxygenio liquido, flammeja como polvora apenas lhe cheguem um fosforo.

Pela mesma forma, se consome completamente um pedaço de feltro.

APPLICAÇÕES UTEIS QUE O FUTURO RESERVA AO AR LIQUIDO

A primeira applicação pratica importante d'este magico liquido será como frigorifico.

Actualmente, para conservar a fruta n'uma viagem longa por caminho de ferro—a distancia, por exemplo, de S. Francisco da California a New York, cousa de 3300 milhas—é necessario atulhar cada vagão com umas vinte a trinta toneladas inglezas de gelo.

Isto, além de sobremaneira dispendioso, rouba um espaço importantissimo.

Uma pequenissima quantidade de ar liquido produzirá o mesmo effeito do que essa enorme porção de gelo, e com muito mais simplicidade. Depois, nada melhor do que o ar liquido para refrescar o ar que respiramos.

Nos hoteis e nos hospitaes, sobretudo, a sua utilidade será immensa de futuro.

Outra grande applicação será como motor

e como explosivo. Com ar liquido applicado a uma locomotiva, é desnecessario o fogo. O calor do ar ambiente basta para que o novo combustivel dê movimento á machina. E que combustivel haverá mais abundante do que o que nos fornece a propria atmosfera?

AS FLORES GELADAS NO AR LIQUIDO REDUZEM-SE N'UM MOMENTO A PO

Finalmente, na medicina, o ar liquido está destinado a representar um papel importante para beneficio da humanidade enferma.

Já está estabelecido em New York um Instituto de Ar Liquido, particularmente para o tratamento das doenças de pelle, e são muitas e prodigiosas as curas que se relatam. Applicado á pelle por meio de um pulverisador, o ar liquido actua repentinamente como anesthesico, prende a circulação do sangue, e despe de todo o terror o bisturi do cirurgião.

A unica difficuldade que por emquanto se oppõe ao emprego universal do ar liquido, é o seu preço excessivo.

Quando chegar o tempo em que o ar liquido se fabrique a preço relativamente infimo, que contentamento deve espalhar-se pelo mundo inteiro!

«É provavel», declara o inventor do ar liquido, «que nem a propria electricidade venha a prestar mais relevantes serviços á humanidade».

De um momento para o outro se póde resolver o probema de produzir ar liquido barato, porque ha muitos homens eminentes que a elle se dedicam assiduamente. Esta esperança é realmente consoladora para nós todos.

COMO SE OBTEEM BLOCOS DE AR SOLIDO

Mas caminhou-se já mais ávante. O ar gazoso que respiramos, depois de passar ao estado liquido, já attingiu o ultimo grau de condensação da materia. O professor Metz, da Universidade de Tulane (Luisiania), depois de fazer um grande numero de experiencias com o ar liquido, conseguiu fazer ar que pode ser manuseado como um pedaço de metal ou uma pedra, mas com mais cautela, porque a sua temperatura é tão baixa que o mercurio gela rapidamente em contacto com elle.

Como se obteve este assombroso resultado?

Simplesmente evaporando o ar liquido e fazendo o vacuo sobre a sua superficie. Mette-se o ar liquido n'um tubo de prova, que se rolha, e se liga ao apparelho pneumatico por via de um tubo de vidro que atravessa a rolha.

Apenas se faz a ligação, o ar liquido começa a cahir e a ferver, e o frio chega a tal intensidade que a atmosphera fóra do tubo se condensa e escorre por elle abaixo. Dentro de poucos minutos está solidificado o ar liquido. Quebra-se depois o tubo, e tira-se o bloco de ar solido.

PROPRIEDADES DO AR SOLIDO

O ar solido tem a apparencia do gelo, mas não pode quebrar-se. Quando o professor Metz tentou quebrar um pedacito do tamanho de uma avelã com um martello de ferreiro, o martello resaltou como se batesse n'uma al-

SOBRE UM BLOCO DE AR SOLIDO, RESALTA O MARTELLO QUANDO A PANCADA FÔR BRUSCA

mofada elastica. Mas não resaltará se a pancada fôr dada com brandura; n'esse caso o martello ficará agarrado ao pedaço de ar.

O poder do ar solidificado como explosivo é muito superior á dynamite. Nas minas de carvão, a sua utilidade será consideravel. Mette-se entre o carvão um cylindro carregado de ar solido, por meio da electricidade, e quando faz explosão, produz oxigenio puro, purificando a atmosphera de todos os gazes mephiticos e tornando as galerias aptas para n'ellas se respirar livremente.

Possivel é que mais surprezas nos reserve o ar solido, á medida que os sabios forem multiplicando e barateando os meios de o obter.

CONCLUSÃO

Mas, voltando ao ar liquido, cujas applicações melhor se precebem desde já, eis as palavras com que um physico enthusiasta summaria todas as vantagens que o futuro reserva á sua producção:

«Chimeras de hontem, as fantasias do *Doutor Ox* serão as realidades de ámanhã, e mais uma vez será Julio Verne propheta!

«Em resumo: tres dos elementos mais importantes da chimica, hydrogenio, oxygenio, azote, postos á nossa disposição no estado puro e em condições de grande barateza pelos novos methodos; n'uma das extremidades da escala thermometrica, altas temperaturas produzidas pelas combustões no oxygenio; na outra extremidade, temperaturas baixissimas fornecidas pelo ar liquido; eis as alavancas extraordinariamente potentes com que mais uma vez a utilisação attenta e racional das propriedades da materia terá dotado a industria humana.

COMO A HUMIDADE DO AMBIENTE SE CONDENSA NA SUPERFICIE DO TUBO EM QUE SE FAZ AR SOLIDO

«E se nós procurámos prever algumas das suas applicações eventuaes, quem poderá dizer que amplidão poderá ainda ter em terreno tão novo o campo das surprezas reservadas aos investigadores!»

Com effeito, não se vêem limites ao horizonte aberto por este maravilhoso invento. Baste por emquanto, para aguçar a curiosidade dos leitores, a ideia de que em breve poderão talvez manusear facilmente o ar mettido em chavenas e o ar transformado em pedras.

A FORÇA MAGNETICA DO AR SOLIDO É IMMENSA; CUSTA MUITO A DESTACAR QUALQUER COUSA QUE A ELLE ADHERIR

Se a mocidade soubesse...

III

O ADEUS DO BURGRAVE

Era uma grande folha de papel dobrado em carta e com enorme sello, onde estava estampado um brazão de armas. No endereço estes dizeres: Ao muito nobre sr. Estevam Lee, conde de Waldorf Kilmansegg, na estalagem da Cegonha de Prata, em Wellenshausen.

Tinha o theor seguinte a mensagem:

«Senhor.

«Mal regressei ao castello, soube com infinito desgosto que por estar ausente não podera fazer-lhe as honras da minha casa, durante a sua amabilissima visita. Esperançado em que esteja ainda por estas visinhanças, venho escrever-lhe á pressa, com o fim de pedir-lhe que, no caso de julgar a nossa pobre hospitalidade merecedora de uma tal fineza, se digne voltar aqui, para que eu tenha a satisfação de poder de viva voz chamar-lhe meu hospede.

Carlos Luduvico
Burgrave de Wellenshausen

O moço viajante, que tinha estado a lembrar-se da sua visita furtiva ao castello roqueiro, e d'aquella noite passada como as duas damas ao abrigo das odiosas muralhas, como de aventura um nadinha picante, se bem que no fundo completamente innocente, ficou desapontado quande acabou de ler a carta. Soffreu esta impressão tanto por causa do romance da vespera, como pelo que se dizia a respeito do famoso Barba-Azul de Wellenshausen, cujos férozes ciumes o levavam a encerrar a sua Fatima em torre de tão grossas paredes como a de Santa Barbara. Em vez de decepar a cabeça de Fatina, pelo contrario manda chamar a toda a pressa o audacioso visitante e pede-lhe até que acceite os thesouros da sua carinhosa amabilidade!

—Ah! Meu amigo Hans—pensou Estevam, com um grande bom senso—as suas palavras e a sua rabeca disseram disparates bravios com respeito ás surprezas da vida e á rosa de oiro da mocidade!... O mundo é logar de faina incessante, melancholico e sombrio, e os sonhos, com que as suas palavras me encheram o pensamento, são apenas filhos da minha phantasia e do arco da sua rabeca.

Olhou para dentro do pateo da estalagem, atravez de uma parreira, e viu o musico sentado n'um banco, tocando cheio de enthusiasmo para uns pequenitos, que dançavam de mãos dadas. A manhã ia clareando, e frechas doiradas de luz solar já trespassavam o nevoeiro. O mensageiro do castello, um elegante *Jäger* de libré verde e côr de amora, permanecia de pé, a certa distancia, com a discreta indifferença da sua condição, franzindo os beiços para acompanhar com assobio imperceptivel a toada que espalhava alegria no pobre pateo. Um pouco mais longe a sege de viagem do fidalgo recebia a carga respectiva, sob as vistas do lacaio do conde. O convite do burgrave era afinal de contas uma coisa banal, quasi vulgarissima, além de que o programma para aquelle dia de jornada não tinha a menor urgencia.

*
* *

O rabequista arrancou do instrumento uma ultima nota, muito prolongada, provocando da parte dos pequenos os mais ruidosos protestos. Uma sineta começou a tocar ao mesmo tempo, com um som desagradavel e persistente.

— São horas de irem para a escola! — gritou o musico á pequenada e voltou-lhe as costas, encaminhando-se para o conde, a quem fez uma cortezia e perguntou:

—O Barba-Azul escreveu-lhe a convidal-o para tornar ás alturas de que é senhor omnipotente?—Não vá.

—Dá-me esse conselho!—exclamou o outro, com espanto. Era de dois dias apenas

o seu conhecimento com a singular creatura, que em parte pela magia da sua musica, em parte pela atmosphera de mysterio de que se rodeava, em parte por qualquer estranho poder pessoal, o tinha fascinado, como nenhum outro homem o fizera até ali. Realmente o prudentissimo conselho era o ultimo que poderia esperar do rabequista, de quem ouvira sempre suggestões contrarias ao bom senso e ditadas em nome da Mocidade e da inspiração do momento.

Ora elle, como já se disse, era meio inglez pelo sangue e mais de meio pela educação. E tinha vinte e dois annos. Rebellou-se por teimosia e espirito de combatividade. De mais a mais havia tão pouco tempo que era senhor das suas acções!...

Ia forçosamente!

Avançou arrogante para a ladeira que escalava a penha, e, emquanto a malla e o sacco de viagem eram postos sobre uma mula, deteve-se a contemplar as aguas que espadanavam do seio do monte, escuras e rapidas e tão cruelmente frias. Foi quando avistou o musico ambulante, que já lhe tomava a deanteira, mas encaminhando-se para a estrada real.

—Em breve nos tornaremos a ver—disse-lhe o conde affavelmente, e começou a trepar o carreiro.

Ao que o musico respondeu com voz soturna:

—Quem sabe?

O conde ergueu os olhos para o castello, que muito no alto recortava o perfil escuro e sinistro sobre o pallido firmamento, e sentiu pelo corpo um calafrio, como sombra que passasse repentina.

*
* *

Ia adeantado em annos o burgrave para ter mulher tão nova, mas era homem de agradavel presença, robusto e bem apessoado. Muito amaveis as suas maneiras, tão amaveis que chegavam a perturbar o hospede, adstricto, como inglez, á reserva britannica. O burgrave ria a miude, e dizia frequentes gracejos tanto á esposa como á sobrinha; todavia Estevam percebeu que a primeira estava contrafeita e que Sidonia olhava para o tio, de quando em quando, com uma expressão de surpreza e desdem.

E tambem conhecera, de si para si, que algumas das gargalhadas mais estrepitosas do castellão parecia encobrirem perfidia, e, quando estavam sós os dois, não era sem um vago desconforto que encontrava os olhos do burgrave a fitarem-n'o inflexivelmente, em completa discordancia com a suave franqueza e a lisongeira expressão, que lhe esvoaçavam nos labios.

*
* *

Na manhã do terceiro dia foi Estevam convidado para ir ver ás ameias do castello o panorama que de lá se desfructava, especialmente quando o tempo estava perfeitamente claro, como acontecia n'aquella occasião. Foi então que se encontrou a sós com a burgravina. Estavam no cimo da torre mais alta do burgo e ouviam as grandes risadas do burgrave echoando ao longo da escada de caracol e subindo até elles.

—Oh! Ceos! exclamou Betty repentinamente.

O conde voltou-se. O grito era tão tragico e cheio de incerteza!... Os olhos da burgravina não tinham lagrimas, mas havia terror verdadeiro no seu lindo semblante.

—Porque veiu?—perguntou ella a meia voz.—Valha-nos Deus! Pois não percebeu logo que era uma cilada?

—Uma cilada!

—Sim, uma cilada! Parece impossivel que não adivinhasse. Está a espreitar-nos como um gato... um gato prestes a saltar; e sou eu o pobre ratinho que espera a morte. Oh! Não supporto isto nem mais um momento... aliás enlouqueço! Se ao menos não tivesse vindo!... Como soube elle? Que lhe disse eu? Não tinha nada que lhe dizer, pois não é assim? Não fizemos nenhum mal. Isto é justo? Disse-lhe uma mentira, não nego, e elle deu por isso. Oh! Se tem espias por todos os lados! E agora julga que lhe occulto o que quer que seja, e espera apenas o momento de ter completa certeza... Mas o sr. conde é que devia prever tudo isto. Um homem que por ciume tem a esposa enclausurada, não é susceptivel de dar tão amavel hospitalidade a estranhos, bem parecidos demais a mais, sem algum motivo particular.

Como já podia expressar-se, tinha outra vez o rosto animado. Custasse o que lhe custasse, não deixaria de corroborar com um lampejo dos seus olhos azues aquella derradeira sentença.

Está preso e enleado, affianço-lhe, pela delicadeza e hospitalidade do brugrave, e se julga poder libertar-se antes de elle realisar o seu plano a nosso respeito, é porque decididamente o não conhece.

O CONDE TORNOU-SE MUITO PALLIDO, PUXOU-A PARA TRAZ, ENCOSTANDO-A CONTRA O PEITO

Estevam ainda se achava sob a impressão do espanto, mas como sentia pairando no ar alguma coisa que justificava as palavras da burgravina, disse:

—Bem! Vou-me embora hoje mesmo.

—Vae-se embora!—atalhou ella com escarneo, e logo mudando de tom accrescentou:—Vae, se puder. Creia que elle o tem perfeitamente envolvido nas suas rêdes.

—O seu plano a nosso respeito! Mas que plano é esse?—perguntou Estevam erguendo a cabeça com indignação, mas cada vez mais incommodado, pelo tom vago em que ella se expressou.

A burgravina olhou-o durante um segundo, franzindo levemente os labios e os sobrolhos. Para uma dama exercitada no trato da côrte westphaliana, tornava-se um tu-

do nada irritante a simplicidade ingleza do seu interlocutor. Voltou-se para o lado e redarguiu, encolhendo os hombros:

—*Mon Dieu!* Chega a embaraçar-me. Conhece de certo os grandes poetas. Pois então imagine que o burgrave estimaria muito ver-nos representar de Paolo e Francesca, para poder assumir o papel de Malatesta.

—Grande Jupiter!—exclamou o ingenuo mancebo. Viu então a dama inclinar a cabeça e baixar as palpebras modestamente. Era Scylla e Charybdis. Não restava a minima duvida: tinha de sahir forçosamente d'aquelles mal seguros ambitos, na primeira opportunidade.

Estavam ambos debruçados lá muito no alto, perante o infinito azul, mirando o campo que se estendia como tapete verde, onde uma creança tivesse posto os brinquedos. Uma fita branca alongava-se até muito longe: era a estrada que teria de seguir. Quem lhe dera apanhar-se lá! Voltou-se para Betty, pegando-lhe na mão de incomparavel macieza, inclinou-se e beijou-lh'a.

—Se isto fosse um adeus?—perguntou.—Era o melhor para nós ambos, acredite.

Fallava sinceramente, coitado! porém a burgravina leu coisa differente no toque d'aquelles labios e na emphase d'aquellas palavras; e agarrando-lhe as mãos disse-lhe abruptamente:

—Primo, leve-me comsigo! Leve-me para o meu paiz! Se aqui fico, elle mata-me... ou então mato-me eu!

E como a cara transtornada de Estevam e as mãos, que inconscientemente a repelliram, estavam longe de lhe dar a resposta implorada, a burgravina correu para a muralha e debruçou-se para fora do parapeito, gritando:

—Ah! Recusa-me o seu auxilio? E eu precipito-me d'aqui!

Se estivesse perto, Sidonia diria ao conde que ha muito se tinha acostumado a estas ameaças. Elle, porém, tornou-se muito pallido e puxou-a para traz, encostando-a contra o peito.

—Obrigada!—murmurou Betty, emquanto o conde tremia todo, de pensar no medonho precipicio.

E amparou-se a elle, com a perfumada cabeça a descançar-lhe no hombro, e disse com voz ainda mais fraca:—Acaso é muito o que lhe peço? De certo que não é. E veja a confiança que deposito no primo! Desejo apenas a sua companhia e protecção para regressar ao meu paiz. Parece-me que não exijo muito.

Queria dizer «a sua vida inteira» e elle bem o comprehendeu.

Mas que podia fazer um rapaz, sentindo os braços de uma linda mulher em volta de si e ouvindo-lhe murmurar supplicas ardentes?

—Ah! Ah! Ah!—Este som, que subiu da escada de caracol, era de uma gargalhada do burgrave.

Betty soltou-se rapidamente dos braços de *Beau Cousin*, e, com um dedo erguido a recommendar circumspecção, disse baixinho:

—Arranjarei tudo. Nunca mais podemos estar sós.

N'isto ouviu-se a voz de Sidonia, que tambem vinha da escada.

—Escrevo—tornou Betty a segredar.

E teve força para sorrir maliciosamente!

*

* *

—Sabe, Ludovico? Estive mostrando ao nosso primo até onde chegam os seus estados—disse ella galhofeiramente, indo metter o braço no do marido, mais senhora de si do que nunca tinha estado desde que elle voltara.

—Estou certo de que o nosso primo aproveitaria muito com essa explicação, e que já faz ideia completa dos limites da minha propriedade.

Estas palavras, acompanhou-as o burgrave de Wellenshausen com o seu costumado sorriso jovial e com um olhar impassivel, pelo que Estevam, dando-lhes uma terrivel accepção, sentiu a testa banhada de suor frio.

Ao voltar-se viu o innocente rosto infantil da baroneza Sidonia e sentiu-se profundamente envergonhado e envilecido.

*

* *

O elegante *Jäger* do burgrave perfilou-se deante d'elle e fez-lhe uma continencia mi-

litar. O amo virou-se sem se levantar da cadeira e carregou os sobrolhos. Havia escuro no grande aposento todo forrado de pedra, e só allumiado por um candieiro com quebra-luz. No circulo de claridade que este limitava, apparecia o semblante do fidalgo, de energia egual á que ostentaria, quatro seculos mais cedo, o de algum dos seus antepassados no acto de planear, emparceirado com o predilecto escudeiro, estratagema que o livrasse de um perigoso inimigo.

— Averiguei — informou o serviçal — que foi dada ordem, de repente, para que a sege de viagem do conde de Kilmansegg esteja esta noite no começo da rampa que vem ter ao castello.

—Ah! Sim?—disse o burgrave n'um tom quasi de triumpho.

O *Jäger* tirou do peito da farda um pedacito de papel, mas, vendo as chammas que fuzilavam dos tôrvos olhos do fidalgo, observou-lhe serenamente que a burgravina ainda não tinha lido o bilhete, e que elle promettera á Elisa restituir-lh'o sem ir amarrotado nem rasgado.

O castellão approximou da luz a missiva. Era em francez e muito laconica:

«Está tudo arranjado. Espero-o á entrada da torre de leste, ás nove horas em ponto.»

Ficou durante algum tempo com os olhos fixos n'estas palavras.

Uma onda apopletica de sangue invadiu-lhe a cabeça desnudada de cabello, e as veias intumesceram-lhe como cordas. Depois, tornou a dobrar o papel com meticuloso cuidado e restituiu-o ao lacaio, dizendo-lhe com voz sacudida:

—Vae dal-o outra vez á creada e recommenda-lhe que o entregue quanto antes.

—Queira desculpar, mas isto custou-me hoje a corrente do relogio... E tomei ainda a deliberação de prometter mais duas moedas de oiro...

— Pateta! Podias ter conseguido tudo com simples provas de amor. Os homens são em numero escassissimo por estes sitios...

O *Jäger* encolheu os hombros e explicou cynicamente:

—Ah! Ella tambem me acceitou os beijos. Não se admire, sr. burgrave. São assim todas as mulheres.

O amo soltou uma praga, mas atirou com as moedas para cima da meza.—Bons tempos os antigos, quando um homem podia fazer executar dentro do seu castello tudo o que lhe viesse á ideia, sem ter de acceitar ajustes como aquelle. Como, porém, o creado rodou sobre os calcanhares e sahiu, voltou o feroz sorriso de triumpho aos labios do burgrave:

—Á entrada da torre de leste!—murmurou.—Escolheram admiravelmente os pombinhos!

E gradualmente perdeu-se em cogitações.

*

* *

A burgravina estava com a sua terrivel enxaqueca, e pediu desculpa de não assistir á ceia. Apesar de doente, tinha o olhar animado e andava á roda do quarto como avesinha irrequieta dentro da gaiola. Estava só, porque um tardio conselho da prudencia a levára a dispensar a creada de quarto durante os ultimos preparativos. Muito preoccupada, tão depressa olhava para as dimensões acanhadissimas do sacco de viagem—coisa maior não podia impôr á obsequiosidade do primo Kilmansegg, na jornada que iam fazer por caminhos intransitaveis—como punha a vista nos mil objectos, que, nos ultimos instantes, lhe pareciam seus indispensaveis companheiros.

De repente sentiu uma pancada nos vidros da janella. Estremeceu, e, se não estivesse a opprimir-lhe o espirito o peso de recondita culpa, teria soltado um grito fortissimo, pedindo soccorro, quando percebeu que por fóra da janella, encostado á vidraça, estava o rosto de um homem.

Logo, porém, reconheceu o musico ambulante e foi para elle de corrida. O ente singular, que em todas as casas d'aquellas cercanias era sempre recebido como pessoa de familia, recommendava-se para ella por ter servido amigavelmente de guia ao nobre conde, estremecido «parente» da fidalga. Perguntou-lhe muito pressurosa se lhe trazia algum recado. Hans, cujas faces vinham molhadas pela neve, deixou-se cahir no assento que havia no vão profundo da janella. Deitou em volta de si um olhar

—DA MINHA PARTE!—DISSE HANS, PONDO A MÃO NO CORAÇÃO

investigador, e quando fallou já não foi em resposta áquella pergunta.

—Subi até cá acima agarrando-me á hera, mas arriscando a pelle, pois o seu mui digno marido e senhor despiedosamente a mandaria esfrangalhar pelos seus molossos, se me tivesse presentido. Como eu apreciarei, até ao fim da vida, a vantagem de entrar pelas portas!

—Mas pelo amor de Deus!—exclamou a burgravina, que, apezar do seu delicioso aspecto, era muito positiva.—Subiu até aqui certamente para me dar qualquer aviso. Traz-me algum recado?

O musico inclinou-se, fazendo um gesto affirmativo.

—Da parte d'elle?

—Da minha parte!—disse Hans, pondo a mão no coração.

Betty encarou com o rabequista e olhou cheia de medo para a porta, que estava fechada.

O outro adivinhou-lhe o pensamento, e disse sorrindo com um ar que o collocava muito superior a ella:

—Deus me livre!... Não presumo tanto de mim.—E continuou, mas já n'outro tom:

—Sabe que o *Jäger*, confidente do seu marido, esteve hoje na aldeia conversando, o mais intimamente possivel, com o postilhão do conde de Kilmansegg?

—Deus me valha!—gritou ella, presentindo o que no facto podia haver de funesto.

—E depois da conversa trepou a montanha até ao castello, na companhia de alguem que lhe amenizou a ascensão, tanto assim, minha senhora, que o braço do lacaio veiu sempre em volta da cintura da sua creada grave.

A burgravina, descórada até nos labios, cahiu sentada no sophá.

— Da creada que tanta confiança lhe merece — insistiu o musico.

— Oh! Deus do céo! — disse a fidalga, erguendo um olhar piedoso para o tecto abobadado.—Se eu ainda hesitasse, bastava isto para decidir-me. Não me arrisco a passar nem mais uma noite n'este castello.

—Perigo por perigo— disse o rabequista despreoccupadamente—se eu fosse timido, preferia esperar o que désse o acaso.

— Que quer dizer? — perguntou ella, anhelante e com os olhos esgaziados.

—Quero dizer que está chovendo muito e que desde aqui até ao principio da encosta, fica molhada, minha senhora, tão molhada que se lhe amortecerá para todo o sempre a mais ardente chamma.

A fidalga levantou-se com dignidade.

—Saiba, senhor, que acceitei a protecção do conde de Kilmansegg, a fim de voltar para junto da minha familia, porque confio absolutamente na sua honra!

—Muito bem!—retorquiu Hans, com suavidade.—É preferivel, não ha duvida, partir secretamente e pela calada de noite em companhia de um rapaz bonito, a recorrer ao auxilio de qualquer parente mais proximo e de mais edade... um pae, por exemplo, ou um irmão. Torno comtudo a lembrar-lhe que está chovendo muito... e tenho receio de que, vendo-a chegar á Austria, a sua familia julgue que a viagem foi muito mal planeada.

Com o seio a arfar, a burgravina murmurou:

—É profundamente injusto que os homens possam fazer tudo o que lhes appetece, ao passo que nós, as mulheres...

As lagrimas quasi lhe embargaram a voz, o que fez com que o musico podesse replicar:

—As mulheres são as ambulas de crystal onde se contém a honra da casa. É por isso que devemos pôl-as n'um altar. Minha senhora, por emquanto é sanctuario a sua presença, e ainda posso ajoelhar-lhe aos pés. Mas ámanhã?...

O rubor subiu ás faces da bonita mulher, que bem quiz explicar-se, mas que só poude tartamudear:

—A'manhã... o quê?...

—Nem calcula quanto é mais sensato ficar sob o tecto conjugal, em noite como esta.

Bateram á porta. Com ligeireza de esquilo o rabequista girou sobre os calcanhares e desappareceu pela janella.

A burgravina deu uma rapida vista de olhos ao aposento, escondeu a caixa das joias e o sacco de viagem n'um armario e foi fechar a janella, dizendo ao mesmo tempo, ao ouvir que batiam á porta segunda vez:

—É um momento, só um momento!

Parou ao pé da janella e olhou para fora. Estava, com effeito, uma noite medonha. Depois foi abrir a porta.

—A tia está melhorzinha?—perguntou Sidonia, pois foi ella que entrou.

—Sim, filha, estou melhor. Já ceaste? Que tarde que deve ser, pois não?...

N'isto o relogio do castello principiou a dar horas e deu nove.

—Nove horas—gritou Betty.—Que se ha de fazer?...

Bateu na testa com ar atormentado e disse comsigo mesma que não podia fiar-se na perfida da creada, na Elisa. Reparou em Sidonia, e, tendo-lhe mirado o candido semblante, pegou-lhe na mão e disse:

—Escuta, filhinha. Vaes fazer-me um

grande favor. O conde de Kilmansegg parte esta noite...

Dilataram-se as pupilas da donzella e a face tornou-se mais pallida, mas nem uma palavra se lhe ouviu.

—Fui eu que o aconselhei a ir-se. O ciume injustificado de teu tio...

Sidonia meneou a cabeça affirmativamente. O burgrave não se tinha mostrado, n'aquella noite, dos mais apraziveis companheiros. Bebera copiosamente e alternára, com intervallos de silencio, chufas pesadas e quasi offensivas, dirigidas ao seu hospede, embaraçando-o muito com ambas as coisas.

—Era o meu dever. (Oh! como se sentiu virtuosa a burgravina de Wellenshausen!) Eu tinha-lhe promettido... Coitado do rapaz! É meu primo... Tinha-lhe promettido que ia dizer-lhe adeus e... mas agora... (A mulher do burgrave julgou positivamente que a sobrinha já devia estar a ver-lhe despontar uma aureola em volta da cabeça)... pensei que teu tio pode te ouvido a combinação e que talvez faça juizos temerarios e... Olha, meu amor, tens de ir dizer adeus, da minha parte, ao conde de Kilmansegg.

—Eu!—gritou Sidonia, estremecendo.

—Sim, tu mesma! — respondeu Betty com aspereza.—Elle está esperando por mim na torre de leste. Vaes lá e dizes-lhe: «Minha tia mandou-me aqui, para da sua parte lhe dizer adeus. É melhor assim». Anda! Porque esperas? Ah! Tens medo da chuva?... Espera! Abafa-te!

E atirou-lhe com desdem a capa de viagem, que estava prompta em cima da cama, e recommendou-lhe que deitasse o capuz para a cabeça, visto chover cada vez mais e não poder perder-se um instante.

Mostrava certamente mais anciedade e receio na voz e nos modos, do que imaginava; a prova é que Sidonia, tendo-a contemplado por momentos, apanhou a capa em volta de si e correu a desempenhar o mandado.

SIDONIA APANHOU A CAPA EM VOLTA DE SI E CORREU A DESEMPENHAR O MANDADO

Betty soltou um grande suspiro de satisfação e tocou a campainha com força.

—Elisa—disse ella á petulante creadita, ao mesmo tempo que a intimidava com um olhar severo, em castigo dos ares de confidencia, que apparentava ao entrar—accenda o fogão e sirva-me a ceia. Estou melhor da enxaqueca. Ouça! Accenda tam-

bem as vellas da serpentina e traga-me a *Nouvelle Héloise*. Mas que olhos são esses, ó mulher? E como está fazendo hoje tão mal as suas obrigações! Temos amoricos?...

*
* *

As reflexões que fez Estevam emquanto esperava no recanto mais abrigado da torre de leste, ouvindo o bater e o restolhar da chuva, não eram susceptiveis de satisfactoria descripção. A loucura da fraqueza é a peior das loucuras; e a certeza de que a temos, é o que ha de mais torturante. Estava a ponto—inutil era negal-o—estava a ponto de arruinar a sua vida; de tomar sobre si uma carga insupportavel, de commetter, na apparencia pelo menos, um crime contra a hospitalidade; de pôr uma nódoa no seu nome tão antigo; e tudo isto sem receber em troca a mais leve recompensa, nem poder apresentar, até para comsigo mesmo, a attenuante de qualquer impulso de paixão. Se até o pensar que ia viajar com ella, durante muitos dias e em intimidade, o enchia de aborrecimento! A perspectiva de ter de viver longo tempo com a burgravina, afigurava-se-lhe então uma coisa impossivel de tolerar!

O rabequista Hans, esse mysterioso vagabundo, tinha grandes responsabilidades no caso. Mas se Estevam lhe houvesse escutado os conselhos, as coisas não estariam n'aquelle estado.

*
* *

Sidonia approximou-se d'elle a passos ligeiros, com um sussurro de fato molhado. Parou no principio do corredor e perguntou a meia voz:

—Está ahi, sr. de Kilmansegg?

O conde avançou alguns passos e ella agarrou-o com a mão pequenina, que estava fria como gelo.

—Espere! Parece que senti passos atraz de mim.

Ficaram ambos á escuta, nem se atrevendo a respirar.—Que situação para um rapaz, cujo orgulho lhe fazia erguer bem alto a cabeça, no meio de toda a gente!

Só ouviram a bulha forte e desagradavel da chuva.

—Não! Não foi nada!—disse elle e passou-lhe, embora contra vontade, o braço em redor da cintura. Com grande espanto seu, o contacto produziu um rapido movimento de esquivança. Logo a seguir, todavia, agarraram-se ambos um ao outro, porque ouviram um ranger mysterioso, e, quasi immediatamente, o solido pavimento onde estavam pareceu que lhes cedia debaixo dos pés.

—Deus meu! A torre está a desmoronar-se!—gritou o conde. E como agarrasse a creatura que tinha ao pé de si, com um movimento de instinctiva protecção do homem para a mulher, percebeu que o corpo delicado que cingia nos braços não era o da burgravina. Ao mesmo tempo sentiu que iam escorregando, e, antes que podesse fazer qualquer coisa a não ser deitar-se para traz com o fim de não esmagar a companheira, foram ambos precipitados com grande velocidade ao longo de uma rampa muito ingreme. Pouco instantes depois batiam com os pés de encontro ao terreno. Durante segundos Estevam ficou estendido no chão, estonteado e offegante, com o outro corpo a pesar-lhe sobre o peito. Dançavam-lhe estrellas por deante da vista.

Vagamente, e como se viesse de grande distancia, sentiu por cima da cabeça o echo de uma gargalhada, e outra vez o tal ranger, como de cadeias pesadas e cheias de ferrugem. Foi a gargalhada que lhe despertou os sentidos. Quantas outras, como aquella, tinha ouvido recentemente e com profundo desprazer!

Ergueu-se ajudada por Estevam, que lhe perguntou, ainda estendido no chão:

—Está ferida?

—Não, não estou—respondeu ella promptamente.—Não se levante!

O conde percebeu, pela mudança repentina da voz, que a companheira tinha deitado para traz o capuz em que lhe apparecera embuçada.

—Não se levante! repetiu ella. Vou ver se posso saber ao certo onde estamos.

Reconheceu aquelles tons claros e juvenis. Era Sidonia!

(Continúa).

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

Construcção de um barco barato

N'esta quadra do anno em que os habitantes das cidades procuram nas praias do littoral um allivio aos calores asphixiantes do interior, é bem aprazivel passear de barco. Poucas pessoas, porém, podem ser felizes possuidoras d'um barco, por custarem caros até os das mais pequenas dimensões.

Julgamos pois prestar um bom serviço aos nossos leitores, dando-lhes as indicações seguintes, sobre a maneira simples de construir uma «chata» de 3,^{m}80 de comprimento, tão segura quanto é preciso para passeios ou pescas perto da terra.

O maior trabalho do leitor que se quizer improvisar em carpinteiro naval, será procurar nas estancias duas boas pranchas de pinho, ou qualquer outra madeira, sem nós e sem fendas A A. fig. 1, medindo 4,^{m}00×0,^{m}43 ×0,^{m}022, com as quaes formará depois o *costado* da sua chata.

Um ou dois boccados de taboa qualquer de uns 0,^{m}035 de grossura, dando para um rectangulo de 1,^{m}35×0,^{m}55, B, fig. 2, servirão para fazer uma *armadoira*, e uma taboa muito sã da mesma grossura e medindo 0,^{m}90×0,^{m}38 dará o *painel da pôpa*.

No fôrro do fundo da embarcação e nas bancadas empregará taboa de 0,^{m}025 de grossura, sendo facil calcular a quantidade necessaria em metros correntes, e que é variavel com a largura medindo-a nas figuras juntas, que estão desenhadas em escala com sufficiente rigor.

Escolhida a madeira, deve ella ser toda muito bem apparelhada e escantilhada antes de se começar a armar o barco.

A primeira coisa a fazer depois, é

marcar em cada uma das pranchas A A os pontos *b*, *c* e *d*, fig. 2, distantes respectivamente $0,^{m}94$, $0,^{m}16$ e $0,^{m}10$ d'um dos seus angulos. Com um traço de lapis grosso unem-se os pontos *b* e *c*, e por ahi se serra, de *c* para *b*, o canto de cada prancha, e aplainam-se os córtes, verificando que fiquem ambos perfeitamente eguaes.

Em seguida prepára-se a *armadoira*, serrando de cada lado da taboa B, fig. 2, dois triangulos rectangulos de 0,22 de base, o que deixará um trapesio com 0,91 na base inferior e $1,^{m}35$ na base superior.

Semelhantemente se faz o *painel da pôpa* C, fig. 2, cortando a serrote pelas linhas *f g* dois triangulos de $0,^{m}16$ de base, ficando um trapesio com $0,^{m}90$ na base inferior e $0,^{m}58$ na superior.

Feito isto ajustam-se os lados do *painel* como se indica em C, fig. 3, ás linhas *d e* de A, ou em qualquer outra inclinação que mais agrade, sendo indispensavel que ambas as pranchas fiquem egualmente dispostas.

Para conseguir isto aponta-se primeiramente uma das pranchas, a de bombordo por exemplo, depois aponta-se a de estibordo, e só quando se verificar que estão ambas na posição conveniente, serão pregadas a valer. Havendo qualquer differença, porém, arrancam-se os pregos a martello, como se indica em D, fig. 3, com o maior cuidado em não os entortar para não offender a madeira.

Os topos das pranchas A A deixam-se por emquanto salientes, como se vê em C, até que a *armadoira* e a *roda da prôa* estejam nos seus logares.

A *armadoira* B é forçada verticalmente, fig. 3, entre as pranchas do costado, a $2,^{m}00$ da prôa, para dar a fórma da *bocca* da chata, sendo ahi apontada a prego como em D, para ser facilmente retirada depois.

Em seguida unem-se os topos das pranchas A A para formar a prôa, segurando-os provisoriamente n'essa posição por meio d'um sarrafo E, fig. 3, e trata-se de arranjar a *roda de prôa*.

Conforme a habilidade do leitor, a *roda de prôa* F ou f, fig. 3, é feita de um ou de dois pedaços de barrote de carvalho ou outra madeira rija, podendo até servir o pinho, á falta de melhor. É porém preferivel empregar uma só peça F, na qual se abrem os *alefrizes*, ou rebaixos para o topo das pranchas. Para marcar a secção da *roda*, risca-se n'um cartão ou pedaço de taboa assente em *c* o angulo da prôa, que é d'ahi passado para o topo do barrote d'onde se vae tirar a *roda da prôa*, servindo de guia ao trabalho.

A bancada de ré medirá em K o,^{m}45 e terá mais uns o,^{m}12 na taboa dos lados, fig. 5. Em vez de empregar uma taboa para assentar a bancada K, bastaria uma regua de madeira á mesma altura, mas uma boa taboa pregada ao *painel*, como se vê em N, além de augmentar a solidez do barco, augmenta-lhe o seu peso a ré e a sua estabilidade.

Quando este estiver concluido com perfeição, ajusta-se no seu logar, como em G, fig 3, e para elle se pregam as pranchas A A, devendo haver o cuidado de deixar a roda excedendo um pouco a altura da prancha, para formar o *capello*.

N'esta altura do trabalho vira-se o barco para forrar o fundo, como indica a figura 4.

Nunca se empregam n'este serviço tabuas de solho ou de ferro com macho e femea, porque empenam muito facilmente com a humidade. O que é indispensavel é que o taboado tenha arestas muito vivas e bem aplainadas para ajustarem perfeitamente umas contra as outras, fazendo vedação completa em inchando com a agua. Depois de pregado o fundo cortam-se os topos das taboas á feição do costado.

As bancadas são tres: uma á prôa J, fig. 5, uma a meia náu L e outra á ré K.

A bancada de vante é muito bem pregada para dois *dormentes* M, fig. 5, e bancadas de *voga* e de ré firmam-se como está representado em N e O.

A segunda é pregada a dois *dormentes x* atravessados entre dois braços verticaes de cada lado, os quaes, além de segurarem fortemente a bancada, augmentam a solidez do barco que não tem outras *balisas*.

Os quatro braços serão construidos d'um barrote de o,^{m}025$\times$o,^{m}050 e a bancada L deve ter uns o,^{m}30 de largo.

Com as bancadas nos respectivos logares, apenas faltam as *forquetas* ou *toletes* e um par de remos para o barco servir; é comtudo conveniente reforçar o fundo interior com uma *sobre-quilha* H, fig. 5, de o,^{m}12$\times$o,^{m}025, pregada de popa á prôa antes das bancadas estarem assentes.

Querendo ainda maior solidez, e tambem para proteger o fundo exterior quando a embarcação arrastar na praia, é conveniente arranjar uma *quilha* da largura da *sobre-quilha*, pregada desde a prôa até meio da chata.

Esta peça é dispensavel e não vem por isso representada nas figuras. O que porém é preciso, é pregar á ré um pedaço de *quilha* triangular, fig. 7, de forma a ganhar o nivel do fundo a vante, fig. 6, o que muito melhora o governo da embarcação.

Para esta *quilha* servirá um dos triangulos *b c d*, fig. 2, serrados das taboas A A, com o lado menor virado para a ré e indo o vertice opposto morrer em *g*, fig. 7, no fundo da chata.

E' muito importante que a quilha fique rigorosamente na *linha de media-*

nia e vertical, porque aliás terá o barco tendencia a descrever curvas. Para isso *bate-se a cordel* uma linha desde o *bico de prôa* ao meio da aresta do painel e apontam-se a cada lado á conveniente distancia, duas reguas de 0,m050×0,m025, entre as quaes deve entrar a quilha justa. Depois, esticando o cordel em linha recta desde a prôa sobre o fundo do barco, marca-se a lapis essa direcção na quilha, para serrar por ahi o que exceder. Por meio de uma regua desempenada, *Z*, fig. 7, assente no *painel da pôpa*, marca-se na quilha um traço que indica por onde se deve serrar, para que fique com a mesma inclinação do *painel*; feito isto prega-se a mesma regua bem a meio do *painel* e á *quilha* e as reguas lateraes ao fundo e á *quilha*, ficando completo este trabalho.

Agora o leitor adquirirá em qualquer loja de aprestos para navios, um par de *forquetas* de ferro ou latão, que a fig. 12 lhe ensinará a maneira tosca e forte de as armar convenientemente, em dois *chapuzes* verticaes de madeira rija, cavilhada para o costado.

É porém preferivel cavilhar os *chapuzes* horisontalmente, como se vê na fig. 11, por dentro ou por fóra da *borda*.

Um *verdugo* de 0,m025×0,m050 nivelado com a *borda*, enfeita e reforça a boccadura, mas é perfeitamente dispensavel, para não se gastar mais dinheiro.

Não havendo facilidade em comprar *forquetas*, poderá o leitor fazer umas *toleteiras* de carvalho, fig. 10, ou outra madeira forte. Tambem poderá empregar *toletes* de pau T, fig. 8, mettidos em entalhes V feitos no costado, reforçado n'esse ponto com dois *chapuzes* S, fig. 8 e V, fig. 9, cavilhados interior e exteriormente.

Ainda poderia abrir os entalhes para os *toletes* n'um pedaço de madeira á parte, como em R, fig. 8, sendo depois as duas peças cavilhadas para a borda; mas o anterior systema é preferivel.

Não havendo cavilhas, podem ellas ser substituidas por parafusos.

Finalmente, para marcar o logar das forquetas ou toleteiras, o melhor é sentar-se o leitor na bancada da voga, pegar nos remos como se fosse para remar, e ver o sitio onde melhor lhe calham, o qual é provavelmente a 0,m32 para ré do meio da bancada.

Quanto á pintura, deixamos isso ao gosto de cada um.

CONVENTO DE SANTA CLARA, VISTO DA CIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra

Bastaria — para comprehender e explicar a decadencia, a falsa e artificiosa actividade da Universidade, a partir da segunda metade do século XVI — apontar o ensino ministrado pelos padres da Companhia. A começar pelo ensino classico das Humanidades; pois era mondado exactamente do que deveria ter de vital e de suggestivo. Assim, neste ensino, em resultado da censura e das sentenças expurgatorias — duas armas manejadas com um certeiro instincto de destruição — a impressão das civilizações antigas da Grecia e de Roma, da sua actividade politica, da sua organização, dos seus costumes, da sua comprehensão do mundo e da arte, taes como ellas ficaram reveladas á Europa occidental, era e é incompleta, amputada, dada em edições e lições atravez das quaes nunca poderia nem poderá penetrar o sôpro fortalecedor, a inspiração de esforço viril, o espirito de sentido heroico e forte da existencia, que o verdadeiro ensino classico, integral, comparativo, philosophico, nunca deixa de favorecer e desenvolver.

Não falando dos processos de formação dos espiritos e de categorisação das ideias e formulas mentaes obtida na analyse e recomposição da linguagem. Porque neste campo ainda o artificio lograva e logra mais effeitos.

Tudo se aprenderia e aprenderá no ensino jesuítico, como tal; tudo nelle se encontra: definições abundantes, notas conceituosas, explanações oratorias, commentarios sagazes, juizos agudos, divisões e distincções engenhosas; tudo... menos... a vida viva. Por isso elles foram sobretudo mestres no *exercicio litterario*, nas discussões arguciosas — na construcção verbalmente rica, na dialectica ha

bilmente conclusiva, na exposição formalistica.

Mas ha mais. Com a mondada selecção no objecto do ensino — combinavam a deformação do instrumento dos conhecimentos. Com effeito, em vez de pôrem os espiritos em acção pelo exercicio das diversas energias mentaes, que de então para cá implica o estudo da historia e da litteratura—applicavam-se quasi exclusivamente ao desenvolvimento da memoria e dos seus recursos, á exploração das bombas aspirantes da erudição mantida; porque viam no seu emprego preponderante, a par duma actividade menos perigosa, um elemento de dominio a utilizar.

EMBLEMA DA COMPANHIA DE JESUS

Hypertrophiados como orgãos de acquisição docil e restituição prompta das noções cautelosamente preparadas e ministradas — os discipulos eram menos de temer sob o ponto de vista da iniciativa propria, do exame e critica individual; por outro lado, com o culto firme do *ipse dixit*, desde então implantado fundo, ficava lisongeado o professor — aqui a collectividade — que tinha *dito* quanto já tambem recebera *feito*. O discipulo era a cera molle em que se imprimia logo o carimbo do Mestre, ou da Escola.

A cultura geral representada pela Companhia — um mixto de erudição preciosa e de escolastica a um tempo distinctiva e amplexiva — e ainda a escolha dalgumas obras impostas como textos de doutrinação, e como guias ou viaticos — eram tambem conducentes ao desenvolvimento da pura receptividade e á domesticação dos espiritos.

Não deverá, pois, espantar que a pretensa philosophia jesuitica tivesse convertido o saber humano, tomado como conjuncto, numa serie de preceitos e de formulas-espelhos, onde a Vida só espectralmente passa, tornada tanto mais deformada e falsa, quanto mais habil seja o movimento e o jogo imposto a esses espelhos de engano. O facto, já resalvado, de apparecerem e terem de apparecer entre os membros da Companhia homens impeccaveis e homens de genio - excedentes do nivel e do feitio commum — não invalída o que tenho escripto.

Tambem o que fica exposto não contraría a circumstancia de ser o ensino da Companhia seguro na acquisição d'esta ou d'aquella noção positiva, no registo desta ou daquella ordem de phenomenos estudados.

O verdadeiro caracter e espirito duma escola ou d'uma época de cultura mental revela-se mas é nos processos de interpretação das obras e dos factos e no poder de coordenação philosophica das diversas ordens de noções obtidas.

Sob este ponto de vista ninguem poderá dizer que o Jesuitismo tenha representado um elemento a saudar na historia do Pensamento e da Philosophia — considerada esta, a serio, como uma noção e emoção alta da Vida e do Universo.

Nem este era o seu fim directo; pois encarava o ensino e o saber como um meio. Tendo a Companhia como propósito a defêsa e o serviço do Papado, constituindo a milicia de Roma—com uma comprehensão do seu papel bem mais estreita e rectilinia, e por isso mais firme, do que a de alguns papas, humanos, conciliadores — tudo nella tendería á affirmação e confirmação da obediencia. E acima de tudo as proprias manifestações intellectuaes, despidas, é claro, de quanto a Vida podesse offerecer de contrariador ou diversivo do ponto em mira; porque taes manifestações, e todas as revelações de qualquer superioridade seriam abnegadamente postas só ao serviço da causa unica, inventariadas *ad majorem Dei gloriam*, isto é — *ad majorem Papae gloriam.*

Com a forma de espirito acima indicada, já se adivinha qual devêra ser, *de dentro*, o feitio moral resultante de tal educação.

De fóra, era dado, sempre com o criterio da obediencia, pela pressão dos processos tendentes á reducção do individuo, pelo meio da espionagem mutua, pela noção, absolutamente depressiva da personalidade: de que cada membro da Companhia não representava senão um morto vivo —*perinde ac cadaver;* morto para si proprio, vivo para o serviço da sua Ordem.

E' certo que estes traços se imprimiam a fundo sobre os *de casa*. Nos estranhos a acção e a influencia exercida eram attenuadas. Mas comprehende-se o que sería e o que viria a ser um meio social — moral e mental — banhado n'esta atmosphera carregada do espirito da Companhia — dia a dia mais predominante e poderosa.

Nos dominios do ensino, foi certamente a acção dos Jesuitas o factor mais directo do decaímento universitario. Mas sería menos justo attribuí-lo apenas a esse factor. Outros actuáram na decadencia, geral, do país, e especial do ensino universitario.

Tudo concorria: renascentes influencias de atavismos barbaros, e de mestiçagens impuras; o terror da Inquisição, cada vez mais devastadora de vidas e cega de perseguições fanaticas; a desmoralização d'um país tornado ocioso e esteril com as rapidas e surprehendentes conquistas das riquêsas do Oriente; as pestes dizimadoras; as perdas das guerras maritimas e dos naufragios; as divisões e intrigas religiosas; a falta, ainda e sempre sensivel, dos elementos de prosperidade destruídos e afugentados longe pela intolerancia; as perturbações politicas das regencias e successões; a desgraça trágica da jornada de Africa; as luctas dos partidos em volta do throno vago; a encorporação do país na Hespanha dos Filíppes; a agitação da reconquista; as intrigas dos fins do século XVII: tudo isto, todas estas causas concorreram na decadencia da vida pública e do ensino desse periodo, que podemos realmente estender até ao advento do ensino *oratoriano*.

Na Hespanha, na Universidade de Salamanca, por exemplo, tão cheia de tradições, não era melhor a situação.

Se por lá havia causas identicas! Entre ellas, a intolerancia — sob a fórma *de ensino* imposto com o Jesuita, sob a forma de perseguição feroz com o Inquizidor — não lavrava lá menos fundo.

O espirito scientifico, a fecunda curiosidade, o culto da erudição viva e forte, da especulação philosophica original e livre — tinham-se refugiado noutras nações, como a Hollanda, que viria a receber do genio de Spinosa luz e calor por ventura reservados ao nosso país.

EMBLEMA DA INQUISIÇÃO

Portugal, depois de expulsar e intimidar ou destruir os bons espiritos, entrára e continuaría numa longa phase de cerrado e teimoso obscurantismo, mascarado de falsa e artificiosa sciencia; phase negra — assignalada sobre tudo pela guerra ao Estrangeiro, pela opposição á entrada de tudo quanto pudesse trazer-lhe o *perigo* de ideias novas.

Collocara-se fóra da civilização.

Tirando o estudo disperso de um ou outro ramo, e a explosão genial de obras litterarias, cuja inspiração e germen vinham de phase anterior, e cuja revelação soberana não correspondia já ao estado geral dos espiritos — o nosso país escoava-se de vida, como de energias moraes.

E não havia a escolher, como de resto é normal, entre governantes e governados. Na incomprehensão dos interesses communs, no fanatismo, na ferocidade, na aversão ao Estrangeiro, na preguiça, no desleixo, nas intrigas e nas miserias

— uns valem os outros. Apenas ainda restava uma das antigas virtudes: a bravura.

Durante toda essa época, a contar da morte de D. João III até á implantação do ensino *oratoriano*, são os factos de caracter estranho ao ensino os unicos em que — atravez da existencia avassalada do antigo Estudo Geral — parece notar-se animação por parte da corporação universitaria.

Avultam sobretudo os successos e actos de devoção, impostos e tornados elementos da sua propria existencia. Assim, pela vinda á Universidade do Reformador D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, expede o Cardeal regente a carta regia de 14 de Setembro de 1564, obrigando a Universidade ao juramento da profissão de fé decretada pelo Concilio de Trento.

Com Filippe III, que fazia instancias para que fosse declarado o dogma da Immaculada Conceição, é encarregada a Universidade, em 1617, de corroborar aquellas instancias por meio de missiva ao chefe da Igreja, e reune-se claustro pleno, que nomeia tres lentes de Theologia afim de a redigirem.

Alguns annos depois, já no reinado de D. João IV, é discutida no claustro de 9 de Junho de 1645 a questão do juramento do dogma, havendo serio debate, dividindo-se os votos e sendo contra o juramento 28 professores, dos quaes Diogo Arthur, dominicano irlandês — mais tarde expulso por não comparecer na Capella da Universidade, no dia em que primeiro foi jurado o dogma.

Já o culto da Raínha Santa era um dos mais solicitamente observados. Quando chegára a noticia da canonização da Raínha Isabel, em junho de 1625, houvera grandes demonstrações de regosijo na Universidade, que resolveu então venerar os restos da Raínha, ainda ao tempo depositados no velho mosteiro de Santa Clara.

Foi, mais tarde, o Reitor Manuel de Saldanha quem, representando D. João IV, lançou a primeira pedra no novo convento de Santa Clara; e a 29 de outubro de 1677 dava-se a trasladação dos restos da Raínha Santa com assistencia e acompanhamento da corporação dos Estudos.

Finalmente, em 1719, no reinado de D. João V, instituía-se, a instancias da communidade das freiras de Santa Clara, o *préstito* da Universidade a este convento.

INTERIOR DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE

Se os actos de devoção e as práticas do culto constituem o mais vivo cuidado e interesse da Universidade — tambem ella não fica, no emtanto, de todo estranha a alguns acontecimentos de ordem politica, durante o longo período de quasi dois seculos, a que me venho referindo.

A partir do reinado de D. João III, e até ao fim da dynastia de Aviz, já nós vimos que não tinha havido medida alguma importante a favor da Universidade, quero dizer — que não fosse a favor dos Jesuítas.

Tambem não temos a registar a acção ou intervenção da Universidade em coisa de maior, afóra sempre os assumptos e successos de devoção e culto.

Conhecemos as medidas do reinado breve de D. Catharina, e as do Cardeal Infante.

Pouco teve tambem a Universidade com a vida do país no reinado de D. Sebastião, que não se dignou acceitar o titulo de Protector e que, apesar de a visitar em 1570, não lhe deu outras provas de interesse além da justa deferencia e mercês dispensadas a Pedro Nunes.

É comtudo curioso notar que foram por D. Sebastião estabelecidas, a favor de estudantes *christãos velhos* distinctos na medicina e cirurgia, as pensões mais tarde tornadas *partidos*.

Já em seguida á jornada de Africa a Universidade toma parte activa nas luctas dos pretendentes á corôa portuguêsa. E se a corporação dos professores se não torna crédora de admiração pelo que hesita, e tergiversa, e teme e compromette — os estudantes, em compensação, levantam sympathia entrando ousadamente no movimento popular, a um tempo desordenado e sincero, temerariamente cavalheiroso — erguido a favor do Prior do Crato. Até que, acclamado D. João IV, os lentes celebrem ruidosamente a restauração, e dentro em pouco o proprio Manuel de Saldanha — como Reitor e como *general* da Universidade — vá commandar no Alemtejo, contra as armas de Hespanha, uma galharda e garbosa tropa — o primeiro *batalhão academico*.

TUMULO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Este aspecto heroico tinha, no emtanto, reverso; = explicavel pelas causas de decadencia, geral e especial, apontadas mais duma vez ao longo do meu artigo. E se taes demonstrações politicas e taes abaladas de guerra traduziam ainda as antigas energias de bravura — outras manifestações só revelavam o mais completo estado de anarchia e dissolução. As proprias medidas, improficuas umas, violentamente cruas outras, com que se lhes tentava remedio — davam bem a conhecer as condições anormaes e calamitosas em que tudo se encontrava. Da mocidade escolar, era absoluta a indisciplina moral. Isto a contar é claro desde o seculo XVI.

As causas, todas ou quasi, de lá vinham actuando!

Não era, com effeito, só em combates e demonstrações politicas, que os estudantes dos fins do seculo XVI e de todo o seculo XVII davam folga e saída ao seu excedente de energías, tanto mais accrescentado, quanto era escasso o emprego util das actividades vivas.

As chronicas da Coímbra desses tempos, e os diplomas — cartas régias e provisões, especialmente no que toca ao seculo XVII — logo de começo vêem cheias de referencias a casos de amores e a es-

candalos galantes, em que figuravam: de um lado, estudantes; do outro — abbadessas e freiras de certos conventos da cidade e arredores.

Foi a era florescente dos *outeiros* — desses celebres certamens litterarios, assucarados e maliciosos, em que se desenvolviam e glosavam *motes* entre duas dentadas num bôlo fôfo e um trago de licôr perfumado. Representam, os *outeiros*, a melhor diversão desses tempos inquietos. E o que é certo é que sempre cortavam e açamavam a brutalidade solta dos moços, perigo de temer em épocas tão incertas e vagas de destino.

SALA DOS CAPELLOS

E de tal maneira pegou o geito dos debates poeticos, originados á *grade* e ás *portarias* dos conventos, que dahi por diante, sob qualquer pretexto, a qualquer passo de acontecimento — religioso, politico, faustoso — celebrava-se logo um *outeiro*, embora sem o apperitivo do *mote*, dos dôces e... do resto

A influencia lá estava. Tão duradoura, que os não encontramos só nos seculos XVII e XVIII. Entram pelo seculo XIX, celebrando-se alguns na Sala dos Capellos, por occasiões solemnes de acclamações e nascimentos de principes, por motivo de proclamações e voltas nas coisas do Estado e do país, de revoluções e contra revoluções — até á implantação definitiva do governo liberal. Era parte obrigada — o *outeiro* — onde appareciam poesias em varias linguas: em português, em latim, em grego, em hebraico... Como seriam ellas?

Mas, dei a entender já, eram aquellas revelações galantes as mais innocentes, na existencia vagabunda e livre dos estudantes. Estavam quebrados todos os laços moraes — a melhor garantia de norma e de ordem — entre o governo universitario e os escolares. Pela sua astucíosa, mas incompleta comprehensão do dominio a exercer, pela acção desmoralizadora do terror inspirado e da delação em jogo, o systema e organização jesuiticos tinham aggravado e aggravariam o mal duma situação nascida tambem das circumstancias do país, onde imperava a Inquisição, dos abusos commettidos na *Mesa da consciencia e ordens* — então tribunal superior de instrucção publica — e da propria regalia, de ha muito viciada e tornada fonte de corrupção: a votação dos estudantes nos concursos de professores.

O governo central, é claro, não tentava coisa alguma contra o absorvente dominio dos Jesuitas. Houve, porém, medidas contra os abusos da *Mesa da consciencia*, ao mesmo tempo que se abolia a votação academica — entre os annos de 1623 e 1626, isto é, no reinado de Filippe III. A votação dos estudantes foi de novo posta em vigor por D. João IV, mas tornada a abolir por este mesmo Rei alguns annos depois. Estas medidas não davam, todavia, remédio aos males profundos de que tudo padecia. O estado de anarchia e desordem em que

andava Coímbra — era bem mais de lastimar com effeito pelos attentados de aberta selvageria, pelos crimes violentos de muitos escolares, do que por aquellas liberdades dos *outeiros* e das escaladas nocturnas aos conventos faceis. Se, realmente, pudémos narrar, da Academia desses tempos, passos de garbo temerário e de bravura decidida nos conflictos e guerras do seculo XVII — não poderemos esquecer, do seculo seguinte, os assaltos e crimes bárbaros do *rancho da carqueja*, punidos de morte e penas infamantes á volta de 1722.

Da existencia interna da Universidade, como já ficou dito, poucos são os factos a registar — tanto nesse periodo comprehendido entre a data dos *Estatutos* de 1559 e a dos de 1612, como depois — até ao reinado de D. João V, até á intervenção dos *oratorianos* na questão vital do ensino publico.

Mencionada a confirmação (em 1653) dos *Estatutos* de 1612 que, assim confirmados, continuaram sendo os 8.^os^ na ordem, e são chamados *Estatutos velhos;* e notado o desdobramento da antiga cadeira de Mathematica em duas: a de *Euclides*, e a da *Theoria dos planetas* — pouco ou nada teriamos a dizer de novo sobre o ensino e administração da Universidade — ao longo do seculo XVII, e nos principios do seculo XVIII.

Só por curiosidade se poderá apontar um facto typico, de sua origem estranho á Universidade, se bem que fecundo para ella em abusos futuros. Refiro-me á concessão dos *perdões de acto.*

Data ella do anno de 1704, e foi devida aos desejos que teve D. Pedro II de ser agradavel aos estudantes na sua passagem por Coímbra, quando seguia para uma das campanhas da guerra da *successão.*

A acção da *congregação do Oratorio*, acolhida por D. João V, podemos dizer que foi o primeiro passo no sentido das reformas mais tarde effectuadas pelo Marquês de Pombal.

E', realmente, um dever de justiça historica apontar as vantagens da intervenção daquella congregação, e reconhecer que, sem a influencia por ella exercida na reorganização do ensino, não poderia o ministro de D. José ter levado a cabo o plano do *Collegio dos Nobres* — esboço e ensaio do plano universitario implantado em Coímbra annos depois.

O primeiro serviço, logo visivel, foi a brecha que fez na muralha secular erguida em volta do ensino dum país con-

D. JOÃO V

demnado a não communicar com o Estrangeiro: fonte de perigos, origem viva de peccados mentaes.

A congregação iria restabelecer na capital essa salutar communicação com o mundo — mantida e desenvolvida sempre nos períodos melhores da nossa historia, como condição de vida e de prosperidade. E tal passo haveria de reflectir-se em Coímbra — sequestrada, isolada de tudo pelo Jesuita cioso e previdente, que no emtanto, não abandonava os meios de influencia na côrte, nem cortava de cá os fios da sua combinada obra internacional. Serviço talvez mais largo e rasgado, viria prestá-lo um dia a Academia Real das Sciencias, a Academia do Duque de Lafões e de Correia da Serra. Mas os *ora-*

torianos favoreceram-nos de dois modos: indirectamente — quebrando o monopolio do ensino, exercido e guardado pela *Companhia de Jesus;* pois obtiveram de D. João V que os seus estudos fossem equiparados em privilegios aos do *Collegio das Artes* — o baluarte dos Jesuitas; directamente — pelo influxo de actividade, e pelo real valor e franqueza maior dos estudos professados, embora os animasse um espirito severo, descarnadamente desencantado.

O MARQUEZ DE POMBAL

Eu não posso aqui alargar-me sobre este ponto; mas posso indicar como inspiração e orientação de uma grande parte do ensino *oratoriano* a dos professores de *Port-Royal*, para concluir, sem medo de erro, que os estudos dos Padres do Oratorio vieram representar um progresso e uma elevação consideravel no ensino scientifico, litterario e moral do nosso país. E' certo que ainda influiam e haviam de influir por muito tempo os elementos contrarios, tanto mais numa nação embrutecida e ociosa. O proprio Rei viria a mudar, e a deixar enfraquecer a boa vontade de acertar, que revelára. Entre os outros elementos hostís e estorvadores predominava sempre o Jesuita, tão senhor d'isto, que, vindo a ser expulso em 1759 — cá voltaria a retomar o *Collegio das Artes* em 1831, 72 annos depois, embora para por pouco tempo o conservar.

Mas não se perderiam os effeitos beneficos, immediatos e distantes, do ensino *oratoriano*. Sem elle, insisto, não teria certamente sido reorganizado como foi, ou tão cedo, o ensino de Portugal.

Não posso tambem demorar-me a descrever a organização do Collegio dos Nobres — início da reforma pombalina. Como todavía o seu plano, desenvolvido um pouco, veiu a ser o do quadro universitario — podemos passar a ver do que este constou, na reforma do Marquês e alterações posteriormente trazidas a essa reforma de 1772.

*
* *

O primeiro documento a citar, dos que directamente se referem á reforma pombalina — é a Carta de lei de 23 de Dezembro de 1770. Foi por esta carta creada a *Junta da Providencia Litteraria*, composta, sob a inspecção do Cardeal da Cunha e do Marquez de Pombal — ambos do Conselho de Estado de D. José I — dos seguintes membros: Bispo de Beja (Frei Manuel do Cenáculo), presidente da Real Mesa Censoria; doutores José Ricalde Pereira de Castro, José de Seabra da Silva, desembargadores; doutor Francisco Antonio Marques Geraldes, deputado da Mesa da Consciencia e Ordens; doutor Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, reitor da Universidade desde maio de 1770; doutor Manuel Pereira da Silva, desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação; e doutor João Pereira Ramos de Azeredo, tambem desembargador da Casa da Supplicação. Esta junta era creada com o fim de elaborar um relatorio sobre o estado da Universidade, causas da sua decadencia, e remedios a propôr para a salvar e engrandecer.

Não se fez esperar o relatorio; foi apresentado ao Rei D. José I, logo em agosto de 1771, e impresso pouco depois sob o titulo de *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra.*

Justo e preciso na descripção do estado de decadencia e ruína, o *Compendio Historico* era apaixonado e suspeito na critica historica das causas dessa ruína e decadencia; attribuía todo o mal á *Companhia de Jesus*, quando é certo que, se lhe cabia papel principal propriamente no ensino, na vida interna da Universidade — de grande peso fôra tambem, no sentido de abatimento desta e das outras instituições, a acção aterradora do Santo Officio; sem que tambem pudessem deixar de ser considerados os motivos nascidos das condições geraes dum país — a um tempo ocioso e guloso de ostentações, vasío de ideias e balôfo de vanglorias, imprevidente e perdulario, violentamente impulsivo e caídamente sentimental, esquecido das energias que o tinham tornado grande, e cioso das exterioridades com que tentava cobrir a decadencia visivel.

RETRATO E AUTOGRAPHO DE D. FRANCISCO DE LEMOS

Com relação ás condições da Universidade, provou a junta do *Compendio Historico:* que o nosso primeiro estabelecimento de ensino se achava num estado de atrazo verdadeiramente vergonhoso, não tendo nem de longe acompanhado os progressos feitos, sobretudo pelas sciencias da natureza, nos ultimos dois seculos da vida europêa.

Especializando, mostrava que, se a Theologia — falha da preparação das linguas Grega e Hebraica, da Philosophia, da Historia sagrada, da Hermeneutica e da

Critica, do Direito ecclesiastico — reduzia o seu ensino a discussões escolasticas, a luctas de argucias e subtilezas; — se o estudo das Leis e dos Cánones estava limitado a repetidos commentarios e glosas sobre Decretaes e Clementinas, ou sobre Digesto e Institutas, sem noção alguma de ensino classico, de Historia geral e ecclesiastica, dos ramos de Direito publico, patrio e das gentes — ainda mais de envergonhar era o estado do ensino em quanto respeitava á Medicina, ás Sciencias physico-chymicas e naturaes, e á Mathematica.

Á Medicina faltavam todos os estudos preparatorios, necessarios á technologia, todos os principios das Sciencias naturaes, indispensaveis á comprehensão dos phenomenos da vida. A anatomia pratica era desconhecida.

As Sciencias naturaes, fazendo parte do curso das *Artes* ou preparatorios, não tinham merecido a attenção que lá fóra lhes déra a importancia de poderoso agente renovador.

A Mathematica, composta das duas cadeiras, a que já me referi, nem se contava como faculdade.

Com tal penuria e tão vergonhoso atrazo no ensino jogava toda a administração universitaria; havia abusos em tudo: eram mal applicadas as rendas; crescia a relaxação dos costumes academicos; assim, repetiam-se os feriados e prolongavam-se as férias; as matriculas eram incertas; nas aulas não se tomava nem se dava conta de lições e exercicios; nos actos, todo o tempo corria em questões vãs, de palavras; com isto, a falta de policia, e, como consequencia, a continuação dos actos bárbaros e das violencias, já vindas das eras anteriores.

Em vista de semelhante estado, tornava-se urgente uma reforma a valer.

Foi então a mesma *Junta da Providencia Litteraria* encarregada de apresentar o novo plano de organização das faculdades, e o projecto dos novos Estatutos.

Para se desempenhar de tão pesado e melindroso encargo — a Junta dividiu os trabalhos por especialidades.

Não teve difficuldade em encontrar, entre os seus proprios membros, quem lhe redigisse os Estatutos de *Theologia* e os das duas faculdades de jurisprudencia: *Cánones e Leis*. Dos primeiros encarregou-se D. Francisco de Lemos, doutor canonista; e dos segundos seu cunhado o doutor João Pereira Ramos de Azevedo.

Como, porém, na Junta não figurasse quem pudésse redigir um plano de estudos de qualquer das sciencias mathematicas, physicas e naturaes — foi a parte concernente á Medicina entregue ao celebre medico português, residente em Paris, dr. Antonio Ribeiro Sanches; sendo os Estatutos da Mathematica e da Philosophia, — agora equiparadas ás outras faculdades — pedidos ao mathematico José Monteiro da Rocha.

Depois de vistas, discutidas e approvadas pela junta, as minutas dos novos Estatutos, presentes ao governo, fôram sanccionadas e roboradas por Carta régia de 28 de agosto de 1772.

(*Continua*)

MANOEL DA SILVA GAYO

A Terra dos Cegos

(CONCLUSÃO)

AQUELLA gente levava uma vida simples e laboriosa, com todos os elementos de virtude e de felicidade conforme pódem comprehende-las os homens. Trabalhavam, sim, mas sem se extenuar; tinham mantimentos e vestuario, quanto bastava para as suas necessidades; dedicavam-se muito á musica e ao canto. Era maravilhosa a confiança e regularidade que reinavam n'aquelle pequeno mundo. Tudo ali se fizera adaptado ás suas necessidades. Cada um dos caminhos, que cortavam o ambito do valle, fazia um angulo constante com os outros e distinguia-se por um talhe especial da calçada. Todas as irregularidades e obstaculos tinham sido removidos, tanto nos carreiros como no campo. Todos os seus methodos e processos se originavam naturalmente nas condições peculiares do seu organismo. Os sentidos tinham-se-lhes tornado maravilhosamente agudos; ouviam e avaliavam o minimo gesto de um homem á distancia de doze passos—chegavam a perceber-lhe o pulsar do coração. Para elles, a entoação ha muito que substituira a expressão, e os contactos haviam tomado o logar do gesto. Nos trabalhos de jardinagem, o manejo de enxadas, de forquilha e de pá era tão seguro quanto possivel. O sentido do olfacto era n'elles de uma finura extrema; eram capazes de discernir differenças individuaes com tanta facilidade como um podengo de bom faro. Com a maxima confiança e certeza tratavam elles dos lhamas, que viviam lá para as rochas, e vinham até ás muralhas em busca de alimento e de abrigo. Só mais tarde, quando quiz affirmar o seu predominio, é que Nuñez poude verificar como eram simples e confiantes os seus movimentos.

Só se revoltou depois de ter baldadamente recorrido á persuasão.

A principio, por varias vezes, tentou falar-lhes da vista.

—«Attendei-me todos! Cousas ha em mim que vós não comprehendeis.»

Uma que outra vez, havia um ou outro que o attendia. Sentavam-se cabisbaixos, de ouvido intelligentemente inclinado para elle. Nuñez fazia o possivel por lhes explicar que cousa era ver. Entre os seus ouvintes havia uma rapariga, de palpebras menos vermelhas e cavas do que as dos outros, quasi parecendo que tinha os olhos semi-cerrados, e a essa tinha elle uma esperança particular de chegar a persuadir.

Falava-lhes das bellezas que a vista nos dava em gozo, os montes, o ceu, o romper do sol, e elles escutavam-no com galhofeira incredulidade e por ultimo com um tal ou qual sobrecenho de censura. Diziam-lhe que isso de montes, era cousa que não existia, mas que o extremo das rochas por onde os lhamas andavam a pastar marcava os limites do mundo. D'esses limites surdia uma aboboda cavernosa, d'onde desabavam avalanches e gotejava orvalho. E quando elle sustentava com afinco que o mundo não tinha tal limites nem tecto, como elles suppunham, elles acoimavam de perversos taes pensamentos. Se elle se esforçava por lhes descrever o firmamento, as nuvens e as estrellas, dava-lhes ideia de um horrendo vacuo, no logar da aboboda lisa que envolvia as cousas conhecidas por elles—era para elles um artigo de fé ser esse tecto de caverna uniformemente liso ao contacto.

Nuñez viu que de certa forma os melindrava, e renunciou de todo a descrever-lhes os aspectos da materia, e procurou mostrar-lhes o valor pratico do sentido da vista. Uma manhã, viu Pedro que pelo carreiro numero

dezesete se dirigia ás casas centraes da aldeia mas ainda tão longe que nem o olfacto nem o ouvido o poderiam presentir, e deu-lhes parte do que observava, acrescentando em modo de prophecia:

—«D'aqui a pouco, Pedro estará aqui.»

Um velho notou-lhe que Pedro não tinha nada que fazer no carreiro Dezesete, e com o que occorria dentro ou por detraz das casas —unica cousa de que elles tomavam nota para o experimentar—e d'essas nada podia elle ver nem contar. E foi depois do mallogro d'esta tentativa, e da mofa que elles não disfarçavam, que Nuñez recorreu á força.

Pensou em lançar mão de uma pá e derribar de repente um ou dois dos cegos, mostrando

OS CEGOS IAM AVANÇANDO SOBRE ELLE A TODA A PRESSA

effeito, como para lhe dar razão, aquelle individuo, ao approximar-se, tomou transversalmente pelo carreiro Dez, e a passos ligeiros arripiou caminho na direcção da muralha exterior. Todos escarneceram de Nuñez por Pedro não chegar, e mais tarde este ultimo, interrogado por elle a tal respeito, desmentiu-o terminantemente, ficando-lhe d'ahi em deante hostil.

Em seguida induziu-os a que o deixassem ir pelos campos fora, em direitura da muralha, acompanhado de um dos cegos a quem elle prometteu descrever tudo quanto ia occorrendo pelo meio da casaria. Indicava certos movimentos de pessoas, mas o que para aquella gente tinha realmente significação era na refrega qual a vantagem dos olhos. Chegou com effeito a agarrar na pá com esse proposito, e foi então que elle descobriu dentro de si um desfallecimento extranho: não se sentia com força de maltratar um cego a sangue frio.

Hesitou, e viu que o movimento de pegar na pá não passara despercebido aos cegos. Todos elles estavam precavidos, com as cabeças desviadas para um lado, ouvido á escuta, para o que desse e viesse.

—«Larga essa pá!» disse um d'elles.

E Nuñez sentiu então uma especie de irresistivel horror. Inclinava-se á obediencia.

Atirou com um d'elles de encontro a uma parede, e fugiu n'um relance para fóra da aldeia.

Cortou por cima dos prados, deixando no seu rasto vestigios de herva calcada, e foi sentar-se á beira de um dos carreiros. Começava a comprehender que não havia maneira de lutar com vantagem contra creaturas que teem uma base mental diversa. Ao longe, viu um magote de homens que sahiam da rua da aldeia, armados de paus e de cacetes, avançando para elle em linha dispersa, pelos varios carreiros do valle. Avançavam lentamente, falando a miude uns com os outros, e de vez em quando todo o cordão estacava, aspirando o ar e pondo-se á escuta.

Da primeira vez que assim fizeram, Nuñez desatou a rir. Mas depois não riu mais.

Um dos cegos discerniu-lhe o rasto na herva, e foi-o seguindo sempre, curvando-se a miude a farejar.

Durante cinco minutos observou elle o vagaroso alargamento do cordão, e em seguida converteu-se em phrenesi a sua disposição vaga de fazer qualquer cousa. Levantou-se, deu um passo ou dois para a muralha da circumvallação, voltou-se e caminhou um pedaço ás arrecuas. Lá estavam todos elles, formados em crescente, muito serenos, de ouvido á escuta.

Tambem elle permaneceu immovel, aferrando a pá com afinco, ás mãos ambas. Deveria atacal-os?

Pulsava-lhe nos ouvidos o estribilho rythmico:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei.»

Deveria atacal-os?

Olhou para traz de si, para o muro alto e impraticavel—impraticavel por causa da lisura do reboco, mas rasgado por um grande numero de postigos. Depois olhou para a linha dos seus perseguidores, que se ia apertando cada vez mais. E atraz d'elles, outros surdiam de entre a casaria.

Deveria atacal-os?

—«Bogotá!» gritou um dos cegos. «Bogotá! onde estás tu?»

Apertou a pá com mais força, e avançou pelo campo fóra direito ás habitações, e ao mesmo tempo que elle se mexia, todos convergiam para elle.

—«Dou cabo d'elles, se acaso me tocam,» protestou Nuñez. «Por Deus o juro, dou cabo d'elles.»

Gritou em alta voz:

—«Tomem sentido! Eu vou fazer aqui no valle o que tiver na vontade! Ouviram? Hei de fazer o que me apraz e ir para onde muito bem quizer!»

Os cegos iam avançando sobre elle ás apalpadelas, mas a toda a pressa. Era uma especie de jogo da cabra-cegá, em que todos eram cegos á excepção de um só.

—«Agarrem-no!» bradou um.

Nuñez achou-se no meio da corda, que unia os extremos do arco perseguidor. Percebeu de repente que tinha de desenvolver actividade e resolução.

—«Vós outros sois cegos e eu cá vejo! Deixem-me em paz!»

—«Bogotá! Larga essa pá, e sae de cima do relvado!»

A ultima ordem, grotesca na sua familiaridade urbana, produziu n'elle um transporte de furia.

—«Eu escangalho-os!» gritou elle soluçando de raiva. «Por Deus que os escangalho! Deixem-me em paz!»

Desatou a correr sem saber ao certo para onde corria. Fugia do cego que lhe ficava proximo, porque lhe fazia horror o maltratal-o. Parou, e depois, n'uma arremetida, tentou escapar ao cordão que sobre elle se cerrava. Enveredou para onde viu maior brecha, mas de cada lado d'ella, os homens perceberam rapidamente a aproximação dos seus passos e uniram-se n'um relance. Deu um salto para a frente e viu que ia ser colhido—zás! a pá cahiu sobre um d'elles. Sentiu a pancada secca sobre o braço e a mão, o homem foi a terra com um uivo de dor, e Nuñez viu-se livre do cerco.

Livre! E d'ahi a nada estava elle outra vez de volta com a casaria, e os cegos, agitando pás e cacetes, accorriam de um lado e d'outro, com uma especie de rapidez methodisada.

Ouviu passos atraz de si, e por um triz não o agarra um homemzarrão que sobre elle se precipitava. Perdeu as estribeiras, atirou com a pá para cima do antagonista, girou sobre si e desatou a correr, aos uivos, esquivando-se ás garras do outro.

Sentia-se tomado por um terror panico. Correu furiosamente de um para outro lado, quasi á tôa, aos tropeções, na ancia de ver para todos os lados. De uma vez estatelou-se no chão, e elles perceberam o rumor da queda. Lá adeante, na muralha da circumvallação, deparou-se-lhe um postigo que lhe pare-

ceu a entrada do ceu. Precipitou-se para elle atabalhoadamente. Nem sequer deitou os olhos para os seus perseguidores emquanto não alcançou, galgando a ponte, engatinhando pelo meio das rochas, espantando um lhama pequeno que deitou a fugir para longe, até que se deixou cahir a arquejar.

E assim poz ponto ao seu golpe de estado.

NUÑEZ SENTOU-SE-LHE AOS PÉS

Duas noites e dois dias ficou elle fóra dos muros do valle, sem mantimento e sem abrigo, a meditar sobre o Imprevisto. Durante estas meditações repetia a miude, e com uma expressão de escarneo cada vez mais accentuada, o illusorio proverbio:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei.»

Scismava principalmente nos meios de combater e de vencer aquella gente, e concluia claramente que não havia meio possivel.

Não tinha armas e agora não seria facil alcançal-as.

O bicho da civilisação remordia-o; não se sentia com animo de descer ao valle e assassinar um cego. É evidente que, se tal fizesse, poderia então ditar os termos da capitulação, sob as ameaças de os assassinar a todos. Mas... Não havia remedio senão tratar de dormir!

Procurou tambem alguma cousa que o alimentasse no meio do pinhal, abrigo sob a ramada contra a neve que de noite cahia, e depois tentou, menos esperançado ainda, apanhar por astucia um lhama, dar cabo d'elle talvez batendo-lhe com um pedregulho e por fim comer-lhe algum pedaço. Mas os lhamas tinham suspeita d'elle; olhavam-no com olhos desconfiados e esquivavam-se em elle se approximando. No segundo dia teve arripios de pavor. Afinal rojou-se até ao muro da Terra dos Cegos, e tratou de parlamentar. Rojou-se pela margem do canal, gritando, até que dois cegos sahiram do postigo e lhe falaram.

—«Eu cá estava doido,» disse elle. «Ainda não tinha experiencia.»

Elles replicaram:

— «Ainda bem que o confessas!»

Nuñez disse-lhes que estava agora com mais juizo, e que se arrependia do que tinha feito.

Então desatou a chorar francamente, porque se sentia doente e abatido, e elles tomaram essas lagrimas como um signal favoravel.

Perguntaram-lhe se elle ainda tinha aquella mania de *ver*.

—«Não,» disse elle. «Era tolice minha. Essa palavra nada significa. Menos que nada!»

Perguntaram-lhe o que havia por cima das suas cabeças.

—«A cousa de dez vezes dez alturas de um homem, ha um tecto por cima do mundo— um tecto de rocha—muito liso, muito liso. Tão liso . . . que é mesmo um encanto . . .»

Teve um ataque de choro hysterico.

—«Antes de me fazerem mais perguntas, dêem-me de comer, pelo amor de Deus, senão morro!»

Estava á espera de castigos rigorosos, mas

aquella boa gente era afinal de contas tolerante. Consideraram a revolta d'elle apenas como uma prova mais da sua inferioridade e do seu idiotismo. Apenas o açoutaram e condemnaram ao trabalho mais simples e mais pesado que havia a fazer. Nuñez, não vendo mais recurso, submetteu-se.

Esteve doente durante alguns dias, e trataram d'elle com carinho. Foi isso que ainda melhor o dispoz á submissão. Mas elles insistiram em que elle permanecesse ás escuras, e eis o que lhe custava deveras. Vieram philosophos cegos praticar com elle sobre o acanhado e perverso do seu pensar, e tão apertadamente o censuraram pelas suas duvidas com respeito á tampa de rocha que lhes cobria a caldeira cosmica, que quasi se foi inclinando a que só uma allucinação o impedia de a ver por cima da cabeça.

Foi assim que Nuñez se tornou cidadão da Terra dos Cegos. Aquella gente, a principio vista como em bloco, passou a individualizar-se aos seus olhos, á medida que com elles se familiarizava, ao passo que o mundo alem dos montes cada vez se lhe afigurava mais remoto e menos real. Entre elles distinguia-se sobretudo seu amo Jacob, homem de boa indole, quando não o irritavam; Pedro, sobrinho de Jacob; e Medina-saroté, a filha mais nova de Jacob. Esta era pouco apreciada n'esse mundo cego, por ter as feições accentuadas, o rosto sem aquella suavidade de curvas que é para o cego o ideal da belleza feminina. Mas Nuñez achou-a desde logo formosa, e com o correr dos tempos foi-lhe ella apparecendo como a creação mais formosa da natureza inteira. Ella não tinha as palpebras cavadas e vermelhas como a maioria dos habitantes do valle, mas dava até a impressão de que a cada instante estava prestes a descerral-as. Tinha pestanas muito compridas, o que era entre elles tomado por grande feialdade. A voz era debil e não satisfazia os ouvidos agudos da rapaziada. Por isso não se lhe conhecia namorado.

Nuñez chegou finalmente a pensar que, na companhia d'ella, de bom grado se resignaria a passar no valle o resto da vida.

Andou a vigial-a, procurando ensejo de lhe prestar pequenos serviços, até perceber que ella lhe dava attenção. Uma vez, n'uma especie de sarau, em dia feriado, achou-se sentado ao pé d'ella, á luz dubia das estrellas, e a musica era suavissima. A mão d'elle encontrou a mão da rapariga, e arrojou-se a apertal-a. Então com grande ternura, ella correspondeu á doce pressão. E um dia, durante a refeição, ás escuras, elle sentiu a mão d'ella que o procurava meigamente, e, como por acaso o lume aclarasse, elle viu-lhe o rosto repassado de ternura.

Procurou falar-lhe.

Foi ter com ella uma vez, quando ella estava fiando ao luar. A branda claridade dava-lhe tons de prata e de mysterio. Nuñez sentou-se-lhe aos pés e disse-lhe o amor que lhe tinha, e como ella lhe parecia linda. Tinha uma voz cheia de amavios, falava com uma veneração ternissima, quasi visinha do temor, e ella nunca até então sentira a alma tocada por um culto assim. Não lhe deu resposta definitiva, mas não havia duvida que as palavras d'elle a encantavam.

Depois d'isso, elle não desperdiçou occasião alguma para lhe falar. O valle tornou-se para elle o mundo, e o mundo alem dos montes, onde os homens gozavam a luz do sol, não lhe pareceu d'ahi por deante mais que um conto de fadas, com que elle algum dia havia de encher os ouvidos d'ella. E com grande e grande timidez foi-lhe falando da vista.

A ella, afigurava-se-lhe a vista a mais poetica das phantasias. E foi com uma especie de indulgencia culposa que ella escutou a descripção das estrellas e das montanhas e da sua propria e meiga formosura, illuminada pela alvura do luar. Ella não acreditava, mal o entendia, mas sentia-se mysteriosamente deliciada, e parecia-lhe a elle que ella o entendia de todo em todo.

O amor de Nuñez perdeu as vagas sombras de temor e adquiriu alento. Mostrou-se disposto a pedil-a em casamento a Jacob e aos anciãos, mas ella assustou-se toda e rogou-lhe que não se precipitasse. E foi por intermedio de uma das irmãs mais velhas que Jacob foi informado dos amores que entre ambos se travavam.

Logo a começo, houve tenaz opposição ao casamento de Nuñez com Medina-saroté; não tanto pelo apreço em que a tinham a ella, mas por o considerarem a elle um ser áparte, idiota, incompleto, creatura abaixo do nivel humano. As irmãs oppozeram-se com toda a força, pelo descredito que recahiria sobre a familia; e o velho Jacob, embora tivesse uma certa sympathia pelo seu servo, boçal e obediente, abanou a cabeça e disse que tal

cousa não era possivel. Todos os rapazes ficaram furiosos com a ideia de corromper a raça, e um d'elles chegou a injuriar e a aggredir Nuñez. Este respondeu á aggressão. E pela primeira vez percebeu a vantagem de ver, mesmo á luz mortiça da noite, e depois d'aquella lucta não houve ninguem que se atrevesse mais a levantar a mão contra elle. Mas nem por isso deixavam de achar o casamento monstruoso.

—«Esse homem está melhor do que era d'antes. É de presumir que, mais dia menos dia, elle venha a ficar tão são de espirito como nós outros.»

Depois d'isso, um dos anciãos pensou maduramente no caso, e teve uma ideia. Era elle um grande doutor entre aquella gente, era o seu medico, e tinha um espirito muito philosophico e inventivo. Preocupava-o o plano de curar Nuñez d'aquellas anomalias que

«O QUE ELLE TEM, É O CEREBRO AFFECTADO,» DISSE O DOUTOR CEGO

quasi escandalisavam a communidade. Um dia em que Jacob estava presente, elle aventou a sua ideia.

—«Estive a examinar Bogotá,» disse elle, «e estou agora muito mais elucidado a seu respeito. Parece-me que ha todas as probabilidades de elle se curar.»

—«Sempre tive essa esperança,» acudiu o velho Jacob.

—«O que elle tem, é o cerebro affectado,» proseguiu o doutor cego.

Pelos anciãos correu um murmurio de assentimento.

—«Ora o que é que lhe affecta o cerebro?»

—«Isso agora!» disse o velho Jacob.

—«É o seguinte,» respondeu o doutor á sua propria interrogação. «Essas cousas extravagantes que se chamam olhos, e que só servem para produzir no rosto uma depressão agra-

O velho Jacob tinha uma tal ou qual predileção da filha mais nova. Affligia-o sentil-a a chorar sobre o seu hombro.

—«Minha filha, tu bem percebes que elle é idiota. Tem manias; não faz nada que geito tenha.»

—«Bem sei!» soluçava Medina-saroté. «Mas já está melhor do que era d'antes. Vae melhorando cada vez mais. E é forte, meu querido pae, e tão affectuoso! Mais forte e mais affectuoso não ha homem no mundo. E ama-me meu pae, e eu amo-o!»

O velho Jacob ralava-se immenso por a achar inconsolavel, e alem d'isso o que lhe acrescia ainda o desgosto era a amizade que ia tendo a Nuñez. Foi pois á casa do conselho, sentou-se entre os outros anciãos, foi escutando o teor do colloquio, e, quando lhe pareceu occasião propicia, disse-lhes assim:

davel, tem-as Bogotá enfermas, e tão enfermas que lhe causam perturbações cerebraes. São muito protuberantes, orladas de pestanas, as palpebras teem movimento, e por conseguinte o cerebro conserva-se n'um estado constante de irritação.»

—«Deveras?» atalhou Jacob.

—«Julgo eu poder affirmar com bastante segurança que, para o curar de todo, basta apenas fazer-lhe uma operação cirurgica, simples e facil—vem a ser, a remoção d'esses corpos irritantes.»

—«E ficará depois são?»

—«Completamente. E virá a ser um cidadão exemplarissimo.»

—«Louvado seja Deus, que nos deu a sciencia!» exclamou o velho Jacob.

E sem mais demora foi dar conta a Nuñez das fagueiras esperanças que o doutor lhe suggerira.

Mas a attitude fria de Nuñez, ao receber a feliz nova, impressionou-o e desapontou-o,

—«A maneira por que me acolhes,» disse elle, «leva a suppor que não te importas nada com minha filha.»

Foi a propria Medina-saroté que instou com Nuñez para que se sujeitasse á operação. Elle redarguiu:

—«Pois tu queres que eu perca o dom da vista?»

Ella abanou a cabeça.

—«Na vista é que está para mim o mundo.»

A cabeça d'ella descahiu sobre o peito.

—«Que lindas cousas existem, que belleza infinita de cousas! As flores, o musgo da rocha, os suaves reflexos das pelles sedosas, o firmamento longinquo com os seus flocos de nuvens, os poentes esplendidos, as estrellas. E tu e tu. Só por ti vale a pena ter vista, para a deleitar em teu rosto meigo e sereno, em teus labios tenros, n'essas lindas e extremecidas mãos que estás cruzando agora... São estes meus olhos que tu venceste, estes olhos que a ti me prendem, são estes olhos que esses idiotas querem arrancar-me. Se o conseguirem, eu poderei tocar-te, poderei ouvir-te, mas nunca mais tornarei a ver-te. Ficarei debaixo d'esse tecto de rocha, de penedo e de treva, esse tecto horrendo sob o qual a vossa imaginação é esmagada... Não, não! tu podes lá querer que tal se faça!...»

Surdiu dentro d'elle uma suspeita desagradavel. Interrompeu-se, dando á sua phrase uma intensão interrogativa.

Ella disse então:

—«Eu ás vezes desejava tanto...»

E suspendeu-se.

—«O que?» perguntou elle, com alguma apprehensão.

—«Desejava tanto... que tu não falasses d'esse modo!»

—«D'este modo?»

—«Comprehendo bem como isso é bello! Mas é tudo imaginação tua. Gosto de te ouvir, mas agora...»

Elle sentiu-se regelar.

—«Agora?» perguntou elle em voz debil.

Ella permaneceu immovel.

—«O que tu pensas... o que tu queres expressar... Ah! como eu estimaria que tu... que tu...»

Elle percebeu rapidamente o que se ia passando pelo animo da rapariga. Sentia-se porventura irritado, irritado pela crueza estupida do destino, mas ao mesmo tempo commovido, quasi apiedado, pela deficiencia de entendimento d'ella.

—«Minha querida!» murmurou.

E a pallidez de Medina-saroté revelava-lhe a tensão do seu espirito para as cousas que ella não se arrojava a dizer-lhe. Cingiu-a nos braços, beijou-a ao de leve na face, e ambos ficaram durante alguns minutos sentados e silenciosos.

—«Se eu consentisse n'isso?» disse elle por fim, em voz muita branda.

Ella deitou-lhe os braços ao pescoço, e desatou a chorar perdidamente.

—«Ah! se tal fizesses!» soluçou ella, «se tal fizesses!»

Durante a semana que precedeu a operação, a qual devia erguel-o da servidão e da inferioridade ao nivel de um cidadão cego, não soube Nuñez o que era dormir. Pelas horas quentes e assoalhadas, emquanto os outros gozavam de um somno tranquillo, sentava-se elle a meditar ou passeiava á tôa, procurando apertar o espirito entre as faces do terrivel dilemma. Dera a sua resposta, dera o seu consentimento, e no emtanto não estava ainda firme na sua resolução.

Acabaram as horas de trabalho, ergueu-se o sol em toda a sua gloria sobre as cristas de ouro; começava para elle o derradeiro dia de visão. Teve uns minutos de colloquio com Medina-saroté, antes que ella se recolhesse.

«Ámanhã» disse elle, «ámanhã deixarei de ver para sempre!»

—«Meu bem!» redarguiu ella, apertando-lhe a mão com toda a força. «Não te farão doer muito,» proseguiu ella. «E é por mim, por mim, que te resignas a soffrer, a soffrer, meu amor!... Ah! se tanto vale a vida e a alma de uma mulher, hei-de pagar-te o sacrificio, meu querido, meu extremecido bem, sim, tudo farei por pagar-t'o!»

Elle estava todo impregnado de piedade por si proprio e por ella. Estreitou-a nos braços e pousou os labios nos d'ella, e depois, pela ultima vez, fartou o olhar n'aquelle semblante meigo.

— «Adeus!» murmurou elle despedindo-se d'aquelle delicioso espectaculo, «adeus!»

E, silenciosamente, afastou-se d'ella.

A rapariga escutou-lhe os passos lentos que se desviavam, e houve o quer que fosse de doloroso no seu rythmo que produziu n'ella um transe de lagrimas.

Elle afastava-se.

Tinha resolvido ir para um sitio solitario onde os campos eram lindos, pintalgados de narcisos brancos, e ficar por lá até chegar a hora do sacrificio. Mas ao encaminhar-se para ahi, ergueu os olhos e viu a manhã que descia maravilhosa pelas encostas abaixo, como um anjo n'uma armadura de ouro...

Afigurou-se-lhe que, perante aquelle esplendor, elle, e mais o mundo cego do valle, e mais o seu amor, tudo, tudo, não era tudo mais que um abysmo de peccado.

Em vez de fazer o que tencionava, foi-se encaminhando para a muralha até a transpor, trepando pela rocha com os olhos sempre fitos no gelo e na neve, illuminados pelo sol.

Encheu os olhos d'essa belleza infinita, e a sua imaginação remontou-se ainda acima, para as cousas alem d'ella a que elle devia renunciar para sempre!

Veiu-lhe á memoria o grande mundo livre de que elle se apartava, o mundo que era d'elle, e teve a visão d'aquellas abas longinquas da serrania, de Bogotá, aquella terra de complexas e estimulantes bellezas, gloria do dia, mysterio luminoso da noite, terra de palacios e de fontes monumentaes e de estatuas e de casas brancas, e de ruas cheias de povo a que elle gostaria de misturar-se. Pensou na viagem rio abaixo, dia a dia, desde a grande cidade até ao mundo alem, mais vasto ainda, passando por cidades e aldeias, florestas e sertões, no rio correndo precipitoso á medida que se avançava, até que de encontro ás margens se vissem chafurdar os vapores immensos, até que a gente se sentisse finalmente em pleno mar—o mar sem limites, com os seus milhares e milhares de ilhas, e os navios descortinados ao longe, muito ao longe, no meio das incessantes derrotas com que cortavam o mundo. E ahi, via-se o ceu—o ceu, não a nesga estreita que do valle se avistava, mas uma aboboda de incommensuravel azul, um abysmo profundissimo em que fluctuavam as lampejantes estrellas...

TEVE UNS MINUTOS DE COLLOQUIO COM MEDINA-SAROTÉ, ANTES QUE ELLA SE RECOLHESSE

E os olhos d'elle começaram a pesquizar mais pormenorisadamente a cortina de montanhas.

Sim! Quem seguisse por aquella quebrada alem chegaria lá acima, a meio d'aquelles pinheiros enfezados que se erguiam n'uma especie de prateleira... E depois? Poder-se-hia aproveitar aquelle talude alem. Em seguida, talvez que se achasse maneira de trepar até ao precipicio coberto de neve... E depois? Chegar-se-hia até esse manto nevoso, a que a luz dava tons de ambar, a meio caminho dos pincaros... Ah! se a fortuna protegesse o audacioso!...

Lançou um olhar para a aldeia, e depois voltou-se para traz e contemplou-a de braços cruzados.

Pensou em Medina-saroté; tornara-se para elle uma figura mesquinha e remota.

Virou-se de novo para as muralhas das montanhas, por cuja falda o dia se approximava.

Depois, com grande prudencia, começou a trepar.

Á hora do sol posto, já elle não trepava; achava-se longe e bem alto. Tinha o fato esfrangalhado, o corpo ennodoado de sangue, contusões em muitos pontos, mas deitou-se como se estivesse muito a seu contento, e illuminou-se-lhe a phisionomia com um sorriso.

Do sitio onde elle repousava, parecia-lhe que o valle estava n'um poço, a cousa de uma milha abaixo d'elle. Cerrava-se já de nevoa e de sombra, ao passo que as cumiadas em volta d'elle estavam esbrazeadas e esplendidas. E os pequenos objectos, sobre a rocha, ao alcance de suas mãos, estavam banhados de luz e de belleza, um veio de mineral verde que surdia do terreno pardacento, um lampejo de cristal n'um que outro ponto, um minusculo lichen alaranjado e melindroso, mesmo á beira do seu rosto. No desfiladeiro havia sombras profundas e mysteriosas, um azul que se aprofundava até á purpura, uma purpura que se diluia n'uma treva luminosa, e sobre a sua cabeça alongava-se a illimitada vastidão do firmamento. Mas elle desviou de tudo isso a attenção. Jazia prostrado, a sorrir de contentamento só por ter fugido d'esse valle dos Cegos, onde elle sonhára ser rei. E a claridade do crepusculo passou, e chegou a noite, e elle continuava para alli deitado e immovel, sob a luz fria e clara das estrellas.

H. G. Wells

Versão de H. Lopes de Mendonça.

MANHÃS DE ESTRELLA DO MAR

A zoologia offerece extraordinarias surprezas aos curiosos. O mar sobretudo abriga creaturas de formas extranhas e habitos pittorescos, cujo estudo tem o interesse de um verdadeiro romance. Uma d'essas creaturas é a asteria ou estrella do mar, de que se occupa por fórma singularmente amena o seguinte artigo.

UM INIMIGO CRUEL DAS OSTRAS

ABANDONADA pelo refluxo, encalhada na praia, a asteria ou estrella do mar, com os seus grossos e ponteagudos braços alongados para todos os rumos, afigura-se-nos um animalsinho innocente e inoffensivo, absolutamente incapaz de grande energia, movimento ou estrategia.

E comtudo não ha malfeitor no mundo que supplante em artimanhas tenebrosas este phytozoario hypocrita.

Em varias populações maritimas vogam terriveis lendas a respeito d'este bicho. Na Cornualha, por exemplo, suppõe-se que a estrella do mar, em apanhando a geito um nadador, se lhe enrosca nos pés ou nos tornozelos, produzindo um espasmo fatal, uma especie de caimbra que leva o desventurado á morte.

Mas o mais largo theatro das proezas do animal, são os bancos das ostras, porque é elle o mais fero inimigo d'este mollusco. Basta a simples enunciação do seu nome para pôr logo em transes os pescadores de ostras.

Não admira por isso que a estrella do mar, em consequencia do seu apetite sofrego pela ostra, cause perdas annuaes que montam a muitos milhares de libras. Só n'uma pouco extensa região da costa americana, entre o cabo Cod e a ilha State, os destroços, causados pelo damninho bicho, são computados em cerca de 100 contos de réis annuaes.

UM APETITE INSACIAVEL

Á primeira vista, parece incrivel que um animal de corpo relativamente molle e de apparencia lethargica, sem arma cortante que salte aos olhos, seja capaz de extrahir uma ostra viva de dentro da casca hermeticamente fechada. Como é que elle executa essa façanha, apparentemente impossivel?

Para o explicarmos, convem remontar ás origens. Durante innumeras gerações, teem as estrellas do mar gozado de um apetite extraordinariamente robusto e saudavel. Por conseguinte, no habito secular de devorismo teem-se-lhe desenvolvido estomagos excepcionaes,

A ASTERIA VULGAR
Mostrando o seu aspecto pela parte superior e pela parte inferior

especialmente adaptados a uma creatura permanentemente esfomeada.

Ora o estomago da asteria não só preenche quasi toda a cavidade circular do centro do corpo, mas extende-se ainda por parte dos

cinco raios, que lhe fazem as vezes de membros.

E quando as circumstancias a isso a forçam, este notavel estomago pode ser sacado, sem dôr nem damno algum, de dentro dos cinco raios, virado do avesso, e litteralmente expellido pela boca do animal.

A ESTRELLA DO MAR PODE ABRIR UMA OSTRA COM O SEU TREMENDO PODER DE SUCÇÃO, E É POR CONSEGUINTE UM INIMIGO TERRIVEL DAS OSTREIRAS

COMO A ESTRELLA DO MAR ATACA A OSTRA

Supponhamos que á hora do almoço a estrella do mar se encontra nos proximidades de uma bella ostra muito gorda, cuja concha é tamanha que não caiba na boca, embora muito elastica, do bicho comilão.

Que faz a estrella do mar?

Abraça com ternura o misero mollusco, apertando com força os raios por fora da casca, e collando a bocca de encontro aos rebordos das valvulas.

A ostra, suspeitosa e atemorisada, fecha logo as valvulas com toda a força, e fica anciosa á espera dos acontecimentos.

Vendo que os beijos não fazem mossa, a estrella do mar começa a alongar para fóra da bocca a parte inferior do estomago, muito lentamente mas com segurança vae esse estomago sahindo do corpo para cima da ostra. O terrivel echinoderme não tem pressa. Chega um ponto em que o pobre mollusco está exhaurido pela sucção que lhe vae rodeando a concha, e vê-se obrigado a entreabrir as valvulas. É um momento emquanto se abysma no estomago do glutão, que começa a digerir o almoço com todo o seu vagar.

Furiosos com os estragos causados pelos seus multiplos inimigos, os pescadores costumavam d'antes desabafar o seu rancor despedaçando-os membro a membro, e arrojando-os depois ao mar para ahi estrebucharem nas ancias da morte. Era isto pelo menos o que elles suppunham.

RECONSTITUIÇÃO PRODIGIOSA

Mas o que é extraordinario é que, quanto mais eram os bichos que elles assim esquartejavam, tanto mais crescia de anno para anno o numero das estrellas do mar, até que ao cabo de poucas estações tinham chegado a tal profusão, que nada menos de 2:500 individuos eram colhidos em dois dias sobre as ostreiras.

E o que aterrava os honrados pescadores, ainda mais do que o rapido crescimento dos seus inimigos, eram os feitios extravagantes que muitas das estrellas do mar assumiam.

Umas tinham corpos desmesuradamente enormes com bracinhos ridiculamente minusculos; outras tinham apenas metade do corpo e tres raios do tamanho normal, ao passo que a outra metade e os dois raios restantes apresentavam dimensões proporcionalmente acanhadas; outras ainda tinham um dos raios desmarcado, em confronto com o corpo pequenissimo e quatro raiosinhos de mámorte.

Como derradeiro recurso, appellou-se para os sabios em cata de conselho. Para os homens de sciencia bastante experimentados, nada havia de terrivel ou pasmoso n'estas grotescas formas da asteria. O que ellas eram com effeito, eram a chave de toda a mysteriosa propagação das estrellas do mar.

A ASTERIA SOL, E UMA ASTERIA VULGAR QUE PERDEU UM DOS RAIOS E QUE ESTÁ EM VIA DE O RECONSTITUIR

Não tardou muito que a observação e as experiencias provassem sem duvida possivel que eram os proprios pescadores os responsaveis pelo rapido augmento dos assoladores echinodermes. Porque, em vez de darem cabo d'elles,

como suppunham, quando os atiravam despedaçados ao mar, cada um dos braços ou raios arrancados assentava confortavelmente no fundo do oceano, e dava nascença a uma nova estrella do mar. D'ahi resultava naturalmente que uma unica estrella, por esta forma mutilada, se reproduzia em cinco vorazes e activos comedores de ostras.

D'esta prodigiosa faculdade de reproduzir as partes do corpo perdidas é que deriva o pasmoso apetite da estrella do mar, por isso que tem de consumir e digerir uma enorme quantidade de alimento para a reconstituição rapida de novos tecidos.

Não é por isso a ostra a unica guloseima das estrellas do mar. O campo da sua gula voraz estende-se aos mexilhões, ás ameijoas, aos caranguejos, ás anemonas. É escusado accrescentar que hoje em dia as estrellas do mar, sabidos como ficam os seus astuciosos meios de reproducção, já não são feitas em pedaços e atiradas ao charco.

Todas as que se apanham são levadas para terra no fundo das embarcações, e vendidas aos lavradores como um adubo excellente e barato.

COSTUMES E DESENVOLVIMENTO DA ESTRELLA DO MAR

Ora apezar de todas estas malfeitorias da estrella do mar, não se pode negar que a muitos respeitos ella é uma creatura interessante.

Quando a maré está alta, é espantosa a facilidade com que ella trepa pelas rochas escorregadias e transporta para onde lhe apraz o corpo um tanto ou quanto desastrado. Por baixo de cada raio e á roda da bocca ha centenas de tubos carnudos, curtos e circulares, de que ella se serve como de pés-ventosas, alçando-se pelas rochas acima e agarrando-se por meio d'elles ás superficies mais lizas e empinadas.

Na infancia, a estrella do mar não se parece nada com os paes, nem na apparencia nem na maneira de viver. É então uma creaturinha graciosa e de corpo delicado, prodigiosamente activa e irrequieta, nadando de um lado para o outro por meio de uns cabellos ou cilios compridos e delgados, que revestem certas partes do seu corpo mimoso e meio transparente. Á proporção que cresce, vae gradualmente mudando de forma e de maneira de viver, até ficar por fim exactamente como os paes.

FLORES EM ANDAMENTO

Não se deve suppôr, pelos damnos causados aos pescadores pela estrella vulgar de cinco raios, que todas as outras especies de asteria são egualmente antipathicas. Muitas ha na verdade que são lindissimas, quer na forma quer no colorido, e que até certo ponto desempenham na vida o util mister de varredores do Oceano.

A EVOLUÇÃO DA ASTERIA DE PENNAS ROSEAS

Começa a vida n'uma haste delgada presa á rocha. A flôr do extremo da haste abre-se, e d'ella cresce gradualmente a estrella do mar.

Uma das mais bellas e interessantes é porventura a estrella de pennas rosadas, um animalsinho particularmente gracioso, de braços delicados, que se encontra pelas costas da Mancha e do mar do Norte. Os seus braços compridos e em forma de espinha, variam muito de côr, sendo ás vezes azues ferrete com espinhas côr de rosa, ou brancos, ou cinzentos raiados de escarlate. É muito mais activa do que a asteria commum, e move-se lentamente atravez da agua agitando os raios mimosos.

Quando o assustam ou quando o agarram, o animalsinho expelle bruscamente os raios para fóra de si, deixando na mão apenas o corpo em fórma de disco.

Mas se tornam a deital-o ao mar, não tarda que lhes cresça uma nova andaina de braços, porque possue, como todos os individuos da familia, a prodigiosa faculdade de substituir rapidamente as partes mutiladas.

Ora esta delicada estrella de pennas roseas forma um elo particularmente interessante

ESTAS CREATURAS EXTRANHAS, NEBULOSAS, DIAPHANAS, SÃO ASTERIAS EM COMEÇO DE VIDA

com as velhas epocas geologicas da terra. Durante um certo periodo de infancia, a sua vida é relativamente sedentaria. Desenvolve-se n'um pediculo comprido e delgado, preso a uma rocha ou a uma alga. A principio só se vê o corpo da estrellinha infante, parecido com a cupula de uma glande no extremo da haste. A cupula vae-se abrindo pouco a pouco, e á proporção que se expande, crescem-lhe dos rebordos os longos e graciosos raios emplumados.

OUTROS PARENTES DA ESTRELLA DO MAR

As estrellas do mar teem um grande numero de parentes esquisitos, os quaes, á primeira vista, não teem a minima semelhança de familia com a parentela de cinco ou mais raios.

Um d'elles é o ouriço do mar, tão conhecido e vulgar nos costas de Portugal.

Mas talvez que os mais extraordinarios parentes da asteria sejam as holothurias, a que se dá vulgarmente o nome de «pepinos do mar», e que os francezes chamam «trepangs» ou «bechés de mer». Muitos d'esses animaes teem cores lindissimas, e longos corpos, de apparencia cylindrica, e as suas dimensões divergem entre 5 centimetros e 1 metro. Ao contrario das estrellas do mar, as holoturias teem os corpos molles e flexiveis, com um grande numero de placas calcareas incrustadas na pelle, ás vezes singularmente regulares e bellas de aspecto. A maneira de se moverem é extendendo e contrahindo os corpos, os quaes mudam de forma constantemente, com auxilio de musculos poderosos. Em redor da bocca circular, muitas holothurias teem uns braços numerosissimos e ramiformes, que tem a importancia principal de orgãos de respiração. Aos lados do corpo, acham-se frequentemente cinco zonas regulares de tubos, especie de ventosas que servem de pés e com os quaes o animal se agarra aos objectos e trepa pelos rochedos.

VARIOS EXEMPLARES DE ASTERIA, MAIS RAROS

OS SERÕES DOS BÉBÉS

O Palacio dos Lirios

Longe, muito longe, acima das montanhas coroadas de neve e para além do profundo mar azul, havia uma terra onde o verão durava sempre.

E era sempre verde a relva e sombrio o arvoredo, e pelos campos serpeavam regatos crystalinos, e por isso ninguem lá tinha calor nem sede, apesar de o verão durar sempre.

Não havia gente n'aquella terra, mas havia fadas e eram os espiritos das flores que já tinham dado aroma e que jaziam pelo chão desfolhadas.

E entre as fadas das flores viam-se as lindas assucenas todas vestidas de branco, e as pequeninas margaritas, umas tambem de branco e outras de côr de rosa, e dançavam todas ao som que produziam as bonitas campainhas azues, quando a brisa as fazia balouçar.

As violetas, com seus vestidos rôxos, falavam baixinho umas ás outras, emquanto as sécias, as dhalias e as anémonas, ostentando variegadas côres, se espennejavam ao sol muito alegres, muito vaidosas.

Mas a rainha de todos e de todas a mais linda, era a Rosa, que tinha um bello vestido de setim vermelho claro, guarnecido de verde e ouro.

Olhava para as outras muito sobranceira, e fazia com que ellas a respeitassem, e até lhe tivessem medo, por causa dos agudos espinhos de que estava armada. E era talvez este o motivo principal por que todas lhe obedeciam.

Na terra do Espirito das Flores as casas, em vez de serem de pedra e de madeira, faziam-se com as folhas do outomno. E assim, umas eram de oiro e prata, outras vermelhas ou amarellas, ou tambem acinzentadas, mas quasi todas da côr pardacenta que teem as folhas cahidas.

Não morava n'uma d'estas casas a rainha, mas n'um palacio, isto é, n'uma casa muito maior, mais rica, e muito linda por ser feita de lirios de todas as qualidades

Já viste lirios no jardim e nos campos? Teem badalos e martellos doirados dentro d'aquelles sinos, umas vezes brancos, outras amarellos, rôxos ou vermelhos.

Dois jarros, muito hirtos e aprumados, estavam postados como sentinellas á porta do palacio, que era feita de lirios brancos.

Certa manhã acordou cedo a rainha D. Rosa e exclamou toda lampeira:

— Vou sahir e aproveito o passeio para me banhar nas gotas de orvalho.

Disse isto comsigo mesma e não com os seus botões, que eram os pagens da rainha, mas que ainda estavam a dormir. Não querendo que ninguem acordasse por causa d'ella, sahiu sósinha.

Que passeio encantador!... As gotas de orvalho scintillavam entre a relva como brilhantes... De repente sentiu puxarem-lhe pelo vestido. Voltou-se e viu... Ai que bicho tão horrendo!... Era uma lagarta! Vinha a arrastar-se pelo chão,

MUITO ASSUSTADA A RAINHA D. ROSA FUGIU PARA O PALACIO

muito desengraçada e bojuda, mostrando serias tenções de agarrar-se á fórmosa rainha. Foi quando D. Rosa se lembrou do que tinha contado uma vez a tia *Rosa Amelia:* que perdera quatro das suas cem folhas, devoradas pelas lagartas, grandes inimigas de toda a familia das Rosas e promptas sempre a comerem quantas lhes apparecem.

Muito assustada, a rainha D. Rosa fugiu para o palacio, mas a lagarta seguiu-a correndo tanto como ella, por isso que tinha muitos pés.

Quando chegou á entrada os dois jarros curvaram-se para a cumprimentar e apresentaram-lhe armas, que eram bastões de oiro delicadamente torneados. As portas dos lirios brancos abriram-se por si mesmas, para dar passagem á rainha, que se foi esconder dentro d'um lirio amarello, mas que viu logo não poder escapar de modo nenhum, porque bem sentia já perto a lagarta fazendo: Cruip! Cruáp! Cruip! Cruáp!

N'isto houve para a lagarta uma surpreza desagradavel. Quando ia transpondo a entrada, os jarros tambem se curvaram para ella, mas em vez de a cumprimentarem, deram-lhe primeiro uma chicotada com as folhas largas e carnudas, e depois muita paulada com os bastões de oiro.

Apezar d'isto a lagarta foi entrando.

Mal a viram, os lirios brancos desataram a tocar as campainhas, com tanta força que iam assustando o inimigo.

— Por isso mesmo hei de entrar! — disse a lagarta. Mas os lirios de todas as cores cahiram-lhe em cima, batendo-lhe com os badalos e os martellos de oiro, ao mesmo tempo que os jarros tambem desancavam desesperadamente a intrusa, que afinal ficou estirada á porta do palacio, sem dar accordo de si. Foi quando os lirios e os jarros pararam de combater, julgando que o inimigo estivesse morto. Ali ficou dias e dias, visto os lirios e as outras flores não poderem com um peso tamanho. A rainha D. Rosa habituou-se tanto a ver aquelle corpo, que já lhe passava perto sem receio, até que uma manhã, olhando-o com mais attenção, conheceu que estava inteiramente vasio! Chegou-se mais e viu que da tremenda lagarta só a casca tinha ficado. Ao mesmo tempo, sentiu o bater subtil de uma aza; olhou para o ar e viu pousado na corolla de um lirio o mais lindo ente que ainda lhe apparecera. Tinha azas de todas as cores do arco iris, e duas antennas em logar de braços.

SOU O REI DOS INSECTOS — RESPONDEU O OUTRO — E CHAMO-ME BORBOLETA

— Muito bons dias, linda rainha D. Rosa! — disse elle amavelmente, abaixando muito as quatro azas, como se quizesse fazer uma mesura.

— Bons dias! — respondeu D. Rosa, tornando-se mais vermelha que a sua vassalla Papoila. — Quem és tu?

— Sou o rei dos insectos — respondeu o outro — e chamo-me Borboleta. Acabo de nascer d'essa casca.

— Pois é possivel que já fosses tão feio? — perguntou a Rosa.

— Se era feio no reino das flores, era bonito no reino das lagartas.

— Não te zangues e approxima-te — disse D. Rosa, cheia de ternura.

— Não posso. Ainda me lembro dos maus tratos que me deram os lirios e...

— Mas agora hão de de tratar-me muito bem! — tornou-lhe a rainha.

— Porque me julgam bonito? Porque as minhas azas parecem feitas de oiro e pedras preciosas? — perguntou a Borboleta. — Vou-me embora! — Está a chamar por mim uma grande campina, onde cresce o tomilho, a hortelã e muitas plantas de aromas suaves e onde vivem felizes muitas familias de Borboletas.

E mal acabava de dizer estas palavras, voou pelos ares, muito leve, muito subtil.

Teve tal desgosto a rainha D. Rosa que logo ali se desfolhou, e uma das petalas, arrastada pela briza, foi pelos ares além, seguindo a Borboleta, como ella muito leve, muito subtil.

QUEBRA-CABEÇAS

É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, *onde terão cabimento todos os problemas de diversas indoles que possam exercitar as faculdades do raciocinio. Os* Serões *convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a indole das questões que especialmente nos conveem, continuamos n'este numero o interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas.*

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogriphos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocinio se possa impôr á nossa attenção pela sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje continuamos n'esta secção e pelos problemas que apresentamos sob o titulo «Para Scismar», perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

Contas que atrapalham

Talvez nas questões, que envolvem qualquer especie de calculo simples, é que se embrulham mais quasi todas as pessoas.

Ahi vae um exemplo.

Ao levantar-se da meza de um restaurant, o freguez pede a conta. Importa em 2$500 réis. O freguez dá uma nota de 5$000 réis ao creado, mas, como este não tem troco, vae a uma loja visinha e traz o equivalente em prata. O freguez recebe os 2$500 de troco e vae-se embora. D'alli a bocado, apparece o visinho lojista todo esbaforido, annunciando que a nota é falsa. O dono do restaurant não tem naturalmente remedio senão trocal-a novamente por bom dinheiro. Agora a questão que se apresenta é a seguinte: quanto é que elle perdeu ao todo na transacção? A mulher sustenta que elle perdeu dez mil réis ao todo.

—«Deste ao ladrão o valor de 2$500 em comida,» diz ella, «alem de outros 2$500 em dinheiro de contado, e agora tiveste que dar mais 5$000 réis por um pedaço de papel sem valor.»

—«Qual historia!» opina o filho, joven prodigio em calculos. «Nós não perdemos mais de 7$500, que vem a ser os 5$000 réis que demos para trocar a nota e mais a importancia da conta. A mãe não se lembra de que os 2$500 que o larapio levou foram-nos fornecidos pelo visinho.

Ora basta um momento de reflexão para se ver que ambos os calculos estão errados. A perda total, soffrida pelo homem do restaurant, é a importancia da conta e mais o

troco de 2$500 com que o caloteiro se esportulou. Os 5$000 réis que elle teve que restituir ao visinho podem ser considerados simplesmente como um emprestimo temporario, completamente distincto da tranquibernia do burlão. Por obvio que isto seja para pessoas costumadas ao negocio, homens praticos ha que não fazem logo de repente esta distincção.

Se o espertalhão do filho tivesse que responder á pergunta seguinte, talvez que o fizesse com correcção: «Sardinha e meia por trinta réis, quanto custa duzia e meia?» Dezoito vintens, está claro.

Arithmetica embaraçosa

Mas, por ladino que fosse, é possivel que não resolvesse com tanta promptidão o seguinte problema:

«O preço de uma penna e de uma caneta é 25 réis. A caneta vale mais um vintem do que a penna. Qual é o preço de cada um dos objectos?» A resposta que vem immediatamente á bocca—«um vintem a caneta e cinco réis a penna»—é manifestamente incorrecta, visto que um vintem tem apenas 15 réis de excesso sobre 5 réis. A verdadeira solução é que o valor da penna é dois reaes e meio e o da caneta vinte e dois reaes e meio, o que tudo perfaz 25 réis.

Se quizerem ainda pôr á prova a sciencia arithmetica do rapazote, proponham-lhe o seguinte problema. Como o nosso amigo Manuel—é o nome do sujeitinho—se fina pelas maçãs, imagine elle que, de companhia com o seu collega Chico, trepou a uma macieira, e palmou uma porção de fructa. Elle apanhou quatro maçãs, e o Chico, mais feliz, palmou sete. Apparece n'isto o visinho Pedrito, e propõe-lhes repartirem egualmente as maçãs entre os tres, pagando elle a sua parte. Dito e feito! n'um relance de olhos vão as maçãs parar ao bucho da rapaziada. O Pedrito, que é rapaz brioso, esportula-se com 55 réis pelo seu quinhão, e deixa os outros dois a repetir dinheiro como lhes parecer. Como se deve fazer com justiça essa repartição? O nosso Manuel é capaz de ficar assombrado, quando lhe disserem que não lhe cabe mais de 5 réis, e que o meio tostão restante vae para o bolso do Chico. Pois é esta a divisão justa. E a explicação é simples: cada um dos patusquinhos regalou-se com 3 maçãs e dois terços. Quer dizer, o que tinha quatro maçãs come-as todas, menos um terço; é essa a parte com que contribue para o quinhão do terceiro, ao passo que o Chico deixou de comer 3 maçãs e um terço, das sete que possuia.

Uma questão de physica

Sempre gostava de ver como um rapazito, um pouco versado em sciencias physicas, resolve o problema seguinte.

Em campanha, promette-se um premio a quem primeiro perceber a descarga de uma peça n'uma bateria inimiga.

Questionam tres soldados sobre a prioridade que lhes cabe na denuncia. O primeiro baseia a sua reclamação no facto de ter visto a granada bater na terra, a uma distancia bastante curta do logar onde se achava; o segundo reconhece não ter visto a granada, mas affirma ter visto a chamma, quando se deu o tiro; o terceiro nem viu a chamma nem a granada, mas ficou meio atordoado com o estampido. Qual dos tres foi realmente o primeiro a dar conta do caso? N'esta pergunta não ha ratoeira de especie alguma. A resposta correcta depende simplesmente dos conhecimentos sobre a velocidade relativa da luz e do som. Desde que se saiba que a luz tem uma velocidade infinitamente maior do que o som ou do que qualquer projectil, não resta duvida que o soldado a quem cabe o premio é o que primeiro percebeu a chamma do tiro. É possivel que ainda se levante discussão entre os outros dois, para o direito á honra do segundo logar. Esta só se pode decidir pela distancia a que cada um d'elles estava da peça. A detonação atordoou um d'elles. Por conseguinte, a peça não devia estar muito longe, e como a velocidade inicial da granada é muito superior á d'aquella com que o som caminha, o soldado que viu o projectil bater na terra tem toda a razão em reclamar a honra de ter dado pela descarga antes do seu camarada que ouviu a detonação.

Aqui vae, por ultimo, uma pergunta que provoca um sorriso: «Se cinco galgos podem perseguir e apanhar cinco lebres em cinco minutos, quantos são precisos para perseguir e apanhar vinte lebres em vinte minutos?»

«Vinte galgos», é logo a resposta. Não ha tal. Bastam os mesmos cinco galgos que perseguiram e apanharam as primeiras cinco lebres.

Para seismar

Enigma

Não sei porque, o Gil e o Sá,
Andam ha tempos em questão;
Disse-me o Gil:—«razões não ha»...
Disse-me o Sá:—«razões é que *hão!*»

Apóda o Sá de atheu o Gil.
Porque na missa nunca o vê.
Acho o motivo assás pueril
P'ra que tal nome assim lhe dê.

Por outro lado, o Gil—ratão!
Pensou tambem o Sá chrismar;
Como blasona em ser christão
Alcunha achou mesmo ao pintar.

E o certo é que o bom do Sá
Levar não póde a coisa a mal,
Que em tal alcunha o Gil lhe dá
O nome seu profissional.

In-Justo

Apanhado!

—Meu caro, vê lá se adivinhas este enigma.

—Vamos lá a ouvir.

—Um burro está sósinho n'um campo, á beira de um rio. Tem uma fome de mil demonios, e o campo está tosquiadinho de relva. Mas da outra banda do rio ha uma data de feno, que é de luzir o olho a um burro. Este nosso jumento está morto por passar o rio, mas não se sente com força de nadar. N'estas circumstancias, que faz elle?

—É boa! Dá um pulo.

—Não pode. O rio é muito largo.

—Então atravessa a ponte.

—Qual ponte! Não ha ponte nenhuma.

—Mette-se n'um bote.

—Não ha bote, nem jangada de nenhuma especie.

—Então não sei!

—Renuncias?

—Renuncio.

—Foi exatamente o que fez o burro.

Perguntas exquisitas

O que é que apparece uma vez n'um minuto, duas n'um momento, e nenhuma n'um seculo?

×

O que pesa mais? Um kilo de pennas ou um kilo de chumbo?

Para guarnecer um vestido

Uma senhora compra uma porção de renda a 750 réis o metro. Mas, depois de ir para casa, reconhece que para a guarnição a que a destinava ainda faltam 4 metros. Volta á loja, devolve a renda que comprara, dá mais 1$800 réis, e leva uma peça mais barata a 700 réis o metro. Sobejam-lhe depois 4 metros.

Quantos eram os metros de que ella precisava?

Qual é a edade?

Um sujeito, interrogado sobre a sua edade, respondeu: «Em 1887 eram os annos da minha edade eguaes ao triplo da somma dos quatro algarismos que formam o anno do meu nascimento. A differença dos dois primeiros d'esses algarismos é a data do mez em que eu nasci, e a somma dos dois ultimos representa a ordem d'esse mez dentro do anno.»

Quando nasceu o sujeito?

Sommar sem ter parcellas

Acham que é impossivel? Pois eu lhes mostro a maneira de embasbacarem os amigos com esta habilidade.

Peça o leitor a um amigo que lhe dê um numero qualquer de sete algarismos. A este pode elle ajuntar tres outros numeros tambem de sete algarismos, e o leitor outros tantos da mesma especie. Mas, apenas elle lhe dá o primeiro numero, o leitor pode dizer-lhe qual a somma dos sete numeros todos. Pode ainda dar-se maior côr de mysterio, escrevendo esse total n'um bocado de papel que se dobra e

se entrega ao amigo para elle depois o confrontar com a somma que ha de encontrar-se.

As regras são simples. Do ultimo algarismo do numero dado subtraem-se 3, e colloca-se o algarismo 3 á esquerda do numero. É essa a somma requerida.

Assim, se elle apresentar o numero 9672015, immediatamente o leitor escreverá a somma: 39672012.

Ora agora vamos tratar dos seis numeros restantes. As regras são simplesmente estas: (1) Os numeros são dados alternadamente, a começar pelo amigo. (2) Cada numero que o leitor der deve ser o resto que fica subtrahindo de 9999999 o numero que elle acabou de dar. (3) O terceiro e o quarto numero, dados por elle, devem ser mais pequenos que o segundo, contendo sempre, já se vê, sete algarismos.

Por exemplo: se o primeiro numero d'elle fôr 9672015 e a somma prevista pelo leitor 39672012, as operações serão as seguintes:

Cá está o primeiro	9672015
Agora, suppunhamos que elle dá o numero	8543210
O leitor subtrae-o do tal numero de sete noves, e acha	1456789
O terceiro numero d'elle é........	6231008
O segundo do leitor será.........	3768991
Elle aponta o quarto numero.....	5318270
E o leitor junta logo........	4681729
E aqui tem a somma, encontrada de antemão pelo leitor.	39672012

Uma distribuição intrincada

Um negociante, que está no Brazil, tem um bello dia a generosa ideia de mandar para a sua terra natal de Marco de Canavezes, a quantia de 840$000 réis aos sobrinhos dos dois sexos que alli tem, devendo distribuir-se metade d'esta somma pelos sobrinhos e a outra metade pelas sobrinhas. Ora acontece que ha mais sobrinhos do que sobrinhas, e por conseguinte a cada uma d'estas cabe um quinhão que excede 17$500 réis o de cada sobrinho. Se os 840$000 réis fossem repartidos irmãmente por todos elles, sem distincção de sexos, cada um dos sobrinhos receberia mais 7$500 réis.

Quantos são os sobrinhos e quantas as sobrinhas?

Problema das horas

O meu relogio leva 6 segundos a dar 6 horas. Quanto tempo levará a bater doze horas?

Provavelmente responderão logo: Doze segundos! Pois enganar-se-hão de meio a meio. A resposta exacta é $13 \frac{1}{5}$ segundos.

E senão vejam. Quando o relogio bate seis pancadas, ha cinco intervallos eguaes de tempo entre as pancadas, o que dá para cada um $1 \frac{1}{5}$ segundos. Ora, ao bater doze pancadas, esses intervallos são onze, 11 e $\times 1 \frac{1}{5} = 13 \frac{1}{5}$

Dispor os nove algarismos

Sim, senhores: dispol-os por forma que, fazendo uma somma, dê como resultado 100.

Como é? É assim:

$$\begin{array}{r} 15 \\ 36 \\ 47 \\ \hline 98 \\ 2 \\ \hline 100 \end{array}$$

Humorismos da Lingua Chineza

Poucos leitores acolherão sem incredulidade a ideia de que existe espirito em qualquer cousa dos chinezes, e muito especialmente na sua lingua.

Pois existe realmente um fundo extraordinario de zombaria occulta, não só debaixo do aspecto impassivel e apatetado do china, mas especialmente sob os caracteres fantasticos que constituem a sua linguagem escripta, tão intrincados para toda a gente que não haja nascido ou vivido no Celeste Imperio.

Na forma original, não passam os caracteres chinezes de grosseiros contornos dos objectos que eram destinados a representar.

Mas desde essa construcção original, com o andar dos seculos, fizeram-se alterações na formação de muitos d'esses caracteres e eliminaram-se linhas menos importantes, deixando apenas aquellas cujo conjuncto representava para o espirito chinez a forma especial ou os pontos essenciaes da imagem.

A palavra chineza que designa um homem, por exemplo, serve perfeitamente para demonstrar a maneira impiedosa com que foram mutiladas algumas das formas primarias e suggestivas d'essas imagens, até ficarem reduzidas a representações inintelligiveis a quem não seja chinez.

Forma original da palavra *homem*

人 亻

As duas formas actuaes da palavra *homem*

田

Um campo dividido em lotes

佃

Um lavrador Um homem ao lado de um campo

Honradez Um homem agarrado á sua palavra

口

Uma caixa quadrangular

O alumno mais pequenito de qualquer escola elementar seria capaz de interpretar a escriptura chineza, se todos os caracteres fossem tão simples como a palavra original que designa um homem, a qual tem a reproducção sufficientemente clara do objecto representado. Era essa a forma adoptada quando o povo chinez iniciou as suas tentativas para expressar as ideias por signaes graphicos, n'uma epoca que ainda não poude ser determinada.

Na forma presente, a palavra foi consideravelmente reduzida, tendo desapparecido a cabeça e os membros superiores e restando apenas o tronco e as pernas.

Todas as palavras da lingua chineza teem uma razão logica de existencia e de formação, e cada uma d'ellas consiste ou n'um caracter individual, ou n'um certo numero de caracteres combinados de maneira que completem uma palavra. Tome-se, por exemplo, a palavra *campo*, representada por um quadrado dividido em secções ou lotes. Quando se escreve ao lado d'este a palavra *homem*, a combinação expressa a palavra *lavrador*.

Mais suggestiva ainda é a palavra que exprime verdade, sinceridade, lealdade, honradez. E' formada pela combinação de um homem e do caracter que designa em geral *palavra*. Assim expressa

que uma das formas da honradez consiste em o homem estar ligado á sua palavra.

A palavra *caixa* é indicada por um quadrado, e um *preso* é litteralmente um homem dentro de uma caixa. A ideia não é de todo metaphorica na China, onde os condemnados á morte são levados ao logar da execução dentro de um caixote de superficie quadrangular.

Não é difficil reconhecer o caracter chinez que designa uma *porta*. Colloque-se entre os humbraes d'essa porta a palavra *bocca*, e representar-se-ha o verbo *pedir*, evidente allegoria aos mendigos e vagabundos que importunam as casas chinezas.

O mau habito de escutar ás portas, trouxe á linguagem chineza a combinação que representa o verbo *ouvir*, o caracter que exprime *ouvido* collocado no meio da porta.

As portas das casas chinezas são fechadas com uma tranca de madeira atravessada pela parte de dentro; d'ahi deriva a forma graphica do verbo *fechar*.

No chinez, a palavra *bem* é cheia de uma significação profunda e suggestiva. Consiste nas palavras *mulher* e *filho* combinadas. E' dupla a significação allegorica do termo, suggerindo a um tempo o grande valor que um pae chinez attribue a um filho masculino, e a felicidade que cabe á mulher quando presenteia seu marido e senhor com um herdeiro. Este facto tem para ella uma immensa importancia, porque a levanta de um estado de escravidão a uma condição mais elevada, na qual gosa de um respeito e de uma estima a que até então não a haviam habituado.

Em vista da situação deprimente da mulher chineza, e da obscuridade a que a relega a sociedade do seu paiz, não surprehende porventura que poucas palavras haja na lingua chineza em que o vocabulo *mulher* se empregue para trazer á mente qualquer significado bom.

Uma palavra ha, comtudo, que parece indicar a ideia que o china faz da mulher quando isolada: é a palavra *paz*, formada por uma mulher debaixo de um tecto. Mas é excepcional esta ligeira concessão feita em favor do bello sexo na lingua escripta dos chinezes. Os seus inventores tiveram evidentemente o proposito de reprimir a inconsciente tendencia para a vaidade, formando com duas mulheres juntas a palavra que significa *desordem* e com tres mulheres combinadas a palavra que designa *intriga*.

Esta philosophia pessimista faz quasi perder a fé na mulher — pelo menos na mulher chineza.

A forma mediocremente polida porque o chinez lança mão da propria noiva está illustrada na palavra *agarrar*, expressa por uma mulher agachada debaixo de umas *garras*. E a palavra *esposa*, indicada por uma mulher ao lado de uma vassoura, demonstra a opinião do chinez com respeito á sua companheira do lar.

囚
Um preso
Um homem dentro de uma caixa

門
Uma porta

口
A bocca

問
Pedir
Uma bocca no meio de uma porta

耳
Ouvido

聞
Escutar
Um ouvido no meio de uma porta

閂
Fechar
Uma tranca atravessada n'uma porta

女
Mulher

子
Filho

好
O bem
Uma mulher e um filho masculino

安
Paz
Uma mulher debaixo de um tecto

奻
Questionar
Duas mulheres juntas

姦
Intriga
Tres mulheres juntas

婪
Cubiçar
Uma mulher debaixo de uma arvore

妥
Agarrar
Uma mulher debaixo de umas garras

妻
Esposa
Uma mulher e uma vassoura

家
Lar
Um porco debaixo de um tecto

嫁
Casamento
Uma mulh e um porco debaixo de um tecto

ACTUALIDADES

Grandes topicos

ROOSEVELT

Se ha neste momento uma personalidade á qual se aplique na mais larga acepção do termo a qualificação de «homem do dia», é seguramente Mr. Theodoro Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos. Para elle converge a attenção universal. Sabe-se porquê. Em 8 de junho, Mr. Roosevelt dirigiu aos governos russo e japonez uma nota em que vivamente sollicitava os belligerantes a entabolar negociações directas tendentes á conclusão da paz, tendo assim em vista contribuir para um feliz resultado, conforme os desejos de todo o mundo.

A publicação de tal documento, immediatamente seguido das negociações entre os delegados da Russia e do Japão, teve uma enorme notoriedade, e a iniciativa do Presidente dos Estados-Unidos foi saudada com um concerto de elogios, tanto em razão das boas consequencias que logo se aguardaram, como pelas altas considerações que a tinham inspirado.

Mr. Roosevelt é, acima de tudo, um notavel homem de acção, guiado por uma esplendida cultura intellectual; é um apologista vehemente da força e da energia, como testemunham os seus escriptos e os seus discursos; foi um soldado valente e resoluto, organisador do famoso corpo de cavallaria de voluntarios denominado *Rough-riders*, á frente do qual, por occasião da guerra hispano-americana, bateu o inimigo e conquistou a popularidade — numa palavra, uma das figuras mais caracteristicas da historia contemporanea.

Por estes dois factos — a iniciativa das negociações para o tratado da paz, chegada a tão bom termo, e o logar onde essas negociações decorreram — os Estados Unidos assumem uma posição preponderante na politica do Extremo Oriente. Continuando os armamentos navaes dos Estados Unidos, e a politica ambiciosa e audaz do Presidente Roosevelt, duas grandes potencias dominarão o Pacifico: os Estados Unidos e o Japão.

O retrato que reproduzimos do Presidente Roosevelt, co-

THEODORO ROOSEVELT, PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA

Reproducção de um retrato de Sergent.

piado de Sergent, eminente pintor norte-americano, dá-nos esse grande homem de estado em uma das suas habituaes attitudes de orador, de catadura concentrada e meditabunda. Através, porém, dos seus traços fisionomicos de severidade, divisa-se-lhe bem, na fronte ampla e rasgada, um ar de bondade e de indulgencia, um mixto de rigor e de doçura, que talvez explique o seu extraordinario poder de sugestão e de influencia varonil.

M. WITTE LARGANDO A CAMISA AOS PEDAÇOS
Caricatura extrahida do «New York World».

Não ha com effeito quem, acercando-se d'este chefe de estado, não misture ao natural respeito uma larga dose de affecto, tal é a sympathia que se desenvolve da sua personalidade, tal o encanto que infunde a simplicidade da sua apresentação e do seu viver.

O FIM DA GUERRA

Estão restabelecidas as relações de paz e amizade entre a Russia e o Japão. Os russos reconheceram a preponderancia dos interesses japonezes na Coréa. A Mandchuria será evacuada simultaneamente pelas tropas russas e japonezas. Os antigos direitos dos russos sobre Porto Arthur, Dalny, terras e aguas adjacentes, passam inteiramente para o Japão. Nem a Russia nem o Japão porão qualquer obstaculo ás medidas geraes que tome a China para o desenvolvimento do commercio e da industria na Mandchuria. O caminho de ferro mandchuriano é dividido entre a Russia e o Japão, assegurando ambas o trafego commercial. A Russia cede ao Japão a parte sul da Ilha Sakaline e as ilhas d'ella dependentes. É assegurada a livre navegação nos estreitos de La Perouse e Tartaro. Serão assegurados aos japonezes direitos de pesca nas aguas russas dos mares do Japão, de Okhotsk e de Behring. Os prisioneiros de guerra serão entregues reciprocamente, pagando cada nação á outra as despezas feitas com a sua alimentação.

Estas são as linhas geraes do tratado de paz que deverá ser ratificado no praso de 50 dias a contar da data da sua assignatura.

A Russia queria a guerra e foi obrigada a aceitar a paz; o Japão queria a paz, e conseguiu-a. Quem tem acompanhado a grande politica internacional desde que rompeu a guerra, os interesses desencontrados das grandes potencias, as suas rivalidades, vê claramente que da lucta titanica entre brancos e amarellos, em tudo quanto dependeu da força, os amarellos coroaram-se de louros; e no final, que dependeu de sagacidade, para aproveitamento dos sacrificios e dos successos, o Japão mostrou-se superior a todos os brancos.

Como muito bem observa um publicista illustre, a Europa que d'um lado está vendo os povos da America emancipados, crescendo, prosperando, e já grandes, vê agora no lado opposto os seus planos de expansão na Asia totalmente frustrados, e custa-lhe reconhecer que vae gradualmente ficando secundaria no nosso planeta, não porque esteja em decadencia, mas porque os povos americanos e aziaticos vão-se tornando independentes e importantes.

A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LIÈGE

Esta exposição estende-se sobre uma superficie total de 70 hectares. Só ás machinas caldeiras, gazogenios e material de caminho de ferro reservou-se um espaço de 28:000 metros quadrados. Vê-se por isto que ella é, antes de tudo, uma exposição industrial.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LIÈGE

Mas são tambem notaveis as secções das Artes, das Sciencias, do Commercio e das Colonias. Como atra-

ctivos, exhibem-se um velho Liège com uma exposição de arte antiga, uma exposição do Estado Livre do Congo e uma aldeia chineza.

Ha edificios concebidos com verdadeira grandeza: entre outros os halls da Industria e do Commercio, compostos de galerias de 15 a 25 metros de largura, com a superficie total de 100:000 metros quadrados. O hall das machinas comporta 3 galerias de 25 metros e 3 de 15 metros, cobrindo mais de 25:000 metros quadrados, 15:000 dos quaes occupados pela exposição belga.

Estes algarismos dão ideia de envergadura da empreza, á qual se consagraram perto de 12 milhões de francos.

Trinta e duas nações estrangeiras adheriram á exposição, e o total dos expositores anda por quatorze mil.

Ha toda a razão de assegurar o melhor exito á empreza, não só pelo interesse que despertará no mundo da arte, da sciencia e da industria, como pelas facilidades de communicação que Liège offerece aos visitantes.

Vida na arte

O ARCHITECTO WATERHOUSE

Aos 75 annos, falleceu o architecto inglez Alfredo Waterhouse, que durante uma certa época se notabilisou em Inglaterra, primeiro pelas suas construcções em estylo medieval (o tribunal e o palacio municipal de Manchester, entre outros), e depois pela applicação da terra-cotta á edificação moderna, de que é o exemplo mais importante o Museu da Historia Natural de Londres.

Embora a sua arte, sobrecarregada de ornamentações, tresandando a gothico, estivesse hoje fóra de moda e não lhe conciliasse a admiração dos novos, é fóra de duvida que Waterhouse foi um architecto de um grande valor e que a sua opinião era sempre escutada com respeito. Era tambem um paisagista distincto, pintando a oleo e a aguarella.

Nota curiosa: Waterhouse foi o iniciador de uma *Sociedade para reprimir os abusos dos annuncios publicos,* destinada a proteger as ruas e as paisagens contra a ancia dos commerciantes. Esta sociedade tem prestado relevantes serviços em Inglaterra.

Muito necessaria se vae tornando entre nós uma instituição analoga!

CONGRESSO DE ARTE PUBLICA

Deve ter-se realisado em Liège, de 15 a 20 de setembro, o terceiro congresso de arte publica. Tem este por fim «o progresso moral, economico e social pela escola, a academia, o museu, as exposições, o theatro e a administração do dominio publico». As principaes questões são:

Ensino da arte e da esthetica na escola;

Reorganisação dos museus e das exposições;

O theatro lyrico popular, o theatro ao ar livre, etc.

O mau gosto nos edificios publicos, a defesa da architectura e da paizagem;

O papel dos poderes publicos em assumptos de arte.

MORTE DE BOUGUEREAU

William Bouguereau, agora fallecido, foi um dos mais celebres pintores da França contemporanea. Morreu com perto de oitenta annos, mas a consagração do seu talento data de quando elle apenas contava vinte e cinco annos

Atacado, admirado, imitado, pastichado, muitas vezes mettido a ridiculo, mas triumphando sempre de malquerenças e ataques, Bouguereau conheceu,

BOUGUEREAU

durante esse largo periodo de producção incessante, todas as amarguras e todos os gosos que a gloria traz comsigo. O gosto moderno desviou-se, a partir de um certo tempo, da pintura idillica em que o seu

talento se comprazia; Bouguereau não o ignorava, mas, fiel ao seu ideal de mocidade, não procurava nunca modificar a sua «maneira». Por certo devido a esta justa teimosia, é que os seus quadros foram sempre disputados calorosamente pelos colleccionadores dos dois mundos.

Bouguereau possuia uma correcção de desenho, uma levesa de tintas, uma graça de transparencias, que o tornavam absolutamente inconfundivel. Os seus faunos, as suas pastorinhas, os seus amores, as suas bacchantes, as suas donzellas tomando banho tiveram sempre, embora muito repetidos em algumas centenas de télas, o mesmo prestigio do colorido e da graça.

Em 1876, Bouguereau fôra nomeado membro da Academia de Bellas Artes de Paris, e n'esse mesmo anno recebia o officialato da Legião de Honra, da qual foi nomeado commendador em 1885.

Era presidente da Associação dos Pintores e da Sociedade dos Artistas Francêzes

Vida na sciencia e na industria

POSSIBILIDADE DO MOTO CONTINUO

Basta apenas mencionar o moto continuo para que um homem do mundo abane a cabeça e mude logo de assumpto.

Sob o seu aspecto theorico, é possivel que elle se interesse em ouvir novas suggestões sobre o problema, mas é quando elle percebe o desejo de caminhar da theoria para a pratica que se lhe assombrea logo a catadura.

Todavia, uma vez por outra, lá apparece um plano mais exequivel do que os precedentes, e, se acaso fôr de facil construcção, sempre abundam experimentadores com vontade de descobrir qual o ponto em que a theoria e a pratica entram em conflicto.

Ha tempos que um professor de Cambridge, Mr. J. Thomson, apresentou aos seus discipulos um apparelho, que pela simplicidade e fórma pratica se deve impor a toda a gente.

Tinha elle um ponto fraco, como aliás todos os esforços feitos n'este sentido, mas é possivel que a descoberta das propriedades do radio tenha removido a difficuldade.

Consiste o apparelho n'uma barra de ferro macio N S (veja-se a fig. junta) orientada na direcção norte-sul magnetica. Emquanto occupar essa posição, a barra constitue um magnete.

A um fio delgado de quartzo, fixo por um dos extremos ao tecto, está suspensa uma pequena peça de ferro macio. O ponto de suspensão do tecto não fica perpendicularmente por cima do extremo S do magnete, mas em posição tal que permitta o movimento pendular do pingente de ferro macio.

Mesmo por debaixo do sitio em que o pingente deveria chegar ao contacto do magnete, mas disposta de modo que não possa tocar no magnete, ha constantemente um foco de calor.

Dê-se balanço ao pendulo; apenas chega a contacto com o magnete, o pingente é attrahido, por isso que por inducção se torna um magnete. Mas n'esta posição, o pingente é cercado pela chama, que immediatamente começa a desmagnetisal-o, e por conseguinte afasta-se logo do magnete.

Os processos de magnetisação por inducção e de desmagnetisação pelo calor continuam a alternar-se, emquanto o magnete N S estiver no meridiano magnetico e existir o foco de calor. O ponto fraco da suggestão era exactamente este ultimo, e emquanto não se pudesse obter uma fonte pequena de calor, o invento pouco mais valor teria do que milhares dos seus antecessores.

Mas affirma-se que os effeitos calorificos do radio são tão permanentes como as suas propriedades radio-activas. Por conseguinte, a questão é simplesmente concentrar aquelles effeitos até ao grau necessario para desmagnetisar uma peça pequena de ferro macio, e fica resolvido o moto continuo.

O apparelho com o radio como fonte de calor poderia fixar-se no vacuo, e assim se poderia eliminar o effeito de atrazo, produzido pela atmosphera.

ENXERTIA CAPILLAR

Alegrem-se os calvos. A sua infelicidade póde ter remedio, o seu craneo desnudado póde ainda ostentar uma farta cabelleira. É questão d'um simples... enxerto. O leitor deve já, a estas horas, ter relegado para a companhia dos espaventosos réclamos, que nos jornaes diarios pindorisam a efficacia de maravilhosos especificos contra a calvicie, a noticia da curiosa enxertia. E se o leitor é

calvo, então, sentiu já tentações d'amarrotar os deliciosos *Serões* que se comprazem em ridicularisar a sua desgraça. Mas não; os *Serões* fallam muito a sério e vulgarisam uma novidade que póde adornar um craneo completamente desnudado com o bellissimo adorno natural dos cabellos.

Todos sabem que os tecidos vivos são eminentemente aptos para a reproducção e para a soldadura antoplastica. Desde que a enxertia é coisa corrente na cirurgia moderna, porque não tentar para a cura da calvicie, a enxertia capillar? Foi o que tentou um medico de Constantinopla, Menahem Hodara.

Menahem lembrou-se de praticar, n'um craneo desnudado pela tinha, escarificações sobre a epiderme e camada superficial da derme. Nos sulcos abertos pelas escarificações implantou cabellos arrancados com o bolbo intacto. A cicatrisação sobreveio rapida e os cabellos *pegaram* como o melhor enxerto de jardim. Pegaram e cresceram! Estava, pois, descoberto o remedio especifico da calvicie. E então o nosso medico não teve mãos a medir, conseguindo guarnecer com bellos cabellos a cabeça de muitos calvos.

Mas Menahem quiz fazer um estudo scientifico da sua descoberta. Repetiu as suas experiencias sobre animaes e, após o completo successo e confirmação dos anteriores trabalhos, sacrificou os animaes ao exame microscopico dos cortes dados atravez da pelle, reconhecendo que em volta da raiz plantada, a derme se havia differenciado, as partes superficiaes da assentada cellular externa se tinham aberto em calices de fundo dilatado e em fórma de papilla. Entre o pêllo e esta papilla havia intimas connexões, manifestando-se ainda a existencia e o bom funccionamento da camada geradora por cellulas em via de evolução. Em summa, os elementos geradores do pello estavam em completa actividade assegurando-lhe uma vida duradoira. Era a plena confirmação de todos os trabalhos. Não ficou ainda por aqui a descoberta. Como nem sempre é facil ter á mão cabellos arrancados de fresco e com todos os annexos da raiz, Menahem procurou verificar se o enxerto se não poderia tornar muito mais simples, se, do mesmo modo que a derme se tinha differenciado de modo a produzir uma camada geradora, só a haste do cabello não poderia produzir uma raiz com o bolbo piloso. Implantando simples hastes de cabello sem raiz, sobre uma pelle glabra, o resultado foi exactamente egual ao anterior, mostrando a analyse microscopica que as raizes agora formadas eram absolutamente analogas ás do cabello normal.

Notemos — para que esta noticia não seja tomada á conta de menos veridica — que Menahem Hodara não occultou a ninguem a sua technica operatoria, mas antes a expoz scientificamente n'uma memoria, pedindo que outros medicos verifiquem as suas experiencias.

Alegrem-se, pois, os calvos; com uma simples operação cirurgica poderão ainda ostentar nos salões toda a artistica garridice de que é capaz uma cabelleira bem tratada.

MARIOTTE.

O GRANISO BATIDO PELA ARTILHARIA

PARA afastar a chuva de pedra, tão damnosa aos vinhedos, usa-se em certas regiões da França um canhão de factura especial. E' um cone invertido, como se vê na fig. junta, e assente n'um tripé de um metro de alto. O canhão tem de altura 2,m15 precisamente, e carrega-se com um cartucho de polvora.

A detonação é muito estrondosa. Assim que se dá fogo, por meio de uma espoleta do antigo systema, vê-se logo a chamma na bocca da peça, seguida immediatamente por circulos de fumo. A acção de polvora no ar é representada pela outra figura que publicamos, a qual mostra uma secção longitudinal do funil, que constitue a peça, no momento da explosão. *A* representa os anneis ou novelos de fumo em via de formação, e *B* os mesmos anneis depois de expellidos. As flechas indicam o movimento rotatorio do fumo em cada um dos anneis.

Quando os vinhateiros veem as nuvens a formar-se, estando o tempo quente, preparam-se para uma descarga. Se acaso as nuvens se movem com rapidez, a descarga da peça muda-lhes a direcção ou detem-lhes o movimento. O canhão protege uma superficie consideravel de terreno, e a despeza de cada estação d'esta artilharia benefica é insignificante.

Affirmam que bastam tres explosões por minuto para evitar a formação do graniso, mas, se o perigo se offerece mais ameaçador, n'esse caso augmenta o numero e a rapidez das explosões.

DESAPPARECIMENTO DO NEVOEIRO PELA ELECTRICIDADE

NINGUEM porá em duvida que os nevoeiros são para muitas cidades não só um incommodo mas ainda um prejuizo. Londres é o exemplo classico sempre apresentado para corroborar tal facto. Ainda na semana do Natal

do anno ultimo um intenso nevoeiro, que se estendeu sobre a costa oriental da Inglaterra, foi causa de prejuizos calculados em cerca de cincoenta mil contos de réis. Se fosse possivel fazer dissipar tal incommodo, grandes serviços seriam prestados ao commercio, á navegação e á exploração ferro-viaria. Assim o pensou sir Oliver Lodge, actual reitor da Universidade de Birmingham, que desde algum tempo se tem dedicado á solução d'este problema. O principio em que se fundam as explicações de sir Oliver Lodge, é conhecido já ha muito. As particulas solidas ou liquidas em suspensão n'um gaz cáem sob a acção da gravidade desde que o gaz seja submettido á acção d'um campo electrostatico poderoso. Assim uma machina electrica de Wimshurts, funccionando n'um aposento cheio de fumo de tabaco, torna a atmosphera rapidamente limpa. As experiencias de laboratorio deram optimos resultados; a electricidade dissipa por completo todos os nevoeiros e fumos artificiaes.

Lodge fez então experiencias em grande escala, não sendo infelizmente os resultados tão satisfatorios pela difficuldade que ha em obter na atmosphera descargas electricas sufficientemente poderosas. Ainda assim as descargas produzidas na extremidade d'um grande mastro dissiparam rapidamente, em Liverpool, um espesso nevoeiro n'um raio de 50 metros. Sir Oliver Lodge tenciona repetir as experiencias no proximo inverno, de modo a chegar a determinar a technica definitiva para a dissipação dos nevoeiros e fumos da atmosphera. Será este um resultado altamente humanitario, porque não só o commercio mas tambem a hygiene dos grandes agrupamentos humanos será melhorada.

MARIOTTE.

Papel de Aluminio

Todos conhecem o chamado papel d'estanho muito empregado para proteger algumas substancias alimentares e especialmente o chocolate. Este papel tem agora um succedaneo no aluminio. O estanho, embora offereça grandes vantagens como orgão protector de determinadas substancias, tambem apresenta alguns inconvenientes. Póde estar-lhe addiccionada uma certa quantidade de chumbo, susceptivel de prejudicar a saude, e é de preço bastante elevado. O aluminio, que agora se apresenta a fazer concorrencia ao estanho neste emprego, não contem metal algum toxico, é tão flexivel como o estanho e é menos permeavel ao ar que este ultimo. A unica impureza que o papel d'aluminio póde apresentar é a alumina, materia inoffensiva. No preço tambem o aluminio combate com vantagem o estanho: um kilogramma de papel d'aluminio, representando um minimo de 30 metros quadrados, em folhas de 1 centesimo de millimetro de espessura, póde ficar por 1$600 rẽis. É, pois, provavel que o papel d'aluminio desthronise o papel d'estanho na protecção das substancias alimentares.

MARIOTTE.

As cataractas do Yaraguassu

Pensa-se no Brazil, no estado da Bahia, em utilisar industrialmente, e, já se vê, hydro-electricamente, as famosas cataractas do Yaraguassu, as quaes representam uma força superior a 100:000 cavallos.

Caminhos de ferro electricos

A Allemanha deve possuir de aqui a pouco tres importantes linhas de caminhos de ferro electricos, as quaes ligarão Francfort a Wiesbadeu (42 km.), Colonia a Dusseldorf (39 km.) e Leipzig a Halla (82 km.) A duração do trajecto n'essas tres linhas não deverá exceder meia hora, incluindo as paragens das duas cidades, testas de linha. Os comboios partirão de 15 em 15 minutos.

O Cabo transatlantico mais extenso do mundo

É, o de San Francisco a Manilha (Philipinas) Tem 14:140 km. de comprido, e a immersão varia entre 4:000 e 9:633 metros. Passa por Honolulu, ilhas Midwry e Guam (Mariannas).

Novo microphone

Fizeram-se recentemente em Roma experiencias de um microphone inventado pelo professor italiano Majorama. Estabeleceu-se communicação entre Londres e Roma, a uma distancia de mais de 1:500 km. Os resultados consta que foram muito satisfatorios. Na rede de Londres ouviram-se e entenderam-se as palavras do correspondente de Londres.

Os Iberos em Marselha

M. Vasseur, professor na faculdade de Marselha, annuncia a descoberta, em Baou-Roux, perto de Simiane (Boccas-do-Rhodano), de objectos de olaria analogos aos encontrados perto de Narbonne e na Hespanha. Esta ceramica parece que remonta ao seculo XII antes de Christo e que é de origem ibero-myceniana. Provado isto, deduz-se que o porto de Marselha foi frequentado por navegadores ibericos muito antes da colonisação phoceana.

Velocidade das aves

A locomotiva attinge de ordinario ao mesmo nivel, em distancias curtas, a velocidade de 110 a 120 kilometros por hora: o automovel nas mesmas distancias vae facilmente alem dos 150 km. por hora. Mas essas velocidades são insignificantes, comparadas com os excessos de velocidade commettidos pelas aves: a codorniz vence 17 metros por segundo, ou 61 km. por hora: o pombo viajante, 27 metros por segundo ou 100 kilometros por hora; a aguia, 31 metros por segundo, ou 112 km. por hora; a andorinha, 67 metros por segundo, ou 241 km. por hora; o gaivão ou andorinhão, 88 metros por segundo, nada menos que 316 km. por hora.

PENEDO NA GRÃ-BRETANHA

A NATUREZA ESCULPTORA

A gravura que hoje publicamos representa um penedo solitario nas costas da Grã-Bretanha, perto de St. Austell. Como se vê, dá uma ideia muito nitida de um perfil humano, no qual os inglezes acham muitas parecenças com o fallecido estadista sir William Harcourt. Exquisiticees analogas não são raras na configuração dos rochedos. E' bem conhecido pelos mareantes aquelle monte da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, que apresenta o perfil de um homem deitado e ao qual os inglezes dão o nome de Nelson's Head (A Cabeça de Nelson).

Tambem na serra da Estrella existem exemplares curiosos d'estas ratices naturaes. Do interessante livro do sr. dr. Adelino de Abreu extrahimos duas gravuras, e transcrevemos o texto correspondente:

«Digno de notar-se é, porém, um monumento curiosissimo de anthopogliphita, representando a cabeça de uma velha, a que os pintores chamam — *Cara de Velha,* cujo megistocephalo se encontra no *Cabeço do Calvario,* proximo da Senhora do Desterro e do lado do nascente da linha de cumiada.

CARA DE VELHA—DO LIVRO «SERRA DA ESTRELLA» DO DR. ADELINO DE ABREU

. . . .

«Curioso é tambem o *Cabeça do Preto,* formado por um montão de penedos, que se agrupam proximo do Observatorio, no cimo dos quaes se destaca uma fraga boleada, que vista a distancia configura a *cabeça de um preto.* Estes singulares monumentos, que mais parecem obra do homem que da natureza, não devem deixar de ser vistos pelo *touriste*».

CABEÇA DE PRETO—DO LIVRO «SERRA DA ESTRELLA» DO DR. ADELINO DE MORAES

PROHIBIÇÃO DOS SUBMARINOS

Em consequencia dos desastres que se produziram na França e na Inglaterra, aventou-se em Londres a ideia de abrir negociações com os governos estrangeiros, afim de prohibir o uso dos submarinos na guerra maritima.

Vida nos campos

OUTUBRO — CAVAS

Passados os trabalhos das differentes colheitas, começa o lavrador a romper de novo as suas terras para substituir a camada em que vegetou a ultima planta, por outra que durante esse tempo se conservou em baixo. Este trabalho é facilitado pela acção das primeiras chuvas ou mesmo apenas pelo estado mais humido da atmosphera que amacia a terra, até então resequida pela acção do sol de verão.

Nos campos largos este trabalho é feito com as charruas de uma, duas ou mais juntas de bois, segundo a importancia da lavoura.

Com as charruas de aiveca fixa que só viram para um lado a leiva, talha-se a lavoura em secções, abrindo um rego ao meio de cada uma, e seguindo alternadamente de cada lado d'esse rego com o trabalho de virar a terra para dentro do sulco anterior, até acabar a secção, repetindo o processo na secção seguinte. Com as charruas de aiveca movel pode fazer-se a carreira sempre seguida, por se poder ir suster a posição d'ella segundo o lado para o qual se caminha.

Nos jardins emprega-se em geral a enxada. Para começar abre-se uma valla a um lado da folha que se quer cavar e transporta-se esta terra para o lado opposto. Para dentro d'essa valla cava-se a terra que deixa aberta uma segunda valla, que se enche com a terra de uma terceira e assim successivamente, até se abrir a ultima valla que se encha com a terra que se transportou da primeira.

Os vinhateiros teem acabado já n'este mez a faina da vindima e pisa da uva, e obtida a transformação do mosto em vinho, o que se conhece pelo acabamento da fermentação tumultuosa do liquido, envasilham então o vinho nas vazilhas onde se acaba de fazer durante o mez em fermentação lenta.

Nos jardins admira-se a encantadora variedade dos crysanthemos, das despedidas do verão, que constituem hoje e cada vez mais o prazer dos amadores que cultivam estas bellas flores, procurando uns obter mais uma variedade nova, outros aperfeiçoar qualquer outra já conhecida e mais da sua predilecção.

É n'esta variedade de occupação e cuidados se passa no campo a vida, longe da bulha da civilisação e das luctas mais ou menos compensadoras da vida nas cidades.

Variedades

Os jornaes na America do Norte

Em 1850 havia nos Estados Unidos 2:500 jornaes. Actualmente, ha 25:000, dos quaes se imprimem por anno 400 milhões de exemplares. Os annuncios publicados n'esses jornaes custam aos annunciantes, moeda nossa, 450 contos de réis por anno. Vinte grandes estabelecimentos de New-York gastam annualmente 1:800 contos em annuncios, o que corresponde a 4 por cento da importancia das suas vendas. Estes numeros, quasi inacreditaveis, explicam os resultados da propaganda insistente que dos productos americanos se faz hoje em todo o mundo.

Banquete Original

Em uma mina de carvão, na Nova Zelandia, a quinhentos metros de profundidade, realisou-se um banquete. A galeria foi transformada em sala de jantar, os supportes cobertos de flores e verduras, e a luz electrica espalhada a jorros. O menu foi excellente, e os vinhos das melhores proveniencias. As paredes da galeria, brilhantes de minerio, reflectiam como espelhos, o mais original festim que é possivel fantasiar.

O quilate

O Comité Internacional de pesos e medidas aventou ultimamente a ideia da unificação universal da medida das pedras preciosas, que é, como se sabe, o quilate, hoje variavel de paiz para paiz. Adoptar-se-hia n'esse caso como unidade a massa de 200 milligrammas, a qual tomaria a denominação de «quilate metrico».

Somno prolongado

Contam de Burgos o caso extraordinario de uma mulher de Villacienzo, de nome Benita de la Fuente, que despertou ha pouco de um somno de trinta e dois annos. Foi em 1874 que ella cahiu no estado cataleptico; desde então, o seu unico sustento consistia na absorpção forçada de umas gotas de agua, de caldo ou de leite. Logo que acordou, recuperou o uso da palavra, e pediu que não lhe dessem mais leite. Tres dias depois, a familia obrigou-a a levantar-se e a dar uns passos no quarto. Reconheceu todas as pessoas de familia, mas não se recorda de cousa alguma anterior ao seu somno e recusa-se absolutamente a acreditar que dormia ha trinta e dois annos. A sua edade é hoje sessenta e dois annos.

Vida no sport

A COUPE DOS ALPES FRANCEZES

E' curiosa a regulamentação d'este concurso de automoveis, organisado pelo Syndicato de Grenoble. Cada competidor, com os mapas e livros de derrota, recebe um relogio metido n'um estojo de metal que permitte dar-lhe corda sem que se lhe possa tocar no machinismo e nos ponteiros. Feito isto, o concorrente realisa a seu arbitrio o circuito. O essencial é parar nos hoteis indicados pelo syndicato e cuja lista está no livro de derrota.

O *touriste*, logo que chega, sem se apeiar, apresenta o relogio e o livro ao dono do hotel, que lhe marca a hora, e depois, se quizer, vae-se embora para dar um passeio pela povoação ou para escolher hotel que mais lhe convenha. Ou então parte logo para a seguinte estação, por isso que o unico preceito é que a direcção de todos seja a mesma no circuito.

Logo que o competidor tenha data e hora marcadas ao partir de um dos hoteis da lista, entende-se que está correndo até que no dia seguinte lhe marquem a occasião da chegada. Depois passa a ser um *touriste* como outro qualquer, com liberdade para explorar a povoação n'uma hora ou os arredores n'um mez. Mas, para continuar a corrida, tem de partir do mesmo hotel, onde lhe marcam a hora no livro, segundo o relogio fechado e selado que elle traz comsigo. E assim por deante, de escala em escala e de circuito em circuito, até que se completem os onze circuitos que constituem o total da corrida.

Outra especialidade d'este concurso é não permitir que se adeante tempo, nem que se engula caminho. Não se marcam velocidades superiores a 25 klm. por hora, na classificação final.

O syndicato de iniciativa de Grenoble obteve os seus primeiros fundos ha 15 annos, e desde então tem organisado a região, melhorado as communicações, construido hoteis nos pincaros mais elevados, aberto caminhos, organisado viagens circulares, conseguido comboios rapidos, e levado a cabo a rede das estradas Alpinas. Deve-lhe muitissimo a Suissa.

Quem dera que o *sport* automobilista contribuisse para eguaes resultados nas regiões mais pittorescas do nosso paiz.

PREÇO DOS POMBOS CORREIOS

E' extraordinario o preço que attingem os pombos correios. Noventa e dois individuos do Pombal Coucke produziram um total de 3:772 francos, quer dizer, a media de 41 francos por cabeça. N'um leilão realisado em Verviers, os 196 pombos de M. Hansenne venderam-se por 14:000 francos, o que dá o preço medio de 71 francos por cada um.

Houve exemplares, muito disputados, que chegaram a vender-se por 240, 300, 400 e 530 francos. Um amador comprou tres pela bagatella de 1:485 francos.

SE NERO TIVESSE ADIVINHADO...
Caricatura extrahida da «Pictorial Comedy»

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 5 - LISBOA

SERÕES

Outubro de 1905

N.º 4

Summario

MAGAZINE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	**2$200**	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	**1$200**	Moeda fraca	**12$000**	Frs.	**15,00**
Trimestre	**600**				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos Serões

MAGAZINE

Continuamos a ser obsequiados cum um grande numero de artigos, photographias, musicas, etc., destinados a inserção na nossa revista.

Nem todas essas contribuições, que aliás muito agradecemos, poderão figurar nas paginas dos *Serões;* umas por não se moldarem á indole da nossa publicação, outras por deixarem algo a desejar pelo que respeita tanto á forma como á essencia. As que são acceitaveis irão entrando á proporção que para ellas haja cabimento. Como já dissemos no numero anterior, nem que a revista fosse semanal haveria espaço para publicar todas immediatamente. É esta a resposta que damos, em circular, aos nossos amaveis collaboradores que por escripto ou verbalmente manifestam a sua impaciencia pela demora na publicação dos seus trabalhos. Se os escriptores, cuja collaboração temos sollicitado, teem que esperar ensejo para que os seus artigos appareçam nas nossas paginas, não admira que a collaboração espontanea e adventicia tenha que soffrer os mesmos percalços, pois não é verdade?

Muitas e penhorantes cartas temos recebido de animação e sympathia, que cordialmente nos lisonjeam e nos estimulam a proseguir n'uma empreza, bafejada pelo favor publico.

É prova d'este favor o exgotamento da 1.ª edição do 1.º numero, que nos forçou a imprimir 2.ª, e acharem-se muito proximas a exhaurir-se as edições dos dois outros.

As palavras de incitamento são muitas vezes acompanhadas de conselhos e suggestões que tomaremos em conta.

A secção de photographias, por exemplo, que um nosso assignante de Cidadelhe nos suggere, será inaugurada, como já tencionavamos, no n.º 5, com o resultado do nosso concurso, que teve um exito excepcional. As monographias de cidades e povoações do paiz, que o mesmo assignante nos aconselha, apparecerão a seu tempo, como no prospecto promettemos.

Outras indicações, referentes á escolha de collaboradores, serão devidamente consideradas.

Um leitor alvitra que incluamos nos *Serões das Senhoras* a secção que intitulámos *Serões dos Bébés.*

A ideia é razoavel. Veremos se, ao encetarmos o 2.º volume d'esta nova serie, a tornam exequivel as condições da impressão, que temos de respeitar.

Queixa-se *um guloso* de que querendo executar uma receita nossa, de uma gulodice, já se vê, a encontrou incompleta. Que quer? Foram os typographos que enguliram os ovos e o assucar, e o revisor, que não é guloso, não deu pela falta. Providenciaremos de futuro, para que não se deem desastres similhantes.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Foram reproduzidos d'este esplendido album artistico, editado pelos srs. Emilio Biel & C.ª, do Porto, algumas photographias com que illustrámos o artigo *Universidade de Coimbra*, do nosso collaborador e presado amigo Manoel da Silva Gayo.

Aos srs. Biel & C.ª agradecemos profundamente a gentilesa da sua concessão.

A ILHA DA MADEIRA

N'este artigo, publicado no presente numero e a pagina 307, sae uma gravura a que pozemos a indicação *Tipoia*, quando esse termo é applicado simplesmente em Africa. Trata-se d'uma viagem em rede, tão usual na Ilha da Madeira.

QUEBRA-CABEÇAS

1.º *As secções da batata.* — A maneira de dar os dois cortes na batata vê-se pela fig. junta.

2.º *Diametro da esphera.* — Eis a maneira de lhe determinar o diametro, sem a riscar nem fazer uso do compasso:

Pesa-se a esphera no ar e depois mergulha-se em agua; a differença dos pesos será o peso de um volume igual ao da esphera, de agua (destilada). Ora o peso é o producto do volume pela densidade

$$P = V d$$

mas aqui a densidade, visto que se trata d'agua destilada, é a unidade

$$d = 1$$

logo

$$P = V$$

O numero que exprime o peso referido á unidade kilogramma, é o mesmo que exprime o volume referido á unidade decimetro cubico, visto que um decimetro cubico d'agua destilada pesa um kilogramma : mas o volume da esphera é

$$\frac{4}{3}\pi R^3 = V$$

e

$$R = \frac{D}{2} \qquad R^3 = \frac{D^3}{8}$$

Substituindo

$$\frac{4}{3}\pi \frac{D^3}{8} = V = P$$

ou

$$\frac{\pi D^3}{6} = P$$

ou

$$D^3 = \frac{6}{\pi} \times P$$

$$D = \sqrt[3]{\frac{6}{\pi} \times P}$$

Ora $\frac{6}{\pi}$ é, com uma approximação muito sufficiente, igual a $\frac{21}{11}$; logo:

Tendo achado a differença do peso da esphera no ar e na agua, tomando $\frac{21}{11}$ d'essa differença (expressa em kilogrammas) e extraindo a raiz cubica, tem-se o diametro expresso em centimetros. (Com effeito a raiz cubica de decimetros cubicos são centimetros lineares).

3.º *Um testamenteiro atrapalhado.* — A vontade do testador é que a mãe tenha metade do que tiver o filho, e o dobro do que tiver a filha; a maneira mais conducente com esta vontade, será dividir a fortuna em 7 partes, e dar $\frac{4}{7}$ ao filho, $\frac{2}{7}$ á viuva e $\frac{1}{7}$ á filha. É a solução que mais satisfaz; em todo o caso, juridicamente não será absolutamente admissivel, visto que o caso não estava previsto no testamento.

4.º *Qual é o partido?* — Uma vez que Antonio dá a Bernardo 30 ás 50, é porque Bernardo só faz a differença, 20, em quanto Antonio faz as 50; logo o jogo de Bernardo está para o de Antonio na relação $\frac{20}{50} = \frac{2}{5}$. A mesma relação existe entre a força ao jogo de Carlos e de Bernardo. Logo o jogo de Carlos é $\frac{2}{5}$ de $\frac{2}{5}$ ou $\frac{4}{25}$ ou $\frac{8}{50}$ do de Antonio; o que quer dizer que emquanto Antonio faz 50, Carlos faz apenas 8. O partido deve pois ser igual á differença para que o jogo se equilibre, $50 - 8 = 42$.

5.º *Onde irá parar?* — Este problema do nosso 1.º numero ainda não obteve solução satisfatoria, comquanto alguns curiosos tentassem resolvel-o.

Será melhor portanto que fique ainda em aberto, pelo menos até á publicação do nosso numero 6, se até lá não apparecer uma solução que plenamente satisfaça. Convidamos os mathematicos e os nauticos a meditarem um pouco sobre elle. Não se nos affigura difficil encontrar a derrota descripta pelo navio na superficie da esphera. O difficil — lá vae um clarão — é encontrar-lhe o ponto de chegada. *Reclus... manquée* cremos que se enganou a este ultimo respeito.

*

Decifraram todos os problemas do n.º 2: *Matuto*, X. T., *Newton II*, *Sphynge*, R. A.

O 2.º foi resolvido pelo sr. José Martins Barbosa. Mas em compensação resolveu todos, menos este, o *Saloio de Belem* e Y.

*

Agradecemos por ultimo a collaboração que para esta secção nos tem sido amavelmente enviada, e incitamos todos os nossos leitores a darem brilho e interesse ao *Quebra-cabeças*, não só meditando na solução dos problemas propostos, mas tambem em o enriquecerem com outros, curiosos e originaes, de qualquer especie.

CENACULO SILVEIRA, DE PERNAMBUCO

Inserimos hoje, n'esta pagina, os retratos dos principaes membros do Cenaculo Silveira, de Pernambuco, como justa homenagem aos seus meritos e ao valor intellectual d'esse nucleo, que honra o Brazil.

No 1.º plano, da esquerda para a direita, figura o sr. dr. **Heitor Maia,** lente cathedratico de topographia da Escola de Engenharia de Pernambuco e inspirado cultor das musas. Segue-se o sr. dr. **Arthur de Albuquerque,** redactor do *Diario de Pernambuco*, advogado nos auditorios do Recife, e auctor da *Vida da Imprensa,* um scintillante livro de critica, que revela o brilhante talento do seu auctor. Depois, o sr. **Machado Dias,** poeta lyrico de real merecimento e jornalista de valor, fundador da *Revista do Norte*, onde, com Martins Junior, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e outros, deu grande alento á litteratura brazileira. Tem o seu nome ligado á propaganda abolicionista e tem cooperado no movimento republicano. Segue-se o sr. **Arthur Bahia,** distincto funccionario publico, jornalista e primoroso poeta, auctor dos *Nimbos,* da *Volta do Lupanar* e outras producções reveladoras d'um superior talento. Em ultimo logar, figura o sr. **Rodolpho Garcia,** tão primoroso poeta, como abalisado critico e jornalista.

No segundo plano, egualmente da esquerda para a direita, vemos em primeiro logar o sr. dr. **Oswaldo Machado,** lente de logica do Gymnasio Pernambucano, redactor-chefe do *Jornal do Recife*, advogado nos auditorios da capital, auctor d'um livro soberbo, *Na Imprensa e na Tribuna*, trabalho em que se encontram chronicas e discursos que evidenceiam o seu bello talento. Segue-se o sr. dr. **Aprigio Garcia,** director da secretaria da camara dos deputados, 1.º secretario do Instituto Acheologico e Geographico Pernambucano e jornalista de grande merecimente. Dedica-se com amor a estudos de direito publico e constitucional, em que revela grandes conhecimentos. Depois, o sr. dr. **Phaelante da Camara,** lente cathedratico de direito criminal da faculdade de Recife, cavalheiro de grande renome nos circulos litterarios e juridicos do Brazil. E' auctor de varios livros, que a critica tem saudado com grande enthusiasmo, merecendo justos louvoures, tanto da imprensa do seu paiz como estrangeira. D'entre elles destacaremos *Duello* e *Infanticidio*, *Memoria Historica da Faculdade de Direito,*

Maciel Monteiro, *Rei Suicida* e *Verdades ao sol*, não fallando em muitos artigos publicados na imprensa diaria e periodica. E' poeta e jornalista de pulso, e o seu nome está ligado ás grandes causas que nos ultimos tempos teem agitado o seu paiz. Segue o sr. **Domingos Magarinos,** poeta, comediographo e jornalista, auctor dos *Tropheos*, formoso livro de versos, de varias revistas de theatro que teem recebido das platéas pernambucanas grandes applausos, e vigoroso representante da imprensa, onde se tem revelado um denodado combatente. O ultimo, do 2.º plano, é o sr. dr. **Beamor de Medeiros,** lente de francez do Gymnasio Pernambucano, advogado nos auditorios do Recife, romancista e poeta, auctor dos *Contos mal contados*, *Fraquesas do proximo* e do poemeto historico *Lasthenia*, além de outros trabalhos diffundidos pela imprensa do Recife.

Falta-nos o retrato do sr. **Arthur Moniz,** cavalheiro tambem de muito valor e prestigio em Pernambuco. Não o podémos obter, porém, a tempos de o publicar no presente numero.

Rendendo a nossa homenagem aos distinctos cavalheiros que estão á frente do Cenaculo Silveira, agradecemos-lhes ao mesmo tempo a fórma dedicada como elles teem cooperado para o lisongeiro acolhimento que a revista *Os Serões* teem tido no vasto imperio brasileiro, ao qual nos ligam as tradições.

O Concurso Photographico dos Serões

A affluencia notavel de concorrentes a este nosso primeiro certamen, combinada com os complexos affazeres de uma publicação d'esta ordem, inhibem-nos de darmos n'este numero, como era nosso intento, o resultado do concurso aberto no nosso numero 2. No proximo numero o faremos, felicitando-nos desde já, e aos concorrentes, pelo exito excepcional d'este primeiro concurso.

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Romances, Viagens, Sciencias, Historia, Artes, Musica, Conhecimentos uteis, Modas, etc.

Plano da publicação

Uma vez por mez dão os **Serões** aos seus leitores um elegante volume, de 100 a 150 paginas, impresso em fino papel de arte, profusamente illustrado, com collaboração escrupulosamente escolhida, para que possa ser recebido com inteira confiança nas familias.

Cada numero compõe-se:

1.º **Do magazine propriamente dito,** de 80 a 120 paginas, semelhante ás publicações congéneres do estrangeiro, mas com um plano mais vasto, abrangendo todas as manifestações da intelligencia humana, e comprehendendo:

a) romances, novellas e contos dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros, cuidadosamente escolhidos;
b) narrativas de viagens, descripções geographicas, artigos de sciencia, tudo apresentado sob a fórma mais amena e pittoresca;
c) artigos elucidativos sobre a geographia, a ethnographia, a vida social, politica e domestica em Portugal, sobre todas as manifestações da intellectualidade portugueza, os nossos artistas, os nossos homens de lettras, descripções interessantes dos nossos monumentos, das nossas industrias, das nossas paisagens, das nossas romarias, das nossas feiras, das nossas cidades; as nossas alegrias e as nossas tristezas;
d) monographias historicas, sempre revestindo uma fórma anecdotica e incisiva, especialmente referidas á fecunda e épica historia do nosso paiz;
e) uma secção de **Actualidades,** dando conta de todo o movimento social, litterario e artistico do mundo, subdividida por varios titulos, como: **Grandes topicos,** noticias dos grandes acontecimentos politicos e sociaes que interessam a humanidade; **Vida na arte,** contendo a analyse summaria dos livros mais interessantes publicados entre nós e no estrangeiro, ideia do movimento theatral, com a

critica succinta das mais notaveis peças, noticia das mais importantes obras de arte apparecidas, exposições, galerias, etc., procurando por esta fórma acompanhar todo o movimento artistico que se opéra em todo o mundo; **Vida na Sciencia e na Industria**, com informações sobre os inventos mais uteis, as descobertas mais curiosas, os factos scientificos e industriaes de maior monta; **Vida no sport**, noticias do movimento sportivo, yachting, automobilismo, tauromachia, athletismo, gymnastica, etc.; **Vida nos campos**, resenha de todos os trabalhos a realisar durante o mez; **Variedades**, miscellanea de noticias sobre todos os assumptos que não caibam nos titulos antecedentes, anecdotas de interesse de momento, etc.

f) uma secção denominada **Quebra-cabeças**, com problemas de indole scientifica, paradoxos interessantes, jogo de damas, etc.

g) artigos especiaes sobre jogos, exercicios de differente natureza, assumptos de sport, etc.

h) **Os Serões das creanças**, contendo historietas para a infancia, cuidadosamente escolhidas nas collecções estrangeiras, ou devidas á penna de escriptores nacionaes experimentados no genero, e profusamente illustradas como é proprio das publicações d'esta indole.

2.º **Os Serões das Senhoras**, supplemento constante de 10 a 24 paginas, numeradas em separado, contendo:

Chronica geral de modas: Figurinos e modelos de vestidos e chapeus, etc., com a maneira mais economica e facil de os executar;

Uma **folha de moldes**, expressamente desenhada para traje e roupas de senhoras e creanças, e ainda homens, facilitando e simplificando o trabalho domestico;

Lavores femininos, explicação, com desenho á vista, de trabalhos de costura, bordado, renda, crochet, pintura, etc., todos os trabalhos caseiros, emfim, com a maneira mais simples e economica de os executar;

Chronica do movimento da sociedade portugueza, casamentos, baptisados, soirées, bailes, etc.

Notas da dona de casa, receitas simples de culinaria, hygiene domestica, applicações da sciencia ao conforto e vida economica de familia, *menus*, etc.

Ainda para servir as suas leitoras, os **Serões** estão organisando uma agencia que se encarregará de compras de toda a natureza em Lisboa e no estrangeiro sem retribuição alguma.

3.º **A Musica dos Serões**, outro supplemento de 4 a 8 paginas, com trechos faceis para piano, ou piano e canto, dos melhores compositores portuguezes e estrangeiros, ou reproducção dos mais bellos trechos de musica.

Desejando que os **Serões** sejam uma representação, quanto possivel fiel, de todas as forças vivas da mentalidade portugueza, procuraremos a collaboração dos homens de maior nomeada entre nós, nas sciencias, nas lettras e nas arte, se

acolheremos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offereça, comtanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem, se possa adequar aos moldes em que planeamos esta revista. Incitamos os nossos leitores e leitoras a fornecer-nos elementos de collaboração litteraria ou artistica, como por exemplo curiosidades locaes, tradições, contos figurados, photographias curiosas, etc., etc., ainda que não venham revestidos de fórma litteraria, mas sejam apenas suggestões, ideias, lembranças sobre assumptos de geral interesse, etc.

Alem d'isso, os **Serões** abrirão frequentemente concursos de litteratura, de arte, de photographia, de sciencia, etc. O de photographia, por nós aberto, e encerrado ha dias, foi um acontecimento no nosso acanhado meio artistico.

Toda a collaboração acceite será paga.

Por este modo procuram os **Serões** corresponder á sua ambição: a de se tornar um agente efficaz e sincero do desenvolvimento nacional e a de promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte, ensinando a apreciar o muito que temos de bom e interessante.

Em resumo: os **Serões** são uma publicação indispensavel a todos que queiram saber o que se faz e o que se pensa em todos os ramos do saber humano e teem uma leitura tão variada que todas as classes de leitores encontrarão em cada numero ou um conselho, ou um conhecimento, ou uma leitura amena e honesta.

Justificam plenamente esta nossa affirmação os quatro numeros já publicados. Póde-se dizer que de numero para numero a nossa revista se aperfeiçoa, modificando sempre os seus moldes, de fórma a corresponder cada vez mais ao sentimento artistico que norteou a sua publicação. E assim tambem, as adhesões ao nosso trabalho nos chegam de todos os lados, francas e expontaneas. De todos os pontos do paiz recebemos innumeras provas de amizade e de sympathia, conselhos uteis e aproveitaveis, offerecimentos generosos, cooperação dedicada. O Brazil, onde contamos tantos irmãos que fallam a nossa mesma lingua, para quem a patria de muitos dos que ali vivem é a nossa propria patria, tambem nos tem dado estimulos vigorosos para que o nosso emprehendimento se radique e os **Serões** cheguem a ser uma revista artistica, semelhante ao que de melhor se publica no estrangeiro.

Condições de publicação

Cada numero dos **Serões**, de 100 a 150 paginas, com 2 supplementos e de 100 a 200 illustrações, magnificamente impressso em papel couché, e com uma capa artistica

200 réis avulso em todo o paiz

Para se avaliar do quanto é reduzido este preço, basta que se diga que cada numero dos **Serões** tem mais materia que a de um volume vulgar de 200 a 300 paginas formato in 8.º

Cada anno formarão os **Serões** 2 volumes, contendo

mais materia que doze volumes vulgares de formato in-8.º

custando cada um **1$200 réis em brochura** e **1$600 réis** encadernado com capa de ferros especiaes.

CASA DE GUERRA JUNQUEIRO EM BARCA D'ALVA

Guerra Junqueiro

Sobre Guerra Junqueiro tem-se escripto muito, e tem-se dito muito pouco. O grande cantor da *Morte de D. João* não foi ainda estudado como precisa a sua figura enorme, nem o poderá ser com precisão e profundeza, sem que nos dê principalmente as suas theorias, sem que publique esses *Ensaios espirituaes,* onde o pensador ascende a alturas de prodigio.

A partir dos *Simples,* a sua obra accentúa um modo de ser philosophico, que a propria forma em crystaes maravilhosos guarda e reflecte admiravelmente em syntheses. Mas essa synthese escapa naturalmente á maioria dos espiritos.

Do poeta d'outrora, especie de archanjo flammejante da Biblia, clamando Verdade e Justiça, Junqueiro ascendeu, modificando-se. O fogo exterminador e purificante, transformou-se divinamente em luz... Dir-se-hia que o poeta titanico, cujos versos eram dardos de oiro e lume, vestiu a alma de burel humilde, floriu a musa de rosas espirituaes immarcesciveis—mas que cresceram no pleno marulhar da natureza esplendida. A propria physionomia exterior do poeta modificou-se. Este homem extraordinario tem no aspecto a simplicidade adoravel do seu trato, que é um encanto. As barbas cresceram-lhe, como as de Ruskín; e com ellas, de certo, cresceu a sua piedade...

COMO O POETA TRABALHA

O grande poeta não tem habitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo, deita-se tambem cedo. Faz versos *quando elles querem* —costuma dizer; isto é, quando essas

estrophes immorredouras affloram na sua alma, como flores chimericas de Sonho á tona dum mar de luz.

É andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas. Passeia immenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigaveis dum *globe-trotter*. É muitas vezes passeando que expõe as suas

O POETA AOS 6 ANNOS COM SEU PAE

theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais duma vez precederam d'annos as de grandes homens de sciencia europeus. Lembramo-nos de algumas — que mais tarde publicou com exito extraordinario Flammarion.

Toda essa maravilha dos *Simples*, a satyra sangrenta e epica da *Patria*, foi passeando que enlevadamente as ouvimos ao poeta. Os que o escutavam (ás vezes fazia um luar, como eu creio que só ha em Portugal) deixavam-se levar no rythmo dos Versos, profundos como o oceano que tambem os ouvia, e que lembravam uma chuva d'estrellas. A elegia enorme do *In pulverem*, lembranos ainda como se a voz do poeta trouxesse diluida a poesia eterna das cousas, o zumbir das abelhas divinas, o aroma serrano das urzes da sua terra, onde o castanheiro morre.

«*Que feliz cadaver, que até cheira bem!* . . .»

As balladas [do Doido, na *Patria*, eram, como hão de ser sempre, assombros shakespeareanos. Nós, os que o ouviamos, ficavamos em silencio — que é a linguagem do extasi. A noite corria infinitamente luminosa e mysteriosa. E apenas o mar suspirava, como nos tempos epicos, e as estrellas ficavam mais vivas para aureolar o Poeta...

A sua philosophia reduz tudo a phenomenos moraes e religiosos. Uma *Ethica cosmica* — no seu proprio dizer. Os seus auctores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinosa, Lebnitz, Schelling e Schopenhauer. — S. Francisco d'Assis e Beethoven são os homens que elle mais admira. Christo e Budha são para si os symbolos supremos dos super-homens.

Em arte as suas predilecções vão de Eschylo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goëthe, Shelley, Camões, Anthero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson e toda a poesia popular.

São estas as figuras que o grande Poeta mais ama. Dos vivos, não seria difficil, conhecida a sua trajectoria esthetica, indicar aquelles que o seu immenso espirito ou o seu grande coração preferem.

A HABITAÇÃO

A casa é o espelho da alma.

O *home* dum grande poeta e dum grande pensador como Guerra Junqueiro tem naturalmente reflexos do seu portentoso espirito. Ao invez do que aconteceu aos Goncourt, no dizer dum ensaio de Bourget, aos quaes o amontoamento de *bibelots* e coisas d'arte foram formando certa maneira de ser litteraria, no caso do poeta dos *Simples* deu-se a simplificação e escolha de certa

arte—que marca na decoração e nos objectos aproveitados a linha ascendente e definitiva da sua evolução esthetica.

A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de sciencia, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho, sobre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoï, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel...

Das suas magnificas collecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-arabes, que abertos pareciam de coral e d'oiro, e que se diriam feitos para guardar a correspondencia ardente dos namorados das *Mil e uma noites;* emfim do seu mobiliario e dos seus quadros —apenas o poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu d'arte gothica anterior ao seculo XVI.

Aquella decoração não é d'arte pela arte: é da arte vista atravez das formas definitivas e supremas da emoção e da ideia. De toda a casa irradia ventura e virtude, uma paz imperturbavel, uma grandeza duma religiosidade suave e transcendente, que se prende ás raizes mais profundas da vida... Nos seus objectos d'arte—muitos de grande, inimitavel arte—ha sempre, como na sua combinação symetrica, aquella harmonia que não póde faltar aos grandes poetas, que são, nesta gleba de cardos, os enviados de Deus.

UM ASPECTO DA SALA DE VISITAS

Em tudo ha rythmo: nas linhas nobres do mobiliario antigo, nas esculpturas dos seus Christos, nos armarios de castanho da Renascença, naquellas lindas arcas portuguezas, que tam bem guardariam o bragal de linho fresco, cheirando a camoeza, da Joaninha do Valle de Santarem.

Sempre uma linha harmoniosa e pura —como na natureza inteira, apparentemente irregular e cahotica. «Deus é algebrico» —dizia Novalis.

Na sala de visitas ha muitos quadros admiraveis. A destacar entre as telas, esse prodigioso *Christo no monte Olivete,* que é um grande quadro do museu, de figuras sublimes, com uma tinta vaga de transcendente espiritualidade. Depois o poeta, com os seus olhos de genio, illumina-o de symbolos immensos... O quadro é de Greco, o mestre de Velasquez; o pintor excelso tantos annos quasi desconhecido!

Muitas pinturas italianas e flamengas, inolvidaveis; e entre estas um Van Eyk simplesmente divino pela doçura das figuras que pisam a terra, mas que evidentemente desceram do ceu... Não esquece nunca a frescura da côr, a espiritualidade archangelica do quadro!

Que nos lembre entre tantas maravilhas d'arte religiosa e candida — d'aquella que mais exprime a grandeza humana — as madonas e os santos, as esculpturas deliciosas da sala de jantar de madeira e jaspe, as arcas d'uma suggestão biblica e os retabulos em relevo — que nos lembre, só numa sala destaca a nota demoniaca dum prodigioso desenho original de Goya: é um conluio de bruxas. Dir-se-hia que o poeta quiz dar o contraste d'essas expressões estheticas, desses dois polos tam distantes da alma humana: Van Eyk, o divino, e o macabro caliginoso e genial dos *Caprichos!*

Nos seus quadros e esculpturas, emfim nos objectos d'arte plastica que hoje possue, como nos escriptores, nos musicos que prefere, se sente esta sua maneira de ver a arte: — «Ella vale mais ou menos, segundo a porção d'amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda, — homens e monstros, aguas e arvores, pedras e nuvens, soes e nebulosas, com verbo infinito e perfeito, o unico verbo creador, que é o verbo amar. O universo atomico, particulas innumeras e vagabundas, fraterniza em

OUTRO ASPECTO DA SALA DE VISITAS

Deus, unificado numa só alma e num só corpo».

UM RETRATO E UMA ESTATUA DE NUN'ALVARES

O grande poeta possue o unico retrato do Santo Condestavel — que elle tam epicamente cantou em tercetos immorredoiros. Lembram-se?

«*E a patria! o meu amor! a patria bella!...*
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vae lidar até morrer por ella?!...»

Não existe outro retrato a oleo, embora, segundo a *Chronica dos Carmelitas,* tivesse havido «grande variedade de imagens, abertas em differentes reynos e tambem em Roma: e o que mais é, que as pintam com *diademas* e *resplandores, como se fòra canonizado*».

O *Conde Santo* foi canonizado pelo povo. «Invocado por elle, promptamente lhe accedia ás supplicas». A patria inteira santificára o heroe mystico de Aljubarrota. Roma ainda não.

Mas voltando ao retrato que Guerra Junqueiro possue — e que é talvez a sua tela mais amada — vamos transcrever a descripção que algum coevo fez de Nun'Alvares (*Chronica dos Carmelitas*, tomo I, parte III) e que a tela reproduz exactamente.

— «Foy o virtuoso condestavel de meam estatura, teve o rosto comprido, côr branca, o nariz afilado, e agudento, os olhos pequenos, mas muy viventos, as sobrancelhas arcadas e ruivas, e assim era o seu cabello, não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguizas na testa e nos cabos dos lagrimaes, a boca pequena com o seu sembrante muy amezurado».

SALA DE JANTAR

*

A esculptura em madeira que o auctor dos *Simples* pôde adquirir tambem é de certo unica. O Condestavel teve, effectivamente, muitas estatuas, adoradas nos altares de todo o reino — mas com o dominio dos Filippes desappare-

ceram todas. O Demonio do meio dia, de feito, não gostaria de ver aquelle que representava a Patria no que ella tinha de mais cavalleiroso, de mais epico e mystico! Queimaram-nas, partiram-nas. Facto registavel, não é verdade, para a moral dum povo!

Hoje Guerra Junqueiro não conhece outra esculptura senão a que possue — a não ser que ainda exista a do convento de Moura, que os religiosos

O POETA AOS 29 ANNOS

chrismaram em Santo Amaro, com medo dos invasores. As insignias, porém, eram do Condestavel, e totalmente alheias ao abbade Santo Amaro, diz ainda a *Ch. dos Carmelitas*. Tinha na mão esquerda um livro, na direita um bordão que volta na face superior, e pendente ao peito sobre o habito, o Relicario que lançava ao pescoço, quando entrava nas batalhas. (Idem).

A estatua de madeira que o grande poeta possue (e que pensa deixar, com o retrato, ao museu das Janellas Verdes) não offerece duvida ser do Condestavel. O talhe da barba, o afilado do nariz e do rosto, condizem inteiramente com o retrato a oleo, e com a descripção que nós já trasladamos. Além d'isso, o habito, o baculo «em que descansava depois de enfraquecido» e o livro de meditações «que sempre comsigo trazia». Mais ainda, um detalhe interessantissimo. Diz a *Ch. do Carmo*, a pag. 478: — «Havia um *barrete de faces* (como lhe chama o allegado fr. Jeronymo da Encarnação) com o qual o Santo Condestavel, depois de vestir o habito religioso, cobria a cabeça. Conservou-se com a estimação devida por muitos annos neste convento, até que o perdemos, e se emprestava aos enfermos de queixas graves, que o punham tambem na cabeça, e alcançavam milagrosamente do Senhor, por intercessão d'aquelle virtuoso Servo».

Ora, para mais certeza, além da semelhança physionomica, do baculo, do livro — a estatua de Junqueiro tem esse *barrete de faces* miraculoso, que mais lhe accentua a significação e o caracter.

As «Orações»

> *«Rezar o universo é polarisal-o no infinito amor. Rezar é o superlativo divino do cantar. A oração é a canção angelisada, a canção chorada e de mãos postas. O universo absorve-a, comprehende-a. Ouve-a Deus, os homens escutam-n'a, e as ondas, as aguas e os rochedos vagamente a percebem, como um halito amigo, uma caricia branda e luminosa.»*
>
> Guerra Junqueiro

Fallar dum poeta (sobretudo dum poeta que representa a mais nobre e mais profunda poesia moderna) é um doce momento da existencia do homem, porque é sempre consolador recordar, em meio do egoismo, da vaidade e da mentira, o que traga um reflexo de Belleza suprema — essa auréola que é tecida de genio e lagrimas, e por isso cada vez mais sagrada e fulgente.

Um Poeta ou um Santo são as expressões mais augustas da vida: e estas duas palavras começam de confundir-se, felizmente, para darem a synthese de toda a grandeza humana.

Para fallar dum grande poeta é necessario um cantico. As palavras pesam, oxidam-se, tropeçam: o que é divino adora-se. E eu cuido que a natureza lhe agradece os seus poemas, quando sinto os pinheiraes, num murmurio de reza, o aroma, que é o so-

nho das florestas, e as litanias do vento, em noites vagas, que não sei bem porquê me lembram Shakespeare.

Houve tempo em que ser-se poeta era ser-se maltrapilho e faminto: hoje, mais do que nunca, o poeta tem fome... Mas essa fome da alma, jorro de luz fecunda e esplendorosa, que procura confundir-se com a eternidade. A visão do universo é nova e augusta. A esphera dos ceus ha de ter uma translucidez imperturbavel; é só ahi que se abrem as flores immortaes; é só ahi que se escuta o psalmo extasiante, que os deuses tocam em grandes theorbas d'oiro... E a natureza deve ser tam outra do que se

OUTRO ASPECTO DA SALA DE JANTAR

alumiar a fugitiva Essencia, é que leva o homem a cantar, como agora acontece, em versos nunca escutados, o coração mysterioso da Vida .. Conscientemente? De certo. As *Orações* são a expressão do lyrismo philosophico do homem mais caracteristicamente genial do nosso tempo; e como se lhe não bastasse um pensar tam profundo, e um sonhar tam divino, a sua arte, por isso mesmo que é nova e mundial, faz da forma quanto ha de mais subtil, mais musical, mais ethereo — como se a sua lyra, enchendo o espaço inteiro, fosse tocada mysteriosamente pela propria Luz que o poeta vae cantando...

Guerra Junqueiro ha muito que chegou ao mais alto da montanha encantada. Esse instante da existencia deve mostra aos nossos pobres olhos, que o crystal e a flor começam a fallar a mesma lingua cosmica, em dialogos que só raros poderam articular ou presentir. A essencia das coisas illumina-se; o mundo transfigura-se. É que os poetas de genio teem o condão legendario de auscultarem o mundo...

Mas assim como dum bolbo sepulto nasce uma flor redolente e doirada, tambem de dôr e de lentos soluços se deve ter formado a atmosphera que envolve os grandes homens, amorosa e luminosa como os olhos de Jesus.

As *Orações*, diziamos, são o cantico augusto e lyrico da Vida. Deus creou estes poetas para serem os interpretes da sua obra. Elles são os seus enviados, ainda tanta vez incomprehendidos.

O sentido do universo ahi está nesses poemas prodigiosos. A sua musica é a mesma da harmonia dos mundos; o universo é rythmico.

A dôr e o amor supremo, commungando, dão essa poesia fluida, que me recorda o mar: pela sua vastidão, pelo seu carme, pelo seu anceio constante do ceu... Para mergulhar nas suas aguas de crystal e mysterio, não admira que tenhamos muitas vezes a vertigem que os mergulhadores e os aeronautas hão de sentir nos ares mais longinquos (onde a lua é mais bella), ou nos mares mais profundos (onde já tudo é divinamente tranquillo!...)

O POETA AOS 34 ANNOS

A *Oração ao Pão* e a *Oração á Luz* são, em versos d'oiro, toda a «ethica cosmica» do poeta. A *Oração á Luz* dir-se-hia a propria luz feita verbo — com o condão de doirar o pelago das consciencias, e de alumiar a genio os labyrinthos do Destino. É preciso haver sido um estranho mineiro, com uma estrella nos olhos, atravez de toda a immensa escuridão das cousas, para assim a inundar de fulgores offuscantes!

Porque será que escapam, tanta vez, as concepções do Poeta? Por syntheticas e immensas, porque num verso se condensa a cultura de seculos; porque o poeta põe, num crystal apenas, a agua toda d'um mar... Depois, são do futuro, naturalmente, os prophetas; e a vida interior, a vida moral, em certos homens parece uma mendiga, para sempre adormecida e cheia de fome... Nós, ao lel-as, sentimos desabrochar em flores, na alma extatica, a propria prece; sentimos um rio sagrado que a lava, um lume que a depura, a exalta, e nos ensina com uma doçura, que poucos grandes homens, desde Platão a Tolstoï, tiveram assim na palavra archangelica. É uma doçura luminosa e magnetica...

Esse o seu lyrismo excelso, o seu condão divino. Ao beber na concha da mão um trago d'agua, eu posso ignorar o que seja a agua, mas eu a bemdigo, porque me mata a sede. A philosophia do poeta, a sua esthetica, converteram-se no hymno sublime, palpitam em sonho e musica nas orações abençoadas, como de resto a luz se transformou em flor e em lagrima... E o *orpailleur* encantado que ahi fôr buscar oiro, traz as mãos cheias d'elle!

Publicados os seus *Ensaios espirituaes*, as suas assombrosas theorias com verdadeiras descobertas de vidente, (1) o mundo culto ha-de então assistir a notações prodigiosas. Mas aquella ancia de verdade e de sciencia, que tanto absorve o poeta, — e que em artistas só encontro similar num Goëthe ou num Leonardo de Vinci — casando-se a uma imaginação proteica e a uma bondade milagrosa, vae-nos dando a maravilha d'essa poesia verdadeiramente reveladora, e que no bello dizer do poeta «fará talvez rezar os laboratorios».

Evidentemente, para ler Junqueiro, é necessario, como para ler todos os grandes innovadores de genio, estar-se dentro da sua maneira de ver, do seu modo de interpretar e explicar o universo. Mas, sobretudo, a um poeta é necessario amal-o: que a nossa consciencia tente voar tambem para a mesma estrella redemptora; que cada um possa dizer com elle, como se S. Francisco d'Assis, desnudo e casto, viesse cantar um novo hymno ao Sol:

> «*Farei de ti, luz dum momento,*
> *A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!*»

(1) A primeira a apparecer será a memoria sobre o **Radium** *(Estudo de sociologia atomica)*.

«Os philosophos, os Artistas e os Santos, eis aqui os homens verdadeiros, os homens que se separam do reino animal».

Estas palavras são de Frederico Nietzsche, o desgraçado grande homem, inolvidavel poeta de *Zarathoustra*. E cito-o, como um philosopho polarisado tam oppostamente ao nosso immenso auctor.

O que é certo é que Junqueiro agrupa luminosamente modalidades supremas do homem nietzscheano. Elle seria um dos *heroes* de Carlyle; seria um dos mais perfeitos *representantes da humanidade,* de Emerson. Para nós é a maior gloria da nossa terra. O que é grande é grande — para aquelles que poderem admirar e amar.

E não é essa a maior consolação da existencia?

POETA AOS 40 ANNOS

VIDA IRONICA

O genio popular afaz-se ás grandes figuras — e mais ainda ás que são de grandes poetas — pelo lado pittoresco da anecdota. O dito de espirito, o que ha em cada homem de aventuroso e decorativo, abala as imaginações ingenuas, para quem a grandeza augusta da vida é a dum folhetim mais ou menos scintillante.

Uma *boutade* ás vezes illumina-nos uma figura: uma phrase revela, na sua synthese de luz, um pensador ou um poeta... Mas é sobretudo a aza irisada da graça, a vespa ardente do epigramma, que interessam o maior publico. Isto a par dum grande gesto heroico, ou das aventuras novellescas.

Que sabe muita gente de Bocage, de D. Francisco Manuel de Mello? Chalaças do seculo XVIII, ou grandes scenas de amor. De Camillo connecem-se a aventura e o sarcasmo; de Quevedo, fóra de cenaculos eruditos, mesmo na radiosa Hespanha, falla-se de epigrammas, e lances de duello com botes formidaveis. É a vida theatral, que absorve e escurece o brilho, tantas vezes eterno, da vida profunda...

O nosso grande poeta foi até á elaboração dos *Simples* — janella immensa, d'onde começa a jorrar sobre a vida cosmica outra belleza e outra luz — foi,

ESTATUA DE NUN'ALVARES PEREIRA

diziamos nós, uma das mais extraordinarias figuras peninsulares: pelos lampejos incomparaveis da sua ironia caustica, pelo alor da sua mocidade esplendente. Fallar do grande poeta que troçára do Diabo, que matára D. João e que envelhecêra o proprio Padre Eterno,—era evocar uma chuva de satyras, uma aurora boreal com flexas d'oiro, que ficassem cravadas, scintillando, em Falstaff, em Tartufo, ou nas orelhas de Mr. Prudhomme...

Elle era nesse periodo de demolição altiva e riso olympico—qualquer coisa de Apollo e de Hercules Farnesio, cuja clava fosse de sarcasmo e *verve*.

É d'esse tempo a historia já vulgarisada d'aquelle padre obeso e mastodontico, com quem Junqueiro se encontrou num comboio. Logo começou a palestrar com o clerigo, que não tardou, bem conduzido o dialogo, a apostrophar violentamente o auctor da *Velhice,* demoníaco e maldito, sobre quem lançou excommunhões, enxofre, e todas as bestas do Apocalypse.

Pela sua banda o poeta tambem amaldiçoava o energúmeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado por um homem ainda moço e de tamanho talento dialectico, o poeta do mundo que elle mais odiava.

—Caspitè! Bravo! Bravissimo!—clamava o padre.

Commovido, encantado, acceitou que tirassem os dois uma photographia—queria possuir um retrato junto ao de um tam poderoso engenho!

E pitadeando-se, com frouxos de riso, num enthusiasmo, respondia aos ditos incomparaveis do poeta a respeito da *Velhice:*

—D'arromba! Caspitè! Bravissimo!

Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquelle retrato era... de Guerra Junqueiro, o endemoninhado!...

*

Seria difficil relatar as anecdotas que se lhe attribuem—*o cisco da vida,* como diz hoje o poeta. Num *magazine* reproduziremos ainda uma ou outra nota do seu espirito caustico.

Certo dia, já depois das transigencias de Antonio Rodrigues Sampaio, numa roda d'amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplendidos varias individualidades de arte e de politica.

—Rubens, dizia o poeta, é um marchante de carne Olympica. Dá vontade

GUERRA JUNQUEIRO E O ABBADE

de se lhe dizer: dê cá costelletas de deusa!

Então alguem lembrou — a definição de Sampaio. O pamphletario do *Espectro* reclamou tambem a sua definição. E a definição foi esta:

— Era um javali. Domesticaram-no. É um porco.

Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra — esta é deliciosa — e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta exclamou com emphase:

—Como está, mestre?!

Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes, e respondeu:

—Fréguez, fréguez...

*

Guerra Junqueiro não foi um *bric-à-braquista* no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma suggestão superior de belleza. E os prodigiosos artistas como elle, bem sabem quanto é doce esse goso esthetico, a evocação de civilisações e de epochas distantes nos aspectos mais variados e nas expressões mais diversas — um goso espiritual, talvez como o de contemplar num esmalte um rosto de mulher linda, ha muito tempo amada e já perdida...

Nessas conquistas de *bric-à-brac*, Guerra Junqueiro foi bastas vezes heroico. Conquistou alguns quasi com a mesma difficuldade com que Annibal passou os Alpes.

Ha anecdotas duma graça infinita. Algumas se passaram na Hespanha — nessa Hespanha catholica, que ainda nos velhos burgos parece guardar em carne e osso os desenhos macabros de Goya.

Junqueiro falla a primor o castelhano.

— Appetecia passear por lá, para praguejar á vontade, dizia o poeta.

De resto, essas velhas terreolas estão cheias ás vezes de esculpturas admiraveis, de quadros, de obras d'arte, maravilhas lendarias. Numa pequena villa topa-se ás vezes com um pequeno museu delicioso. As tradições aninham-se por toda a parte; sentem-se os passos lentos dos inquisidores, que vão pegar fogo ás fogueiras purificatorias... E nós sentimo-nos de capa negra, a espada de velhos copos telintando, o sombreiro descido, á cata dum grande amor novellesco ou, como no caso do nosso grande poeta, á procura dum Zurbaran ou dum Ribera.

Ora quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa collecção de faianças, alguem que ia pernoitar na estalajem de *Villa Vieja* (as estalajens são ainda as mesmas dos tempos de D. Quixote) perguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada.

O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, que andava com um burro á arreata, a encher os alforges de antiqualhas.

— Como se chama?

— *Su nombre... su nombre... me parece que es Junquera.*

Ficou o portuguez a parafusar na identidade desse desconhecido ferro-velho — até que lhe appareceu o nosso grande poeta. Tornou-se-lhe num eden a terreola antiga. Ha lá deserto insupportavel, quando o illumina a scintillante conversa e a verve de Junqueiro!

No dia seguinte, ao sol magnifico, tangendo *el rucio*, o poeta lá partiu pelas ruas tortuosas, pregoando:

— *Quien tiene para vender cuencas, palanganas, medias fuentes!*

Abriam-se as adufas. E como nos tempos do Cid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda são todas bruxas.

O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso:

— *Cuencas, palaganas, medias fuentes!*

E logo as adufas desciam... Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente num quadro soberbo de colorido e pittoresco.

E *Villa Vieja* ficou, dessa vez, sem um prato.

*

Ha já annos vieram dizer-lhe que havia um confeiteiro, que vendia quadros antigos de grande valor.

O poeta foi ver.

Appareceu-lhe, numa pastelaria sebenta, um homemzarrão com ares terriveis — que se sumiu num sotão a buscar mysteriosamente os grandes quadros.

Trouxe uns três ou quatro.

—De quem é este? perguntou Junqueiro.

—Rubens! exclamou o homem, arregalando os olhos.

—Quanto vale?

—Dez contos de réis.

—E este, de quem é? perguntou o poeta, apontando outra detestavel tela.

—Raphael! gritou o homem. Seis contos de réis.

—E este?

—Velasquez, escola hespanhola — seis contos de réis.

Então o poeta, olhando á volta, descobriu um pastel cheio de moscas, de baixo d'uma gaze esverdeada e suja...

—E este pastel, quanto custa?

—Um vintem —disse o homem com má sombra, esbogalhando immensamente os olhos.

—Pois levo-lh'o. É a unica coisa authentica, e verdadeiramente antiga, que o senhor possue!

—

D'esse tempo são os seus versos esplendidos da *Lanterna magica,* o seu dandysmo estranho, —uma epoca de juventude ardente e de gloria que não passou de certo, mas que apenas lhe mudou em flores de perfume divino o purpureo esplendor das camelias desfeitas...

JULIO BRANDÃO.

ESCRIPTORIO

O EXERCICIO NACIONAL DOS JAPONEZES

Adoptado actualmente em todas as nações da Europa

PRIMEIRO MOVIMENTO PARA ARREMESSAR O ADVERSARIO A TERRA. O ASSALTANTE (A FIGURA QUE ESTÁ DA DIREITA) AGARRA O ANTAGONISTA PELO CASACO E PELO BRAÇO, DE FORMA QUE PODE QUEBRAR ESTE POR UM MOVIMENTO DE TORSÃO.

Ha cousa de dez annos, agglomerava-se n'um dos gymnasios militares de Tokio uma multidão de individuos dos dois sexos trajando vistosos *kimonos*. Era esse um dia memoravel, que devia ficar marcado em lettras de ouro nos annaes do Japão.

Imaginem que o Mikado oppunha n'esse dia uma arte nova de athletismo ao exercicio nacional do seu povo, e ordenava que o mais temivel entre os luctadores de Tokio competisse no gymnasio militar com um homem dextro n'essa nova arte.

D'esta pouco se sabia ainda entre o vulgo, a não ser o seu nome *jiu-jitsu* e a pratica que d'ella se fizera em tempos idos pelos *samurai*, ou classes militares do velho Japão, e pela nobreza. Dizia-se que o maior orgulho d'essa antiga aristocracia era a sua proficiencia, no *jiu-jitsu*, em que até as mulheres se tinham adextrado, levando ás vezes vantagem aos proprios maridos. Falava-se d'esse exercicio como de um segredo magico, capaz de tornar os fracos eguaes aos fortes. Havia quem affirmasse que o desejo do Mikado era reviver esse exercicio athletico, ha muito esquecido, e substituil-o ao *sport* athletico então nacionalisado entre os nipponicos.

D'ahi provinha o alvoroço, o concurso de gente, a excitação popular.

O interior do gymnasio está vistosamente ornamentado de bandeiras e galhardetes, e atulhado de gente, na maioria vestidos d'essas tunicas soltas e fluctuantes que teem o nome de *kimonos*, e agitando nas mãos leques de cores variegadas. O Mikado preside á festa, uniformisado de almirante, sentado n'uma poltrona preciosamente entalhada. Em volta d'elle, agglomeram-se os officiaes mais eminentes do exercito e uma grande porção de pares do imperio com as suas esposas em trajes de gala.

No meio do recinto fica a arena esteirada, onde se realisará a lucta. De um e outro lado, sentados n'um coxim e empunhando uma ventarola dupla, com que darão o signal de começar o concurso, estão os dois juizes.

EXTENDENDO O BRAÇO DIREITO, O ASSALTANTE INUTILISA O ANTAGONISTA E COLLOCA SE EM POSIÇÃO DE O ARREMESSAR A TERRA.

O enorme sussurro cessa como por encanto, apenas surge na arena o mais eminente campeão de Tokio. Homem admiravelmente constituido, um verdadeiro gigante entre os Ja-

ponezes. Trenado desde a infancia para o mister de athleta, custa a admittir a possibilidade de uma derrota, em frente d'esse pequeno asiatico que caminha resolutamente para a arena. Que differença! De estatura muito inferior á do afamado campeão, os musculos do seu braço afiguram-se, por comparação com os d'este, os de um insignificante pigmeu.

Acolhe-o por isso da turba uma gargalhada de escarneo, em que apenas não fazem côro os nobres e os *samurai* da assistencia. No aspecto d'estes paira uma expressão de orgulho, emquanto suas mulheres agitam os leques e dirigem sorrisos de admiração ao pequeno David d'aquelle Golias. Mas este, impassivel, faz a sua venia ao Mikado, salta rapidamente para a arena e encara arrogante a multidão escarninha.

Todos os olhos o fitam curiosamente. Tem no rosto um clarão de intelligencia e de resolução, e, baixo como é, não se inferiorisa á craveira media dos japonezes. Os seus movimentos são de uma rapidez assombrosa. N'um relance seus olhos perscrutam todos os rostos do publico, depois medem de alto a baixo o vulto gigantesco do adversario.

Dá-se o signal. O campeão de Tokio, idolo do povo, dá um salto rapido, no intento de colher desprevenido o outro combatente. A manobra parece dar bom resultado; David está barafustando no aferro de Golias.

Transparece um sorriso desdenhoso na physionomia dos nobres. Bem preveem elles a

O ASSALTANTE EMPOLGA O PULSO ESQUERDO DO ADVERSARIO, SEM DESAFERRAR DO CASACO, DEIXA-O CAHIR AO CHÃO, E DERRIBA-O COM A CABEÇA PARA BAIXO.

derrota do gigante, bem sabem elles, por outro lado, que o seu pequeno contendor se comprometteu a não usar de violencias desnecessarias para assegurar a victoria.

Cinco segundos passaram depois de dado o signal, e durante esse curto espaço o campeão de Tokio tem feito recuar o adversario, atirando-o a terra.

A algazarra no interior do gymnasio toma proporções espantosas. Alguns minutos antes, tinham os espectadores apprehensões de que o sport nacional cahisse deante d'essa arte estranha que tinha o nome de *jiu-jitsu*. Tudo mudou agora. Mais um segundo, e o athleta gigantesco terá a vantagem do primeiro assalto. De um extremo ao outro do vasto recin-

OUTRA FORMA DE ATIRAR A TERRA O ADVERSARIO. O ASSALTANTE AGARRA-O PELO HOMBRO, PRIME-LHE A FACE COM A MÃO, E PROSTRA-O FAZENDO-O PASSAR SOBRE O PROPRIO QUADRIL. O ADVERSARIO NÃO PODE RESISTIR SENÃO QUEBRANDO UMA PERNA OU DAMNIFICANDO A ESPINHA.

to, ouvem-se acclamações e brados atroadores. O proprio campeão faz côro, confiante como está na victoria.

Mas de subito a algazarra cessa. O espectaculo offerece agora uma inaudita mudança. Não se sabe por que mysterioso expediente, o pequeno japonez inutilisou as forças colossaes do adversario.

Ao *jiu-jitsu* cabe o primeiro triumpho.

Erguem-se de novo os combatentes. O campeão de Tokio mostra signaes de humilhação e de raiva, ao passo que o pequeno contendor mantem inalteravel a serenidade de aspecto.

Repete-se o signal. D'esta vez o campeão lança furiosamente os gadanhos ao adversario, no intento de o arrojar de um lado ao outro da arena. Mas o outro luctador está precavido. N'um relampago, agarra-lhe na mão extendida, e, por uma serie de movimentos, que os olhos mal podem seguir, o gigante como que vôa para cima dos hombros do pigmeu, e eil-o que jaz prostrado e cheio de vergonha sobre a esteira do pavimento.

Um silencio ancioso segue a derrota do heroe popular. Só os nobres applaudem, encarando com respeitosa admiração o Mikado, que por esta forma mostrou claramente ao povo a superioridade da arte por elle apadri-

nhada sobre a simples lucta athletica, nacionalisada no Japão.

A scena que acabamos de descrever foi uma das varias provas offerecidas pelo Mikado em favor do *jiu-jitsu*. Trez ou quatro, quando muito, d'estes espectaculos bastaram para convencer o Japão inteiro. E de então por deante foi o *jiu-jitsu* que alcançou foros de exercicio nacional.

O ASSALTANTE PÁRA UMA PANCADA QUE LHE PODERIA SER FATAL, DIRIGIDA AO VENTRE, QUEBRANDO O PULSO E O PESCOÇO DO ADVERSARIO COM PANCADAS DE CUTELO.

Esta palavra, *jiu-jitsu*, significa «o excellente segredo da Arte». Em tempos antigos, quando conhecido e praticado pelos *samurai* e pela aristocracia, tinha este exercicio o nome de *tai-jitsu*, que quer dizer «o segredo do corpo.»

Em poucas palavras, pode definir-se como a Arte que habilita o fraco a vencer o forte. A simples força physica é de somenos importancia—o que é tudo é a dextresa e a rapidez de movimentos.

Está demonstrado que não ha forma de lucta athletica que resista á sciencia do *jiu-jitsu*. Mas o que é mais notavel é que não ha luctador, por mais experimentado que seja, que não possa manter esperança de probabilidade favoravel contra um perito na nova arte. Nem a brutalidade da força, nem a furia do athleta, podem evitar que o *jiu-jitsushi*, que assim se chama o campeão do novo sport, o empolgue ou lhe desloque os braços. Os meios por que o consegue consistem principalmente no conhecimento cabal dos pontos fracos no corpo humano. Com uma rapida pancada dada do cutelo pela mão, pode elle quebrar a espinha ao adversario, deslocar-lhe o pulso ou o artelho—em summa dar cabo d'elle com a maior facilidade.

Em harmonia com o preceito de atacar um ponto fraco do corpo, o policia japonez de hoje em dia, quando quer agarrar um malfeitor, começa por lhe dar uma pancada seca no cotovelo. Sabe o logar exacto onde ha de bater, para que o braço fique temporariamente paralysado. Depois d'isso tem o policia ensejo de empregar outro dos seus segredos, antes que o preso recupere o uso livre dos seus membros; e o sujeito não tem remedio, agarrado de certo modo, senão seguir passivamente o captor ou ficar com o braço irremediavelmente quebrado.

O *jiu-jitsu* consiste ao todo em quarenta e duas «manhas», sem ordem especial de agrupamento, e sem ordem alguma de sequencia relativa.

O *jiu-jitsushi* emprega a manha que na occasião mais se proporciona a repellir o assalto do adversario.

Todas as manhas são de applicação simples, e entendem-se com facilidade depois de uma breve explicação. Mas isto é apenas o começo, os rudimentos da arte, que podem ser ensinados em trez horas, quando muito. O curso de instrucção profissional, esse alonga-se por um periodo de trez annos.

A pratica é tudo. E o fim que deve ter sempre em vista o neophyto é a agilidade, tanto do corpo como do espirito. Deve habituar-se a pensar e a executar n'um abrir e fechar de olhos, e esse habito adquire-se com o decorrer do tempo, a ponto de se tornar independente da vontade.

APERTANDO SIMULTANEAMENTE A MÃO DO ADVERSARIO NAS PARTES MAIS SENSIVEIS, COM UMA TORCEDURA SUBITA DO BRAÇO, INUTILISAM-SE OS SEUS ESFORÇOS.

O primeiro exercicio preparatorio, que se impõe ao aprendiz de *jiu-jitsu* para adquirir agilidade, é bastante arduo. Dois bambus amarrados e guiados por cordas, collocam-se ao alto, em posição tal que a um signal dado caiam cruzados, formando um X. O aprendiz toma logar por baixo dos bambus, fugindo para traz ou para deante afim de se furtar á queda d'elles. Á proporção que se vae adextrando n'este exercicio, os bambus augmentam de circumferencia e de peso, até attingirem no fim do curso a grossura dos postes telegraphicos.

Basta o que fica dito para se perceber que

terrivel arma pode ser o *jiu-jitsu* nas mãos de um malfeitor ou de um desordeiro. Para salvaguarda da gente pacifica, o governo decretou uma lei rigorosa, que não permitte o uso do *jiu-jitsu* senão em legitima defeza. Nem mesmo esta precaução é julgada sufficiente. Antes de entrar em qualquer das numerosas escolas de *jiu-jitsu* que existem em

ATAQUE POR DETRAZ. AGARRANDO-O PELO PULSO E PELO PESCOÇO, O ASSALTANTE PODE QUEBRAR COM O JOELHO A ESPINHA DA VICTIMA.

Tokio impõe-se ao estudante um juramento to de não praticar nunca a arte senão para defeza da propria vida.

A segunda parte do treno, a qual inclue preceitos sobre a posição dos pontos mais melindrosos do corpo humano, não é necessariamente revelada a todos os estudantes. Durante o primeiro curso, o instructor vigia cautelosamente o discipulo, e abstem-se de lhe confiar os mais importantes segredos, caso tenha a minima duvida sobre o seu sangue frio ou sobre a sua honestidade.

No caso contrario, quando o estudante se mostre leal ao juramento e isento de paixões, o curso completa-se em trez annos, findos os quaes elle recebe um diploma, permittindo-lhe o magisterio da arte.

Quer na tactica defensiva, quer na offensiva, uma das praticas mais salientes do *jiu-jitsu* é arrojar ao chão o adversario. Para isto ha dois methodos—por cima da cabeça ou por cima dos hombros. Só n'um caso absolutamente desesperado se emprega este ultimo, do qual quasi invariavelmente resulta a morte do individuo assim arremessado.

Do *jiu-jitsu* de effeito mortifero é agradavel derivar para o *jiu-jitsu* de effeitos beneficos. Em caso de perda de sentidos, quer seja em resultado da pancada (comtanto que o craneo não fique fracturado) ou de suffocação, o perito do *jiu-jitsu* pode fazer voltar o paciente á vida por uma forma quasi miraculosa.

O primeiro cuidado do *jiu-jitsushi* é sentar a pessoa inconsciente com as pernas extendidas para a frente e ambas as mãos pendentes. Depois com as duas mãos aperta com força sobre o vasio de cada lado da clavicula do paciente, e com a mão direita dá pancadas repetidas na terceira costella e nos ossos do dorso. Basta isto, de ordinario, para o fazer voltar a si. Em seguida deve-se ter grande cuidado em não deixar o invalido beber liquido algum durante dois dias pelo menos, comquanto possa tomar impunemente alimentos solidos.

N'ESTA POSIÇÃO, O VENCEDOR PODE ESTRANGULAR, QUEBRAR O BRAÇO, OU, COM O JOELHO DIREITO, OFFENDER Á VONTADE AS COSTAS DO ADVERSARIO.

PONTE DO GARAJAU — TIRADA DA VIGIA

A Ilha da Madeira

Agora, que uma companhia exploradora sob a egide de um principe, trabalha activamente nas construcções de casas de saude, por concessão do nosso governo, aproveitando a influencia sanitaria do clima Madeirense para a cura da tuberculose, julgamos opportuno descrever as bellezas pouco conhecidas da formosissima terra portugueza que a fama tem feito chegar até aos confins do mundo com o precioso titulo de *Perola do Atlantico*.

Effectivamente, quem uma vez poude ver as maravilhas d'aquella prodigiosa natureza uberrima de graça e de imponencia, certo, não poderá esquecer as violentas emoções que um panorama quasi phantastico um dia lhe acordou.

A *Ilha da Madeira* vista de fóra, isto é, vista do mar, de longe muito ao longe, apparece-nos, primeiro como todas as ilhas, n'uma mancha nevoenta e preguiçosa, que se esbatesse no mar sumindo-se nas nuvens; depois, á medida que nos aproximamos, a mancha indecisa e leve vae definindo-se na côr, que a escurece, e no desenho que a destaca; as rochas vão tomando forma rasgando-se terriveis na suggestão de suicidios; as montanhas, que ao principio pareciam cobertas de lodo e musgo n'um empastar de tinta esverdeada, agora, mais perto, sacodem os ramos das arvores enormes que as ensombram, alliviando-lhes a expressão altiva e fria pelo sopro de vida que n'ellas transparece; as aves do mar e terra confundem gritos e assobios n'uma harmonia tão plangente e original que não comprehendo a razão porque a musica os despreza; a côr generosamente espalhada sempre em tons demasiados escuros, acorda-nos a viuvez de tudo o que nos foi querido, e os nossos nervos gastos por esforçados em tantas emoções successivas, succumbem n'uma lassidão que faz vontade de morrer.

É n'esta melancholica tristeza que chega-

EGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE

mos á *Ponta do Garajau* ou ao *Ilheu* que constituem a entrada da bahia do Funchal.

Ahi recebemos uma impressão completamente nova. O espectaculo de imprevisto e instantaneo acorda á nossa imaginação n'uma paisagem phantastica e pesada, mas a diluir-se em risos nas contracções do desenho.

Ao alto as montanhas succedem-se n'uma linha irregular e quebradiça; no inverno ficam cobertas de neve que o sol derrete, correndo então as aguas nas levadas como fitas d'algodão em rama zig-zagueando a rocha. Descendo a vista, ella queda-se n'um ponto suggestivo que desperta curiosidade de o conhecer.

CARRO DO MONTE

É o *Monte*. Assim se chama o suburbio da cidade mais lindo e querido dos estrangeiros e naturaes. Ali a vegetação tomou proporções extraordinarias; os passeios são floridos n'uma variedade de cores e perfumes que chegam a entontecer; as quintas e parques que são muitos, romantizam o logar que faz a estação da moda no tempo do calor. Alem de tudo isto, bastante para enternecer o mais fleugmatico dos homens, existe tambem uma fonte lendaria que a ingenuidade do povo acceita milagrosa. É tal a fé que o povo tem n'esta agua que no sitio da nascente mandou fazer uma especie de capella em forma de alpendre sustentado por columnatas, enfeitadas de avencas e orchideas e onde uma imagem da Senhora do Monte, sempre allumiada, impede que o fio de agua deixe de correr.

Todos os annos, no dia 15 de agosto, de todos os pontos da Ilha se fazem romarias para a *Senhora do Monte,* onde as violas, machetes e cantigas, n'uma alegria infantil, se

confundem em acções de graças em que o vinho e o amor nunca deixam de tomar parte. Que de casamentos e conversas amorosas os camponezes publicamente apregoam n'esse dia; é vel-os no adro da Egreja, perto da fonte ou nos retiros; ao som de uma viola um Manel de cara tostada e caracoes na testa solta uma cantiga; e vae d'ahi de um grupo de

velocidade espantosa que tomam sobre um trapo encebado nas ladeiras ingremes calçadas a calhau.

Dentro da cidade a belleza panoramica desapparece. Precisamos voltar ao mar para abranger a cidade em conjuncto. Começando pela praia, cheia de barcos quasi todos pintados de verde talvez por coherencia com

CAMARA DE LOBOS

moçoilas levanta-se uma Maria que reparou no cantador e responde-lhe atrevida. Trava-se a lucta, ella venceu ... É sempre assim!

D'ahi a um anno, quem fôr ao Monte encontrará esta Maria com um filhinho offerecendo-o á *Senhora dos Milagres* e o *Manel* com um cirio da sua altura pagando a promessa de felicidade que *Nossa Senhora* lhes deu.

Que saudade que estas lembranças nos trazem!... Mas, n'uma noticia rapida sobre a Ilha não temos tempo para demorarmos em sitio algum, embora não nos faltasse a vontade de ficar no *Monte* algumas horas e á tarde regressarmos á cidade, nos pittorescos carrinhos de cesto que dois braços fortes sustentam na

a paisagem, vemos n'uma lingua de terra batida pelas ondas, o caes, onde nas noutes de calor a gente da cidade passeia, desfructando a brisa nos bancos que de dia servem para torrar o carão dos barqueiros e pescadores, que ali vão dormir nas horas do sol quente. Aos lados o mar rendilha a praia marcando a altura da maré pela mancha negra que as aguas fazem tocando nos calhaus e que o sol por sua vez tornará branco-cinzentos.

Levantando um pouco os olhos, veem-se as casas frescas e lavadas na brancura da cal, escondendo-se entre o verde da folhagem, mostrando aqui e ali janellas sombreadas que mais parecem olhos a espreitar.

MACHICO

BOQUEIRÃO E PHAROL DA PONTA DE S. LOURENÇO

E estas casas muito brancas com janellas tão escuras lembram ainda noivas fugindo ás caricias do noivado. Os castellos já velhos e anzidos pelo tempo, cobertos de juncos, hervas e ruinas, escoltam a casaria n'um ar de protecção que faz sorrir com piedade. Os mirantes gradeados de parreiras corredias, que no tempo das uvas regorgitam de cachos tumidos de vinho assemelham-se a barracas de campanha muitas vezes, quando o amor e o coração, livres, como os não conheço em outra terra, agasalham luctas, beijos e queixumes na discrição do retiro.

As Egrejas, de cabeça armada em angulo e torreões em cone, surgem frequentes como marcos limitando distancias que constituem freguezias, que se avistam perdendo-se para o

CRUZINHA E CAMINHO DE SANT'ANNA

do esquerdo da cidade, onde ao longe n'uma linha inclinada se despedem montesinhos enevoados que por fim a vista não alcança.

A Ilha da Madeira é de origem vulcanica e o seu relevo sobre o oceano lembra um navio collosal de quilha para o ar.

Seguindo ao longo da costa para oeste, já podemos verificar a sua origem plutonica na formação das rochas da beira-mar, ora formadas de basalto compacto e rijo, ora de basalto poroso lembrando espuma negra petrificada, por certo residuos d'algum cadinho vesuviano.

Até Camara de Lobos a rocha attinge sobre o mar uma altura que varía entre oito a vinte metros. Essas rochas fazem como que o supporte das terras que entre duzentos e trezentos metros para o norte, formam a base dos montes que precedem a grande cordilheira. Entre esses montes e a Serra multiplicam-se os valles verdes de vinha e arvores de fructo— toda uma facha magnifica de abundancia, S. Martinho, Santo Antonio e S. Roque.

A belleza da vida é larga e profunda até onde abrange a vista que mal pode suster o conjuncto formidavel das forças creadoras que arremessaram tanta exuberancia á luz do sol. Nenhuma paisagem tocará tão fundo o coração, ao Sol poente, como aquella de que vimos fallando. Toda a religiosa simplicidade dos tempos idos acorda gravemente ao bater das *Ave Marias*, que parecem descer como mensageiras de paz nas sombras silenciosas do crespuculo.

Continuando porém a viagem pela costa, de-

ROCHA DA PENHA DA AGUIA — NO CURRAL

CAPELLA NA ROCHA EM S. VICENTE

CASCATA EM S. VICENTE

CHÃO DA RIBEIRA DO SEIXAL

param-se-nos logo para alem de *Camara de Lobos* novos perfis no rochedo.

Camara de Lobos é como todas as aglomerações de casas á beira-mar, apertada, batida do sol, mas com suburbios deliciosos onde

PONTE DOS GANCHOS, BOAVENTURA

os olhos se espraiam encantados. Um pouco para o norte estende-se o *Estreito* que por
Este logar, é mais uma encosta enorme que
signal é largo e farto, verdejante e alegre.
vae terminar no sarilho da rocha do Campanario.

Para alem de *Camara de Lobos* quasi subitamente a rocha alteia, sobe, perpendicular ás aguas, que n'esse sitio tem a côr accentuadamente azulada dos grandes fundos: é a rocha do Campanario.

Essa fachada titanica, cortada a prumo sobre o mar, é formada de estractos de basalto, clareado pelo tempo, entre bettas de salão alaranjado vermelho ou côr de café.

Aqui e além florescem malmequeres, moitas de balancos flexiveis que semelham os pelos d'esse enorme dôrso que parece impraticavel pela vertigem que provoca a quem o vê. No emtanto não é raro vêr-se um homem ou uma mulher, (porque ha rocheiras na ilha que jogam a vida todos os dias) mondando a herva cuja semente veiu na aza do vento como que procurar o abysmo para florescer longe da foice; mas foi em vão porque o homem lá vae buscal-a.

A descripção de uma descida á rocha, feita simples e pittorescamente por um camponez, assombra e apavora.

— Ha passos, dizem elles, onde o caminho pára; faz-se um bojo de rocha e á primeira vista parece que é impossivel passar para baixo; sempre se tenta (isto a cem metros sobre o mar). Comtanto que encontre apoio o dedo grande do pé e que haja um buraquinho no bojo da rocha onde caiba um dedo ou o bico da foice, passa-se.

Este arrojo não tem belleza e quasi merece um severo castigo. Por uma gavella de herva, que vale, o maximo, um tostão, vae um homem todos os dias arriscar a vida.

É tão verdade isto, que não é raro ao fim da tarde, quando o sol doira o vasto mar que ronca lá no fundo, prompta a gavella de gramas, balancos, serralhas, salpicada de malmequeres e se dispõe o rocheiro voltar

para casa tentando a subida que elles dizem mais facil, não é raro, diziamos, que o bico da foice parta, os dedos fraquejem ou a rocha esboroe e se despenhe o corpo entre uma nuvem de pó, e as hervas e os malmequeres da gavella que se desmancha na queda, vindo cobrir-lhe os farrapos do corpo que descançam finalmente sobre os penedos da praia.

A essas horas de silencio e sombra, a rocha do Campanario que para oeste torna a descahir, lembra no seu talhe de pyramide um tumulo gigantesco. A essas horas, creou a superstição dos maritimos a lenda funebre da ronda d'almas em fórma de luzes que correm e se cruzam na rocha como estrellas cadentes. O scenario colossal auxilia a phantasia assombrosamente; noite fechada, a rocha é um bloco negro projectado no ceu do norte, onde as estrellas poisam como pingos de prata de um brilho sonambulo e gelado. Na mancha escura ouve-se o rau-rau das cagarras d'uma monotonia martyrisante. De quando em quando os patagarros articulam umas syllabas arrastadas que semelham o seu nome, emquanto o mar suspira fundamente na tristeza da noite.

Indo n'esta peregrinação a costear a Ilha, de noute suggere-nos a negrura da rocha e do mar, alguma cousa infernal que a nossa imaginação nunca sonhou. A *Ribeira Brava* como uma furna onde só vivessem feras, bruxas e lobis-homens; Ponta do Sol, que á luz do dia parece dar as boas vindas a quem chega do monte, semelha uma sentinella titanica, invencivel, que n'um gesto eterno contivesse a passagem dos heroes.

Depois, *Paul*, terra de pescadores e naufragios, *Ponta do Pargo*, com o seu farol alumiando ao longe como uma estrella, *Magdalena* como uma noiva perdida na serra, *Porto Moniz*, com pretenções a cidade onde chegasse a civilisação; *Ribeira da Janella*, terra das gallinhas, ovos e mulheres como as não ha tão lindas, *Seixal*, com os seus caminhos ingremes, cançados; seguindo pela madrugada na frescura do ar purificado atravez de moitas, urzes e uveiras, contemplando a paisagem da serra com essa tristeza consoladora que nos traz a saudade do que nos foi querido, chegamos ao *Rabaçal* com as suas vinte e cinco fontes, formando umas cascatas onde a agua

RABAÇAL, A RIBEIRA DA JANELLA

crystalina e pura por entre cabelleiras de avencas, balbucia um idioma conhecido da saudade, que ali vive em toda a sua plenitude, suggestiva de um passado que devia ter sido o nosso, antes da vida humanisada.

Conseguir uma descripção approximada das vinte e cinco fontes, com o seu tanque ao fundo transpirando o frio da eterna morte, seria talvez a gloria d'um artista que tocasse o genio.

Continuando a derrota vamos a S. Vicente com a capellinha na rocha sobre o mar, a Ponta Delgada com as romarias e os milagres que ali apparecem frequentes na ignorancia do povo, S. Jorge com seus pinheiraes enormes e cerrados e depois Santa Anna, uma vasta planicie que o povo da Madeira habituado aos montes e escarpados admira como a freguezia mais linda da Ilha. Ali, as verduras estendem-se preguiçosas n'uma extensão que a vista não abrange, immensa. D'uma vez que alli passámos, o trigo era crescido, dava-nos a impressão de um mar verde que o vento balouçava formando ondas, que se succediam até á praia distante que não podiamos alcançar.

N'esta caminhada cheia de imprevisto chegamos ao Fayal, freguezia como todas as outras fresca e linda na verdura da folhagem. Este logar está separado á beira-mar do *Porto da Cruz* por um rochedo colossal chamado a *Penha d'Aguia*, que se levanta magestoso e rude entre os dois valles. Dizem as lendas que foi ali que um principe encantado, d'uma riqueza onde só vive o oiro, construiu um palacio em forma de aguia que os vendavaes derruiram deixando-lhe o altivo nome de rocha da *Penha d'Aguia*.

Effectivamente, quando os nossos olhos abraçam tanta magestade e grandeza á hora em que o sol doira o perfil da rocha recortado em linhas esquesitas, sob um docel de nuvens coloridas e arrendadas, lembra-nos o throno de um principe de origem divina, cujo encantamento mais livre toma a nossa imaginação bordando uma belleza extra-humana.

No sopé d'esta montanha, a oeste estende-se o *Porto da Cruz* n'um plano inclinado para o norte até á Portella, onde se disfructa um panorama admiravel e pesado, vendo-se os escarpados que se succedem terriveis e medonhos, convidando á morte a cada passo.

ROCHA BASALTICA, NO FAYAL

TIPOIA

COSTUMES DE CAMPONEZES DA MADEIRA

Se fugirmos do mar e fizermos a viagem pela Serra da Portella, vamos ter por caminhos ajardinados com urzes, silvas e orchideas, á ribeira de Machico, um valle extenso e calado, que ao longe se avista como uma paisagem biblica, onde um fio d'agua serpenteia a terra conversando com ella n'um susurro què nunca deixa de ouvir-se. Chegados a Machico de novo o mar nos approxima das rendas com que as praias da Ilha se vestem continuamente. É a melhor e mais linda praia de toda a ilha.

Dizem as lendas que o nome de Machico traz a sua origem de um drama intenso de amor que n'aquelle scenario extranho teve o seu epilogo. Um dia, antes de Gonçalves Zargo e Vaz Teixeira descobrirem a Madeira, contam que um inglez Machim e sua mulher Anne d'Arfet, levados por uma tempestade, foram ter ali, vivendo n'aquella solidão aterradora pela grandeza, amando-se como outro amor não poderá ser concebido sobre a terra e morrendo na paz das cousas que adormecem; Machim ficou chorando por pouco tempo

a companheira que breve seguiu. Esta lenda é contada na Madeira de variadissimas formas, e, quando toma maior vulto, é na bocca do camponez onde a rudeza do sentimento lhe arranca felicidades de expressão que uma obra d'arte certo invejaria. Machico é uma villa, como Santa Cruz sua visinha de cathegoria superior não só por a sua população, mas ainda pela situação chorographica e pelas suas tradições. Costeando d'esta villa para o Funchal passamos por Santa Cruz, Agua da Pena, Caniços, e as duas ultimas freguezias pequenas, levantadas ao alto dos montes, e que se distinguem do mar n'uma mancha branca formada pela casaria, que lembra um lençol estendido sobre a verdura. Seguindo na derrota chegamos á Ponta do Garajau d'onde se disfructa de novo todo o panorama da cidade que já descrevemos.

Se procurarmos as suas ruas, esta perde, evidentemente, o encantamento que do mar nos suggeriu.

O *Funchal* é hoje uma cidade bastante commercial devido ao intrometimento inglez e allemão que ali explora industrias naturaes. As melhores industrias madeirenses são exploradas por estrangeiros, o que faz pena na verdade não só pela desnacionalisação do povo, mas ainda pelo prejuizo fatal que a intromissão estrangeira ha-de produzir d'aqui a uns vinte annos na Ilha da Madeira.

Hoje, os melhores parques, as mais ricas moradias, os terrenos mais ferteis, as melhores industrias, a influencia politica, emfim tudo o que constitua um valor immediato que a Ilha produza está na mão dos estrangeiros.

Por isso, repetimos, a influencia ingleza e allemã desnacionalisa a Ilha da Madeira. Ali, já hoje, só se veste á ingleza, come-se á ingleza, falla-se o inglez como lingua propria; d'aqui a pouco os allemães naturalmente queserão a supremacia e não será difficil encontrar-se a população, dependente da influencia allemã, germanisada.

O futuro a Deus pertence; mas pelo que hoje se observa alguma cousa podemos concluir.

JORGE SANTOS.

CARRO DE PASSAGEIROS

CASTELLOS DE AR

Viram os nossos leitores, no numero 3 dos Serões, *os maravilhosos resultados attingidos pela sciencia com relação á transformação do estado physico do ar atmospherico. Um notavel contista inglez, John Mills, ha cerca de sete annos que previu esses resultados admiraveis, e sobre elles baseiou a sua fantasia um conto curiosissimo que trasladámos para portuguez.*

A sciencia é hoje um auxiliar potente, ou antes um estimulo vigoroso, da imaginação. Sobre as descobertas mais extraordinarias se fantasiam logo dramas de uma intensidade empolgante, como este, que, em forma ligeira e despretenciosa, o escriptor inglez nos apresenta agora.

Conheci Jorge Stanford quando ambos estudavamos na Universidade de Cambridge. Ao passo que eu excavava com ancia nos mysterios da jurisprudencia, ia elle palpando caminho pelos tenebrosos dominios da investigação scientifica no Laboratorio Cavendish.

Jorge não era o que se costuma chamar um bello homem.

Pode-se dizer d'elle que era bipolar, á laia de um magnete: attrahia e repellia a um tempo. Mãos largas, excellente collega, cavaqueador brilhante e voluvel, elle constituia uma combinação irresistivel de attractivos para aquelles que, como eu, o conheciam intimamente, embora muitas vezes o tornasse repellente á primeira vista uma disposição particular dos olhos, que punha suspeitas sobre a intenção do olhar. Não era muito affeiçoado ao bello sexo, comquanto servisse de arrimo a muitas nobres mulheres em más circumstancias de fortuna, com filhas solteiras.

Tinha grenha côr de fogo, rosto pallido e o nariz comprido, muito comprido e aguçado, denotando qualidades extraordinarias de caracter. As pernas não eram rectilineas, eram arcos de circulo, curvas regulares geometricas circumscrevendo um espaço que, no dizer de Euclides, nunca pode ser circumscripto por duas rectas. Na Universidade, era Jorge errante como um cometa. Nunca poude submetter-se ao constrangimento da rotina e gyrar em volta d'esses brilhantes luzeiros, os professores, á similhança de um planeta gyrando á roda do sol; por isso, como um cometa, a sua trajectoria tinha um ponto apenas de tan-

gencia com as orbitas do systema; fóra d'isso, vagabundeava a seu belprazer pelos campos illimitaveis da sciencia.

Apezar de se ter demorado sete annos em Cambridge, Stanford sahiu de lá sem um simples grau universitario. Lá o deixou á sua espera para quando lhe aprouvesse ir buscal-o. Declarava a quem o queria ouvir que não dava a minima importancia aos graus; era um simples rotulo que servia para dar um preço uniforme a panno bom, ruim ou mediocre, e elle dispensava similhante estampilhagem.

—«Isto de graus, meu caro Wilson», costumava elle dizer, «é excellente para quem é, e decerto util deveras para um rôr de patuscos. Mas o que elles não fazem é o serviço dos miolos, e eu cá, para andar pelo mundo, antes quero a mioleira que um grau».

Estavamos ambos na sala de fumo, em casa d'elle, ou antes no seu solar de Malcomdene. Sentados em cadeiras de vime, resfolegavamos volutas azuladas de fumo, regalados e silenciosos defronte de uma mezinha com copos e garrafas. Por cima de nós pendia um lustre triplo de lampadas incandescentes, cuja suave radiação nos aureolava como um halo n'aquella noite tenebrosa de novembro.

Eu tinha por habito passar uma ou mais noites cada semana com o meu antigo condiscipulo, e como Jorge era um grande cavaqueador e eu um excellente ouvinte, os vinculos mutuos da amizade tinham-se apertado entre nós com o correr dos annos. Entre os milhões de habitantes d'este planeta, não faltam palradores—tagarelas frivolos, já se vê—mas os ouvintes é que não abundam. Ora a mim nunca me pareceu que tivesse a perder em cultivar as apreciaveis qualidades de ouvinte sob a magia de uma cavaqueira interessante como a de Jorge, e por conseguinte nas minhas horas de ocio deixava-me de bom grado attrahir pelo recanto do seu fogão.

Seria comtudo injustiça o suppôr que o meu amigo falazava simplesmente pelo prazer de escutar a musica suave da sua propria voz, e que elle tivesse a fraqueza de descer ao baixo nivel do palrador banal. Jorge Stanford era um talento na sua especialidade, e não lhe faltavam ideias. É para traçar o desenvolvimento de uma d'ellas que eu agora escrevo estas linhas.

Cumpre-me explicar que o meu amigo era solteiro e dispunha de recursos pecuniarios muito acima do vulgar. Gastava dinheiro e tempo, para se divertir, em toda a especie de expedientes extraordinarios destinados a augmentar a sua riqueza; acontecendo não raro que, á caça de um passatempo agradavel, pouco se importava que os emolumentos fossem uma quantidade negativa—e ás vezes muito negativa até.

No emtanto todas estas perdas, insignificantes como eram para elle, não passavam tambem de ninharias ao pé de um ou dois golpes tremendos com que durante a sua vida o favoreceu a fortuna.

O meu amigo, apezar de ser na sciencia uma especie de dilletante voluvel e empyrico, possuia uma surprehendente provisão de conhecimentos praticos fóra do commum, e para que um assumpto o interessasse, era preciso que tivesse sempre algum aspecto utilitario.

—«É verdade, ó Wilson! Tu conheces por acaso Pictet, de Genebra, e Cailletet, de Paris?» perguntou Jorge, rompendo o silencio.

—«Nunca em minha vida ouvi similhantes nomes».

—«Ah! sim! Não me lembrava que tu não mettias o nariz em cousas de chimica. Pois é pena!»

—«Não engraço lá muito com essa patacoada, e vou vivendo menos mal sem isso. Mas que vem a ser esses patuscos, o tal Picktay e o tal Kailatay, que pelo nome não percam?

—«Eu te digo! Esses dois extrangeiros deram-me em tempos faro de uma cousa... uma mina de ouro, pensava eu... um verdadeiro El-Dorado».

—«Olé!»

—«Tal qual! Era uma fortuna fabulosa que me surgia cara a cara—que me batia á porta e me espreitava para dentro de casa».

—«Essa é boa, Jorge! Então porque demonio não a empurraste para dentro com toda a gana?»

—«Era o mesmo que tentar metter um camello pelo fundo de uma agulha».

—«Deveras? N'esse caso, os taes sujeitos eram levados da breca para se escapulirem assim!»

—«Não é isso! O que eu te queria dizer é que a ideia, deram-m'a os escriptos de Pictet e Cailletet. Percebes?»

—«Ah! então não era uma mina de ouro a valer? Era uma ideia só!»

—«Exacto! Uma ideia—que ideia!»

—«Sim! Pensando melhor, uma ideia vale ás vezes tanto como uma pepita de ouro. E essa, fizeste alguma cousa d'ella?»

—«Muito mais do que eu calculava, posso affiançar-te», disse elle, tornando a encher vagarosamente o cachimbo da jarra de tabaco que estava sobre a meza. «Serve-te—de charutos.—Eu cá antes quero—o cachimbo», continuou com intermittencias, entre as baforadas, emquanto o accendia. «Põe-te a teu commodo, e eu te conto um dos mais extraordinarios episodios da minha vida».

Pelo piscar dos seus olhos e pelo sorriso complacente que se lhe espalhou na physionomia, logo percebi que ia saborear um acepipe de primeira ordem. Cresceu-me agua na bocca, e preparei-me para ouvir. Vou contar a historia, quanto possivel, com as palavras textuaes em que elle a entreteceu; a sua verosimilhança ou inverosimilhança ficam portanto á conta d'elle.

Verdade verdade, eu ás vezes tinha minhas suspeitas de que elle se aproveitava da minha ignorancia em factos scientificos tão sómente na mira de se divertir um bocado. Em todo o caso, não tenho a certeza d'isso; e com franqueza, pouco me importa, porque as historias d'elle matavam agradavelmente o tempo, e era isso o que eu queria.

—«Ora escuta lá, Wilson!» disse Stanford repotreando-se na cadeira e cruzando uma perna sobre a outra. «Pictet e Cailletet, esses dois extrangeiros de quem falavamos, mostraram-nos a maneira de transformar o ar que respiramos n'um liquido e até n'um solido, se bem que em pequena escala, mas que eu saiba, nunca fizeram d'isso nenhum uso pratico. Eu cá pela minha parte, Wilson, gosto sempre de me aproveitar das novas descobertas e fazer dinheiro com ellas. Estás farto de me ouvir isto, não é assim?»

—«Tens-m'o dito, tens, e eu applaudo-te sempre. Por mim, acho tolice de marca maior gastar tempo e dinheiro em exercicios de gymnastica mental, a não ser que o resultado venha a ser util para alguem».

—«Pois bem! A primeira vez que me chegou aos ouvidos aquella noticia—já ha um bom par de annos—comecei logo a parafusar nos meios e artificios para fazer em ponto grande—ás toneladas, está claro—o mesmo que esses homens tinham feito por fracções de onça, e o caso é que o meu exito foi muito álem das minhas mais ambiciosas previsões. Consegui manufacturar ar solido, como é commercialmente fabricado o gelo, e cheguei a produzil-o em quantidades tão avultadas que Pictet e Cailletet nem sequer o sonharam talvez».

—«Então é essa a grande ideia, hein? A atmosphera é que é a tua mina fabulosa—o teu El-Dorado?»

—«Certamente. Porque não?»

—«Ora adeus, meu caro Jorge! Fazes favor de me dizer onde encontravas tu mercado para o teu producto! Eu cá, no meu modo de ver, acho que um negocio não é viavel, senão quando ha mercado para elle».

—«O que tu queres perguntar é o seguinte: Ar solido! P'ra que demonio pode servir o ar solido? O ar, meu caro Wilson, é justamente tão essencial á vida e ás suas necessidades como a agua. Mas afinal de contas, a tua pergunta é perfeitamente natural, e foi a mesma que a mim proprio fiz.

«Quando eu consegui os meus fins, fiquei nas mesmas perplexidades em que tu estás agora, sem saber o que havia de fazer do meu producto; mas tanto puxei pelos miolos que d'alli a pouco me occorreu uma ideia, e outras lhe vieram depois na piugada, de forma que n'um abrir e fechar d'olhos já eu dispunha de uma data d'ellas».

—«Nada de exageros, meu amigo!» observei eu.

—«É como te digo, não ha nada como as ideias para fazerem creação! A fecundidade das ideias é deveras tremenda! É tal qual como os ovos: basta ter um para ponto de partida, e dentro em pouco está a gente de volta com uma ninhada inteira!»

—«Cá por mim, nunca tive muito que ver com isso de ideias. Estou pasmado. Mas eu não passo de um homem de leis, chão e praxista, não admira que não perceba nada d'essas cousas».

—«A base d'onde eu parti foi esta: o ar solido é frio, extremamente frio; por conseguinte, se uma dada quantidade de gelo tem certas utilidades praticas como refrigerante, é claro que bastará uma massa muito menor de ar solido, a uma temperatura uns 140 graus mais baixa que a do gelo, para conseguir os mesmos effeitos. Percebes?»

—«Perfeitamente. Era uma vantagem que se mettia pelos olhos. Arranjar n'um volume menor um valor egual de propriedades refrigerantes, como quem troca vinte shillings por uma libra. Percebo.»

IAM MINGUANDO, MINGUANDO, ATÉ QUE AFINAL SE DILUIAM DE NOVO NA ATMOSPHERA...

—«Ahi está. Era pois simples partir d'ahi para certas adaptações do ar solido, em substituição do gelo. O que me restava a fazer era moldal-o em forma de pastilhas ou de globulos, como frigorifico para toda a especie de bebidas. Em vez de ter o copo cheio até meio com um pedaço de gelo, bastava deitar-lhe um globulosinho de ar solido. Comprehendes que é mais simples, mais commodo e sobretudo mais concorde com os progressos da civilisação do que o velho expediente rotineiro. Não estás vendo cada dia a azafama, as tribulações, as pragas do pessoal dos restaurantes e das cervejarias por via d'aquelles blocos desastrados e escorregadios de gelo que servem aos freguezes? Tudo isto, para mim, vae pertencendo á historia antiga. Ora agora, repara no vasto deposito de material de que dispomos, sem pagar nada, nem sequer um imposto. O ar é sempre accessivel, e dispensa a construcção de reservatorios, de vasilhame, de toda esssa caranguejola, Outra cousa: que grande pechincha para milhões de pessoas, terem a atmosphera maritima n'um simples embrulho e receberam-na em casa da mão de um moço ou como encommenda postal! Podia-se assim obter facilmente ar das terras quentes ou das terras frias, de qualquer clima que apetecesse, carregado com variadas proporções de ozone, para uso dos doentes. Empregava-se exactamente como se emprega hoje em dia o sal marinho, deitado na tina para proporcionar dentro da casa todas as vantagens dos banhos do mar. E então para uso

domestico? Que excellente refrigerante para dar consistencia á manteiga, para conservar as carnes, para um rôr de cousas! Mas cousa deveras curiosa foi a extraordinaria ideia que me occorreu um bello dia, sem esforço da minha parte. Como acontece vezes sem conto n'isto de investigações scientificas, está a gente a olhar para uma cousa e vae de repente esbarrar com outra.

«Olha para isto!» continuou elle, tirando uma photographia de cima do fogão. «É uma vista da machina enorme e outros accessorios, que me servem para manufacturar ar solido. Aqui tens um recipiente dentro do qual se comprime o ar até uma pressão tremenda, muitas centenas de atmospheras. Communica com reservatorios monstros contendo liquidos volateis. O vapor intensamente corre por este envolucro de aço que cerca o recipiente. Por este meio, á medida que a machina trabalha, a grande pressão do embolo sobre o ar contido no recipiente e a temperatura baixissima dos vapores que o cercam, cooperam para condensar o ar n'uma massa solida. Repara agora!

«De espaço a espaço abre-se uma valvula muito forte na extremidade do recipiente e sae por ella uma massa solida de ar, rectangular e alongada. Por esta forma, posso produzir tres mil blocos d'estes por hora.»

—«Safa! Tem assim a modo uma apparencia de tijolo.»

—«Foi isso mesmo que me deu no goto apenas vi esses blocos, embora ao projectar o recipiente nunca similhante cousa me passasse pela cabeça. Foi um perfeito acaso—um lance da fortuna!»

—«Com mil diabos! Jorge, agora é que vamos ter castellos de ar, a valer!»

—«Tal qual o que eu pensei. Foi n'essa occasião que me pareceu lobrigar uma fortuna collossal a espreitar-me á porta, como te disse ha pouco. Comecei a parafusar no caso. Em primeiro logar, é claro que não eram precisas escavações nem pedreiras para arranjar materia prima; não havia despezas de transporte, porque o ar está sempre aqui á mão de semear.

«A installação tambem não era relativamente dispendiosa; bastava uma machina potente para dar movimento ás bombas, e era logo produzir tijolos á ufa; era só o trabalho de os empilhar no armazem. Quanto aos liquidos volateis, esses podiam ser empregados tempos infinitos sem se renovarem e sem se gastarem, visto que se podiam condensar depois de usados e voltar logo para os reservatorios. Entendes?»

—«Eu, o que te posso dizer, é que isso é simples e unicamente maravilhoso!»

—«Olha, Alec! custa-me a perdoar a mim proprio o ser tão tapado que não previ este resultado admiravel senão quando o acaso me deu um clarão.

«Humilha-me pensar que foi a vista d'esse solido, com apparencia de tijolo, que me encarrilhou as ideias. Mas eu tenho por costume pôr sempre as cousas á sua verdadeira luz, sem accrescentar nada como resultado do meu proprio engenho. Esse chove-me das nuvens, assim de repente.»

—«Isso tira um pouco de douradura á medalha, mas em todo o caso a concepção é soberba.»

—«Ainda bem que assim pensas! Eu não sou insensivel a certos sentimentos de affecto e de orgulho que os homens dedicam geralmente aos fructos do proprio intellecto. Deves no emtanto perceber que alguma cousa restava a fazer antes que esses tijolos podessem servir para material de construcção. Em primeiro logar, eram tão frios que queimavam como um ferro em braza, em a gente lhes tocando; pelo menos a sensação era egual. Não sei como isto se explica. É um dos paradoxos da natureza. Alem d'isso os tijolos tinham a mania de ir minguando, minguando, até que afinal se diluiam de novo na atmosphera, passando-me deante dos olhos como a neblina da madrugada».

—«É exquisito!»

—«É, mas eu levei a melhor. Descobri uma substancia, á qual dei o nome de *glutenina*, e que, dissolvida na agua, possuia em ponto altissimo as propriedades de um cimento.

«Quando se mergulhavam os tijolos de ar n'esta solução, ficavam rijos como diamante, e retiniam e feriam fogo como se fossem de aço quando se batiam com força contra uma pederneira. Vês que por este modo eu dava permanencia de forma aos tijolos, e posso affirmar-te que as moleculas constituintes ficavam tão solidamente unidas pela glutenina, que em nada os affectava a volta á temperatura normal. Eram tijolos capazes de desafiar a eternidade.»

—«És um genio, Jorge!»

—«Faz-se o que se pode. Quando percebi

que eu sósinho, com a minha machina, podia fabricar trinta mil tijolos durante um dia de dez horas de trabalho, que podia ensinar qualquer ignorante a trabalhar com a machina, e que havia uma mina inexgotavel de material sempre gratuito e ao alcance da mão, começou-se-me a desenhar o invento como cousa da mais alta importancia mercantil.

«Por conseguinte metti mãos á obra e durante um certo tempo fabriquei tijolos em larga escala. Comprehendes que eu tinha á minha disposição uma barreira—immensa como o mundo, percebes?—e todo o meu empenho era arranjar uma provisão enorme antes que se tornasse conhecido o invento; bem sabes que, por mais que a gente se possa defender em theoria, ha por ahi piratas á ufa, que não se pejam de nos roubar. Por isso, como te ia dizendo, logo de começo desatei a fabricar tijolos em profusão, fiz milhões d'elles, e olha que em cada cem d'esses tijolos ha uma boa porção de ar.»

—«Sim, eu não sou muito versado no assumpto; mas a avaliar pelo que dizes, que o ar está tão comprimido que chega a ferir fogo, como o aço, percebo que deve estar deveras compacto. E então, continúas ainda no mesmo trabalho?»

—«Não. Reconheci que, no interesse da humanidade, era dever meu renunciar a essa fonte de rendimento. Bem sabes que tive sempre como regra—regra que reputo sagrada—não usurpar nunca direitos dos meus similhantes, não engordar nunca á custa das perdas alheias. Na lucta pela riqueza, tenho por preceito a maxima lisura.»

—«Principios muito louvaveis! Mas a falar a verdade... explica-me lá, em que é que a tua fabrica de tijolos podia prejudicar a outra gente?»

—«Eu te digo, meu caro amigo. Essa tua pergunta tem varias respostas. Na época a que me estou referindo, houve chuvas intensissimas, que representaram um damno enorme para as colheitas d'aquelle anno, e arruinaram centenas de lavradores e de outras pessoas que se applicavam á cultura dos fructos. Os jornaes fartaram-se de lastimas e de tristes agouros. Houve quem parafusasse na causa provavel d'este segundo diluvio e attribuisse o excesso de chuvas ao grande numero de manchas solares.»

—«Espera ahi, homem! Que diacho de historia é essa? Diluvio! Manchas solares! Que tem isso de commum com os teus tijolos? A modo que estás a troçar comigo!»

—«Parecia-me que t'o estava a explicar. É claro que a cousa não se percebe logo á primeira, mas o melhor é que eu te conte tim-tim por tim-tim o que me aconteceu. Como ia dizendo, alvitraram alguns dos sabios que quem tinha a culpa d'aquellas innundações eram as manchas solares. Ora não sei se sabes, Alec, que o nosso governo dá um subsidio muito razoavel para o estudo das relações entre as manchas solares e o estado meteorologico, e, embora se saiba que esses phenomenos estão de certo modo relacionados, ainda não se conseguiu prognosticar com exactidão o tempo que está para haver. Tudo isto se faz na mira de ser util á agricultura. No anno de que trato, não havia quem desembrulhasse a meada, mas, como o assumpto era objecto das conversações geraes, comecei a interessar-me por elle. Um bello dia, quando as cousas estavam no peior pé, veiu visitar-me o parocho da terra, n'um estado de agitação medonha.

—«Oh! sr. Stanford!» bradou elle apenas entrou na bibliotheca, «isto é horrivel!»

«E deixou-se cahir n'uma cadeira como um doido.

—«Horrivel, o que?» perguntei eu muito pasmado.

—«Os meus parochianos vão ficar arruinados—vão ficar na miseria! Este tempo terrivel fez-me perder a cabeça. Não sabe que se suicidou o lavrador Sansom?»

—«Deveras?»

—«Suicidou-se, hoje de manhã. Estava a braços com a fallencia, com a ruina total, e foi por essa forma que liquidou tudo!»

—«É triste, com effeito. Que se ha-de fazer? Posso prestar-lhe algum serviço, sr. vigario?»

—«Muito obrigado, sr. Stanford. Encontro-o sempre prompto a ajudar-me. Effectivamente, vim procural-o com o proposito expresso de lhe pedir que subscrevesse para o fundo de assistencia que organisei em favor dos indigentes da terra.»

—«Marque a quantia que julgue necessaria.»

—«Eu lhe digo, ha setenta e cinco familias com urgente necessidade de alimentação. A dez shillings por familia, anda isto por trinta e oito libras. Ha ainda outras muitas que não poderão aguentar-se muito tempo. Para estar prompto a assistil-as, preciso ahi de umas vinte

e cinco libras. Depois, ha o fundo de reserva, para o qual só Deus sabe quanto será necessario! Permitte-me que marque a quantia de quinhentas libras, sr. Stanford?»

—«Vou-lh'as entregar com todo o gosto,» disse eu, pegando no meu livro de cheques e preenchendo um d'elles.

«Quando elle se foi embora, fiquei a scismar na morte de Sansom e na miseria geral — a qual, digamos entre parentheses, não se restringia á minha parochia, era um anno de depressão agricola no mundo inteiro, e não era facil prever o alcance dos resultados fataes. D'ahi a pouco, occorreu-me que a descida barometrica significa geralmente chuvadas grossas, e portanto comecei a tomar nota diaria do barometro. Continuava a fabricar com toda a força os meus tijolos de ar, e fiquei estarrecido ao ver que a descida diaria do barometro estava em proporção exacta com o numero de tijolos que eu fabricava. Surgiu-me logo á ideia que era eu o agente inconsciente de toda a miseria d'aquelle desastroso periodo! É facil de entender que o ar, que eu extrahia da atmosphera, alteraria de um modo apreciavel o peso do involucro inteiro de ar que circunda o globo, e reduziria assim a altura barometrica. Pois bem! O ar tinha-se adelgaçado e rarefeito por forma que não podia suster os vapores de agua, os quaes por consequencia se despenhavam em catadupa, arruinando todas aquellas pobres familias.»

SAHIAM PARA FÓRA COMO BARRAS DE FERRO EM BRAZA

—«E vae d'ahi, que fizeste?»

—«Que fiz? É boa! Fiz o que devia. Parei

DEIXEI-ME CAHIR ONDE ESTAVA, COMPLETAMENTE EX ENUADO...

immediatamente com a machina e dispuz-me a volver o ar ás suas condições normaes. Mas imagina a minha consternação, quando, cheio de angustia mortal e pungido de remorsos lancinantes, se me deparou uma difficuldade, na apparencia insuperavel, e da qual era eu proprio o culpado.»

—«Qual era?»

—«Ora essa! era a glutenina que tinha dado uma rijeza tremenda aos tijolos. Tão compactos estavam que resistiam tenazmente a todas as tentativas para os reduzir de novo a ar atmospherico!»

—«Oh! c'os diabos! Que entalação a tua, Jorge!»

—«Entalação, e mais alguma cousa! Custou-me um bom par de libras, posso affiançar-te! Experimentei toda a casta de dissolventes —acidos e alcalis, e não sei que mais— para reduzir a glutenina, mas qual historia! Tudo falhou! Depois experimentei aquecer os tijolos de ar n'uma fornalha. Sahiam para fora como barras de ferro em braza, mas sem mudança alguma no estado physico. Que havia de fazer? Estava com a cabeça a razão de juros. Mas o que é curioso é que, quando estava no auge do desespero, me luziu uma ideia. Fiz uma forte solução de glutenina, e achei, com grande allivio, que os tijolos, depois de impregnados d'essa solução, perdiam todas as propriedades de adherencia que lhes tinha dado a glutenina. Não restava mais nada a fazer senão dissipar o ar que constituia os tijolos, o mais depressa possivel, e por conseguinte arregacei as mangas e metti-me resolutamente ao trabalho. Logo depois de os embeber na solução— o que não se fazia com uma perna ás costas, podes crêr—os tijolos começavam a evaporar-se; mas para tornar o processo mais expedito, tinha em cima da fornalha uma grande chapa de ferro aquecida ao rubro, e, á medida que os tijolos eram collocados sobre ella, desappareciam com a mesma rapidez que flocos de neve a derreterem-se, com um rugido similhante ao de uma rajada de vento. Eu não queria, é claro, que o parocho suspeitasse que era eu a causa de todas as calamidades d'aquelle anno memoravel e indirectamente o assassino de Sansom. Por isso não boquejei sobre o assumpto, e desatei a trabalhar noite e dia, sem descanso, durante semanas, para desfazer os damnos de que era responsavel, furtando apenas ao trabalho uma que outra hora para dormir, só quando já não me podia aguentar em pé! Não calculas o prazer que tive quando vi o barometro a subir com regularidade de dia para dia. Ia subindo, subindo, ia-se approximando cada vez mais da altura normal, á proporção que diminuiam as grandes pilhas de tijolos, e o meu olhar corria de uma para outra anciosamente. Quando colloquei o ultimo tijolo em cima da chapa esbrazeada, deixei-me cahir mesmo onde estava, completamente extenuado, e não sei quanto tempo dormi ao lado da fornalha.

—«Salvaste entre as colheitas, Jorge!»

—«Infelizmente não. Mas salvei o mundo.»

—«Salvaste o mundo? Como assim!

—«É evidente! Se eu tivesse continuado a fabricar aqui tijolos de ar, se eu installasse por todo o paiz machinismos para este fim, percebes claramente que, dentro de um curto prazo o ar adelgaçaria tanto, ficaria por tal forma rarefeito, que não se poderia respirar á vontade, e a raça humana seria assim lentamente exterminada».

(Versão de Lopes de Mendonça)

JOHN MILLS.

CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — FACHADA PRINCIPAL

A CASA PORTUGUEZA

TERCEIRA PARTE

A preferencia da fachada principal adoptada na nova casa da rua do Conde, recahiu, com todo o acerto, no typo de predio rural cuja expansão e conformidade de estructura com os seus destinos nacionalisaram já, no norte do paiz, uma architectura tradicionalmente generalisada. O seu constructor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um archeologo illustre, não buscou na edificação urbana nem o modelo nem a suggestão para o projecto, uma vez que, ainda mais do que no campo, nós não creamos um estylo de casa citadina.

Temos que apagar resignadamente est'outra illusão!

Sem duvida que o antiquario, vagabundeando pelas antigas cidades e villas portuguezas, encontra frequentemente motivos para a sua emoção de amoroso do passado: são os antigos bairros que subsistem em Lisboa, Porto e Guimarães; as velhas terras fortificadas de Valença, Miranda e Montemór-o-Velho — para citar, abreviadamente, exemplos ao acaso — as ruas quasi inteiras ou os edificios esparsos de Evora e Santarem, de Celorico, Trancoso, Vizeu e Lamego, de Coimbra, de Guimarães e Braga, de Ponte do Lima e Vianna; e por ultimo numerosos pormenores que sobreviveram ás restaurações em Melgaço, Caminha, Cerveira, Ponte da Barca, Villa do Conde e muitas mais, principalmente as portas e janellas em ogiva, manuelinas, e do renascimento, as varandas torneadas de madeira em renascença ou de ferro enfeixado e torcido á maneira gothica, as rotulas ou crivos á mourisca, os graciosos alpendres ponteagudos, os modilhões recortados dos beiraes.

Os predios notaveis, ou pela vetustez

ou pelo valor artistico, como a desmantelada Casa do Senado de Bragança, do seculo XII, talvez unico typo subsistente entre nós de edificio urbano em romanico, o Paço de Coimbra, invulgar exemplo de habitação senhorial do seculo XVI e ainda, na mesma cidade, a linda casa de Sub-Ripas, em manuelino e renascença, são exemplos de raridade a assignalar.

Mas a antiga villa ou cidade portuguëza, abafada e cingida de muralhas, apenas geralmente comportava, nas suas ruélas acotovelladas, tortuosas, immundas e sombrías, um casarío cuja indigencia constructiva denunciava logo a penuria historica do seu humillimo habitante.

Na cidade fronteiriça de Miranda, por exemplo, a sua principal arteria ainda exhibe muita habitação com a edade de tres e quatro seculos. São velhos predios de frontaria em osso, espessa e estreita e de cobertura prolongada, muito perto da qual ficam janellas reduzidas, asymetricas por vezes, outras gemínadas, de angulo em alguns casos e n'outros rasgadas em sacadas para o ulterior acrescento de varandas; as molduras das portas, manuelinas, ogivaes e rectangulares com o chanfro caracteristico nas arestas da verga e das humbreiras, são da mesma ingenuidade e barbarie que avulta das caraças da cachorrada e dos baixo-relêvos que ornam os linteis ou occasionalmente a silharía. E esta architectura de transição, como logo adeante a dos seculos XVII e XVIII, revela-nos, mais que as dissertações escriptas, as influencias soffridas atravez da nossa indigencia material e esthetica, amesquinhando e barbarisando, por incultura artistica e por falta de dinheiro, os estylos que importamos.

E' decerto essa ingenuidade barbara que aos ornamentos e detalhes dá o «sentimento regional», como succede com os accessorios da casa rustica, quasi todos sem raiz local mas com a alteração produzida através das faculdades e circumstancias já alludidas.

Imagine-se a perplexidade do constructor a quem se pedisse uma casa estreitamente inspirada n'um dos modelos communs e nacionalisados de cidade ou aldeia portuguezas, acrescida de todos os conchegos e regalos que pode exigir, com fortuna, o viver contemporaneo! O embaraço, pelo que tal anhelo comporta de inexequivel, ainda encontraria preferentemente a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricardo Severo a associar e a adoptar d'umas e d'outras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmonicamente, ponderadamente, a vivenda onde «o sentimento nacional» não exclue o luxo dos seus commodos, admiravel e magnifico. Do resultante hybridismo ethnologico e archeographico deriva pois a habitabilidade com a amplitude e conforto que a vida moderna permitte e facilita, carecidos como sempre estivemos, n'um modelo de casa e até n'uma dada região, de elementos sufficientes, para a commodidade e para a vista, com que se erga um arcabouço e se alinde.

Assim é que a fachada principal radica no exemplar de casa rustica em que uma escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada á frontaria. A varanda para que dá firma-se em columnas com as quaes os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os columnellos que supportam, n'este caso, um alpendre abaúlado e deprimido. E immediatamente á varanda logo avulta um corpo saliente, processo habitual com que se amplifica a casa rustica onde o espaço escasseia ou a fortuna permitte o desaffogo.

No angulo verticalmente opposto ergue-se a torre, que uma grimpa historíada mais prolonga, com graça, para o alto. Seguem-se, das suas duas faces exteriores, as fachadas do sul e do poente que aliás não desmancham, com os seus annexos e pormenores decorativos buscados em parte na casa urbana, a logica com a fachada principal. Mas já na face que volta para o norte domina o corpo saliente, firmado á frente em columnada jonica, como na casa citadina foi e ainda se vê, no Porto por exemplo em Miragaya, na Sé e na Victoria.

A' reminiscencia arabe ou romana,

tam pouco commum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior, de que o exemplo d'uma casa da Rua da Ilha, em Coimbra, com o seu discreto poço e claustrada, é um vivo depoimento a relembrar. No da casa da rua do Conde enfeixam-se os elementos heterogeneos que afinal resultam da sobreposição de influencias mais ou menos assimiladas e coexistentes embora sob apparencias antagonicas: nicho devoto n'uma das faces; na outra Vesta e Ceres do paganismo helleno-latino, em grandes composições de azulejo monochromico ladeando a fonte de marmore em cuja taça um golphinho, como os de loiça do seculo XVIII, verte, n'um murmurio perenne, um fio liquido; nas paredes, por fim, o azulejo de facha e contra-facha, branco e verde, como um archaico modelo hispano-mourisco do seculo de quinhentos

Para o chapeu d'este predio a telha preferida foi a que, desde os imbrices romanos até aos productos das humildes telheiras aldeãs, abrigou e ainda cobre a maioria das casas portuguezas: nos angulos finda em bico, como é commum no sul á maneira oriental; d'um pendor irrompe a chaminé em grade, minhota ou alemtejana; e no vertice da torre morre n'uma grimpa esbelta, com a esphera armillar caracteristica e o leão rompante do armorial — no brazão, na tapeçaria e na ceramica.

D'entre os balcões, abrigados por um telhadinho ou sobre-ceu, avulta o que, na face sul, se véda por uma linda gelosía. Inspirou-o certamente o modelo que em Villa Real, é um enlevo, sem par entre as persianas quasi extinctas de Leça da Palmeira ou as rotulas da Braga mystica. E como os balcões, tambem as janellas reproduzem velhos typos, ou geminadas, ou com a bandeira separada pela verga de cantaría, á maneira do seculo XVI, com docel em telhas de faiança, como na matriz de Valença, com peitoril

CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO—VISTA DO SUL

relevado, com os cachorros lateraes para os vasos de cravos, mangericos e geranios.

De todas, porém, as duas janellas de angulo, foram, pela revivescencia d'um pormenor quasi olvidado e pela justa escolha da dependencia em que se abriram, uma das mais lindas adaptações que é possivel buscar em casa urbana portugueza; raramente se logra ver alguma em Villa do Conde, em Braga, em Miranda e para o sul, e é grato observar ainda em Moncorvo a do predio contiguo á Misericordia ou em Coimbra a da casa da Rua do Norte, a manuelina do Museu do Instituto e, na rua das Solas, o bello e discreto exemplar da Renascença.

Resta annotar na frontaria os *SS* ornamentaes com que remata a guarda da escada, communs no predio rustico e ainda no atrio em que principia o lanço nas velhas casas de villa ou de cidade; o ediculo para o relogio de sol, ás vezes nas casas das eiras, nos cunhaes e nas alminhas; o ferro de suspensão historiado para a lanterna, como nos oratorios e retabulos; os respiros obtidos com a cruz de Christo, tam vulgar nas egrejas romanicas, ou com a swastika flamejante que, junta a triscelos e trascelos, constituem os mais bellos ornamentos da Citania de Briteiros; o alizar em azulejo do corpo saliente onde os vasos dominantes, as cabeças de carneiro, as sereias, os fachos e os festões breve suggerem, em frescura e encanto, as mesmas applicações do seculo XVIII, ou ainda como lambrís nas salas de jantar, em alegretes, nas fontes, nos bancos de repouso, pela calma, entre arvoredos.

CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — DETALHE E CUNHAL SUL

Outros pormenores dispersos completam a grande maioria dos que era possivel ou exhumar d'um passado longinquo, ou avivar ao espirito nacional, esquecido e desattento. Para o ingresso

logo se dá com o coberto e seu portão almofadado, pregueado e, nos fechos, com os dois grandes espelhos, resumindo em abertos os symbolos das preoccupações do povo que os gestou — religião, amor, superstição — cruz, signo-saimão e corações. Já no predio, n'uma entrada, um quadrinho em azulejo, com uma imagem de hagiographia popular, desperta a profusão de S. Antonios que em Lisboa encimam as portas ou se implantam nos atrios. E por fim, entrando, esta luxuriante revivescencia dilata-se pelo interior com o opulento brilho que só raras e contadas casas lograram em Portugal: são os lambrís de castanho, de carvalho ou de nogueira, em talha da mais gracil e mais esbelta renascença; são as portas almofadadas como certas das egrejas e das gavetas dos arcazes; são os vitraes com emblemas mythicos, o symbolo manuelino e a linda muleta do Tejo; é a facha azulejada em que revive o debuxo que etiquetou o typo, na peninsula, com a tam suggestiva designação de bico-de-diamante; é ainda a variedade de tectos e o esplendor das suas rosaceas e consoles; é a habil applicação das orlas gregas, dos meandros e dos ovados; são, por ultimo, os estuques, um dos quaes, de importação italiana e outr'ora bem frequente entre nós, fino e ao de leve relevado, se expande em exuberancias de pingentes, de bambolinas, de grinaldas e de laçarias.

Esta casa, pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.

D'est'arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é licito dispôr para a edificação d'uma «casa portugueza».

Porto.

Rocha Peixoto.

CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — FACHADA LESTE

O Real Observatorio Astronomico de Lisboa

(TAPADA)

Foi no anno de 1855 que a Camara dos deputados da nação elegeu, d'entre os seus membros, a commissão que devia inquerir das repartições dependentes do ministerio da marinha.

Perante a commissão fez o seu depoimento o dr. Filippe Folque, director dos Trabalhos Geodesicos do Reino e do Observatorio da Marinha, mostrando a necessidade de estabelecer um observatorio astronomico, visto que o da marinha, creado por alvará de 15 de novembro de 1798, deixava bastante a desejar.

Em 31 de janeiro de 1857, o illustre deputado José Silvestre Ribeiro apresentou na Camara electiva uma proposta de lei que—admittida e enviada á commissão de instrucção publica—era concebida nos subsequentes termos:

1.º Será construido em Lisboa, e no local que mais apropriado fôr, um observatorio Astronomico;

2.º O referido observatorio será considerado como independente dos outros que já existem no reino, e sómente sujeito, no que respeita á sua administração e economia, á superintendencia do governo, pelo ministerio competente;

3.º O governo, depois de bem elaborado o plano da construcção de que se trata, pedirá ás côrtes os meios necessarios, não só para a edificação do observatorio, senão tambem para o dotar com todos os instrumentos, machinas, utensilios e mais objectos que indispensaveis forem para o elevar ao nivel dos mais acreditados estabelecimentos d'este genero na Europa;

4.º O governo é auctorisado a estabelecer em tempo competente os regulamentos necessarios, não só sobre a administração e gerencia economica do observatorio, mas tambem sobre o modo porque deve ser aproveitado o seu serviço no interesse de todas as repartições publicas e até dos particulares.

Todavia foi El-Rei D. Pedro V que, n'um brilhante rasgo de generosidade, converteu em realidade o que até então não passára de idéas altruistas, com o diploma seguinte que reproduzimos na integra:

«Vedoria da Casa Real.—Tendo attenção ás urgencias do estado, hei por bem ordenar, que da dotação que me fôra estabelecida, na conformidade da carta constitucional da monarchia, se deduza a quantia de noventa e um contos duzentos e cincoenta mil réis

(91:250$000 réis), como donativo espontaneo, que deverá verificar-se durante o anno de 1857-1858; e outrosim sou servido declarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados trinta contos de réis (30:000$000 réis) á fundação de um Observatorio Astronomico em Lisboa, e dez contos de réis, para enriquecer as collecções do Instituto Industrial d'esta capital, devendo a restante quantia de cincoenta e um contos duzentos e cincoenta mil réis (51:250$000 réis) entrar na receita geral do estado.

O Duque Mordomo-mór assim o tenha entendido e faça constar na Repartição competente. Paço, aos 31 de janeiro de 1857.—Rei.—Duque Mordomo-mór. — Está conforme.—Gonçalo Jaime Aldim.»

Em 14 de fevereiro de 1857 foi promulgado um decreto pelo qual o governo, aproveitando este acto de munificencia regia, se desempenhava da alevantada missão de instituir um observatorio, moldado segundo o que havia de mais moderno, cumprindo assim o desejo que o soberano tão bizarramente manifestára.

Esse decreto nomeava uma commissão composta do marechal de campo José Feliciano da Costa e dos drs. Filippe Folque, director do Observatorio da marinha, João Ferreira de Campos, lente da Escola Polytechnica, e Guilherme José Antonio Dias Pegado, director do Observatorio Meteorologico do Infante D. Luiz, com o fim de escolher e indicar o local para o edificio, de apresentar o projecto e orçamento para a construcção, e de propor a compra dos instrumentos astronomicos.

Na acquisição dos instrumentos, a mesma commissão entreteve correspondencia com alguns astronomos extrangeiros e principalmente com Airy, Hervé, Faye e Struve, o celebre director do Observatorio Astronomico de Pulkova (Russia).

Pela carta de lei de 2 de julho de 1857 se deprehende que a commissão, tendo dado cumprimento ao decreto acima exarado, declarava de utilidade publica e urgente a expropriação de alguns terrenos na quinta denominada do Seabra, pertencente ao visconde da Bahia, para a fundação do mesmo observatorio; pela mesma carta se conclue tambem

SALA CENTRAL

que a commissão tinha ponderado ao governo a conveniencia de habilitar, desde logo, um individuo idoneo que adquirisse os conhecimentos e a pratica das observações dos instrumentos e seu uso, propondo mais que fosse o 2.º tenente da armada e engenheiro hydrographo, Frederico Augusto Oom mandado para o Observatorio Astronomico de Pulkova na Russia.

Esta proposta, approvada pelo governo, determinou a portaria de 30 de junho de 1858, na qual o citado official se devia apresentar á commissão, a fim de receber as instrucções para o desempenho do serviço de que ía ser incumbido.

É preciso notar que a commissão, antes de propor o terreno do Alto da Quinta do Seabra para a edificação do observatorio, tinha escolhido o da Patriarchal; escolha não acceite por isso que, além de ser no centro da cidade, ficava contiguo a uma rua de grande transito.

Preferido o local da Quinta do Seabra, sobrevieram dois inconvenientes de grande monta, que eram: a proximidade de uns fórnos de cal que obrigavam a expropriações de consideravel despeza e a impossibilidade da companhia das aguas ceder aquelle terreno, o mais elevado de Lisboa necessario para poder conduzir as aguas á altura da Penha de França e á do Castello de S. Jorge.

Em vista d'isto, a commissão expoz estes factos ao monarcha que então reinava, o qual, sem mais hesitação, antes com a maxima boa vontade, permittiu a edificação do observatorio na Tapada da Ajuda, concedendo mais a pedra necessaria para a sua construcção, a areia do Alfeite e uma penna d'agua para uso perpetuo do observatorio.

Nesta construcção, ficou encarregado de dirigir a parte architectonica o professor da Academia das Bellas Artes, Costa Sequeira, servindo de mestre da obra, Bento Rodrigues, da direcção das Obras Publicas de Lisboa.

Os desenhos do edificio foram executados pelo architecto Colson, tendo por base os do observatorio de Pulkova e as indicações da commissão nomeada pelo governo.

No decurso da construcção, Sua Magestade de El-Rei D. Luiz, desejando manifestar por uma fórma significativa o interesse dispensado aos estudos astronomicos, mandou lavrar o seguinte decreto, que o honrará sobremaneira:

«Tendo attenção ás urgencias do Estado: Hei por bem ordenar que, da dotação que me foi estabelecida na conformidade da Carta Constitucional da monarchia, se deduza a quantia de 42:000$000 réis como donativo espontaneo, que deverá verificar-se durante o anno economico proximamente futuro de 1862-1863; e outrosim sou servido declarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados réis 10:000$000 para a edificação do Observatorio Astronomico de Lisboa, e de 6:000$000 réis para os melhoramentos do Observatorio Meteorologico denominado Infante D. Luiz, devendo a restante quantia réis 26:000$000 entrar na receita geral do thesouro publico. O conde da Ponte, par do reino e vedor da fazenda da Casa Real, assim o tenha entendido e faça constar na repartição competente. Paço aos 29 de Abril de 1862.— Rei. — Conde da Ponte.»

SALA BOREAL COM O INSTRUMENTO DE PASSAGENS PELO 1.º VERTICAL

A perspectiva do observatorio, assente no local intitulado Eira Velha da Real Tapada d'Ajuda, é de bello effeito e offerece um tom magestatico pela sua singeleza.

* * *

Consta o edificio d'um corpo central de fórma octogonal, com dois pavimentos, e de qua-

tro corpos de um só pavimento dispostos em volta do central e orientados segundo os quatro rumos cardeaes.

SALA OCCIDENTAL COM O CIRCULO MERIDIANO

O corpo Sul correspondente ao frontespicio comprehende: o portico, o vestibulo, um quarto para a laboração das pilhas e, finalmente, as communicações do vestibulo com os pavimentos superior e inferior do corpo central. No friso do portico lê-se em lettras de bronze a era MDCCCLXI em que principiou a construcção do edificio.

No pavimento inferior do corpo central ha uma sala circular de magnifico effeito, circumdada por uma galeria que segue o contorno octogonal do corpo central e dá communicação para os quatro corpos lateraes sem ser necessario passar por ella. Esta sala é limitada por oito pilares que formam uma arcada sobre a qual assenta uma abobada hemispherica, tecto da sala circular.

No pavimento da mesma sala ha um lindo xadrez de differentes madeiras representando a rosa dos ventos.

Quatro dos oito arcos correspondem aos quatro pontos cardeaes e dão serventia da galeria para a sala circular; os outros quatro, situados em frente das grandes janellas, são aproveitados, nos seus vãos, para a collocação de diversos instrumentos auxiliares, taes como: as pendulas e o chronographo do serviço da hora official.

No arco do sudoeste está collocado um distribuidor electrico, primorosamente construido no Instituto industrial de Lisboa, pelo sr. José Mauricio Vieira, conforme as indicações do fallecido almirante Oom.

Junto á janella está a meza telegraphica com os instrumentos electricos para dar a hora ao posto chronometrico de Ponta Delgada (Açôres).

Uma escada de caracol conduz do vestibulo ao pavimento superior do corpo central.

Este pavimento consta d'uma galeria octogonal, correspondente á do andar inferior, terminando superiormente por uma cupula girante.

SALA ORIENTAL COM INSTUMENTO DE PASSAGEM TRANSPORTAVEL

É n'esta sala e ao centro que se eleva uma grande columna de ferro que, por meio de tres pés, se firma sobre uma enorme lage apoiada no fecho da abobada hemispherica. O equato-

rial é montado n'esta columna; a sua objectiva é de 0m,38 de abertura e importou em mais de nove contos de réis.

A cupula, que abriga o equatorial, foi construida na Allemanha, conforme o projecto do fallecido official da armada e engenheiro hydrographo Frederico Augusto Oom.

É toda de ferro e consta de um corpo cylindrico (com 11 metros de diametro e quasi 5 de altura), sobre

INTERRUPTOR ELECTRICO CAMPOS RODRIGUES

PARALLACTICO DE MERZ E REPSOLD

o qual assenta um telhado conico de 2 metros de ponto. Exteriormente é adornado com 16 pilastras e entablamento da ordem dorica denticular. Os vãos entre as pilastras são occupados por 4 janellas e 10 almofadas, dispostas symetricamente de um e outro lado dos dois vãos restantes, diametralmente oppostos, correspondendo-lhes a abertura pela qual se póde apontar para o ceu o oculo do grande equatorial.

A abertura indicada tem 1m,60 de largura e extende-se sem interrupção desde o vertice do tecto para um e outro lado da torre até á altura (proximamente) de 4 metros, contados para baixo da cornija. Seis alçapões no tecto e tres portas de cada lado no corpo cylindrico tapam a abertura, quando não se fazem observações.

Tanto a parede cylindrica como o tecto são limitados interior e exteriormente por forros de folha de ferro, entre os quaes póde circular o ar. Entrando este, pelos orificios situados junto da base da torre, é aspirado por duas chaminés de tiragem, collocadas sobre o tecto de um e outro lado da indicada abertura.

O peso da torre girante não será inferior a trinta mil kilogrammas; mas assim mesmo, graças a um bem combinado machinismo, um homem, sem empregar consideravel esforço, póde effectuar uma revolução completa d'aquella grande massa, em menos de seis minutos.

A superficie superior do muro sobre a qual a torre gira eleva-se 3 metros acima do sobrado da sala do equatorial. N'essa altura, uma varanda fixa na parte exterior do muro e sustentada por 32 cachorros de ferro fundido,

além de dar uma certa elegancia ao edificio, serve como que de andaime permanente, do qual póde vigiar-se o systema de rodas e os carris em que a torre gira. Pelo lado de dentro d'aquelle muro e na mesma altura ha outra varanda, destinada a dar accesso junto dos apparelhos que abrem e fecham os alçapões e as portas da abertura para as observações.

CONTRA-ALMIRANTE OOM — 1.º DIRECTOR E ORGANIZADOR DO OBSERVATORIO

No corpo Norte existe a sala destinada ao instrumento de passagens pelo primeiro vertical, sendo o systema de construcção proposto por W. Struve; a objectiva d'este instrumento é de 0^{m},16 de abertura e de 2^{m},31 de distancia focal e foi construido por Steinheil de Munich. Na mesma sala está o zygometro (examinador de niveis) feito em Pulkova por Brauer.

Os corpos oriental e occidental constam, cada um, de duas partes distinctas; de uma sala de observação, situada na extremidade e de uma sala de communicação entre aquella e a do corpo central.

Estas salas de observação teem 10^{m},20 na direcção Este-Oeste, 7,^{m}10 na do meridiano, 6,^{m}92 de altura proxima das paredes e 8^{m},33 no centro.

Na sala occidental está o circulo meridiano construido, em 1861, em Hamburgo por Repsold, o qual possue uma excellente objectiva de 0,^{m}135 de abertura e 1^{m},955 de distancia focal.

O instrumento é supportado ao centro da sala por dois pilares monolithos de lioz de 2^{m},15 de altura.

Innumeros são os melhoramentos introduzidos no circulo meridiano, os quaes teem merecido os mais encomiasticos elogios dos astronomos extrangeiros; até a cadeira d'observação foi muito admirada e estudada pelos astronomos de Greenwich, dr. Hecker de Postdam e dr. Schorr, director do Observatorio de Hamburgo, quando visitaram o nosso observatorio.

Na sala oriental fica o instrumento de passagem transportavel (systema Oom) tendo a objectiva 0^{m},07 de abertura livre e 0^{m},78 de distancia focal.

N'esta sala tem servido ultimamente o mesmo chronographo, sendo tambem ás vezes empregado o systema de *vista* e *ouvido* nas observações estrellares, e um outro chronographo francez de Breguet, com regulador de Villarceau, a que o sr. Campos Rodrigues applicou o seu systema de signaes com uma só penna e dois electromagnetes.

É tambem na sala oriental que está o apparelho de Kaiser, para a determinação da equação pessoal e construido por W. Boosman de Amsterdam.

Hoje este apparelho é quasi um instrumento novo, pois foi modificado profundamente pelo actual director do observatorio.

O interruptor Campos Rodrigues, primeiramente introduzido n'este instrumento, foi mais tarde applicado á pendula de Krille em substituição do primitivo.

A sua utilidade tornou-se reconhecidissima, a ponto dos astronomos hespanhoes se empenharem em obter um para a pendula normal do observatorio de Madrid, e o Instituto Geodesico de Berlim dois para as suas pendulas.

Á frente do edificio ha duas pequenas torres com cupula girante, das quaes só se acha terminada a de Éste, e dentro da qual se acha o parallactico de Merz de 0^{m},117 de abertura e 1^{m},95 de distancia focal.

Circumda o observatorio um pequeno jar-

dim, destinado principalmente a obstar á formação de poeira nas proximidades do edificio, ao passo que tambem aformoseia o local.

* * *

Este estabelecimento scientifico perfeitamente modelar é dirigido pelo vice-almirante e engenheiro hydrographo, sr. Cesar Augusto de Campos Rodrigues.

O seu talento é reconhecidissimo por todos aquelles que se dedicam a estes trabalhos, não havendo em Lisboa quem, embaraçado em assumptos astronomicos ou geodesicos, não recorra, e sempre com proveito, ao bom conselho e á sciencia d'este modestissimo sabio.

Quando em 1900, por occasião do eclipse total do Sol, o observatorio foi visitado por summidades estrangeiras, n este ramo de sciencias mathematicas, novos testemunhos de admiração lhe foram dispensados, dizendo mais tarde expressamente na primeira sessão da Royal Astronomical Society de Londres, o director do observatorio de Greenwich que os astronomos inglezes muito lucrariam em imitar o que havia no Observatorio de Lisboa.

Em 1901, trabalhou no observatorio, em determinações de intensidade da gravidade, o dr. Hecker, astronomo da Associação Geodesica Internacional. Pois, apenas de regresso a Potsdam, tratou de installar nas pendulas os interruptores do systema que em Lisboa vira, devido ao sr. Campos Rodrigues, e mandou construir por habeis artistas varios apparelhos em harmonia com as ideias, que d'este nosso illustre compatriota recebera; tambem alguns processos simples e rigorosos para o methodo dos minimos quadrados lhe mereceram immediatamente as honras da adopção, não se cançando aliás de repetir quanto as suas observações foram favorecidas pelo rigor e assiduidade das do observatorio.

Outro pequeno exemplo succedido com nacionaes mostra a vasta competencia do sr. Campos Rodrigues: Um chronometro electrico da Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos não possuia meio de registar a origem de cada minuto, o que era inconvenientissimo. Ninguem, d'entre os artistas mais habeis consultados, atinava com o meio de remediar tal defeito. Por fim, consultado o sr. Campos Rodrigues, elle em pouco tempo imaginou e executou um pequeno accessorio que realiza o tão almejado desideratum.

Em dezembro do anno findo foi conferido a este illustre homem de sciencia o premio Valz da Academia das Sciencias de Paris. No relatorio homologado por esta Academia se leem os seguintes periodos:

«L'Observatoire royal astronomique de Lisbonne ... s'est distingué ... par des travaux accomplis dans des conditions de précision remarquables.

«Il convient de signaler, sous ce rapport, une recherche intéressante du Directeur, M. le Vice-Amiral Campos Rodrigues, concernant la détermination des ascensions droites d'un groupe d'étoiles dont les positions servent au calcul des éphémérides du *Jahrbuch* de Berlin; et, ensuite, les belles séries d'observations effectuées ... durant l'opposition de 1892, sur le planète Mars ainsi que sur un certain nom-

VICE-ALMIRANTE CAMPOS RODRIGUES — ACTUAL DIRECTOR

bre d'astres placés dans le voisinage de la trajectoire de ce corps céleste, et dont les resultats se trouvent consignés dans un Volume paru en 1895.

«Mais la Commission insiste d'une manière

FREDERICO OOM — 2.º ASTRONOMO E SUB-DIRECTOR

toute spéciale sur la haute valeur de la contribution de l'Observatoire de Lisbonne á l'œuvre internationale de la détermination de la parallaxe solaire au moyen de la planète Éros. Les travaux méridiens accomplis dans ce but sont de premier ordre et leur exactitude n'a dépassée nulle part ailleurs.

«Ces beaux résultats ont été obtenus grâce á... son éminent Directeur...

«En témoignage de haute estime, la Commission propose, á l'unanimité, de décerner le prix Valz à M. Campos Rodrigues.»

Dos treze observatorios: Abbadia (Hendaye, França), Greenwich, Koenigsberg, Lick (Monte Hamilton, California), Lisboa (Tapada), Marselha, Nice, Paris, Roma (Vaticano), San Fernando (Cadiz, Hespanha) Strasburgo, Toulouse e Washington, que concorreram nas observações meridianas das estrellas escolhidas para referir a ellas as posições do planeta Eros, foi o Observatorio Astronomico de Lisboa o que mais e melhor produziu.

O numero de observações feitas n'elle foi o mais avultado, não obstante o observatorio de Washington ter consagrado dois instrumentos meridianos a esses trabalhos; nenhuma observação foi rejeitada, facto que, além d'este observatorio, só os de Lick e Washington lograram obter.

Em vista d'isto o ministerio do Reino, por intermedio da Direcção Geral de Instrucção Publica, publicou a seguinte portaria que, além de ennobrecer os visados: o sr. Campos Rodrigues, director do observatorio, e os srs. Frederico Oom, sub-director, e Teixeira Bastos, astronomo de 1.ª classe, honra tambem a mesma Direcção Geral. Esta portaria é concebida nos termos seguintes:

«Havendo-se o Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Ajuda) notabilisado entre os estabelecimentos congeneres pertencentes ás nações mais cultas, em razão da importancia e perfeição dos seus trabalhos, honrando assim a sciencia e a nação portuguesa;

Havendo ainda recentemente o eminente director do mencionado observatorio, o vice-almirante Cesar Augusto de Campos Rodrigues, sido distinguido pela Academia das Sciencias de Paris com o premio Valz, que lhe foi conferido em sessão de 19 de dezembro ultimo, pela excellencia, importancia e perfeição dos trabalhos effectuados sob a direcção de tão notavel astronomo:

Ha Sua Magestade El-Rei por bem determinar que ao pessoal do referido observatorio, nomeadamente representado pelo seu illustre director, o mencionado vice-almirante Cesar Augusto de Campos Rodrigues, e pelos astro-

ARTHUR TEIXEIRA BASTOS — 3.º ASTRONOMO DE 1.ª CLASSE

nomos de 1.ª classe Frederico Oom, sub-director do observatorio, e Arthur Teixeira Bastos, sejam dados os merecidos louvores pelo zêlo e alta competencia com que o primeiro tem

dirigido e todos teem desempenhado os serviços dos seus cargos.

Paço, em 12 de junho de 1905.—Eduardo José Coelho.»

*
* *

Accedendo ao convite da redacção dos *Serões* para escrever sobre o Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada) falta-nos, mau grado nosso, auctoridade para infundir, nas linhas impressas, o peso que a importancia do assumpto reclama.

No emtanto, conhecendo de perto tanto o observatorio como o seu pessoal, por termos tido a honra de fazer n'este instituto scientifico uma parte do nosso tirocinio, releve-se-nos a intima satisfação que nos cabe por apresentar aos leitores dos *Serões* a descripção de um estabelecimento scientifico que, irrefragavelmente, é um dos primeiros, senão o primeiro do paiz.

A. Ramos da Costa.

FACE ORIENTAL DO OBSERVATORIO

AMAR

— verbo activo, transitivo, regular.
(De todas as grammaticas)

Eis um verbo dos mais extraordinarios !
As grammaticas acham-no exemplar,
Modelo d'outros verbos, regular
Nos varios modos e nos tempos varios.

Merecem ellas correctivo acerbo,
Visto que outro não ha mais inconstante,
Nem mais irregular a cada instante
Do que esse falso e caprichoso verbo

Dizem-no os sabios sempre transitivo.
Será talvez : o indubitavel é
Que se ama ás vezes, sem saber-se até
Onde está desse amor o objectivo.

Amar assim, sem ter um complemento,
— Amor ultra-platonico, ultra-ideal —
Não será, creio eu, grammatical
Mas é o triple-extrait *do sentimento.*

Aos vinte annos, perfeito, modelar,
Tem duas vozes, *tem os* tempos *todos*
E pessoas e numeros e modos,
Sem nada lhe crescer ou lhe faltar.

Então no peito elle anda todo escripto,
No futuro, preterito e presente ;
Do modo indicativo *passa a gente*
De prompto ao outro extremo — ao infinito !

Ama-se *muito,* amou-se e ha de amar-se,
E' mais curto o passado *que o* futuro ;
Mas ao branquear-nos o cabello escuro
Quem diz amar-nos fala por disfarce.

Pois bem o sabe quem o bem conjuga
— Os tempos, *com o tempo, vão faltando,*
Vae-se o primeiro, letra a letra, quando
Surge na fronte uma primeira ruga.

O que annos juvenis lhe haviam dado
— As pessoas *e as* vozes *— perde tudo ;*
Vem a morrer portanto coxo e mudo,
Sem voz, sem fala, todo mutilado.

Quem mais amara, *menos* amará.
Em velho o ser-se amado *é graça esquiva,*
E quando conjugado só na activa
De bem pouco tal verbo prestará.

Causa-lhe a edade effeitos singulares ;
Deixa-lhe um tempo só condicional,
Fazendo-o defectivo e impessoal,
Tornando-o emfim dos mais irregulares.

Eis as variantes a que está sujeito
O sujeito *de verbo tão variavel.*
Porém que importa emquanto um peito amavel
Houver que sinta a voz do nosso peito ?

No meigo idylio, em ternos dithyrambos,
A todo o instante, meu amor, os dois
Conjuguemo-lo bem ; que seja, pois,
O unico verbo que saibamos ambos.

Enchamos só com elle os diccionarios,
Que a vida sem amar é triste e occa.
Diga-mo em beijos a tua linda bocca
Nos varios tempos e nos modos varios !

Alfredo da Cunha

Se a mocidade soubesse...

III

ROSAS DE TRIANON

Nada havia já que o surprehendesse. Uma coisa, ainda assim, brilhou vividamente no meio da confusão do seu espirito: alegrava-se de a ter ao pé de si, fosse qual fosse o motivo que a trouxera. E sentia um grande allivio no coração, porque não estava alli a burgravina.

Percebeu que a rapariguita mexia os pés afanosamente, e estendia as mãos ás apalpadelas, por cima da cabeça d'elle, na ancia de reconhecer o logar. Succederam-se momentos de tranquilidade. Sidonia estava escutando, e tambem elle escutou inconscientemente, e ambos ouviram, surgindo da bramidora escuridão, o grito das aguas, como cavernoso echo a erguer-se da enorme profundeza.

N'um subito clarão, acudiu á memoria do conde aquelle riacho que tão estranhamente espanadava no sopé da montanha, acima da ponte da aldeia.

Passou-lhe por todo o corpo um calafrio de pavor.

Quando Sidonia tornou a falar, tinha na voz um tom extraordinario de resolução, que actuou no conde á maneira de estimulante, e que de prompto o reanimou.

—Só podemos escapar—disse ella—se nos deixarmos ficar n'este mesmo sitio. Se quizer, pode sentar-se, mas não se ponha em pé. Não conhece de certo o logar onde estamos. Pois eu conheço-o bem.

Estevam percebeu que ella se sentava no chão, a curtissima distancia, e alegrou-se novamente de a ter ali tão perto.

Sem saber porque baixou a voz, para lhe perguntar:

—Então onde é que estamos?

—Por baixo do alçapão de que n'outro tempo se serviam os castellãos para se livrarem de presos que pudessem incommodal-os. Só elles conheciam a existencia d'esta armadilha que correspondia á entrada da torre, passagem obrigada, antigamente, para quem entrava ou sahia do burgo. D'esta maneira os senhores de Wellenshausen, querendo desfazer-se de alguem, não tinham mais do que fazer-lhe tomar este caminho, e, na occasião propria, pôr em acção o machinismo para...

Como ella se calou, o conde rematou assim a phrase:

—Para collocal-o na invejavel situação, em que nos achamos.

—Isso é que não!—replicou Sidonia immediatamente.—Devemos agradecer a Deus que os annos e os temporaes construissem n'estes esquecidos logares o abençoado rebordo onde viemos cahir.

— Se não fosse elle, que nos teria acontecido?—perguntou o austriaco, n'um tom que pretendia rivalisar em frieza com o da sua interlocutora.

—Esteja quieto e ouça.

Estevam obedeceu-lhe. Percebeu que Sidonia procurava uma pedra, e sentiu a energica tensão que tomava aquelle corpinho delicado no instante de atirar o projectil. Ouviu-o bater seccamente na rocha, e ricochetar diversas vezes, á proporção que ia descendo. Afinal, decorrida uma breve pausa, ergueu-se das profundezas um som mal perceptivel de coisa que mergulha de chofre, e o do ávido sorver das aguas tranquillas e distantes. O que havia de mais sinistro.

Estevam esfriou de medo.

—Ninguem sabe a fundura d'este abysmo, nem o que para ahi se occultará—explicou Sidonia. Quando o descobri, creia que fiquei horrorisada. Já tinha ouvido muitas vezes, ao Martim, o que a tal respeito contavam as lendas, mas a minha resposta fôra sempre uma grande caçoada, até que um dia, ha mezes, subi a rocha e explorei pela parte de fóra a enorme buraca; porém do alçapão, só ha pouco, depois de o fazerem funccionar, é que tive noticia. Ah! Agora me lembro!—O tio Ludovico andou hoje ahi por cima...

Calou-se, como se lhe acudisse outra ideia.

—Mas, Santo Deus, que lhe tinha eu feito para?...

O austriaco apenas pronunciou estas palavras, calou-se tambem, amordaçado pela consciencia.

—É uma horrivel cilada!—continuou Sido-

nia a dizer com grande paixão—De mais a mais contra um hospede!...—E um soluço de indignação irrompeu-lhe do peito—contra um hospede!... Pensasse o que pensasse do sr. conde isto é que não devia esquecer. Nunca lhe perdoarei!...

E o hospede que tinha planeado, posto que involuntariamente, atraiçoar o dono da casa, córou a este pensamento, sob o manto das trevas. Sentiu-a engulindo as lagrimas e contorcendo as mãos. Instantes depois, Sidonia continuou a falar, mas com maior serenidade:

—Como fez bem a tia Betty em dizer-lhe que se fosse embora! E quanto folgo por ella me ter mandado, em seu logar, dizer adeus ao sr. conde!

Estevam ainda chegou a abrir a bocca, mas fechou-a promptamente e permaneceu silencioso.

—Se não fosse isto, tinhamos morrido ambos!—proseguiu ella. O tio Ludovico está doido com tolos ciumes! Deus do céo! Nem quero pensar no que lhe aconteceria, se eu não tivesse vindo! — Estremeceu ao dizer isto.

Ao mesmo tempo o outro continuava a guardar silencio, pela vergonha que lhe impunha aquella innocencia sublime; pelo espanto que lhe causava a generosidade, a abnegação d'aquelle bocadinho de gente, que nem um instante se lembrava do perigo que estava correndo, para só cuidar do que aos outros ameaçava. E disse comsigo mesmo:

—Esta, sim! N'esta ha bom sangue, espirito de raça!

A sua corda sensivel...

Mas o comico da situação impressionou-o e despertou-lhe o riso: Betty, incapaz de resistir aos impulsos da propria infidelidade, lá estava certamente no conchego do seu quarto, emquanto o esposo ultrajado se revia n'aquella vingança medieval! Toda a sua pena foi não poder assistir ao proximo encontro dos dois conjuges.

Sidonia ouviu-lhe a risada, e, por um movimento infantil, teve tambem um accesso de hilariedade, mas sofreando-se um pouco. Tanto bastou para que Estevam cahisse logo em si.

A manhã ainda vinha muito longe.

—E agora—disse elle—o que vamos nós fazer?

—Uma coisa muito simples: esperar. D'esta vez ainda não morremos, porque meu tio não tinha descoberto a existencia do outro caminho que nos leva para fora d'este recinto mortal, além do que conduz á margem do escuro rio onde navega a barca de Charonte. Emquanto, porém, não romper a manhã...

—A manhã?...—perguntou Estevam, não sabendo se devia sentir-se alegre ou triste, perante a perspectiva de passar ali toda a noite.

—Até ao raiar da aurora, temos que exgotar a provisão de paciencia de que dispomos. Um passo dado em falso, mandar-nos-ha logo fazer companhia aos esquecidos inimigos dos burgraves de Wellenshausen.

—Mas n'esse caso?...

—O melhor que podemos fazer é dormir.

Outra vez elle ficou silencioso, em virtude da profunda impressão que o avassallou. Era como se o coração infantil de Sidonia se lhe tivesse revelado subitamente, em toda a sua lealdade, innocencia e coragem.

—Se se deslocar um nadinha para a esquerda—disse-lhe ella, depois de breve pausa—encontra um chão menos duro. Lembrei-me de que para esse lado vegetam uns fetos. Verá que não fica mal de todo.

Estava positivamente fazendo as honras do sinistro logar, onde se comsummavam as vinganças de sua familia. Os labios de Estevam contrahiram-se n'um sorriso de commoção e os olhos molharam-se-lhe com lagrimas de ternura. Perguntou:

—Mas então em si nunca pensa, qual fada benefica ou desvelado anjo da guarda?—E accrescentou quasi a medo:—Porque não se encosta a mim?

Chegou-se um pouco — Que corpinho tão quente e mimoso!—Estremeceu toda, quando elle ia cingil-a com os braços, o que o fez logo desistir.

—Ah! Não quer que eu?...

— Não sei, — respondeu Sidonia baixinho.

Julgou sentir-lhe a respiração entrecortada por lagrimas, e todo o cavalheirismo de que era capaz a sua alma acudiu n'um impeto a defender a donzella. Desviou-se para traz. Com certa difficuldade soltou de baixo de si a pesada capa. Estava hirto e cheio de dores. A incerteza com que se balouçou no meio das trevas, deu-lhe a sensação de que precipicios o rodeavam por todos os lados, ameaçando tragal-o.

—Que está fazendo?—perguntou-lhe ella severamente.

—Deixe-me abafal-a com a minha capa. E pode enrolar a sua, para lhe servir de almofada.

—E o sr. conde?...

Ao dizer isto, Sidonia forcejou tanto para afastar de si o agazalho, que Estevam, muito assustado, teve de agarral-a. De mais a mais soltou-se um fragmento de rocha e cahiu para o abysmo, fazendo-lhes a tempo uma significativa advertencia.

—Esteja quieta!—disse elle, assumindo pela primeira vez o tom imperativo.—E deixe-me servil-a e protegel-a. Durma, se puder. E não tenha receio de nada, que eu fico accordado.

A rapariga permaneceu immovel um instante, submettendo-se sem dizer palavra. O companheiro passou-lhe o braço em volta do corpo e ella encostou-lhe a cabeça ao hombro. Houve profundo silencio. Pouco depois o corpo de Sidonia foi perdendo a rigidez, e tornou-se-lhe regular e serena a respiração.

—Já não está com medo?—perguntou Estevam meigamente.

—Parece-me que nunca estive—respondeu ella com voz preguiçosa. Pelo modo de fallar, percebia-se que estava a sorrir.

Como se sentiu orgulhoso com esta prova de confiança, que ao mesmo tempo era para ella a melhor protecção!

Os minutos passaram, passaram horas.

*
*   *

Um lamento sinistro, imitante a soluço echoou repentinamente pela caverna. Se não estivesse amparando Sidonia, Estevam teria fugido, acossado pelo pavor. Meia a dormir, a rapariguita murmurou, por entre um sorriso:

—É o mocho velho, o Barba-roxa.

Outra vez reinou silencio.

Que turbilhão de pensamentos no espirito do conde de Waldorf-Kilmansegg!—Bem fizera o rabequista em avisal-o.—E ainda lhe fôra misericordiosa a Providencia, livrando-o d'aquella loucura. Se fosse trilhando na sua sege a encharcada estrada imperial, em companhia da mulher do burgrave, tambem a teria nos braços, como agora tinha Sidonia. Embora precaria, achou infinitamente preferivel a situação actual. Sentia-se como pae acalentando a filha, cheio de ternura, em vez de amante frio e impudico, jungido á mulher a quem não podia amar.

Sidonia foi respirando com menos força, mais compassadamente, Estava a dormir. Tinha feito votos por que ella adormecesse, mas sem esperança de ver o desejo realisado. Ajoelhou, em espirito, perante a deliciosa creança, penetrado de gratidão, estimulado, talvez, pelo instincto paternal, mas enlevado tambem, n'um sentimento de maior energia e ternura, á adoração do que na sua alma havia de mais viril, pela pureza e lealdade que se traduzia n'aquelle abraço.

Com tardeza foram avançando as horas da noite.

No meio da escuridão, Estevam fez tentativas para saber em que recanto da prisão ficaria a abertura para o exterior, pela qual haviam de fugir. Umas vezes, notava a direcção do ar frio, que de quando em quando descia até elle; outras, procurava guiar-se pelos sons que, a espaços, quebravam o silencio da noite: o zunir da ventania, o pausado gotejar da chuva, o restolhar das folhas e vergonteas.

E o espirito fugia-lhe para muito longe, perdido n'um sonho vago, para voltar logo em seguida, chamado pela consciencia do perigo que os espreitava, e da responsabilidade que lhe impendia especialmente.

No entretanto, Sidonia continuava a dormir.

Principiou a sentir-se fatigado, tranzido de frio; tinha já o braço dormente. Parecia-lhe agora insupportavel a carga que tão ligeira julgara a principio. Como que ia a vencel-o a somnolencia e cuidava-se engolfado n'um pesadello, de que despertaria para encontrar-se recostado a um canto da sege. Mas antes quereria morrer, que nem de leve incommodar a placida creaturinha, que amparava com o braço.

Chegou, porém, um momento em que a tensão da immobilidade forçada lhe produziu tamanha oppressão e desespero, que lhe fez julgar que ia perder a razão. Instinctivamente voltou a cabeça para o lado d'onde vinha a corrente de ar, e sentiu algum lenitivo. Tinha parado a chuva. Afugentadas as nuvens pelo vento, surgiu-lhe ao de cima da cabeça um trecho de ceo, a que a rocha formava sinuosa moldura, e onde mal se lobrigavam tres ou quatro estrellas. Um ramo bracejava indistincto para aquella translucidez, e trepidavam folhas, já na liberdade exterior.

Só isto. E comtudo era uma consolação. Foi acalmando a tortura que o martyrisava.

COLLOCOU-SE MAIS LONGE D'ELLE E DESCANÇOU-LHE A CABEÇA NOS JOELHOS

Alongou a vista e esqueceu o doloroso entorpecimento das pernas e do braço. As primeiras estrellas passaram lentamente e desappareceram; outras vieram fluctuar-lhe na visão, tornando differente o cariz do firmamento: estas brilhantes, baças aquellas, algumas ao de leve pestanejando, uma a projectar vivissimo fulgor. Foram-se córando diversamente. Não podia imaginar que vistos por aquella mesquinha abertura, os ceos offerecessem espectaculo de interesse tão empolgante. E á medida que o panorama se ia desenrolando,

augmentava-lhe a impressão consoladora de que a noite discorria para a madrugada.

Uma vez, Sidonia estremeceu e soltou um grito.

—Estou aqui!—disse-lhe Estevam com meiguice.

A donzella tirou-se-lhe do braço, que já estava de todo dormente. Cingiu-a á força com o outro. Aquelle pego, bocejando de tão perto, no escuro da noite, e por interminaveis horas, afigurava-se-lhe qual monstro que os estava espiando, ancioso de os devorar.

Ainda mal desperta, Sidonia passou as pequeninas mãos, ás apalpadellas, pelo rosto e pelo peito. Murmurou depois:

—Sonhei que o via cahir!

E sentindo-se bem segura, estendeu o corpo como creança exhausta de fadiga, mas collocando-se um pouco mais longe d'elle, de sorte que lhe descançava agora a cabeça nos joelhos.

Tinham-se os olhos de Estevam acostumado á escuridão ou seria talvez porque os veus mais espessos da noite se houvessem erguido? O certo é que as formas de Sidonia deitada já lhe appareciam vagamente. Curvou-se para ella. Ouviu-lhe dizer baixinho, como n'um sonho: «Quando estava ferido, tambem descançou a cabeça nos meus joelhos.» D'ahi a instantes, dormia outra vez a somno solto.

Com ambos os braços livres, deixou de sentir-se constrangido. O tempo ia agora deslisando tão veloz, como antes passara vagaroso. Viu com espanto que as estrellas se tinham apagado e que se tornara de um cinzento diaphano, tirante a cor de perola, o painel do ceo. Lá fora, na folhagem, havia a palpitação de um mundo que despertava. Piou um passaro. Os muros da prisão foram tomando forma. Enxergou, sobre o negrume da enrugada capa a nodoa branca da mão de Sidonia. E afinal percebeu que tambem devia ter dormido, no seu posto, porque a primeira coisa de que teve consciencia, foi que voltava a si, n'um grande espasmo, e que via, banhado por uma restea de luz amarella de sol, a rocha acinzentada, a terra pardacenta, e os cabellos de oiro de Sidonia espargindo-se-lhe sobre os joelhos. E logo adeante do pequenino pé calçado com um elegante sapatinho, escancarava-se o abysmo negro e medonho. Que vergonha! Tinha dormido, quando a morte a espiava famulenta. A testa aljofrou-se-lhe de suor frio.

*

* *

Penetrou pela caverna um suspiro de musica. Sidonia voltou a cabeça e fitou no alto os olhos, muito abertos por effeito do espanto.

Esfregou-os por julgar que ainda estaria sonhando, e, depois de attentar no que a cercava, recordou-se de tudo. Sorriu-se, bocejou, e acabou por dizer, mirando a bocca do abysmo:

—Fomos felicissimos. Não quer sahir d'aqui, sr. de Kilmansegg? Ou tenciona cá ficar como ermitão? O caminho é este.

O companheiro contemplava-a surprehendido, e seguindo-lhe a indicação, deparou a estreita berma que orlava o pego. Explicou-lhe Sidonia que por ali teriam de ir, arrastando-se sobre as mãos e os joelhos, e que seria indispensavel sacrificarem as capas.

Mal o acabava de dizer, apanhou-as n'um molho e arrojou-as para longe. Foram cahindo e quasi arrancaram a Estevam um grito de angustia, quando mergulharam pesadamente nas aguas traiçoeiras, produzindo um som como de coisa viva, que se tivesse despenhado na morte.

—Vou adeante, para o guiar—disse a donzella.

*

* *

A luz do sol, o ceo, a montanha, o ar livre! Até então nunca Estevam tinha sabido bem o que estas coisas significam para o homem. Sentou-se n'uma saliencia da rocha aquecida pelo sol, ao lado do atalho ingreme e já meio apagado, que subia em zig-zag até o desmantelado baluarte. Sidonia tambem tinha parado, a espennejar-se e enfeitar-se como passarinho, com o cabello banhado de luz. Por consenso tacito ambos se conservaram silenciosos durante aquelles instantes de repouso physico, primeiro que deliberassem a respeito do caminho que haviam de tomar. A brisa trouxe-lhes do alto, a mesma toada melancholica, já ouvida no interior da caverna. Os dedos de Sidonia, atarefados nas tranças cor de oiro, pararam de repente.

— É o Geiger-Hans! E está tocando a modinha, que ha muito me dedicou. Anda á minha procura, — disse ella, depois de ter escutado por um momento. Encurvou as mãos á

laia de porta-voz e soltou um prolongado grito de montanha, que rompeu o ar puro da manhã como se fosse o pio de uma ave.

Calou-se immediatamente a musica e perante os olhares interrogativos, que ambos erguiam para o sitio d'onde ella vinha, surgiu o rabequista, do meio dos rochedos. Empunhando a rabeca bem alto, desceu aos saltos a ribanceira, com agilidade de cabrito montez, e mal chegou ao pé dos dois, exclamou, com a voz entrecortada:

— Graças, meu Deus! — Ah! Creanças desalmadas! Nem fazem idéa do susto que me metteram.

Transpareciam tons lividos, atravez da camada de bronze que lhe cobria as faces. A despeito da severidade que mostrava, o seu olhar enfurecido notou promptamente que um e outro estavam rotos e desgrenhados, e que os seus sorrisos tinham a pallidez que sorriu á morte.

—Que succedeu? perguntou o vagabundo, com a voz alterada.

Foi Sidonia que respondeu, desentranhando-se em amargas queixas.

Estevam, acabrunhado pelo cansaço, não tinha vontade de mexer-se nem de falar.

—E foi o tio Ludovico, foi elle que fez tudo isto!—concluiu Sidonia, com energica expressão de ira. Ouvimos-lhe as risadas, quando vinhamos cahindo. Nem ao menos pensou que o sr. conde de Kilmansegg era seu hospede.

O orgulho da nobre menina era incompativel com esta idéa. Dava muito menor importancia á tentativa de homicidio praticada pelo tio contra a mulher, pois que em vez de colera mostrou compaixão, quando accrescentou: «Coitada da tia Betty! Olhem se não me tivesse mandado em seu logar!»

Quantas expressões differentes tomou o semblante do artista, á medida que a historia se ia mostrando á sua apurada visão mental! Relampagos de colera, nuvens de receio e duvida. Fitou em Estevam um olhar penetrante e a fronte logo lhe retomou uma expressão calma, á vista da perfeita franqueza que se lia no rosto do fidalgo. Depois de Sidonia acabar a narrativa, os dois homens entreolharam-se e as physionomias ficaram-lhes perfeitamente serenas. A respeito de si mesmo, é que a destemida creança não tinha tido um pensamento, uma palavra.

—Muito bem, meus amigos!—disse afinal o artista, sentando-se na ribanceira e enxugando com a manga o suor da testa—podem gabar-se de que me fizeram passar uma noite tão agradavel, como essa que disfructaram. Como desejava dizer uma palavra ao sr. conde, tive a audacia de tomar assento na sua sege e ahi fiquei a esperal-o, no começo da rampa... e por signal no meio de uma grande humidade... fazendo companhia aos seus cavallos e ao seu postilhão... Diga-se, entre parenthesis, que este sujeito dispõe de um variado sortimento de pragas. Pela noite adeante, as nossas relações tornaram-se mais tensas, e por isso nos separámos, voltando elle para a Cegonha de Prata e vindo eu... para que hei de occultal-o?... vaguear novamente pelas cercanias d'este castello hospitaleiro. Nada mais natural que ter, á ultima hora, o hospede mudado de tenção e ficado ali mais tempo; ainda assim o meu espirito adivinhava desgraça.

—Coitado de Geiger-Hans!—exclamou Sidonia.—Que molha deve ter apanhado!

—Nem por isso. O tempo depois melhorou. Não foi essa a peior contrariedade. Ao romper da manhã, o meu espirito inquieto levou-me até ao portão... Não bati logo... Isso sim! O burgrave, encontraram-n'o cahido n'um dos seus aposentos e tão embriagado, que não pude apanhar-lhe a minima informação. A burgravina estava certa de que o meu presado companheiro se escapara com a sobrinha, por qualquer caminho escuso...

—O mais escuso que é possivel!—commentou o conde, com uma risadinha.

Mas Sidonia poz-se muito seria e disse com ares judiciosos:

—Folgo de que meu tio estivesse embriagado.

—Deixei a burgravina planeando um ataque hysterico e dei varias ordens aos serviçaes, como se fosse o dono da casa. A esta hora anda já meia duzia d'elles batendo essas rochas. Olhem! Lá vem um. Vejam como o consciencioso rapagão esquadrinha tudo, até por baixo das urzes e silvados. É capaz de explorar os proprios agulheiros das ratazanas, na ancia de encontrar os dois cadaveres!

—Vou dizer-lhe que mande arranjar o almoço para nós todos—disse Sidonia alegremente.—É o menos que Wellenshausen pode fazer pelo sr. conde de Kilmansegg.

A passos ligeiros subiu a encosta, voltando para traz o rostosinho alegre, onde a fadiga se estampava.

Hans e Estevam, ao pé um do outro, observavam-n'a.

O primeiro perguntou:

—Deveras tenciona acceitar de novo hospitalidade para dentro d'aquellas muralhas, que estiveram para tingir-se com o seu sangue? Ou prefere descer livremente esta ribanceira, até encontrar a sua berlinda, e, mal se assentar no fôfo cochim, gritar com força: «Postilhão, chicoteia-me esses cavallos!»

Estevam encarou com o rabequista antes de responder. Afigurou-se-lhe que o tinha apartado completamente da sua mocidade tão myope, aquella noite negra e interminavel. Sentia-se mais velho alguns annos, sobrecarregado com o peso da vida. Respondeu finalmente, começando a galgar a encosta:

—Volto ao castello.

O outro poz-se-lhe ao lado e perguntou baixinho:

—Que pressa tamanha é a sua? E que vae lá fazer? Melhor fôra que nunca tivesse lá ido, não lhe parece?

Sob o seu aspecto zombeteiro, havia uma tal ou qual anciedade.

O MUSICO DESCEU AOS SALTOS A RIBANCEIRA

— A minha tenção — começou Estevam a dizer friamente, e esteve quasi a accrescentar — em nada lhe importa — mas accudiu-lhe outro pensamento, que o levou para caminho diverso. Tudo o que se lhe accumulara no coração durante aquella noite, irrompeu em palavras de fogo.

— Porque me fez aquella pergunta? Como se não soubesse tão bem como eu... Pois não é homem, para quem as almas dos outros se manifestam em toda a sua nudez? Se é um homem como eu sou julgará forçosamente que já não posso apartar-me d'aquella creança. Arrancou-me da morte com a sua mão pequenina; esteve a dormir nos

meus braços, cheia de confiança na minha lealdade. Julga que eu, sem me ficar desprezando, poderia deixal-a aqui sem protecção? Se consagrar toda a minha vida á simples missão de velar por Sidonia, que mais faço do que cumprir um dever?

Empolgando a mão tisnada do artista e sacudindo-lh'a com força, bradou:

—Homem, digo-lhe que essa creança esteve toda a noite nos meus braços!

—E creança ainda se conserva—respondeu tranquillamente o musico.

—Por aquelle mesmo facto. Julguei que me tinha comprehendido.

Ao que Hans retorquiu:

—Subamos para as alturas!

*
* *

Do limiar da porta, onde os esperava, a rapariguita perguntou:

—Não toca? Julguei que a sua rabeca soltaria agora o canto da liberdade.

—Tenho musica á farta dentro da minha alma, — replicou o vagabundo.

*
* *

Triste espectaculo o que offerecia o pobre do burgrave. Um homem pode á noite representar o papel de vingador medieval, mas de manhã pertence á sua época, e assim fica tudo nas devidas proporções. O despertar do burgrave para a sobriedade e o conhecimento da sua façanha, abateram-lhe o animo de modo terrivel. Admittido o paradoxo, não menos cruel seria a descoberta de que as suas suspeitas não tinham tido fundamento; que sua esposa não se arredara do caminho da virtude e ainda pertencia ao numero dos vivos; que fôra a innocente sobrinha e o innocente hospede que elle condemnara a tremendo supplicio. Quasi se atraiçoou na exclamação de angustioso espanto, que lhe arrancou o primeiro encontro com a mulher.

—Então foi por causa de Sidonia e não da brugravina, que esse rapaz cá veiu?

—De mim!—bradou a fidalga, com energico protesto.—Como se atreveu a fazer uma tal supposição? É espantoso! Só um cego é que não veria que o conde e a cabecinha de vento desde o principio se entendiam ás mil maravilhas. Mas se ella se perder, a culpa será unicamente do burgrave e das suas idéas ruins! Impelliu-os para a fuga, velho tolo e ciumento!

O fidalgo enclavinhou os dedos e bateu com as mãos na cabeça; depois cahiu sentado n'uma cadeira e desatou a chorar.—Para a fuga... Ah! Se Betty soubesse!... Pobre Sidonia!

—Espero que d'ora ávante cumprirá as regras da temperança!—disse Betty, olhando ennojada para a fileira de garrafas vasias.

N'este momento echoou no pateo uma grande vozearia, a proclamar o regresso dos que se julgavam perdidos.

Quando Ludovico soube que a sobrinha estava salva, teve uma enorme satisfação, só comparavel com a afflicção que sentira pouco antes. Esteve quasi desatando a pular e a cantar. Apertou a mulher contra o peito e banhou-a de lagrimas, mas como fosse repellido com enfado, correu cambaleando para a sala grande do castello, ainda estonteado pela alegria.

Sidonia encontrou-o, e, severa como um joven Daniel, disse-lhe apontando-o com o dedo e despedindo-lhe um olhar flammejante:

—O tio agora está a chorar, mas hontem á noite ria ás gargalhadas. Era aquelle o seu adeus?

O burgrave recuou, dominado outra vez pelo terror, e assim deu a conhecer á sobrinha que não tinham sido victimas de um desastre casual. O desorientado senhor do castello olhou em redor de si cheio de pavor e encontrou os olhos de Estevam, que se fitavam n'elle desdenhosos... tambem sabia!... e os do rabequista, medonhamente escarninhos... tambem sabia!... e os de Betty, profundamente suspeitosos... Não tardaria que tambem soubesse!...

Resoou, como clarim, a voz despiedosa de Sidonia, e a burgravina ficou sabendo tambem, e começou immediatamente a flagellar o marido. Ameaçou-o com o rei e o imperador, com a sua familia, a justiça, a prisão, a casa de orates, o duello. O imperador tinha posto em moda o divorcio—lembrou Betty ao seu senhor.—Foi esta a setta com que mais cruelmente o feriu, porque, afinal de contas, elle amava-a, á sua maneira é certo, mas em todo o caso amava-a.

Não obstante, como nos assumptos em que o seu coração entrava a burgravina era mulher

pratica, vislumbrou-lhe a prophetica visão de regressar á alegre Cassel, em companhia do Barba-Azul, já perfeitamente domesticado.

*
* *

—Vou-me embora, *mademoiselle* Sidonia, e desejo saber se vou sósinho,—disse Estevam. —Já fiz sentir a seu tio que é incompetente para guardal-a, e consegui que me auctorisasse a desempenhar tambem essa agradavel missão. Está de accordo?

E como ella fizesse uma pergunta silenciosa, erguendo os olhos, o austriaco disse-lhe em voz baixa, admirando, de si para si, que lhe batesse tão depressa o coração:

—Posso chamar-lhe minha mulher?

A donzella baixou a cabeça. Podiam vêr-lhe as faces tingirem-se de vermelho.

—Sidonia!

Encarou-o novamente e respondeu:

—Estou prompta a acompanhal-o.

Os seus olhos infantis parece que lhe pediam mais alguma coisa. Curvou-se e beijou-a na bocca, do mesmo modo que beijaria uma creança, não advinhando que ao contacto dos seus labios tinha nascido em Sidonia a alma da mulher.

(Continúa).

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

Cantigas da nossa terra

O seu olhar é tão doce
Que me lembra, não sei bem,
Se a Mãe de Nosso Senhor
Se a minha Mãe que Deus tem.

De tanto amar a Maria
Ganhei o Ceo do Senhor,
Out'ora foi Jesus Christo
Que o ganhou p'lo seu amor.

És tal e qual como nós,
Meu verde e triste chorão.
Ólhas primeiro p'r'o Ceo
P'ra depois fitares o chão.

É qual a herva o amôr
Á tôa sempre a crescer:
Quantas vezes elle cresce
P'ra depois se arrepender.

Sempre a correr, a fugir,
Esta vida é qual um rio:
Por mais que faça não volta
Ao logar d'onde partiu.

VICENTE PINHEIRO ARNOSO.

Coimbra, 1905.

ESTRADA DA BEIRA E MONDEGO

A Universidade de Coimbra

1772

Coimbra. Os novos Estatutos, ou *Estatutos pombalinos*, nonos na ordem chronologica — agruparam as faculdades em tres grandes divisões:

1.ª, faculdade de Theologia; 2.ª, Cánones e Leis; 3.ª, Medicina, Mathematica e Philosophia.

Obedece tudo, nelles, a um plano harmonico; e por cada uma destas 3 divisões são contidas — em livros, titulos e capitulos especiaes — não só todas as disposições relativas ás condições de preparação e de admissão dos respectivos alumnos, mas as que dizem respeito á divisão dos cursos, á graduação annual das disciplinas, aos exercicios a exigir, ao methodo e ordem de exposição.

Era, em verdade, indicar e particularizar de mais — o estabelecer e impôr tão minucioso plano, mais de programma singular do que de Estatuto geral. Pouco faltou para ficar regulamentada até a maneira de estudar!

Mas... era do espirito do reformador, ávido e cioso de intervenção, ao mesmo tempo que em tudo revelava a tendencia da época: a noção abstrata, á priori formulada, classicamente simplificadora e normalizante, dos homens e das coisas.

Por semelhante tendencia de regulamentação e nórma feita se explicaria tanto o que os Estatutos e toda a obra do Marquês tiveram de opportuno, e tambem, em parte, de forçado, como a necessidade de modificá-la — essa obra hirta e prefixa, — quando outro espirito e tendencia chegassem a dominar.

Para o seu tempo — e em frente do espirito genericamente concludente do século XVIII — correspondeu a reforma a duas necessidades fundamentaes: a quebra e alargamento, embora dentro de delineamentos fixos, da vida mental portuguêsa, quasi nulla e extinta; e o desenvolvimento das communicações com o Estrangeiro — condição indispensavel de progresso, sempre attendida nos nossos melhores períodos, como já tive occasião de notar. Estas communicações podiam estabelecer-se por dois modos: com a vinda de professores estrangeiros para o serviço do nosso ensino, e com as viagens facultadas a professores por-

tuguêses. Foi o primeiro systema o que prevaleceu, a contar do estabelecimento do *Collegio dos Nobres*, e da refórma da Universidade; não sendo tambem des-

LIVRO DOS ESTATUTOS

curado o segundo, pois alguns professores nossos, pertencentes á geração iniciada pela dos professores da refórma, seguíram a visitar os centros scientificos da Europa.

Não posso fazer uma analyse dos Estatutos pombalinos. E bastará ter-lhes notado a tendencia e indicado as linhas geraes para fazer comprehender a vantagem e conquista que elles representáram.

Dado o quadro geral dos estudos, vem, pois, a propósito agora o que diga respeito a disposições geraes, communs a todas as faculdades, isto é — o que nos Estatutos se regulou quanto á entrada de professores, e quanto á acquisição dos graus academicos por parte dos escolares.

A entrada no professorado das faculdades continuou a ser feita por concurso, com modificações introduzidas na parte propriamente scientifica. Só mais tarde viria o systema de provimento por opposição, a que de novo se substituiría o concurso, ainda de novo sacrificado ao systema oppositivo; até que prevaleceu e se manteve o do concurso. Relativamente aos cursos academicos, ficava estabelecido: que os alumnos fizessem no fim de cada anno exames das disciplinas estudadas durante esse anno, e que só com a approvação das disciplinas dum anno pudéssem matricular-se no anno seguinte. Com a approvação no 4.° anno recebiam o grau de *bacharel;* com a approvação do 5.° anno ficavam *bachareis formados*. Os que pretendessem os graus de *licenciado* e de *doutor* frequentavam mais um anno, repetindo o 5.°, defendiam *conclusões magnas* e faziam *exame privado*. Como é sabido, neste ponto está modificada a disposição dos Estatutos. Hoje não ha a repetição do 5.° anno; o primeiro acto grande é o de *licenciado;* é depois de obter o grau correspondente que se defendem *theses*, as antigas conclusões, recebendo-se depois o grau de *doutor*.

Com relação á entidade superior, ao reitor da Universidade — trouxeram os Estatutos uma modificação. Eram-lhe dadas as funcções e prerogativas da collação dos graus, até então attribuídas ao *Cancellario* — ao D. Prior dos cruzios.

Neste ponto, porém, houve logo pouco depois alteração. Voltaram ao D. Prior as antigas regalias de *Cancellario*, por *carta régia* de 1775. Sería só depois da extincção das ordens religiosas, pelo decreto de 5 de dezembro de 1836 — que viriam a reunir-se, na pessoa do Reitor,

CLAUSTRO DO SILENCIO NA EGREJA DE SANTA CLARA

ás funcções que já tinha, as do antigo Cancellario.

Os *Estatutos pombalinos* abrangem só a parte litteraria e scientifica. Entrava no

plano do Marquez, mas nunca chegou a ser executada, a regulamentação da parte economica, administrativa, etc.

Não foi, por isso, revogada pelos novos Estatutos toda a legislação anterior. Ainda vigoram, em parte, os *Estatutos velhos*. A vida universitaria é regulada, assim, por tres ordens de diplomas: *Estatutos* de 1653; *Estatutos* de 1772; legislação posterior a 1772 (comprehendendo a reforma de 1901).

São, comtudo, ainda os *Estatutos pombalinos* o mais importante de todos os diplomas.

Destes *Estatutos*, existe no nosso archivo um rico exemplar manuscripto, prodígio de larga e egual calligraphia burocratica — que a gravura representa.

LIVRO DOS ESTATUTOS

A primeira impressão dos *Estatutos* de Pombal fez-se em Lisboa, na régia officina typographica, no anno de 1773, em duas edições: uma de 8.º e outra infolio. Ha uma traducção latina, do mesmo anno, no formato 8.º e condições typographicas da edição portuguêsa.

VIA LATINA

Foi o proprio Marquês de Pombal quem, como Visitador Reformador da Universidade e logar-tenente de El-Rei, veiu a Coímbra assistir e presidir á leitura e execução dos novos *Estatutos*.

Entrou aqui em 22 de setembro de 1772, rodeado de luzida comitiva, e recebido com solemnidades e festas, que excederam muito as da recepção feita a D. João III em 1550, e as da visita de D. Sebastião em 1570.

Tinha o corpo universitario resolvido, em claustro do dia 19 do mesmo mês de setembro: «*que fosse o Reitor a Condeixa esperar o sr. Marquez, e as pessoas mais distinctas da Universidade além da Esperança; porque até esse logar era antigo costume, era preciso adiantar-se mais, para fazer o applauso distincto.*» O cerimonial estabeleceu a ordem do cortejo, em que figuravam no dia da entrada na Universidade, 26 de setembro:—á frente, a charamela, seguindo-se 10 alabardeiros; depois os meirinhos da Universidade, ouvidoria, os escrivães, logo os estudan-

PORTA DA CAPELLA

tes em massa, os mestres d'Artes, dois a dois, e os doutores das Faculdades; os bedeis, o Mestre de cerimonias; em seguida o Reitor, á direita, e o Decano theologo á esquerda do Marquez, a quem era dado assim o logar de honra, indo então atraz deste grupo a familia do Reitor, fechando o cortejo o Guarda com a sua vara, e os officiaes da Universidade.

O Marquez, entrando na sala dos Capellos, tomou assento numa cadeira armada sob um docel de velludo. Nessa occasião foi pelo Secretario da Universidade lida a carta régia, que conferia ao Marquez plenos poderes para a realização da reforma.

No dia 29, na mesma sala e com o maior apparato de assistencia e cerimonial, foi feita, pelo Secretario, a apresentação dos *Estatutos* a todo o corpo academico, e lido o decreto de confirmação dos mesmos *Estatutos* que, desde essa hora, iam começar a ter execução. Em seguida solemne *Te-Deum* na capella da Universidade.

O Marquês conservou-se em Coímbra até 24 de outubro, procedendo á reforma coadjuvado pelo Reitor, D. Francisco de Lemos, futuro successor do bispo de Coímbra — e elevado ao cargo de Reformador por decreto de 11 de setembro de 1772.

Foi neste período que se gizaram os fundamentos do Museu de Historia Natural, do Gabinete de Physica — no antigo collegio dos jesuitas —, do Jardim

MUSEU DA UNIVERSIDADE

SÉ NOVA DE COIMBRA

botanico — na cerca dos Bentos; e do Observatorio — no local do antigo Castello; não chegando a completar-se aqui o edificio destinado ao Observatorio astronomico, que só no reinado de D. Maria I ficou edificado onde hoje está, fechando quasi, pelo sul, o vasto pateo-jardim da Universidade.

Tambem então foi destinado para os hospitaes e gabinetes de Medicina grande parte do Collegio dos Jesuitas assente onde agora existe o vasto edificio do Museu.

Como ficasse convertida em cathedral a igreja pertencente á Companhia — a actual Sé Nova — poude ser apropriado ao estabelecimento da Imprensa da Universidade o claustro da Sé antiga — o que representou, diga-se, um monstruoso attentado de lesa arte, a remediar-se agora.

Foi tambem logo nesse mês da estada em Coímbra, que o Marquês de Pombal tratou do provimento dos logares de professores nas 6 faculdades académicas, vindo já prevenido com as respectivas auctorizações régias. Conservou, dos antigos, apenas os que lhe podiam merecer confiança, no saber e na vontade de bem cooperar; e mandou vir outros, dos mais distinctos, que, *auctoritate régia*, imme-

OBSERVATORIO ASTRONOMICO DA UNIVERSIDADE

diatamente foram por elle nomeados, doutorados e incorporados na Universidade.

As faculdades de Theologia, Cánones e Leis, que tinham, ainda assim, o pessoal indispensavel, pudéram entrar em serviço logo em principio de outubro de 1772, dando assim execução a parte da reforma. Quanto á Medicina — além das medidas de apropriação de estabelecimentos, já mencionadas, e da organização do curso preparatorio, estabelecido no *Estatuto* — procedeu logo o Marquês, como para as outras faculdades, á aposentação dos lentes a substituir, e á graduação e nomeação dos novos professores. Compozeram esta faculdade os seguintes: Simão Goold, Antonio José Pereira, Luiz Cichi, José Francisco Leal, Dr. Manuel Antonio Sobral, Dr. Antonio José Francisco d'Aguiar e José Correia Picanço. As aulas do novo curso medico só pudéram abrir a 23 de novembro. Para a nova faculdade de Mathematica, creada com cinco cadeiras, e cujos ouvintes foram divididos nas três classes de *ordinarios*, *obrigados* e *voluntarios* (existentes até á reforma de 1901, que extinguiu a dos *obrigados*) entraram dois professores estrangeiros, do *Collegio de Nobres*: Miguel Franzini e Miguel Antonio Ciera, e os professores portuguêses José Monteiro da Rocha e, pouco depois, José Anastacio da Cunha. A faculdade de Philosophia — que envolveu uma grande parte do antigo ensino d'Artes, excedendo-o tanto, todavia, que bem póde dizer-se ter sido tambem creada de novo — começou os seus trabalhos apenas com dois lentes: o italiano Domingos Vandelli — conhecido tambem e sobretudo pela sua intervenção no desenvolvimento da industria ceramica de Coímbra, e que ensinava a Historia Natural e a Chimica — e Antonio Soares Barbosa, mestre de Philosophia racional, cujas disciplinas, como pertencentes á antiga faculdade de Artes, se ficaram a lêr na recente faculdade onde, passado pouco, entrava, professor de Physica, João A. Dellabela. Em 1791, 19 annos depois da reforma, soffrería a faculdade de Philosophia uma salutar modificação.

FRONTARIA DO LABORATORIO CHIMICO

A cadeira de Philosophía racional passava para o curso preparatorio do Collegio das Artes e Humanidades (mandado já incorporar novamente na Universi-

dade, em 16 de outubro de 1772), e era substituída pela de Botanica e Agricultura — confiada então, com a direcção do Jardim Botanico, ao celebre naturalista Felix de Avellar Brotero, cuja estatua, devida a Soares dos Reis, se ergue actualmente em frente á entrada nobre do Jardim.

PASCHOAL JOSÉ DE MELLO FREIRE

Como o da faculdade de philosophía, os quadros das differentes faculdades viriam a soffrer modificações, mais ou menos, depois da reforma pombalina. Não posso seguir a evolução miúda dos estudos universitarios a ponto de ir dando conta de todas essas alterações. Bastará indicar, a traços geraes, as reformas mais importantes, e os nomes de alguns professores que, pelo valor proprio, ou pela circumstancia de pertencerem a períodos de iniciação ou transformação — devam fixar-se como para balizarem o caminho a percorrer.

Póde dizer-se que as medidas adoptadas pelo governo de D. Maria I, em relação á Universidade, não contrariaram, antes favoreceram o desenvolvimento do ensino. Deveu-se isto: á qualidade dos professores, á firmeza do plano executado pelo Marquês, e tambem, em grande parte, á dedicação de D. Francisco de Lemos, cuja dissertação sobre a Universidade e reforma pombalina concorreu para salvar a obra do ministro caído. Não deixa, comtudo, de ser curiosa e instructiva a leitura das criticas fundamentadas de Brotero á obra capital de D. Francisco de Lemos: a construcção do Jardim Botanico — grandioso e nobre todavia. Já citámos Brotero, na faculdade de Philosophía — que em 1791 ficou composta das cadeiras de Botanica e Agricultura, Zoologia e Mineralogia, Physica, Chimica e Metallurgia. Já tambem alludi ás viagens de instrucção, promovidas pela Universidade no campo das sciencias mathematicas, physicas e naturaes. Sob a direcção de Monteiro da Rocha, os estudos mathematicos entravam em actividade, e progredia a organização do Observatorio astronomico. Era, realmente, nas duas faculdades recentes que se manifestava mais vida, apesar de ser creada na Medicina, em 1783, uma nova cadeira, para o ensino da Therapeutica, e de ser, em 1784, augmentado o quadro da de Theo-

logia. Na de Leis — só mais tarde, em 1805, viria a dar-se reorganização notavel, creando-se então duas cadeiras para o ensino de Direito patrio, segundo as vistas do grande jurisconsulto Paschoal José de Mello Freire.

No que não vemos melhoramento nem progresso — é nos costumes e nos sentimentos da época. A reforma pombalina, nos estudos, como no mais, representára antes um producto genial do espirito abstractamente constructivo do tempo, uma intervenção exterior, uma justaposição de elementos de civilização, do que o resultado e effeito da vida e das condições historicas do país. Foi, nas suas linhas geometricas, e na rigidez das suas peças, antes uma fôrma imposta á substancia viva e complexa duma nação, do que uma producção organica, um fructo, uma resultante da existencia nacional, vinda do fundo, de raiz.

Por isso, util e fecunda na parte intellectual — o que já foi muito — não produziu no mundo dos sentimentos, e nos costumes da nação, tão largo effeito rejuvenescedor e moralisador. Tambem, não era facil, estando o país como estava.

(Continúa)

MANOEL DA SILVA GAYO.

ESTATUA DE BROTERO—ENTRADA DO JARDIM BOTANICO

Os Serões dos Bébés

A PRINCEZA QUE NÃO PODIA RIR

HAVIA em certo paiz e em tempos que já vão muito longe um rei e uma rainha, que a toda a hora pediam a Deus que lhes désse um herdeiro. Afinal viram satisfeito o seu desejo, porque lhes nasceu uma filha linda como os amores.

O rei tornou-se ainda mais amigo da mulher, e a rainha, que era muito bonita, caritativa, e cuidadosa pelo governo da sua casa, maior affeição ganhou ao marido.

Era bom homem o rei, apesar do seu costume de pregar peças a toda a gente.

Á rainha ninguem podia apontar um unico defeito, porquanto defeito não podia chamar-se o que tinha costume de estar sempre a dizer anexins.

No dia do baptisado da princeza, a quem deram o nome de Violeta, houve no paço um grande banquete, para que foram convidadas todas as pessoas mais importantes do reino. Uma d'ellas era a fada Gulosía, que se tinha offerecido para madrinha da princeza, o que o rei e a rainha acceitaram logo, porque a fada era muito poderosa e ninguem a queria para inimiga.

— Sabes o que eu pediria de boa vontade á nossa futura comadre? — perguntou o rei á rainha — Que fôsse menos emproada. Bem sei que não é d'ella só a culpa, mas tambem da sua disforme gordura, que nem a deixa curvar-se. Mas para que come ella tanto?... Verás que logo, ao jantar, não deixa de servir-se duas e tres vezes de todos os pratos.

Ao que a rainha respondeu:

— Se come muito, é porque tem vontade e porque é rica. Não é d'aquella que póde dizer-se: «Quem come sem conta, vive sem honra.»

— Mas hoje á minha custa é que ella vae comer. Ora espera! Lembrei-me agora de uma coisa, que nos vae divertir immenso.

E como visse o marido rir ás gargalhadas, a rainha pediu-lhe:

– Pelo amor de Deus não digas a Gulosía qualquer coisa que a faça desconfiar! Bem sabes que «Amigo anojado é inimigo dobrado» e que «Mais fere a má palavra, que a espada afiada».

— Basta de ditados — tornou o rei. — Verás que é uma brincadeira innocente.

Mas a rainha replicou:

— Mesmo assim o melhor é não a fazeres. Gulosía póde muito e «Com teu amo não jogues as peras».....

Mas o rei desprezou o conselho, e, emquanto a mulher se preparava para a festa, foi fazer certas recommendações aos creados e cozinheiros.

Até que foram para a mesa correu tudo sem novidade, o que socegou o espirito da rainha.

Era a mais rica que dar-se pode a sala do banquete. A baixella de prata cinzelada estava disposta na grande mesa e pelos aparadores e luzia muito a par dos crystaes e das porcelanas.

Gulosía quando viu os doces, que na sua frente formavam um gracioso castello, sentiu crescer a agua na bocca, e, ainda mais, quando os lacaios, de ricas librés agaloadas de prata e oiro, serviram a sopa de azas de moscas. Devia estar excellente, pelo bello perfume que exhalava!

Mas apenas levou á bocca a primeira colhér, a fada fez uma careta medonha, e teria cuspido para o prato, se não receiasse faltar ás regras da civilidade. Voltou-se para o ministro da guerra, que estava á sua direita, e que tambem passava por ser grande apreciador de bons petiscos, e disse-lhe baixo:

— Oh! Que pessimo gosto o d'esta sopa! Não acha, general?

— Ora essa! Parece-me excellente, pelo contrario!—respondeu o velho militar, limpando ao guardanapo o farto bigode. — Veja! Não deixei nada no prato.

Serviram-se depois uns pasteis de gafanhotos, muito aloirados e tão encantadores para a vista, como o promettiam ser para o paladar.

Querendo desforrar-se da sopa, Gulosía tirou sete pasteis. O general acabava de servir-se da mesma iguaria e tambem de vespas recheadas — acepipe em que primava o chefe das cozinhas reaes.

— Devem estar divinos estes pasteis! — disse a fada ao ministro. Ao que este respondeu, ao mesmo tempo que engolia a primeira garfada:

— Hum! Devem, sim! Hum! Hum! Pois estão!...

Gulosía empunhou tambem o garfo, mas soltou immediatamente um grito de espanto e indignação.

O prato já não estava deante d'ella! Tinha-lh'o tirado um dos lacaios.

Ia chamal-o e recommendar-lhe que fosse menos apressado para a outra vez, quando, por acaso, fitou os olhos na cara do rei.

Sua Magestade estava perdido de riso e mirava-a de revez.

Gulosía percebeu tudo. O mau gosto da sopa e a pirraça do lacaio, era tudo obra do rei. Furiosa, com a physionomia transtornada, pôz-se em pé com certa difficuldade e disse em voz muito forte e meio enrouquecida pela colera:

— Vejo que Vossa Magestade quer divertir os seus convidados á minha custa! Saiba que sou muito grossa para palito, e que é perigosissimo escarnecer da fada Gulosía!

E dirigindo-se aos outros convivas, protestou:

— Ficae todos sabendo que para compensar a excessiva alegria do genio de seu pae, a princeza Violeta nunca se ha de rir, ou, quando muito, o seu riso será tão silencioso como as aguas, que hoje correm com jovial sussurro por todo esse reino, mas que d'ora ávante, convertidas em gelo, ficarão sem movimento. Affirmo-vos que todos vós lamentareis sinceramente que se tenha feito escarneo da fada Gulosía!

O rei disse, muito pressuroso:

— Foi uma brincadeira! Uma simples brincadeira! Eu podia lá ter intenção de offender-vos!...

A fada sorriu-se maliciosamente e respondeu, apontando para os crystaes que estavam sobre a mesa:

— Pois vêde todos se tambem é brincadeira o que eu acabo de annunciar.

E, mal tinha proferido estas palavras, desappareceu como por encanto, o que aliás não espantou ninguem, por ser este o costume das fadas, tanto ao irem-se embora, como no instante de apparecerem aos miseros mortaes.

Espanto verdadeiro, e até pavor, sentiram todos os circumstantes quando, ao olharem para a mesa, viram que, apesar de estar um bello dia de verão, todo o liquido contido nos copos e garrafas se tinha tornado em solidas massas de gêlo.

A rainha, toda a tremer de frio e de medo, disse baixinho:

—«Vento e ventura pouco dura!»

*
* *

Passaram annos, mas as desgraças do reino é que não passaram, e foram sendo pelo contrario, cada vez maiores.

Decididamente a fada Gulosía queria mostrar que as suas promessas se cumpriam á risca.

Coberto de gêlo, o campo nada podia produzir. Esgotado o dinheiro que todos tinham economisado, já nada se podia mandar vir dos outros paizes, para a alimentação dos infelizes subditos do rei, que se tinha rido á custa da fada.

Todos se affligiam, menos as creanças. Essas, coitadas, levavam os dias a fazer bolas de neve, para atirarem umas ás outras, no meio de grande galhofa, ou a patinar sobre o gêlo.

A princeza Violeta, durante aquelle tempo, tinha crescido, e de bonita creanca tornara-se uma linda rapariga.

O PRINCIPE JACINTHO MONTOU A CAVALLO, VINDO APRESENTAR-SE AO REI

Quando a princeza fez dezesete annos, o rei mandou deitar um bando, em que promettia uma grande recompensa a todo o homem, mulher ou creança, que fosse capaz de livrar o reino d'aquella calamidade. Ora, n'uma nação proxima, havia um principe chamado Jacintho, que era filho do rei d'esse paiz, e que tinha ficado perdido de amores pela princeza Violeta, logo que a vira n'um baile do paço. Soube do bando e montou a cavallo, vindo apresentar-se ao pae de Violeta, para lhe participar que ia fazer o possivel afim de que a princeza se risse e acabassem tantos males.

O rei, que já não fazia brincadeiras, abanou a cabeça e deu ordem para que

o principe fosse levado á presença da princeza Violeta, dizendo-lhe antes que não tinha a menor esperança no bom resultado.

Ao que o principe redarguiu promptamente:

— Se eu fôr bem succedido, Vossa Magestade concede-me a mão de sua filha?

O rei disse que sim, e o principe foi ter com a princeza e achou-a no meio

ENCONTROU VIOLETA SÓSINHA NO JARDIM, COM UM VESTIDO BRANCO SEMEADO DE ROSAS

de uma chusma de pretendentes, porfiando todos elles no empenho de a fazer sorrir.

D'ali a pouco a princeza Violeta preferia aos mais o principe Jacintho, por causa dos cabellos castanhos annellados e dos grandes olhos azues do namorado, e do sorriso insinuante que lhe via no rosto. Ainda assim elle não conseguiu despertar-lhe o riso.

*

* *

Uma noite o principe poz em pratica um plano audacioso. Esteve á espera da meia noite, e caminhou direito a um logar a que o povo chamava a Clareira Magica. Apenas lá chegou, fez tres mesuras á lua, que ia muito alta no céo, deu dois assobios fortes e prolongados, e bradou:

— Sábia e generosa fada Gulosía, acudi-me! Acudi-me!

Como não obteve resposta, repetiu outra vez os assobios e as palavras, e logo ouviu, por entre as arvores, um ligeiro sussurro e viu apparecer Gulosía, que vinha descendo no meio de uma enorme flor de magnolia, transportada por dois moscardos, tambem de tamanho descommunal.

Estava de muito bom humor, porque tinha acabado de comer uma bella ceiasinha: tres corujas de fricassé, dois pratos de caldeirada de morcegos, e outros tantos de *purée* de borboletas. Perguntou com brandura a Jacintho:

— O que te afflige? Como nunca me fizeste zangar, estou prompta a valer-te.

E o principe respondeu:

— Estou apaixonado pela princeza Violeta, e desejo ardentemente fazer com que ella se ria, para assim quebrar o feitiço que armastes ao reino do pae d'ella. Não me quereis ajudar?

Gulosia pensou um momento.

— Hum!... Deixa ver se me lembro... Ah! Sim! Agora me recordo do castigo que lhe dei. Bom! Sei de dois remedios, que podem curar o mal. Leva-lhe ámanhã estas flores. Se Violeta se rir quando lhes aspirar o perfume, está satisfeito o teu desejo. No caso contrario, procura-me de novo ámanhã á noite.

Ao dizer estas palavras entregou ao principe um lindo ramo de cravos, e desappareceu de repente conforme o seu costume.

Cheio de esperança, Jacintho offereceu o ramo a Violeta, na manhã seguinte.

— São lindissimas estas flôres — disse ella — e fazem-me uma singular impressão, quando as cheiro.

— Descreve-me a impressão que é — pediu Jacintho.

— Não a posso explicar. Agora já passou. Mas emquanto a senti, pareceu-me muito agradavel.

Horas depois o principe voltou á Clareira Magica, e ao bater da meia noite appareceu-lhe a fada e disse, tendo-lhe ouvido a queixa:

— Já que as flôres falharam, vae empregar-se o outro remedio.

— Qual? — perguntou o principe.

— E' segredo — respondeu Gulosía. — Não me perguntes nada e vae ter com a princeza ámanhã cedo. Agora, curva-te.

O principe obedeceu e Gulosía foi dizendo certas palavras magicas, e fazendo passes no ar com uma varinha que tinha na mão.

Quando elle endireitou o corpo, a fada tinha já desapparecido.

*
* *

Na manhã seguinte o principe encaminhou-se para o palacio. Encontrou Violeta sósinha no jardim, parecendo mais linda que nunca, com um vestido branco semeado de rosas.

— Vindes hoje muito cedo — disse ella.

E Jacintho respondeu logo:

— Póde menos de uma fada
A varinha de condão,
Que os teus olhos, minha amada,
N'este meigo coração.

Violeta, ouvindo o principe discursar tão poeticamente, sentiu vontade de rir. Jacintho continuou a dizer:

— Se por ser p'ra ti meu canto,
Encanto eu sinto e prazer,
De fazer versos me espanto,
Pois nunca os soube fazer.

— Se realmente me tendes amor — disse Violeta — deixae de falar d'esse modo e mostrae-vos meigo e simples como d'antes.

O pobre principe ficou pensativo durante alguns momentos, e afinal replicou:

Se não te agrado fico em dôr immerso...

Tornou a calar-se, como se estivesse luctando comsigo mesmo, e resmungou afinal:

Mas comtigo, por força hei de falar em verso.

Houve de repente uma gargalhada imitante ao som de campainhas de crystal que tocassem todas ao mesmo tempo. O principe levantou os olhos e viu a princeza a rir tanto, que as lagrimas lhe corriam a quatro e quatro pelas faces.

— Estás curada, Violeta! — exclamou elle, muito contente. — Ah! E eu, graças a Deus, já posso falar como todos falam!

— Oh! Nem tu imaginas a graça que tinhas, falando como os poetas! — observou-lhe a princeza, a quem não passára ainda o ataque de riso. — Vamos! Dize mais alguns versos!

Jacintho respondeu que não, com a cabeça. Acabava de saber que tinha sido poeta por obra de Gulosía, e que desde que Violeta desatara a rir estava quebrado o encanto, e podia consideral-a como sua noiva.

N'esta occasião appareceu o rei, sem quasi poder tomar a respiração, tão depressa tinha vindo. Perguntou, muito admirado:

— Pois é crivel que minha filha já possa rir? Como foi isto? O gêlo começa a derreter-se por toda a parte, e o povo, cheio de enthusiasmo, prepara grandes festejos.

O principe Jacintho avançou alguns passos e disse, pegando na mão de Violeta:

— Sim, meu senhor, já se quebrou o encanto de que era victima a princeza. Posso reclamar a promettida recompensa?

O rei respondeu, muito commovido:

— Eu vos abençôo, meus queridos filhos. Principe, nunca poderei pagar-vos a minha divida de gratidão. Vou dar immediatamente ordem para os preparativos do noivado.

Violeta olhou para Jacintho, e, com um sorriso a brincar-lhe nos labios, segredou ao rei:

— Que pena, meu pae, que não o ouvisse falar em verso!

*

* *

Quando a rainha soube de tão boas noticias, disse logo:

— «Não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature!»

(Imitado do inglez de Hilda Hamond-Spencer)

QUEBRA-CABEÇAS

Continuamos a recommendar esta secção ao interesse dos nossos leitores, pedindo-lhes que a enriqueçam com problemas de varia especie, comtanto que sejam originaes e engenhosos. E ao mesmo tempo agradecemos aos que até hoje teem contribuido para o desenvolvimento do «Quebra-cabeças».

As sommas desconhecidas

Collocar cinco numeros em cada columna, sommal-os depois horisontal e verticalmente (de forma, que para sommar, o mesmo numero não esteja repetido) dando depois de sommados o mesmo total para os quatro lados.

1

Depois, collocar o quadrado n.º 2 sobre o n.º 1 de maneira que os numeros que ficarem á vista, isto é nas partes que não estão riscadas deem o mesmo total na somma (o total são 9) horisontal e verticalmente.

2

IGNACIO CARVALHO.

Medição do leite

Ha dias apparece-me o leiteiro, trazendo n'uma vasilha 8 decilitros de leite. Eu não precisava senão de 4; mas o patusco do leiteiro não tinha comsigo senão uma medida de meio litro, ao passo que eu dispunha de um copo que contem exactamente 3 decilitros. Como se havia de fazer esta complicada medição? Tanto scismei, que atinei. Digam lá os leitores o que fiz.

Exercicio de pronuncia

Um excellente exercicio de pronuncia, para quem aprende francez, é a seguinte phrase:

«Si six scies scient six cigares, six cent six scies scient six cent six cigares.»

Quanto tempo leva?

Um sujeito cauteloso põe todos os annos ao canto da gaveta uma quantia, que de anno para anno augmenta 10$000 réis. Assim, ao cabo de um certo prazo, as suas economias estavam elevadas á somma de 3:000$000 réis. No ultimo anno d'este periodo, a quantia posta em reserva foi 245$000 réis. Qual foi a quantia com que principiou, e quantos annos levou a accumular aquelle capital?

Perguntas de algibeira

Quando se abre a porta aberta
Quando a Bertha bate á porta.

—

Quando se abre a casa?
Quando o Seabra encontrar noiva.

—

Quem de vinte cinco tira, quantos ficam?
Ficam quinze.

Perguntas sem resposta

Um cego póde ser obrigado a pagar uma lettra á vista?

—

As raizes das palavras poderão produzir flôres de rhetorica?

—

Um cantor desafinado poderá ser preso por fabricar notas falsas?

—

Diz um conhecido aphorismo que não ha nada certo. Mas então se não ha nada certo, como póde ser certo não haver nada certo?

A' pilula e á cruz dirige a vista,
Pucha o papel p'ra ti, com lentidão,
Verás saltar na machina o cyclista
E a pilula engulir o fradalhão.

Jogo de damas

POR JOSÉ SYDER

Explicações:—Convidados pelos novos editores d'esta utilissima publicação, *Serões*, para continuar dirigindo esta secção, acceitamos o convite, pela amizade que nos liga a um d'elles e ao mesmo tempo pelo ensejo que nos proporciona de continnar a propaganda d'este jogo, que constitue um manancial inexgotavel de distracção, e um passatempo dos melhores que conhecemos.

Em cada numero dos *Serões* publicaremos jogos muito interessantes, problemas para serem decifrados pelos nossos leitores, bem como o nome d'aquelles que os resolverem.

Apesar de já em tempo ter dado as explicações sobre a fórma que o taboleiro deve ser numerado, etc., etc., vamos repetil-as por se tratar de vida nova : O taboleiro déve ser numerado conforme o diagramma I e as pedras collocam-se como o diagramma II.

Diagramma I

BRANCAS

4		3		2		1	
	8		7		6		5
12		11		10		9	
	16		15		14		13
20		19		18		17	
	24		23		22		21
28		27		26		25	
	32		31		30		29

PRETAS

Diagramma II

BRANCAS

PRETAS

ACTUALIDADES

Grandes topicos

O PRESIDENTE LOUBET EM LISBOA

Mr. Emile Loubet, que honrou Portugal com a sua visita, é o verdadeiro exemplo do cidadão de um povo, que deve á democracia toda a sua força e prosperidade. Modesto e simples, dotado de um intenso patriotismo, elle guindou-se successivamente aos mais altos logares, até attingir a suprema magistratura, pela confiança que a sua intelligencia, o seu caracter, a sua fé nos principios democraticos e o seu bom senso inspiravam a todos os seus concidadãos. Chegado á presidencia da Republica não se deslumbrou nem embriagou com os seus esplendores; conservou inalteraveis a sinceridade, a modestia, o criterio seguro e firme.

Mr. Loubet, grande cidadão, é um chefe de familia exemplarissimo, que fez do seu lar o altar sagrado onde se queimam incensos á virtude. Nas suas visitas a Montelimar, onde tão modestamente vivia sua mãe, mostrou elle quanto o amor filial vicejava dentro do seu coração. Como pae nenhum outro terá ensinado melhor a seus filhos o respeito pelos concidadãos e o culto da sua patria.

O consulado de Mr. Loubet ficará na historia da França como um periodo excepcionalmente benefico para a sua tranquillidade interna, para a consolidação das suas forças, e para o robustecimento do seu poderio exterior. Conseguido este triunfo, e em vez de aspirar ao prolongamento da presidencia, em que tanto se tem nobilitado, elle só deseja agora voltar ás tranquillas relações com os seus patricios da humilde communa de Montelimar, e ali acabar sereno os dias da sua prestimosa existencia.

MR. EMILE LOUBET, PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

Para nós, portuguezes, o facto mais importante da politica internacional no presente mez, é sem duvida a visita feita pelo Presidente da grande Republica latina á nossa capital.

Lisboa, honrada com a presença recente de tantos chefes de Estado, preparou-se para receber condignamente este novo e illustre visitante. D'esta vez, mais porventura do que por occasião da vinda de Eduardo VII, o coração do povo vibrou sinceramente em harmonia com os festejos officiaes.

TRATADO ENTRE A INGLATERRA E O JAPÃO

Só agora, *post pacem*, é que se tornou conhecido o texto do tratado assignado entre a Inglaterra e o Japão, durante a lucta que esta ultima nação sustentou com a Russia. A anciedade da Europa,

que tanto se sobresaltara com a noticia de que um novo convenio anglo-japonês confirmava e ampliava o antigo, está satisfeita. O texto foi publicado por inteiro, e não envolve clausulas secretas.

Por esse tratado, estabelece-se a conciliação e a manutenção da paz geral nas regiões da Asia Oriental e da India; a manutenção dos interesses communs de todas as potencias na China, assegurando a independencia e a integridade do Celeste Imperio, e o principio da egualdade ali para o commercio e para a industria de todas as nações; a manutenção dos direitos territoriaes das altas partes contratantes nas regiões da Asia Central e da India, e a defesa dos seus interesses especiaes nas mesmas regiões.

LESTE E OESTE
Caricatura extrahida do «Melbourne Punch».
JOHN BULL — *Entre os dois guardaremos de futuro a liberdade dos mares.*
A AGUIA AMERICANA — *E se precisam de mim, cá estou eu!*

As duas potencias comprometem-se a mutuo auxilio armado no caso de uma d'ellas ser atacada, sem provocação, por outra potencia.

Um dos artigos do tratado reconhece nos termos os mais claros a situação predominante que o Japão occupa neste momento e deve d'ora ávante occupar na Coréa, assim como o direito que tem o Japão de ali tomar todas as medidas necessarias para a protecção dos seus interesses politicos, militares e economicos.

A INSURREIÇÃO EM BAKU

A cidade de Baku foi ha pouco theatro de uma formidavel insurreição dos tartaros do Caucaso. Estes aproveitaram a ausencia das tropas que tinham partido para a guerra com o Japão, ou para alguns pontos sublevados do interior, e deram livre curso aos seus terriveis odios de raça, seculares e irreductiveis. O tartaro é mahometano fiel, e o culto pela sua crença attinge o fanatismo. Estabeleceu-se no Caucaso pelo acaso das emigrações, mas conservou sempre a sua lingua, as suas idéas religiosas e o seu odio. Ora, o maior rancor que o tartaro tem é ao christão, quer este seja orthodoxo ou catholico romano. As margens do Caspio contam cêrca de 1.400:000 individuos d'esta raça, muito intelligentes e trabalhadores, tendo conseguido intrometter-se em toda a industria local, quando o desenvolvimento da producção da naphta modificou as condições economicas do paiz. A este tempo emigraram para as margens do Mar Negro muitos armenios que fugiam ao dominio turco, e as agencias de trabalho collocavam-nos em Tiflis e Baku. Os armenios tinham qualidades de trabalho e sobriedade que a breve trecho ameaçavam a supremacia dos tartaros, e assim começou a lucta de interesses que depois foi confundida com a lucta religiosa. O governo russo mandou fechar as egrejas armenias onde se propagava o odio contra os tartaros; mas quando quiz que se fechassem tambem as mesquitas dos tartaros, estes revoltaram-se.

A matança entre tartaros e armenios, os bairros saqueados e incendiados, os prestitos dos revoltosos armados até aos dentes e desfraldando bandeiras embebidas no sangue dos assassinados, são espectaculo de pavor que não se descreve facilmente.

OS TERREMOTOS NA CALABRIA

A immensa catastrofe da Calabria, de que já são conhecidos todos os horriveis pormenores, produziu em todo o mundo uma impressão dolorosissima. Situada na extremidade sul da Italia, envolvida pelos vulcões Etna, Stromboli e Vezuvio, a Calabria é tambem de origem vulcanica. Desde 1700 a 1783 deram-se ali 25 convulsões terrestres. As de 1755 produziram em toda a costa abalos formidaveis, que antecederam, acompanharam e se seguiram ao violentissimo terremoto que no dia 1 de Novembro destruiu a cidade de Lisboa. As de 1783 causaram 30:000 victimas, e destruiram completamente as mais importantes povoações d'aquella região

Como em quasi todos os terremotos, os movimen-

ALTERNATIVA DESAGRADAVEL
Caricatura extrahida de «Daily Mirror».
— *O que diz o Japão: — Se eu não puder apanhar por este lado o osso da indemnidade, tenho de começar pelo outro extremo.*

A FRANÇA, A INGLATERRA E A ALLEMANHA

A FRANÇA — *Olhem que me quebram os ovos!*
Caricatura extrahida de «La Silhouette».

tos sismicos na recente catastrofe estenderam-se a enormes distancias e foram notados em todos os observatorios da Italia, fenomenos que já anteriormente eram observados por vezes, e referidos á mesma causa que determinou o terremoto e as ultimas erupções do Stromboli e do Vezuvio. O centro do movimento ondulatorio foi a cidade de Monteleone, na costa calabrêsa fronteira á Ilha de Stromboli, cujo vulcão se acha em plena actividade, obrigando os habitantes da ilha a refugiarem-se no archipelago Eolio ou Lipari. Das provincias de Reggio e Catanzaro nenhuma povoação ficou inteira e, em muitas, não resta de pé uma casa. San Procopio, quasi destruido em 1894, e já reconstruido, foi outra vez arrazado. Villas e aldeias foram reduzidas a montões de escombros, que as tropas italianas, com um ardor e uma abnegação inegualaveis, revolveram febrilmente em busca dos mortos e feridos. E tantos foram os mortos e os feridos, que só ao fim de muitos dias de buscas e diligencias, se poude estabelecer a pavorosa estatistica.

Os rios mudaram de curso, o solo rachou, fendeu-se, estalou, os sinos tocaram a rebate tangidos por mãos invisiveis, a multidão, ululante, vagueiou pelas campinas, semi-nua, esfomeada, gritando por misericordia!

MORTE DO EXPLORADOR BRAZZA

Falleceu no Senegal Pedro Savorgnan de Brazza, o celebre explorador italiano naturalisado francês. A primeira exploração emprehendida por Brazza foi a do alto Ogôué, subindo o rio até 688 kilometros da costa e alcançando as nascentes do Alima; constrangido porém pela hostilidade dos indigenas, proseguiu para o norte e veiu a descobrir o Licona. No alto do Ogôué estabeleceu uma estação scientifica e hospitaleira, denominada Franceville, que serviu de ponto de apoio para abrir a via do

O EXPLORADOR BRAZZA

Congo; outra estação identica, denominada Brazzaville, e estabelecida no proprio Congo, facilitou a acção civilisadora da França naquellas paragens.

Brazza concluiu com o Rei Makoko um tratado pelo qual este ultimo punha os seus estados sob a protecção da França, e concedia o local para o estabelecimento de uma aldeia, que foi centro de toda uma formidavel rêde de vias commerciaes. Mais tarde abriu definitivamente o caminho desde a costa até

RENOVANDO A MONARCHIA NORUEGUEZA

Caricatura extrahida do «Kladderadatsch»

PORTO DE BAKU

ao Congo, pelo Ogôué, e pelo Alima, estabelecendo uma série de muito importantes estações, completando o estudo do Ogôué, determinando a bacia do Alima, e fomentando intensamente as boas disposições dos indigenas pela França.

O celebre explorador, que foi um defensor integerrimo dos interesses da França no Continente Negro, publicou dois livros notaveis em que ficaram relatadas as suas expedições, e reunidas as suas conferencias e cartas sobre as explorações por elle realisadas no oeste africano.

Incumbido ultimamente de ir fazer uma syndicancia a actos de má administração no Congo, ali falleceu. A sua morte é por uns attribuida a febres, e por outros a um attentado dos indigenas, que eriam sido instigados pelos administradores que a syndicancia visava.

CONVIVA INESPERADO

CHINA — *Então não ha um logar para mim, visto ser eu que dou o peru?*

O COURAÇADO JAPONEZ MIKASA

Ao navio do almirante Togo, illustrado pelas victorias durante a guerra russo-japoneza, reservou o destino, já feita a paz, uma destruição tragica. Por effeito de explosão de um paiol, estando ancorado em Saseho, foi a pique no dia 10 de setembro, com a perda de 600 vidas.

Tinha 15:200 toneladas, e fôra construido nos estaleiros de Barrow, de 1899 a 1902.

A QUESTÃO SCANDINAVA

Depois da tremenda guerra no Extremo Oriente, uma outra esteve imminente mais proximo de nós; guerra fratricida entre duas nações da Peninsula Scandinava, ha um seculo unidas sob o governo de um mesmo monarcha. Os plenipotenciarios da Suecia e da Noruega, reunidos em Karlstad para tratar do divorcio dos dois estados, tiveram difficuldade de entender-se sobre duas condições importantes: o desmantelamento das fortificações da fronteira e o tratado de arbitragem. Felizmente, depois de consultados os respectivos governos, chegou-se a um accordo, e as ameaças bellicas dissiparam-se.

O futuro da Noruega ainda não está definitivamente determinado. Será monarchia? Será republica? E no

primeiro caso qual será o soberano escolhido? Desviada, segundo parece, a hypothese de um principe da casa real sueca, vogava a candidatura de um principe dinamarquez. Agora, para cimentar a concordia dos dois povos, aventa-se a ideia do principe Arthur de Connaught, irmão da princeza real da Suecia.

Seja como fôr, façamos votos para que a espada de algum potentado não desça a desatar o nó gordio.

A pequena cidade de Karlstad, onde os delegados estiveram reunidos desde 31 de agosto, tem cerca de 11:000 habitantes e é notavelmente bella e attrahente.

Está situada quasi a meio caminho entre Christiania e Stockolmo sobre o Klar Elf, extendendo-se ao longo das margens do rio no ponto em que este se lança no lago Wener. A conferencia reuniu-se no Palacio dos Maçons, na maior sala que a pequena povoação podia offerecer aos delegados. Cada delegação tinha um presidente, e cada um dos presidentes presidia alternadamente ás sessões.

O CONFLICTO AUSTRO HUNGARO

Se o conflicto scandinavo está em via de solução pelo desmembramento, outro tanto não succede com a questão austro-hungara, que ha mezes se perpetúa e que as circumstancias parecem tornar cada vez menos reductivel.

Como se sabe, a origem do conflicto é, alem de divergencias economicas entre as duas nações unidas sob o mesmo soberano, a reluctancia da Hungria em acceitar no seu exercito as vozes de commando em allemão. Baqueou um ministerio, a corôa appellou para o paiz, a urna deu-lhe uma maioria contraria, ainda debalde tentou governar outro ministerio de confiança do Imperador-Rei, e a Hungria permanece ainda n'um estado anormal, emquanto os chefes da opposição, os condes Apponyi, Andrassy e Zichy, o barão Banffy e o filho do grande patriota Kossuth, tentam, em repetidas conferencias com o monarcha, chegar a termos de conciliação.

Na conferencia realisada a 23 de setembro, o Rei apresentou um *ultimatum* que foi rejeitado *in limine* pelos representantes da coalisão hungara. A situação creada por esta ruptura é assaz melindrosa. A Hungria, quasi em peso, applaude os seus representantes, ao passo que a maioria dos austriacos dá razão ao Imperador.

O COURAÇADO MIKASA

Tudo isto leva a receiar que se esteja em vesperas de uma dissolução, que não virá talvez a operar-se pela maneira pacifica que notabilizou a scisão da Suecia e da Noruega.

MONTELEONE, RESTRUIDA PELO TERRAMOTO — ANTIGA RESIDENCIA DE CICERO

Vida na sciencia e na industria

ESTENOPHILO BIVORT

NOVA MACHINA ESTENOGRAPHICA

A estenographia alcançou ultimamente um importante progresso pela invenção de uma nova machina estenographica. É seu inventor o francês Charles Bivort, director do *Bulletin des Halles,* que apoz pacientes investigações pôde conseguir organisar um alphabeto phonetico que, applicado a uma singelissima machina d'escrever, simplifica assombrosamente a inscripção rapida da linguagem fallada.

A parte essencial do «Estenophilo Bivort» — assim se chama a nova machina — reside no alphabeto. Este não é constituido, como nas antigas tentativas da solução do problema, por signaes proprios e indecifraveis para os leigos em estenographia, mas sim por lettras do alphabeto latino, o que torna a leitura decifravel para todos e a prática estenographica de facilima aprendizagem. Bivort tomou o alphabeto latino por uma ordem differente da ordinaria, deprezou as lettras de egual som, juntou outras num só signal, formando assim o seguinte alphabeto:

SJBVEMDNLRHIAOEUIRNLS

E assim encontram-se reunidos no mesmo signal os sons BP, FV, CGKQ, DT e XZ (ultimo signal). O segundo I é empregado para representar os sons francêses em IO e OI e as ultimas lettras L, N, R e S foram repetidas por serem as mais usadas como finaes. Além destes signaes ha ainda os algarismos, os signaes das operações e tres combinações de pontos para significar 100, 1:000 e 1.000:000. Escusado será dizer que o alphabeto como está formado é destinado á inscripção de palavras francêsas; umas levissimas modificações adaptam-no a qualquer outra lingua que use o alphabeto latino.

A machina é constituida por um teclado de vinte teclas sobre cada uma das quaes se desenha uma lettra do alphabeto e um algarismo ou um dos outros signaes. Cada tecla, quando premida, põe em movimento uma alavanca que por sua vez vae actuar sobre outra que faz a inscripção n'uma fita de papel que, desenrolando-se dum tambor collocado posteriormente, se vae enrolar novamente num outro apoz feita a inscripção.

As vantagens do *Estenophilo Bivort* residem na grande facilidade da aprendizagem, na admiravel rapidez da inscripção e no completo silencio do funccionamento.

Um principiante, ainda que seja uma creança, depois d'alguns dias d'exercicio, escreve 50 palavras por minuto; em menos de dois mêses de pratica attinge-se a velocidade de 125 a 150 palavras por minuto. Uma longa pratica permitte attingir um maximo de 300 palavras por minuto, *record* que poucos oradores poderão attingir.

O *Estenophilo Bivort* é, pois, um importante e utilissimo invento.

MARIOTTE

S ÷	B %	E ::	D ∵	L ..	H Δ	I 1	O 2	U 3	R 4	L 5
J =	V .	M ×	N −	R +		A 6	E 7	I 8	N 9	S 0

O ALPHABETO DO ESTENOPHILO

O TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

No recente Congresso da Tuberculose, reunido em Paris, onde Portugal foi representado pelo dr. Antonio de Lencastre, secretario da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, um dos congressistas, o professor allemão Behring, fez declarações importantes sobre um novo tratamento da terrivel doença. Disse que no decurso dos ultimos dois annos chegou a reconhecer com certeza a existencia do principio curativo completamente differente do principio antitoxico que encontrara ha quinze annos. Este novo principio representa a acção immunisadora da vaccina de Behring, que ha poucos annos fez as suas provas para a lucta contra a tuberculose dos bovideos. Trata-se da impregnação de celulas vivas do organismo por substancia proveniente do virus da tu-

berculose, e que Behring designa por *T. C.* Quando tal substancia se tem tornado parte integrante das celulas do organismo dos animaes tratados por ella, e é metamorfoseada pela celula designada por *T. C. A.*, dá-se a reacção protectora contra a tuberculose.

Behring explicou ao Congresso quantos obstaculos teve de vencer para chegar a esta concepção da immunidade das celulas, querendo transformar a immunisação activa em immunisação passiva. E concluiu exhortando os sabios a verificarem a acção therapeutica do seu remedio, esperando que o proximo Congresso da Tuberculose, a reunir em 1908 nos Estados Unidos da America, terá a registar consideraveis progressos realisados.

UMA CREANÇA DE 7 ANNOS, ESTENOGRAPHANDO NO ESTENOPHILO BIVORT COM A VELOCIDADE DE 50 PALAVRAS POR MINUTO

CANAES DE MARTE

Quem não conhece a velha questão dos canaes de Marte? Como se sabe, muitos e illustres astronomos assignalam na topographia marciana determinados accidentes com a fórma de linhas que por toda a parte sulcam a superficie do planeta. Mas outros astronomos, como Lane, Ledger e Waiss, têm querido sustentar que taes canaes são puramente subjectivos ou puras illusões que não correspondem a uma realidade existente em Marte. Assim se tem vindo debatendo esta questão, desde ha muito tempo, sem se ter chegado a uma prova decisiva que a resolva num ou noutro sentido. Para muitos a realidade dos canaes seria até um verdadeiro escandalo, porque denunciaria a existencia duma outra humanidade que nos acompanhasse na indefinida peregrinação pelo espaço. Como se fosse dogmatico que a vida seja um patrimonio exclusivo da Terra! Mas que obsta a que Marte, este nosso proximo parente cosmogonico, albergue uma outra humanidade nossa irmã? E, sendo assim, desde que Marte está numa phase hydrologica mais adeantada que a terrestre, porque não hão de ser os canaes um meio duma irrigação methodica e immensa á superficie do planeta? Os obstaculos provenientes da ausencia de rios, da evaporação rapida e da condensação difficil são assim vencidos pelo engenho dos marcianos que nos mostram na sua vasta rêde hydraulica a grandiosidade das suas obras e uma industria a que tambem teremos de recorrer no futuro, quando as aguas superficiaes terrestres tiverem baixado em grande parte para a rêde subterranea, como o demonstra a moderna sciencia espeleologica. Os canaes de Marte devem, pois, ser como que immensos rios artificiaes por onde corre a flux e segundo as exigencias da vegetação marciana, a benefica agua proveniente do degêlo das regiões polares. E devem-no ser porque a sua realidade acaba de ser demonstrada por Lampland e Percival Lowell, illustres astronomos americanos. Emquanto que Percival Lowell fazia observações visuaes e desenhava o planeta, Lampland photographava-o, havendo completa concordancia entre o desenho e a photographia. Em dezenas de chapas ficaram visiveis muitos dos canaes anteriormente conhecidos. Egualmente deixaram nitidas imagens photographicas alguns mares e as neves do Polo Norte. Se, pois, até agora se podiam attribuir os canaes a um erro de visão, a chapa photographica, que apenas regista o que realmente existe, faz terminar o longo debate e introduz um grande progresso na topographia marciana. Os canaes existem realmente e devem portanto ser a manifestação do grande engenho — engenho impulsionado pela necessidade — dos engenheiros de Marte.

MARIOTTE

OS PROGRESSOS DO ESPERANTO

É, uma verdade — embora contradicta pelos que tudo desdenham — que o Esperanto, a maviosa lingua artificial creada pelo dr. Zamenhof, vae conquistando o logar para que foi organisada. Desfazendo prejuizos, vencendo reluctancias, derrubando emfim todos os numerosos obstaculos que a ignorancia conjugada com a má fé lhe tem levantado, o Esperanto cada vez manifesta maior vitalidade. Praticado já por milhares d'adeptos na linguagem fallada e especialmente na escripta, utilisado mesmo em obras litterarias e em algumas dezenas de revistas, umas das quaes scientificas, o Esperanto desde ha muito provara aos seus proprios inimigos quão apto era para constituir a lingua auxiliar da humanidade, ligando assim todos os homens, fallem elles as mais diversas linguas, num terreno neutro onde todos se comprehendam. Mas se a historia do Esperanto, se

a lucta sustentada pelos seus evangelisadores não bastavam ainda para fazer desapparecer atrophiadores preconceitos, o Esperanto acaba de fornecer uma

DR. ZAMENHOF, INVENTOR DO ESPERANTO

prova inilludivel da sua efficacia para a solução do problema da lingua internacional, prova que responde a todas as objecções com a subjugadora força dos factos. É o primeiro congresso internacional esperantista reunido, de 5 a 10 d'agosto ultimo, em Boulogne sur-Mer (França). O congresso foi aberto sob a presidencia do proprio dr. Zamenhof que pronunciou em Esperanto um discurso cheio de plena confiança no futuro da sua lingua e calorosamente applaudido por cêrca de mil esperantistas, entre os quaes predominavam francêses e inglêses. Os differentes discursos dos congressistas, alguns dos quaes eminentes homens de sciencia, a conversação entre pessoas das mais diversas nacionalidades, canticos e até mesmo representações theatraes, tudo emfim mostrou que o Esperanto é uma lingua admiravelmente apta para exprimir todas as relações verbaes entre os homens A extrema facilidade com que se comprehenderam pessoas dos mais differentes e mais affastados paizes mostram egualmente a inanidade da objecção fundada sobre as differenças d'accento. O recente congresso foi, pois, a consagração definitiva do Esperanto como completa solução do problema da lingua auxiliar internacional. Importa, pois, que a sua propaganda não esmoreça, para que a harmoniosa lingua de Zamenhof venha a unir brevemente todos os homens num fraterno e immenso abraço de confraternisação universal.

MARIOTTE.

O RETRATO PELO TELEGRAPHO

O ultimo prodigio de sciencia são sem duvida as propicias experiencias realizadas recentemente pelo professor Korn, de Munich, no intento de enviar photographias por via dos arames telegraphicos.

O processo do professor Korn é altamente technico.

O apparelho transmissor consta de um tubo de selenio, que gira sobre um pequeno fulcro e que é cercado por um cylindro de vidro sobre o qual se enrola a transparencia (positiva ou negativa) que tem de ser telegraphada. Atravez da transparencia passa a luz de uma lampada electrica de arco, e cae sobre o tubo de selenio n'um certo ponto, que muda constantemente de força á medida que debaixo d'ella passam as varias partes da transparencia, no movimento gyratorio.

O systema de revolução não só gyra em roda mas move-se tambem lentamente na direcção do seu eixo, de forma que todas as partes da transparencia e todas as partes do tubo de selenio passam alternadamente sob o ponto de luz.

O receptor consta de um cylindro com uma pellicula sensibilisada, gyrando e tambem movendo-se ao longo da linha do eixo, com a mesma velocidade do cylindro transmissor. Perto d'elle está uma luz, n'um tubo de vacuo, resguardada por uma substancia não actinica, a não ser n'uma fresta minuscula d'onde cae um raio de luz sobre a pellicula gyrante sensivel.

A intensidade d'esta luz é variavel e regulada pela corrente electrica, a qual por seu turno é regulada

PHOTOGRAPHIAS TRANSMITTIDAS PELO TELEGRAPHO

pela luz actuando atravez da transparencia do transmissor sobre o selenio. Todos os pontos do cylindro receptor são alternadamente expostos, e podem dar um negativo ou um positivo.

É portanto hoje possivel enviar retratos pelo telegrapho, sendo reproduzidos na estação receptora com exactidão notavel. Os dois retratos acima são excellentes exemplos dos resultados até hoje obtidos.

As Escavações de Karnak

Durante os trabalhos ha nove annos feitos por M. G. Legrain para a restauração do grande templo de Ammon em Karnak, perto de Luqsor, acaba de se descobrir um admiravel jazigo de estatuas e objectos preciosos de toda a casta pertencentes á época dos Ptolomeus. Desenterraram-se até hoje oito mil estatuas de bronze dourado, mais de quinhentas de granito, basalto, beryllo, calcareo, madeira petrificada, etc., tendo quasi todas ellas inscripções historicas. Esta descoberta é a mais importante que se tem feito no Egypto, desde a do Serapeum de Memphis por Mariette.

O Maior Aquario do Mundo

É o de New York, construido ha oito annos, e modelar sob todos os pontos de vista. Possue 3:000 peixes representando 250 especies differentes. Tem sete grandes lagos, 98 tanques de pedra, sendo quatro d'elles para tartarugas, além de um grande numero de tanques menores. Contém representantes dos principaes generos ichthyologicos desde o oceano Arctico até ao golpho do Mexico. Durante dez mezes do anno, a agua tem de ser aquecida para uso das especies tropicaes, e durante quatro ou cinco arrefecida artificialmente para outras especies.

Na lagoa circular central vêem-se tubarões e outros peixes vorazes. A' borda d'este lago ha pequenos aquarios de vidro, onde se assiste ao nascimento e á evolução dos mosquitos.

Os bichos que excitam maior curiosidade no aquario são: um bello especimen de phoca, capturado nas costas da Florida, de dimensões collossaes, que pesa cerca de 220 kilos; duas baleias brancas; uma lagosta gigantesca, com o peso approximado de 13 kilos; e uma especie de grande congro (serpente do mar).

O custeio do Aquario anda por 10:000 libras por anno. O numero annual dos visitantes regula, em media, por 1.750:000.

Ilhas fluctuantes

Nos rios da bacia do Amazonas encontram-se ilhotas fluctuantes que offerecem a particularidade de se deslocar e seguir ao sabor da corrente. A's vezes attingem dimensões consideraveis, engrossam com os troncos de arvores apanhados no caminho, arrastando a terra, e são geralmente cobertos de uma vegetação que supporta a seccura.

Egual phenomeno se dá no Zaire, onde as *ilhas de capim* embaraçam a miude a navegação.

Leões na India

Durante muito tempo, receiou-se a desapparição do leão sem juba de Guzerate (*uncia geogratensis*), a unica variedade de leão que tem sobrevivido na India asiatica. Promulgaram-se leis em favor do bicho. Só os principes e rajahs da provincia de Kathiawar é que tinham direito de caçar essas feras. Ha cinco annos, andavam por duzentos os que havia na floresta de Gir, seu ultimo habitat. O numero cresceu por forma assustadora, graças á protecção das auctoridades. Sahem agora da sua solidão, onde rareia a caça, e atacam em pleno dia as povoações circumvisinhas. No anno passado, devoraram muitos centos de bois domesticos e mataram numerosos indigenas. Os jornaes da India reclamam que se organise contra elles uma batida. Ha cinco annos a esta parte, apenas foram mortos sete d'esses leões, um pelo principe Raujitsinhji, os outros seis por occasião de uma caçada organisada em honra de uma alta personagem ingleza. Um dos leões feridos matou o prefeito de policia de Bombaim, major Carnegy. Esta tregua de cinco annos provou pelo menos que o leão sem juba não estava ameaçado de extincção total.

Perfuração do Pequeno S. Bernardo

Os francezes estão-se preoccupando seriamente com a abertura do tunnel do Simplon, á qual no nosso numero 2 consagrámos um interessante artigo. As linhas francezas vão perder uma corrente consideravel de mercadorias. A solução, em favor da qual se pronunciou o syndicato de iniciativa de Saboya, é a perfuração do Pequeno S. Bernardo, a qual interessa altamente ás regiões do centro, do sudoeste e do meio-dia de França. Os centros commerciaes e industriaes de Grenoble, Lyon, Saint-Étienne e a bacia do Loire, Saint-Nazaire, Bordeus, etc., seriam favorecidos pela linha do S. Bernardo, ao passo que a rectificação, adoptada para a linha do Simplon, aproveitaria apenas ás regiões de leste e de norte da França.

A Saude das Creanças no Japão

No Japão, a mortalidade das creanças é inferior á da Europa ou da America. As casas estão todas uns dois pés acima do solo e o ar é tão puro dentro como fóra. Não ha ninguem que não tome banho e não se lave a valer todos os dias. O extremo aceio dos japonezes é decerto uma das causas do abaixamento da mortalidade infantil.

Acção do radium sobre o systema nervoso castral

Experiencias feitas pelo professor Obersteiner sobre ratos brancos sujeitos á acção do brometo de radium, em circumstancias variaveis de tempo e de exposicão, tiveram como resultado o succumbirem todos os 34 animaes observados. Na caixa onde os mettiam, os ratinhos permaneciam encolhidos, sentados nas patas posteriores, de olhos fechados. Tinham uma tremura contínua, a respiração accelerada e laboriosa. A morte era geralmente precedida de suores e paraplegia.

As lesões verificadas pela autopsia, são attribuidas pelo sabio professor a perturbações circulatorias e metabolicas.

REGATA DE 26 DE SETEMBRO — LARGADA DAS CANÔAS DA PICADA
Cliché Benoliel

Vida no Sport

REGATAS DE CASCAES

COM um tempo esplendido, verdadeiramente apropriado, realisaram-se no primeiro domingo de outubro as annunciadas regatas de Cascaes, promovidas por uma commissão em honra de Suas Majestades.

As corridas dos barcos de vela, muito bem organisadas e dirigidas, foram coroadas do melhor exito. Anciosamente esperada era a dos *schooners* de mais de 50 toneladas, primeira do programma, que apresentava o enorme atractivo de correrem pela primeira vez em competencia os dois melhores *racers* portuguezes, *Maris Stella* e *Elisa* contra o *cruizer Dinorah*, até ha pouco considerado invencivel no nosso meio. Dos tres barcos que corriam em *handicap*, a victoria pertenceu ao *Maris Stella*, adquirido ultimamente por Sua Majestade El-rei em Inglaterra, onde na ultima temporada mostrou as suas admiraveis qualidades nauticas, classificando-se em primeiro logar em quasi todas as regatas em que tomou parte. Em Cascaes fez as 30 milhas de percurso em 4 horas e 42 minutos, o que dá a velocidade media de 6,3 milhas a hora, magnifica em vista do pouco vento que soprava.

O *Elisa* e o *Dinorah* são egualmente dois bellos barcos, veleiros e elegantes, motivos que tornariam esta corrida verdadeiramente interessante, se não tivesse como principal interesse o facto de Sua Majestade El-rei se ter dignado correr a bordo do *Maris Stella*, o que foi para os membros da commissão e para os seus competidores uma honra por todas as razões excepcional.

Todas as outras corridas foram bem timonadas, o que contribuiu para tornar estas regatas de vela as mais brilhantes que se teem realisado em Cascaes. A notar, apezar de tudo, a largada do *cutter Maria Luiza* na segunda corrida, que foi soberba.

A bahia presta-se admiravelmente á realisação de corridas de barcos de vela; outro tanto não succede ás de remos, — *guigas*, *pic-nics* e *outtriggers*, — que teem de correr a uma enorme distancia da praia, distancia tão grande que os que procuram seguir as phases da lucta desde o começo, teem de se contentar com o vêr a chegada, ficando comtudo sem saber qual o vencedor pela difficuldade de distinguirem as tripulações. D'ahi a frieza notada nos assistentes que vão debandando a pouco e pouco e deixando a praia deserta ás ultimas corridas, que acabam quasi noite pelos enormes intervallos que as separam. Tem sido este o resultado de corridas realisadas em taes condições; foi este o resultado das corridas de remos

REGATA DE I DE OUTUBRO — «ORION»
Cliché A. Lima

realisadas no primeiro domingo de outubro em Cascaes. As regatas anteriores deveriam ter servido de lição aos organisadores de festas d'esta ordem, para que pensassem sómente em barcos de vela e deixassem as corridas de remos para serem levadas a effeito em logares em que possam ser observadas de perto, como succede ao longo das muralhas do Tejo, onde se realisam annualmente as provas da Taça Lisbôa. Ahi é que a lucta pode ser observada em todas as suas phases, o que contribue immenso para levantar o *rowing* em Portugal ao logar que deve occupar pelas magnificas condições naturaes que os nossos rapazes possuem. Regatas de remos realisadas nas condições das de Cascaes dão, como propaganda, resultados contraproducentes; não servem como diversão; e pelo lado do valor sportivo... havia muito a dizer.

REGATA DE 6 DE SETEMBRO — CANOAS DA PICADA NA BAHIA DA CABEÇA DO PATO
Cliché Benoliel

REGATA DE I DE OUTUBRO — «ELISA»
Cliché A. Lima

As festas terminaram com o baile e cotillon no Sporting Club, precedidos da distribuição de premios aos vencedores, distribuição feita por Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso.

As regatas realisadas em 26 de setembro tambem foram magnificas, mas a estas sómente concorreram barcos tripulados por profissionaes.

Correram *canôas da picada* e *canôas de latino das muletas do Seixal*.

A primeira largada foi a *das canôas da picada* para que estavam inscriptas as seguintes: 20 *de Janeiro, Emilia* 1.ª, *Restauradora, Flôr de Setubal, Africana, Leonor* 1.ª, *Leonor* 2.ª, *Nova Julia d'Almeida, Rita* 1.ª, *Maria, Bonita União, Dois Garotos, Julia* 1.ª e *Adelina Cara*.

A victoria coube á *Nova Julia d'Almeida*, depois de uma lucta renhidissima com a *Emilia* 1.ª graças a uma correcta manobra do seu timoneiro.

Para a corrida das canôas do Seixal estavam inscriptos 3 barcos — *Nova Andorinha, Andarilha* 1.ª e *Senhorinha* — ganhando a *Nova Andorinha* o premio de 100$000 réis.

RECORD DE PIANISTA

Um pianista, George Sherry, parece que executou no piano sem interrupção mil cento e dois trechos. N'essa sessão, que durou 26 horas e meia, o precedente campeão, chamado Waterburgo, foi batido por meia hora. Esta façanha pertence ao *sport*, não tem decerto nada que vêr com a arte.

REGATA DE I DE OUTUBRO — «MARIS STELLA»
Cliché A. Lima

Vida nos campos

OUTUBRO NOVEMBRO

Os trabalhos do campo seguem-se uns aos outros de forma que quem d'elles se occupa com dedicação tem todo o anno que fazer, qualquer que seja a especialidade da sua producção.

No campo — É depois das primeiras aguas, que amaciam as terras, que a charrua melhor entra com ellas para virar de baixo para cima a camada aravel.

O sol é o primeiro fertilisador da terra e é depois de receber a sua influencia que ella melhor produz. É por isso que as lavouras no secco, quer dizer, antes de começar as chuvas, melhor resultado dão, devido a durar mais tempo a acção do sol, até que comece o inverno. O trabalho então é mais penoso, mas mais util.

O mais vulgar porém é agora charruarem-se as terras que deram a sua colheita, mesmo porque n'este tempo é que se começa a tratar das sementeiras segundo o estado do tempo.

Na vinha — Pouco se faz agora na vinha, por todo o viticultor estar preoccupado com os trabalhos da vinificação. N'esta epoca vae terminando a fermentação do mosto, o desdobramento do assucar e a formação dos vinhos que no começo do mez de novembro já dão prova. No dia de S. Martinho, 11 do mez, já costuma haver vinho novo!

No jardim — N'esta epoca tambem se devem cavar os jardins remechendo a terra o melhor possivel á volta das plantas, e misturando-lhe os estercos de curral.

É agora que devem ficar enterradas as plantas bolbiferas, taes como rainunculos, jacintos, junquilhos, anemonas, etc.

Tambem é nesta occasião que se podam as rozeiras enxertadas, e em principio de novembro que se deve semear esta encantadora planta, a primeira dos nossos jardins.

Florescem n'este mez os crysanthemos, ou despedidas de verão, flores que por serem abundantes, vistosas, de enorme variedade, e apparecerem n'uma época em que poucas outras flores ha, se tem tornado muito estimadas e dignas do capricho com que os jardineiros e amadores teem conseguido a multiplicação das suas variedades.

Esta planta semea-se na primavera.

As plantas são dispostas em vasos, ou no chão com um afastamento de 30 a 40 centimetros. Os rebentos lateraes são cortados uma vez em junho, outra em julho, outra em agosto, para que concentre no topo da haste toda a força para a producção da flor, que se pode assim obter de qualidades admiraveis.

CHOCADEIRA ARTIFICIAL

A criação de gallinhas constitue uma das distracções mais uteis para uma dona de casa durante os ocios de provincia.

A difficuldade de se obterem sempre boas gallinhas chocadeiras e criadeiras, deu origem á ideia de se fabricar um apparelho que as substituisse com vantagem, e é d'esse apparelho hoje muito vulgarisado na America, em França e mesmo no norte do nosso paiz, que aqui vamos fallar.

A chocadeira ou incubadora artificial consiste em uma caixa sobre quatro pequenos pés, que a isolam do chão; dentro d'ella acha-se uma especie de tabolleiro, dentro do qual se estende uma certa quantidade de ovos. Ao lado da caixa ha um candieiro que aquece uma porção de agua encerrada n'um deposito sobre os ovos. Estes recebem assim o calor nas mesmas condicções em que o receberiam da gallinha. Essas condições são mantidas pela fórma seguinte: os ovos ficam collocados no taboleiro, que é de rede para que o ar possa renovar-se em volta d'elles, o que succede com a gallinha. No candieiro ha uma chaminé que dá sahida livre ao calor da chamma. Essa sahida póde porém ser interceptada pelo metallico (veja-se a fig. na pag. seguinte) que assim obriga a corrente do ar quente a escapar-se por fóra da chaminé, junto ás paredes do deposito da agua elevando assim a temperatura d'esta.

Dentro da camara onde estão os ovos ha um supporte K que sustenta um disco ou lentilha de cobre ôcca e fechada dentro da qual está encerrado um gaz muito expansivo. Quando na camara o calor sóbe a um certo ponto, a lentilha augmenta de volume, devido a dilatação do ar que encerra e com isso levanta pela haste G a alavanca D que fica na peça F, suspende o disco destapando a sahida livre da corrente d'ar quente que assim deixa de passar junto das paredes do deposito, e por conseguinte deixa de o aquecer. Por tentativas chega-se a afinar estes movimentos, á vista do thermometro dentro da camara,

CHOCADEIRA ARTIFICIAL

e por meio do parafuzo C e do peso B a um tempero correcto de calor perfeitamente mantido durante o tempo necessario. A mesma quantidade de agua

SECÇÃO DE UMA CHOCADEIRA

chega para uma incubação. O oleo do candieiro pode facilmente renovar-se. O ar é mantido com a necessaria humidade pela cooperação da agua embebida por uma esponja, mettida num pequeno tubo horisontal perfurado, dentro da camara. E finalmente os ovos, são diariamente rolados no taboleiro para mudarem de superficie aquecida, como quando são chocados pela gallinha.

Ha chocadeiras comportando desde 50 ovos até 500.

Escolhendo bem os ovos, a percentagem de falhas na chocadeira artificial é muito insignificante, e para este assumpto chamamos a attenção das boas donas de casa que vivendo no campo com isto podem criar uma industria muito interessante e util.

Como complemento a este apparelho, ha outro aquecido pela mesma fórma e disposto de maneira que possa servir de criadeira artificial, para substituir ainda a gallinha na criação dos pintainhos.

Este apparelho, de grande utilidade domestica, póde egualmente prestar-se para uma importante exploração industrial, em que podem interessar-se as donas de casa, juntando assim o util ao agradavel. O commercio dos ovos póde attingir um desenvolvimento consideravel, como se prova pelas estatisticas de alguns paizes, sobretudo no norte da Europa.

Vida na arte

UMA PEÇA DE MOUNET-SULLY

Os louros de Sarah Bernhardt, se bem como autora não fossem muito viçosos, excitaram, segundo parece, o seu collega Mounet-Sully. Annuncia-se uma peça d'este illustre actor, feita em collaboração, sob o titulo *A Velhice de Don Juan*, a qual deve ser representada no Theatro Francez, sendo o papel do protogonista desempenhado pelo auctor.

O assumpto parece realmente interessante. O typo de D. João, meio cavalheiresco meio picaresco, já tratado por tantos escriptores insignes, Tirso de Molina, Molière, Byron, para não citar outros, tendo inspirado a musica genial de Mozart, já morto pelo nosso eminente poeta Guerra Junqueiro, resurgirá porventura admiravelmente no tablado, sob a figura ainda esbelta de Mounet-Sully, se acaso as suas faculdades de invenção litteraria corresponderem ás suas brilhantes qualidades, já de sobejo reconhecidas, de creação artistica.

UMA ESTATUA EM PERIGO

Junto da estatua de Frederico o Grande, que existe em Washington, perto da residencia do Presidente da Republica norte-americana, foi collocada uma bomba de dynamite. Um negro, de nome Jorge Ellis, passando por deante da estatua, viu a bomba, e embora conhecendo o perigo que poderia correr approximando-se d'ella, foi buscal-a, entregando-a depois á policia. Sabedor d'este facto, o Imperador Guilherme da Allemanha quiz recompensar o negro, e enviou-lhe um rico relogio, em que mandou gravar o monogramma imperial. O presente acaba de ser entregue a Jorge Ellis pelo Ministro da Allemanha em Washington.

MORTE DO TENOR TAMAGNO

Morreu o celebre tenor Tamagno, com cincoenta e cinco annos de idade. Era universalmente conhecido. O seu primeiro grande exito data de 1873, no theatro Bellini, em Palermo. Depois, a sua carreira artistica foi constantemente cheia de triumfos incomparaveis. Percorreu toda a Europa e toda a America, sollicitado sempre com um enthusiasmo que elle fazia pagar caro, exigindo quantias fabulosas por cada contracto que realisasse. Só a Patti tem ganho tanto como Tamagno chegou a ganhar pelo canto.

O TENOR TMAAGNO

A fortuna que o famoso tenor italiano deixa é avaliada em quatro milhões de francos.

Dizia-se que Tamagno era avarento. Agora se averigua que não, parecendo certo que distribuia avultadas quantias por artistas pobres, mas gostando de o fazer sem alarde. Todos os seus lucros, durante os ultimos oito annos que cantou em Italia, tiveram esse destino.

Era afinal de contas um benemerito.

Variedades

FALSIFICAÇÃO DOS ALIMENTOS

AVISO ás nossas auctoridades sanitarias!

Em 2:890 amostras de generos e liquidos diversos analysados no laboratorio municipal de Paris durante o mez de junho, encontraram-se apenas 1:387 boas! 1:019 eram soffriveis, 484 más. Em 773 amostras de leite, havia só 76 boas, 578 eram soffriveis, 119 más. Em 617 amostras de vinho, 341 eram soffriveis, 159 más, 117 boas. As cervejas são mais felizes: havia 13 boas, 18 soffriveis, e 2 más. Nos vinagres, 1 bom, 9 soffriveis e um mau. Os queijos e as manteigas são melhores: ha só 8 maus em 248. As aguas e os gelos: 140 amostras boas em 210. Os kirschs e espirituosos diversos: 114 bons em 136. As carnes e conservas: 138 boas em 163.

ESTANCAMEMTO DAS CASCATAS DO NIAGARA

OS americanos começam a preoccupar-se, sob o ponto de vista pittoresco, com a multiplicação das installações hydro-electricas nas cascatas do Niagara, sobretudo n'este momento em que voga a ideia de se obter auctorisação para arrancar mais meio milhão de cavallos a este desaguadouro dos grandes Lagos. O chefe do serviço geologico no Estado de New York officiou recentemente que, quando se tiverem desviado do Niagara 2:400 metros cubicos por segundo deixará de existir a grande catadupa americana.

UMA EXPLOSÃO DE 11:700 KG. DE DYNAMITE

ESTA massa formidavel de explosivo foi empregado para fazer desabar um lanço de rocha, de 120 metros de altura, que margeava o Danubio em Greifenstein. Tinha sido distribuida por tres camaras subterraneas dispostas á distancia de 40 metros umas das outras, ao sopé d'uma muralha enorme. Em cada uma d'ellas não havia menos de 150 caixas de 25 kilos, alem das caixas com detonadores e fardos de enchimento. Foi por meio da electricidade que se deu fogo á mina. No mesmo instante, desabaram 180:000 metros cubicos de rocha, e nos dias seguintes ainda ruiram mais 100:000 metros cubicos. O preço por metro cubico não excedeu 30 réis.

BARATEAMENTO DA FRANQUIA POSTAL

EM França projecta-se fixar em 10 centimos, para o serviço do interior e para as relações com as colonias francezas, o porte das cartas por cada 15 grammas ou fracção de 15 grammas. O Conselho Federal Suisso tenciona propôr no proximo Congresso da União Postal que a franquia das cartas para o extrangeiro seja fixada em 25 centimos para um peso de 18,5 grammas, em logar de 15 grammas e que a franquia minima dos documentos commerciaes se reduza de 25 a 10 centimos.

CONSCIENCIA DE CÃO

UM caçador principiante possuia um cão soberbo, que nunca falhava no apanhar da caça morta ou ferida.

Um dia o dono, cuja pontaria deixava muito a desejar, atirou a um coelho que atravessava inesperradamente o atalho, e ouviu em seguida um uivo doloroso.

Logo depois, appareceu o cão, trazendo na bocca um objecto negro, que depoz cuidadosamente aos pés do dono. Era a propria cauda que o animal tinha apanhado!

A PRODUCÇÃO DA PLATINA NO MUNDO

AO passo que as minas do mundo dão annualmente perto de 500:000 kg. d'esse metal precioso que se chama ouro, a producção total de platina não excede seis a sete toneladas.

A EVOLUÇÃO DA MACHINA FALANTE

Impressões de theatro

(Cartas a um provinciano e notas sobre o joelho)

por Joaquim Madureira

(Braz Burity)

É este um dos mais soberbos livros de critica que entre nós se teem publicado, com relação a assumptos theatraes. Nos paizes em que o theatro é a grande escola dos costumes, acompanhando-se o seu progresso e a sua evolução, livros d'estes são sempre acolhidos com enthusiasmo. A critica analysa-os, aprecia-os, identifica-se com elles. Entre nós, são raros trabalhos d'esta ordem, reveladores de muito estudo e d'uma conscienciosa analyse.

Por isso, julgamos ter prestado um optimo serviço á litteratura portugueza, lançando no mercado este livro, escripto com o calor d'uma convicção sentida, como contribuição de alicerces e repositorio de materiaes para a historia dos movimentos dramaticos — ramo e factor da historia do pensamento, dos costumes e da civilisação atravez dos tempos e das raças.

1 vol. de perto de 500 pag., com 180 caricaturas — 1$000 réis.

Recordações e viagens

por Anthero de Figueiredo

É um dos bons livros, destinado a enriquecer uma litteratura. O auctor, em paginas cheias de vida e de animação, descreve-nos as suas viagens, fazendo deslisar pela nossa vista, primeiro os aspectos multiplos da City; depois os encantos da Franconia; Capri, a ilha de golpho de Napoles, onde Tiberio passou os seus ultimos annos; Davos-Platz, Biarritz, o valle do Tet no Rossilhão, e tambem descripções soberbas de coisas nossas, como o Bom Jesus do Monte, Unhaes da Serra, e o nosso Minho, tão cheio de encantos e de poesia.

É um livro cujas paginas se lêem e relêem, e onde o auctor nos revela, a par do seu talento privilegiado, um espirito analytico não muito vulgar.

1 vol. de perto de 300 paginas — 600 réis.

A farça

de Raul Brandão

O livro *A Farça*, que a critica apreciou mui lisonjeiramente, é uma paisagem dolorida, feita n'uma tela de sentimento, á luz da verdade, velada muito ao de leve por um manto de ideal. É um quadro d'alma scintillante de côres, mas que, d'onde em onde, se esmaecem n'um anceio ou se fortalecem gritando em vibrações passionaes de amor. E todas as suas figuras se erguem deante dos nossos olhos extasiados; identificamo-nos com ellas, acompanhamol-as em todos os soffrimentos; confundimos com as nossas as suas gargalhadas, revoltas, desprendidas do coração, quando elle sonha, livre dos pesadellos mortificantes da dôr.

Em todo o livro se revela o temperamento malleavel, brilhante, subtil de ironia, finamente observador, com todas as qualidades d'um estylista vigoroso e fundo, de Raul Brandão.

1 volume de 224 pag. 600 réis.

Parabolas

Para as mães portuguezas

por Antonio Correia de Oliveira

Foi um dos livros a que a critica portugueza e brazileira teceu mais justos e rasgados elogios. O livro *Parabolas* não faz mais do que evidenciar o talento do seu auctor, já comprovado em outras obras, como os poemas *Auto de Junho* e *Ara*. Tem paginas de amor e de saudade, onde o sentimento esvoaça em ondas de tristeza, e com razão disse um critico referindo-se a este trabalho:

«A alma portugueza, essa que não reconhece céo mais lindo nem terra mais fresca do que a que lhe coube por berço, está cheia de vida n'este livro.»

1 vol. encadernado, 700 réis.

Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, Calçada da Gloria, 5

SERÕES

N.º 5 — Novembro de 1905

SUMMARIO:

LIVRARIA EDITORA FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (87 illustrações)

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil		Estrangeiro	
Anno	2$200	Anno (12 numeros)		Anno (12 numeros)	
Semestre	1$200	Moeda fraca	12$000	Frs.	15,00
Trimestre	600				

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos SERÕES

Tal tem sido o acolhimento generosamente concedido aos *Serões*, que em breve nos veremos obrigados a reeditar todos os numeros publicados, como fizemos ao 1.º e ao 2.º Isso explica a demora que possa haver de futuro na satisfação das repetidas encommendas com que nos honram.

Para obviar a esse percalço, e corresponder á acceitação da revista, que realmente excedeu as nossas mais lisonjeiras previsões, vamos augmentar a tiragem dos numeros seguintes. E reiteramos os nossos agradecimentos não só aos leitores em geral, mas tambem a todos os nossos agentes e outras pessoas que, por qualquer forma, teem contribuido para a prosperidade dos *Serões*. Egualmente testemunhamos em circular o nosso reconhecimento a todos que, verbalmente ou por escripto, nos teem felicitado ou elogiado.

As nossas illustrações da Universidade

O sr. Borges, de Coimbra, pede-nos que declaremos que não pertencem aos srs. Biel & C.ª todas as photographias com que temos enriquecido os artigos sobre a Universidade, devidos á penna do insigne escriptor sr. Manuel da Silva Gayo. Essa declaração parece-nos desnecessaria, por isso que não afirmámos terem *todas* as photographias aquella proveniencia. No emtanto, folgamos em declarar que algumas d'ellas pertencem á papellaria Borges, de Coimbra, a quem agradecemos egualmente a valiosa contribuição.

A um purista

Escreve-nos *um leitor*, notando a incorrecção com que vertemos a palavra ingleza *indemnity*, a pag. 360 do nosso magazine. Tem o purista todas as apparencias de razão. *Indemnity* significa realmente *indemnisação*, e seria essa pelo menos, no caso sujeito, a tradução mais correntia. Mas o leitor vae demasiado longe, attribuindo a ignorancia a escolha do termo. Foi realmente precipitação. Mas dir-lhe-hemos comtudo que não ha erro. *Indemnidade* póde ter tambem o mesmo significado que *indemnisação*, como s. ex.ª poderá verificar nos diccionarios mais autorisados. E por esta forma, somos nós que nos permittimos devolver-lhe o *quinau*.

Quebra-cabeças

Onde irá parar?—Ora até que emfim, nos chegam duas soluções exactas d'este nosso problema do 1.º numero!

Eis a que nos envia X Y Z, a qual transcrevemos na integra:

«O navio que partisse d'um ponto do equador e caminhasse sempre em rumo invariavel nord-este descreveria uma espiral sobre a superficie espherica com a propriedade de em cada um dos seus pontos a tangente ser a linha nord-este d'esse ponto.

Esta curva tenderia para um limite que seria o polo Norte, sendo as espiras, bem entendido, cada vez mais apertadas, não podendo nunca attingir o polo.

Suppõe-se que não ha influencias que produzem modificações ou desvios na direcção de agulhas».

A outra solução, tratada com todo o rigor mathematico, foi-nos enviada pelo sr. Justiniano Esteves. Não a transcrevemos agora na integra, porque nos faltam de improviso as figuras com que a illustra. Fal-o-hemos para o proximo numero, visto que é realmente curiosa para os mathematicos, que terão ensejo de a discutir.

Baste-nos por agora apresentarmos a conclusão, exactissima segundo o nosso modo de ver:

«O navio descreve uma especie de espiral em torno do polo, approximando-se continuamente d'elle sem nunca o attingir, dando um numero infinito de voltas em torno da esphera».

Já depois de estar na machina o nosso numero chegam-nos outras soluções d'este mesmo problema, que naturalmente não teem já cabimento.

Enigma.—Foi resolvido pelos srs. José Martins Barbosa, Bohemio de Arazede, X. Psilonn, Jovita Grandal e dois sextanistas do lyceu.

Estes ultimos enviaram-nos a solução na seguinte quadra:

Um sujeito habilidoso
Disse: O Sá é *sachristão,*
E eu com toda a franqueza
Tambem não digo que não.

Perguntas exquisitas.—A resposta á primeira é a lettra M, como indicaram X. Psilonn, sr. José Martins Barbosa, Bohemio de Arazede. Os dois alludidos sextanistas dizem não conhecer momento como medida de tempo. Mas quem lhes disse que era?

A segunda pergunta é uma *catch-problem,* como dizem os inglezes, ou armadilha ao pensamento, como diriamos nós. Um kilo, seja de que materia fôr, pesa sempre um kilo, e é escusado vir com complicações sobre o peso desegual no equador ou nos polos, como fizeram os mesmos sextanistas, amiguinhos, como rapazes, de alardear sciencia. Nem vale a pena mencionar os que acertaram na resposta.

Para guarnecer um vestido.—Precisava a tal senhora 80 metros, como muito bem affirmaram X. Psilonn, os dois sextanistas, Matuto e sr. José Martins Barbosa. É um problema algebrico, facil de pôr em equação.

Qual é a edade?—O sujeitinho nasceu a 7 de junho de 1842. Affirmam-no Matuto, X. Psilonn, os dois sextanistas.

Uma distribuição intrincada.—Os sobrinhos são 8, e as sobrinhas 6. O quinhão de cada um dos primeiros foi 52$500 réis, e o de cada uma das segundas 70$000 réis. Deram no vinte os dois sextanistas e X. Psilonn. Os outros decifradores enganaram-se, como poderão verificar fazendo a conta.

Um par de matutos

Um correspondente, cujo nome é inutil citar, reclama para si o privilegio do pseudonymo *Matuto,* que elle affirma ter illustrado ha muitos annos com decifrações para varias folhas que cultivam a especialidade, queixando-se de que outro cavalheiro lhe tivesse surripiado a prenda. A não ser que o queixoso nos apresente diploma de marca industrial, passado na repartição competente, é-nos impossivel garantir-lhe o privilegio. Mas, para conciliar as cousas pediremos ao novo *Matuto,* que nos tem enviado decifrações, o obsequio de se differençar do primeiro, appendendo ao seu titulo charadistico uma particula qualquer, como por exemplo *Segundo. Matuto Segundo* ficaria talvez a preceito, que lhes parece? E não se correria o risco de confundir as duas individualidades, attribuindo ao usurpador honras que só pertencem ao primitivo possuidor do titulo.

É o mais que podemos fazer, dar este conselho, acrescentando votos para que o sigam.

A faiança de Massarellos

Do nosso presado collaborador e amigo sr. José Queiroz recebemos a seguinte carta:

Meu caro amigo:

Visto a folha já estar impressa e não poder fazer-se a emenda, que é indispensavel, no meu artigo sobre a Faiança de Massarellos, peço-lhe o especial favor de juntar ao numero dos *Serões* se ainda vae a tempo, o seguinte:

Na passagem em que attribuo á alludida fabrica a prioridade da producção da faiança em Portugal, onde se lê: *a mais antiga de que ha conhecimento a produzir louça de esmalte estanifero,* deve lêr-se: a *mais antiga, do seculo* XVIII, *de que se conhece uma peça authentica.*

Por esta rectificação, muito grato lhe ficará o

Seu amigo e admirador
José Queiroz

LEQUE DE RENDA PORTUGUEZA

OFFERECIDO A MADAME LOUBET, ESPOSA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA, PELA COLONIA FRANCEZA DE LISBOA. DESENHO E EXECUÇÃO DO ATELIER DE RENDAS DA SR.ª D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

Um primoroso trabalho, que vae decerto encarecer na capital do bom gosto a fama da industria das rendas em Portugal, elevada a tal perfeição pelo esforço persistente e delicado talento de uma insigne artista.

Emilia Adelaide

Recordações de Theatro

Há pouco mais de dois mezes, n'uma tarde quente do fim do verão, ia-se arrastando, caminho do cemiterio dos Prazeres, um pequeno enterro — ao todo umas oito carruagens, incluido o coche com o cadaver e a berlinda dos padres.

Era o prestito funebre da actriz Emilia Adelaide.

Que desillusão para os curiosos, que foram esperal-o á passagem, instigados pelas laconicas noticias de um ou outro jornal!... Quasi nenhuns representantes da litteratura e do theatro; sómente uns amigos velhos, que tinham conhecido a actriz nos tempos aureos, e que talvez de si para si fossem dizendo que se a morte a houvesse prostrado, quando vibravam ainda as enthusiasticas ovações da *Morgadinha de Valflor* e da *Fernanda*, Lisboa inteira acompanharia o cortejo, e a tristeza enluctaria todos os semblantes, conforme succedeu, ha um anno, com a encantadora Suzel do *Amigo Fritz*.

EMILIA ADELAIDE AOS 20 ANNOS

E todavia Rosa Damasceno, pela indole especial dos seus papeis, nunca exerceu nas multidões predominio comparavel ao de Emilia Adelaide, porém cahiu logo depois da batalha, ao passo que a sua antiga collega e amiga entrou na morte como soldado, que, entre os feitos heroicos e a derradeira viagem, estivesse recolhido n'um hospicio de invalidos.

Emilia Adelaide tanto prevía o que succedeu, que nos ultimos annos da vida a sua grande magoa era o sentir-se envolvida pelas sombras do esquecimento.

— Ando por toda essa Lisboa, e já ninguem me conhece! dizia ella ha uns mezes a Maria das Dôres, uma das collegas que nunca deixaram de a visitar.

E na ancia de recuperar a antiga realeza, estava sempre imaginando planos para voltar para o theatro, em Portu-

EMILIA ADELAIDE AOS 22 ANNOS, COM SUA IRMÃ

gal ou no Brazil. Umas vezes, intentava formar emprezas, não pensando que esta velleidade, que já lhe tinha sido funesta, poderia arrebatar-lhe as economias, que, junctamente com a pensão de reforma, lhe permittiam viver com todos os confortos. Outras, queria encorporar-se em alguma companhia dramatica, mas tão depressa parecia disposta a fazer «papeis centraes», isto é, os adequados aos seus sessenta e tantos annos, como pretendia reapparecer n'uma das personagens em que mais se fizera applaudir.

Coitada! Não percebia que, dos espectadores perante quem apparecesse agora, poucos seriam os que já a tivessem visto, e que estes mesmos difficilmente lhe perdoariam os estragos do tempo, e talvez, achando-a muito outra, chegassem até a desconfiar da justiça dos seus antigos applausos.

Foi bom para ella, certamente, que não conseguisse realisar semelhantes ideias.

O que havia de mais doloroso era ouvir-lhe as sonhadas phantasias — digo-o por experiencia propria.

Em todas as visitas que lhe fiz, sempre me falou do predilecto assumpto.

Escutava-a, e sem querer ia notando tristemente que o rosto lhe perdera a primitiva belleza, e a voz o agradavel timbre e frescura; que nem os proprios olhos eram já capazes da antiga expressão, pisadas e intumecidas as palpebras inferiores, profundamente cavadas as olheiras; que rareara o cabello, e mais edosa a fazia parecer de aloirado por qualquer tintura.— No ultimo anno de vida, Emilia deixou-se d'esta innocente *coquetterie*, e ficou sendo uma «bonita velha».— Via-a assim, ouvia-lhe os projectos impossiveis, e os meus pensamentos embrenhavam-se no passado longinquo, remontavam ao tempo em que nos theatros da Trindade e de D. Maria as platéas acclamavam delirantemente a radiosa actriz.

Na sala onde estavamos, havia um grande retrato a oleo, figurando Emilia Adelaide em plena mocidade, com todas as galas da formosura.

A tela esplendida contribuia poderosamente para aquella evocação.

*
* *

Foi na peça de abertura do theatro da Trindade que a vi pela primeira vez.

O seu talento já era então reconhecido por todos ou quasi todos. Accrescento o adverbio por amor dos apaixonados de Emilia das Neves, um dos quaes, e ferventissimo, foi José Ribeiro Guimarães, o *Guimarães do Jornal do Commercio*, como era geralmente designado.

Estes conservaram-se ainda por mais tempo costumazes na cruel negativa.

Emilia Adelaide tinha tido um longo noviciado artistico, durante o qual fizera papeis de minima importancia, como foi, por exemplo, o de uma convidada, que entra no primeiro acto da *Vida de um rapaz pobre*, tão insignificante que ordinariamente é supprimido nos theatros de companhias não muito numerosas.

Desde a sua estreia na comedia *A chavena quebrada*, até se representar

o drama *La belle au bois dormant*, vertido por Francisco Palha com o titulo de *Nobres e plebeus*, não parece ter sido muito prospera a carreira de Emilia Adelaide. A sua primeira victoria foi n'esta peça de Feuillet, especialmente por causa de uma transição primorosa, que lhe valia applausos tão sinceros como os que no mesmo drama recebia Manuela Rey, então no auge da sua gloria artistica, d'ahi a pouco truncada pela morte.

Emilia tambem se fez notar, antes de se representar os *Nobres e plebeus*, no drama de George Sand *Os fidalgos de Bois-doré*, n'um papel *travesti*, a que dava todo o garbo e gentileza.

Por este tempo tinha já entrado no desempenho da *Historia de um pataco*, succedendo-lhe, em certa noite, uma fatalidade, que fez rir o publico, os collegas e a propria actriz.

Tinha que dizer «Creio que serei grata», mas confunde-se e diz, com grande convicção «Creio que serei gata». Cahe em si, quer emendar e balbucía varias phrases, menos a que devia dizer.

Como não daria largas depois d'isto, ao seu *tic* habitual de arrepanhar com os dedos a face direita, perto da commissura dos labios! Chegou a trazer pisada a porção de pelle que segurava com os dedos. A' força de absorver-se n'esta preoccupação inconsciente, não reparava nas demais pessoas e ás vezes deixava de falar mesmo áquellas com quem tinha relações affectuosas. O que valia é que ninguem, que lhe soubesse do inveterado habito, lançaria á má parte aquellas distracções.

Da sua primeira passagem pelo palco de D. Maria, falo apenas de outiva. D'ali sahiu com outros artistas, acompanhando Francisco Palha, que tinha, no cargo de commissario regio, dado áquelle theatro épocas de extraordinaria prosperidade. O talentoso poeta e escriptor theatral levou esses actores e outros que lhes aggregou, para a Rua dos Condes e depois para S. Carlos, visto não estar prompto o theatro da Trindade, que elle mandara construir, e que veiu a abrir com a *Mãe dos pobres*, drama original de Ernesto Biester, que muitos annos viveu em intimidade com Emilia Adelaide, para

AOS 24 ANNOS

quem escreveu grande numero de papeis, amoldando-os perfeitamente á indole artistica da interprete, o que foi um importante factor para que ella progredisse e vencesse.

Não vem a pêlo discutir aqui o merito d'este dramaturgo, que deixou vasto repertorio, hoje esquecido. Teve interpretes soberbos, aos quaes deveu grandemente o exito das suas obras.

Vendo o nome de Biester constantemente no cartaz, os invejosos iam além do que é permittido a quem se preza de honesto, e juntavam á critica despiedosa a calumnia, dizendo, por exemplo, que todas aquellas peças eram corrigidas, limadas, refeitas por Mendes Leal, cunhado do auctor.

Emilia Adelaide disse-me a este respeito:

— Creia que era uma perfeita falsidade. Não o digo movida pela gratidão que devo ao Biester, mas pelo amor á verdade. As peças que se representa-

ram com o nome d'elle, boas ou más, eram d'elle unicamente.

A Luiz de Araujo, no dia do enterro da actriz, ouvi o seguinte:

— Quantas vezes, estando eu em casa d'ella, o Biester, á nossa vista, escreveu scenas e scenas, que leu a nós ambos e que d'ali a pouco vi representadas!

«NA MÃE DOS POBRES»

Outra informação, que tambem me foi dada por Luiz de Araujo:

Um dia o Biester e a Emilia convidaram-n'o para jantar. Era no tempo em que os taes, que teem dentro de si o monstro de olhos verdes, supporiam que o dramaturgo nadava em dinheiro, mercê das peças que tinha em scena.

Pois o modesto jantar destinava-se a festejar um facto importantissimo n'aquelle *ménage:* a compra da primeira meia duzia de colheres de prata!

— Ou bem se haviam de pagar á Aline e á Blanche as *toilettes* das innumeras *grandes dames* distribuidas a Emilia, ou bem se havia de pensar que existiam ourives em Lisboa.

Voltemos, porém, ás minhas recordações, que estou agora fazendo reviver, como reviviam durante as horas em que eu ouvia Emilia Adelaide.

Da *Mãe dos pobres* não conservaria uma unica reminiscencia, se não fôra a impressão que n'um dos primeiros actos me causou uma actriz, a quem estava confiado o papel de uma velha cega.

Pareceu-me inexcedivel pela naturalidade e sentimento. Apenas desceu o panno, corri a ler no cartaz o nome da grande artista. Era Delphina.

Se não me engano, a *Mãe dos pobres* teve ephemera duração e foi substituida pela *Familia Benoiton*, graciosa critica de Sardou ao viver da burguezia parisiense durante o segundo imperio. Tamanha influencia teve nas modas de todo o mundo a movimentada comedia, que estou em dizer que até na Laponia e na Cochinchina se usaram *saias á Benoiton* e *botinhas á Benoiton*. Como os nossos artistas faziam bem a curiosa satyra, que já fôra representada pela maior parte d'elles na Rua dos Condes!

E que direi do desempenho do *Supplicio de uma mulher*, aquelle drama de adulterio, de que resultou acerba polemica entre Emilio de Girardin e Alexandre Dumas, filho, seus auctores? Quem via Tasso no papel de Henrique Dumont, ficava conhecendo o grandissimo talento do artista, que, tendo feito quasi toda a sua carreira a representar personagens romanticas, não ficara eivado dos exaggeros convencionaes d'aquella escola, e nos commovia profundamente sem nunca se apartar da verdade.

Emilia Adelaide, no *Supplicio de uma mulher*, egualava Tasso. Não pode fazer-se-lhe maior elogio. Eram ambos da mesma grandeza, na scena capital do drama, quando a adultera, não podendo supportar por mais tempo a tortura que lhe impõe o amante, entrega ao

marido uma carta, que denuncía o crime.

Tenho-os comparado, na mesma peça, com grandes artistas que vi depois em Portugal e no estrangeiro, e nenhum me deu ainda impressão que podesse apagar aquella, nenhum foi mais commovente, e, ao mesmo tempo, mais verdadeiro. Quanto se engana, quem julga que muitos dos nossos antigos actores não eram cultores apaixonados da verdade na representação scenica!... Não precisamos estar muito avançados em annos, para termos podido receber no theatro a confirmação da these contraria. Taborda, o glorioso velhinho, ainda vive, e com disposições de completar um seculo. Pode-se ser mais verdadeiro do que elle era no *Medico á força*, ou do que foi Gertrudes Rita da Silva na *Sociedade onde a gente se aborrece?* Pois tanto um como outro representaram estas peças com artistas modernos dos mais distinctos, e ambos se avantajaram a todos pela naturalidade.

NOS «FIDALGOS DE BOIS-DORÉ»

No *Supplicio de uma mulher* deu-se com o Tasso uma triste peripecia, que ouvi contar a Francisco Palha.

Na scena em que Dumont descobre a verdade e no auge do desespero ergue os punhos, como para esmagar a mulher, Tasso, uma noite, ao fazer este gesto, sentiu uma dôr fortissima no peito e não poude sofrear um grito afflictivo, que o publico julgou da personagem e que applaudiu ruidosamente. Era o primeiro rebate da angina pectoris, que, dois ou tres annos depois, havia de matar o grande actor. D'ali em diante o grito nunca deixou de soltar-se, havendo Tasso ido buscar á propria dôr um novo recurso para commover a platéa.

Não eram menos verdadeiros e correctos os dois grandes artistas na *Chave de oiro*, comedia de encantadora simplicidade, extrahida por João Ricar-

do Cordeiro de um conto dialogado de Octavio Feuillet, que faz parte das *Scènes et proverbes.*

Longe de mim o querer referir-me a todas as peças em que vi Emilia Adelaide no theatro da Trindade, representando sempre os primeiros papeis, ao lado de Tasso. De algumas ainda falarei, todavia, como por exemplo das *Pupillas do sr. reitor*, tirada por Ernesto Biester do celebre romance de Julio Diniz, que se acabava de publicar.

Eu estava na superior, logar para onde ia sempre — a menos que a escassez da bolsa de estudante me não empuxasse para a geral. Ao findar um dos actos, o publico chamou com insistencia pelo auctor. Appareceu afinal Ernesto Biester, e, estabelecido o silencio, que elle por um gesto solicitou da platéa, disse isto pouco mais ou menos:

— Eu não fiz mais do que aproveitar as admiraveis scenas do romance do sr. Gomes Coelho, tão conhecido pelo seu famoso pseudonymo de Julio Diniz. Não venho, portanto, buscar applausos que me não pertencem, mas

ERNESTO BIESTER

simplesmente pedir ao grande romancísta que suba ao palco, a fim de receber mais uma consagração do seu talento.

E ao dizer isto apontava para um individuo, que estava ao pé de mim, no assento immediato da direita. Gomes Coelho acabava de chegar da Madeira, onde fôra tratar-se da doença de peito que o matou pouco depois, e estava n'aquelle modesto logar, onde julgava que poderia vêr a sua obra transplantada para a scena, livre de que alguem o reconhecesse. Não teve mais remedio do que ir ao palco receber enthusiasticas ovações.

As «pupillas» eram Emilia Adelaide (Guida) e Rosa Damasceno (Clara).

Tambem não deixarei de alludir a dois outros dramas representados na Trindade, em que se travaram duas batalhas da guerra que por então andou accesa entre aquelle theatro e o de D. Maria, ou, falando com mais rigor, entre Emilia das Neves e Emilia Adelaide.

Um d'elles denominava-se *Peccadora e mãe*, e era tambem original de Ernesto Biester.

Annunciou-se, e logo sahiu nos jor-

EMILIA ADELAIDE E ROSA DAMASCENO NAS «PUPILAS DO SR. REITOR»

naes outra noticia dizendo que em D. Maria ia dar-se um drama, cuja ideia fundamental seria, como a d'aquelle, a mulher perdida redimindo-se pela maternidade. A peça de D. Maria inplagiato do francez. Representam-se por fim as duas obras, faz o publico a comparação entre ambas, e conclue que não tinha fundamento a accusação.

O outro drama a que me referi, era

EMILIA ADELAIDE AOS 30 ANNOS

titulava-se *Pena de talião* e foi traduzida do francez por Aristides Abranches. Antes da sua representação, contavam, á bocca pequena, os partidarios do theatro do Rocio, que o drama portuguez se limitava a um escandaloso *Les diables noirs*, que se deu na Trindade com o titulo de *Tentações do demonio* e em D. Maria com o de *Tentações diabolicas*. O resultado foi desanimador para qualquer dos theatros, visto que o publico se desinteressou da

lucta, em razão do escasso valor que tinha a peça, uma das peiores de Sardou. Nas *Tentações do demonio* fez Tasso magistralmente uma scena, em que a

O ACTOR TASSO

personagem roubava uma joia pertencente á amante. Vidal, que desempenhava o mesmo papel em D. Maria, tambem se distinguiu, sem comtudo se approximar do seu notabilissimo collega. Emquanto ás Emilias, divergiram as opiniões, proclamando os adoradores de cada uma a desmedida superioridade do seu respectivo idolo.

Esta rivalidade teve a breve trecho um inesperado desenlace.

As ultimas épocas em D. Maria tinham sido altamente prejudiciaes para os cofres do Estado, que então administrava o theatro. As responsabilidades do desastre lançavam-se ao commissario regio, dr. Luiz da Costa Pereira, que tinha tão grande competencia para ensaiador, como deficiencia de actividade para gerente. Entrou no poder o ministerio do Bispo de Vizeu, e, realisando o seu lemma de «economias, economias, economias», decretou que o governo deixaria de administrar o theatro. Tendo aberto concurso, foi preferida a proposta de Francisco Palha, que ficou então com os dois theatros.

Na Trindade passou a cultivar-se a pereta, e em *D. Maria* continuou a explorar-se o genero dramatico, reforçada a companhia com alguns artistas da Trindade, taes como Tasso e Emilia Adelaide.

Estavam, pois, reunidas as duas antigas rivaes, e dentro em pouco appareciam nas mesmas peças. Foi assim que vimos em D. Maria o *Angelo*, de Victor Hugo, notavelmente desempenhado, cabendo a Emilia das Neves a Thysbe, e Catharina Bragadini a Emilia Adelaide. No *D. Frei Caetano Brandão,* de Silva Gayo, tambem entravam as duas Emilias.

De como ellas conviviam, saberemos alguma coisa mais adeante, quando se contarem diversas anecdotas.

O primeiro beneficio que Emilia Adelaide fez então no theatro de D. Maria II, foi uma das suas noites de maior gloria. Representou-se o primeiro original de Pinheiro Chagas, e de todos o que tem tido vida mais longa e triumphal. Nenhum dos espectadores d'aquella inolvidavel recita, esqueceu ainda certamente a viva admiração que despertou a *Morgadinha de Valflor,* tanto pelo drama em si, como pelo desempenho. O agrado começou logo no primeiro acto, quando o pintor Luiz Fernandes trava uma discussão acalorada com a protagonista, que lhe apparece sob o aspecto de um elegante fidalguinho dos fins do seculo XVIII. Mas quando os applausos se tornaram em estrepitosa ovação, foi no fim do segundo acto — um animado quadro dos velhos costumes portuguezes — ao terminar a vibrante scena, jogada tambem entre Emilia Adelaide e Tasso. Que loucura quando o panno começou a baixar, depois da phrase «E amo-o, desgraçada», fecho da gargalhada de fingido sarcasmo, com que a morgadinha acompanhava a objurgatoria de Luiz Fernandes! Ambos os artistas faziam este dialogo com toda a sua alma — e tinham-n'a como poucos.

O drama, de um suave romantismo, vinha na occasião mais propria. Não podia ser melhor para elle a receptividade da platéa do que n'aquelle tempo, quando a grande maioria dos espectadores jurava, em litteratura, pelos dogmas de

Feuillet, e reputava como supra summo do bello as amaveis concepções do auctor do *Roman d'un jeune homme pauvre*.

Até ao final o agrado foi n'um crescendo constante. Na platéa dizia-se que a musa inspiradora do *Frei Luiz de Souza* tinha sorrido novamente a um poeta portuguez, e que o theatro nacional contava uma segunda obra prima.

Emilia Adelaide, que, no papel de Leonor Coutinho, soubera ser altiva, carinhosa, ironica, apaixonada, foi em tanta maneira associada ao exito da obra, que d'ali por deante, quando passava nas ruas, a miude ouvia:

— Lá vae a Morgadinha de Valflor!

Para se calcular o que era o desempenho de Tasso no celebre drama, bastar-me-ha dizer que annos depois, estando eu no palco de D. Maria e tendo acabado um dos actos da *Morgadinha*, vi Pinheiro Chagas entrar enfurecido n'um camarim, por isso que o publico estava festejando um novo interprete do papel de Luiz Fernandes como nunca, dizia elle, tinha victoriado o primeiro.

Na *Judia* e na *Helena*, peças do mesmo talentoso escriptor, fez-se applaudir Emilia Adelaide em épocas posteriores, mas sem que o exito para ella nem para os dramas fosse comparavel áquelle.

Depois morreu Tasso, e acabou no theatro de D. Maria a empreza de Francisco Palha, sendo substituida pela de José Carlos dos Santos, outro grande artista, em quem Emilia teve, como n'aquelle, um collaborador valiosissimo.

Que vasto repertorio ella fez ao lado do Santos! Hoje era Adelia de Hervey e hombreava com o seu brilhante collega, tão notavel no papel de Antony; ámanhã Mademoiselle de Belle-Isle n'outra peça de Alexandre Dumas pae, que Rebello da Silva traduzira excellentemente; Maria Antonieta, no drama de Giacometti; D. Isaura (Elmire) no *Tartufo;* Margarida, na *Vida de um rapaz pobre;* Magdalena de Vilhena, no *Frei Luiz de Souza;* Dona Clorinda, na *Aventureira,* de Augier, traduzida em prosa por Julio Cesar Machado; a protagonista da *Indiana*, de Thomaz Ribeiro, e a da *Magdalena,* de Pinheiro Chagas, que teve longa vida como a *Morgadinha* e em que Santos espargia os fulgores do seu talento n'um papel de *raisonneur*.

EMILIA DAS NEVES

Não foi ao lado de Santos, mas ensaiada por elle que Emilia Adelaide realisou o seu trabalho artistico mais perfeito, no papel de Clotilde da *Fernanda* de Victorien Sardou [1].

Santos não entrou na peça e deu assim occasião a que o actor Polla al-

---

[1] A traducção da *Fernanda* é de Ernesto Biester. Foi publicada em 1871 pelo sr. Paul Plantier e precedida da seguinte dedicatoria do editor: «A publicação da *Fernanda* na sua forma portugueza é simplesmente uma homenagem ao talento esplendido de Emilia Adelaide, a interprete perfeita da Clotilde de Sardou». Cada exemplar tem uma photographia da actriz.

cançasse um triumpho na parte de Pommerol, que elle tambem poderia fazer maravilhosamente.

NO «PEDRO RUIVO»

A complicada e interessantissima personagem que Victorien Sardou compoz com a Madame de la Pommeraye do conto de Diderot dramatisado na *Fernanda*, foi realisada de modo admiravel pela nossa actriz, cujos dotes physicos, perfeitamente se coadunavam com os exigidos pelo papel. Com que alma e verdade ella o fazia, não abusando sequer do demasiado arfar do seio, a que muito recorria nas situações mais dramaticas. Ainda a vejo na scena em que Clotilde, simulando com o antigo amante indifferença egual á que lhe inspira, o leva a contar os seus novos amores. Quando o encarava, o rosto exprimia bom humor, sinceridade, carinho; voltava-lhe um pouco as costas, não podendo já sustentar a mascara, e a physionomia tornava-se-lhe outra, mettia medo, decomposta pelo ciume, pelo desespero, como que reflectindo antecipadamente a infernal vingança que o seu amor ia tirar d'aquelle homem tão leviano.

Pouco depois de acabarem as representações da *Fernanda*, foi Emilia Adelaide com Ernesto Biester para o Rio de Janeiro e ali representou em companhia de Furtado Coelho as peças principaes do seu repertorio, com tão excellente resultado, não só emquanto a applausos como no tocante a lucros, que, desde que regressou a Portugal, a sua preoccupação constante foi voltar ao Brazil, mas como emprezaria, para que a direcção lhe coubesse inteiramente, bem como o producto da *tournée*. D'aqui proveio o seu mal.

*

* *

Quando José Carlos dos Santos deixou de ser emprezario do theatro de D. Maria, Emilia começou com a sua empreza, dando espectaculos no Porto e outras terras do continente, e seguindo depois pelos Açores a caminho do Brazil.

Emquanto ella, entregue a si mesma, sem um ensaiador que podesse encaminhal-a, ia a pouco e pouco destruindo o seu grandioso nome artistico, tão custosamente alcançado; principiava para Santos aquelle horrendo martyrio, em que ás trevas da cegueira vieram juntar-se mais excruciantes soffrimentos, sem que durante muitos annos a morte quizesse acudir ao desgraçado.

Em 1880 voltou Emilia Adelaide a Lisboa, e reappareceu no theatro dos Recreios, á frente de um grupo de artistas, em que, a par dos seus companheiros de peregrinação, figuravam novos elementos.

Acharam-n'a um pouco decadente. E como teria resistido ás influencias perniciosas que já assignalei?... Além d'isto, não era só a acabrunhal-a a desillusão que lhe causara a *tournée* pelo Brazil, para onde fôra pobre e d'onde não voltava rica, talvez por se não ter retirado a tempo. Preoccupava-a tambem o mau resultado da sua nova empreza em Lisboa. Quanta vez deixaria de pensar no papel que representava, ao dar com os olhos na

vasta e feia sala do theatro dos Recreios, quasi totalmente vasia! E chegando a casa, ia encontrar á noite, como já lhe acontecera de manhã, abundantes cartas de crédores.

Depois, ainda a vi no Gymnasio e no Principe Real. N'aquelle theatro, estando a representar a *Diana de Lys*, e devendo referir-se a uma personagem que tinha o meu primeiro nome, disse, por engano, o meu nome e appelido. Estava tão esquecida. que os outros artistas se viam forçados a pontar-lhe as falas que lhe pertenciam.

No Principe Real fez melhor figura e tomou parte não só em peças do seu antigo repertorio, mas tambem na *Filha e mãe* de Giacometti.

Não tornei a vel-a em scena.

*

Quando Emilia Adelaide voltou do Brazil a ultima vez, vinha muito doente. Fui visital-a e julguei-a irremediavelmente perdida. Comtudo melhorou a pouco e pouco, e parecia outra quando tornei a vel-a, já em nova casa. As mudanças para ella chegavam a ser uma tentação. N'estes ultimos annos conheci-lhe umas sete ou oito moradas differentes. Quereria preencher com isto a sua vida inactiva, tão serena, tão diversa da que tinha tido antigamente?

Como se alegrava quando alguem ia vel-a, e lhe levava as novidades dos palcos, aonde esperava tornar ainda!

E então contava mil historias do tempo em que era coisa appetecida, mas concedida a muito poucos, a entrada no seu camarim; de quando tinha admiradores tão devotados como os da sua rival Emilia das Neves.

E contava sem paixão as suas recordações, desenfastiadamente, falando de si mesma como se tratasse de outra pessoa. De algumas historias que lhe ouvi, ainda me lembro bem.

D'esta, por exemplo

Já disse que durante a empreza de Francisco Palha, em D. Maria, se representou o drama *D. Frei Caetano Brandão*, em que havia um acto que fechava com uma scena entre as duas Emilias. Uma noite, por mais que o publico applaudisse, passaram-se minutos sem que alguem viesse agradecer. Porque? Emilia Adelaide ia entrar mas recuou, ao ver Emilia das Neves na porta fronteira, fóra da vista dos espectadores e pouco resolvida a apparecer. E' que a platéa gritava: «Emilias! Emilias!» e este plural contendia-lhe com os nervos.

Ora Emilia Adelaide fazia no drama de Silva Gayo um *travesti*, e como a platéa já se mostrasse impaciente, tomou dos fatos masculinos os deveres

NA «FERNANDA»

do sexo forte, entrou em scena e foi buscar a renitente collega. Immediatamente se arrependeu, porque, ao dar-lhe a mão, sentiu um puxão fortissimo, que lhe fez andar uns poucos de dias com o braço a doer.

Conta-se tambem que no *Angelo* — ouvi-o a outra antiga actriz — n'uma situação em que Emilia Adelaide agradava muito, Emilia das Neves conseguiu desviar a attenção do publico, por effeito de uma contra-scena que pelo ensaiador lhe não tinha sido apontada.

Não se julgue por isto — consintam-

me a digressão — que a linda Emilia fosse para todos má collega. Para com Heliodoro e Vidal, dois actores distinctos que morreram muito novos,

O ACTOR JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

dos estragos da tuberculose, teve ella a maior caridade, custeando do seu bolsinho as despezas do tratamento, e servindo-lhes até de enfermeira desvelada, no que obedecia tão sómente á generosidade do seu coração.

Vidal era um tanto bohemio e concorreu pela sua vida desregrada para o fim prematuro que teve. Sabendo que elle abusava das bebidas, Emilia das Neves admoestava-o de vez em quando.

— E' que eu tenho muitas seccuras — desculpava-se o Vidal.

— Beba chá como eu — aconselhava-lhe a grande actriz. Veja!...

Acabava de chegar a sua fiel creada — a Andreza — com uma chicara, onde fumegava a bebida do Celeste Imperio.

Na recita seguinte Vidal, antes de entrar em scena, tambem bebeu uma chicara de chá, que o «alfayate» foi levar-lhe ao bastidor.

Emilia das Neves julgou-o regenerado, mas logo depois, n'um dialogo em que o Vidal tinha de lhe falar muito de perto, desconfiou de que elle exhalava da bocca o aroma do chá... de parreira. Viu a suspeita confirmar-se no acto seguinte. O liquido que vinha para o Vidal e que pela côr a tinha enganado, era vinho branco.

E as historias que Emilia Adelaide contava do Tasso, cuja bondade nunca deixava de enaltecer?...

Representava-se um drama em que elle mais uma vez deslumbrava o publico pelo fogo da dicção, pela energia do gesto, pela elegancia do porte, pela belleza das attitudes. Entre os espectadores que não perdiam uma unica representação, fazia-se notar uma bonita mulher, postada invariavelmente em uma frisa de bocca. Constou no palco que o Tasso n'aquella noite seria admittido no luxuoso ninho da beldade. Terminada a recita, viram-n'o effectivamente partir n'uma carruagem.

Imagine-se a curiosidade com que o esperaram na manhã seguinte, ao ensaio. Chegou a horas pela primeira vez uma actriz, que, de tanto ser multada, quasi não recebia ordenado no fim dos mezes.

— Então, ó Tasso? perguntou Emilia baixinho, logo que elle appareceu.

AOS 40 ANNOS

— Deixe-me cá! respondeu muito contristado o primeiro dos galãs portuguezes.

— Então?...

— Fui introduzido n'um *boudoir* perfumado, elegante, respirando mysterio, para o que muito influia a meia

obscuridade que n'elle reinava. De repente senti n'uma sala proxima... essa estava completamente ás escuras... o ruge-ruge d'um vestido de seda e o pisar subtil de uns sapatinhos, de certo mais pequeninos que os da Cendrillon. Era ella! Entrou no *boudoir,* deu toda a força ao gaz e fitou os olhos no meu rosto. Como nunca me tinha visto de perto e sem caracterisação, teve um desapontamento e exclamou: «Ah! E' bexigoso!»

—E depois? perguntou Emilia.

—Depois, logo depois, immediatamente, foi-se embora, mais subtil do que tinha vindo, e passados instantes, em logar da vaporosa creaturinha, appareceu-me o creado, que me reconduziu até á porta da rua!

Tasso não mostrava resentimento, e d'ali em deante bastava que lhe dissessem «Ah! E' bexigoso!» para se escangalhar com riso.

EMILIA ADELAIDE NO FIM DA VIDA

*
* *

Passou-se tempo sem que me fosse possivel ir visitar Emilia Adelaide. De mais a mais tinha-se extraviado um

bilhete em que me participava uma nova mudança de casa.

Um dia, sei que estava muito doente, e que residia ao pé do passeio da Estrella, na travessa de S. Bernardo. Vou lá. O guarda portão dá-me boas noticias. A velha actriz morava no segundo andar. Subo, bato á porta e apparece uma criada minhota que me diz: que «a *xenhora* já *num* torna a *lebantar-xe* da cama».

Os moveis da saleta ainda estavam desarrumados. Sentindo-se muito doente, Emilia trocara por aquella uma casa do bairro Camões, para onde se tinha mudado pouco antes, e d'onde sahiu precipitadamente, attribuindo-lhe a recrudescencia do seu mal, que infelizmente era de morte.

Dois dias depois voltei lá, para lhe acompanhar o enterro.

— Como a esqueceram! — disse-me alguem no cemiterio.

* * *

Vou terminar estas linhas escriptas *currente calamo*, narrando um caso acontecido entre Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e Gervasio Lobato, e em que tomaram parte indirecta as *duas Emilias*.

Gervasio escrevia folhetins no *Jornal da Noite*, que então era dirigido por Antonio Augusto.

Representa-se um drama em D. Maria, não sei qual, e Emilia Adelaide obtem um grande triumpho. Gervasio enthusiasma-se, e no dia seguinte, ainda excitado pela febre que o dominara na vespera, senta-se á meza e n'um longo dithyrambo, entorna sobre a artista a cornucopia dos adjectivos encomiasticos e acaba proclamando-a «primeira actriz portugueza.»

D'ali a tempos Emilia das Neves é despedida do mesmo theatro por José Carlos dos Santos, que, vendo-se forçado a fazer economias, em vez de seguir o systema vulgar dos governos, applica o tremendo cutelo aos grandes ordenados, o maior dos quaes era o da genial artista.

A despedida de Emilia das Neves realisou-se com a *Beatriz* de Legouvé e assumiu as proporções de uma verdadeira apotheose. Gervasio estava lá e movido pelos mais generosos sentimentos enrouqueceu a chamar á scena e a applaudir a grande interprete da *Joanna a doida*, e da Thusnelda do *Gladiador de Ravenna*. Porém não se limitou a isto. No *Jornal da Noite* dedicou-lhe, em folhetim, a mais calorosa homenagem, applicando-lhe todos os qualificativos elogiosos contidos no seu rico vocabulario e acclama-a «primeira actriz portugueza.»

Antonio Augusto julgou-se obrigado a intervir.

Chamou o Gervasio, e ao mesmo tempo que, para o artigo do fundo, ia enchendo linguados e linguados com a sua letra rasgada e perfeitamente legivel, disse-lhe em tom paternal, tartamudeando ainda mais que de costume, por ter a grande boquilha ao canto da bocca:

— Temos que fazer um ajuste, meu caro Gervasio. Quando você quizer elogiar uma actriz, tem carta branca para exhaurir toda a provisão de epithetos laudatarios, que possam fornecer-lhe todos os diccionarios da lingua, desde o Bluteau até ao Domingos Vieira. Auctoriso-o a chamar-lhe eximia actriz, excelsa actriz, egregia actriz... O que, porém, lhe não posso consentir é que applique a duas contemporaneas a qualificação de «primeira actriz portugueza». Estamos de accordo?

— Perfeitamente, respondeu, morto de riso, o futuro auctor do *Commissario de policia*. De contrario uma das primeiras passava a ser... segunda.

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.

Emilia Adelaide nasceu em Portalegre em 1 de novembro de 1836. Tendo estado com sua familia em Castello Branco, voltou a Portalegre e de lá veiu para Lisboa. Estreiou-se no theatro de D. Maria em 1856. Representou os *Nobres e plebeus* em 1865, a *Morgadinha de Valflôr* em 1868 e a *Fernanda* em 1871. Obteve a classificação de *actriz de 1.ª classe*, quando o governo administrava aquelle theatro, e como tal foi mais tarde reformada com o vencimento mensal de 72$000 réis.

Faiança de Massarellos

Meu caro amigo:

A sua carta, a pedir a minha collaboração para os *Serões*, não póde ser mais lisongeira para mim! Lembra-me v. que lhe ceda algum trecho do meu trabalho sobre a «Ceramica Portugueza», que tenho entre mãos, acompanhado de algum documento interessante para ser reproduzido pela photogravura, e recommendando-me que, á parte descriptiva, dê fórma litteraria.

Quanto á primeira e á segunda parte, julgo poder servil-o; quanto ao ultimo requisito é que, mal, muito mal, muitissimo mal, poderei satisfazer a sua indicação. Creio mesmo que a archeologia, se não póde ligar, em absoluto, com a litteratura.

Descrever e documentar factos é dizer a verdade; e, em geral, a verdade apparece sem atavios, ao lume d'agua, núa e crúa. Tirar-lhe a crueza é adulteral-a; vestil-a com a incomparavel *toilette* litteraria, é muitas vezes escondel-a.

O contrario d'isto é tão raro, como é raro o escriptor — no caso presente, bem entendido — que, sem modificar a verdade pura, lhe possa dar o que ella não possue de si propria: a elegancia.

Se a mór parte da gente soubesse quanto é agradavel em archeologia provar o que d'ante-mão suppuzemos, ao completar noticias com factos e elementos novos, mesmo quando essas noticias pertençam a outrem, avaliaria um dos grandes prazeres do investigador. É o caso que lhe vou narrar. Julgo não ter nada de mais interessante no meu trabalho, para offerecer aos *Serões*, que o meu caro amigo tão habilmente dirige.

Ha de haver por ahi uns dez annos, folheava eu o catalogo da Exposição de Ceramica, effectuada no Porto em 1882, catalogo redigido pelo meu querido amigo o sr. Joaquim de Vasconcellos, com documentos coordenados por este erudito archeologo, e, a paginas 25, docu-

Guardei o segredo do feliz achado até agora. Os leitores da sua bella revista são os meus primeiros confidentes.

Trata-se d'uma simples caneca de fórma cylindrica, com sua aza, ornamentação polychromica, e esmalte opaco. N'um medalhão, a toda a altura do vaso, S. Bento e Santa Escolastica, e, em volta, a seguinte inscripção: DA PRIMEIRA FABRICA EM MASSARELLOS — PORTO.

Pelo estylo da pintura, disposição das côres, desenho das figuras, com a maneira manifesta das pinturas freiraticas, que do fim do seculo XVI chega aos primeiros annos do seculo XVIII, expressão beatifica e parada das personagens, as mãos reduzidas a metade das proporções anatomicas, habitos dos santos a côr de vinho escuro, agaloados d'um amarello côr de oiro, baculos pastoraes da mesma côr de oiro, e ainda pelo perfil das molduras que decoram os espaços desde a aza ao medalhão, não resta duvida que se trata d'uma faiança dos primeiros annos do seculo XVIII.

O baculo que Santa Escolastica, irmã de S. Bento, segura na mão direita ex-

mento v, — notas sobre as Fabricas de Ceramica do Porto—encontro a data da fundação da Real Fabrica de Massarellos: 1738.

Esta fabrica, que foi instituida vinte e nove annos antes da Real Fabrica do Rato, em Lisboa, como tambem nota o sr. Vasconcellos, é a mais antiga de que ha conhecimento a produzir louça de esmalte estanifero, e, portanto, a verdadeira faiança.

A noticia fez sensação, como mais tarde a produziram os documentos encontrados em Coimbra pelos srs. Antonio Augusto Gonçalves e Adelino Antonio das Neves e Mello, sobre a ceramica d'esta localidade.

A noticia de Massarellos junta o sr. Joaquim de Vasconcellos o nome de Francisco Gomes Pereira, sobrinho do fundador Manuel Duarte Silva, como tendo fornecido a interessante nova.

Depois de tudo isto, restava, para fazer verdadeira fé, algum documento *vivo*. Tive a fortuna de o encontrar em Vianna do Castello, quando, ha dois annos, alli estive estudando as collecções existentes na pittoresca cidade minhota.

plica-se (creio eu) por ter sido esta Santa abbadessa e pertencido á superior ordem religiosa dos Benedictinos.

A tonalidade polychromica da ornamentação é intensa, mas pouco transparente, e compõe-se das côres azul, verde, amarello e côr de vinho, sobre esmalte branco, pouco brilhante.

Perguntarei agora: a fabrica donde sahiu este producto, a *primeira* que houve em Massarellos, seria a que fundou em 1738 Manuel Duarte Silva? Penso que não. Se a fabrica tivesse tido o titulo de *Real* não é de crer que a legenda inscripta na peça o não declarasse. Além d'isso os caracteres do producto, sobretudo a frisante analogia entre a sua decoração e as fórmas ornamentaes do seculo XVII, levam-me a attribuir-lhe uma data anterior á fundação da fabrica de Duarte Silva, que foi a segunda, senão a terceira, que existiu em Massarellos.

A peça que um feliz acaso nos deparou em Vianna e que as gravuras reproduzem, pertence ao nosso estimavel amigo o sr. João de Assumpção Passos Vianna, capellão de artilharia 5, e deve ter sido fabricada no primeiro decennio do seculo XVIII.

Em todo o caso, estas conclusões não seriam tiradas tão facilmente se não fosse a noticia que o sr. Vasconcellos nos dá no seu trabalho — que, além do interesse que possue, teve o alto merito de abrir o caminho a futuras investigações.

11-10-1905.

JOSÉ QUEIROZ.

Aos meus camaradas

Por esta melancolica descida
atravez de sarçaes e de atoleiros,
que seria de mim, de minha vida,
sem vós, oh meus amados companheiros?

Que seria d'esta alma, assim ferida
por pedregaes e por despenhadeiros,
sem quem lhe ouvisse a voz, jámais ouvida
na surda multidão dos caminheiros?

Ah! como é bom sentir, na treva incerta,
a amiga voz que á nossa voz responde,
a doce mão que a nossa mão aperta!

Vamos... Rodeae-me sempre, assim... Cuidado!
Quero, na escuridão que nos esconde,
ouvir os vossos passos a meu lado.

S. Paulo. 1-6-905

AMADEU AMARAL.

LEÃO VELHO

POR

D. Anna de Castro Osorio

QUANDO o conheci era elle um velho ainda vigoroso e sadío, mas já com as barbas todas brancas e uma cabelleira de neve, a emoldurar-lhe o rosto vincado pelo máu humôr permanente, tal como juba de leão orgulhoso.

Era talvez por isso que os garotos, no pitoresco da sua observação desrespeitosa, o chamavam, de longe, *Leão velho*. Mas só de longe se atreviam a gritar-lhe a alcunha que tanto o molestava, porque o velho Macêdo, o antigo corneta do *batalhão do Jayme*, o intrepido guerrilheiro, não tinha a coléra mansa dos que não sentiram nunca o cheiro da polvora nem o alvorecer rúbido dum dia de combate.

Não nascêra na terra, nem ao certo se podia saber donde era, que ao perguntar-se-lhe respondia, invariavelmente, com um gesto vago da sua mão que as veias encordoavam — *de lá para baixo!...*

E *lá para baixo* era todo esse paiz que se estende por alcantis de serranias adustas e por valles umbrosos, que os rios cortam galgando precipicios, despenhando-se pelos fraguedos, espraiando-se pelas varzeas uberrimas, até ir morrer lá ao longe, nas areias brancas que o Oceano acaricia.

De lá para baixo?!

Não; ao certo era impossivel adivinhar em que recanto ignorâdo da forte terra portuguêsa nascêra e se criára esse pequeno montanhez de hombros largos e rijo arcaboiço, que as fadigas mais robusteceram.

Como conseguira estabelecer-se na villa e arranjar o modesto emprego de *official da camara*, tambem não sei.

Talvez chamado pelo velho capitão Pessôa, outro valente da guerrilha, que trouxera para o remanso do lar a lembrança enthusiastica desses bons tempos e uma bandeira amarrotada ganha com honra aos soldados da rainha e dos Cabraes...

Ao corneta e ao capitão, outrora tão distanciados na sua hierarchia militar, irmanava-os agora a saudade e o tempo, que tudo consome e a todos aproxima.

Eram apenas dois velhos: O Macêdo, corcovado e humilde, com o seu fato coçado pelos invernos; e o capitão, vivendo do rendimento duns contitos de réis em propriedades, sacudindo ao vento a barba branca de patriarcha.

Discorriam... Oh os tempos idos! O passado é que é mais do que a vida que nos foge, a mocidade que nunca mais volta!...

Quando o conheci era já

um velho rabujento e áspero, acumulando com o logar publico, que muito o orgulhava, o de guarda da capella da camara, que em tempos fôra casa fidalga e conservava o luxo da sua capellinha particular.

Era, por isso, a companhia vigilante dos mortos que se costumava mandar para ali as ultimas vinte e quatro horas de paragem na terra. E, com tantas atribuições, ainda encontrava ensejo para carpintejar e tornear umas pequenas *maravilhas* em lindo buxo amarello como oiro, que eram o nosso enlevo.

— PORQUE MENINAS NÃO BRINCAM COM PIÕES!

Pelas festas tinhamos certos os nossos presentinhos levados pelo Macêdo, que assim tinha pretexto para receber alguma esportula, sem amarrotar os seus brios de altivo guerrilheiro aposentado. Era com essa sua habilidade manual que conseguia tambem levar umas festas mais alegres na sua solidão de sem familia, comendo pimentos queimosos e malaguetas vermelhas como lacre, que ia cultivando com amôr em caixotes á janella da sacristia, que era tambem oficina, e lhe abriam maior apetite ao forte *carrascão*, que era o seu *fraco*.

Nós ficavamos satisfeitissimos com os piões, as bolas e os lindos paus torneados para o jogo da *bilharda*, que nos entregava num meio sorriso de artista que quer ostentar modestia, prevendo os nossos enthusiasmos de sinceros admiradores.

Até uma vez a sua generosidade foi ao ponto de me brindar com uma dobadoira — *porque meninas não brincam com piões!* — dizia abanando a cabeça, com austeridade que não ficaria mal em grave conselheiro desdenhando costumes modernos.

Essa dobadoira, quasi do minusculo tamanho que eu tinha então, foi-me companheira e amiga por largos annos quando nella dobava e desdobava a linha com que fabricava as meias para toda a numerosa familia das bonecas. Por fim, perdida de vista, quando outras preocupações vieram encher-me o espirito e arredar-me a attenção desses afazeres de dôna de casa em miniatura, deverá ter-se desconjunctado por alguma arrecadação do sotão, indo talvez — quem sabe!? — findar seus dias num abraço mortal do fogão que na sala de trabalho crepitava sem descanço nos longos serões da invernia beirã.

Mais feliz, afinal, do que o seu modesto fabricante, o velho Macêdo, que na friesa dum inverno ultimo se deixou morrer, sem lagrimas de familia ou amigos que o acompanhassem á sepultura rasa dos heroes desconhecidos.

Coisas que o *Leão Velho* nos contava, nos seus raros dias de bom humôr, encheriam de enthusiasmo até os proprios mortos!

Umas vezes, dizia-nos o que era uma noite de marcha sobre a tremura das estrellas silenciosas, quando a guerrilha tinha de se escoar, sem ser presentida, pelas azinhagas mais solitarias, rasgando as mãos e os fatos para trepar os montes escabrosos, fugindo como lobos ao povoado hostil...

Outras, cheios de fome e de frio, sem tecto que os abrigasse, a quadrilha agrupava-se em volta da fogueira fumarenta, alimentada com troncos de pinheiros arrancados pela raiz ás mattas proximas. Era então todo um rememorar melancolico das noites de outr'ora, passadas á lareira, a ouvir os casos que a velha avó sabia do tempo dos francêses... Ou como as bruxas se reuniam nas encrusilhadas para

as suas festas e maleficios, e da *certeza* que havia de que a ultima criança da visinha fôra sugada por aquelles *trasgos*... Santo nome de Jesus!...— E as velhas acreditavam naquellas!... E os guerrilheiros riam escarninhos de taes crendices; mas suspiravam pensando no momento em que na lareira o caldo verde levantava fervura e todos acorriam galhofeiros, com as tijellas, meadas de brôa, para a mãe fazer a distribuição.

No emtanto nenhum se queixava dessa vida aventurosa e bravia, que por gosto procurára, e tinha compensações para essas rudes criaturas que a desmoralisação da politica tinha arrancado á terra para os lançar, mal armados e mal preparados, na sangrenta lucta civil.

Só o terror que espalhavam pelos casaes e aldeias quando entravam em chusma, ao toque da corneta e ao rufo do tambôr, pelos povoados indefesos, era de fazer rir os mais bisonhos!

Alguns, menos embotados pela asperesa dessa existencia de luctas e de perigos, ainda por vezes se surprehendiam com os olhos resumbrando lagrimas quando numa *alta*, em terra amiga, viam ás tardinhas as moças que recolhiam da fonte com os cantaros cheios de agua sobre as cabeças airosas, no passo dolente que lhe dá a herança dos moiros, que tanto, ou mais, do que nos campos de batalha, deixaram o seu sangue nas veias do povo português.

Mas o Macêdo, então um rapazote de olhar vivo e negros cabellos ao vento, pensava lá nessas coisas!... Familia não a tinha, não a tivera talvez nunca; pequeno, filho do acaso, que a guerrilha em qualquer azinhaga encontrára a colher amoras e levára numa hora de bom humôr para os guiar com o som estridulo da corneta, que outro petiz havia pouco largara, para morder a terra embebida no sangue do coração desfeito por uma bala.

E melhor guia não encontrariam decerto; que o pequeno, á frente do batalhão, galgando montes e descendo precipicios, impávido e forte, era o primeiro na arremetida e o ultimo na retirada. Tocando sempre, indifferente á dôr e á morte, elle seria capaz mesmo de tocar quando dos seus não restassem senão cadaveres.

Pobre *Leão Velho!* Como ia longe esse tempo de lucta e gloria, quando o conheci.

— O QUE FAÇO EU A TANTO DINHEIRO ?!... OLHE, É ISTO!!...

Mas ficára-lhe dessa vida livre e aventurosa uma altivez que o tornava soberbo quando, ao de leve que fosse, alguem tentasse menosprezá-lo.

Tinha raptos de orgulho, que passavam de bôca em bôca, entre sorrisos complacentes, e se recontavam anecdoticamente como coisas de uma outra idade.

Esta que me lembra é das melhores. Depois de grandes sacrificios e trabalhos, desmembrada a guerrilha que já não era necessaria, e podia tornar-se um perigo aos homens que raro conhecem a vontade, os gostos e as esperanças do povo de que se dizem salvadores, o governo houve por bem premiar os seus modestos auxiliares.

Os cofres publicos abriram-se, numa generosidade excepcional, para premiar o Macêdo com dois *pintos* por quinzena. Feliz homem, que em vida conheceu a delicia de vêr recompensadas as suas fadigas!

Ora esse dinheiro devia ser dado todos os quinze dias pelo recebedôr, que era ao tempo o maior sovina da terra.

Vêr o Macêdo receber os grossos patacões e dirigir-se para a taberna, com um amigo, onde pagava o pão que trazia fiado e os quartilhos apontados a giz, era coisa que sobremaneira agoniava o homem.

Até que um dia não se poude conter e disse-lhe, sentindo engulhos com o esbanjamento dos governantes:

—«Ó Macêdo, has de me dizer uma cousa: o que fazes tu a tanto dinheiro que aqui te dou todos os quinze dias?!...

E olhava, cubiçoso, as moedas que o Macêdo com indiferença ia metter na algibeira, calculando porventura quanto podiam render ao juro de sessenta por cento ao anno...

O outro, como se em plena batalha lhe dessem uma bofetada, deu um passo atraz, ergueu o pobre busto arqueado, e, olhando tôrvo o empregado publico, perguntou e respondeu com ironia mordente:

—«*O que faço eu a tanto dinheiro?!... Olhe, é isto!!...*

E teve um soberbo gesto de orgulho: levantou o braço e arremessou pela janella fóra o *prét* que acabava de receber.

Voltando as costas sahiu com ar marcial, emquanto o outro se enterrava pela cadeira abaixo pensando com horror num homem que assim despresava o grande soberano do mundo.

ENCHENTE

Das chuvas torrenciaes, pelos despenhadeiros,
A agua ligeira desce e as planicies alaga,
E vão do escuro céo cahindo os derradeiros
Prantos do inverno atroz, como terrivel praga.

Esfuma-se a montanha entre os densos nevoeiros,
Brame do rijo vento a musica presaga;
E o rio contornando a falda dos outeiros,
Tristemente a rolar bate de fraga em fraga.

A parasita em flôr que entre as arvores medra
E a arvore secular correm sinistramente,
Na cachoeira que geme em seu leito de pedra.

E á dubia luz do sol brilha como recamos
Verdes, boiando á flôr da celere corrente,
A triste procissão das folhas e dos ramos.

Maceió.

Luiz Franco.

MOSIOTUNYA (CATARACTA VICTORIA DE LIVINGSTONE)

A grande ponte de "Victoria Falls"

REPRODUZINDO hoje nos *Serões* algumas photogravuras da monumental ponte do caminho de ferro do Cabo ao Cairo, destinada a vencer os rapidos do Zambéze, denominados *Victoria Falls,* decerto a maior obra de arte que hoje existe no continente africano, documento vivo da prodigiosa actividade ingleza, temos que dar ideia da sua grandeza e ao mesmo tempo recordar alguns factos historicos que se ligam ás celebres cataractas que lhe deram o nome. A ponte sobre o Zambéze tem de comprimento total 650 pés e é formada por um grande arco principal de 500 pés e dois lateraes. Estão nella assentes duas vias da linha ferrea. A parte metalica péza 1:650 toneladas. Fica 400 pés acima do nivel do grande rio. Os trabalhos começaram em outubro de 1904, a conjugação do arco principal fez-se em abril de 1905. A inauguração realizou-se em 12 de setembro ultimo pelo celebre professor Darwin e pela missão scientifica ingleza, que ha poucos mezes visitou a Africa Oriental, tendo entrado pelo Cabo e sahido pela Beira, onde teve hospitalidade a mais calorosa e sympathica.

O illustre explorador inglez o dr. Livingstone, no celebre relatorio das suas viagens, pertendeu chamar a si a descoberta das cataractas a que chamou *Victoria Falls* e que eram conhecidas pelo nome gentilico de *Mosiotunya* ou Shongue. O nosso eminente geographo o

CATARACTA E SINUOSIDADES DO ZAMBEZE

dr. José de Lacerda, que tam eruditamente discutiu aquelle relatorio, demonstrou que as cataractas do Zambéze, pela sua posição, tam proxima de territorios desde longos annos frequentados pelos portuguezes, lhes não podiam ser desconhecidas. O proprio dr. Livingstone, referindo-se á acção commercial dos *Mambari*, que nas excursões iam geralmente de companhia com portuguezes, tendo chegado á ilha de *Kalai*, onde se ouvia distinctamente o fragor das quedas d'agua

VISTA DIAGRAMMATICA MOSTRANDO A DISPOSIÇÃO DO CAMINHO DE FERRO E DA PONTE

DOIS ASPECTOS DA CATARACTA

ILHEU NAS IMMEDIAÇÕES DA CATARACTA

conhecidas dos portuguezes.

Ao dr. Livingstone deve-se, sem contestação, a primeira e minuciosa descripção da famosa cataracta, conseguindo que ella fosse precisamente marcada na carta do continente africano e de justiça era que a ponte ora lançada sobre ella recebesse o nome do grande e glorioso explorador, que sendo uma das mais lidimas glorias da Inglaterra, é ao mesmo tempo um dos mais brilhantes exploradores africanos.

Não seja, porém, olvidado ou esquecido o trabalho dos portuguezes no continente africano, que foram os primeiros a percorrer em todos os sentidos e a estabelecer com as tribus indigenas relações commerciaes. Decerto os portuguezes viram primeiro do que o dr. Livingstone a *Mosiotunya*, que elle affirmava nenhuns olhos europeus tinham contemplado antes delle, o que não impede de *Mosiotunya*, tacitamente indica que ellas não eram, nem podiam ser, des- que seja justificada a sua affirmação de que esse fôra *o espectaculo mais maravi-*

A PONTE EM VIA DE CONSTRUCÇÃO — APPROXIMAÇÃO DOS DOIS TROÇOS

GUINCHO SERVINDO PARA TRANSPORTE DE MATERIAL E DE PESSOAL ENTRE OS DOIS TROÇOS DA PONTE

lhoso que presenceára em Africa. As cataractas *Victoria* tem por limites dos tres lados colinas de 300 a 400 pés de altura. O córte por onde se despenha o Zambéze, segue da esquerda para a direita, prolongando-se por este lado umas 30 ou 40 milhas. Do lado direito rompe uma columna de vapor, que sobe a uns 400 ou 300 pés e então, condensando-se, muda a côr densa e esbranquiçada na de fumo negro e desce em chuva continua. O dr. Livingstone calculava em 1:000 jardas a largura do rio na parte superior das cataractas. A agua despedaça-se em fragmentos, que seguem apressados na mesma direcção, arrojando cada um golpes de espuma, exactamente como laminas d'aço, quando, incendidas em gaz oxigenio, lançam de si series de scentelhas. O lençol de branca neve — falla sempre o dr. Livingstone — semelha myriades de pequenos cometas que se apressuram de tropel para o mesmo ponto, deixando cada um apoz de si sulcos espumosos. Foi esta a prodigiosa obra da natureza que a prodigiosa obra dos homens coroou n'um audacioso lanço de esforço potente de iniciativa e de trabalho.

Na verdade nada de mais grandioso do que o audaz plano de Cecil Rhodes de ligar o Cabo ao Cairo por um caminho de ferro, que se desenvolve na extensão de 5:600 milhas parallelamente ao Oceano Indico e ao Mar Vermelho, tendo num quarto do seu percurso de vencer linhas navegaveis e de percorrer em tres quartos della regiões onde é impossivel aclimar-se o europeu. Para se fazer ideia do que é este caminho de ferro de 5:600 milhas é preciso dizer que o transcontinental americano de New-York a S. Francisco tem apenas 2:266 milhas, isto é, o caminho de ferro do

Cabo ao Cairo é 71 $^0/_0$ maior do que o que atravessa o territorio dos Estados-Unidos do Atlantico ao Pacifico. Só do Cabo a *Victoria Falls* a extensão da linha ferrea é de 2:500 kilometros. Entre *Alexandria* e *Khartum* a distancia dominada é de 2:000 kilometros, 640 kilometros a da travessia do *Lag Tanganika*, 500 kilometros a do *Lago Victoria*. O traçado entre *Buluwayo* e *Khartum* foi modificado. Assim a partir de *Victoria Falls* o caminho de ferro attingirá a rica e promettedora região mineira do *Kafue* e chegará a *Tanganika* por *Abercorn*.

O *Lago Victoria* terá de ser attingido ou atravez o territorio do Estado Independente do Congo ou pelo da Africa Oriental Allemã. Ha poucos annos affirmou-se que num accordo conservado secreto, a Inglaterra, dadas certas circumstancias, cederia á Allemanha *Walfish Bay* no sudoeste africano em troca da zona oriental necessaria á passagem do caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Deve dizer-se que, depois de uma entrevista que Cecil Rhodes teve em Berlim com o imperador Guilherme, em 1898, o governo allemão concedeu, mediante compensações, o estabelecimento da linha telegraphica transcontinental atravez o protectorado oriental allemão. No entretanto a passagem do caminho de ferro sobre o terreno oriental allemão foi fortemente combatida nos centros coloniaes allemães, chegando o *Tagliche Rundschau* a publicar, n'aquella época, que a ligação da Africa do Sul Ingleza com o Soudan por um caminho de ferro inglez seria a ruina premeditada do dominio colonial allemão. Facil é de comprehender, vendo o traçado do grande caminho de ferro, que elle poderá ser *o centro* de todas as linhas africanas numa e noutra costa.

INAUGURAÇÃO DA PONTE

Devemos dizer que se o grande caminho de ferro do Cabo ao Cairo assegura á Inglaterra, mais do que a influencia politica, o dominio commercial no continente africano, elle interessa immediatamente Portugal, senhor de todos os portos do litoral, que mais directa e utilmente podem servir o *hinterland*, assegurando-lhe rapida communicação com a enamorada Europa. Na costa occidental temos o *Lobito* com o seu caminho de ferro até á *Katanga*, Loanda com o caminho de ferro de *Malange*, Mossamedes com o caminho de ferro *prolongavel* do planalto. Na costa oriental, temos Lourenço Marques com os caminhos de ferro do Transvaal e da Swasilandia, com os projectados caminhos de ferro de Quelimane ao Chire e com o indicado de *Porto Amelia* ao *Nyassa* e ainda com o caminho de ferro de exploração da Beira á Rhodesia, com o previsto desenvolvimento da Beira ao Zambéze. Já se vê, por esta simples exposição, a extensão do plano de Cecil Rhodes, de que a famosa ponte de *Victoria Falls* é, decerto, o mais bello e grandioso monumento de arte. Se as famosas cataractas — *nuvem retumbante* — podem recordar as exclamações admiradas de sertanejos portuguezes, a grande ponte, prodigioso esforço da actividade ingleza, affirmação poderosa de sua iniciativa e de sua alta capacidade colonial, como nenhuma outra prestigiosa e dominadora, não fallará menos ao espirito, nem influirá menos nos interesses de Portugal do que a velha tradicção gloriosa dos seus peoneiros, invocada com desvanecimento e com saudade.

Se não foi dado aos nossos leitores contemplar ainda o maravilhoso espectaculo das famosas cataractas, nem admirar a arrojada obra d'arte da grandiosa ponte, poderão elles, comtudo, pelas photogravuras, que acompanham este artigo, fazer, pelo menos, uma ideia approximada da sua magnificencia. O lançamento da celebre ponte não foi isento de difficuldades technicas consideraveis pela grande altura em que os trabalhos se tinham de realisar. Todas venceu a capa-

A PONTE EM VIA DE CONSTRUCÇÃO COM A REDE QUE AGUENTAVA A QUEDA DAS FERRAMENTAS E DOS OPERARIOS

cidade e a constante firmeza dos engenheiros encarregados da construcção e a admiravel *endurance* dos seus operarios. Foi decerto dominado, pela dupla e inolvidavel impressão do magestoso quadro, que o numeroso grupo de homens de sciencia, representando illustres aggremiações scientificas inglezas e tendo á sua frente o eminente professor M. Darwin, herdeiro d'um dos nomes mais gloriosos da sciencia moderna, atravessou a grande ponte procedendo assim á sua inauguração official, que assignalou de um modo perduravel a missão ingleza de 1905 ás possessões inglezas da Africa Oriental.

Opportuno será recordar quanto o desenvolvimento e engrandecimento da Inglaterra no continente africano devem á iniciativa e ao esforço de M. Cecil Rhodes, o *Napoleão do Cabo*, extraordinaria organisação de politico e de trabalhador, que concebeu, e energica e firmemente poz em execução, o mais audacioso plano de dominio e acção colonial dos modernos tempos, envolvendo e interessando nelle os mais poderosos elementos da vida nacional. Esqueçamos, visto que o homem passou, o que, n'um dado momento, as suas ambições puderam representar sentimentos de menos justiça para a velha e gloriosa nação, que fôra a primeira a levar ao *dark continent* a animadora e rehabilitadora luz da civilisação, mas lembremo-nos de que elle foi, ao mesmo tempo, um dos admiradores mais enthusiasticos e dos cultores mais apaixonados da nossa historia, tendo reunido na sua opulenta bibliotheca, não sómente exemplares preciosos das nossas velhas memorias coloniaes, mas ainda traducções especiaes de muitas d'ellas, em edições de verdadeiro amador, muitas das quaes serviram para interessantes e valiosos estudos, ha annos publicados em Inglaterra, como os intitulados *The Portuguese in Monomotapa*, *The Portuguese in South Africa* e outros que representam uma grande homenagem de justiça a Portugal e aos portuguezes.

A CATARACTA VISTA DA MARGEM OCCIDENTAL DO RIO

RUY ALVAREZ.

CAVADOR MORTO

Morto, cavando em plena terra,
Junto da enxada, ao sol ardente, exausto e velho...

Ah! quando elle ia, serra em serra,
Inabalavel como as torres d'um castello...

Quando no sonho d'alvorada
Erguia a fronte ao ceu tranquillo, á luz primeira,
Casando a vida á sua enxada,
Ante o florir, vasto e subtil, da terra inteira...

Quando na encosta erma e bravia,
Seu braço erguia alviões de ferro coruscantes,
Cujo éco ao longe se perdia,
Cavo e profundo, entre a colina e o valle distantes...

E quando a neve e a tempestade
Vinham da serra arqueando o dorso tenebroso?
Mas vento é vento e o ferro é que ha-de
Rasgar viadutos, cavar montes sem repouso.

Jámais, jámais o sol do estio
O detivéra á sombra fresca da devesa.
Do rosto o suor tombava em fio?
Mas se era o pão, mas se era a vida e a fortaleza

Viver! Nas suas mãos possantes
O alvião e o masso, a barra e a pá, o malho e a enxada,
Iam e vinham relumbrantes,
Traçando curvas no ar luzente d'alvorada.

E cavou ermas penedias,
Lavrou cerros, plantou montados e olivaes...
E agora morto! As alegrias
Do cavador foram com elle, não voltam mais...

E nunca mais, ai, nunca mais,
Risos d'amor hão-de florir no teu caminho,
Nem em teus sonhos virginaes
Tornarão a descer as noivas de mansinho,

A depor beijos no teu rosto!
Alma de luz, feita na dôr e na inclemencia,
Por todo o amor que em ti hão posto
Os que vivem na noite immensa da inconsciencia;

Por todo o auxilio que lhes deste
Bemdito sejas, cavador! bemdita seja
A fome e a dôr que tu soffreste.
Teu braço, teu ideal d'amor bemdito seja.

Que é d'elle, o sonho e a paz sideria?
Foi-se comtigo, o pão sagrado e a luz querida.
Noite de luto e de miseria
Para os que tinham no teu braço o ideal e a vida.

Sonho desfeito. . Ai nunca mais
Teu braço forte ha-de cavar, fraternizando,
Bebendo a luz dos vegetaes
Sob a benção dos soes, amando e batalhando.

Não mais, não mais teu braço amigo
Ha-de volver, ancioso e firme, o duro chão,
Donde nos vinha o milho e o trigo,
Donde subia, á nossa mesa, o vinho e o pão.

Alma sem odio e sem remorso,
Que a dôr beijou, a luz benzeu e o amor floriu,
Bemdito seja o teu esforço
Que fecundou e libertou e redimiu...

Bemdito, sim, ó cavador,
Bemdito o pão, bemdito o exemplo que nos déste!

Fosse eu tambem um forte e firme luctador
Morrendo como tu morreste.

THOMAZ DA FONSECA

O coração resplendente

CONTO ESCLAVONICO)

Em tempos antigos vivia, não sei onde, uma raça de homens; só o que sei é que florestas impenetraveis rodeiavam por tres lados as tendas d'essa gente, ao passo que do lado restante os seus olhares se alongavam pelo steppe illimitado. Esses homens eram fortes, alegres, audazes e contentes, até que ruim destino os acabrunhou. Vieram outras tribus que dos lares os expulsaram para o mais cerrado da floresta, onde a terra estava toda coberta de pantanos e de atoleiros, e onde reinava uma escuridão lobrega — porque a floresta tinha um rôr de seculos de edade, e os ramos das arvores por tal forma se haviam enredado uns nos outros que atravez d'elles não se via uma nesga de ceu, e os raios do sol a custo penetravam pela massa espessa de folhagem. Mas quando o sol cahia sobre as aguas estagnadas dos paúes e dos brejos, erguiam-se venenosos vapores da superficie anegrada, e, um a um, iam morrendo os homens.

E levantou-se grande alarido entre as mulheres e as creanças da tribu, mas os paes cahiam n'um scismar profundo:

—«Urge que achemos caminho para fora da floresta».

Tinham a escolher duas direcções apenas. Uma d'ellas levava-os de novo aos primitivos lares, mas esses, havia-os invadido o inimigo poderoso e cruel; o outro, sempre ávante, por onde as arvores gigantescas lançavam as fortes ramadas umas em volta das outras, afundando na terra apaúlada as raizes nodosas. Todos os dias ellas se quedavam immoveis, silenciosas, como petrificadas, n'um diluculo pardacento. Quando anoitecia e se accendiam fogueiras, ellas pareciam pesar mais rudemente sobre essa gente habituada á expansão do steppe, á vida e á liberdade. Mais horrendo era ainda quando o vento açoutava as copas do arvoredo e a floresta sussurrava soturna e terrivel, como se entoasse uma nenia sobre esse povo que nos seus recessos buscara acolhida contra o inimigo.

Valorosos eram elles, e não teriam vacillado em travar peleja mortal contra aquelles que lhes haviam empolgado a patria.

Não podiam porém morrer. Uma missão tinham; de seus avoengos haviam herdado tradições que morreriam com elles, se acaso perecessem na batalha.

Noites e noites passavam portanto no somno, na meditação e na ociosidade, entre os vapores mephiticos, emquanto a floresta rugia.

Sentados em torno das fogueiras, alongavam as sombras em derredor d'elles; mas a seus olhos, afiguravam-se ellas espiritos ruins das florestas e dos pantanos.

Por isso seus corações fraquejavam, dominava-os o terror, prendiam-se-lhes os braços, e cada vez com mais frequencia segredavam e depois soltavam em voz alta palavras abjectas e ignobeis. Era melhor que retrocedessem, que se entregassem aos inimigos, que renunciassem á liberdade. O terror de um viver captivo era menor n'elles do que o pavor de morte.

Foi então que Danko se adeantou, e os salvou a todos — elle sósinho.

Era Danko um formoso mancebo da tribu; são sempre intrepidos os que possuem a belleza. Portanto, elle disse assim aos companheiros:

—«Não é com pensamentos e palavras ape-

nas que podemos remover os estorvos que se erguem no nosso caminho. De que serve perder tempo e força e queixumes vãos? Senhores: embrenhemo-nos pelas profundezas da floresta, até que a atravessemos. Algures deve ella de acabar. Tudo na terra tem um termo. Partamos. Vinde!»

Todos o encararam, e convenceram-se de que era elle o melhor e o mais valente, porque em seus olhos viram coragem e enthusiasmo.

—«Guia-nos tu!» bradaram.

E foi assim que elle os guiou.

Adeantaram-se ousadamente, por isso que n'elle confiavam. Era difficil deveras o caminho. Cerração á volta d'elles; e a cada passo os paúes enguliam homens, e as arvores obstruiam-lhes a marcha, em fileiras cerradas; intrincavam-se as ramadas á laia de serpentes, as raizes alongavam-se por toda a parte, e cada passada para a frente custava suor e sangue.

Largo espaço jornadeiaram. Mais e mais espessa lhes surgia a floresta. Até que por fim lhes falleceu o animo; começaram a murmurar que o juvenil e inexperto Danko os guiava debalde para a densidão da floresta. Elle porem caminhava sempre ávante com tenacidade e cheio de esperança.

Mas eis que se levantou uma tempestade, esbravejando sobre a floresta; um rugido agourento percorreu o arvoredo. Desabaram trevas, como se alli se houvessem condensado todas as noites desde o inicio da creação. Os miseros marchavam por entre as arvores colossaes, atravez dos ribombos do trovão. Troncos gigantescos, curvando os topes, rouquejavam sinistros cantos funereos.

Por sobre a floresta dardejavam relampagos sinuosos, e envolviam-na por um instante n'uma luz fria e pallida.

Em taes momentos parecia áquella gente que as arvores viviam, que para elles alongavam os longos braços nodosos; no meio da treva circumdante, parecia estar de embuscada algo de negro e de gelido.

Era um caminhar cheio de angustias. Estava quasi exhausta aquella gente, e seus corações sossobravam.

Todavia, envergonhados de confessar sua fraqueza, accumulavam toda a colera e todo

WILL G MEIN

NOITES E NOITES PASSAVAM NO SOMNO, NA MEDITAÇÃO E NA OCIOSIDADE

o rancor sobre Danko, o qual caminhava sempre á testa d'elles, e começaram a accusal-o amargamente:

—«Illudiu-nos; não pode governar-nos».

Detiveram-se, esfalfados, com os corações repletos de odio, emquanto a floresta entoava um hymno de triumpho. E entre as sombras tremulas da noite, fizeram-se juizes de Danko.

ENTÃO O CORAÇÃO DESPEDAÇOU-SE EM MILHARES DE SCENTELHAS

E disseram assim:

—«És infame e malvado. Levaste-nos ao desastre; e agora deves morrer».

Os coriscos e os trovões ratificaram a sentença.

—«Vós dissestes-me: Guia-nos! e vosso guia eu fui», clamou Danko, pondo o peito a descoberto. Força e coragem me assistem para ser chefe, e foi por isso que vos guiei. E vós que fizestes? Nem força, nem constancia, vos coube para uma longa jornada. Seguiste-me como um rebanho de ovelhas».

Estas palavras atiçaram o furor de todos.

—«Deves morrer! Deves morrer!» gritaram elles.

Em unisono com elles cantava a floresta, e os relampagos esfarrapavam as trevas.

Danko olhou para aquelles por amor de quem tantas fadigas curtira; cercavam-no todos em circulo cerrado, e os semblantes eram ferozes. Viu então que não lhe era dado esperar por piedade, e o peito inflou-lhe de colera.

Mas logo este sentimento se dissipou; amava aquelles homens, e parecia-lhe que sem elle o seu destino era a morte. Abrazou-lhe o coração o lume do amor puro, e esse lume reflectiu-se-lhe no olhar limpido.

Mas ao ver isto, os outros julgavam que elle enlouquecera, e que por isso os seus olhos assim rebrilhavam. Como lobos se encarniçaram em redor d'elle, para mais facilmente lhe lançarem as garras e o matarem.

Danko porem adivinhou-lhes os pensamentos; mais intenso cresceu o lume ao seu coração. E entretanto a floresta inteira cantava o seu hymno de morte, o trovão rugia, e a chuva desabava em torrentes tremendas.

Mas Danko gritou com voz que sobrepujou o ribombar da trovoada:

—«Que me cumpre fazer pelo meu povo?»

Então de subito elle escancarou com as unhas o proprio peito, e arrancou de dentro o coração, erguendo-o muito alto acima da cabeça. E o coração radiou como o sol, e a floresta ficou silenciosa, illuminada pelo facho de illimitado amor. A cerração occultou-se na espessura e cahiu, a tremer, sobre os lodaçaes e os pantanos. Os homens quedaram-se, porem, como se se houvessem tornado em pedra.

—«Segui-me!» clamou Danko, precipitando-se para a frente, segurando sempre bem alto o coração ardente, e illuminando a vereda com seus raios.

Os outros foram-lhe seguindo no encalço, cheios de assombro. Então a floresta recomeçou a sussurrar, como apavorada, mas a restolhada dos passos cobriu-lhe a voz. Caminhavam ávante, rapidos e resolutos, impelli-

dos pelo esplendor do coração flammejante. Tambem agora muitos d'elles pereciam, mas esses morriam sem queixumes nem lagrimas. E Danko marchava sem parar á frente d'elles, e sem cessar o coração resplendia.

De repente, a floresta sumiu-se-lhes de um e de outro lado; tinham-na atraz de si, negra e silenciosa. E Danko e todos os mais mergulharam n'um oceano de luz e de ar, fresco e puro, após a chuva.

Rugia sobre a floresta a tempestade, lá para traz d'elles. Aqui brilhava o sol, arquejava o steppe, como se o impregnasse a vida, scintillava a relva com perolas de orvalho, lampejava um rio como se fôra de ouro.

Era ao cahir da tarde; e, aos raios derradeiros do sol, o rio avermelhou, como a torrente de sangue que jorrava do peito aberto de Danko.

Vaguearam seus olhos mortaes pelo extenso steppe.

Lançou um olhar de orgulho e de alegria sobre a terra de liberdade, em seguida deixou-se cahir e expirou.

Brandamente, como assombradas, as arvores da floresta segredaram após elle, e a relva, carminada por seu sangue, fez-se echo do sussurro.

O povo, porem, feliz, esperançado, nem deu pela sua morte, nem percebeu que ao lado do corpo sem vida de Danko ainda resplendia seu valoroso coração.

Só um homem mais acautelado o viu, e, como se algo receiasse, calcou o coração altivo.

Então o coração despedaçou-se em milhares de scentelhas, que se esparziram pelos ares e se extinguiram por fim.

Maximo Gorki.

O PARLAMENTO HUNGARO EM BUDA-PESTH

Um imperio ameaçado de desmembramento

A crise Austro-Hungara

Na imprensa portugueza resoam ecos frequentes da discordia que lavra actualmente na monarchia austro-hungara. É certo que a maioria dos nossos compatriotas só muito de relance conhece a momentosa questão que se debate nas margens do Danubio. Essa questão é todavia interessante pelas suas origens e pelas consequencias possiveis. Bastante complexa para se tratar pormenorisadamente em artigos ephemeros de jornaes diarios, ella merece ser apresentada de uma maneira clara e incisiva a todo o mundo civilisado, que importantes remodelações politicas de uma grande potencia podem affectar gravemente. Por isso não queremos perder a opportunidade de elucidar sobre o assumpto os leitores dos Serões, *adaptando um artigo em que, por forma concreta e assaz nitida, se expõem as circumstancias do problema e as suas soluções eventuaes.*

Sobre a questão do Schleswig Holstein disse uma vez Lord Palmerston que só uma pessoa, na sua opinião, a tinha entendido: era um erudito professor allemão, fallecido d'ahi a pouco n'um hospital de doidos. É duvidoso que haja actualmente alguem, fora de um circulo estreito de especialistas viennenses, capaz de comprehender o problema austro-hungaro, o qual é muitissimo mais complicado do que a intrincada questão dos ducados dinamarquezes. Esta ultima, em todo o caso, dizia respeito a condições politicas dentro da esphera da lei natural, ao passo que o problema austriaco pertence áquella cathegoria de impossibilidades, de que é typo classico a quadratura do circulo. É um esforço para estabelecer harmonia e união politica n'nm meio em que todos os elementos estão em conflicto fundamental, e esse esforço exerce-se por meio de uma alliança entre duas constituições ostensivamente liberaes, cuja base é a oppressão da maioria da população por

FRANCISCO JOSÉ
IMPERADOR DE AUSTRIA E REI DA HUNGRIA

MAPPA DO IMPERIO AUSTRO-HUNGARO, MOSTRANDO A DISTRIBUIÇÃO DAS DIVERSAS RAÇAS NO SEU TERRITORIO

duas minorias mutuamente antagonicas. Estes extraordinarios factores operam tambem em condições que são absolutamente excentricas, e nas quaes nem o decurso da historia nem a evolução do caracter nacional conduzem a qualquer processo logico.

Para perceber minuciosamente a anarchia que hoje domina a monarchia dual, temos de recuar ao famoso compromisso de 1867, pelo qual se suppõe regularem-se as relações modernas entre a Austria e a Hungria. Antes d'esse compromisso, a unidade do imperio estava assegurada por um absolutismo tão real e centralisador como o que existe ainda hoje na Russia. Este estado de cousas foi porem subitamente abalado até aos alicerces pelo golpe cruel de Sadowa. A dynastia dos Hapsburgos, com a sua oligarchia germanica, viu-se á mercê dos Magyares e das varias nacionalidades slavas, cada uma das quaes se aprestava a fazer em estilhas os detestados oppressores. N'este dilemma, a dynastia, com o seu cortejo allemão, não teve remedio senão vir ás boas com os mais poderosos entre os seus inimigos, e assim se effectuou o pacto com a Hungria. A sua ideia radical foi expressa com brutal franqueza pelo conde Beust, quando disse a Franz Deak:

— Acautelem-se com as suas hordas, que nós nos acautelaremos com as nossas.

As taes «hordas» eram, para os hungaros, os croatas, os servios, os roumaicos e os slovacos, e para os austriacos, os tseques, os slovenos, os dalmatas, os polacos, e os ruthenios. Em cada um dos paizes, estas nacionalidades extranhas — acrescentando-se a mais para a Hungria os habitantes allemães—formavam, e formam ainda, uma maioria de população, posta sempre em cheque pela coalisão das duas mais importantes minorias, os allemães na Austria e os magyares na Hungria. Ao mesmo tempo aboliu-se o regimen absolutista, e a Austria foi dotada com instituições parlamentares analogas ás da Hungria, sob a presumpção que por esta forma o funcionamento da dupla machina politica seria mais suave.

Não haveria difficuldades no systema, se acaso se houvessem realisado as razoaveis previsões em que elle se baseiara. Não succedeu assim em dois pontos essenciaes, e é força admittir que a culpa foi principalmente dos austriacos. Logo desde o começo, as duas partes contratantes interpretaram differentemente o compromisso. Os austriacos consideraram-no como o mechanismo de uma união

em que elles representavam o associado predominante; os hungaros, pelo seu lado, conceberam-no como uma alliança de dois estados independentes um do outro a todos os respeitos, a não ser o vinculo da corôa e os negocios communs prescriptos no proprio compromisso. Este desconcerto de opiniões empeçonhou até ás raizes as relações entre os dois estados. Tem sido aggravado por outras desavenças e incidentes. Assim, tem sido na realidade e sempre a Hungria, e não a Austria, o elemento predominante de união. O pacto foi virtualmente dictado por ella. N'esse anno tenebroso de 1867, a Hungria poz a faca aos peitos da Austria, e o compromisso foi por conseguinte uma capitulação perante as suas aspirações. Desde essa época, o seu predominio fortaleceu-se de dia para dia, graças á mais perfeita cohesão dos magyares, comparada com a dos allemães na Austria. O desgosto que isto produz na Austria accentua-se ainda por outro facto curioso. No intento de dar uma apparencia de realidade á illusão do seu predominio, ella comprometteu-se a pagar dois terços das despezas communs, pagando a Hungria apenas o terço restante. Assim são os Magyares que mandam tocar, e são sempre os austriacos que pagam ao gaiteiro.

O outro assumpto essencial em que o compromisso cincou é em atraiçoar a presumpção de que em ambas as metades de monarchia as minorias dominantes deveriam proseguir identica derrota. Foi o contrario exactamente que succedeu. Ao passo que os magyares teem geralmente permanecido unidos e a sua constituição tem funcionado com sufficiente regularidade, os allemães da Austria foram-se dividindo em facções, as quaes teem aggravado todas as condições normaes de anarchia e acabado por paralysar a constituição inteira. O resultado é que não só o compromisso deixa de se executar legalmente, mas nas circumstancias difficeis em que na Austria se encontra a corôa, os hungaros teem conseguido exercer sobre ella uma influencia muito alem da que lhes competia, quer pelo seu numero, quer pelos seus direitos legaes.

Á luz d'estes factos capitaes, não será difficil comprehender a crise presente. Desde 1875 que as pretensões dos magyares, animadas pelos embaraços crescentes da Austria,

BARÃO BANFFY

DIAGRAMMA MOSTRANDO A PROPORÇÃO DAS DIVERSAS RAÇAS NA POPULAÇÃO DA AUSTRIA E DA HUNGRIA

se vão expandindo gradualmente, até tenderem actualmente nada menos do que para a completa independencia da Hungria, sujeita apenas a uma dynastia commum. Desde 1867 até 1875 estiveram os Deakistas em maioria na dieta com uma politica conservadora es-

CONDE APONYI

crupulosamente moldada no compromisso. Este partido foi derribado pelos liberaes dirigidos por Koloman Tisza, que defendia reformas internas e um nacionalismo mais forte nas relações com a Austria. Mais de um quarto de seculo se sustentaram os liberaes no poder, consolidando o reino e tornando-o mais poderoso de anno para anno. Continuaram comtudo ficis tanto á lettra como ao espirito do compromisso, e a isto deveram a sua queda.

A consciencia da força nacional pareceu a certos patriotas incompativel com as restricções do compromisso, e por isso em 1898 surgiu um partido da independencia, o qual procurou attingir os seus fins por um systema de obstrucção na dieta. Durante alguns annos, pouco mais fez este partido do que levar a dieta a um estado de confusão, analogo ao do Reichsrath de Vienna; mas em 1902 achou uma plataforma sobre a qual conseguiu fazer um apello effectivo ao povo. Foi a proposta de um exercito nacional, em que as ordens de commando fossem dadas em magyar em vez de serem, como até hoje, em allemão. Os liberaes oppozeram-se á ideia, com o fundamento de que a unidade do exercito era um dos principaes vinculos entre os dois estados, e n'esta attitude foram vigorosamente apoiados pela corôa. Seguiu-se um longo periodo de obstruccionismo por parte dos independentes, e o ministerio viu-se forçado a introduzir uma reforma de regimento parlamentar, afim de fazer passar o orçamento e outras leis indispensaveis. As consequencias foram desastrosas. Attribuiu-se a instancias da corôa uma interferencia inconstitucional na liberdade de expressão, e d'ahi proveiu um silencio no proprio partido liberal; e quando no começo do anno corrente o ministerio apellou pára o paiz, soffreu uma derrota esmagadora. A maioria da dieta passou para os independentes e os dissidentes liberaes, que fizeram uma alliança com um programma nacionalista baseado na creação de um exercito essencialmente magyar.

N'este projecto convergem as aspirações dos dois partidos. Por dois motivos se lhe oppõe a Austria — um d'elles unionista, o outro exclusivamente germanico. Os unionistas declaram que o exercito é a unica instituição do imperio que se tem mantido livre da lucta de nacionalidades, e isso deve-se principalmente á restricção linguistica. Argumentam tambem que esta unidade do exercito é indispensavel para a protecção effectiva do imperio e para a manutenção da sua dignidade entre as grandes potencias. O argumento germanico, esse não pode apresentar-se com egual franqueza, por isso que é germanico em vez de ser patriotico. A «magyarisação» do

CONDE ANDRASSY

exercito hungaro representaria o ultimo golpe na illusão do predominio allemão na monarchia dual, e d'ahi deriva o anathema vibrado em Vienna.

Vê-se por consequencia que n'esta discordia a alienação de ha muito crescente entre magyares e allemães attingiu o ponto de ruptura. É duvidoso que o poder militar da Austria-Hungria soffre realmente se acaso o exercito magyar fosse reorganisado segundo os planos dos independentes hungaros, visto que nem mesmo os Kossutheitas extremos sonham em abolir o systema dual de governo; mas o que é indubitavel é que esta reorganisação seria fatal não só á hegemonia germanica do imperio, mas até á egualdade das duas monarchias. Uma concessão n'esta materia significaria o tornar-se a Hungria absoluto dictador do imperio, tanto em poder militar como em influencia politica.

Seria temeraria qualquer prophecia sobre as soluções do conflicto. Não é nada verosimel que elle traga comsigo o desmembramento do imperio, por isso que nenhuma das nacionalidades deseja a absoluta independencia ou com ella beneficiaria; mas afigura-se inevitavel que elle conduza a uma profunda modificação de todo o systema em que está baseado o imperio. O projecto de suffragio universal, apresentado pelo ultimo primeiro ministro, o general Fejervary, parece indicar os termos em que se effectuará a solução. Appellar-se-ha provavelmente para os elementos slavos; e, sendo inadmissivel a submersão dos magyares e dos allemães por aquellas hordas, como lhes chamava desdenhosamente Beust, chegar-se-ha naturalmente a um novo compromisso em Vienna e Budapesth. Mas para que esse compromisso venha a ser duravel, tem que ser muito differente do pacto de 1867. A unica probabilidade favoravel estará na franca acceitação do principio de federalismo equitativo.

FRAUZ KOSSUTH

UMA CASA ANTIGA, PROXIMA DO LOCAL ONDE FORAM MORTOS OS CINCO MARTYRES

Episodio da segunda invasão franceza

Estava-se em plena invasão franceza. Soult, duque de Dalmacia, entrara em Portugal para vingar a honra das aguias imperiaes, cujas pennas haviam ficado, mezes antes, pelos campos da Roliça e do Vimieiro, arrancadas num assomo de patriotismo e de heroica abnegação, pelos bisonhos soldados de Portugal.

A's tropas da segunda invasão não competia, portanto, sómente o papel de conquistadoras: traziam comsigo designios terriveis, feitos de sangue e de pilhagem, de vingança e de incendios. O immenso orgulho de Napoleão não podia conter-se perante as derrotas infligidas ás suas tropas por um povo tão pequeno que mal se enxergava na carta da Europa, mas que em repellões terriveis de desespero heroico, num amor immenso pela sua patria, conseguira o que, até então, nenhuma nação européa lograra obter: oppôr-se com vantagem ás desmedidas ambições do côrso, que pretendia cobrir a Europa com a sombra sinistra das aguias napoleonicas. Estavam ainda muito vivas as scenas de vandalismo que caracterisaram a primeira invasão. A palavra *francezes*, soava aos ouvidos do povo como symbolo de destruição e barbaridade, e todos se preparavam para oppôr uma barreira á invasão das hostes napoleonicas. As atrocidades de Loison repercutiam no animo dos portuguezes e despertavam-lhes no coração o sentimento da lucta em defeza do seu lar, da sua herdade e da honra da sua familia, d'esse conjuncto de lares, de herdades e de familias que constituiam a patria portugueza.

Não havia miliciano, nem ordenança bisonha que não sentisse picar-lhe, nas

veias, o sangue, de enthusiasmo e patriotismo, na ancia suprema de escorraçar os francezes.

O duque de Dalmacia entrara no Porto e a população desta cidade, mal soube deste facto, fugiu espavorida em direcção ao Douro, num desvairamento sem precedentes, numa desolação tal, que só pode ser comparada á ancia de salvar a vida. Emquanto uns fugiam nos barcos que puderam alcançar, outros lançaram-se como loucos para a ponte de barcas, a fim de attingirem a margem opposta, onde esperavam escapar ás patas dos cavallos, que nesse momento percorriam, em correrias doidas, as ruas da cidade. Dos primeiros, muitos foram varados pelas balas dos invasores, e dos segundos, alguns milhares tiveram por sepultura o leito do Douro, que parecia entoar-lhes os responsos funebres no marulhar plangente das suas aguas, sempre tumultuosas e rapidas. Foi um desastre de proporções lendarias, que ceifou mais vidas que o fogo duma batalha. A nova destes acontecimentos propagou-se com a rapidez com que se transmittem as noticias graves, sempre a avolumar-se nos pormenores, a inocular no coração do povo o odio aos francezes e a accender-lhe na alma o fogo patriotico. Soult estabeleceu-se na cidade do Porto, e sonhando realezas, fantasiando, talvez, uma côrte espaventosa de generaes-cortezãos, pensamento que lhe aguilhoava a ambição e a vaidade, mandou que as suas tropas seguissem na direcção de Coimbra, assenhoreando-se do territorio até ao Vouga. O povo inerme, á approximação dos francezes, fugia, como de bandos de barbaros, sempre promptos a roubar e assassinar, e escondia nos sitios mais reconditos os seus haveres, não perdendo occasião de cevar nos inimigos o odio que lhe refervia na alma. E' um destes factos que passamos a narrar, conforme nol-o pinta a tradição transmittida por pessoas ainda existentes, que o ouviram da bocca dos contemporaneos dessas scenas de sangue.

*

Corriam os ultimos dias do mez de abril de 1809. A seiva primaveril inundava de vida a natureza, que havendo despido ha pouco o seu manto diaphano de neve, parecia sorrir por entre as primeiras flôres que desabrochavam pelos campos e pelos valles, numa alegria edenica, que contrastava singularmente com o manto de negrumes que pesava sobre o paiz e com a tristeza que se desenhava profunda na physionomia acabrunhada do povo. As arvores que ha pouco estendiam os seus ramos hirtos e regelados, floriam já, e apresentavam-se cobertas do seu vestuario de gala, recamado de flores que perfumavam os caminhos com a sua fragrancia deleitosa. Pelas beiras das veredas, as giestas formavam uma ramada densa coberta de flores que se preparavam já para a tradicional corôa, que em breve seria collocada á porta da choupana aldeã, com o fim de afastar, durante o anno, a fome, da morada rustica do lavrador pobre.

Por uma destas manhãs, alguns cavalleiros francezes haviam partido do Porto levando comsigo despachos de Soult e seguiam a estrada de Coimbra, por entre uma paisagem de verdura, despreoccupados, recordando talvez os amores que lhe ficavam na patria distante. Pelas alturas d'Arrifana alguem houve que, presentindo-os, lhes tomasse a dianteira de alguns kilometros e se collocasse d'emboscada sobre uma barreira que dominava a estrada, e alli os esperasse para os matar. Era uma manifestação de patriotismo, mas um patriotismo feroz, desvairado; era uma manifestação de odio ao estrangeiro invasor, que calcava o terreno sagrado da patria, era uma manifestação da revolta latente que dominava o animo do povo. Desgraçadamente o plano surtiu o desejado effeito. Mal os francezes se approximavam, da emboscada partiu uma descarga que lançou por terra um dos cavalleiros, que nunca mais se levantou do solo, onde cahira mortalmente ferido. Os restantes abandonaram o cadaver e seguiram até Oliveira d'Azemeis, á excepção d'um, que desvairado, esquecidas as gloriosas tradições dos veteranos d'Arcole e Freidlond, fugiu atravez de mon-

tes e valles pelas veredas mais escusas, até parar na residencia parochial, onde, a essas horas, talvez o velho reitor de S. Thiago, encarnando-se no mistér de sacerdote de uma religião de fraternidade e amor, levantava as suas preces, implorando gloria para Deus, no ceo, e paz, na terra, para os homens. Despertou-o das suas longas meditações a inesperada apparição do fugitivo, e ao ouvir-lhe a narração do que se passára no outro extremo da sua parochia, logo pelo espirito lhe passou a ideia da revindicta de sangue, que, em breve, alagaria os campos da sua aldeia natal e querida. Não hesitou um momento. Seguiu sem delongas para a villa, na tarefa mil vezes santa de dissipar da mente dos subordinados de Soult, a ideia de que a aggressão partira dos seus parochianos. Procederam os francezes a indagações e chegaram á conclusão de que os auctores do attentado eram d'Arrifana. Sobre os habitantes desta freguezia cahíria a vingança, terrivel de atrocidades e de sangue, vingança horrivel como a de Morgaron, em Leiria, ou a de Loison, em Evora. Cahiram sobre a povoação como um bando de abutres famelicos, sedentos de sangue e de vidas, resfolegando atrocidades, respirando odio e latrocinios. Foi horroroso, indiscriptivel.

Arrebataram todos os homens que não conseguiram fugir e encerraram nos na egreja, transformada de templo de uma religião augusta, em carcere horroroso, symbolo duma invasão de barbaros, que nem aos recintos sagrados guardaram respeito e decôro. Houve scenas patéticas de desespero e desolação. Filhos arrancados dos braços das mães, debulhadas em lagrimas, maridos arrebatados dos lares á vista dos filhos e da esposa que se estorciam em arrancos duma dôr pungente e sem limites. Era uma verdadeira batida ao homem, que em parte alguma encontrava asylo seguro. E quando os algozes haviam completado a caçada, transportaram as víctimas da egreja para um campo vasto, onde os enfileiraram. Algumas dezenas d'espingardas apontadas sobre aquelle alvo inerme, completaram a obra.

O LOCAL DA EMBOSCADA, COMO ELLE SE ENCONTRA ACTUALMENTE. O NICHO DAS ALMAS É UMA REMEMORAÇÃO EM PEDRA DA MORTE HORROROSA DOS CINCO PORTUGUEZES SUPPLICIADOS EM OUTRAS TANTAS ARVORES.

Resoou uma descarga, que teve por repercursão um grito unico, unisono.

O sangue tingiu a herva do campo, e esses corpos que ha momentos se conservavam de pé, erectos, estendiam-se no solo, como arvores robustas que o raio fulminasse. Mas era necessario ainda mais um requinte de atrocidade. Levaram alguns que haviam ficado da matança, cinco, segundo a tradição, junto do local onde havia sido morto o francez, inflingindo-lhe, pela via dolorosa de alguns kilometros, os supplicios mais atrozes, de modo que dois só, arrastados, é que attingiram o logar do sacrificio. E este não podia ser mais barbaro. Collocaram-nos, pendurados, de cabeça para o solo, em uns carvalhos, e nelles foram sacrificados aos manes da patria livre. E lá estiveram, com a bocca desmedidamente aberta por um pau que lhes afastava as maxillas, durante alguns dias, estes martyres da patria, expostos aos olhares compungidos dos transeuntes. Mãos piedosas houve que gravaram, em cada uma das arvores propiciatorias, uma cruz, que muitas pessoas vivas se recordem de ser em cinco arvores, que tantos foram os martyres que alli exhalaram o derradeiro alento. E o povo olhava para ellas com tanta devoção e respeito como para os altares de Deus, pois que representavam, aos seus olhos, um sacrificio sanguinolento, consummado em holocausto da patria, que gemia escrava. Mas a picareta do progresso arrancou esses symbolos augustos, sem respeito pelo drama que nelles teve o epilogo, com o fim unico de rasgar uma estrada — a real numero dez. É esta uma das paginas mais luctuosas da historia destes sitios. Pagina cheia por um unico facto, em que, como sempre que a patria está em perigo, o povo representa o principal papel, ou colhendo a mais farta messe de glorias e triumphos, ou experimentando o maior numero de desgraças e soffrimentos.

Se a mocidade soubesse...

IV

A MELODIA DAS VIOLETAS

TINHA a burgravina Betty um brilho singular nos olhos, que geralmente excitavam o pasmo de quem os via pela primeira vez, em razão do seu aspecto de mimosas flores azues desabrochando n'aquelle rosto levemente atrigueirado. As faces quasi sempre descóradas ostentavam um rubor escuro, ao mesmo tempo que expandiam sorrisos, aliás naturalissimos por ser n'aquelle dia o casamento da baronezasita Sidonia, sobrinha do burgrave.

No velho burgo de Wellenshausen, poisado no alto da penha, que sussurro e azafama durante os ultimos tres dias!... Por circumstancias especiaes e em virtude da inabalavel resolução que tinha manifestado o noivo — estava no caso de dictar condições e havia-as dictado — apressou-se o casamento de um modo sem precedentes. O desejo do conde de Waldorf-Kilmansegg era deixar de ver o seu desagradavel amphytrião, e escapar aos olhares prescrutadores da burgravina. Conspirava com este sentimento, levando-lhe grande vantagem na intensidade, a impaciencia em que Estevam se debatia, esperando o momento de gosar a deliciosa solidão *à deux* com a sua encantadora noiva.

Os chefes das casas mais importantes das cercanias estavam na corte de Jeronymo, passando vida alegre, absolutamente despreoccupados da guerra, que assolava toda a Europa, e das ameaças de imminente revolta, que de quando em quando se notavam no pequeno reino. Ainda, porém, que estivessem disponiveis, difficilmente poderiam ter sido convidados, em razão da estreiteza do tempo. E comtudo era a principal herdeira da região que ia casar n'aquelle dia, e o noivo — o conde de Waldorf-Kilmansegg — não lhe ficava atraz em nobreza, aspecto e cabedaes. A despeito da grande pressa, tudo correu muito bem, revestindo um caracter de encantadora simplicidade a cerimonia effectuada no interior das muralhas do burgo. O noivo ostentava porte viril e todo se revia na meiga Sidonia, em quem a dignidade infantil brilhava a par de certo recato verdadeiramente delicioso. O burgrave tinha a perfeita apparencia de «pae nobre» e orvalhou de algumas lagrimas o bigode, ao passo que os olhos da burgravina chispavam como nunca. Depois, ao almoço, tudo correu tambem placidamente; e se nem os noivos nem a gentil dona da casa responderam, como a pragmatica exigia, aos brindes enthusiasticos, propostos e abundantemente regados pelo burgrave, ninguem tinha que dizer das olhadellas trocadas entre os noivos, nos rapidos instantes das libações. Pelo que respeita á burgravina Betty, justiça é dizer que chegou quasi a rivalisar com o esposo no afan de emborcar pela sua delicada garganta copos e copos de Sillery.

Notavel pressa mostrou a nova condessa de Kilmansegg em ir da sala do festim para o seu pequenino aposento da torre, sob o pretexto de se vestir para a jornada. Acompanhou-a o noivo com um longo e profundo olhar, o que, visto pela burgravina, lhe fez abanar a cabeça e retirar-se tambem da sala.

Apenas se viu só com a sobrinha, Betty arrancou-lhe da loira cabeça o veu de noiva, com movimentos tão bruscos e febris que Sidonia se voltou para ella, muito admirada. Vendo-lhe nos olhos aquelle extraordinario fulgor, perguntou:

— O que é, tia Betty?

—O que é, Sidonia?... Ah! Perdão! Devia dizer: sr.ª condessa.

— Eu fiz-lhe alguma coisa? Está zangada comigo?

A pobre creança tinha o coração a transbordar de ternura e a sua vontade era repartil-a por quantos em casa tinha conhecido.

— Explique-se, pelo amor de Deus! — interrompeu a noiva.

Arrancou das lindas tranças a grinalda de murta, e, approximando-se da condessa, com o rosto singularmente alterado, disse-lhe:

— Deve explicar tudo claramente, tudo!

—Ainda que tivesses a innocencia que apregoas, — replicou a burgravina, com o seio a arfar — eu seria cruel para comtigo, creança, se te deixasse partir ignorando a verdade. Parece impossivel que leves a cegueira até o ponto de não ver que o pobre rapaz te desposou unicamente para lavar a mancha do teu nome, da tua honra!

Sidonia, n'uma pallidez mortal e com os olhos dilatados pelo terror, balbuciou:

—Não comprehendo...

—Será preciso dizer-te — redarguiu a outra, enclavilhando as mãos com desespero — que se uma rapariga da tua edade passar uma noite dentro de uma caverna e a sós com um homem, ficará com a sua reputação totalmente perdida?

SIDONIA BALBUCIOU... — NÃO COMPREHENDO...

O sangue affluiu de novo ás faces da noiva.

— Pois a tia censura-me por eu lhe ter salvado a vida... que digo eu?... a reputação! Ah! Mas não acredito! Meu marido não tem a vileza que a tia lhe attribue. Disse-me que me ama, e eu confio n'elle.

A burgravina soltou uma gargalhada estridente, e logo, por uma rapida transição, apertou a sobrinha contra o peito, n'um movimento hysterico.

—Zangada! Eu!—disse a mulher do burgrave.

N'isto foram interrompidas por uma aia, que entrou muito azafamada, mas que Betty despediu logo dizendo-lhe com desabrimento:

— Vá-se embora, que eu mesma ajudo a sr.ª condessa a mudar de vestido.

E continuou a falar á sobrinha, com affectada brandura:

— Não, meu amor. Porque havia eu de estar zangada? O que posso estar é envergonhada pelo meu sexo. Confesso que ainda me não passou a terrivel impressão causada pelo escandalo, que tornou necessario este humilhante casamento, mas...

— Ai! Minha pobre cordeirinha! Fui muito cruel para comtigo. Sim! Sim! Continúa n'essa tocante confiança. Não te digo nem mais uma palavra. Seria barbaridade arrancar-te a venda dos olhos um dia mais cedo do que é preciso.

Esta manifestação de sympathia impressionou, muito mais do que o escarneo, a nova condessa. Agarrando os pulsos da burgravina com as suas mãos pequeninas, mas fortes como se fossem de aço, bradou:

— Ha de explicar-me tudo, ha de explicar-me tudo!

—Nunca!—exclamou Betty, soltando quasi um grito, e protestando implicitamente que não cederia áquella intoleravel violencia.

Esfregou ambos os pulsos, e murmurou, lagrimejante, que sentia o coração dilacerado.

— Ingrata creança! — soluçou.

— Não vês que me sacrifiquei por ti? Aah!... Se elle me jurou o seu amor! (A quem a sangue frio não podemos mover, excitam-se-lhe as paixões). — Ha quatro dias, no terrapleno da torre, — e apontou dramaticamente para a torre de leste, cujo vulto sombrio se lobrigava atravez da esguia janella — ha quatro dias apenas que me entregou o seu coração e me consagrou a sua vida, esse marido em quem tanto confias.

—Não acredito—repetiu Sidonia. Mas o seu rosto fresco e juvenil parecia que de repente se tinha tornado de marmore.

— Olha! — gritou-lhe Betty.

E tirando do seio um bilhete já muito amarrotado, pôl-o deante dos olhos da sobrinha.

— Vê isto! Vê o que elle me escreveu, pedindo-me que fosse ter ao logar onde me esperava. Lê estas palavras: «Está tudo prompto». O que querem dizer? Não sabes?... Que a sua carruagem me aguardava, para nos levar a salvo até ao nosso paiz, onde gosariamos a felicidade.

— Então porque não foi? Porque me mandou em seu logar? — perguntou Sidonia, impassivel.

— Porque fui uma tola! — retorquiu Betty, com voz estridula, dando ás suas palavras um tom selvatico de tão completa verdade, que Sidonia acabou por acreditar. Recebeu das mãos tremulas da burgravina o pedacito de papel. Mas as suas mãos não tremiam.

—Está bem. Peço-lhe que diga ao meu marido que venha falar-me. Já sei o que devo fazer.

E, ao dizer isto, guardou o bilhete no corpete do seu vestido de noiva.

O exito completo de uma vingança nunca deixa de assustar ligeiramente a quem se vinga. Foi o que sentiu a burgravina Betty, quando fechou a porta que a separava d'aquella extranha e desconhecida Sidonia. Mas tendo avançado muito, já não podia recuar e decidiu colher a recompensa final.

*

* *

O noivo entrou com ares respeitosos, embora sentisse a mais viva alegria. Logo, porém, que viu a noiva, parou estupefacto.

Sidonia estava sentada n'uma cadeira de elevado espaldar, e com aspecto de juiz que vae proferir a sentença. Posto que tivesse a frieza estampada no rosto, os olhos, inconscientemente, lampejavam censuras.

— Mandei-o chamar, *Monsieur* de Kilmansegg — disse ella, articulando as palavras com grande nitidez — a fim de participar-lhe que resolvi não o acompanhar.

Para onde fugira a harmonia crystalina d'aquella voz? — Estevam era orgulhoso e irritavel, e o seu espirito não se distinguia pela rapida intuição.

— Não comprehendo — disse elle, como Sidonia tinha dito alguns minutos antes, mas o seu tom traduzia a raiva. Talvez Sidonia esperasse uma attitude diversa, imaginando, pobre creança! que o noivo lhe cahisse aos pés, chorando amargamente. Á sua vaidade ferida vinham juntar-se outros sentimentos desconhecidos, que de repente quasi degeneravam em odio. Não desceria a explicações e muito menos a queixumes.

—Baste-lhe comprehender que d'ora ávante viveremos separados. Não o acompanho. Vá-se embora, esqueça-me.

— Sidonia! — gritou Estevam com desespero, e deteve-se por instantes, olhando-a fixamente.

Acabava de ter uma horrivel suspeita. Seria possivel que aquella creança tivesse estado a representar com elle uma torpe comedia? Teria fingido um amor casto e ingenuo, havel-o-hia acceitado por marido com ternura virginal, unicamente para salvar a honra ameaçada do seu nome?... Mais ainda: não seria tudo aquillo um conluio infame?... Apossou-se d'elle uma furia repentina, e uma onda de sangue tingiu-lhe as faces. Em duas

passadas chegou ao pé de Sidonia, e curvou-se para ella ameaçador, dizendo-lhe, voz em grita:

— É minha mulher! É minha! Pertence-me! Ha de fazer o que eu lhe mandar!... E tudo o que eu quizer!

O olhar que o marido lhe deitou, encheu-a de novos e desconhecidos pavores. Creança que mal acabava de tornar-se mulher, recuou instinctivamente, como para fugir a alguma coisa que não discernia bem, mas que a magoava infinitamente. Ao chegar as mãos com força ao peito, para conter as palpitações desordenadas do coração, sentiu estalar debaixo dos dedos o papel do traiçoeiro bilhete da burgravina.

Espicaçada outra vez pelo resentimento e desdem, aprumou a cabeça e mediu Estevam com a vista. Alguma utilidade havia de ter para a baroneza Sidonia o pertencer a uma altiva raça, nobre ha muitos seculos.

— Se quizer pode levar o meu dinheiro .. tudo o que é meu... Dizem que sou muito rica.. Só exijo que me deixe para sempre.

Como se a pequenina mão da noiva, queimada pelo sol, o tivesre ferido mortalmente, Estevam Lee, conde de Waldorf-Kilmansegg, recuou alguns passos, e o ardente sangue da mocidade fugiu-lhe das faces, deixando-as lividas.

Permaneceu silencioso durante momentos. Depois cumprimentou, rodou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a porta. Quando ia transpor o limiar, voltou-se para traz e fitou os olhos em Sidonia: era um olhar de despedida, em que manifestava orgulho tão indomavel e tão cruelmente ferido, como o d'ella, e a mesma censura pungente. Tinha os labios a tremer, o que não passou despercebido á noiva.

A porta fechou-se suavemente entre elles, separando-os, e foi a pouco e pouco esmorecendo a bulha dos passos. Sidonia olhou de relance para o seu anel de casamento e julgou que o coração se lhe despedaçava; mas deixou-se ficar sentada e não fez a minima tentativa para chamar o noivo.

* * *

N'aquelle dia o ceo estava mosqueado de nuvens e a brisa enregelava. Longos charcos reflectiam o azul e o branco ao longo das rodeiras abertas nas mal cuidadas estradas de Sua Magestade o rei Jeronymo da Westphalia. Eram largos e fundos os sulcos, vestigios deixados pelo que fôra «grande exercito»: até

SIDONIA OLHOU DE RELANCE PARA O SEU ANEL DE CASAMENTO.

uma creança de aldeia poderia dizer que grandes peças de artilharia e carros tinham passado por aquella estrada, antes que a varresse o temporal da ultima primavera.

Porém o cavalleiro, no seu alentado cavallo ruço escuro, ia patinhando a lama em descuidosa corrida. Extranho ao sitio — inglez por educação e por herança chefe de uma importante casa nobre da Austria — consagrara-se a viagens para desenvolver o seu espirito juvenil no estudo da emmaranhada politica internacional, visto que, em razão do seu nascimento, ainda havia de tomar logar entre os legisladores do paiz a que pertencia. E afinal de contas a sorte armara-lhe uma cilada, em que elle se deixara cahir arrastado pelo incauto coração.

Verdade é que o homem pode libertar-se dos laços do amor, como a avesinha da floresta se escapa da armadilha, mas ferido, mutilado, com signaes indeleveis do que soffreu. Que importava a Estevam que o vento de oeste, ao bater-lhe na face, viesse embalsamado com o aroma dos pinheiros verdenegros, que á direita escalavam a encosta? Que lhe importava que as viçosas campinas, que á esquerda iam descendo, descendo, fossem de um vivo tom verde, doirado pelos raios do sol, ou que sombras passassem por ellas como alados e mysteriosos mensageiros? Os seus ouvidos estavam surdos para o canto sussurrante dos pinheiraes, para a alegria estridente da cotovia, que echoava repercutida pela abobada azul. Impassivel, ia trotando por meio das miserrimas aldeias e dos casaes desertos, que já tinham respirado abundancia, e á beira dos trigaes devastados. De quem estava sendo, como elle, tão maltratado pela vida, não podia esperar-se a esmola de um pensamento compassivo em favor dos soldados lavradores, que penavam, longe d'ali, inteiriçados sobre as neves da Russia, ou arrastando-se, vencidos, nos pedregosos desertos da Hespanha; nem tão pouco das familias a morrer de fome, que debalde esperariam a volta de quem lhes ganhava o pão. Se nem sequer sabia para onde caminhava com tamanha pressa, na ancia de atravessar a fronteira! Era esta a paixão que o absorvia inteiramente.

*

* *

Com a cabeça curvada para a banda d'onde soprava o vento e a rabeca deitada para as costas, o musico ambulante contemplava o outeiro onde a estrada imperial, que orlava a floresta thuringiana, pendia para o valle fertilissimo banhado pelo Fulda. Tão aspera a subida que até fazia esmorecer os rijos tendões do cavallo ruço, de modo que o cavalleiro teve de moderar a impaciencia e resignar-se a avançar lentamente. Foi assim que ficou a par do humilde viandante, que jornadeava a pé. Reconheceu-o de prompto, mas a sua vontade foi estugar o passo. Realmente era crivel que n'uma vasta região deserta e n'uma estrada solitaria, o destino o fizesse encontrado com o homem que mais desejava evitar, o homem que acabava de ter influencia — tão desastrosa, julgava elle — na sua vida?

N'aquelles dias, a roda da fortuna parecia girar com caprichosa phantasia, derrubando os poderosos e exaltando os de humilde nascimento. Que mysteriosa tragedia se haveria dado na existencia do musico errante, no meio do cataclysmo universal? Os que o conheciam como vagabundo, e o viam percorrer as estradas tirando o sustento do favor com que era acolhida a sua rabeca, só podiam fazer conjecturas. As suas maneiras, porém, eram as de quem está habituado a mandar, o seu temperamento o do estudante e do philosopho: tinha um poder singular sobre todas as pessoas cuja intimidade escolhia. Era bemvindo tanto para os ricos como para os pobres, mas ninguem lhe sabia o segredo.

Estevam, que a sorte parecia collocar por capricho no caminho d'este homem singular, vendo-se agora humilhado e com o coração despedaçado pela amargura, accusava-o secretamente de mau conselheiro.

O rabequista Hans — como na terra conheciam o vagabundo — estremeceu ao ver a face juvenil do austriaco surgir do capote e exclamou:

— O sr. conde!

— Eu mesmo.

Ambos pararam, e ficaram a olhar um para o outro, com expressão de profunda censura.

— Para onde vae sósinho, montado n'esse cavallo ruço? — perguntou afinal o musico, n'um tom de ironia, sob o qual disfarçava sentimentos mui diversos.

— Para onde fique o mais longe possivel da minha noiva — respondeu o conde, com um pallido sorriso.

Hans franziu as sobrancelhas, carregando muito o aspecto do semblante, e disse a meia voz:

— *Peste!* Não será cedo de mais? O casamento, se não me engano, foi hoje de manhã. Ouvi de muito longe o alegre repicar dos sinos. Se ao menos se tivessem passado uns quatro mezes... mas agora...

A expressão era cynica, comtudo nos olhos havia anciedade e dir-se-hia que a tisnada face de repente se emaciava e envelhecia.

— Mezes! — repetiu o cavalleiro, rindo com azedume. — A Sidonia bastaram poucos minutos para calcular o que eu valia.

— Sidonia! — exclamou com força o rabequista.

Embora o outro quizesse ostentar frieza, a ira transparecia-lhe no rosto ordinariamente impassivel, e vibrava-lhe na voz como o primeiro rouquejar da tempestade.

— Deveras julgou que me casei pelo simples passatempo de fazer um escandalo e de abandonar a minha esposa de uma hora? Seria, na verdade, um optimo gracejo. Não, meu caro. A situação é obra d'ella e de mais ninguem. Usando do seu privilegio de mulher, mudou de ideia.

— Ainda hontem era uma pura creança — objectou o musico ambulante.

—Já tinha deixado de o ser hoje de manhã!

— Valha-nos Deus!... E que assim fosse? —bradou o rabequista com impaciencia.—Se ella representou de mulher, tanto maior razão para o conde representar de homem... Pois é possivel que a deixasse? Deixou-a realmente?... Bastaram algumas palavras desagradaveis, qualquer mal entendido?... Se ella lhe pertencia, porque não a trouxe comsigo, ainda que fosse na garupa do cavallo?

— Assim mesmo justamente — replicou Estevam—quiz eu proceder, apesar de não ser muito fertil em expedientes. Tanto procedi como homem, que lhe declarei terminantemente que havia de acompanhar-me por sua vontade ou á força, na carruagem preparada para a nossa viagem de nupcias e não na garupa do cavallo. Sabe o que me respondeu?... Que eu tinha casado com ella e com o seu dinheiro.

— Ah! fez o rabequista, profundamente impressionado.

— Parece que é muito rica. Offereceu-me os seus bens, todos os seus bens, contanto que eu a deixasse para sempre. Hum!... Que responderia a uma coisa d'estas? Diga!... Tratei de comprar o primeiro cavallo que se me deparou, e metti-me á estrada, deixando-lhe a carruagem, e os creados, por isso que menor estado não pode ter a condessa de Waldorf-Kilmansegg. Emfim, está encerrado o episodio.

O CAVALLEIRO NO SEU CAVALLO RUÇO IA PATINHANDO A LAMA

O cavalleiro afrouxou as redeas e fez com que o animal, já refeito da fadiga, continuasse na trabalhosa ascensão do outeiro.

Depois d'isto, o musico ambulante, que tinha estado de olhos fitos nas pedras do chão, curvou-se como quem mette a cabeça ao vendaval e caminhou a passo, junto do cavallo.

Dir-se-hia que os hombros se lhe curvavam ao peso de enorme carga, embora fosse evidente que os logros terriveis a que a sorte o sujeitara, já o haviam tornado pouco accessivel ao espanto. Passados instantes levou a mão ao pintalgado pescoço, e, de olhos erguidos para o cavalleiro, disse-lhe:

— Estas mulheres ... estas creanças ... insultam um homem, porque não sabem mais. Alguem lhe fez mal aposto. O mal está sempre de atalaya, quando os sinos repicam para um noivado. Vá ter com Sidonia.

— Eu!

— Vá ter com ella, sim! Tenha generosidade.

Estevam soltou uma gargalhada, mostrando que a ferida era muito mais funda do que suppunha o companheiro, e disse rapidamente:

— Vou para Vienna, mas socegue, pois hei de regular tudo de maneira que nem a honra de Sidonia nem a minha soffram menoscabo.

— Não! — interrompeu o outro, encarando-o fixamente. — Um casamento nas condições do seu é facilimo de annullar, desde que os noivos estejam arrependidos.

As mãos de Estevam contrahiram-se, apertando as redeas.

— Parece-lhe? — perguntou elle, com a cara muito afogueada. Sim. Tem razão. É o melhor de tudo. Nem ella deseja outra coisa.

Estas ultimas palavras foram entrecortadas por uma risada.

O musico observou-o e a physionomia desannuviou se-lhe um pouco, e, ás occultas quasi, chegou a esboçar um sorriso. Puxou a rabeca para deante, encostou-a ao peito, e, como se estivesse immerso em cogitação profunda, foi tirando sons estridulos do instrumento.

— Quando chegarmos ao cimo d'esta ladeira, separamo-nos — disse o conde.

— Quem sabe? Está a parecer-me que não. Ouça, meu fidalgo.

Começava a levantar-se uma viração vernal, trazendo nas azas um rumor distante, de maneira que o musico impoz silencio, com aquelles dedos que nunca paravam, e estacou apurando o ouvido.

O conde fez logo com que o cavallo tambem estacasse. Não ha nada tão contagioso como a curiosidade do ouvido. Amainou a brisa, apenas os dois pararam, e então os sons que ella lhes trouxera por sobre a crista do outeiro, pareceu que se repetiam mais nitidos, partindo do fundo do valle situado para além.

— Que é isto? perguntou o cavalleiro.

Era um som como de chuva torrencial a cahir sobre a folhagem de um bosque, mas só com a differença de que o entrecortava a miude um tinir cadenciado. Ainda Estevam não tinha acabado de fazer a pergunta, quando sentiu o aspero tropear de cavallos, emergindo d'aquelle encadeado susurro: após o estalar de duas palavras ditas com intimativa, o tropel da gente que avançava calou-se de repente e do meio do silencio rompeu o crepitar de tiros, tão seguidos que pareciam o cahir de contas escapando-se de um cordão.

— Desvie-se para traz! — bradou o rabequista.

E juntando a acção á palavra, tomou o cavallo pelo freio e obrigou-o a recuar e a metter-se no fosso que do lado das campinas orlava o carreiro.

— Mas que é isto? — perguntou Estevam outra vez, ao tempo que o clamor, que reboava no interior do bosque, de novo se erguia confusamente, n'um medonho fragor, em que á vozearia humana, semilhando berros de animaes enfurecidos, se juntava o rinchar dos cavallos, o estalar dos ramos e as pancadas seccas das ferraduras nas pedras. Dilataram-se as narinas do musico. Especado de encontro ao lado esquerdo do cavallo ruço, o vagabundo continuava a segurar o freio com mão firme.

Um tenue vapor azul e um cheiro penetrante principiavam a coar-se por entre os sombrios abetos.

— Oh! innocente, pois nunca tinha aspirado este aroma? — perguntou elle, erguendo a cabeça para o cavalleiro e mostrando-lhe a tisnada face allumiada por extranhos clarões. Talvez não haja em toda a Europa uma só geira de terra que, n'estes ultimos doze annos, não tenho conhecido o fumo de similhante holocausto. Homem, isto é a batalha!

(Continua)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO)

Fabulas do Afghanistan

Como outros povos do mundo, os afghans usam de fabulas passadas entre animaes para d'ellas extrahir uma moralidade e illustrar regras de proceder. É possivel que a moral nem sempre esteja muito de accordo com as convenções do Occidente, e que os methodos applaudidos não sejam ás vezes os mais aptos para se popularizarem n'um meio civilizado. Mas que querem? As caracteristicas de uma raça é que dão côr á sua litteratura, e quanto mais comezinha é a litteratura, tanto mais vivo é o colorido. Succede por isso que as fabulas do Afghanistan refletem frequentemente a admiração respeitosa concedida ao exercicio bem logrado da manha e da fraude, qualidades em que são afamados os habitantes d'aquelle paiz.

O VIAJANTE, A COBRA E A RAPOSA

Quem conhece os habitos afghans de guerra aprecía bem a verdade da maxima, fornecida pela fabula seguinte:

Um homem, viajando no seu camello, passou por um sitio em que havia incendio no juncal. Estava uma cobra no meio das chammas, que desatou a pedir soccorro. O houem, sem fazer caso do odio da cobra á raça humana e attendendo apenas ao seu perigo imminente, consentiu em salval-a. Poz o alforge no chão, e a cobra, enrolando-se dentro d'elle, foi levada para logar de salvamento. Então o homem abriu o alforge e disse á cobra que se fosse embora, advertindo-a a que d'alli por deante se portasse melhor para com os homens. A cobra deu a seguinte resposta:

— Emquanto não te morder a ti e ao teu camello, não me vou embora.

O homem, magoado por tão negra ingratidão, poz em relevo o serviço que acabava de prestar. A cobra reconheceu a sua divida, mas mostrou ao homem o disparate que tinha feito em a salvar, visto a inimizade hereditaria existente entre as cobras e os homens. Continuou entre os dois a discussão em termos moderados. A cobra fazia fincapé no costume que tinha a humanidade de pagar sempre o bem com o mal; e o homem, negando tal, concor-

«EMQUANTO NÃO TE MORDER A TI E AO TEU CAMELLO, NÃO ME VOU EMBORA.»

dou finalmente em se sujeitar á mordidella, se a cobra podesse achar testemunha que corroborasse a verdade do seu asserto.

Encontraram uma testemunha na pessoa de uma vaca (rigorosamente, uma femea de bufalo). Examinada pela cobra, a vaca fez o summario da sua vida, e foi de opinião que o credo do homem era pagar sempre o bem com o mal. Assim, o seu dono, mal ella deixou de lhe dar leite, mandou-a para a engorda afim de a matar depois.

«É ESPANTOSO QUE TU NA MINHA PRESENÇA OUSES ATTRIBUIR QUALQUER COUSA A TI PROPRIO»

A cobra exigiu logo que se cumprisse o contracto. Mas o homem instou pela necessidade de duas testemunhas, e, por consentimento da cobra, foi chamada uma arvore para dar a sua opinião.

A arvore, em poucas palavras, recordou que durante um ror de annos ella tinha dado generosamente sombra a todos os homens que a reclamavam ás horas do calor; mas queixou-se de que elles, depois de se regalarem a descançar, levantavam os olhos para ella e, sempre que podiam, cortavam-lhe um ramo para cabo de enxada ou de machado. Chegáram ainda mais longe; houve tal que calculou quanto lhe poderia render a sua generosa protectora se acaso a reduzisse a tabuas. Em summa, a arvore era completamente do parecer da vaca. O homem, perplexo e angustiado, estava a parafusar como poderia ganhar tempo, eis senão quando apparece uma raposa e pergunta com o seu ar sarcastico:

—Que beneficio fizeste tu a esta cobra, que está com tanta vontade de te fazer mal?

Contaram-lhe a historia toda, mas a raposa recusou-se a dar-lhe credito.

—O alforge é muito pequenino, disse ella. Uma cobra d'este tamanho podia lá caber dentro!

A cobra, para a convencer, viu-se obrigada a provar-lhe com a pratica. A rapoza abriu-lhe obsequiosamente o alforge, e quando a pilhou encafuada, entregou-a ao homem para que a matasse.

— Uma pessoa de juizo não deve acudir a um inimigo que pede soccorro. Aliás arrisca-se a alguma desgraça.

Esta moral suggestiva dos afghans está afinal substanciada no proverbio portuguez: Quem o seu inimigo poupa, ás mãos lhe morre.

O TIGRE, O LOBO E A RAPOSA

A raposa, como sempre, figura nas fabulas afghans como a personificação da astucia e da manha. No seguinte conto apparece ella cortezão discreto e sagaz.

Foram uma vez de companhia á caça o tigre, o lobo e a raposa. Mataram uma cabra montez, um veado e uma lebre, e levaram-nos para a cova do tigre afim de se regalarem com o banquete. Assentaram-se todos, e o tigre ordenou ao lobo que repartisse as peças como mais conveniente lhe parecesse. Vae o lobo, distribuiu a cabra, que era a maior peça, ao tigre, reservou o veado para si e deu a lebre á raposa.

—É espantoso que tu na minha presença ouses attribuir qualquer cousa a ti proprio! exclamou o tigre. Quem e que cousa és tu n'este mundo, e que opinião formas tu de mim?

E levantou a temivel garra, e extendeu o lobo morto em terra.

Depois virou-se para a raposa e disse-lhe

que fizesse a distribuição. A raposa replicou immediatamente que a cabra seria para o almoço de Sua Majestade, o veado lhe daria um bom jantar, e a lebre ficaria para a ceia de Sua Majestade. O tigre perguntou então, com fingida curiosidade:

—Onde é que tu aprendeste essa maneira sagaz de fazer a distribuição?

A raposa respondeu que costumava tomar aviso no exemplo alheio. O tigre, que decerto não estava muito esfaimado, expoz então o que lhe parecia a justiça recta: que a sagaz raposa ficasse com todas as peças de caça, emquanto elle tigre iria apanhar outras para si.

—E d'ora ávante hei de seguir sempre os teus conselhos.

Por aqui se mostra como a força physica anda prudentemente, aproveitando a manha dos mais fracos. Voga entre as tribus da Africa septentrional uma fabula muito parecida com esta, mas em que o leão desempenha, como é natural, o papel aqui desempenhado pelo tigre.

O NEGOCIANTE E O PAPAGAIO

Um dos contos mais engenhosos é o do papagaio e seu dono, que serve para exemplificar a grande maxima dos afghans, que pela astucia se alcança o que não se alcança por outros meios.

Um certo negociante estava em vesperas de fazer uma viagem á India. Antes de partir, reuniu a familia e pediu a cada individuo que indicasse o presente que desejaria elle lhe trouxesse. Por ultimo fez identica pergunta ao papagaio, que era natural do Indostão. O papagaio pediu-lhe logo que fosse visitar uma certa floresta, onde provavelmente encontraría outros papagaios.

—Apresenta-lhes os meus cumprimentos, accrescentou elle, e dize-lhe que o seu amigo está engaiolado em tua casa, e lhes manda dizer isto: que é extranha esta amizade, estar eu aqui captivo, ao passo que elles não se importam comigo e andam a voar livremente de um para outro lado. Qualquer que seja a resposta, peço-te que m'a transmittas.

O negociante cumpriu pontualmente a promessa. Encontrou a floresta mais os papagaios, e deu o seu recado. Mas grande foi o seu pasmo e a sua magua, ao ver que uma das aves ficara de tal modo impressionada que, depois de muito tremer e esvoaçar, cahiu sem vida no chão.

DEPOIS DE MUITO TREMER E ESVOAÇAR, CAIU SEM VIDA NO CHÃO

Quando voltou para a sua terra, o negociante distribuiu os presentes que trouxera para a familia. O papagaio perguntou-lhe se tinha alguma cousa que lhe dizer.

O homem tergiversou, com medo de desgostar o bicho, mas o papagaio enxofrou-se todo, de forma que o negociante não teve remedio senão narrar-lhe com muita tristeza as consequencias fataes do recado. Mal o papagaio soube da morte do amigo, desatou tambem a tremer e a esvoaçar e não tardou que tombasse do poleiro abaixo, morto tambem. O negociante fartou-se de chorar por elle, e com grande lastima tirou o cadaver de dentro da gaiola. Mas apenas o papagaio chegou ao

O TIGRE POZ O OUVIDO Á ESCUTA E SENTIU OS BERROS DOS PEQUENOS CHACAES

chão, tornou de repente á vida e voou para o telhado da casa. O negociante, cheio de assombro, pediu-lhe explicações do caso. Então o papagaio explicou o recado que lhe mandara o amigo: «Finge que estás morto, e ficarás livre».

—Ora eu, continuou o papagaio, percebi logo a significação do que me contaste, e assim recuperei a liberdade. Agora o que te peço, visto que me alimentei á tua custa (notem os melindres de cortezia de um papagaio creado em casas afghans), é que me perdoes. E adeus.

— Estás perdoado, disse o angustiado negociante. Deus te proteja.

E o papagaio safou-se gritando:

— A paz seja comtigo!

O TIGRE E O CHACAL

Como é de esperar n'um animal tão temido e detestado, o tigre nunca figura nas fabulas como heroe, mas sempre como um fanfarrão estupido e arrogante, logrado por qualquer bicho, embora fraco, que tenha um bocadinho de manha.

Bom exemplo é o conto do tigre e do chacal.

Um certo tigre, com uma liberdade de escolha desconhecida na historia natural, tinha tomado por companheira e governanta uma macaca. Um bello dia sahiu, ordenando á macaca que não puzesse pé fóra de casa e não deixasse entrar ninguem.

D'ahi a pouco appareceu um chacal, com a esposa mais os filhos, que andavam á cata de casa. O amigo chacal ficou logo enthusiasmado com a bella residencia do tigre. Entrou por alli dentro e tomou posse da casa sem se importar com os protestos e ameaças da governanta. A esposa ainda instou para que elle sahisse, mas o chacal não esteve por isso. Emquanto os dois estavam questionando, sentiu-se a appoximação do tigre. A macaca foi a toda a pressa ao seu encontro e contou-lhe o succedido Mas o tigre não podia acreditar que o chacal fosse tão descarado e insolente que se atravesse a apanhar-lhe a casa.

O TIGRE DEU ÁS DE VILLA-DIOGO, SEM SEQUER AO MENOS OLHAR PARA TRAZ

—Deve ser algum outro bicho, muito mais temivel, disse elle.

E por mais que a macaca protestasse que conhecia o chacal como os seus dedos, o tigre não lhe deu ouvidos. Entretanto o chacal tinha formado o seu plano. Quando o tigre se acercou da casa, ouviu os chacaesinhos a bramir e a mãe a dizer para o marido:

—O que elles querem é carne de tigre.

E o chacal replicava:

— Ainda hontem matei um tigre de todo o tamanho. Já se lhe acabou a carne? Não pode ser.

A esposa insistiu que os filhos queriam carne fresca. Então o chacal disse aos filhos que esperassem um bocadinho.

—Não tarda que por ahi venha um tigre descommunal. Eu dou cabo d'elle, e já vossês têem carne fresca.

Apenas ouviu isto, o tigre desatou a fugir com medo, mas a macaca seguiu-o, tratou de lhe dissipar os terrores, explicando que os chacaes estavam a zombar d'elle, e convenceu-o a que voltasse. O tigre lá se aventurou outra vez, poz o ouvido á escuta e sentiu novamente os berros dos pequenos chacaes. E d'esta vez ouviu o chacal a dizer aos filhos, com toda a brandura:

—Aquella macaca, que é muito minha amiga, prometteu trazer-me hoje mesmo um tigre, sem falta.

O tigre não se deteve senão para dar cabo da desgraçada macaca. Depois do que, deu ás de Villa Diogo, sem sequer ao menos olhar para traz.

O TIGRE. TRANSTORNADO DE RAIVA, DESATA AOS PULOS

O TIGRE E A LEBRE

N'outra fabula, é o tigre victima da astucia da lebre, como expomos. O tigre manifesta um talento notavel no debate; discursa com eloquencia sobre a dignidade do trabalho, para justificar as suas devastações no juncal, e só depois de uma prolongada discussão com os outros animaes, é que elle accede á proposta d'estes: deixar-se ficar em casa, que elles lhe fornecerão uma victima por dia.

Durante algum tempo corre tudo ás mil maravilhas; até que chega a vez da lebre, que não está disposta a sacrificar-se e exclama:

—Quanto tempo durará esta pouca vergonha?

Os outros animaes revoltam-se contra ella por querer romper o contracto, mas ficam meio satisfeitos quando a lebre lhes insinua ter um plano para acabar com o tigre. Desejam conhecer o plano; mas a lebre, em resposta, cita-lhes um ditado do Afghanistan que põe bem a claro a falta de segurança da vida e da propriedade dos viajantes n'aquelle paiz.

—Tres cousas ha, recorda a lebre, que devem conservar-se em segredo: primeira, o dinheiro; segunda, a occasião da partida; terceira, o caminho que se tenciona seguir.

N'uma palavra, a lebre, regulando-se apenas pelo seu bestunto, vae tão tarde para a cova do tigre, que este já está esfomeado e furioso com a demora do jantar. Apenas ella entra, toda esbaforida, o tigre dá-lhe uma descompostura tremenda e a muito custo dá ouvidos ás suas justificações.

Ella então conta que, vindo de caminho para alli em companhia de uma amiga sua, tinham sido ambas agarradas por outro tigre que as encontrou. A lebre preveniu o captor de que estava reservada para regalo do seu rei, mas o tigre adventicio redarguiu-lhe que faria o rei em postas. Até que afinal, a lebre conseguiu persuadir o captor a que lhe concedesse uma tregua para ella poder vir dar explicações sobre o caso; e assim fazia agora, tendo deixado a amiga nas garras do outro.

—Escusas de esperar mais victimas, concluiu ella. O tal tigre não deixa passar viva alma. Se não dispensas a tua ração quoti-

«SE MORRERMOS JUNTOS, TANTO MELHOR.»

diana, o que tens a fazer é correr quanto antes, para desembaraçares o caminho.

Ao ouvir isto, o tigre, transtornado de raiva, desata aos pulos, ordenando á lebre que lhe mostre o sitio onde se acoita o seu rival. A lebre obedece. Chegam ambos á vista de um poço que fica ao pé da estrada.

Então a lebre deixa-se ficar para traz, e mostra-se assustadissima. O tigre não vê como ella está pallida? Não ha nada que a convença a chegar-se ao poço, porque está lá dentro o tigre, com a sua amiga nas unhas. O tigre insiste com ella para que se approxime e lhe mostre o outro tigre.

— Pois sim! accede a lebre. Mas com a condição de que Vossa Majestade me ha de ter bem agarrada.

Assim faz o tigre. Debruça-se no poço e vê na agua o reflexo dos dois. Então põe a lebre no chão, e, como uma fera que é, salta para dentro do poço para cahir sobre o inimigo, e afoga-se n'um prompto.

A RÃ E O RATO

Uma das historias mais familiares é a da amizade entre a rã e o rato. Tão intimamente se ligaram os dois animaes que já não podiam passar um sem o outro. O rato, sobretudo, lastimava-se de não poder ver a rã senão uma vez ao dia, e, como ella estava no regato, de não o poder ouvir quando elle a chamava. A rã, cuja amizade não lhe tinha obstruido de todo o bom senso natural, contestava que a affeição entre dois amigos crescia quando só se podiam vêr uma vez por outra. A este argumento, embora innegavel, objectava o rato que, no caso presente, era indispensavel encontrar quesquer meios para estabelecer mais intima communicação entre ambos.

A rã convenceu-se. Combinaram os dois atar a uma das pernas de cada um d'elles os extremos de um cordel, de forma que, quando um quizesse falar ao outro, não tinha mais senão puxar pelo cordel. Acudiram outras rãs, que mostraram os inconvenientes obvios de dar ás suas ligações affectuosas o supplemento de um cordel, mas os dois não se importaram com o conselho.

—Assim mesmo é que é! disseram elles. Se morrermos juntos, tanto melhor.

O TIGRE, JÁ VELHO E INVALIDO, DEPENDENDO DAS MANHAS DA RAPOSA...

E ficaram atados um ao outro, conforme se combinara.

Ora um dia precipitou-se um milhafre em cima do rato, o qual não poude fugir por estar preso ao cordel; e o milhafre, levando pelos ares o rato, levou tambem pendurada a rã. Os momentos supremos da rã foram amargurados com o côro de applausos com que os camponezes saudavam o milhafre, por conseguir apanhar rãs. A desgraçada bem sabia que a façanha não era devida á esperteza do milhafre, mas antes á sua propria toleima.

O TIGRE, A RAPOSA E O BURRO

Outra historia mostra o tigre, já velho e invalido, dependendo das manhas da raposa, sua humilde serva, para arranjar o sustento diario e insiste na estupidez do burro.

Uma velha raposa, para saciar a propria fome, combina attrahir um boi ou qualquer outro animal ao alcance do tigre decrepito. Vae pelo campo fóra e encontra um burro a pastar.

Chega-se a elle com respeitosa sympathia, perguntando-lhe porque é que elle se atira a tão pobre pasto.

O burro, que por signal fala pelos cotovelos, replica impingindo á raposa uma longa dissertação sobre a conveniencia de cada um se contentar com a sua sorte.

A raposa escuta-o com toda a pachorra e responde-lhe, á moda oriental, com uma breve parabola, cuja moralidade é que ninguem deve desperdiçar ensejo algum de se regalar com cousas boas. A parabola da raposa suggere ao burro outra parecida, mas muito mais comprida e levando a moral differente, toda cheia de pormenores e de incidentes. Depois de uma grande questão, a raposa perde a paciencia, lança em rosto ao burro a sua falta de resolução, e descreve-lhe com vivas côres os attractivos de uma certa pastagem que ella conhece.

O burro deixa-se tentar, perde toda a prudencia, e segue a raposa até que chegam á vista do tigre.

Como está morto de fome, o tigre não espera que o burro lhe chegue ao alcance das garras. Precipita-se antes de tempo, o jumento assusta-se e desata a fugir. A raposa fica naturalmente furiosa pelo mallogro causado á sua astucia pela soffreguidão do tigre, e farta-se de ralhar com este. O tigre pede desculpa. A raposa consente em renovar a tentativa, e de facto, tantos discursos faz ao pateta do burro que consegue leval-o ao patrão.

O GALLO E O FALCÃO

A fabula do gallo e do falcão envolve uma salutar advertencia para que não se fale em

A RAPOSA FARTA-SE DE RALHAR COM O TIGRE.

cousas de que não se entende. As duas aves eram muito amigas, e passavam juntas que tempos. Um dia o falcão tomou ares de pedagogo e censurou o gallo pela escandalosa ingratidão da sua raça. Os homens sustentavam os habitantes da capoeira com saborosos manjares, tratavam d'elles carinhosamente, e no emtanto não havia gallinha nem frango nem pinto nem gallo, que não desatasse a fugir em se lhe approximando um homem. Por outro lado, o falcão pagava o captiveiro e as crueldades com uma dedicação extrema, apanhando e matando caça á vontade dos donos.

Quando o gallo ouviu isto, quasi que se escangalhou com riso. O falcão, um pouco

estomagado, perguntou que graça achava o gallo ao que elle dizia. E, como o gallo lhe fizesse ver que os homens só engordavam os bichos da capoeira para os matarem e comerem, o falcão confessou que nunca lhe occorrera esse pormenor importantissimo.

CARACTER GERAL D'ESTAS FABULAS

É curioso observar que todas as fabulas de animaes, no Afghanistan, se distinguem pela mesma caracteristica de espirito sardonico, mas teem todas o grande merecimento de uma frizante moralidade, o que nem sempre succede ás fabulas do Occidente.

Se a fabula é um dramasinho completo, defendendo uma these de psychologia ou de moral, convem que essa these appareça nitida e frizante aos olhos do leitor, dispensando glosas e commentarios. Sob esse ponto de vista, parecem-nos realmente muito apreciaveis as fabulas do Afghanistan.

Muitas das fabulas classicas do Occidente, de Esopo, de Phedro, de la Fontaine, de Lessing, prestam-se a duvidosas e multiplas interpretações, o que se nos afigura não acontecer a estas outras, creadas pela imaginação oriental.

Suggestivas e luminosas, o seu interesse redobra pela mistura do elemento comico, de que o artista admiravelmente se compenetrou nas illustrações que apresentamos. E representam por esta forma uma lição efficaz e impressionante para creanças, e ainda para adultos.

QUANDO O GALLO OUVIU ISTO, QUASI QUE SE ESCANGALHOU COM RISO.

IN MEMORIAM

(Homenagem de D. Margarida Sequeira)

É do mallogrado poeta Augusto Sequeira, fallecido aos 18 annos, no dia 25 de junho de 1905, o mimo litterario que offerecemos hoje ás nossas formosissimas leitoras.

Elle era um cantor apaixonado da natureza; um poeta das graças femininas; deixou no seu pequenino livro IDYLLIOS, *a expressão viva da sua alma apaixonada e angelica. E offerecer a almas puras como a d'elle, o regalo de conhecer algumas das suas poesias inéditas, é tentação a que não podemos resistir.*

Vae como primicia essa

SAUDADE

Vi hoje, desmaiando em jarras preciosas,
As lagrimas do verão, as derradeiras rosas;
E não sei por que dôce e estranha affinidade,
Lembraram-me o passado; e deram-me saudade!

Junho-6-1905.

AUGUSTO SEQUEIRA.

O MONDEGO VISTO DA UNIVERSIDADE

A Universidade de Coimbra

QUINTA PARTE

Abundam os factos que provam a desorganização da sociedade portuguêsa nos fins do século XVIII, com especialidade a da classe escolar. Os que a governavam e tinham de reprimir abusos, ora se mostravam fracos, ora caprichosos; repetiam-se as concessões de perdões de actos, e outras; tudo aggravado ainda pela intervenção rancorosa do fanatismo inquisitorial, que, embora enfraquecido nos *meios de acção*, ia incommodando e perseguindo sempre os melhores espiritos, e, assim, desmoralizando todos pelo terror, como até alli.

Em 1778, por exemplo, era denunciado ao Santo Officio e preso, por motivo das suas opiniões religiosas, o professor José Anastacio da Cunha, que, tendo mais tarde recuperado a liberdade, ficou no emtanto privado da sua cadeira na Universidade.

Tive occasião de descrever o estado de Coímbra e da Academia na época da reforma.

Pois, afóra o evidente interesse, despertado em muitos, pelos novos estudos, e a orientação dada ao ensino superior, d'onde iriam saíndo discipulos e professores que haviam de o alargar e de o impôr — não póde registar-se grande progresso e melhoría nos costumes e na vida dos estudantes, a seguir á reforma pombalina. É verdade que era geral, na Europa, este estado de desordem.

Por fim, mesmo ao fechar do seculo, e á entrada do seguinte, viría tambem influir na Academia de Coímbra a agitação revolucionaria da França, que levantava echo por todos os países, inspirando, a par de uma ou outra tentativa generosa, movimentos e passos de revolta, que assumiam caracter grave — quando o ensejo da politica não era aproveitado no sentido dos attentados criminosos.

Em 1801 armam os estudantes conflicto com o corpo de milicianos estacionados em Coímbra.

Levanta-se em 1803 novo bando de escolares que infesta a cidade e arredores, e comette violencias semelhantes ás do antigo *rancho da carqueja*. Posto que

de menor vulto, era raro o anno em que não houvesse tumultos e desordens, tanto mais que não cessava o abuso dos perdões de exames, e de toda a ordem de interrupções dos trabalhos academicos.

Resgatariam os estudantes, numa grande parte, esses attentados e turbulencias, pela acção heroica de 1808 — partindo, á voz de commando do vice-reitor Manuel Paes de Aragão Trigoso, contra os invasôres francêzes.

Mas lá vinha outra interrupção na vida escolar. Em 1826, de novo o *batalhão academico* se levantará pela liberdade. Até que venha a vergonha trágica do crime de Condeixa, inspirado e tramado em 1828 pela associação dos *Divodignos* — vergonha que nada fará esquecer. Mas os estudantes liberaes irão affirmar-se em rasgos de valor e de sacrificio, desde 1828 a 1834.

Destes tempos de perturbações politicas e de guerra civil pouco ficou para registar na vida interna da Universidade — salvas as manifestações de professores e de estudantes no sentido d'um ou doutro partido, e as consequentes perseguições e represálias de parte a parte. É tambem este um periodo triste para a Universidade — com especialidade a quadra aguda de 1828 a 1834.

*
* *

As instituições liberaes — a que se deveram em muitos ramos do serviço publico uteis reformas e vantagens — trouxeram á vida universitaria modificações consideraveis, tanto na parte administrativa como na economia do ensino.

No que respeita á administração geral da Universidade, devo dizê-lo, parece-me que a reforma liberal representou, além duma violencia, um prejuizo grave; demonstrando mais uma vez o inconveniente das mutações rapidas e das substituições radicaes — tão caracteristicas dos povos ditos latinos, quer as dite o despotismo, quer as inspire o espirito simplista dum jacobinismo rectílinio. Num como no outro caso, pode a intervenção brusca da acção central ir sustar o desenvolvimento normal dos corpos e instituições em que se faça sentir, compromettendo-lhes muitas vezes a existencia. É a seducção das ideias verbaes e das formulas — a contrariar a complexidade organica da Vida!

E por esta seducção, aliás sympathica, se explicará a inferioridade activa destes povos quando comparados com o anglosaxão — suprêmo conhecedor das *possibilidades*, e assim certeiro regulador da existencia, pelo menos nos moldes até hoje conhecidos.

Com effeito, as reformas administrativas do governo liberal em relação á Universidade enfermáram de fervura rápida.

Ao passo que a Inglaterra, por exemplo, mantinha e mantém o patrimonio das suas universidades, a nossa viu-se de tudo despojada, sendo os seus bens incorporados nos proprios nacionaes, e entrando ella na cathegoria commum dos estabelecimentos do Estado.

Para quê?

Para, afinal, engrossar um thesoiro publico que a está mantendo mesquinhamente, porque de todos os lados é assaltado e forçado por toda a especie de... ambiciosos...

E, ao mesmo tempo que era engulida pelo Estado a Universidade, extinguiam-se os collegios de S. Pedro e de S. Paulo, que tão bons serviços tinham prestado e prestariam — no recrutamento de professores e na preparação dos doutorandos.

Tambem neste ponto será instructivo comparar a medida portuguêsa da extincção de collegios como estes, com a prática da Inglaterra quanto a essas instituições seculares, independentes e prósperas!

Bem sei que a encorporação da Universidade no Estado, e que a extincção dos Collegios foram consequencia da transformação do regime da propriedade, e da abolição de certas formas de rendas e fóros. Comtudo, não insistindo agora em discutir se houve ou não precipitação n'algumas liquidações decretadas — sempre me occorre aventar que um processo de equitativa compensação pelas verbas novas teria talvez resolvido o problema.

Mas...vinha traçado num systema *feito!*

Pelo que se refere ao ensino, não encontro tambem — atravez de toda a legislação academica posterior aos *Estatu-*

tos de 1772 — inteiro seguimento e coherencia nas medidas successivamente adoptadas; effeito, por certo, das alternativas e do movimento oscillante dos partidos, que de ha muito padecem, entre nós, de falta desse espirito de solidariedade patriotica — que devêra sempre dominá-los nos assumptos de interesse geral.

Das reformas ou alterações decretadas desde a reforma pombalina até ao fim do seculo XIX — as mais extensas nas suas disposições são: a de 1836 e a de 1844. os estatutos pombalinos. Áparte, é claro, o desenvolvimento de cada faculdade e disciplina, segundo a crescente exigencia dos tempos.

Quem queira estudar este período sob o ponto de vista dos diplomas officiaes poderá percorrer a legislação de 1772 a 1900, sem que da leitura venha a tirar grande consolação; pois — á parte a reforma de 1845, e um ou outro documento disperso — não concluirá que os governos portuguêses, numa longa quadra de mais de meio século, se tenham desvelado pela instrucção do país...

UNIVERSIDADE—OS GERAES

Resumindo, pode dizer-se que destas duas reformas, e das medidas anteriores e subsequentes — ficáram: a redução das faculdades de Cánones e Leis a uma só; a nova disposição dos cursos existentes; e a creação do curso administrativo; o augmento de cadeiras em diversas faculdades; a publicação de regulamentos de policia academica e de formularios para a habilitação á matricula das faculdades; providencias sobre concursos, jubilações, etc.

Nada que represente, como plano e organização, um largo progresso sobre

A reforma de 1901 é tão recente, que convirá para a julgar, deixar passar algum tempo e esperar pelos resultados da sua applicação.

Parece-me, no emtanto, que desde já se lhe podem notar, a par de defeitos remediaveis, umas três vantagens: quebra, até certo ponto, a rigidez dos antigos cursos, com a liberdade da matricula por cadeiras, que, por sua vez, poderá representar um ensejo de especialização; creando cursos especiaes — accentúa esta

possibilidade da cultura intensiva, abrindo, consequentemente, destino futuro aos diplomados d'esses cursos; finalmente, poderá vir a estabelecer, entre alumnos e professores, uma ligação mais intima, como effeito d'essa mesma cooperação determinada á parte.

Poderia ainda considerar a reforma de 1901 sob o ponto de vista da orientação pratica do ensino, que ella sempre favorecerá. ([1])

Antes de fazer o quadro da organização actual da Universidade, quero ainda referir-me, posto que de corrida, á academia de Coímbra.

Depois das luctas da Guerra civil, e da implantação do regimen liberal, ainda os estudantes tomaram parte numa revolução popular — no movimento de 1846.

Para cá d'esta data, embora uma ou outra manifestação prenda com casos da vida política, as perturbações a registar dizem sobretudo respeito a interesses e successos ligados com a vida academica.

Ahi vão as datas, á falta de espaço para mais: 1854, 1857, 1862, 1864, 1883, 1886, 1892, 1898, 1902 e 1903.

E' difficil e melindroso dar impressões de actualidade. Darei, comtudo, de leve, as que me parecem justas quanto á academia de Coímbra dos nossos dias.

Encáro-a sob três aspectos, que são os que ella me offerece: na sua maioría — affigura-se-me muito mais indifferente á sua propria vida, como collectividade, do que a academia de outros tempos, mesmo recentes. E' claro que esta massa indifferente poderá, uma ou outra vez, ser movida num ou noutro sentido, conforme a força do motivo determinante, e a sympathia, habilidade ou prestígio de quem a pretenda mover.

Vem aqui a proposito dizer que têem escasseado ha annos — entre a academia — esses iniciadores e propulsores sympathicamente investidos ou acceites, e impulsivamente seguidos.

Poderá ella, pois, mover-se pela força dum motivo de occasião; o que não terá ou não acceitará hoje tão facilmente — será um timoneiro. Isto poderá ser bom ou mau, conforme quizerem. Accusa, em todo o caso: d'um lado falta de cohesão e de solidariedade, do outro falta de ins-

([1]) As disposições relativas á admissão de professores extranhos á Universidade, que quizerem abrir cursos livres e de alumnos vindos de outras escolas (art. 3 e seus §§ e art. 46) com destino ao magisterio universitario, accentuam o seu caracter de liberdade e largueza.

UNIVERSIDADE—PATEO DO LADO DO SUL

pirada confiança. São todos mais da vida que os espera, do que da sua vida academica. E o que valem, valem-no apenas como pessoas.

O segundo aspecto ólho-o, felizmente, numa minoria, ainda assim consideravel — representante das tendencias regressivas da troça bruta e da cacetada nocturna.

E indicarei ainda, como uma das variantes curiosas — os que chamarei revolucionarios. Ácerca destes, aquí como em toda a parte, tenho a dupla impressão de que podem dentre elles saír os mais bellos e os mais tristes exemplares — moral e intellectualmente falando. O calor apaixonado das ideias, que fará recozer e fortificar a pasta d'alguns d'elles, só acabará de desagregar e destruir a composição impura ou fragil d'outros.

Por ter indicado três aspectos dominantes, não se segue que eu veja tudo por este triplice ponto de observação. Ha figuras e grupos desgarrados, que não é facil classificar. E entre estes, se encontramos quem accentúe a desagregada existencia de Coimbra — num sentido de decadencia ou de depressão — tambem veremos um ou outro, original ou reservado, que, não contando tanto como estudante, já valerá e prometterá valer como individualidade isolada.

Não será talvez facil apontar todas as causas que determinaram e determinam o modo de ser ou antes os modos de ser da academia de hoje. Uma, no emtanto, se impõe, para, explicando aquella indifferença e desagregação, explicar até certo ponto tudo o mais.

Reside na falta de um centro de reunião, centro da vida commum, onde as tradições alimentassem os planos novos, onde os *melhores* pudéssem affirmar-se, sempre vistos e queridos dos outros — onde, a par do applauso á ideia generosa e altíva se erguesse a palavra e a resolução inhibitoria do acto injusto ou da loucura em esboço. Reside emfim, na falta d'um *club* como era o velho *club*, desconfortavel e amigo, feio mas amado por todos os do seu tempo, porque era para todos uma casa-*alma*.

Seria curiosa, nesta altura, uma noticia sobre os edificios da Universidade, em que especialmente se fizesse a historia e descripção dos que formam a sua parte central. Não disponho, porém, de espaço para o fazer. Era assumpto para artigo

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

áparte. Como me referi, comtudo, á capella manuelina e ao observatorio astronomico, darei ao menos a data das construcções, que completam o guarnecímento do vasto pateo jardim. A porta-ferrea, entrada nobre da Universidade, tem a data de 1634; é, pois, do tempo de Filippe III; a estatua que ostenta é, porém, de Filippe II, cuja memoria não deverá ser muito grata á Universidade, pelo rigor com que castigou alguns dos seus professores, affectos ao Prior do Crato, e pela sordidez do convenio em que ella teve de pagar-lhe pela somma de 30 mil cruzados a cedencia dos passos reaes, para poder continuar a occupa-los.

Deve ser da mesma época a *Sala dos Capellos*, que foi restaurada e modificada em 1654 — data da substituição do antigo tecto pelo actual; soffrendo mais tarde outras innovações — como das janellas e tribunas actuaes.

A bibliotheca foi começada no anno

de 1717, no reinado de D. João V, e durante o governo do Reitor Nuno da Silva Telles, ficando terminada alguns annos mais tarde, no governo de Francisco Carneiro de Figueirôa. É da mesma época a desgraciosa torre, bem mais digna de ser notada como miradoiro duma vasta e magnifica paisagem do que pelas suas linhas e massas architectonicas.

A *via-latina* — galeria de columnata jónica, a cujo centro se ergue, fronteiro á escada principal, o retábulo apotheotico do rei D. José I — data do reinado deste monarcha.

*
* *

A organisação actual da Universidade basêa-se numa pequena parte dos Estatutos velhos (1654), não revogada pelos de 1772, nas disposições destes, modificadas pelas leis e providencias subsequentes, e na reforma de 1901, que não alterou o desenho geral e os fundamentos da reforma pombalina.

O ensino da Universidade comprehende: a theologia, a jurisprudencia, a medicina, as sciencias mathematicas e as sciencias naturaes.

Como estabelecimento do Estado, a Universidade está subordinada ao Ministerio do Reino, com o qual se corresponde nas questões de administração scientifica, pela Direcção Geral de Instrucção Publica, nas questões financeiras pela 3.ª Repartição de Contabilidade Publica.

El-Rei é o *protector* nato da Universidade.

Na sua organisação actual, podemos considerar a Universidade sob os seguintes pontos de vista:

I — Administração e governo;

II — Estructura escolar e ensino;

III — Estabelecimentos universitarios.

Cabem: a administração e o governo ao Reitor e aos Conselhos Academicos; ás faculdades incumbe o ensino; dos estabelecimentos universitarios, uns são communs a toda a Universidade, outros especiaes das faculdades.

O Reitor tem tambem, de ha muito, o titulo de *Prelado*. É funccionario da confiança e da directa nomeação do Governo. Serve por três annos, podendo ao fim deste periodo ser dispensado do serviço ou reconduzido, por simples decreto do poder executivo.

DR. PEREIRA DIAS—REITOR DA UNIVERSIDADE

Todas as suas prerogativas e funcções, longas de enumerar, se comprehendem na sua multipla competencia — de direcção superior da Universidade; pois se exerce esta na parte administrativa, na disciplina e no regimen escolar.

DR. AVELINO CALIXTO—VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE

Nos impedimentos do Reitor exerce as suas funcções o Vice-Reitor, funccionario de nomeação régia, escolhido dentre os lentes jubilados ou cathedraticos de qualquer faculdade.

ESCADAS DA UNIVERSIDADE, COM O DR. SANTOS VIEGAS, DECANO DA FACULDADE DE PHILOSOPHIA

PROFESSORES

São de duas cathegorias:
a) lentes cathedraticos;
b) lentes substitutos.

Os primeiros, salvo resolução extraordinaria da faculdade, consideram-se fixos nas cadeiras que lhes fôram distribuidas; o mais antigo dos cathedraticos é o *decano* e *director* da respectiva faculdade, com prerogativas especiaes, cabendo-lhe, ao fim de oito annos de

exercicio deste cargo — a carta de conselho.

O *decano* de Direito é o Chanceller da Universidade. Os cathedraticos, á falta de substitutos, vão reger, segundo as necessidades e occorrencias do serviço do ensino, as cadeiras que se achem vagas, por impedimento dos respectivos cathedraticos, ou por falta de pessoal no quadro da sua faculdade. São de nomeação régia, sobre proposta da respectiva faculdade, precedendo concurso de provas publicas perante a mesma faculdade.

São promovidos a cathedraticos por antiguidade.

Quem queira conhecer miudamente as condições dos professores da Universidade—relativamente a vencimentos, melhorias, aposentações, etc.—poderá consultar o *Annuario da Universidade* de 1901-1902, secção III, capitulo II.

Mantêem-se os trajos academicos dos doutores: capa e batina, e, nas solemnidades, sobre este habito talar o *capello* que, como a *borla*, tem côr distincta, por faculdade: branca em Theologia, vermelha em Direito, amarella em Medicina, azul celeste com alamares brancos em Mathematica, azul ferrete em Philosophia.

Para os estudantes, o trajo é tambem ainda a capa e batina; já não usam, porém, o calção e meia a não ser nos actos.

DR. FERNANDES VAZ—DECANO DA FACULDADE DE DIREITO

CONSELHOS ACADEMICOS

Podem estes ser de três ordens:

a) Grande conselho ou claustro-pleno;
b) Conselho dos decanos;
c) Conselho das faculdades.

Compõem o claustro-pleno:

O Reitor, como presidente; e como vogaes, todos os lentes aposentados e effectivos, cathedraticos ou substitutos. É secretario deste conselho o da Universidade.

DR. LUIZ DA COSTA E ALMEIDA — DECANO DA FACULDADE DE MATHEMATICA

Para que o claustro-pleno funccione é necessaria a presença, pelo menos, de vinte e quatro vogaes.

Presidido pelo Reitor, representa a Universidade, como corporação, em occasiões solemnes e em negocios do seu interesse geral. É a este conselho que se dirige o monarcha quando directamente quer communicar com a Universidade. É tambem com o claustro que se correspondem as Universidades estrangeiras, e tomam perante elle posse

os Reitores, que o consultam sobre assumptos de maior gravidade.

O Conselho dos decanos é composto: do Reitor, como presidente, e dos cinco decanos das faculdades, como vogaes.

DR. SILVA RAMOS—DECANO DA FACULDADE DE THEOLOGIA

É secretario do Conselho o secretario da Universidade.

No impedimento de qualquer dos decanos serve o lente immediato da faculdade. Este conselho, presidido como é pelo Reitor, representa a Universidade nos actos publicos qne não demandem a assistencia do claustro pleno; vota em processos de policia academica, quando o Reitor queira ouvi-lo; conhece de suspeições em concursos; dá posse aos lentes; julga dos exames dos capellães da Universidade, e tem voto consultivo em questões de administração universitaria.

Os Conselhos das faculdades compõem-se de: presidente, o Reitor; vogaes, os lentes cathedraticos e substitutos da faculdade; secretario, o substituto mais moderno da faculdade. Reunem, em *congregação ordinaria*, uma vez por semana, e em *congregação extraordinaria*, quando sejam convocados pelo Reitor.

Não posso enumerar todos os assumptos sobre que estes conselhos votam e decidem. Tudo isto se encontra indicado no *Annuario* que citei. Alem do director, que é o *decano*, e do secretario, que é o substituto mais moderno, figura em cada conselho o *fiscal*, que é o substituto mais antigo, servindo por três annos.

O *fiscal* da faculdade de direito representa o Ministerio publico nos processos de policia academica.

DR. COSTA ALLEMÃO—DECANO DA FACULDADE DE MEDICINA

É na congregação final de cada anno lectivo, que as faculdades votam as *classificações* aos estudantes distinctos, e dão as informações finaes de curso aos bachareis formados nesse anno.

(Continúa).

MANOEL DA SILVA GAYO.

OS SERÕES DOS BÉBÉS

O Principe e a Fada

(HISTORIA CELTICA)

Houve ha muitos seculos um principe, que era filho do rei das Cem Batalhas.

Andando uma tarde a passeiar com o pae no meio de um bosque, viu uma rapariga muito linda caminhando para elle, e perguntou-lhe:

—D'onde vens tu?

E ella respondeu:

—Venho de um logar onde se vive sempre, onde não ha morte, nem tristeza, nem maldade.

O rei ouviu esta voz, mas como só via o principe, perguntou-lhe muito admirado:

—Com quem estás falando, meu filho?

Foi ella que respondeu:

—Com uma linda mulher, que nunca ha de ser velha e que viverá sempre. Eu morro de amores pelo teu filho e quero leval-o comigo para esse logar, onde todos são felizes. Acompanha-me, ó principe, e lá tambem reinarás algum dia.

O rei das Cem Batalhas, ouvindo aquella voz mas não vendo quem lhe falava, amedrontou-se, chamou muito de rijo pelo seu magico, e ordenou-lhe, depois de lhe explicar o que era passado:

—Quebra-me quanto antes este feitiço. Se não me vales, as bruxas levam o meu filho!

E então o magico fez seus esconjuros, voltado para o sitio d'onde vinha a tal voz, e ninguem mais a ouviu, e o principe deixou de ver a linda rapariga.

Mas no proprio instante em que desappareceu, ella deu-lhe uma maçã.

A partir d'aquelle dia passou-se um mez, sem que na bocca do principe entrasse coisa alguma a não ser a tal maçã. Mas apenas lhe tirava um pedaço com os dentes, a maçã ficava outra vez inteira. E quanto mais o tempo ia correndo, mais crescia no principe o desejo de tornar a ver a linda rapariga.

No dia em que justamente o mez se completava, indo o filho do rei pelos

campos ao lado do pae, viu-a outra vez e ficou muito alegre. E ainda mais se alegrou quando lhe ouviu dizer:

—Porque não obedeces á minha voz? Porque não vens comigo, para o logar onde o prazer dura sempre, onde não existe a morte? Lá conhecem-te bem, ó principe, e por isso te mandam chamar. Vem comigo!

O rei ouviu-a e mandou vir outra vez o magico. E então a rapariga disse-lhe:

—O teu magico nada vale, ó rei que venceste cem batalhas, em comparação do poder que me trouxe até aqui.

O rei conheceu que, desde que a rapariga estava a falar, o principe não respondia a mais ninguem, e perguntou-lhe:

—Filho, é ao teu espirito que ella diz aquellas coisas?

—Muito pesar tenho—respondeu o principe.—Gosto do meu povo acima de tudo, mas sinto em mim um desejo que me leva para aquella mulher.

Apenas ella ouviu isto, disse:

—O mar é muito mais fraco do que as vagas do teu desejo. Anda comigo para a minha resplandecente barca de crystal, que é mais veloz que o pensamento. Vamos para o reino onde a vida não acaba. Olha! O sol já vae a esconder-se, mas podemos lá chegar antes que anoiteça de todo. Anda comigo, e gosaremos eterna alegria!

Mal a rapariga acabava de falar, o principe afastou-se dos seus e correu para a barca de crystal, resplandecente e mais veloz do que o pensamento.

E então o rei e toda a côrte viram a barca deslisar por cima das ondas muito brilhantes, direita ao sol que se escondia. E cada vez corria mais, corria mais, até que desappareceu de todo.

E ninguem tornou a ter noticia do principe, nem da linda rapariga, que, pelo modo, era uma fada e que o levou não se sabe para onde.

O CONCURSO PHOTOGRAPHICO

DOS

SERÕES

A somma, respeitavel para o nosso paiz, de 115 provas photographicas, foi recebida pela direcção dos **Serões**, *em annuencia ao concurso que abrimos no nosso numero 2. Para se fazer uma selecção tão escrupulosa quanto possivel, foi-nos necessario bastante tempo, o que explica a demora na resolução. O auctorisado jury, que obsequiosamente se prestou a auxiliar-nos n'esta tarefa, viu-se forçado a excluir desde logo alguns concorrentes que não estavam nas condições rigorosamente indicadas, por isso que exerciam profissionalmente a arte photographica, e eliminou varias provas por não estarem subordinadas á clausula de procurarem assumpto nas estações de praias ou thermas do paiz.*

Das restantes classificou os tres premios, agrupando as que, do mesmo auctor, estavam em sensivel egualdade de merito e se referiam a assumpto identico. Assim o **1.º premio**, *de* **10$000 réis**, *coube ao sr.* **Paulo de Brito Namorado**, *de Ilhavo, pelas suas bellas photographias :* Barco de pesca arribando — Barco de pesca esperando a maré.

O **2.º premio, uma collecção dos 4 volumes dos «Serões»**, *já publicados, pertence ao sr.* **Luiz Marques de Sousa**, *do Porto, pela interessante photographia :* Uma casa de habitação no Gerez.

Finalmente, o **3.º premio, uma assignatura de um anno dos «Serões»**, *é dado ao sr.* **Carlos Paes**, *do Porto, por duas encantadoras* Paizagens do Rio Vizella.

Todas estas cinco photographias premiadas publicamos nós no presente numero, e por ellas poderão avaliar os leitores o capricho e esmero com que os amadores portuguezes se dedicam á photographia.

Mereceram menções honrosas a ex.ma sr.a D. Olympia Saturnino, e os srs. Antonio Antunes dos Santos, Joaquim Severiano Pereira, Thiago Silva, Luiz Marques de Sousa, Alfredo F. de Lemos, Eurico da Silva Balthazar Brito, cujos trabalhos iremos publicando successivamente nos numeros seguintes. Não desmerecem sobremaneira alguns dos outros concorrentes d'estes que o jury distinguiu especialmente. Ficar-lhes-hemos em extremo agradecidos se elles nos concederem o favor de ir reproduzindo oportunamente algumas das provas remettidas, muitas das quaes são deveras aproveitaveis como illustração de artigos que de futuro publicaremos.

Por ultimo, felicitando-nos com justo orgulho pela nossa iniciativa, mandamos a todos os concorrentes, com a expressão do nosso reconhecimento, cordealissimos parabens.

As duas photographias, que alcançaram o primeiro premio, vinham acompanhadas de um interessante artigo do sr. Diniz Gomes, o qual em seguida gostosamente publicamos, rogando-lhe o obsequio de nos manter a sua valiosa collaboração.

SCENAS

DA

BEIRA-MAR

QUANDO o mar é bom, logo de madrugada — o sol ainda em casa do Senhor, e quantas vezes com luar! — o *arraes* iça o signal de que se *vae ao mar*. Os pescadores vão chegando em grupos, os *enchalavares* á volta do pescoço, fumando nos cachimbos e fallando alto, habitos innatos em todo o homem do mar.

Em seguida *apparelha-se* o barco e faz-se deslisar sobre grandes rôlos de madeira até á *borda*, ao som do monotono e caracteristico canto do *arraes:*

— Ó... vae agora! ó... bota a baixo! ó... chapa!

Esta manobra é muito trabalhosa e motiva sempre grande alarido, pois que o barco, sobrecarregado com o peso da enorme rêde, remos e mais utensilios, *afocinha* na margem, sendo preciso empregar a tracção animal para o arrancar d'alli. Quando o barco toca na agua e sobrenada, saltam quasi todos os da *companha* para dentro d'elle, indo cada um occupar o seu logar.

O *arraes*, de pé na *ré do barco*, empunha com mão vigorosa o *roçoeiro* — corda que ficando presa em terra serve de governo — e observa com attenção o mar, *esperando a maré*. Quando ella se proporciona, agita então freneticamente o *barrete* no ar, *larga corda*, desfazendo a *laçada*, e dá o signal da partida gritando furiosamente:

— Agora, agora, rapazes! rema, rema!

E toda a tripulação empunha com vigor os remos imprimindo movimento ao pesado barco, atroando os ares com os seus gritos semi-selvagens. É arrebatador e sublime este espectaculo! O barco atravessa impavido a *pancada do mar*, ora elevando-se a *pino* no dorso de enormes vagalhões — como *castellos*, dizem elles na sua linguagem expressiva — ora desapparecendo á nossa vista nos abysmos que parece o vão tragar.

Na praia, os pescadores e mulheres que ficam, seguem com o coração anciado todos os movimentos do barco. Não raro, uma *volta de mar alaga-o* e fal-o ir *ao fundo*, sendo então o espectaculo aterrador. Cincoenta a sessenta homens, procurando salvar-se, debatem-se corajosamente com as ondas, alli, a pouca distancia da praia, n'uma lucta titanica entre a vida e a morte, não sendo muitas vezes possivel soccorrel-os!

Em terra tudo grita, principalmente as mulheres que, n'um desespero inqualificavel, arrancam os cabellos, rasgam os fatos, rolam o corpo pelo chão, e tentam atirar-se ao mar, erguendo os filhos nos braços para o ceo, n'uma supplica fervorosa!

Quantas lá teem perdido aquelles que na vida mais amavam e lhes eram amparo e arrimo!

Mas nem sempre estas desgraças succedem, felizmente, e por isso o barco segue o seu rumo, indo *lá fóra*, no mar largo, deitar a rêde a duzentas *cordas*, ou mais.

Na volta é tambem preciso *escolher a maré* para *arribar*, e esperar que uma bôa vaga venha *chapar* o barco na praia. Em seguida começam a *puchar* a rêde,

trabalho que leva algumas horas, até que o *saco* começa a apparecer lá muito *ao largo*, subindo e descendo com as ondas, seguido por enorme bando — quando ha *feitio* — de gaivotas que tentam apanhar o peixe miudo que se escapa pelas *malhas* das *mangas*.

Quando a rêde vem á *mão*, arrastam-n'a para cima da areia e abrem o *saco*, operação feita pelo *arraes de terra*.

Se vem cheio até á *bôca*, a scena é admiravel e encantadora pela alegria que vae no rosto de todos.

O peixe que salta na rêde, produzindo um ruido especial, é transportado nos *enchalavares*, pelos pescadores, para cima

1.º Premio — **Barco de pesca arribando**
Photographia do sr. Paulo de Brito Namorado

da lomba, onde se fazem *lótas* que, depois de *arrematadas*, são conduzidas em canastras para a ria pelos *ranchos* de formosas raparigas de Ilhavo.

Muitas vezes, quando a rêde traz muito peixe e o mar *está picado*, o *saco* rebenta antes de chegar á praia, perdendo-se o *lanço*.

Então, homens, mulheres e crianças, em furia desordenada e despresando o perigo, todos se lançam á agua *salvando* o peixe que podem com os *enchalavares* e *nassas*. É talvez este o espectaculo mais curioso e emocionante a que na *borda do mar* se póde assistir.

Ilhavo. DINIZ GOMES

1.º Premio — Barco de pesca esperando a maré

Photographia do sr. Paulo de Brito Namorado

2.º Premio — Uma casa de habitação no Gerez

Photographia do sr. Luiz Marques de Sousa

3.º Premio — **Paisagens do Rio Vizella**

Photographias do sr. Carlos Paes

QUEBRA-CABEÇAS

Continuamos a recommendar esta secção ao interesse dos nossos leitores, pedindo-lhes que a enriqueçam com problemas de varias especies, comtanto que sejam originaes e engenhosos. E ao mesmo tempo agradecemos aos que até hoje teem contribuido para o desenvolvimento do «Quebra-cabeças».

Para scismar

Conta de hotel

Um certo numero de amigos vão jantar a um hotel, e apresentam-lhes no fim uma conta de 1$800 réis.

—«Se não faltassem os outros quatro que tinham promettido ser convivas, pagaria cada um de nós menos tres tostões, e ainda sobejava um quartinho para a gorgeta».

Em vista d'esta observação, pergunta-se quantos foram os convivas e quanto coube a cada um no pagamento?

Patetinha!

Um sujeito andou mais doze kilometros que a metade do caminho que desejava fazer, e, apezar de ser o resto apenas um quinto, desistiu e voltou para traz. Não se pergunta se o homem é tolo, o que está sabido, mas quantos kilometros percorreu.

Ao espelho

Recommendamos a seguinte experiencia, pelos seus resultados comicos: Colloquem-se deante de um espelho, com um papel deante de si e um lapis na mão. Olhando exclusivamente para o espelho, tentem desenhar um quadrilatero com as respectivas diagonaes. Dou-lhes um doce se forem capazes de o traçar sem graves atrapalhações. Mas nada de fazer falcatrua: é de rigor que não tirem os olhos do espelho.

ENIGMA

Dobre 10 e parta ao meio.
Do tempo com exatidão
que gastar na operação
tome metade tambem.
Prompto, não vá mais alem.
Logo que o X lhe appareça
dobre-lhe os pés com a cabeça...
É esse o x da questão.

NOTAS 1.ª

Na 2.ª operação,
em vez de tomar metade,
tome $\frac{3}{5}$ e ha-de
ter a mesma solução.

NOTA 2.ª

Do tempo tome egualmente
a mesmissima fracção,
e sem outra correcção
dá-lhe o mesmo exactamente.

Aveiro, 10-1905. *X. Psilonn.*

Problema de caminhos de ferro

Um chefe de estação tinha dois vagões, cada um dos quaes estava em uma das duas

linhas que eram unidas por uma plataforma gyrante.

Tinha uma machina, grande demais para poder passar sobre a plataforma. Precisava inverter a posição dos dois vagões, cujo tamanho lhes permittia passar sobre a plataforma, um por cada vez.

Como é que elle consegue o seu intento?

(Veja-se a disposição dos vagões e da machina na figura acima).

Jogo de damas

POR JOSÉ SYDER

Problemas. — A seguir o n.º 8, que serve para guiar os nossos leitores sobre a fórma por que nos devem mandar as suas respostas.

Problema 8

Por S. M. El-Rei D. Luiz I

BRANCAS: Collocam-se nos quadrados 1, 5, 6, 8, 11, 13, 18.

PRETAS: em 14, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 32.
Jogam pretas e ganham em 6 lances.

SOLUÇÃO

26 23,	14-10,	27-24,	25-2,	32-14,	24-19: G.
13-22,	7-14,	18-27,	11-18,	8-12,	

Problema 9

Por Oliveira — Lisboa

BRANCAS em: 1, 8, 11, 25, Damas em 7, 16.

PRETAS em: 9, 14, 20, 22, Dama em 17.
Jogam pretas e ganham em 3 lances.

Problema 10

Por Alfredo de Brito

BRANCAS em: 5, 13, 16, 18, Damas em 8, 23.

PRETAS em: 14, 21, 30, Dama em 10.
Jogam pretas e ganham em 4 lances.

(Continúa).

ACTUALIDADES

Grandes topicos

O PRESIDENTE LOUBET EM CINTRA COM SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

DEPOIS DA VISITA PRESIDENCIAL

O nosso amigo Sol não nos desamparou na festa com que pretendemos celebrar a visita do Presidente Loubet. Foram tres dias admiraveis com que nos mimoseou, esplendido parenthesis entre as chuvadas que o acolheram em Madrid e a carranca que logo começou a embaciar o cariz do ceu, apenas o nosso illustre visitante deixou as aguas do Tejo.

Mais brilhantes por isso foram as acclamações espontaneas e estrondosas com que o Presidente da Republica Franceza foi saudado por essas ruas, sobrepujando pelo seu calor communicativo toda a pompa dos festejos officiaes.

Se os ecos d'esse enthusiasmo alcançaram, como parece, com sufficiente intensidade o coração da França, deve ella adquirir a doce convicção de que conta em Portugal com fortes e ferventes sympathias. Que isso lhe não esqueça nos momentos, para nós amargos, em que a especulação financeira arrasta pela lama o nosso credito e a nossa reputação!

Mas não deve esquecer. Generosa e enthusiasta, estrella guia dos povos latinos, a França deve orgulhar-se d'esta imponente fraternisação que lhe offerece um povo da sua raça, aquelle que, embora pequeno, mais gigantescos passos deu para o descobrimento do planeta e para a civilisação do mundo, occulto ainda aos olhos da Europa.

E agora, diluidos os derradeiros clamores apotheoticos em que expandimos o nosso amor e a nossa admiração, é licito perguntar quaes os resultados d'esta evidente approximação das nações latinas, sob a egide do grande imperio anglo-saxonio. Afigura-se-nos que se vae por esta forma organizando a resistencia contra as ambições germanicas, ameaça constante da paz. Pequeno embora, Portugal não é peão para desprezar n'este xadrez internacional, em que se trata de pôr o Kaiser em

O PRESIDENTE LOUBET Á PORTA DA CAMARA MUNICIPAL

O TORNEIO PRESIDENCIAL
PREPARAÇÕES PARA A ELEIÇÃO DO SUCCESSOR DE LOUBET
Caricatura extrahida de «La Silhouette»

cheque. E tanto assim o comprehende o parceiro adverso que, logo a seguir á visita de Loubet, pensou em ameaçar a casa do taboleiro em que se encolhia o peãosinho modesto.

Sem ter a retumbancia do incidente de Marrocos, o incidente da Madeira tem porventura uma significação analoga. Esperemos que elle se resolva brandamente, sem que nem sequer tenhamos algum Delcassé a sacrificar. Mas cumpre-nos estar de atalaya para que o jogo se não complique n'algum lance imprevisto. É complexo o movimento das pedras, e o cavallo dá saltos de tremer!

Sua Majestade el-rei D. Carlos vae dar azo a que a França manifeste o seu reconhecimento pela hospitalidade calorosa e festiva que demos ao seu venerando chefe. A visita do rei de Portugal é mais um élo que prenderá entre si as duas nobres nações latinas. A cordialidade entre os chefes de Estado é decididamente, n'este seculo XX, uma das mais seguras garantias da pacificação universal e da confraternisação humana.

KAISER — Não posso entender porque é que a francezinha faz olhos ternos para o tio Ned e a mim me volta as costas.
Caricatura extrahida do «Melbourne Punch»

A SITUAÇÃO POLITICA NA EUROPA

Os ares andam ainda turvos. As irritantes declarações do chanceller allemão a uns jornalistas francezes, parecendo querer impôr á França a amizade da sua visinha de alem-Rheno, provocaram as revelações sensacionaes do *Matin* sobre a sahida de Delcassé, as quaes mostraram que, n'um conflicto eventual com a Allemanha, a França poderia contar com o auxilio effectivo da Inglaterra. Eis o que excitou na imprensa germanica uma campanha de ameaças, que não são porventura mais do que o reflexo da ira official. Essa campanha dura ainda, com invectivas aos politicos francezes adversos á approximação allemã, ao gabinete inglez que promoveu a *entente cordiale*, ao proprio Eduardo VII, amigo sincero da França e da paz.

Ainda não estão pois dissipados os receios de uma

A GRÃ-BRETANHA E A AMERICA ESTÃO PROMPTAS A ENTRAR PELA PORTA QUE É ABERTA PELO JAPÃO. A PORTA TEM O LETREIRO «COMMERCIO DO ORIENTE» E A CHAVE É O TRATADO DE PAZ RUSSO-JAPONEZ.
Caricatura americana

O PARLAMENTO RUSSO

Curiosa casa! O cossaco é que surde por todos os lados!

Caricatura extrahida do «Neue Glühlichter»

A RATOEIRA

O CZAR — Meu caro Pobedonestzeff, esperemos que os ratos sejam tão estupidos que venham pegar na nossa isca.

Caricatura extrahida do «Jugend»

guerra temerosa que ensanguentaria grande parte da Europa. O Kaiser parece desejoso de aproveitar o ensejo em que a Russia, enfraquecida por uma colossal derrota, se debate n'uma revolução tremenda, para apressar o conflicto fatal. É sua rival a Inglaterra; mas, não podendo medir-se com a formidavel força naval d'esta nação, é de temer que a Allemanha se arremesse sobre a França, considerando-a como refens da lucta. É isto pelo menos o que claramente se deduz da linguagem das gazetas.

A REVOLUÇÃO NA RUSSIA

Vae seguindo victorioso caminho, apezar da resistencia feroz da burocracia autocratica, o movimento liberal na Russia. Como previramos, estamos assistindo a uma revolução que deixará porventura a perder de vista, pelo aspecto tragico, a revolução franceza de 1789.

As classes da burguezia e da plebe, opprimidas durante seculos, lançam mão dos meios extremos. E á teimosia das classes preponderantes, mais porventura do que á vontade oscillante do Czar, se deve lançar a responsabilidade dos excessos commettidos pelos revolucionarios. A ignorancia e a triste boçalidade do povo russo, cuidadosamente mantida para fins despoticos, são a causa directa da confusão e da barbarie que caracterisa o movimento revolucionario.

Já demasiado tarde, pretendeu o Czar ir de encontro ás aspirações nacionaes. As suas transigencias, incompletas, impostas pelo terror, não surtiram outro effeito senão o de augmentar a irritação e accentuar na alma do povo a consciencia da sua força. A autocracia tem de se submetter completamente; de contrario, os seus representantes serão sacrificados ou pelo menos escorraçados, entre ondas de sangue, do solo do imperio.

Ninguem acredita na sinceridade das concessões arrancadas pela força, e que nem sequer satisfazem as ancias de liberdade de um povo gasto por seculos de soffrimento. O scepticismo geral está bem expresso pela caricatura allemã que publicamos, attribuindo ao cossaco toda a preponderancia brutal na projectada *duma*. Aos termos a que chegou o collosso moscovita, parece-nos que a Constituição não será uma outorga gratuita do autocrata. Ha de nascer de uma assembléa em que o povo inteiro faça sentir a sua soberania. E ninguem pode razoavelmente prever, no estado de excitação a que chegaram os espiritos, até que ponto avançarão as reivindicações nacionaes.

Todo este movimento democratico se complica com os diversos conflictos de um immenso imperio, composto de elementos heterogeneos: conflicto de nacionalidades, como na Polonia e na Finlandia; de raças, como no Caucaso; de religiões, resultante do choque de christãos de diversas seitas, mahometanos e judeus. E tudo isto estabelece um chaos que está á espera do verbo inspirador para se reduzir a uma organização definitiva.

O CENTENARIO DE TRAFALGAR

A 21 de outubro celebrou-se em todo o imperio britannico o primeiro centenario da batalha naval de Trafalgar, onde perdeu a vida o heroe victorioso, o almirante Nelson. Esta batalha, dada nas costas meridionaes da Peninsula contra as esquadras combinadas da França e da Hespanha

commandadas respectivamente pelos almirantes Villeneuve e Gravina, foi um tremendo golpe nas ambições de Napoleão, e contribuiu sobremaneira para firmar definitivamente o poder naval da Grã-Bretanha. Por isso, os inglezes veneram a memoria de Nelson, já illustrada por outras victorias, como a do maior dos seus heroes.

Conserva-se ainda, fundeada em Portsmouth, a nau *Victory*, o navio almirante britannico na batalha de Trafalgar. É hoje um museu de reliquias do grande almirante. Na tolda, uma chapa marca o logar em que Nelson cahiu, mortalmente ferido. Na coberta, egualmente se indica o sitio onde elle exhalou o ultimo suspiro, sabendo que morria victorioso. Todos os annos, no anniversario de Trafalgar, fluctua na nau o memoravel signal com que Nelson animou os marinheiros da sua esquadra: «A Inglaterra espera que todos farão o seu dever.»

A «VICTORY», NAVIO ALMIRANTE INGLEZ EM TRAFALGAR. AINDA HOJE EXISTENTE EM PORTSMOUTH. COMPARADO COM UM GRANDE COURAÇADO MODERNO

Não admira pois que as festividades occasionadas pelo centenario assumissem um esplendor colossal. Na grande nação, esparsa pelo mundo inteiro, ergueram-se acclamações apotheoticas á memoria do excelso marinheiro, que libertou a sua patria de uma invasão imminente, dando-lhe o impulso para crear o maximo imperio que tem consignado a historia.

A *Victory* conta cento e quarenta annos de edade, e ainda hoje serve como navio chefe em Portsmouth. Desde a batalha que a engrinaldou de louros, varias e radicaes transformações tem soffrido o material naval. Ella era no seu tempo um exemplar perfeito da antiga sciencia de construcção, uma soberba nau, veleira e forte. Tinha 2:164 toneladas, 104 peças de artilharia, e uma tripulação superior a 800 homens. Com vento fresco de feição, chegava a andar treze milhas por hora, velocidade que não fica muito abaixo da de um bom navio de guerra moderno — dezoito milhas.

Mas, ao passo que o comprimento da *Victory*, do bico de próa á grinalda de popa, anda por 75 metros, um couraçado de primeira classe, do typo *King Edward VII*, mede 140 metros de comprido — quasi o dobro. Mas não fica por aqui a extraordinaria desproporção.

Ao passo que o mais pesado canhão da *Victory* não chegava a tres toneladas e o seu projectil maior andava por uma arroba (15 kg.), existem hoje peças de 110 toneladas, arremessando oitenta e tantos kilos de metal. O peso de uma banda, dada pela velha nau, era inferior ao peso de um simples tiro de um grande couraçado actual.

Calcula-se que a *Victory* teria custado umas 100:000 libras. Hoje só um couraçado de primeira ordem custa cousa de 1.000:000 libras—tanto talvez como a esquadra inteira de Nelson. E bastava um d'estes navios para destruir todos os navios da Hespanha, da França e da Inglaterra, que entraram na batalha de Trafalgar. Não precisaria decerto de gastar muitos tiros, nem de dispender muito tempo para completar essa obra de destruição.

Ocorrem, a proposito do centenario, estes confrontos, tornados bem frisantes pelas estampas comparativas com que illustramos o presente artigo.

A ARTILHARIA USADA EM TRAFALGAR. COMPARADA COM A ARTILHARIA MODERNA

Vida na sciencia e na industria

O PRIMEIRO AERONATO ITALIANO

Os aeronatos, isto é, os balões dirigiveis multiplicam-se. As felizes tentativas dos *Santos-Dumont* e *Lebaudy* suggestionam e enthusiasmam os inventores. A Italia, não querendo ficar atraz da França, da Allemanha, do Brazil, da Inglaterra e dos Estados-Unidos, apresenta-nos agora o seu primeiro aeronato devido á iniciativa do conde Almerico da Schio. O novo balão, denominado *Italia*, apresenta, como todos os outros dirigiveis, a fórma acharutada ou melhor fusiforme. O *Italia* mede 39^m,185 de comprimento, 6 metros de diametro maximo e 1:208 metros cubicos de capacidade.

CONDE A. DA SCHIO — O AERONATO L'ITALIA E O AERODROMO DA SCHIO

O novo aeronato do conde A. da Schio apresenta uma disposição singular, e que é a primeira vez usada em dirigiveis, para realisar a constante rigidez de fórma. Como se sabe, uma das grandes difficuldades a vencer, na navegação aerea, pelas machinas mais leves que o ar, é conciliar esta constancia de fórma com as variações de volume devidas ás differenças de temperatura e de pressão. O gaz, sob a influencia destas differenças, ora se contráe ora se dilata, devendo necessariamente o envolucro acompanhar estas alternancias de volume que produzem consequentemente alterações de fórma. E estas, qualquer que seja a sua fórma, rugas ou cóvas, offerecerão grandes obstaculos á dirigibilidade, quando não um enorme perigo de ruptura do envolucro, como já succedeu a Santos-Dumont. Numa palavra, o envolucro necessita de se conservar constantemente rigido. Esta rigidez tem sido obtida pelo uso dum balonete compensador no qual se injecta ar por meio dum ventilador manobrado da barquinha. Ora o conde Almerico da Schio rompeu com a tradição classica do ventilador, adoptando outra disposição. A parte inferior do areonato, á qual poderemos dar o nome de «ventre», é constituida por uma quilha elastica de cautchú de 1^m,40 de largura maxima no estado de repouso, mas extensivel até perto de tres vezes e meia a largura inicial. Esta faixa elastica sobrepõe-se ao estôfo do envolucro que nesta região se acha dobrado em pregas longitudinaes. Comprehende-se facilmente uma tal disposição: se o gaz se dilata, a quilha elastica distende-se com o estôfo cujas pregas se desfazem; se o volume do gaz diminue, a quilha volta ao seu estado normal ou penetra mesmo dentro do bôjo do balão. A parte inferior do balão funcciona, pois, como um verdadeiro folle, acompanhando as variações de tensão do gaz e assegurando ao envolucro uma constante rigidez de fórma apezar das variações automaticas do volume. Tal é o artificio caracteristico do primeiro aeronato italiano e por meio do qual o inventor conta obter a estabilidade d'altitude sem sensiveis perdas de gaz e de lastro.

Este artificio não exclue, como é natural, a valvula automatica de segurança que se abre antes que a tensão interior attinja os limites de resistencia do envolucro e da quilha elastica.

No restante, o aeronato *Italia* não se affasta dos caracteristicos d'aeronatos já conhecidos. O balão fez já evoluções preliminares sobre Schio, á altura de 400 metros, dando boas esperanças de não serem infructiferos todos os trabalhos e despezas feitas. Diremos, finalmente, que estas correram por conta de enthusiastas subscriptores, entre os quaes se contam o rei Humberto, a rainha Margarida, sabios e notabilidades italianas, além dos subsidios officiaes dos ministerios da guerra, da marinha e da instrucção publica.

MARIOTTE

ANESTHESIA PELA LUZ AZUL

São desde ha muito conhecidas as propriedades therapeuticas da luz. A estas será preciso agora accrescentar as anesthesiantes. Ultimamente o professor Redard, de Genebra, baseando-se na influencia dos raios azues sobre os centros nervosos, preconisou um novo processo d'anesthesia,

infinitamente superior a todos os outros methodos d'anesthesia local, mesmo os mais inoffensivos. Segundo Redard, cada côr primitiva teria uma acção especial e bem definida sobre o organismo. Assim, do mesmo modo que a luz vermelha é um agente excitante e irritante a luz azul é um agente de calmação. D'este conhecimento á criação do novo processo d'anesthesia não mediou senão um passo. Redard colloca o doente, sentado n'uma cadeira, em frente d'uma lampada d'incandescencia de 15 vélas, com ampola de vidro azul. A cabeça é coberta por um leve véo azul. Em seguida manda ao doente fixar a vista na lampada. Ao fim de dois ou tres minutos, o doente cáe n'um estado d'inconsciencia ou d'anesthesia que permitte fazer qualquer operação rapida, como a ablação d'um dente, sem a mais leve dôr. Tal é, na sua espantosa simplicidade, o methodo de Redard já adoptado por outros medicos. Algumas vezes o successo não é completo. Assim o dr. Milliard, de Londres, em trinta casos obteve oito insuccessos. Parece serem estes devidos á extrema nervosidade dos doentes.

MARIOTTE.

OS PYGMEUS DA AFRICA CENTRAL

Desde muito que os anthropologistas se sentiam intrigados com a solução do seguinte problema: existia ou não no centro de Africa uma raça humana caracterisada pela pequena estatura?

Já Herodoto assignalou a existencia d'estes pygmeus fixando-lhes o habitat nas nascentes do Nilo. Mas só vinte seculos depois é que Stanley póde prestar inteira justiça á narração d'Herodoto. No emtanto, o immortal africanista inglês não poude entrar em contacto com os pygmeus que, desconfiados e bellicosos, se refugiavam no interior das espessas florestas congolêsas.

Stanley apenas poude provar á evidencia a sua existencia e mais nada. Foi Haray Johnston quem primeiro forneceu precisas indicações sobre a mysteriosa raça. Agora o coronel inglês Harrison conseguiu estudar com completa minuciosidade a vida d'estes primitivos selvagens, conseguindo mesmo trazer seis á Europa, que n'este momento são as delicias dos anthropologistas londrinos. Harrison internava-se, o anno passado nas florestas do Congo com o fim de capturar alguns okapis. Foi absolutamente infeliz nesta empreza, mas em compensação poude viver quatro mêses no meio dos pygmeus e convencer quatro homens e duas mulheres a acompanha-lo á Europa.

A altura média desta raça é de 4 pés e 6 pollegadas para os homens e 4 pés e 1 pollegada para as mulheres. Esta pequena altura não é uma anormalidade mas um verdadeiro caracter ethnico. Os outros caracteres residem especialmente na fórma do nariz e na do labio superior. Os ossos do nariz são fraquissimamente salientes; a base do mesmo é desmedidamente larga e as azas são grandes e proeminentes. O labio superior é mais comprido e mais protuberante do que nos outros negros. O pescoço é tão curto que a cabeça parece enterrada nas espaduas. Os cabellos são lanzudos e curtos, apresentando reflexos avermelhados, do mesmo modo que a pelle que não é tão preta como no negro propriamente dito. Homem e mulher têm o corpo coberto d'uma fina pen-

OS SEIS PYGMEUS, ACOMPANHADOS PELO SEU INTERPRETE, NEGRO DO SUDAN, NO VAPOR QUE OS CONDUZIU DE ALEXANDRIA A BRINDISI

nugem como a que se observa nas creanças de raça branca.

Os pygmeus são nomadas, não possuindo campos nem casas, e andam completamente nús; apenas nas tribus que vivem nos confins das florestas e que mantêm relações com os outros negros, as mulheres trazem uma cintura de peles. Alimentam-se da caça e das fructas das arvores. São ousados e bellicosos, não temendo dar caça ao elephante. A vida d'estes selvagens é curta; morrem geralmente antes dos quarenta annos. São de grande precocidade, casando aos oito ou nove annos. A mulher é comprada por quatro zagaias e dez a quinze flechas, unica riqueza dos pygmeus.

MARIOTTE.

O «SANTOS DUMONT» XIV

Este novo aerostato do infatigavel inventor brasileiro é um *racer*, isto é, procura como caracter essencial a velocidade. Para o conseguir, tres condições são precisas: alongamento levado ao extremo, pequeno volume, grande potencia relativa do motor.

Depois de varias experiencias, reconheceu-se que o alongamento não podia ser superior a 7 vezes o diametro. Alem d'isso, o balão tende a dobrar-se pelo meio. A este inconveniente ainda o aeronauta prevê, armando o balão de uma espinha de bambu, na geratriz inferior, com $0^{m},025$ de diametro e 27 metros de comprido, pesando ao todo 4 kilogrammas, e enfiada n'uma serie de bolsos.

A questão de estabilidade é que, apezar do encurtamento, é mais difficil de resolver. O meio adoptado por Santos Dumont consiste em assegurar á querena uma forma invariavel, com o auxilio de balonetes que são cheios por um ventilador, afim de compensar as variações soffridas pelo volume do gaz, em consequencia das contracções e das perdas inevitaveis.

A BARQUINHA DO «SANTOS DUMONT» XIV

O segundo meio empregado, para remediar a instabilidade longitudinal, consiste em afastar do balão a barquinha onde está concentrada a carga principal, a qual constitue assim um verdadeiro pendulo, tanto mais efficaz quanto maior fôr o raio. N'este balão, a barquinha fica 12 metros abaixo do envolucro. A suspensão compõe-se apenas de 13 fios de aço de $\frac{8}{10}$ de millimetro, fixos pelo extremo superior á verga de bambu.

A propulsão é provocada por um helice de $1^{m},70$ de diametro, collocado a vante, com 2:000 rotações de velocidade. A força motriz é fornecida por um motor Peugeot, dois cylindros em V, de 14 cavallos, pesando sem volante apenas 26 kilos, o que representa um record de leveza.

A direcção é dada pelo leme habitual, á ré.

O alongamento do balão ainda inspira, apezar de tudo, graves receios quanto á sua estabilidade.

O «SANTOS DUMONT» XIV — ASPECTO GERAL

ANIMAES ANÕES

Não é só na raça humana que se encontram pygmeus: ha-os tambem entre os animaes inferiores. Uma das mais notaveis especies eram uns elephantes que habitavam em tempos primitivos a ilha de Malta e varias partes da Italia, onde se teem descoberto a miudo os seus ossos.

A ajuizar por elles, esse animal tinha pouco mais ou menos o tamanho de um car-

neiro. Portanto podemos imaginal-o em tenra edade, um elephante perfeito, pouco maior do que um gato, podendo facilmente suster-se na palma da mão.
Não desappareceram ainda hoje os elephantes anões. Teem-se visto exemplares na Europa, onde parecem desenvolver uma intelligencia assombrosa.

Existem egualmente cavallos pygmeus, e em tempos primitivos havia uma raça delles, do tamanho de uma raposa quando muito, a acreditarmos o testemunho das rochas que conservaram restos de varios cavallos fosseis.

Encontra-se nas ilhas de Sunda uma bellissima especie de veados pequenos. São animaesitos pouco maiores do que um gato; quando novos, não chegam ao tamanho de coelhos, comquanto sejam perfeitos de forma.

O almiscareiro, especie de cabrito montez, impropriamente conhecido d'antes entre nós por «gato d'algalia», é um pygmeu em toda a accepção da palavra, e um dos mais attrahentes da tribu. Para o naturalista, é um animal tolhido no seu desenvolvimento, tem cerca de 1 metro de comprido, uns 55 centimetros de altura na espadua, e tem, no macho, uns caninos muito desenvolvidos que se projectam para fóra e são usados como armas nos conflitos que os animaesitos travam entre si.

O TRABALHO CEREBRAL E A EDADE

Um professor da Universidade de Illinóes, investigando as biographias de auctores celebres, achou que elles produziam maior numero de obras originaes entre os trinta e os quarenta annos e entre os quarenta e os cincoenta do que antes ou depois d'este periodo. A maior massa de trabalho era feita não antes, mas depois dos quarenta annos de edade.

Vida na arte

O GRANDE ACTOR IRVING

A 14 de outubro falleceu em Londres o maior actor inglez da actualidade e decerto um dos maiores de todo o mundo. Sir Henry Irving, que contava sessenta e sete annos, succumbiu por assim dizer em plena batalha, em seguida a uma representação do drama *Becket* de Tennyson, com a reprise do qual, a 1 de maio, reapparecera no *Drury Lane* depois de uma grave doença e de uma larga *tournée* pela America.

Foi em 1870 que Irving alcançou o seu primeiro triumpho, n'uma comedia intitulada *As duas rosas*. Ambicioso de gloria, tomou logo em seguida a empreza do *Lyceum*, onde se estreiou com o drama *The bells* (Os sinos), creando alli mais as personagens de *Carlos I*, *Eugenio Aram* e *Richelieu*, esta ultima admiravelmente interpretada no theatro de D. Maria pelo nosso eminente artista João Rosa.

Mas o exito colossal de Irving foi a sua creação do *Hamlet*, que criticos abalizados reputam incomparavel. A ella porventura deveu principalmente o grau aristocratico de *sir*, que a rainha Victoria lhe conferiu, contribuindo ainda por esta forma para elevar a arte dramatica no conceito publico e destruir os prejuizos que ainda em muitos paizes vogavam contra ella.

O ACTOR IRVING
Um dos seus ultimos retratos

Irving era um actor profundamente pessoal, d'estes que, em vez de se insinuarem passivamente nos moldes creados pelo dramaturgo, adaptam as personagens á sua individualidade. Não são estes porventura os melhores mestres da arte, mas são com certeza os que mais se alteiam acima da craveira vulgar. Os seus proprios defeitos, como os que a critica imparcial notava uma vez por outra em Irving, contribuiam para fazer realçar as suas qualidades e prejudicavam apenas os imitadores mediocres.

Entre as creações mais notaveis de Irving citam-se, alem das já mencionadas, a de Shylock no *Mercador de Veneza*, a de Iago no *Othello*, a de Robert Macaire, a do *Judeu Polaco*, a do *Correio de Lyon*, a de Dante, n'um drama para elle escripto expressamente por Sardou, de Napoleão da *Madame Sans Gêne*, a de Macbeth, etc.

O funeral de Irving foi uma verdadeira apotheose, á qual concorreram individuos de todas as classes sociaes, pois que ninguem como elle popularisou em Inglaterra o grande reportorio, sobretudo o de Shakespeare.

Repousa na abbadia de Westminster, no Recanto dos Poetas (*Poets' Corner*), ao lado do seu illustre antecessor Garrick e aos pés da estatua de William Shakespeare, o mais alto genio dramatico do mundo inteiro.

Vida no Sport

ASPECTO DO CAMPEONATO DE LAW-TENNIS

LAWN-TENNIS CAMPEONATO DE PORTUGAL

Promovidas pelo Sporting Club de Cascaes, realisaram-se nos dias 20, 21, 22 e 23 de outubro, as provas do campeonato de Portugal.

É esta realmente a mais sportiva de todas as festas que o Sporting Club organisa annualmente. A ella concorrem sempre os melhores jogadores portuguezes, em competencia com reputados *tennistas* extrangeiros.

Este anno a sorte foi adversa aos portuguezes, pois que as primeiras classificações couberam aos extrangeiros. Os nossos jogadores, entre os quaes se notam aptidões excepcionaes, poderiam ter ficado em melhor logar na classificação geral, se tivessem tido a *pachorra* de se prepararem convenientemente.

Os resultados foram os seguintes:

Men's doubles — Vencedores os srs. A. Perkins e Strange, Dagge e Lewtas, G. Bleck e E. Hickie, J. Bleck e M. Mello, D. Pedro e D. José da Costa, J. Roquette e J. Correia, no primeiro turno; os srs. Jourdain e Morrison, G. Bleck e Hickie, J. Bleck e M. Bello, Frazer e Shore, no segundo turno; os srs. Morrison e Jourdain no final.

Men's singles — Venceram, no primeiro turno, os srs. Morrison, M. Bello; no segundo, os srs. Frazer, D. José Castello Novo, E. Hickie, Morrison, Shore, D. Luiz Pombal, Jourdain e G. Dagge; no terceiro, os srs. D. José Castello Novo, Morrison, Shore e Jourdain; nas meias-finaes, os srs. Morrison, Jourdain; na final, o sr. Jourdain.

Mixed doubles — Venceram, no primeiro turno, o sr. Jourdain e a ex.ma sr.a D. Anna de Sousa Coutinho, o sr. dr. Borges de Sousa e Miss Philimore, o sr. G. Bleck e ex.ma sr.a D. A. Plantier, o sr. Frazer e ex.ma sr.a D. Thereza de Calheiros; nas meias finaes, os srs. dr. Borges de Sousa e Frazer; na final o sr. Frazer e a ex.ma sr.a D. Thereza de Calheiros.

Ladies singles — Venceram as ex.mas sr.as D. Anna de Sousa Coutinho e Miss Ellerton.

REGATA EM PAÇO D'ARCOS

As regatas realisadas a 8 de outubro em Paço d'Arcos, foram organisadas por uma commissão de banhistas, que procurou fazer uma festa para distracção das familias que estavam veraneando

O LAW-TENNIS EM CASCAES — VENCEDORES E VENCIDOS

O LAW-TENNIS EM CASCAES — PARTIDA FINAL

A LARGADA DE UMA CORRIDA DE QUATRO REMOS ENTRE O REAL CLUB NAVAL E O CLUB NAVAL MADEIRENSE

n'essa praia; e para isso dirigiu-se ás associações da especialidade pedindo elementos; dirigiu-se aos proprietarios de barcos de recreio, solicitando a sua inscripção; preparou tripulações de senhoras e de rapazes banhistas, e com tudo isto fez uma festa que distrahiu os assistentes pelo enthusiasmo, e agradou aos entendidos pelos resultados obtidos.

* * *

Todas as corridas foram verdadeiramente interessantes, mas a que despertou maior enthusiasmo foi a dos escaleres *Farmen* e *Lucinda*, tripulados por senhoras.

A *Lucinda* vinha bastante atrasada, mas perto da méta, com um bello arranco final, poz-se á prôa da sua contendora, ganhando a corrida admiravelmente. As senhoras que tripulavam a *Farmen* mostraram tambem uma excepcional energia, e se não ganharam... foi porque algum dos barcos tinha de perder.

As duas tripulações, que remaram sempre com a maior correcção, foram recebidas á chegada com uma estrondosa e merecida ovação. Era caso para lembrar que *ainda ha portuguezas*, se não fizessem tambem parte da tripulação algumas senhoras extrangeiras.

O GYMKHANA EM CASCAES

O gymkhana automobilista promovido pelo Real Automovel Club de Portugal, não foi uma prova classica da indole das que este Club tem o dever de organisar no desempenho da sua missão de propaganda. Disse que as não promove com receio de confundir o *sport* com a industria, envolvendo n'uma mesma corrida os que cultivam o *sport* pelo prazer que este lhes porporciona, e os que inscrevem os seus carros no intuito mercantil de fazer *reclame* ás marcas que representam.

O receio é injustificado, porque sem o concurso dos industriaes ás grandes provas classicas, e os melhoramentos que são obrigados a introduzir nos seus carros, o automobilismo estaria ainda na sua infancia.

A festa, presidida por Sua Majestade El-Rei, realisou-se em 31 de outubro, depois de transferida duas vezes por motivo de mau tempo. O Real Automovel Club conseguiu o seu fim: divertir a sociedade elegante de Cascaes; e conseguiu-o porque, apezar do dia chuvoso, as provas decorreram animadas e cheias de alegres episodios.

O programma constava de duas partes: uma destinada exclusivamente a homens; a segunda deveria realisar-se com o concurso de senhoras.

Na primeira parte havia as seguintes provas

O «LUCINDA» QUE GANHOU O PREMIO DAS SENHORAS

S. MAJESTADE EL-REI E S. ALTESA O SR. INFANTE D. AFFONSO NO GYMKHANA DE CASCAES

A argola: O conductor do automovel devia desprender com o auxilio de uma lança uma argola pendente de um arco e no meio de dois cordões de flores e campainhas, sem que estas tocassem;

A campainha: o automovel devia passar, em marcha atraz, por debaixo de um arco em cujo centro estava pendurada uma campainha. O conductor devia tocar essa campainha duas vezes, mantendo seu carro n'uma velocidade de 6 kilometros á hora;

Os manequins: esta prova consistia em percorrer uma pista de obstaculos, sendo necessario não atropellar qualquer manequim que fosse lançado á frente do automovel;

A ponte: o automobilista devia fazer passar a sua machina por uma ponte formada de duas pranchas de madeira com mais 2 centimetros que a largura das rodas do automovel.

A classificação fez-se pela somma do numero de pontos obtido pelos concorrentes em cada uma das provas, com o seguinte resultado:

Teve o primeiro premio, offerecido por Sua Majestade El-rei, com medalha de vermeil do Real Automovel Club de Portugal, o sr. Alberto Beauvalet.

Coube o segundo premio, offerecido pelo sr. Infante D. Affonso, com medalha de prata do Real Automovel Club de Portugal, ao sr. José de Abreu Loureiro.

As medalhas de prata e cobre, com um objecto de arte do Real Automovel Club de Portugal, pertenceram aos srs. Estevam Fernandes e D. Antonio Heredia.

Tiveram medalhas de cobre o sr. Rodrigo Peixoto, S. A. o Senhor Infante D. Affonso e D. José Gil, e os srs. Jorge Burnay, Conde de Jimenez e Molina, João Silva, Jorge Bleck, Carlos de Mello e dr. Manuel de Castro Guimarães.

A segunda parte do programma, realisado com o concurso de senhoras, constou das seguintes provas:

Os copos de agua: a senhora sentada ao lado do conductor do automovel devia conservar na mão um copo de agua, sem entornar o liquido n'este contido, emquanto o conductor fizesse o seu carro percorrer uma determinada pista, evitando os obstaculos que n'ella encontrasse.

As argolas: a senhora devia desprender com uma lança o maior numero possivel de argolas collocadas n'um arco.

As vencedoras d'estas provas foram as ex.^mas sr.^as D. Angela Carvajal (Jimenez e Molina) e D. Fernanda de Mendonça.

NO POLO NORTE

A expedição Ligla, que partiu em 1903 para o Polo Norte e que se dera por perdida, foi encontrada pela expedição de soccorro enviada a bordo do *Terra Nova*.

O vapor *Amerika* perdeu-se no começo do inverno de 1903. Apenas houve um obito.

Os trabalhos scientificos foram conduzidos em conformidade com os planos de antemão traçados e deram resultados felizes.

NO GYMKHANA — A PASSAGEM DA CAMPAINHA

OBRAS PRIMAS

ibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

VIAGENS DE GULLIVER

POR

JONATHAN SWIFT

Depois de editado o **Dom Quichote de la Mancha**, obra com que naugurámos esta bibliotheca, procurámos um trabalho que, desconhecido inda no nosso meio litterario, fosse tambem d'um notavel valor. E nehum se nos apresentou, reunindo melhores condições, do que as **Viagens de Gulliver**, de Swift.

O nome de Jonathan Swift é quasi desconhecido ainda no nosso neio litterario. Apenas aquelles que se comprazem em estudar a litteraura antiga e moderna, e acompanham passo e passo os progressos da litteratura estrangeira, conhecem a obra do celebre pamphletario e escriptor satyrico inglez, que immortalisou o seu nome não só nas **Viagens de Gulliver**, como no **Conto do Tonnel**, na **Profecia de Windsor**, e outras obras em que o seu espirito scintillante se evidenceia. Mas lá fóra, nos paizes que caminham na vanguarda do movimento intellectual, o nome de Swift é justamente apreciado e collocado a par dos melhores escriptores inglezes. Ainda não ha muito, o distincto membro da Academia Franceza, Prévost-Paradol, publicou um estudo relativo a Swift e á sua obra litteraria, exalçando o nome do celebre escriptor inglez.

As **Viagens de Gulliver** são um trabalho primoroso, d'uma litteratura que encanta. A fórma como o auctor descreve a viagem ao paiz mysterioso de Lilliput, producto da sua fertil imaginação, as mil peripecias que ali se succedem, a ininterrupta successão de factos, que o auctor narra com a sua inacreditavel veia espirituosa, tudo faz das **Viagens de Gulliver** o que, sem favor, se póde dizer um bom livro.

Sendo necessario conservar perfeitamente as bellezas do original, confiámos a traducção a um distincto escriptor, perfeito conhecedor da lingua ingleza, que n'ella revelará mais uma vez o seu comprovado merito.

As **Viagens de Gulliver**, que já se encontram no prélo, são editadas nas mesmas condições do que as demais edições das **Obras Primas**, e que são as seguintes:

Cada volume de 200 a 400 paginas		
	Em brochura	200
	Com elegante encadernação de percallina com ferros especiaes	300

Acceitam-se assignaturas

Por serie de 5 volumes	Em brochura	900
	Cartonados	1$400
Cada série de 10 volumes	Em brochura	1$800
	Cartonados	2$700

Pedidos á LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA Lim.da — Editores - 132, Rua do Ouro, 138 - Lisboa

SERÕES

N.º 6

Dezembro de 1905

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Editores
132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Typ. da «A Editora» — Lisboa.

Summario

MAGAZINE — PAG.

OS SERÕES DAS SENHORAS (58 illustrações)

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

Correspondencia dos «Serões»

Congratulações e promessas

Ao terminar com o anno de 1905 o primeiro volume da 2.ª serie dos *Serões*, cumpre-nos, com os cumprimentos de boas festas, renovar os nossos agradecimentos muito effusivos pelo mais que benevolo, antes caloroso, acolhimento concedido pelo publico de Portugal e Brazil á nossa revista. Repetimos o que já por mais de uma vez aqui exarámos: esse acolhimento excedeu toda a nossa expectativa, forçando-nos jubilosamente a reimprimir os primeiros numeros e a augmentar successivamente a tiragem dos seguintes.

Este prospero inicio augmenta as nossas responsabilidades, de sobra o conhecemos. Não nos sae do espirito a ancia de melhorar progressivamente os *Serões*, não só na parte material, como na litteraria e artistica. Graves contratempos temos tido a vencer, inherentes mais ou menos a uma empreza d'esta ordem n'um paiz em que os meios de publicação são infelizmente ainda deficientes. Envidamos todos os esforços para vencer, e confiamos em que elles sejam coroados de excellente resultado. Contamos com o auxilio de todas as pessoas que nos dois continentes falam a lingua portugueza e que nos possam dar informações, por qualquer forma graphica, sobre cousas da nossa terra ou do Brazil, que é um prolongamento espiritual da patria. Com esse effectivo auxilio, poderemos tornar os *Serões* uma publicação essencialmente portugueza, largamente instructiva e documentada, e excepcionalmente interessante para todos os individuos, seja qual fôr a sua profissão ou a sua classe social, que por todo o mundo estão ligados a nós por laços de patriotica solidariedade.

Eis a nossa aspiração, eis a esperança que nos alenta em todos os sacrificios e no meio dos mais temerosos estorvos.

Expediente

A parte — *Magazine* — dos *Serões* termina com este numero o seu 1.º volume (2.ª serie.) Junto distribuimos as paginas de ante-rosto, rosto e indice d'esse volume. Para elle se estão manufacturando elegantes capas de encadernação, que forneceremos aos nossos assignantes pelo preço de 400 réis.

A parte — *Serões das Senhoras* — deve completar o volume no fim do 1.º anno, isto é, em junho de 1906, assim como a parte — *Musica dos Serões*. Para guardar os numeros respectivos se estão elaborando egualmente umas elegantes pastas que poderão servir mais tarde para encadernação.

As tres collecções constituirão um interessante repositorio que, em vista dos primores da encadernação, pode figurar dignamente nas mais elegantes bibliothecas, fornecendo em todo e qualquer tempo uma leitura amena e instructiva.

Quebra-cabeças

Para os problemas apresentados no nosso n.º 4, e os quaes numeramos respectivamente 1 *(As sommas desconhecidas)*, 2 *(Medição do leite)*, 3 *(Quanto tempo leva?)*, recebemos decifrações dos seguintes amaveis correspondentes:

Antonio Alves de Mattos (3), Tito (1, 2 e 3), X Psilonn (1, 2 e 3), Bohemio-Arazede (3), Lanzudo da Lourinhã (1, 2 e 3), A. Tavares (1, 2 e 3), Visconde das Barbas (1, 2 e 3), Jovita Grandal (1), José Martins Barbosa (1 e 3), Dois caturros (1, 2 e 3), X. Y. Z. (1, 2 e 3), Matultino (1, 2 e 3).

O 1.º problema tem innumeras soluções, e varias por isso foram as respostas dos decifradores. Apresentamos apenas uma d'ellas, para amostra:

2	1	3	5	4
4	2	1	3	5
5	4	2	1	3
3	5	4	2	1
1	3	5	4	2

A medição do leite pode fazer-se da forma seguinte:

Tira-se da vasilha 3 decilitros para o copo que fica cheio. Deitam-se na medida de meio litro esses 3 decilitros. Torna-se a encher o copo, e, com parte do que elle contem, acaba de se encher a medida. Ficou pois no copo 1 decilitro. Despeja-se em seguida a medida na vasilha do leiteiro. Deita-se na medida o decilitro do copo. Enche-se este de novo, e juntam-se esses 3 decilitros ao que está agora na vasilha. Temos assim os 4 decilitros pedidos.

Quanto ao ultimo problema, a solução é simples. O homem começou com 55$000 réis, e gastou 50 annos a accumular o capital.

Vamos agora ao já celebre problema

Onde irá parar?

e apresentemos a solução proposta pelo sr. Justiniano Esteves:

«Seja p um ponto da derrota desconhecida do navio que suppômos partir de O no equador e origem das longitudes (fig. 1).

Fig. 1

Consideremos um arco infinitivamente pequeno da derrota a partir de p, $\widehat{pD}$ que deverá pertencer ao circulo maximo que passa em p e é inclinado de 45º sobre $\widehat{pN}$. Sejam

Fig. 2

agora dm e dl os acrescimos de longitude e de latitude relativos ao percurso pD; será $dm = \widehat{MF} = \widehat{N}$ e $dl = Dg$. (fig. 2)

Posto isto está formado um triangulo espherico NpD, (fig. 3) que passaremos a resolver afim de terminar a relação entre dm e dl que pela integração nos dará a equação da derrota procurada.

Fig. 3

D'esse triangulo podemos, estabelecendo a equação que liga quatro elementos contiguos, chegar á equação:

$$\text{sen } l . \cos dm = - \text{sen } dm \cdot + \cos l \text{ tg } (l + dl)$$

N'esta equação podemos pôr $\cos dm = 1$ e $\text{sen } dm = dm$ por ser dm infinitamente pequeno, ficando (feito o desenvolvimento):

$$dm = \cos l \frac{\text{tg } l \text{ tg } dl}{1 - \text{tg } l + \text{tg } dl} - \text{sen } l$$

ou:

$$\text{dm} = \left[\frac{\text{Tg } l + \text{tg } dl}{1 - \text{tg } l \text{ tg } dl} = \text{tg } l \right] \cos l$$

e ainda:

$$\text{dm} = \frac{\text{tg } dl}{\cos l \, (1 - \text{tg } l \text{ tg } dl)}$$

onde podemos despresar o producto *tg l tg dl* ao pé de *1* por ser dl infinitamente pequeno, ficando:

$$dm = \frac{\text{tg } dl}{\cos l}$$

equação em que se póde substituir *tg dl* por *dl* como já fizemos com o *sen dm* por *dm*:

$$dm = \frac{dl}{\cos l}$$

Para integrar ponhamos:

$$\text{sen } l = t$$

ou:

$$\cos l = (1 - t^2)^{\frac{1}{2}}, \text{ e } dl = \frac{dt}{(1-t^2)^{\frac{1}{2}}}$$

donde:

$$dm = \frac{dt}{(1-t^2)} = \frac{\frac{1}{2}\, dt}{1+t} + \frac{\frac{1}{2}\, dt}{1-t}$$

Integrando agora entre os limites *0* e *m* e t_0 e t correspondentes a *0* e *l*, vem:

$$m = \frac{1}{2}\left[\int_{t_0}^{t}\frac{dt}{1+t} + \int_{t_0}^{t}\frac{dt}{1-t}\right] = \frac{1}{2}\Big|_{t_0}^{t} \log._n \frac{1+t}{1-t}$$

indicando o signal $\Big|_{t_0}^{t}$ a necessidade da substituição dos limites.

Emfim substituindo *t* por *l*, resulta-nos a equação desejada da derrota do navio:

$$m = \frac{1}{2} \log_n \frac{1 + \text{sen } l}{1 - \text{sen } l}$$

Da discussão d'esta equação, que se pode representar por uma curva $m = \varphi(l)$, fig. 4, se conclue que entre os limites *0* e $\frac{\pi}{2}$ de *l*, *m* cresce continuamente até ao infinito, ou inversamente: «Crescendo *m* até ao infinito, *l* cresce até $\frac{\pi}{2}$.»

Fig. 4

Isto quer dizer que *o navio descreve uma especie de espiral em torno do polo approximando-se continuamente d'elle sem nunca o attingir*, dando um numero infinito de voltas em *torno da esphera*.

Alcobaça, 10/11/05.»

Temos mais a proposito d'este problema uma curiosa correspondencia. O espaço não nos permitte por agora publical-a, como seria desejo nosso. Para o numero seguinte, afim de proseguir n'uma discussão scientifica que tem verdadeiro interesse para os technicos, daremos logar ás soluções e demonstrações recebidas dos srs. Réclus... manqué, Minimus e A. Tavares... se podermos.

Os serões das senhoras

De *uma assignante* recebemos uma ensaboadela, perante a qual nos curvamos respeitosamente, permittindo-nos comtudo as observações seguintes:

Não é facil, é mesmo quasi impossivel, que as descripções acompanhem sempre as gravuras na mesma pagina, sobretudo querendo manter a divisão do texto em secções. Para o demonstrar, teriamos de entrar n'uma longa explanação technica que V. Ex.ª não estará de certo resolvida a aturar. Mas não ha gravuras de figurinos, lavores femininos, etc., que publiquemos sem a respectiva descripção. No caso com que V. Ex.ª exemplifica o seu aggravo, verá que a descripção relativa ás gravuras de pag. 64 e 65 se encontra a pag. 63.

Não acha V. Ex.ª bonito que intercalemos maximas pelo meio dos figurinos. Com franqueza, não somos da mesma opinião. É a maneira de chamarmos a attenção para esses grãosinhos de sabedoria. Quanto á sua inclusão nas *Notas de dona de casa*, somos do seu parecer. Foi um lapso... ligeirinho... de que nos penitenciamos. E a respeito de *menus*, procuraremos satisfazer de futuro os justos desejos de V. Ex.ª

Silva Porto — Amor na aldeia

Quadro pertencente ao dr. Rocha Vianna

Á PORTA DA VENDA

Quadro de Silva Porto, pertencente a Sua Magestade a Rainha

Silva Porto

(Algumas breves notas)

Um delicado impressionista, descrevendo-nos n'uma phrase terna a figura pequenina e discreta de Silva Porto, dizia d'elle: — «Dá o ar d'um Christo que tivesse pedido feriado na ceia dos apostolos...» Timido e simples, solitario e doce, franzino e triste, olhos habitualmente adormecidos n'uma morte-luz de saudade, a pelle n'um tom macillento e terroso, as feições grossas e plebêas d'um sensual, modesto no trajar, humilde nas fallas, retrahido nos gestos, Silva Porto passava nas ruas como uma sombra, sem attrahir um olhar, muito cosido com as paredes, muito «João Ninguem» no aspecto, surprehendido talvez de não lhe tomarem contas e talvez mesmo prompto a pedir desculpas de ser o mestre da paizagem com aquella cara...

Era um homem de vida interior, acanhado e cautelloso diante de estranhos, dilatando-se apenas na solidão ou na convivencia d'algum raro intimo. Então, um outro Silva Porto surgia d'aquella creatura embiocada para o mundo, um Silva Porto bom burguez, familiar, infantil, por vezes brincalhão, com inoffensivas malicias nos olhos e uma graça ingenua nos ditos, amigo de rir, feliz de viver. Este Silva Porto que poucos conheceram realmente e o *outro* que

descia á vida, receioso, contrafeito, atarantado, explicam, me parece, a feição a um tempo perfeita e pueril, honesta e banal, limitada e sincera, de toda a sua obra.

O seu apego ao solitarismo levou-o ao amor pela paizagem. Diante das arvores pacificas e innocentes, das aguas preguiçosas e sentimentaes, das atmospheras diaphanas e leves, estava inteiramente á vontade. Pintando figura, necessitava para illudir aquella sua *cobardia* invencivel, d'um modelo plebêo e inferior que não o intimidasse ou d'alguem que o agradavel convivio lhe fosse habil e lentamente insinuando na sua ambiencia de artista.

CABEÇA DE CAMPONEZA

Pertencente a S. M. El-Rei

Os seus instinctos de exemplar burguez, — tomo a palavra na boa accepção — fazem-no escravo d'uma moral atavica, instinctiva, obrigando-o a cumprir quasi como um officio a sua arte magistral.

Saía cedo, invariavelmente, e trabalhava o dia inteiro, na aula, no *atelier*, nas licções particulares, chegando a casa para jantar, extenuado como um operario á volta da officina.

A maior caracteristica nos seus qua-

A SALMEJA

Pertencente a S. M. El-Rei

dros é a probidade de technica: as suas paizagens são verdadeiras, d'uma verdade toda material; dão a região, a hora, o sitio.

Não lhe peçam o lado vasto e mysterioso da natureza, alguma indefinivel surpreza ou qualquer idéa transfigurando-se em sonho immaterial. Não, Silva Porto pinta o que vê e só o que vê. Trabalha, lucta, esforça-se por conseguir o que tem diante dos olhos, sem deixar a minima coisa ao acaso do pincel. Procura dar o aspecto completo da sua visão e foge systematicamente á improvisação que elle julga uma inferioridade de caracter, uma immoralidade relativa, embora muitas vezes ella sáia feliz e revele talento.

Com certo conde artista, muito affeiçoado a Silva Porto, passou-se uma interessante scena que indica até que ponto ia a probidade do nosso paizagista. Gostava o conde de pintar e, não raro, aproveitando uma excursão do mestre, partia para o campo a trabalhar ao lado de Silva Porto. D'uma vez, escolheram ambos o mesmo trecho de paizagem e cada um com sua taboinha tratou de fazer a respectiva mancha. No primeiro plano havia uma arvore

RAPARIGA DOBANDO

Pertencente ao sr. Ferreira das Neves

tôsca e imperfeita que crescera sem cuidados nem amparo, á mercê do tempo. O conde, apezar d'artista, era um eminente botanico, professor d'uma escola superior, e começou logo tratando a sua arvore como um especialista e profundo conhecedor da anatomia plastica do modelo.

A pouco e pouco, levado pela sua paixão, ia corrigindo a pobre arvore inculta, detalhava-lhe os ramos, completava-lhe a architectura dos troncos, prendia-lhe symetricamente tufos de folhagem, descia a minucias de recorte da folha, era meticuloso na implantação dos peciolos. Quando Silva Porto deitou os olhos ao estudo do conde, não conheceu a arvore. E levantando-se, muito grave e muito triste, disse:

— Está muito bonita, mas não é o que lá está!

E para o resto do dia ficou furioso contra aquelle *attentado*, emquanto o conde ria a bom rir...

Os quadros de Silva Porto vivem prodigiosamente por essa probidade e por essa solidez de factura que tem já de chamar-se *individualidade*. Conhecem-se de longe, sem precisar ver quem os assignou, e nada entretanto os domina como garridice ou effeito proposital. A tinta é sempre suave, macía, harmoniosa e bella, e o *truc* é tão admiravelmente disfarçado na justeza e habilidade dos processos que o quadro parece não existir como obra d'arte mas como inexplicavel reducção da propria natureza. Silva Porto pinta bem e essa indispensavel qualidade n'um mestre de pintura é adquirida aos poucos, n'uma tenacidade espantosa em individuo portuguez, como consequencia da sua honestidade burgueza se repercutir na sua vida artistica. E' preciso pintar bem «para não enganar o publico»...

Vemol-o, por exemplo, mudar mui-

AZENHA NO MINHO

Pertencente ao sr. A. Torres Pereira

BARCA DE PASSAGEM (SERRELEIS-MINHO)

Pertencente ao sr. conde do Ameal

tas tintas da sua paleta ao reconhecer que certos brancos, alguns amarellos, determinados vermelhos, *cresciam* ou negrejavam com o tempo, prejudicando o quadro. Vemol-o tambem estudando todas as suas paizagens ao ar livre, enchendo-se de apontamentos do *natural,* e queixando-se sempre ao pintar o quadro definitivo no *atelier* de que lhe faltam documentos. O seu desejo seria levar a grande tela para o campo e ali executar, fielmente, á vista do modelo.

Procurando ser exacto, perseguindo a verdade, chegou a apoderar-se da fórma. A sua technica, mórmente nos ultimos annos, é incomparavel, quasi incomprehensivel; tem segurança, facilidade, largueza. Quem nos diría, olhando a primeira arvore que Silva Porto pintou, estar ali o futuro compositor da magnifica tela *Conduzindo o rebanho?*... D'essa primeira arvore, hirta e chata, de côres carregadas e falsas, de folhagem banal e miudinha, pacientemente feita a granulos de tinta, dando-nos a impressão de certas pacotilhas allemãs que imitam grosseiramente hediondas chinezices de exportação, até aos habeis e perfeitos trabalhos do fim da sua vida, que constante e pertinaz progresso, que continua e lenta ascensão, que espantosa e esforçada lucta para ver, para tentar, para conseguir, para triumphar!

CONDUZINDO O REBANHO

Pertencente ao sr. conde do Ameal

O seu ideal é sempre o mesmo: ser probo, pintar o que lá está... E d'este modo attinge um outro: ser pessoal, inconfundivel, ser Silva Porto.

Estamos habituados a chamar artistas a creaturas que não passam dos dominios d'uma technica habilidosa que adquirem, á força de insistir no tempo

A VOLTA DO MERCADO

Pertencente á familia Anjos

O MOINHO DO GREGORIO

Pertencente ao sr. H. Pinho da Cunha

e na paciencia, um processo correcto de factura sem originalidade nem individualidade. São typos frios, astuciosos, preparando a pincelada com a receita dos outros, soffrendo successivos abalos na *maneira* conforme as influencias proximas, executando como um qualquer ao cabo do mesmo esforço de *copia*. São incontestavelmente trabalhadores, com grandes qualidades assimilativas, mas que chegam ao limite do molde sem nunca o ultrapassar. Para physionomia de grande artista falta-lhes a idéa, falta-lhes o caracter na obra, falta-lhes a sinceridade na execução. Não conseguem interpretar; o vôo que alguma vez ensaiam não se libra, é rasteiro, roçando o que vêem sem jámais se levantar ao que sentem... porque nada sentem. A propria technica vão buscal-a a paletas extranhas, sem nunca tentarem uma tinta de sua lavra: pintam como se usa; a moda limitrophe, sem poder crear. E' a historia de quasi todos os nossos pintores que vão estudar lá fóra. Abdicam da sua nacionalidade e do seu sentimento, mascaram-se de *pasticheur*, e raras vezes procuram libertar-se da influencia extrangeira.

Silva Porto não foi assim. Andando cinco annos em estudos pela França, Belgica, Hollanda, Inglaterra, Hespanha e Italia, ficou sempre genuinamente portuguez. Não se desenraizou da sua terra; ao contrario, parece que a ausencia da patria, roendo-o de saudades, avigorou o amor que lhe tinha, e a inadaptação a um meio extranho, artificial, hostil e complicado de mais para o seu fatalismo de plebêo e para a sua credulidade infantil, fez pungir essas tristes e nostalgicas idéas que depressa o trouxeram para Portugal, na ancia de outra luz e melhor ceu.

Uma vez na patria, fazendo arte, nunca se esqueceu de prover ás necessidades caseiras e ao equilibrio material da sua vida. Dá lições particulares, rege uma cadeira na Academia e ainda os

motivos que escolhe de preferencia para pintar são os que seduzem promptamente o comprador. O Minho com a sua paizagem maneirinha e doce, temperada de suavidades de luz e melodiosa na orchestração das côres, fornece-lhe uma serie facil de ensaios, apontamentos e pequeninas telas, sempre disputada pelos amadores.

Os arredores de Lisboa, poeirentos e baços, os campos ribatejanos, certos trechos pittorescos da provincia, encontram em Silva Porto não só o pintor inegualavel de fidelidade mas tambem o representante sincero d'uma clientela.

A sua arte tem um lado pratico, é quasi sempre um modo de vida. Vemol-o, por exemplo, fixar o preço dos seus quadros pelo tamanho da tela e não pela qualidade de pintura. A maravilhosa *Cabeça de camponeza*, realisada com um amor e uma delicadeza d'inspirado, é vendida por sessenta mil réis como qualquer mancha de natureza rustica e banal. E quem estranhasse o facto, encontrava o pintor, timido e envergonhado, desculpando-se:

— Então havia de pedir mais dinheiro por um bocadinho tão pequeno de pintura?!

Este feitio medroso de negociante prendeu lhe as azas para a concepção d'uma larga obra em que as suas extraordinarias aptidões de paizagista e animalista se immortalisassem por alguma coisa mais do que a *virtuosidade*. Ao seu lado faltou aquelle anjo que, no dizer ingenuo de Corot, descia do ceu para lhe pintar as melhores telas...

Nas reproducções que acompanham estas ligeiras notas encontrará o leitor, que por infelicidade nunca lograsse ver os quadros de Silva Porto, a expressão da realidade attingida pelo paizagista ao cabo d'um esforço paciente e pertinaz de longos annos. Algumas parecem instantaneas copias photographicas, tão flagrante é a acção do quadro, tão nitida a movimentação da

CEIFEIRAS

Pertencente ao sr. conde do Ameal

CASA MINHOTA

Pertencente á Sociedade Nacional de Bellas Artes

ria tela de quasi dois metros, juntam-se todas as maiores difficuldades d'uma paizagem. A luz é a do meio dia em agosto, o ceu abafa n'um calor de trovoada, o terreno é o d'uma azinhaga dos arredores de Lisboa; piteiras, silvas, uma oliveira carcomida e velha, tudo poeirento e sequioso, n'uma atmosphera de febre; pela vereda pedregosa uns carneiros, um pastor, um burro e uma lavadeira, levantando uma poeirada asphixiante...

Não ha palavras que expliquem sufficientemente o effeito d'este quadro; é preciso tel-o visto para se comprehender até que ponto ia a consciencia do pintor escravisando se á exactidão da scena. Diante d'esta paizagem, onde o artista se preoccupou apenas em nos revelar que *sabe pintar*, é que se sente bem a falta que lhe fez um pouco de ideal, de commoção, de sonho, a divinisar-lhe aquellas inexcediveis faculdades de technica.

Seria um nunca acabar descrever mesmo summariamente as tresentas ou quatrocentas telas que deixou. São rapidas manchas, pequenos estudos, trechos d'arvoredo, notas animalistas, casas alpendradas, engenhos d'agua, marinhas, regadas, costumes e trajos minhotos, scenas de campinos, mulheres fiando, riachos verdosos, recantos rusticos... De vez em quando, uma mulher de Santa Martha, de Avintes, de Miadella ou da Maia, apparece com seu lenço á chineza e jaleco de riscas, saia entrançada de côres como um arco-iris, com suas resplandecentes arrecadas nas orelhas e grilhão de muitas

scena. Na *Barca de passagem*, o rio, as arvores, os montes, o carro de bois, a barqueira são d'um naturalismo perfeito... e impassivel. Nas *Ceifeiras*, uma das suas melhores telas, o quadro dá espantosamente essa seara dos suburbios de Lisboa, d'um amarello convalescente, e nas figuras ha um vislumbre de evocação poetica que raramente se encontra no artista, tão raramente que só nol-a recordam mais dois quadrositos seus: um com o estudo d'uma manhã de neblina no Tejo e outro em que ha uns cavallos bebendo.

No quadro *Conduzindo o rebanho*, d'uma factura admiravel, inegualavel, unica, o *virtuose* parece querer mostrar-nos todos os seus recursos na clara e nitida execução d'um trecho altamente complicado. N'essa extraordina-

voltas ao pescoço, as meias de neve, a chinellinha ponteaguda no bico do pé... Outras vezes, é uma saloiasita nubil e fresca, de roupinhas pobres e lavadas, humilde e casta, um lenço vermelho descaído para os hombros, um sorriso meio acanhado na bocca inexpressiva, — uma saloiasita como a d'essa *Cabeça de camponeza,* tão cheia de caracter e de graça, que um amigo meu, enfeitiçado pela suave e encantadora modelação da pequenina tela, intitulou a *Jocunda portugueza*...

Pena é que toda essa obra valiosa e vastissima esteja em mãos de particulares, sujeita aos acasos da fortuna e a problematicos destinos no futuro. Os poderes publicos, sempre distrahidos com as rotinices da machina politica, esqueceram-se de adquirir, em época propria, os indispensaveis documentos para a historia do maior paizagista portuguez, e assim succede, é vergonha dizel-o, que no Museu Nacional das Janellas Verdes ha apenas uma pequena tela de Silva Porto, que, por maior infelicidade, não pertence á sua ultima feição de technico pujante e incomparavel.

Coisas caracteristicas da nossa terra...

O seu ultimo quadro, por concluir, parece-me que pertencia ao Gremio Artistico e deve estar hoje na Sociedade Nacional de Bellas Artes. É uma linda mancha de côr, com uma atmosphera fluida e luminosa, onde se recortam os ramos floridos de duas macieiras. O terreno, em tres gradações de verde, n'uma pastada larga, alonga-se a perder de vista. Ha certos pontos em que as tintas apparecem ainda sobrepostas tal como o pincel, á pressa, as colheu na paleta, sem tempo de fun-

MACIEIRAS EM FLOR

Pertencente á Sociedade Naciona de Bellas Artes, ultimo trabalho de Silva Porto (por concluir)

dil-as completamente. É um valioso e interessante documento para quem pretender algum dia estudar o processo de pintar de Silva Porto.

As *Macieiras em flor* appareceram na exposição do Gremio, um anno depois da morte do paizagista. Todos os dias, em frente do quadro, os visitantes deixavam o tapete coberto de flores. (*)

MANUEL PENTEADO.

CAMPINOS

Pertencente a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia

(*) Antonio Carvalho da Silva Porto nasceu no Porto a 11 de novembro de 1850. De 1865 a 1873, seguiu alli com distincção os cursos de architectura civil, esculptura e pintura, na Escola de Bellas-Artes. No ultimo teve por mestre João Corrêa. Em 1873, tendo feito concurso, partiu para o extrangeiro, como pensionista do Estado, a completar a sua educação. Dirigiu-se primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discipulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Groseillez. N'esse anno, foi para Roma concluir os seus estudos. De Italia voltou a França, realisando em seguida, á sua custa, uma viagem pelos museus da Belgica, Hollanda, Inglaterra e Hespanha. No seu regresso a Portugal em 1879, foi logo nomeado interinamente, para um dos logares de professor de pintura na Escola de Bellas-Artes de Lisboa,—logar que a morte de Annunciação (em 3 de abril d'aquelle anno) deixára vago. Em 1883, passou á effectividade. Silva Porto concorreu ás exposições do *Salon*, em Paris, nos annos de 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras a attenção da critica. Enviou tambem alguns quadros á exposição universal que se realisou n'aquella cidade em 1878. E quando, em 1881, a Hespanha celebrou o bi-centenario de Calderon, expoz diversos trabalhos em Madrid. Em Portugal, apresentou-se pela primeira vez em 1880, n'uma exposição organisada pela *Sociedade Promotora das Bellas-Artes*. Depois, tomou parte nas oito exposições realisadas, de 1881 a 1888, pelo *Grupo do «Leão»*, de que era o mestre, o chefe,—e em 1891, 1892 e 1893, nas exposições promovidas pelo *Gremio Artistico*, de que foi presidente e um dos fundadores. Figuraram ainda trabalhos seus na decima-terceira e na decima-quarta exposição da *Sociedade Promotora*, e no Porto repetidas vezes. A' exposição industrial que em 1888 se realisou em Lisboa, enviou dois dos seus melhores quadros:—*A Salmeja* e *Avolta do mercado*. O jury conferiu-lhe a medalha de ouro. Silva Porto foi um dos artistas que tomaram parte nos trabalhos da solemnisação do tri-centenario de Camões. E' seu o desenho do carro da guerra. Morreu em Lisboa no 1.º de junho de 1893. Formou-se logo uma commissão de artistas, alumnos e professores da Academia de Bellas-Artes, para promover algumas homenagens a Silva Porto. Essa commissão organisou uma interessante exposição de quasi toda a obra do artista em junho de 1894. Dois annos depois, effectuava a transladação dos restos mortaes de Silva Porto para um modesto tumulo, erigido por subscripção publica no cemiterio oriental. Projecta tambem erguer um pequeno monumento ao grande paizagista em um dos jardins publicos de Lisboa.

Ó-Tsukimi

POR

Wenceslau de Moraes

No 15.º dia do 8.º mez lunar, que coincidiu este anno com o dia 13 de setembro do calendario gregoriano, é a festa da lua, n'este Imperio. As varandas das casas, collocam-se previamente jarras com plantas e flores symbolicas; e a gente aguarda com anceio a apparição do astro da noite, então em plena grandeza, saudando-o reverente, com as mãos postas, elevadas ao céo.

No entretanto, ha sitios preferidos, pela belleza especial do seu scenario, para se ir prestar culto á lua, ao que

A LUA CHEIA

se chama *Ó-Tsukimi;* preferindo-se naturalmente os horisontes vastos, atravessados pela amenidade das aguas — oceano ou rio, — e onde abundam os pinheiros e outras arvores, entrando nos preceitos da esthetica classica o observar-se o resplandecente disco atravez da renda da folhagem.

Ora, eu, que sou tão japonez quanto me permitte a circumstancia de não ser japonez, resolvi tambem ir este anno, como qualquer japonez de fino gosto, assistir ao *Ó-Tsukimi,* em um local afamado para o effeito; e assim me encaminhei para a aldeia de Ishiyama, na provincia de Omi, distante algumas leguas de Kyoto. Omi, como é notorio, é uma das mais pittorescas regiões de todo este Nippon, mercê do seu delicioso lago Biwa; e o contemplar a lua do alto do templo de Ishiyama constitue precisa-

ORNAMENTAÇÕES EM HONRA DA LUA

mente uma das oito bellezas legendarias da provincia. Ishiyama é tambem notavel pelo brilho e grandeza dos seus pyrilampos, que pullulam sobre os charcos nas noites quentes de junho, e que as raparigas veem de longe colher, em festa, como um bando de fadas que viessem roubar estrellas do céo. O meu afan de peregrino inspirára-se talvez principalmente no facto de estar annunciada a paz com a Russia: ia alumiar o solo do Japão o astro rejuvenescido, após um longo anno de incessante lida planetaria; esse jorro de luz, serena e meiga, trazia ares de uma benção vinda do alto, convidando o povo á tranquillidade, ás doces alegrias pacificas, ao amor da terra, ao labor carinhoso do solo e das industrias; e crescera-me o desejo de participar n'essa adoravel commemoração pagã, elevando tambem as minhas mãos, elevando tambem a minha prece, á lua, o astro dos poetas, o astro dos nipponicos, que todos são poetas!...

A aldeia de Ishiyama é deveras deliciosa, contendo em si a essencia inteira de uma d'essas paizagensinhas paradisiacas, que nos commovem no esmalte das porcellanas, ou no brilho dos charões, ou na trama dos brocados. Do lago Biwa, entra por aqui um braço, estreitando em rio, limpido e calmo, por onde barquinhos sulcam. A famosa e lendaria ponte de Seta, em duas corcovas, une uma margem a outra margem, ambas povoadas de casinhas rusticas, de poisos de viajeiros. No primeiro plano, os arrozaes viçosos descem até vir beijar as aguas. Nos planos distantes, succedem-se e recortam-se as curvas acavalladas dos montes verde-escuros vestidos de matas de pinheiros, dos montes azues, dos montes roseos, differentemente impressionados pelos tons da luz e pelos vapores da terra. A tudo se sobrepõe um céo de anil, que nuvens de formas apocalypticas mosqueam.

A grande affluencia de hospedes na *chaya* onde me achava e a consequente

A PONTE DE SETA, LAGO BIWA

TEMPLO DE ISHIYAMA DERA, LAGO BIWA

TOMANDO CHÁ E CONTEMPLANDO A LUA

demora em servirem-me o modesto jantarsinho que pedira, privaram-me do prazer concebido de ir assistir, no templo de Ishiyama, á apparição do astro. Traziam-me justamente o ultimo acepipe, por signal um pouco de peixe crú adubado com vinagre, quando uma estranha gritaria irrompeu de todos os quartos que se seguiam áquelle que occupava, trazendo-me a noção de algum grande acontecimento commovente. Um incendio no edificio? uma invasão de russos?... Nada d'isto: era a lua que surdia de traz de uma collina, e se elevava, e se elevava no azul, na magnificencia cariciosa do seu disco de ouro pallido, em apotheoses fulgorantes de crepusculo. Todos os hospedes acudiam á varanda da *chaya*, em sobresalto, em extasis, embasbacados para o phenomeno, como se fôra a primeira vez que o desfructassem; soltavam-se exclamações varias, observações de jubilo; a phrase *Ó-Tsuki-Sama* (Sua Excellencia

a Lua) chegava frequentemente aos meus ouvidos; mãos alvas de *musumés* erguiam-se amorosamente ao céo, em gestos de piedade...

Abandonei o jantar e corri ao templo de Ishiyama, *Ishiyama dera* (o templo da montanha de pedras), que dá o nome á aldeia, e assim chamado pelas pedras extravagantes, núas, requeimadas, que surgem do solo onde assenta o sagrado edificio, dedicado a Kwannon, a deusa do perdão. A chusma dos peregrinos percorria solemnemente os trilhos que serpeam em torno das varias construcções do templo e após se embrenham pelos pinheiraes arriba; e ia agglomerar-se, respeitosa, n'uma vasta clareira. D'alli, tomando chá, que uma velha servia a troco de alguns cobres, a chusma contemplava o inteiro panorama da paizagem, então lindamente illuminada, como uma paizagem de sonho, pela luz que Sua Excellencia a Lua do alto lhe jorrava..

OS PYRILAMPOS NA GAIOLA

A faixa prateada do rio estendia-se ao longo do horisonte, entre montanhas. Além, distante e indefinido, desenhava-se o arco da ponte de Seta, de legendaria memoria, medindo 791 pés de comprimento. Fôra de sobre aquella ponte que, ha mil annos, o guerreiro Tawara Tôda Hidesato prostrou com uma frecha, em cuja ponta cuspira por despreso, a monstruosa centopeia, de uma legua de tamanho, que se aprazia em torturar o dragão-peus, que habitava o lago Biwa. Em premio de tal façanha, fez o dragão varios presentes a Hidesato, não sendo o de menor valia um saco cheio de arroz, do qual Hidesato, sua familia, seus amigos, seus criados, seus vassallos, tiravam em cada dia seu sustento, sem que jámais o saco se esvaziasse. Maravilhoso saco! Maravilhosos tempos! Maravilhoso Imperio!...

Kobe, setembro de 1905.

Um dia de uma elegante lisboeta do seculo XVIII

Tenho a honra de lhes apresentar uma das mais célebres elegantes lisboetas do século XVIII, — a menina Luiza de Sousa Villanova, 19 annos, orphã de mãe, e filha do desembargador do Paço D. Diogo Esteves de Villanova, que por volta de 1753 servia na Chancellaria da Côrte e casa da Supplicação de Lisbôa.

Tenho a honra de a apresentar, porque é o typo perfeito da «frança» do meado do século, da «frança» D. José, cheia de joias, coberta de polvilhos, mosqueada de signaes, rica, futil, caprichosa, beata, — e tão linda quanto lh'o permitte o seu penteado monstruoso, a sua *maquillage* excessiva, as vinte môscas de tafetá que lhe pontuam a face, a luneta de punho d'oiro e d'um vidro só, levada constantemente á orbita esquerda...

Não a estão vendo, bem sei, — porque são apenas 8 horas da manhã e a nossa elegante a esta hora ainda se conserva recolhida: mas vêem a tapeçaria de Arrás que dá para os seus aposentos, — aquella velha tapeçaria d'um verde-pallido, vagamente tecida d'oiro, aqui e ali, e onde duas grandes personagens desbotadas gesticulam, meio dissimuladas nas dobras do estofo...

É por detraz d'aquella tapeçaria que ella está, — talvez dormindo. Esperemos que a nossa «frança» acorde e sacuda a campainha de prata da cabeceira, pequenina como um guizo, leve como um brinquedo: a *dueña* e a moça de camara correrão immediatamente, sollicitas, apressadas, — a moça com as chinellas e as roupinhas, a *dueña* com o espelho de mão para a menina se vêr...

Mas emquanto a campainha não toca e ellas não chegam, vou dizer-lhes o que era, por volta do meado do século XVIII, o typo tão caracteristico da «frança».

A «frança» é a elegante de 1750, chamada assim pelo vicio de imitação das modas francezas. Tem como predecessora a «preciosa ridicula» do século XVII e como successora a «sécia» de 1790. Está entre a *Carta de Guia de Casados* e os serenins de Queluz. Não tem privilegios em nenhuma camada social: a «francezia» invade tudo, infiltra tudo, — desde a nobreza *vieille-roche* até á ultima burguezia, desde o tecto d'oiro da *Sala dos Veados* até aos telhadinhos equivocos do Mocambo e do Bairro Alto. Está em toda a parte, vê-se em toda a parte, nas procissões, nas novenas, na *Comédia*, no Paço, com a sua espantosa saia de bambolins, os seus penteados complicadissimos feitos de véspera, o seu monstruoso diamante da testa á laia d'unicornio, a sua voz de falsete, os seus passinhos dançados, a sua face pintada e mosqueada de signaes. É uma *charge*, é uma caricatura. Mas a sua «francezia» não vae mais longe: limita-se ás modas. A «frança» e o seu modelo parecem-se apenas por fóra. Emquanto a elegante franceza do século XVIII creava um typo, dava leis, fazia opinião, decidia da vida litteraria do seu tempo; emquanto nos salões da marqueza de Lambert, de Madame Du Deffand, de Madame d'Aiguillon, de Madame de Tencin, as mulheres «*grippées de philosophie*», elegiam academicos, nomeavam magistrados, discutiam Cicero, Séneca, Plinio, Horacio, contribuiam para a publicação do *Espirito das Leis* de Montesquieu e tratavam d'egual para egual La Motte, Fontenelle e Marivaux, — a nossa «françasinha» lisboeta, ainda a mais nobre, educada por frades, creada debaixo das saias das *dueñas*, dengosa, futil, beata, sensual, era o que pode imaginar-se de mais deliciosamente inculto e de mais encantadoramente ignorante. A sua «francezia» era toda exterior: não passava das joias, dos le-

«A MENINA AINDA DORME...»

ques, dos penteados, das mesuras. Lá por dentro não havia nada de mais portuguez. Muito devota, muito inculta, muito sensual, rodeavam-n'a frades, sempre frades, eternamente frades. Uma procissão, um *Lausperenne*, um papagaio, um lundum, uma bôba mulata, — e ahi estava uma «França». A sua mais alta expressão de intellectualidade consistia em dar «motes» n'um outeiro, em tocar péssimamente Haydn n'um cravo e em ensinar inconveniencias ao papagaio. Em resumo, a elegante lisboeta do século XVIII, era... era...

Prompto: a campainha. A nossa «França» que acordou.

Ahi vem já a creada com as «roupinhas do levantar», as chinellas de velludo que mal caberiam n'uns pés de creança, o pequenino espelho de mão de prata lavrada, — e atraz, muito grave, muito composta, muito bem toucada, a dona velha com umas fructas de conserva dentro d'um prato da India: é o *petit-dejeuner*. A guarda-porta de Arrás afasta-se um pouco para ellas passarem, e nós vemos ainda, rapidamente, n'uma vaga névoa doirada, as roupas desfeitas d'um leito e um lindo braço côr de rosa pendendo na indolencia do despertar... Mas descancem: não vemos mais nada. A tapeçaria tem o bom senso de cahir de novo, pesada,

mysteriosa, — e diante dos nossos olhos ficam apenas, oscillando, as duas grandes personagens desbotadas que gesticulam, tecidas d'oiro, no fundo pallido d'um bosque...

Deixemos a «françа» fazer a sua *toilette,* — e sejamos discretos. Já o dizia o precioso abbade de Choiseuil a certa marqueza pouco escrupulosa: — «*Quando uma mulher bonita sáe da cama, todo o homem de espirito deve fechar os olhos*».

Fechemos pois os olhos, como o abbade de Choiseuil. Aquella tapeçaria é sagrada para nós, — e para o celebre e pittoresco Muffiéri, cabelleireiro das meninas da moda, que acaba de entrar na antecamara e de pousar sobre um tremó doirado uma multidão inverosimil de frasquinhos, de ferros, de borlas de polvilhos, de tigelinhas de côr, de papellinhos de pós de França, — de coisas insignificantes, minusculas, complicadas, pertencentes á nobre arte de riçar, de frisar, de encannudar, de polvilhar, de fazer d'uma linda cabeça uma deliciosissima monstruosidade.

Observemos o senhor Muffiéri: vale a pena, porque o senhor Muffiéri é célebre.

Imaginem um velho saltitante, com uma casaca de sêda preta muito justa, uns bofes de renda monstruosos, umas pernas magrissimas alongadas ainda pela moda franceza dos «rolos», a cara pintada de carmim, os dedos cheios de pedras falsas, dançando em vez de andar, cantando em vez de falar, ridiculo, precioso, meudinho, insinuante, — e ahi teem a figura tão pittoresca do cabelleireiro da senhora marqueza de Marialva, da senhora condessa de Tarouca, da senhora condessa de Soure (filha), de todas as «françаs» nobres do tempo, emfim, — e da menina D. Luiza de Sousa Villanova. Sabe escandalos de toda a gente, pôdres de todas as familias, faz recadinhos d'amor, toca deliciosamente modinhas ao cravo, ensina os *caniches* das fidalgas a fazer habilidades, — e coisa curiosa, coisa impagavel, não perde a linha, é sempre correcto, sempre palaciano, sempre distincto. Tem só um defeito: em toda a parte onde veja um espelho, Muffiéri põe-se logo defronte, a fazer caretas, a ensaiar posições. Apanhou um tremó, pousou os frasquinhos, — e lá está elle a morder os beiços, a procurar attitudes, a mão na cinta, o tricorne debaixo do braço, velho como um fructo secco, galante como um *petit-abbé.*

N'isto surge-lhe no espelho a figura da sua deliciosa cliente, volta-se: é a nossa «françasinha» que vem entrando, muito dengosa, muito lenta, amparada á moça de camara, com um grande penteador de sêda branca, umas chinellinhas meudas de velludo berne, os dedos cheios de joias, sorrindo e apertando voluptuosamente nos dentes um alperce cristalisado. Levam bem cinco minutos a fazer mesuras um ao outro. Depois a *signorina* senta-se n'um tamborete doirado, diante do tremó, e emquanto come confeitos d'uma maneira vertiginosa, Muffiéri procede solemnemente á edificação d'um inverosimil penteado «á hungara», riçando, empoando, accumulando joias, laços, rosicléres, ondeando, encannudando, encaracolando, creando em volta de si uma atmosphéra asphyxiante de perfumes e de pós de França.

Por fim termina-se o penteado. A nossa «françа» parece uma figurinha de Watteau ou de Boucher. O cabelleireiro recolhe os frascos, os ferros, os polvilhos, a menina ergue-se, levam outra vez cinco minutos a fazer mesuras, e Muffiéri sáe, cortejando n'um italiano cerrado, saltitando, dançando, andando de costas.

Procede-se então á *toilette* para a missa.

D'ahi a pouco, a «françasinha» sae da sua guarda roupa, vestida estupendamente, com uma saia de bambolins na ultima moda, um grande manto de velludo côr d'ouro velho, que era a côr que mais se usava então, muitas joias, muitos laços, muitos signaes de tafetá. A *dueña* entrega-lhe a borla de arminhos que ella ha de levar comsigo para se empoar constantemente, e a bocetasinha d'oiro das «moscas» para substituir alguma que porventura caia. Pelo seu lado, a moça de camara toma religiosamente nas mãos um pequeno coxim de damasco vermelho para a menina ajoelhar na Egreja, — e a menina n'uma poltrona, a *dueña* e a moça em tamboretes, aguardam as tres, sentadas e immoveis, que em baixo na cocheira apparelhem o côche d'arruar. Batem as dez, fóra, em todos os sinos da cidade, — e dentro em todos os relogios da sala, que tilintam minuetes. Por fim surge um creado empoado, de libré: Sua Excellencia pode descer, está prompto o côche e o senhor Desembargador espéra.

Então, a menina desce, sempre amparada á moça, em pequeninos ais de cansaço que no tempo eram d'uma distincção suprema.

No pateo, o pae aguarda-a, de *cadogan,* luneta de punho d'oiro e ares desembargatorios, dá-lhe a mão a beijar, — e entram os dois na berlinda, uma rica berlinda doirada, muito nobre, muito solemne, muito oscillante, com per-

sevão de mosaico e pinturas de Pedro Quillard, um francez mandado vir por D. João V, que pintava deliciosamente á maneira de Watteau. Ao subir o estribo, a nossa «françasinha» mostra o pé,— um pé adoravel, pequenino, calçado de velludo vermelho, um pé que faria honra a Luiz XV e ao sapateiro Choisy, — um pé tão singularmente lindo, que um frade que vae passando curva-se todo em *Gloria Patri* para o vêr melhor, e um «faceira» fidalgo deixa cahir a luva para ter um pretexto para se abaixar um pouco... O creado ergue o estribo, curva-se, sóbe ás taboas, o cocheiro fustiga os frisões, e a berlinda parte, doirada e cambaleante, pelo Bairro Alto, até S. Roque, entre frades e galdrauas, casquilhos e baetas. O tejadilho aflora quasi a alpendrada dos resaltos, e d'uma janella de rótula, ao passar o côche, uma voz esganiçada de michéla trauteia o «minuete do casquilho» :

«Ai que senhora
Como é formosa,
Peito de rola,
Faces de rosa.

Entra na Egreja
Toma agua benta,
Só de creadas
Traz bem sessenta.

Vê o seu seio,
Guarda o seu léque,
Olha em seu peito
O rosiclér...»

Quando a berlinda pára á porta da Egreja, uma nuvem de mendigos rodeia-a, coberta de chagas e de farrapos. O desembargador, que sae primeiro do côche, tem de os afastar, com a ponta do bastão, — não vá a canalha amarrotar os bambolins da menina ou furtar-lhe alguma joia do cabello. Depois, na Egreja, são as «franças» amigas e conhecidas que envolvem a

MUFFIÉRI, CABELLEIREIRO DA MODA, PROCEDE Á EDIFICAÇÃO D'UM INVEROSIMIL PENTEADO...

recemchegada, em passinhos dançados, chiando em falsete, muito empoadas, rindo muito, cortejando-a, beijando-a, rodeando-a, trocando epithetos ridiculos que são «a prata quebrada dos encontros» :

— «A minha Delicia ! A minha Exquisita ! A minha Ternura !»

Entretanto, junto á pia d'agua-benta, os casquilhos e os «faceiras», de casacas de sêda, braços d'arame, chapéu de tres ventos no sovaco esquerdo, pintados, esticados, cheios de «moscas», de rendas, de joias, aguardam que as «franças» se aproximem, descalcem as luvas de pala e desçam a mãosinha côr de rosa á pia de marmore. E' n'esse momento que os segredos se dizem, que os *rendez-vous* se marcam, que as mãos se apertam ás escondidas, ainda humidas d'agua benta, e que as cartas se trocam ás vezes com um tal descaramento, que era opinião do cardeal da Motta «*que sobre cada concha das Egrejas se devia mandar pôr um Cupidinho de pedra*. . . .»

Reparem na nossa elegante, a graciosidade com que ella descalça a luva para tomar a agua benta, e o gestosinho calculado e lento com que deixa cahir uma flôr aos pés de certo rapaz de rendigote côr de rosa, muito loiro, que ajoelha immediatamente para a apanhar...

Esse rapaz, que eu lhes apresento agora, é filho segundo do Principal Marco Antonio de Azevedo, antigo ministro dos Extrangeiros de D. João V, — um velho astuto e habil, com um bello perfil de medalha romana e um constante tic nervoso na face, convidado n'esse dia para jantar com D. Diogo de Villanova. Os dois namorados olham-se na mais dôce das contemplações, ella finge compôr pela milessima vez o signal do canto da bôcca, elle morde o lenço de hollanda finissima, léva-o aos olhos, ao peito, ao punho do espadim, n'uma eloquencia muda, — e consideram-se decerto no momento mais feliz da sua vida, quando o padre entra para a missa, com uma riquissima casula de brocado d'ouro, as mãos postas, os olhos baixos, a estola pendente. A *dueña* acerca-se da sua menina, põe sobre o soalho o pequenino coxim de damasco vermelho, e a «françasinha» ajoelha, sem perder de vista o rapaz loiro da casaca côr de rosa, que contiuúa a namoral-a com o lenço, dengosamente, ostensivamente...

A missa pareceu-lhes curtissima a ambos.

D'ahi a pouco D. Luiza Villanova está de novo dentro da sua berlinda, que ségue, Bairro Alto acima, cambaleante, doirada, solémne. A *dueña*, no banco da frente, faz considerações sobre a pouca vergonha com que os casquilhos namoram na missa, irrita-se toda, aflauta a voz, fala nas penas do inferno; a menina afflicta, toca-lhe com o pé, faz-lhe signal para que se cale, e o velho desembargador do Paço, brincando com os grilhões d'oiro do relogio, olha de revés a filha e sorri á socapa, como quem diz: — «*Ainda tu cuidas que eu não sei, tontinha !*»

O PAE AGUARDA-A, DE «CADOGAN», LUNETA DE PUNHO D'OIRO E ARES DESEMBARGATORIOS...

Ao almoço a nossa «França» come pouco; apenas uma empada de rôla, um covilhete de amendoa e um gole de chá. Quando vão a levantar-se da mesa, a *dueña* annuncía a prima D. Maria de Lencastre que vem buscar a menina para irem ambas ao convento de Sant'Anna vêr a tia abbadessa. O velho desembargador não gosta muito d'essas visitas a mosteiros, e ainda gosta menos da Prelada, — digna successora da outra que em 1730 fugira com um frade capucho, — mas resigna-se por delicadeza para com a prima Lencastre, que já a esse tempo entra pela sala, muito alegre, rindo muito,

ENTRAM OS DOIS N'UMA RICA BERLINDA DOIRADA, PINTADA Á MANEIRA DE WATTEAU...

toucada de amarello á moda allemã, com uma saia de bambolins que parecem alforges, uma enorme cruz de diamantes ao pescoço, um rosiclér nos cabellos, um cãosinho ao collo. É a alegria, que entra por ali dentro. A prima Lencastre não é bonita; *c'est la beauté du diable.* Põe tudo em polvorosa, obriga o cão a fazer habilidades em cima d'um tamborete, empôa-se, compõe a charpa, préga o manto, fala muito, fala sempre, n'um falsete impossivel, — e finalmente lá vão ambas com as duas *dueñas,* n'uma berlinda doirada, a caminho do convento de Sant'Anna.

Dizia um bispo do seculo XVIII de certo convento de agostinhas: «*C'est une maison de femmes qui inquiètent l'évêque, leurs familles et les lieux où elles sont*». Que diria o santo prelado se visse a grade do convento de Sant'Anna, ás duas horas da tarde, por volta do anno de 1753? Imaginem uma onda de «faceiras», de «casquilhos», de «bandarras», com todos os vicios da «turina» do tempo, casacas de todas as côres, tricornes de todos os tamanhos, sorrisos de todos os feitios, dançando cortezias em trocadilhos de pernas, fazendo boquinhas, dizendo tolices, falando tiple, os espadins doirados entre as côxas, as luvas de manópla muito espetadas, — tudo isto misturado com vinte ou trinta frades, quarenta ou cincoenta beatas de capotes e rengos brancos, varios fidalgos velhos e devassos, de bastões e casacas de seda preta, — e aqui teem o aspecto d'aquella immensa sociedade de «freiraticos», todos elles á espera de vêr surgir a sua freira, de ter logar, de ter vez, namorando Soror Técla, cortejando Madre Pérola, mordendo o lenço, acenando com flôres, atirando beijos. A mania freiratica invadia tudo, arruinava os filhos-familias, endoidecia os velhos, — dava raptos, scenas de sangue, aventuras de capa-e-espada. Durante o seculo XVIII a freira foi um delirio, uma loucura, qualquer coisa de vertiginoso e de inexplicavel. Os «faceiras» não trocavam um quarto d'hora de grade pela maior riqueza do mundo: era curioso vel-os peregrinar de rotula em rotula, de ralo em ralo, correndo os ferros a todos os «conventos conversativos», de manhã á noite, muito riçados, muito cheios de carmim, muito cheirosos a «agua de Cordova», estafados, escorridos d'algibeiras, sem repousar, sem comer. Depois, o amor d'uma freira era o mais caro de todos os amores do tempo: choviam os pedidos, as exigencias, — agora chapéus de plumas e espadins para as Comedias, logo pela Quaresma capellas para os Anjos, depois espadas para os penitentes, capas para as Irmandades, mais tarde dinheiro, joias, o fato, a cabelleira, o relogio, a bolsa, a vida, — e sahia um «freiratico» das grades d'um convento mais depennado do que um frango pelo Natal e mais arrependido do que uma alma do Purgatorio. Mas o arrependimento era curto, — e ahi estavam elles outra vez na mira d'aquelles «passaros d'encerro», farejando o ralo, cheirando a grade, mordendo o lenço, atirando beijos, — ainda que se vendesse a quinta, que se empenhasse a sége, que

«SOBRE A CONCHA D'AGUA BENTA DAS EGREJAS DEVIAM MANDAR PÔR UM CUPIDINHO DE PEDRA...»

O PAPAGAIO FALOU E O CÃOSINHO FEZ HABILIDADES SOBRE UM TAMBORETE...

se destruisse a commenda, que se acabasse a farçola, que se perdesse o mundo.

Foi essa multidão de «freiraticos» que as nossas duas «franças» tiveram de atravessar, á entrada e á sahida, na visita á tia Abbadessa, onde se tinha falado das modas do Paço, das joias dos genovezes, tocado cravo, dançado, comido dôce d'ovos, intrigado, escandalisado, discutido, — n'uma palavra, tratado de tudo menos de religião. A visita demorára bem tres horas. Ao subir para o côche, a prima Lencastre, muito mais ladina, não poude conter-se que não dissésse ao ouvido da outra, muito corada, muito afogueada: — «Afinal, prima, dizem que a tia Abadessa... tambem tem um frade capucho!»

Ás quatro horas da tarde estão ambas de volta: já o Principal Marco d'Azevedo passeia no jardim com o Desembargador, gravemente, lentamente, ambos de rabichos brancos, de casacas de seda, discutindo os ultimos acontecimentos politicos, o tratado com a Hespanha, o estado de coisas na Austria.

D'ahi a pouco jantam. Grandes cabritos assados sobre enormes bandejas de prata, — que dariam para o jantar d'uma communidade. Dôces de convento, abundantes, brutaes, — bolos podres, toucinho do Céu, moletes, sevados, argolinhas. No fim, toda a botelharia abaixo. Como já não ha luz do dia, accendem cincoenta vélas de cêra: parece um serão do Paço. As duas «franças» tagarelam em falsete, riem de tudo, brincam com o cão, mandam vir o papagaio, dizem tolices, puerilidades. De vez em quando, Luiza Villanova recorda-se do lindo rapaz de casaca côr de rosa que namorára na missa, que namorava sempre que sahia, e cujo pae ali estava diante d'ella, dizendo mal de Alexandre de Gusmão, com o seu rude perfil de Cesar antigo, constantemente em contracções, em *tics* nervosos. Se elle viesse tambem, ao menos logo, ao serão! E d'ahi, quem sabe? Talvez que aquelles dois velhos tão cheios de gravidade tivessem pensado já em os casar... E a nossa «França», muito gulosa, comendo um palito *de la Reina,* fazia em segredo confidencias curiosissimas á prima, — como o encontrára, como lhe falára a primeira vez, como começára a gostar d'elle...

Entretanto, o velho Marco d'Azevedo continuava a falar de politica com o desembargador, a queixar-se ásperamente de El-Rei D. José, que o exonerára de ministro para o substituir por um tal Sebastião de Carvalho, a fazer affirmações sobre o futuro, que lhe apparecia cheio de difficuldades pelo lado de Hespanha... E quanto mais se enchia de razão mais os *tics* redobravam, d'uma forma afflictiva e tão lamentosamente risivel, que a *dueña* não poude conter-se, começou a rir como uma perdida, engasgou-se, teve um desmaio e foi cahir nos braços do antigo ministro do senhor D. João V. A gargalhada communicou-se ás «franças», que tombaram suffocadas de riso sobre

um sophá, — emquanto Marco Antonio d'Azevedo, com a *dueña* desmaiada sobre o braço esquerdo, agitava desastradamente um léque de rendas e pedia, muito afflicto, que trouxessem um frasco *d'Agua da Rainha da Hungria*...

Muitas desculpas, muitas mesuras, — e a dona velha é transportada para a sua camara. Segundo opinião do Desembargador tinham sido flatos. Segundo opinião do antigo ministro tinha sido uma fatalidade: a *dueña*, ao cahir-lhe nos braços, enchera-lhe a casaca de polvilhos e de pinturas.

DANÇARAM O MINUETE, GRAVEMENTE, SOLEMNEMENTE...

Começaram a entrar visitas para o serão. Accenderam-se mais cincoenta vélas de cêra, tocaram-se ao cravo modinhas e lunduns, dançou-se o minuete. Alexandre Antonio de Lima, o poeta, glosou varios motes dados por D. Violante de Portugal. O celebre musico David Peres, que ainda hoje se vê pintado em Queluz no tecto da sala das Talhas, tocou deliciosamente Bach n'um bello cravo hollandez. Por fim, quando Luiza Villanova já estava para um canto, triste e sem esperança, viu de repente surgir ao fundo uma casaca côr de rosa, muito galante, uns bofes de renda picada de prata, uma luneta ávida que a procurava: era Elle, — o Elle com E grande que faz suspirar todas as Ellas, que as deixa tristes com uma palavra e doidas com um sorriso. Entretanto, ao canto da sala, junto d'uma enorme faiança chineza, o antigo ministro de D. João V perguntava ao velho Desembargador, vendo aproximar-se os namorados n'uma mesura, como duas figurinhas empoadas de Greuze:

— «Então, quando casamos os pequenos?»

Pela meia noite, o pateo estava cheio de cadeirinhas, de seges, de berlindas. As visitas foram sahindo pouco a pouco, foram-se apagando as luzes, fechando as janellas, rodando os côches, — e a nossa «françasinha», d'ahi a meia hora, seguida da *dueña* e da moça de camara, entrava placidamente, virginalmente, na sua alcova cerrada. A tapeçaria d'Arrás, onde as duas personagens tecidas d'oiro gesticulavam, no fundo verde-pallido d'um bosque, cahiu de novo, pesada e silenciosa, sobre o «deitar da França».

E nós, resignadamente, como o precioso abbade de Choiseuil, — fechamos os olhos...

JULIO DANTAS.

(Illustrações de Roque Gameiro)

TOADA PARA AS MÃES ACALENTAREM OS FILHOS.

Oh Desgraça! vae-te embora,
Que esta linda criancinha
Andou no meu ventre e agora
Trago-a nos braços. É minha!...

Do berço, segue-me os passos.
Onde eu vou, seus olhos vão...
E quando a apérto nos braços
— Abraço o meu coração.

Quando o seu chôro receio,
Embalo-a, faço que acceite
A alegria do meu seio
Na brancura do meu leite...

E quando assim não descança,
Que tristezas me consomem!
— Mas antes chore em creança
Que depois quando fôr homem...

Se ao dal-a ao mundo soffri
Tormentos, ancias mortaes,
Desgraça, vae-te d'aqui,
O que pretendes tu mais?!!

Bate as azas, mas ao voares
Não me apagues esta estrella.
Se alguem d'aqui precisares,
— Aqui me tens, em vez d'ella!

Tocam ás ave-marias.
Foi-se o sol. Não vem a lua.
Luzinha que me allumias,
Que sorte será a tua?...

Riquezas tenhas tão grandes,
E tal bondade tambem,
Que ao redor d'onde tu andes
Não fique pobre ninguem.

Que a todos chegue a ventura:
Toda a bocca tenha pão,
Toda a nudez, cobertura,
Toda a dôr, consolação...

Mas se o oiro é mau caminho,
— Antes tu venhas a ser
O pobre mais pobrezinho
De quantos pobres houver.

Iremos por esses montes
Altos e azues, como os ceus...
Que onde ha fructos e onde ha fontes,
— Está a meza de Deus!

E quando a neve cahir,
E as seivas adormecerem,
Iremos então pedir...
(Acceitar o que nos derem!)

Andaremos á mercê
Dos genios bons e dos falsos
Leguas e leguas a pé,
Rotinhos, magros, descalços...

E onde houver urzes e tojos,
Pedras que rasgam a pelle,
Porei o corpo de rójos
— Passarás por cima d'elle!

Dorme, dorme, meu menino,
Foi-se o sol. Nasceu a lua.
Qual será o teu destino?
Que sorte será a tua?...

Se um crime tens de fazer,
Antes fique vago um throno,
Antes um palacio a arder,
— Do que uma enxada sem dono...

Se porém no teu destino
Ha tão cruentos signaes,
Dorme, dorme, meu menino,
— Não tornes a acordar mais!

Mas os meus nervos não mentem,
São um indicio seguro.
Que os nervos das mães presentem
Muitas vezes o futuro.

E esse olhar, essa bondade
Não me enganam, filho... Não!
— A pomba da f'licidade
Virá poisar na tua mão...

AUGUSTO GIL.

A poesia da photographia

Um dos mais inspirados poetas da geração nova, o sr. Affonso Lopes-Vieira, honrou os *Serões* com a dadiva de tres magnificos *clichés* da sua lavra, que por nosso turno offerecemos jubilosamente aos leitores.

Por elles se vê que a photographia não é uma fórma puramente mechanica de reproducção da natureza. Póde ser alguma cousa mais, desde que o sentimento artistico se reuna á pericia profissional e dirija o photographo na escolha dos seus assumptos e do ponto de vista particular, moldado para certos effeitos de luz, de contorno, de composição, de esthetica.

Os *clichés* de Lopes-Vieira denunciam uma alma de poeta contemplativo e melancholico, que, por assim dizer, transmitte á machina o segredo das suas commoções intimas. A objectiva é um como duplicado do olhar do poeta, o obturador é manejado pelos dedos nervosos de um grande artista, que sabe fechar os olhos a tempo para que no seu espirito persista a imagem suggestiva dos mais delicados sentimentos.

O juvenil poeta, que já tem enriquecido as lettras patrias com deliciosos livros, soube assim communicar aos extanhos, por outra fórma artistica, toda a melindrosa sensibilidade que vibra nos seus versos.

Estes bellos *clichés* representam sem duvida uma lição e um estimulo aos nossos photographos, frequentemente habituados a reduzirem-se ao frio automatismo das suas machinas, sem comprehenderem o muito com que póde collaborar nos seus trabalhos a emoção pessoal.

Ao eminente poeta vivamente agradecemos, por nós e pelos nossos leitores, o brilhante subsidio que lhe aprouve conceder aos *Serões,* abalançando-nos a pedir-lhe encarecidamente que, sob as variadas fórmas por que póde expandir o seu talento, nol-o renove a miudo.

CLICHÉS DE AFFONSO LOPES-VIEIRA

MONUMENTO DE D. FREI CAETANO BRANDÃO, NA CIDADE DO PARÁ

D. Frei Caetano Brandão

No primeiro centenario de um benemerito

(15 de dezembro — 1805-1905)

São as grandes figuras da Bondade humana, os apostolos do Bem, da Caridade, da abnegação, a fonte unica de onde deriva o exemplo sublime do mais acrisolado espirito civilizador da Humanidade. Debalde se erguem na historia os nomes e memorias dos conquistadores, dos guerreiros, dos monarchas, dos politicos, que tudo revolvem, semeando odios, desventuras, luctas fratricidas. Mais alto, mais perduravel nome firmam pelos seus actos os que apostolizam a Paz, o trabalho, a fraternidade, o amparo fraternal ás creanças e aos invalidos, os que prégam com a palavra e com o exemplo a organização pacifica, laboriosa das sociedades, promovendo o ensino, a educação moral e civica, a affectividade de homem para homem, como de irmão para irmão, pondo em pratica a lei do Christo, adequada aos tempos, aos logares diversos da Terra!

Exemplos sublimes do Bem! Tal era a de-

nominação que D Antonio da Costa, o benemerito apostolo da instrucção em Portugal, tencionava dar a uma galeria de esboços, que pensava dar a publico, das figuras mais salientes da bondade intelligentemente exercida no nosso paiz, onde a alma popular é geralmente caridosa e boa.

Quantos d'estes santos exemplos se podem apontar, desde os que a egreja canonizou, e se veneram nos altares, como as santas Mafalda e Izabel, como S. João de Deus, até tantos outros nomes, uns de fama apregoada através dos seculos, outros obscuros e simples, ainda após a morte amortalhados no silencio austero a que a sua propria modestia os condemnou, e do qual a posteridade não soube ainda erguel-os no pedestal condigno da sua elevada acção humanitaria!

Temos apontado na historia singela de Beneficencia Portugueza, muitos d'estes nomes ignorados e esquecidos, aos quaes se não levantaram pelas ruas e praças dos povoados do velho Portugal estatuas ou monumentos, como lá fóra amiudadas vezes se faz. Alguns, porém, se estatuas de marmore ou de bronze lhes não attestam a eterna gloria de bemfeitores da humanidade, teem comtudo, é certo, as suas obras extensamente descriptas e commentadas em livros, verdadeiros monumentos, que lhes ergueram escriptores dedicados. A Rainha Santa, o veneravel D. fr. Bartholomeu dos Martyres e outros, teem soberbos monumentos erigidos ás suas virtudes, nas memorias que escreveram os seus chronistas fr. Luiz de Sousa, o dr. Ribeiro Garcia de Vasconcellos, e D. Antonio da Costa. Teve-o tambem o venerando bispo D. fr. Caetano Brandão no livro das suas *Memorias*, escriptas pelo seu amigo e admirador Dr. Antonio Caetano do Amaral, e no drama memoravel de Silva Gayo.

D. FREI CAETANO BRANDÃO
Copia de um quadro existente na capella do hospital de S. Marcos

Não careceria de outro monumento o piedoso arcebispo de Braga; porém, já no Pará lhe erigiram uma estatua na praça publica, e pretende-se agora levantar-lhe outra, na cidade de Braga, que tanto lhe deve.

E' justo, é necessario, pois, que para acompanhar esta louvavel iniciativa, procuremos numa pequena noticia commemorar, vulgarizar, tornar conhecida do publico contemporaneo, menos lido em chronicas antigas e desconhecedor já dos effeitos e scenas theatraes do drama de Silva Gayo, a grande obra benefica e santa do veneravel arcebispo de Braga e bispo do Pará, o sacerdote exemplar que se chamou D. fr. Caetano Brandão.

N'esta quadra hodierna de egoismos ferozes, que levam de vencida os esforços em favor da civilização, tentados por grandes pensadores e philosophos, é grato ao espirito affeito a historiar a commovedora serie de obras de beneficencia e de protecção a todas as dôres e desditas humanas, rememorar aquelles exemplos modelares, aquelles bondosos instituidores que acompanhavam devotamente os seus institutos pios; aquelles Provedores que a tudo acudiam sollicitos com os thesouros inexgotaveis da sua infinita unção humanitaria e bôa! Almas grandes, que de braços abertos recebiam e amparavam os infelizes, que nem precisavam supplicar-lhes protecção e soccorro! Corações generosos que folgavam de privar-se de confortos para mais largamente soccorrer as desventuras alheias!

Ponham alli os olhos aquelles a quem incumbem deveres profissionaes, na distribuição dos soccorros com que, segundo a moderna comprehensão dos phenomenos sociaes, o corpo collectivo tem por indeclinavel encargo acudir ás miserias geradas no seio das agglomerações humanas. Não será necessaria hoje a virtude evangelica, nem o fervor beatifico,

que encaminhava aquelles religiosos espiritos na senda do Bem. Bastará uma nitida orientação do espirito esclarecido pelas doutrinas positivistas da sociologia, na sua applicação pratica, sensata, guiada pelas excellencias de caracter, pelo amor e respeito da Familia, base essencialissima das sociedades humanas; não mais se fará a esmola e o beneficio — por *amor de Deus,* na esperança de futuros premios; sim como dever de homens para com os homens, de irmãos para com irmãos, todos egualmente membros da enorme familia humana, sem preconceitos de raça, de religião ou de seita.

Hoje cumpre-se apenas o dever social da collectividade de amparar e suster na queda, no descalabro, o seu irmão que enferma de molestia ou de desventura, e de fortalecel-o para novamente, quando possivel seja, entrar na grande lucta universal, no trabalho util, na labutação eterna, que constitue a vida das nacionalidades, e forma as civilizações, a arte, a industria, o commercio, o *Progresso,* emfim!

*

Notavel influencia exerceram na cultura e civilização do povo portuguez, alguns prelados cujos nomes se conservam na veneração de todos. Bastará lembrar os actos benemeritos de D. fr. Bartholomeu dos Martyres, de D. Diogo de Sousa, de D. fr. Caetano Brandão, ao norte do paiz, de D. fr. Manuel de Cenaculo, em Beja, e de D. Francisco Gomes de Avellar, no Algarve.

Referir-nos-hemos agora tão sómente a D. fr. Caetano Brandão. Nasceu em Loureiro, a sete legoas do Porto, em 11 de setembro de 1740, e inclinando-se desde verdes annos á humildade e brandura, professou em 1759 na Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, no Collegio de S. Pedro de Coimbra, e frequentou a Universidade, tomando grau de bacharel como theologo. Chamado a Lisboa alli ensinou philosophia, mostrando indicios claros de grande talento, e das suas virtudes e caridades.

Estas qualidades o recommendaram á rainha D. Maria I, que em 1782 o nomeou bispo do Pará. Fr. João de São Joseph Queiroz, nas suas *Memorias*, pinta-nos o estado desgraçado de ignorancia e miseria em que jaziam os povos semi-selvagens d'aquelle bispado, quando o santo bispo alli desembarcou.

A vida exemplar, modesta, estudiosa e trabalhadora do novo prelado fôram o primeiro estimulo á reforma da diocese. A noticia das suas visitas pastoraes pelo sertão e logarejos do Pará ficou registada nas suas cartas memoraveis. Chamou-lhe as attenções o Seminario, a cujas aulas assiduamente assistia, educando devotadamente os pupillos, creados sob o seu *bafo protector.* Rejubilava-se de o frequentar, de o ouvir, de lhes apreciar dia a dia os adeantamentos e aproveitamentos, ancioso de n'elles achar prestimosos auxiliares para conseguir a reforma do clero da diocese.

Cuidava nas escolas com desvelo; queria a instrucção dos seus diocesanos; egual interesse lhe mereciam os enfermos a quem visitava a miudo, quer em casa, quer no hospital, levando-lhes soccorros e confortos. Ao passo que pensava em preparar no Seminario os missionarios da civilização, anciava por acudir aos males e desventuras dos pobres, e dizia:

«Olhei para esta cidade e vi o diluvio de miseria e pobreza em que fluctuava uma grande parte dos seus habitantes, morrendo muitos d'elles ao desamparo, por não haver um asylo publico de necessidade, enterneci-me e temi justamente que Deus houvesse de me tomar conta, como a pae commum, de não ter ao menos feito alguma tentativa para diminuir a somma de tantos males.»

Por isso tentou fundar um hospital e uma Confraria de Caridade que o sustentasse, e começou a excitar o zelo dos poderosos, por meio de cartas pastoraes e sermões, de que restam preciosos autographos no archivo da Misericordia Paraense e na bibliotheca publica d'aquella cidade. São documentos realmente notaveis de eloquencia, de sinceridade e de dedicação, em que transluzem as mais puras e sãs idéas de fraternidade e de caridade.

Colheu logo copiosos resultados, do que se confessa jubiloso. Fundou a confraria, e deu começo ás obras do hospital, vendo-as crescer dia a dia, com impaciencia febril, demonstrada nas suas cartas, nas quaes, alludindo á sua creação idolatrada, dizia, por exemplo:

«Deus tem semeado no fundo do coração humano um principio inalteravel de ternura que entra na sua composição e forma, para o dizer assim, a parte mais clara e mimosa do homem, etc.»

BRAGA — PARTE DO EDIFICIO ANTIGO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, ONDE HOJE SE ACHA INSTALLADA A PHARMACIA DOS ORFÃOS

Elle proprio sahia em *procissão de collecta*, com a irmandade, munidos de cestinhos em que recolhiam as esmolas, batendo de porta em porta

O hospital abriu em 1787, e o caritativo bispo, n'uma das alludidas cartas descreve ufano as magnificas accommodações que obtivera para os seus queridos doentes. Foi este hospital da Caridade que em fins do seculo XIX o Pará reconstruiu, transformando-o em um grande hospital modelo, que em 1900 se inaugurou com 176 doentes. Por essa occasião o Provedor da Misericordia Paraense teve a louvavel idéa de assignalar a memoria do egregio bispo por uma estatua, na praça em frente de majestoso hospital, praça que ficou denominada de D. Frei Caetano Brandão.

Assim se fez, com o concurso intelligente do Conselho Municipal, e em 3 de maio de 1900, quando se celebrava o 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, lançava-se a primeira pedra do monumento, cujo projecto e execução foram confiados aos italianos Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi, concluindo-o este, por morte do primeiro.

A estatua, representada na nossa gravura, foi inaugurada em 15 de agosto do mesmo anno. Na frente, sob o brasão das armas do bispo, lê se:

Á MEMORIA
DE
DOM FREI CAETANO BRANDÃO
O MUNICIPIO DE BELEM
1900

Na face posterior:

RESOLUÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL
NUMERO 54
DE 24 DE MARÇO DE 1899

Na face da direita:

NASCEU
EM 11 DE SETEMBRO DE 1740
NOMEADO
BISPO DO PARÁ EM 1782
ARCEBISPO DE BRAGA EM 1789
† 15 DE DEZEMBRO
DE 1805

Na face da esquerda:

INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL
DA
SANTA CASA
DA MISERICORDIA
EM 25 DE JULHO
DE 1787

O bispo apparece-nos alli, em vestes de pontifical, empunhando o baculo e erguendo a mão em gesto de abençoar. E' um bello e perfeitissimo monumento, no estylo italiano de 1700, do tempo de Bernini.

Assim ia discorrendo a vida do virtuoso bispo, enfermeiro cuidadoso no seu hospital querido, que visitava a miudo, até que, subitamente, a fama de suas excepcionaes qualidades, repercutida na côrte, fez com que o intelligente ministro Martinho de Mello e Castro o nomeasse em 1789 para o elevado cargo de arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas. Abandona o bispo a diocese do Pará, onde os povos choram sentidamente o seu bemfeitor. E, assumindo o exercicio do novo cargo, D. frei Caetano Brandão procura imitar o exemplo memoravel do bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avellar, a quem pede com instancia o aconselhe na espinhosa e ardua missão de que o encarregaram. N'uma carta sua lê-se o seguinte:

«V. Ex.ª cobre-me de pejo, pondo-me a par do bispo do Algarve; he meu mestre e exemplar; cá vou rastejando em seu seguimento; porém de longe, por não ter as forças que elle tem, e achar caminhos mais agros e intrincados.»

Chegado a Braga vendeu logo todos os adornos e baixellas da mitra, como o fizera D. Francisco Gomes de Avellar, vendeu coches e cavallos para applicar o producto em institutos de caridade e de ensino.

Reformou o clero e os mosteiros, luctando com a malevolencia e a calumnia, e desprezando a campanha vil que em torno delle se levantava, proseguiu ovante nos seus abençoados intuitos.

PARTE DO ANTIGO EDIFICIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, DO LADO DO CAMPO DA VINHA
(HOJE CAMPO D. LUIZ, EM BRAGA)

SACRISTIA DA CAPELLA DO HOSPITAL DE S. MARCOS, EM BRAGA, ONDE SE ACHA O RETRATO DO REVERENDO ARCEBISPO

AUTOGRAPHO COM A ASSIGNATURA DE D. FREI CAETANO BRANDÃO

Fundou logo numa das casas da mitra o seminario dos orfãos, sua obra dilecta, procurando obter-lhe beneficios e rendas, e desde logo medita construir um edificio, tão vasto que nelle se alberguem 200 creanças pobres, orfãos e expostos da cidade.

Abriu em 1790 com 16 orfãos, meninos de 8 a 12 annos, tirados da ultima miseria e do mais completo desamparo O seu plano foi estabelecer-lhes aulas, misteres, officinas e fabricas. Creou aulas de desenho, teares, sirgarias. Queria educar prática e profissionalmente os seus queridos orfãos, destinando uns a seguir estudos e a doutorarem-se na Universidade, outros a exercer com proficiencia a lavoura e a agricultura, outros ainda para artifices e fabricantes.

No piedoso intuito de proporcionar faceis soccorros clinicos ás povoações ruraes do arcebispado, chamou a Braga um medico distincto para reger uma aula de cirurgia, na qual cursavam doze alumnos do seminario e de fóra.

Construido novo edificio, conseguiu o venerando arcebispo reunir em 1798, nos dois seminarios, sob as suas vistas paternaes, 230 orfãos, sendo 80 meninas e 150 rapazes. Para as meninas, das quaes procurava fazer bôas mães e exemplares donas de casa, chamou mestras, que lhes ensinassem a coser e a fiar. Não se poupava a esforços para educar e civilizar o povo da sua diocese; estabelecêra premios a quem soubesse ler, dizendo:

«Insensivelmente me sinto arrebatado a promover a bôa educação de meninos e meninas pobres, e creio que não deixa de ser exercicio proprio de um bispo»

Para augmentar a receita dos institutos de beneficencia e de ensino, D. frei Caetano Brandão, com um espirito claro e uma extraordinaria isenção de fanatismos ou de obsecação religiosa, lembrava ao governo a creação de loterias, a exemplo das de Lisboa e Porto, e a extincção de Confrarias e irmandades, santuarios e sisas, que antes só aproveitavam ás exterioridades de culto, para que seus rendimentos tivessem mais proveitosa applicação no empenho de educar e ensinar as gerações futuras. Dizia o santo arcebispo:

«Porque emfim he grande loucura esperar

que venha a ser melhor a geração futura se lhe não fornecermos outros recursos que não teve a nossa.»

Notavel exemplo este de venerando sacerdote que em fins do seculo XVIII manifestava idéas liberaes e ciilizadoras, como não as revelam tantos membros do alto clero, em principios do seculo XX.

Iam muito longe as suas beneficencias, que absorviam o melhor dos 35 contos, que áquelle tempo formavam a renda da mitra. Dividia esta avultada verba, afóra as despesas indispensaveis do seu sustento, pelos seminarios dos orfãos e orfãs; pela casa dos velhos e velhas onde albergava 56 de ambos os sexos; em premios aos que soubessem lêr e ás artes e officios, como já direi; em vestidos e jantares a 139 rapazes e raparigas que frequentavam as aulas e officios; em ordenados aos respectivos mestres; em esmolas a velhos invalidos e a mais de cem familias envergonhadas que recorriam ao seu obulo; em remedios aos pobres, auxilios ao hospital, jantar aos presos, etc.

Não tinha barreiras nem limites a sua caridade; não lhe bastando já os pobres da diocese extendia a protecção e amparo até aos emigrados francezes que pela Galliza e pelo Minho se debatiam com os horrores tragicos da fome.

Imponente triumpho teve a sua incomparavel bondade nesses jantares em que 130 meninos, a quem elle déra vestidos e premios, o acclamavam num delirio de reconhecimento, com vivas e palmas, que deviam echoar com a mais profunda alegria no seu coração bondosissimo.

ACTUAL EDIFICIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS — FACHADA PRINCIPAL

Mas D. frei Caetano Brandão, ás excellencias de caracter eminentemente caritativo, alliava a rija tempera de um espirito esclarecido, manifestando a orientação nitida, definida e pratica, de um plano civilizador. Não se limitava a soccorrer os desvalidos, a acudir aos pobres, aos enfermos, ás creanças Promovia o progresso material e moral da sua diocese; tinha por alvo conseguir o fomento da agricultura, das industrias caseiras, das artes mechanicas, do commercio, emfim.

Neste civilizador intuito, D. frei Caetano

Brandão promoveu em Braga, em 1792, um verdadeiro certamen de artes e industrias, estabelecendo premios, aos quaes convocava o povo da diocese em editaes publicamente affixados. Deu a idéa inicial das exposições universaes, que só mais de meio seculo depois, em 1862, começaram a produzir na Europa culta os seus opimos resultados.

Foi D. frei Caetano Brandão quem as instituiu e iniciou em 1792 na cidade de Braga, com o concurso das corporações dos mestéres regularmente *organizadas pelo virtuoso e eximio prelado.* Assim o reconhecia e affirmava em 1862 a commissão da secção agricola portugueza na Exposição Universal de Londres.

Estabelecia o sabio arcebispo nos seus editaes 24 premios, sendo: dois de 50$000 réis a 2 lavradores que plantassem mais de 50 pés de oliveira, preferindo se os mais pobres, com mais filhas, ou de maior idade; dois de 50$000 réis a 2 lavradores que semeassem mais de dez alqueires de linhaça; outro de 50$000 réis ao caixeiro de mercadores de lã ou seda, de capella, de mercearia ou de generos de fóra do reino, que tendo 12 a 15 annos soubesse arithmetica, escripturação mercantil por partidas dobradas e conhecimento de negocios; depois premios a aprendizes do fabrico de seda, de sombreireiros, tecelões, armeiros, livreiros encadernadores, e enxambradores carpinteiros, e outros a raparigas que se distinguissem como fiandeiras, tecedeiras, bordadeiras em ouro e prata, costureiras e sirgueiras.

Realizou-se a distribuição dos premios em 1793, sendo premiadas 10 mulheres por trabalhos de tecelagem, de talagagem, de bordados de côr e a branco, de costura, de meia, de fiar em roca e em roda, e de sirgaria, importando o total d'estes premios de 50$000 réis e de 25$000 réis em 375$000 réis. Homens foram premiados 14, dentre os que exerciam o commercio e os officios de encadernador, espingardeiro ou armeiro, teares de toalhas e guardanapos, cutileiros, sombreireiros, emxambradores, lavradores e fabricantes de seda, sendo a importancia total destes premios 425$000 réis.

O arcebispo, conscio do proveito e utilidade da sua admiravel tentativa, que a inveja não

ACTUAL EDIFICIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS — FACHADA POSTERIOR

BRAGA — CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE OU MISERICORDIA VELHA, ONDE JAZ SEPULTADO D. FREI CAETANO BRANDÃO

GRUPO DE INTERNOS DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, COM O SEU ACTUAL DIRECTOR, REV. JOSÉ MARIA COELHO, QUE O MESMO COLLEGIO EDUCOU E ORDENOU

logrou empecer, dizia satisfeito vendo os resultados magnificos por elle previstos:

«Estão desenganados os burguezes; e pelo que vejo começa o meu designio a produzir effeito que é com o mesmo meio diminuir a miseria publica e combater a ociosidade. Deus nosso senhor por sua misericordia abençoe este, e os mais desejos que tem posto no meu coração, que me parece são uteis a uma e outra republica.»

E ainda como demonstração de elevado criterio, o arcebispo, em 1801, traçou por sua propria mão o plano da educação dos orfãos, trabalho notavel debaixo de todos os pontos de vista, e felizmente publicado em 1861 pela commissão administrativa do seminario.

Era esta a instituição sua predilecta. E' de suppôr quanto seria attribulada a situação do seu espirito, quando em 1797 epidemias teimosas assolaram o seminario e a cidade, sendo por fim attingido o proprio prelado.

Então os orfãos, n'uma manifestação de piedosa supplica, com seus curiosos uniformes — beca verde e estolas encarnadas — saíram em procissão pelas ruas, implorando em preces religiosas o restabelecimento do seu querido protector.

Finalmente, em 15 de dezembro de 1805, pelas duas horas da tarde, fallecia pobre, no meio das bençãos e lagrimas de todos os diocesanos, o venerando arcebispo, modelo exemplar de bondade criteriosamente exercida, sob um ideal superior de civilização.

Sepultaram o bom arcebispo na capella-mór da Sé, de onde em 1890 o transferiram para a capella do claustro, chamada de Jesus ou de Nossa Senhora da Piedade, mais vulgarmente da *Misericordia Velha*, por n'ella ter sido instituida a Confraria da Misericordia de Braga, que se conservou alli até 1558.

Não podiam ter os restos do benemerito

TUMULO DE D. FREI CAETANO BRANDÃO, EXISTENTE NA CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE

prelado mais adequada jazida. N'esta capella que o celebre arcebispo D. Diogo de Sousa erigiu em 1513 no claustro da Sé para sua sepultura, de seus irmãos e pessoas capitulares da egreja que n'ella quizessem ter eterna morada, e onde do lado da epistola, em arco aberto na parede, se acha o tumulo do illustre Primaz, repousam hoje, em logar correspondente, do lado opposto, os restos de outro egualmente illustre prelado bracarense. Alli estão em tumulos fronteiros os dois arcebispos mais notaveis da archidiocese, os quaes nos seculos XVI e XVIII encheram o bispado de melhoramentos materiaes e moraes. Ao primeiro, devem-se o ampliamento e progresso da cidade, novas ruas, fontes, templos, hospitaes; — ao segundo, o ensino, dos orfãos, a protecção ao trabalho, á agricultura, á industria, ás artes, o incentivo intelligente e paternal á Civilisação e ao Progresso.

Na sepultura de D. fr. Caetano Brandão, pozeram o epitaphio seguinte:

AQUI JAZ

D. Fr. Caetano Brandão, filho legitimo de Thomé Pacheco da Cunha, Sargento-mór de Ordenanças e de D. Maria Josefa da Cruz. Foi Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco, depois Bispo do Pará no Brasil, e ultimamente Bispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas.

Prelado exemplar e muito distincto pela sua sabedoria e virtudes, tornou-se notavel pela fundação de importantes Estabelecimentos de Beneficencia e caridade neste Arcebispado.

Nasceu em 11 de Setembro de 1740 no logar e freguezia de Loureiro, Bispado do Porto, e falleceu em 15 de Dezembro de 1805 nesta cidade de braga, sendo sepultado na Capella-mór desta Sé Primacial, e transferido para este tumulo em 15 de Dezembro de 1890 (1).

A veneração popular que começou a manifestar-se por occasião das pomposas exequias do arcebispo, continuou até hoje, bem sincera e espontanea, demonstrando-se na romaria piedosa e incessante que accorre ao tumulo daquelle, que não tendo sido canonizado pela egreja, o foi e será sempre, incontestavelmente, pela religiosa memoria que delle se conserva na gratidão do povo.

JOAQUIM JOSÉ FERREIRA VEIGA
Bemfeitor do seminario dos Orfãos, fallecido em Lisboa em 1846
(Retrato existente no actual collegio)

Comtudo o seu instituto querido, o seminario dos meninos orfãos, morto o instituidor, decahira profundamente. Resurgiu muito depois por um impulso do generoso philantropo Joaquim José Ferreira Veiga, fallecido em Lisboa em 1846, que se lembrou de o contemplar com um importante legado, que só em 1856, após complicados pleitos, foi por sentença applicado ao seminario dos meninos orfãos, com destino a desenvolver alli a instrucção industrial e agricola, fundando-se uma granja e officinas diversas.

Tomou então o instituto o novo nome que ainda hoje conserva, de — *Collegio dos Orfãos de S. Caetano*, reformado em 1861, e que ainda presentemente constitue o mais perduravel monumento erguido á memoria do seu bondoso e intelligente instituidor.

Do Collegio dos Orfãos partiu agora, como justo era que partisse, a louvavel iniciativa

(1) *Inscripções e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes*, por Albano Bellino, Porto, 1895, pag. 40.

da celebração centenaria, e o pensamento de erigir em uma praça publica a estatua daquelle que foi modelo exemplar de prelados, mostrando como em posições eminentes da magistratura ecclesiastica ou civil se deve praticar o cumprimento dos mais indeclinaveis deveres de protecção e amparo a todos os seus tutelados, tendo em vista, como ideal superior, o incentivo ao trabalho util, o ensino das gerações futuras, a applicação das aptidões e da actividade dos válidos nas artes, industrias e commercio, de modo a promover o progresso material e moral do Povo, o advento da civilização. Merecem estes o nosso respeito, a nossa admiração, o verdadeiro culto de todos os que amam e prezam as glorias da Patria Portugueza!

Assim como a Villa da Praia soube levantar uma estatua, como preito de eterno reconhecimento, ao benemerito e honrado funccionario civil, que não só a reedificou, como tambem promoveu com todas as suas forças a sua reorganização moral, a instrucção publica, a beneficencia sensata, justa, sollicita, em todo o districto que lhe fôra confiado, a esse modelo de governadores civis, que não empregava as suas horas na galopinagem eleitoral, mas sim no bom e paternal governo dos seus administrados, a esse homem justo, emfim, que se chamou José Silvestre Ribeiro, assim tambem a cidade de Braga, que já conferiu a uma das suas ruas o nome do venerando arcebispo, deve envidar todos os esforços para que numa das suas praças se erga na majestade do bronze ou do marmore, a figura altamente sympathica de um dos mais puros e santos exemplos de bondade, de patriotismo, e de civilizadores intuitos, que temos encontrado nas bellissimas paginas da historia da beneficencia em Portugal.

15 de dezembro de 1905.

VICTOR RIBEIRO.

COLLEGIAES DO ACTUAL COLLEGIO DOS ORFÃOS, COM O SEU FARDAMENTO
(A MUSICA DOS MESMOS NAS DUAS ULTIMAS FILAS)

Bocage e a Inquisição

O centenario da morte de Bocage, realisado solemnemente na sua terra natal, Setubal, e em outros pontos do reino, dá actualidade ao documento que consta do seguinte artigo e que não é geralmente conhecido. Por elle verão os leitores dos Serões *não só algumas circumstancias que se referem á prisão do grande poeta pelo Santo Officio, mas tambem ás condições em que se faziam as denuncias e se exercia a espionagem dos suspeitos por esse odioso tribunal. E' esta a ligeira, mas interessante contribuição, com que n'este momento os* Serões *concorrem á justa homenagem prestada a um dos maiores genios litterarios da nossa patria.*

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Reproducção de um desenho de Henrique José da Silva, gravura de Francisco Bartolozzi

Como Damião de Goes, Antonio Vieira e Antonio José da Silva, como o Cavalheiro d'Oliveira, Filinto Elysio e José Anastacio da Cunha, Bocage foi perseguido pelo Santo Officio.

Felizmente o ominoso tribunal não tinha nem sombras do seu antigo poderio, desde que o Marquez de Pombal lhe tirara quasi toda a força, convertendo-o em dependencia das justiças reaes pelo regimento do Cardeal da Cunha. Se assim não fôra, é de crêr que Elmano Sadino tivesse soffrido tão hor-

CASA DE SETUBAL, ONDE NASCEU BOCAGE

rendo supplicio como o que padeceu em 1739, no Campo da Lã, o desditoso *Judeu das Operas,* que entrou para os carceres inquisitoriaes innocente de toda a culpa.

Eis a denuncia dada contra Bocage na inquisição de Lisboa.

Na Torre do Tombo estão guardados os archivos das quatro inquisições, que havia em Portugal.

«Denuncia. — Eu, Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo, morador na rua da Era, freguezia de Santa Catharina da cidade de Lisboa, attendendo ao preceito e obrigação que impõe o Tribunal do Santo Officio aos que souberem alguma das coisas contheudas nos interrogatorios do edital do D.º S. Tribunal; declara que ouviu dizer a Manoel Maria de Bocage, que elle e José Maria de Oliveira e um fulano do qual não sei o nome, mas sei que é filho de Mathias José de Castro, o qual ouço dizer que é christão novo, que todos os tres referidos, Bocage, Oliveira, e Castro do qual não sei nome proprio, são pedreiros livres; e ainda que o dito sujeito o disse debaixo de segredo, ella o denuncia ao Santo Tribunal obedecendo aos seus preceitos. — Maria Theodora Severiana Lobo.

«P. S. — Declaro que sou filha do administrador do correio do reino, e que os sobreditos moram, Manoel Maria n'um becco que está na rua Formosa, José Maria dentro do correio do qual é escripturario, não sei bem a freguezia, mas parece-me que é das Mercês, e o dito capitão Castro na travessa da Condessa do Rio e tambem não sei dizer de certo de que freguezia, mas parece-me que é de Santa Catharina; tambem declaro que o dito Manoel Maria não sei que tenha occupação, e creio que vive

CASA DE LISBOA (TRAVESSA DE ANDRÉ VALENTE)
ONDE FALLECEU O POETA

das suas obras em verso, e não sei se tambem em prosa.»

Um aviso assignado pelos inquisidores Manoel Estanislau Fragoso, Francisco Xavier de Oliveira de Mattos e Antonio Velho da Costa, de 23 de novembro de 1802, manda ao padre José dos Reis Marques «que na primeira occasião em que a denunciante se lhe fôr confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre objectos da denuncia que deu ao Santo Officio, segurando-a que póde livremente expressar e declarar tudo o que souber a respeito dos particulares da tal denuncia, sem o menor receio de que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da Santa Religião e da mais pura Christandade, antes que este é o meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia, e logo no confissionario ou em tal logar com toda a cautella, disfarce e segredo, que muito lhe encarregamos da Nossa Ordem e Auctoridade, se informará da dita Maria Theodora das circumstancias seguintes: Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado, por que occasião e motivo entraram os tres sujeitos, mencionados na d.ª denuncia, a tratar na presença d'ella declarando sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo e á profissão dos m.^mos sujeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se diziam socios ou se disputavam entre si, approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas, e sustentando ser ella licita e boa; se sabe que elles se ajuntem e formem assembléas para tratarem dos negocios de tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos e quaes sejam estes; se mostraram algumas insignias ou coisas que sejam idoneas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade e mostrar as prerogativas d'ella, e ultimamente a advertirá que pode e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos.»

A relação do padre José dos Reis Marques é de 28 de abril de 1803 e do theor seguinte:

«Em observancia d'esta ordem do Santo Tribunal declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia á sua denuncia e para dar parte ao Santo Tribunal do que fosse preciso a este respeito; e sem que eu lhe désse parte do que sabia de antes da sua denuncia, declarou em tudo verdade como n'ella se contem, demais disse que não estava certa do tempo em que o tal Bocage lh'o tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802, em casa de uns visinhos da sua escada d'elle denunciante e onde elle, e o tal José Maria algumas vezes iam de visita, e disse mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o d.º Bocage e o d.º José Maria,

MONUMENTO DE BOCAGE EM SETUBAL

o tal J.é Maria desenhara em cima de uma banca um triangulo e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua e algumas estrellas e duas mãos dadas, e que dissera se havia ceu n'este mundo era aquelle, e chamando o tal Bocage para ver, elle se excusara que não gostava de desenhos, mas, instando o d.º José Maria, veiu com effeito ver, disse que d'aquelle que gostava e apagou-o logo porque não viesse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á d.ª denunciante se um sujeito da dita casa, escrivão do crime da Côrte e Casa, chamado Joaquim Manoel, seria tambem da mesma sociedade, visto que não esconderam isto d'elle, e que se tratavam por manos, que segundo lhe tinham dito, era costume nos da sociedade, e que não estava certa no dia em que isto succedera, mas que fôra depois do meado d'este março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as coisas, não lhe declarou o logar nem o tempo das suas assembléas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios tanto n'este reino como em outro e que se communicavam e tinham muitas vantagens, que se ajudavam uns aos outros e que tinham varios signaes com que se entendiam, mas que elle os não sabia, e que nunca o persuadiram a coisa alguma pertencente á dita sociedade, e que além d'isto que tem declarado nunca observou coisa que conhecesse ser opposta á religião.»

Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa

ALCACER DO SAL — CABO DE S. PEDRO, NA BAIXA-MAR

Photographia do sr. Thiago Silva

FRAGMENTO D'UM PRESEPIO DE ANTONIO FERREIRA

Existente na egreja da Madre de Deus

Os presepios de barro

O BARRO é o elemento ductil de que o homem lançou mão para modelar os primeiros simulacros da sua adoração religiosa. Symbolo da creação inicial, amassado pelos dedos ancestraes na superficie ainda molle da Terra solidificada, é a materia que se offerece com facil submissão para encarnar a representação animica das antigas forças da natureza e as primeiras fórmas ainda frustes das divindades. Ou figure os deuses terrificos e mysteriosos do Oriente ou as luminosas creações da vida hellenica, a arte do barro tem sempre um lado popular e simples, espontaneo e livre, onde as almas bafejam a sua candura e modelam a sua bonhomia, — candura e bonhomia que parece irradiarem da convivencia irmã do oleiro humilde com essa materia tambem humilde de que elle faz brotar a fórma. Os materiaes considerados nobres, o marmore, o bronze, transmittem á estatuaria alguma coisa da sua nobreza e da sua riqueza, fallam de regiões altivolas, envolvem-se em prégas de inspiração, e a belleza que n'elles se consubstanciou parece dizer, como o Poeta: «*et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.*»

O barro, esse canta e sorri, é ironico e meigo, confidente e familiar, quasi nunca severo. É o elemento proprio da adoração popular, da alegria espontanea, da satyra sem amargor. Tão intima familiaridade, tão estreita convivencia, fizeram com que se creasse, ao lado de Phidias, o pobre coroplasta das figurinhas de Tanagra, ao lado do esculptor dos deuses magestosos, o santeiro da religião dos simples. As lendas que se gestaram e evolucionaram no seio do povo, tradul-as elle á sua imagem, e com os ingenuos arranjos da sua phantasia. As festas

do seu calendario, o martyriologio dos seus santos, a vida sempre tão illuminada de episodios ternos dos seus padroeiros, e, mais que todas, pelo nimbo de saudade e de alegria caseira, a celebração do Natal, deviam dar á sua invenção formal os assumptos preferidos que a musa popular já poetisara, e os autos já haviam tornado vivos com suas lôas e chacotas.

E quem se lembrou, afinal, de modelar a primeira representação plastica da estrebaria desabrigada onde nasceu Jesus, e em volta de cujo berço se entoaram os primeiros canticos, por zagaes ainda de carne e osso, que acorriam dos arredores com suas gaitas e pandeiros? Foi precisamente o *poverello* de Assis, esse suave S. Francisco, cuja humildade se egualou á da rasteirinha herva, e que quiz fazer da representação do estabulo de Belem, um luminoso quadro vivo da adoração para os simples. Pelo menos, assim o contam as suas chronicas, segundo refere um velho livro provençal:

«Sabemos pelas chronicas da sua Ordem que este homem seraphico fez um oratorio no dia de Natal, onde representou o mais natural possivel o Nascimento de Nosso Senhor, depois de ter obtido licença da Santa Sé, com receio de que, se o não fizesse, fosse condemnada aquella novidade. Escolheu uma pobre e comprida estrebaria, tão comprida e tão injuriada pelo tempo que estava desmantelada, e sem telhado a mais de meio. Os arranjos que a sua devoção lhe deparou foram uma engenhosa mistura de papel, palha e musgo. O sitio era alumiado por muitas vélas e lampadas, e as figuras de madeira que representavam o Menino Jesus, a Virgem Maria sua Mãe, e o bemaventurado S. Joseph, estavam postos ao pé de um jumento e de um boi, que elle mandou vir com palha e

PRESEPIO DA EGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS (ESTRELLA)

Esculptura de Antonio Ferreira

FIGURA DE PRESEPIO
Da collecção do sr. Alfredo Guimarães

feno para sustento dos mesmos animaes. Como esta estrebaria fosse visitada por grande numero de religiosos que alli iam fazer suas orações diante das imagens de madeira, espalhou-se pelos arredores a fama da nova devoçam, e chamou os camponezes das cercanias que foram os primeiros a adorar o verbo incarnado, fazendo a sua homenagem com violas e bandolins...»

A congregação do Oratorio transmitiu aos conventos de Marselha, e estes ás familias, o nucleo dos presepios figurados, que em breve se espalharam por toda a Europa christã. A *feira dos santinhos* é ainda hoje, e desde esse tempo remoto, o local onde vão aprovisionar-se da imaginaria popular os que annualmente armam os presepios em quasi todo o sul da França.

Em Portugal, é o seculo XVIII a melhor e mais rica epocha dos presepios de barro, e n'elles se estudam, como em resumo illustrativo, as predilecções do tempo e a sua arte, os seus costumes e os seus trajos, o seu mysticismo precioso e as suas modas. Paginas de folk-lore decorativo, nellas interpretaram os barristas o perfumado convencionalismo de uma religião pomposa e de punhos de renda, que sensualisou a simpleza do primitivo Evangelho com o fausto das suas Sés e as grandes maneiras da sua Côrte.

A pompa desce á creação da officina, faz vibrar os dedos do ceramista, imprimindo-lhes geito precioso, donaire na attitude, requinte no sorriso ou no extasi.

As figuras plebeias requebram-se em graciosos ademanes de sala, os camponezes parece terem emigrado de uma pastoral de Watteau, com ares de quem se polvilhou para representar n'um theatrinho régio, e pelos torrões da paysagem feita de musgo e estalactites *rocaille*, os travestis da nobiliarchia deslisam em ceremoniosa procissão heraldica: — fidalguinhas de alvos collêtes minhòtos que os seios repellem na linha dos atacadores modelando graciosos bustos, saia de sete rodas franzida na cinta deixando ver a meia branca e a chinellinha microscopica; typos de raça mal disfarçados em mendigos, com botifarras de almocreve, chapeu braguez ensombrando-lhes faces de ephebos italianisados tratadas com delicadeza de es-

FIGURA DE PRESEPIO
Da collecção do sr. Alfredo Guimarães

GRUPO DE PRESEPIO
Da collecção do sr. Alfredo Keil

PRESEPIO DA SÉ DE LISBOA

Esculptura de Machado de Castro

culptura até ao reticulo das veias azuladas; zagaes de uma especie de Trianon catholico, sobraçando a gaita de folles como se descessem de uma tapeçaria dos Gobelins; e anjos que surgem das aureolas resplandecentes, com gestos estatuaes, pannejamentos aereos e floconosos, os corpos modelados na sexualidade indecisa dos androgynos de Praxiteles.

Em todos os typos se repete, mais ou menos accusada, a mesma estylisação do gesto, da marcha, das roupagens agitadas e academicas, tanto que os personagens, quer caminhando, quer adorando, parece declamarem phrases conceituosas, ou esperarem a deixa de uma scena de fino sentimentalismo. Os braços tomam contornos de voluta como se as coisas do ceu participassem das etiquetas de sala, os dedos são flexuosos e longos como os dos violinistas, e, quando ha martyres, estes vergam a cabeça ao alfange do moiro ou á tenaz em braza do china com a convicta elegancia de uma reverencia de minuête.

Em Lisboa abundavam e abundam ainda, posto que ja bastante dispersos, os presepios dos nossos barristas do seculo XVIII, e não ha figura que por ahi surja á avidez tumultuaria dos collecionadores que não passe logo para o atulhado patrimonio artistico de Machado de Castro. Certo que os melhores que por ahi se veem são da sabia factura do illustre author da estatua de D. José, mas quantos ignorados oleiros esperam ainda a justiça de uma restituição, sem fallar em Barros Laborão e Antonio Ferreira, sem fallar mesmo nas officinas provinciaes, Aveiro, Porto, Caldas, cuja imaginaria reclama paciente estudo ethnographico. N'um artigo de magazine, mal vae erudição e rebusca, pois me parece não dever passar de texto succinto e sóbrio para sublinhar illustrações.

Um presepio é, em geral, e quando na sua mais rica expressão, presepio de oratorio fidalgo ou de altar de basilica, uma apotheose

FIGURA DE PRESEPIO
Da egreja da Madre de Deus

FIGURA DE PRESEPIO
Da egreja da Madre de Deus

convergente, que obedece a uma estudada composição alegorica, com planos, escala, fundo; e como certos quadros flamengos que desdobram no mesmo painel toda uma chronologia de scenas successivas, apenas separada por ligeiros accidentes de terreno, assim nos presepios scenas varias dos primeiros annos de Christo se espalham pelos monticulos musgosos do panorama, misturadas aos episodios pittorescos da vida urbana e da vida rural dos nossos dias: os reis magos e os recoveiros das nossas estradas que os cortejam como a morgados que vão de jornada; a degolação dos innocentes, ou a fuga para o Egypto, junto da matança do porco; soldados de tricorne e capote branco, caracolando ao lado de legionarios romanos, de couraça e elmo.

Era curioso estudar, uma a uma, as figuras dos presepios, combinadas, tanto quanto possivel, com as suas origens provaveis, e a investigação da casa ou egreja a que primitivamente foram destinadas.

FIGURA DE PRESEPIO
Da egreja da Madre de Deus

Lá se encontrariam, talvez, typos historicos, personagens da epocha, devotos que quizeram entrar na peregrinação piedosa desses autos figurativos, tanto em certas caras se vê a preoccupação do retrato, ao lado das faces de modelação, não só convencional como amaneirada.

Constituiam d'est'arte a mesma devota consagração que nos quadros votivos cabe ás figuras dos donatarios, os quaes costumavam ser apresentados á Virgem pelos santos seus padroeiros.

Assim, no valioso presepio que existe n'uma casa da rua de S. Mamede (1), abre a brilhante romagem

(1) Na casa do sr. dr. Pulido Garcia, onde existe um dos mais bellos presepios de Lisboa, cujas figuras passavam, na tradicção da familia, por ser de Machado de Castro.

Segundo curiosos documentos que me foram amavelmente

PRESEPIO PERTENCENTE AO SR. DR. PULIDO GARCIA

Figuras de Machado de Castro e Joaquim José de Barros

no primeiro plano á esquerda, um grupo encantador de quatro figuras, que me dizem serem os Marquezes de Bellas, os quaes passavam pelo mais lindo casal da epocha. A Marqueza tem uma physionomia deliciosamente ingenua, á Greuze, emoldurada com

---

confiados, amabilidade que aqui penhoradamente agradeço, sabe-se que parte das figuras foram compradas ao pintor Pedro Alexandrino, cujo recibo existe, e que outras foram compradas a Luiz José Jecocq, do Campo Grande, sendo o presepio armado por José Joaquim de Barros, mestre de esculptura, que fez os *torrões*, (assim chamavam aos fragmentos da montanha com suas figuras) e os respectivos personagens,

tocante simplicidade n'uma touca de folhos, e leva em matern l gesto de aconchego, um pequenito ao colo; o Marquez, mais velho, de barba grisalha n'uma formosa e grave face de *propheta;* e junto d'elle, um pequenito, talvez seu filho, com o mesmo trajo de drama sacro, ergue a cabeça com olhar de submisso espanto. Na frente, um pastor serve de guia,

GRUPO DO PRESEPIO DO SR. DR. PULIDO GARCIA

Onde figuram os Marquezes de Bellas

expressão, traja á oriental, turbante sumptuoso, casaco de alamares de oiro, botas *á pro-* vestido á moda syriaca, segurando um anho votivo, e com a physionomia que em geral

---

que foram pintados por Joaquim Correia Viegas. A factura é analoga, mas as figuras attribuidas a Machado de Castro são mais nobres e mais artisticamente pintadas, pois talvez o fossem pelo proprio Pedro Alexandrino.

Não seria da egreja de Bellas o grupo dos Marquezes do mesmo titulo, e então da modelação de Antonio Ferreira, pois, segundo Raczynski, havia lá uma gloria rodeando Christo que diziam ser d'elle?

Além de Antonio Ferreira, auctor dos presepios da

PASTORES FAZENDO OFFERTAS

Grupo da collecção do sr. Alfredo Keil

os figurantes que representam a paixão de Christo dão ao José de Arimathea.

Mas o que ha de mais caracteristico nos presepios ricos do seculo XVIII é a impressão de apotheose que de tudo irrompe, em tudo vibra, a caudal de figuras convergentes para o grupo central, recolhido sob o telheiro desmantelado que se apoia em columnas corinthias como fragmentos da antiga Palmyra, e onde o Menino Jesus e a Virgem, S. José e o Anjo, junto dos pacificos animaes seus companheiros, formam o centro compositivo. Ao alto, uma triade de anjos em gloria paira relumbrante, em fluxuosas curvas de alegoria.

No ultimo plano, o plano superior, desdobram-se as muralhas ameadas de Jerusalem, intervaladas de torreões e minarêtes, com suas portas emolduradas de esculpturas como altares, no estylo D. João V, e que dão passagem ao interminavel e ondulante cortejo dos Reis Magos. E todo o Oriente de convenção, o Oriente dos autos e das procissões, do rei David e de Kaiphás, desenrola a fila dos seus animaes e dos seus adornos, dos seus oiros e das suas purpuras, das suas plumas e dos seus diadêmas. Os camellos trazem oscillantes baldaquinos de brocado de oiro, por cujas frestas espreitam cabeças exoticas cheias de curiosidade; macissos e desgraciosos elephantes seguem com passadas vagarosas e taciturnas, encimados por torres de guerra,

FIGURA DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Guimarães

Estrella, Madre de Deus e Laveiras, havia outros barristas taes como o Assis (pae do professor Assis) um dos auctores do presepio da casa do Marquez de Borba a Santa Martha, e Manuel Teixeira, discipulo de Antonio Ferreira. O estudo da maneira de cada um dos mestres de esculptura não cabe n'um artigo de occasião, e será feita opportunamente, n'um dos proximos numeros dos *Serões*, quando puderem colligir-se mais informes e o maior numero de reproducções dos presepios que ainda existem no paiz, para assim se fixarem as tendencias artisticas regionaes, a variedade das interpretações, o elemento estrangeiro, onde se manifestar, e os costumes do tempo.

UM PRESEPIO

Pertencente ao Collegio de Campolide

achairelados de velludo estrellado de oiro, com franjas de pezadas borlas que pendem até ao chão; e os cavallos escarvam em movimentos de nobre impaciencia, de caudas, de crinas esparsas e ondulantes, com arreios de fivellas de oiro, chaireis de bordados de oiro, penachos heraldicos cravados em firmaes de oiro. Na sella arabe, os cavalleiros tem gestos imperiaes indicando o caminho de Belem, attitudes orgulhosas de cabeça, e avançam fidalgamente como para um torneio, com seus turbantes á moda barbaresca. Na frente, em tres cavallos nobremente pacificos, Balthasar, Melchior e Gaspar seguem

aponta o luzeiro rutilante. Por fim, os das trombetas e das charamellas abrem o cortejo, n'um estridor colorido de metaes, de sedas, de turbantes, as faces entumecidas, a soprarem nos instrumentos com sympathica e grotesca convicção.

Sob o caramanchel, todo o movimento se recolhe, toda a alegria se concentra, e as mais graciosas attitudes de adoração prostram pastores e anjos, camponezes e legionarios, com espirituaes ou adocicados sorrisos de intimo contentamento. A Virgem é sempre a figura em que os dedos do barrista mais amorosamente, mais respeitosamente se detiveram, e o seu gesto é ao mesmo tempo senhoril e humilde, a face oval e pura, levemente tingida por um sorriso de incuba melancolia.

A modelação de todas as figuras é, como disse,

GRUPO DE FIGURAS DE PRESEPIO

Pertencente á egreja da Madre de Deus

cheios de bondosa magestade, olhando a estrella guiadora, com os mantos de arminho caíndo em prégas impecaveis. Nos torrões que fazem a montuosidade rustica do chão, zagaes com anhos balando, moçoilas tocando pandeiro, ou conduzindo casaes de pombos e gigas de ovos, alternam com almocreves de manta alemtejana que, n'uma alta, dessedentam récuas de machos em chafarizes recolhidos sob ramarias umbrosas; cegos tocando sanfona, cobertos de andrajos de estylo, por cujos rasgões se veem vigorosas e morenas anatomias; e em logares afastados, ao pé de um moinho ou de um casebre onde jumentos carregados de saccas esperam pacientes, pastores retardatarios acordam deslumbrados sob o halito leve d'um anjo, que lhes

de um convencionalismo que não exclue o caracter, e a anatomia, accusada com demasiado vigor, por vezes affectada e incorrecta, dá comtudo aos membros o que quer que seja de elastico e movimentado que se casa com o gesto, ora voluntarioso ora elegante. Como havia, desde o

FIGURA DE PRESEPIO

Da egreja da Madre de Deus

GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil

paineis religiosos de Pedro Alexandrino e Vieira Lusitano: ha n'elles um mixto de perfume de incenso e de ambrosia.

Os anjos organistas que entoam canticos em tão donairosos movimentos de arrebatamento extactico, dir-se-hiam sereias de azas e gaze etherea, modulando accordes no recanto dalguma gruta de jardim pagão, por detraz da qual se estivessem preparando as damas da côrte de Versailles para o mythologico *Embarquement pour Cythère*.

A polychromia, sempre, e sobretudo aqui, justamente convencional, concorre para harmonisar e enriquecer a composição, dandolhe colorido sem antinomias chocantes de tons, pois os illuminadores empregavam quasi sempre as cambiantes neutras, como os pintores de vitraes, que tão maravilhosos effeitos de côr produziam dispondo quasi só do azul, do amarello e do vermelho.

Os costumes da epocha, os trajos, os enfeites, os penteados, dão aos presepios um

objecto de uso commum á obra monumental, uma harmonia de composição e de arranjo que sahia do mesmo e homogeneo ponto de vista esthetico, pois que a autonomia das expressões artisticas não se accusava com tanto vigor como hoje, em que a anarchia na arte é theorisada pela extrema esquerda do individualismo, os barristas portuguezes obdeceram a uma escola que se póde seguir, desde os trajos e as maneiras da epocha, o seu mobiliario e os seus adornos, ás attitudes das alegorias picturaes que se veem nos

GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil

precioso valor iconographico, e, ao pé dos typos da cidade e do campo, pastores, mendigos, boleeiros, quando o barrista pretendeu dar a côr local, fixou todo o inventario figurado dos objectos de uso commum, da ourivesaria do tempo e da ceramica, desde o vaso rico, de cinzelagem pomposa, que os Magos apresentam como tributarios submissos, á bilha popular, de galbo elegante e puro, trazida á cabeça ou á cinta pela pastorinha de requebro dengue.

No presepio da casa particular, a devoção do possuidor ia agglomerando todas as figuras que lhe agradavam no santeiro do bairro ou no tendeiro da feira. É assim que, no

GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil

mesmo presepio, ha figuras de modelação differente e de differente expressão, menos academicas e mais populares algumas, outras de incontestavel importação flamenga. Nestas é flagrante o caracter naturalista, o gesto mais pittoresco que decorativo, a physionomia mais particularista e menos convencional: lembram personagens de Teniers ou de Van Ostade.

Conheço um grupo de cegos, de exiguas dimensões, que vão de caminho encostados em fila, a face levantada e tateante, o dorso caricaturial, que são quasi a traducção dos cegos do famoso quadro do velho Breughel.

O caracter naturalista tão peculiar aos mestres da Flandres e da Hollanda, contrasta com a corrente de arte do nosso seculo XVIII, mais italianisada e mais estylisada, menos realista e mais decorativa.

As artes do barro, cedendo, como toda a creação artistica, á crise de inspiração que empobreceu e quasi extinguiu certas fórmas de artes industriaes, refugiou-se nos santeiros do Porto, onde bucolicas de lavadeiras e de camponios, certas scenas typicas do paiz vinhateiro, costumes e trajos, oiros e tecidos, enchem as vitrines dos loiceiros que visinham com a Torre dos Clerigos. Mas na moderna imaginaria ceramica, a copia demasiado naturalista faz desviar para o pormenor o interesse que devia incidir sobre o lançamento geral da figura.

Os olhos de vidro, o feltro que dá a illusão dos tecidos, o azulado excessivo das faces escanhoadas, tudo isto prejudica a commoção esthetica, pois o espirito sente que alguma coisa ha além da moldagem formal dos objectos e dos typos—e esse alguma coisa chama-se—estylisação, e é ella que nos dá o goso contemplativo experimentado diante dos barros do seculo XVIII, pelo escorço tão esbeltamente concebido das suas moças e dos seus alfenins.

João Barreira.

A FUGA PARA O EGYPTO

Presepio da Egreja da Madre de Deus

Se a mocidade soubesse...

IV

A MELODIA DAS VIOLETAS

Palavras não eram dictas, quando a orla da floresta que os dois viam deante de si, foi abalada e rasgada em cem logares. Hussards de fardas encarnadas e dolmans azues fluctuantes — a maior parte de cabeça descoberta, mas alguns com enormes barretinas adornadas de desgrenhados pennachos — irromperam ao longo de toda a linha, enchendo de ruido a grande matta, como que saltando um após outro, debruçados para o cepilho da sella, e correndo á espora fita direitos á base da encosta.

Estremeceu debaixo do cavalleiro o cavallo ruço do conde. Tinha em novo, certamente, tomado parte em muitas cargas, a calcular pelo ardor marcial que mostrava agora. Sacudindo com impaciencia a cabeça, no intento de libertar-se das mãos do rabequista, parecia tão disposto a precipitar-se tambem em vertiginosa corrida — julgando-a talvez como carga gloriosa — que outro cavalleiro menos experimentado difficilmente se conservaria na sella.

Estevam sentiu apenas a impressão confusa de uma tropa fugindo em debandada, quando lhe passou por deante dos olhos aquelle torvelino atroador, baldeando, esfuziando, golfando, retinindo, patinhando, em que se viam faces humanas rubras, contorcidas, de bocca escancarada; freios babados de espuma e sangue; pescoços hirtos de cavallos com as narinas a fumegarem...

O rabequista soltou uma gargalhada estridula:

— Os mais brilhantes hussards da Guarda de Sua Magestade Jeronymo, primeiro e ultimo, em completa derrota! E, ó sombras de Moscow, ahi veem os perseguidores!

A floresta vibrava com gritos asperos e gutturaes, como se das profundas sombras nemorosas se tivesse de repente soltado um bando giganteo de corvos.

E depois que o derradeiro hussard com o sangue a jorrar de uma ferida escura que lhe fendia a testa, passou pesadamente, muito á retaguarda dos camaradas, surgiram de tropel os outros, á redea solta, o busto inclinado para a sella. Os hunos!

Acocorados cavalleiros sobre acocorados cavallos, brandindo toscas lanças, tão lanzudos os homens como os animaes, de longos pingentes de cabello entrançado bailando junto ao rosto de barba hirsuta; gorras ponteagudas de pelles a carregarem para a testa; os joelhos, cobertos de coiros de carneiro, tão erguidos nos loros de corda que chegavam quasi a tocar na barba; pendente do arção o mais variado despojo — um ganso, um leitão, uma frigideira, um relogio talvez rapinado de alguma herdade. Surgiram triumphantes, crocitando, guinchando, grunhindo, enchendo os caminhos de clamor, algazarra e fetido, e desappareceram, antes ainda que Estevam, suffocado de espanto, tivesse podido respirar.

Como segunda rajada do furacão, tinham-se agglomerado, dispersado e desapparecido, ao mesmo passo que o ruido atroador produzido pela corrida vertiginosa rapidamente esmorecia com a distancia, á medida que o valle ia tragando os perseguidores.

— Uma excellente provação para a sua mocidade educada á ingleza — disse o musico, erguendo a vista para o companheiro. — Aniquilados os seculos pelo Destino, acaba de assistir á passagem dos Barbaros. Pff!... Que fedor a animaes bravios deixaram atraz de si! Lembrarmo-nos de que Napoleão foi buscar aos seus *steppes* estes lobos e chacaes... que espalhou os cossacos pela face da Europa!

Sahiu do fosso. E o ruço, muito excitado, resfolegando e ás upas, seguiu-lhe as pisadas. Subiu até ali o som de uma descarga de infantaria, que crepitava ao longe, na planicie.

— Ouve? — perguntou o musico. — Sabe o que significa isto?

— Que ha combate para além d'aquella crista — respondeu Estevam esporeando o cavallo, no intento de subir até ao viso do outeiro.

— É o desabar do Imperio — disse o rabequista, ao mesmo tempo que, segurando com a mão o loro da sella, tambem galgava a encosta. — O que ouvimos são os estalidos produzidos pela pequenina realeza da Westphalia, que está condemnada tambem a desabar, assim como derrue a choça do monte, por effeito do mesmo terremoto que arrasou a cidade.

ESTREMECEU DEBAIXO DO CAVALLEIRO, O CAVALLO RUÇO ..

Pararam na cumiada e mergulharam a vista no valle, que para além se desenrolava, banhado pelo sol. Um docel de fumo azul pairava sobre as campinas situadas entre o sopé da encosta e uma cidadesinha distante

cerca de meia milha. Atravez da nevoa enxergava-se o lampejar das bayonetas de linhas de infantaria, que evolucionavam lentamente, e até, para um dos lados, o verde, o encarnado e o cinzento dos uniformes das companhias em marcha, e, para outro, solidas massas de azul sombrio.

O vagabundo mirou a scena com olhos de entendido e exclamou:

— Ah! Os prussianos estão senhores da cidade! Como contrastam pelos sobrios uniformes com as tropas de Jeronymo, de fardamentos escarlates e verdes, enfeitados de galões de oiro, e de plumas! Ah! Lá vão os nossos fugitivos! Encontraram apoio. Não vê? Estão novamente a formar-se á retaguarda d'aquelle pelotão carmezim... os granadeiros da Guarda do manosinho Jeronymo, que, para macaquear em tudo a Napoleão o Grande, arranjou um arremedo da Velha Guarda! Veja! Veja! Os cossacos debandam de roldão pela base da collina, como um enxame de besouros! Estão cortados dos seus alliados prussianos, e se os hussards chegarem a tempo, dentro de poucos minutos veremos invertidos os papeis do drama!

Emmudeceu repentinamente. Passara uma coisa entre a cabeça d'elle e a de Estevam, debruçado para poder ouvil-o... uma coisa que zumbiu um cantico extranho e lhes bafejou o rosto como um sopro gelado.

— Que foi isto? — perguntou o moço austriaco, olhando em volta de si.

— A morte que anda por aqui desgarrada — disse tranquillamente o musico. — Não lhe parece que devemos procurar um abrigo?

— Não! Quero ver tudo bem! — gritou Estevam, com o olhar incendido pelo fogo de uma raça de luctadores.

— Acolá deve passar ainda mais chumbo voando — retorquiu o vagabundo. — Quando se joga este jogo, a morte vôa com aza caprichosa.

O noivo sorriu amargamente e replicou:

— Não podia haver solução mais simples para as difficuldades com que estou luctando. Ao menos, ninguem chorava muito por mim

— Se o seu gosto o chama para as balas — disse o rabequista com um sorriso de sarcasmo — está em harmonia d'esta vez a sua mocidade com a minha velhice. O que em todo o caso podemos fazer, antes de mais nada, é ir amarrar o seu pobre cavallo a qualquer arvore da floresta. É escusado sacrificar tambem o pobre animal no altar do seu desespero... muito menos podendo elle ter utilidade quando anoitecer.

A lembrança foi acceita.

D'ahi a pouco os dois homens estavam sentados no alto da ribanceira, com as pernas baloiçando no espaço.

— Isto inspira! — disse o artista empunhando a rabeca. — Reparou na ultima descarga? Aposto este arco em como foi dada por tropas adextradas sob as ordens de Bonaporte. E veja como lhe respondem os insurgentes prussianos. Camponezes, estudantes, desertores das tropas de Jeronymo, n'uma palavra, patriotas. Vê aquelles rolos de fumo branco a evolarem-se da linha abaixo do muro da aldeia?... Nem uma só peça de artilharia... um tiroteio irregular, mas um forte odio!... Rufos de tambores! Vozearia! É a carga de bayoneta! Que lhe dizia eu? Lá voltam para traz os nossos homens. . os que ainda restam... Estou inspirado! Attenção! É o canto do combate! Primeiro avançam os granadeiros, frios e altivos, espingarda contra o peito, braços cruzados, marchando como um só homem. «*Servi á sombra da Aguia, na Guarda do Grande Imperador. Fui a Muscow e voltei: hoje vejo o sol brilhar: isto aqui é uma brincadeira de creanças, mas quem me dera voltar para o gelo com o meu Imperador! Para mim elle é sempre o* Petit-Caporal. *Sou veterano. Eu e os meus camaradas puzemos-lhe a coróa na cabeça. Para Iena fomos cantando que haviamos de arranjar um reinosito para o nosso manosinho Jeronymo. Se Napoleão assim tinha resolvido, de que servia á gentalha dizer que não?.. Em Iena, camarada, a coisa foi de escaldar!... E em Moscow de enregelar os tutanos!* — «*Rapazes, fogo sobre elles, os da Velha Guarda!*» *grita o prussiano aos seus artilheiros voluntarios.* «*Destroça a Guarda e é nossa a victoria. Vamos! Varre a Guarda com um chuveiro de metralha!*» «*Vim combater pela patria,*» *diz o moço aldeão,* «*minha mãe poz-me um raminho verde na barretina. Hei de dar um risco na coronha da espingarda, por cada francez que matar, para mostral-a aos meus filhos, quando voltar para a terra e casar com a Gretel.*» *Oh! Mas a Velha Guarda faz fogo á carga cerrada. O raminho verde tombou na campina; os camaradas saltando-lhe por*

cima, espesinham-n'o, porém elle já nada sente. Pobre rapazelho!... Ainda não tinha combatido pela patria, e já tingia o chão com o seu sangue tão vermelho! Como crescerá viçosamente a arvore da liberdade, n'um chão assim regado!

O granadeiro, á volta da Russia, eil-o a sorrir. Tambem jaz cahido no chão com os olhos mirando o céo. Está frio, muito frio. Em que pensa? Está com o seu Imperador!»

O rabequista movia o arco com uma especie de phrenesi. E sobre o estrondo e o clamor do combate distante, sobre o ruido e a algazarra que faziam os cossacos trepando a encosta, e os seus gritos e grunhidos provocadores, erguia-se aquella musica de batalha, apaixonada, altiva, tragica!

Os ultimos da horda cossaca tinham de novo attingido a cumiada, em bravia confusão, buscando o abrigo que ali perto lhes promettia a floresta. Perpassou atravez d'elles, cantando, uma saraivada de balas: a companhia de granadeiros, dando vista do derrotado inimigo a projectar-se no céo, mandava-lhes por desprezo uma ultima descarga. Desataram aos guinchos os selvagens, e curvaram-se todos para o pescoço dos pelludos cavallos, em phantasticas attitudes; foram attingidos uns poucos; um cahiu e o camarada mais proximo apanhou-lhe o cavallo pela redea e levou-o, despedindo um grito de satisfação. O morto foi arrastado por algum tempo, emquanto o pé inerte não poude soltar-se do estribo de canhamo, e ficou por fim entre as pedras, n'um monte de trapos desbotados. Dos rostos d'aquelles homens nenhum traduzia medo: contrahiam-se todos em sorrisos sarcasticos e provocadores. O seu grito de guerra era ainda de triumpho.

O rabequista pôz-se de pé, no alto da collina. Baloiçou o arco, e, passando-o novamente pelas cordas, rompeu n'um canto estridente e zombeteiro, escarnecendo os fugitivos.

«Soltae as negras azas, e voae, agoirentas aves! E ainda exultaes na debandada: paira no ar o cheiro da Morte. Dentro em pouco vos podereis saciar — mas hoje a Aguia ferida ainda tem força para escorraçar os corvos. Batei as azas, fugi, voae... Coá!... coá!...»

Cheio de pasmo, como que enfeitiçado, Estevam ia escutando o companheiro. O musico parecia possesso. As madeixas do cabello grisalho destacavam-se-lhe das faces, com o aspecto de rigidas; a mão esquerda saltitava ao longo das cordas, e a direita oscillava com furia. Se a madeira e as cordas alguma vez escarneceram e insultaram, foi de certo n'aquelle dia, durante o combate de Heiligenstadt, quando o endemoninhado instrumento do Rabequista Hans vibrava em frente dos derrotados kalmucks. «*Coá! Coá!*» gritava elle, e este som guttural chegou até aos ouvidos de um cossaco fugitivo, que á retaguarda dos seus camaradas forcejava por acompanhal-os, no seu cavallo ferido. O homem voltou-se para traz, aprumando-se na sella de pelle de carneiro, e, com a ira a faiscar dos olhos congestionados, ergueu a arma acima da cabeça, calculando a distancia.

— Cuidado! — gritou o conde, saltando da crista da rocha.

Os sons da rabeca tornaram-se mais fortes, mais estridentes.

Arremessou a lança o selvagem, e Estevam, atirando-se para deante, de braços abertos, foi attingido. Cahiu para cima do rabequista e ambos rolaram para o chão. A musica emmudeceu. Cantando victoria, o cossaco obrigou a andar o ensanguentado cavallo, até se embrenharem na espessura do arvoredo.

*
* *

— Se *Madame* Sidonia aqui estivesse, passava a julgal-o um heroe! — disse o musico, accentuando muito a palavra *madame*.

Tinha ligado o hombro de Estevam — a ferida não apresentava mau aspecto — e deu-lhe a beber vinho da localidade, que trazia n'um frasco, e agua, que foi buscar a um ribeiro proximo. No entretanto, a contenda das tropas do rei Jeronymo com os invasores não acabara ainda, e pelo valle continuavam a bramir sons vagos de batalha.

As brisas do ditoso maio sussurravam no arvoredo, e tinham varrido de oeste a leste o céo de um azul superior a toda a descripção. Em volta dos dois homens havia um palpitar maravilhoso de coisas que labutavam e cresciam. Trepidava cada folha de erva em intensa vida propria. A folhagem regorgitava do inquieto mundo alado, nascido dos primeiros amores de primavera. Toda a floresta cantava em doce murmurio as secretas alegrias da fecunda Natureza... E na planicie,

abertamente e em tumulto, os senhores da Terra maculavam-lhe com a Morte a face encantadora.

— Se *Madame* Sidonia aqui estivesse — tinha dicto o rabequista, olhando astuciosamente para o rosto do companheiro. Como não alcançou resposta, accrescentou d'alli a instantes:

— Até á noite não param de despedaçar-se. Que diz?... Não pode arrepiar o caminho o cavallo ruço, levando o seu dono para onde um noivo deve estar.

O outro, cujo rosto livido se afogueou de repente, bradou encolerisado:

— Não! Mil vezes não! Ainda me não tornei a coisa vilissima que ella me suppõe.

O musico reprimiu um soluço e murmurou:

— Que nobre sentimento é o verdadeiro orgulho!

Depois levantou a rabeca e poz-se a examinal-a attentamente.

— Céos!... E se m'a tivesse partido! — exclamou. — E' pasmoso que um homem se arremesse tão inconsideradamente para cima de outro, quando está entre elles um Stradivarius!

— Se não fosse a minha falta de consideração — replicou Estevam um tanto melindrado — difficilmente o precioso instrumento conheceria de novo o contacto dos seus dedos.

— Amigo — disse gravemente o rabequista — ainda está por temperar o aço e por derreter o chumbo que ha de atravessar este coração. Oh! Deus!...

Que infinita amargura n'esta exclamação! Apanhou as cordas e repuxou-as distrahidamente. Depois encarou subitamente com Estevam, sorrindo de um modo singular:

— Causa-lhe espanto, não é assim, a minha ingratidão! «Ora esta! Aqui salvei eu, conde de Waldorf-Kilmansegg, a vida d'esse misero vagabundo, arriscando a minha nobre e preciosa existencia; aqui derramei o meu sangue azul, para não correr o turvo liquido que elle tem nas veias, e a infima creatura nem ao menos me diz: Muito obrigado!» Companheiro — proseguiu o musico, e dilataram-se-lhe as pupillas, e o rosto assumiu uma expressão nobre e altiva — longe de mim a intenção de envergonhar-me e envergonhal-o dizendo-lhe a palavra «Obrigado»! Quem não é capaz de arriscar-se para salvar a vida do seu semelhante, nem merece o nome de homem.

Estevam, realmente vexado porque se tinha julgado um heroe, córou outra vez e baixou os olhos. Ao mesmo tempo foi apanhando machinalmente com a mão direita, que ficara incolume, as violetas silvestres que cresciam pela encosta. O rabequista seguiu-lhe os movimentos, e de subito a vista immobilisou-se-lhe e o mento descahiu. E logo o rubor novamente se apagou d'aquella face e deu logar á lividez.

Estevam perguntou-lhe assustado:

— Está doente? Diga-me, por amor de Deus!...

O musico, sem pronunciar palavra, estendeu a mão e tirou ao outro as florinhas. Tinha nos dedos o frio da morte.

Murmurou depois, em voz muito baixa:

— Violetas! Estão cheias de sangue. — E tremia convulsivamente.

— Talvez todo o seu mysterio se reduza a isto apenas: é um pobre doido.

Pensou-o Estevam e procurou com a vista o sitio onde o cavallo andava a pastar. Queria saber se poderia montar, sem que o ajudassem.

O vagabundo tinha deitado para o collo as violetas, olhando-as ainda com tristeza e horror; pegou no instrumento e fez soar uma melodia absolutamente diversa de tudo o que Estevam lhe tinha ouvido até ali. Suave e simples, era como que a branda toada ao som da qual vinham dançar, como sombras, as alegrias do passado, tão enternecedora, que Estevam, com as lagrimas toldando-lhe a vista e um nó a apertar-lhe a garganta, pediu anciosamente ao companheiro que não continuasse.

O artista obedeceu-lhe e voltando para elle a transtornada physionomia, disse:

— E' esta a melodia das violetas, a melodia que nunca está silenciosa na minha alma, quer de dia, quer de noite. Não pode supportal-a? Pois então deve ouvir a minha historia. N'aquelle tempo eu era moço como o sr. conde é hoje... e tambem tinha nobre orgulho... quasi pelos mesmos motivos.

Ao dizer isto, Geiger-Hans arrepanhou os labios com um sorriso amarissimo de desdem por si proprio. Proseguiu:

— Mas assim como os homens differem entre si, as suas paixões teem motivos differentes. De pouca importancia era para mim eu descender de uma antiga casa fidalga... Ah! Alegre-se por saber isto... Sempre o

suspeitou, de contrario haver-me-hia repellido... Não faça caso, amigo, aliás córarei por sua causa. Ah! Mas como ia dizendo... Fui orgulhoso, mas o meu orgulho era o da nobreza de intelligencia. Conheci tantos assim! Aprendi a arranhar o inglez para estudar Bacon e Locke, e a mastigar o allemão para discutir Fichte e Kant. Era amigo de Holbach. Adoravamos Voltaire. A nossa divisa era a Razão! N'uma palavra, fui um dos chamados Encyclopedistas. Sonhavamos derribar todos os abusos, e substituir tudo o que então existia por outras tantas perfeições novinhas em folha. «Humanidade e Liberdade» eis o nosso grito de guerra. A nossa revolução devia realisar-se com azeite doce e agua de rosas. Excuso dizer-lhe em que tornámos a França e o mundo. Deitámos a rolar a primeira pedra ha já um quarto de seculo, e — com um sorriso tragico apontou para o valle — ainda pode ouvir o echo da sua queda reverberando além! Prégamos liberdade, e o mundo está hoje mais escravisado que d'antes! Era a razão a nossa estrella polar, e o estado acha-se em poder das mais humildes intelligencias, que o governam consoante as suas ruins paixões! Humanidade era o nosso lemma e a França foi, de um extremo ao outro, encharcada em sangue, e os seus filhos levaram a carnificina e o fogo até aos confins da Europa! O sangue d'aquelle filho dos *steppes* que escurece a estrada acolá adeante, a aldeia do valle coalhada de mortos e crivada de balas, algumas das quaes foram saudar-nos ao vertice do outeiro, são tudo offerendas consagradas á trindade inventada por mim e pelos meus companheiros: Liberdade, Humanidade e Razão! Oh! Era brilhante o caminho que traçámos. Não tinhamos justos motivos para nos orgulharmos?

Ficou silencioso por momentos, sem que o conde se atrevesse a falar, tão mordente era o azedume d'aquellas palavras, tão pungente a commoção escripta em cada vinco d'aquelle rosto.

— Era a edade de Oiro! — continuou o artista a dizer. — Philosophavamos até nas escadas de Versalhes. Luiz fazia lindas fechaduras e Maria Antonieta tosquiava ovelhinhas alvas de neve; as rosas embalsamavam o ar em Trianon... e nunca o mais sensato de todos nós viu nunca o abysmo a escancarar-se. Emquanto a mim... os maiores espiritos estão sujeitos ás vulgares paixões da humanidade — os labios esboçaram-lhe um sorriso sardonico — apaixonei-me como poderia acontecer ao mais boçal rapazola de aldeia. Ella — hesitou, mas por fim deu firmeza á voz e disse n'um tom que denunciava o esforço que fazia para falar — pertencia a uma familia bretã de antiga estirpe e tinha ideias diametralmente oppostas ás minhas. Havia, porém, uma coisa em que perfeitamente nos entendiamos, o que era para mim o bastante: amavamo-nos.

Calou-se e respirou mais apressadamente. «Deus meu!» disse o artista, como se não soubesse que estava falando — «Que amor eu lhe tive!»

Apanhou uma violeta de entre as que tinha no collo, e passou-lhe os dedos por cima, cariciosamente. A expressão do semblante apaziguou-se. Quando tornou a falar, foi com uma suavidade que Estevam nunca lhe tinha conhecido.

— Se duas creaturas se amam e cada uma d'ellas julga erroneas as opiniões fundamentaes da outra, o seu mais ardente desejo é leval-a para o caminho da verdade. Eu não tinha a menor duvida em que havia de fazer luz na sua alma; ella acariciava o pensamento de remir-me da perdição. Já lhe disse até onde ia o meu orgulho, tão nobre que até me envaidecia. Sendo apostolo da liberdade, nem mesmo chegava a admittir que minha mulher podesse resistir aos irrefutaveis argimentos do meu espirito emancipado, que o vaso mais fragil não cedesse ao mais forte! Se não nos amassemos tanto, não levariamos tão longe o afan de conseguir que cada um de nós se tornasse digno do ideal do outro!... Em summa, tivemos discussões acerbas! A culpa foi toda minha. Porque não me contentei de adoral-a cheia de crenças? Era elevada a sua intelligencia. Magoei-a de mil maneiras. As mulheres teem susceptibilidades que nós, homens, grosseiros de corpo e de espirito, nem sequer suspeitamos. Magoamol-as até quando lhes tocamos para as acariciar. E então, se acaso se torna insupportavel a dôr que lhes causamos e ellas em paga tambem nos ferem, o ferimento é para o mais innocente, para o mais injuriado! Oh! Quando esgotei a medida contra ella, insultou-me ainda mais, se assim o quer, do do que hoje de manhã a sua noivasita insultou a alta prosapia do sr. conde. Disse palavras que o meu requintado orgulho não poude

consentir. Era tal a minha nobreza de alma, que não me permittiu escolher outra resolução que não fosse o deixar a mulher que eu tinha jurado proteger; ostentar energia varonil abandonando-a ao seu destino; perder a creaturinha fragil e encantadora que tinha tido nos braços, confiada á minha guarda, ao meu amor! Bem sei que tomei algumas disposições generosas no tocante aos meus bens (como o sr. conde tenciona fazer para com *Madame Sidonia*), e que ella tinha, como tem sua mulher, pessoas com quem se fosse juntar, e que eram as mesmas de quem se apartara para vir ter comigo. Quando porém me chegou o instante de observar o coração e conhecer a verdade, que vi?... Interrogue o seu e saberá o nenhum valor das razões a que obedecemos. Porque deixei a minha? Unicamente para que soffresse e chorasse por mim, e para que soubesse o valor incalculavel do thesouro que não tinha apreciado devidamente. Para me vingar, para me vingar da mulher que eu adorava!

Deixou-se descahir para o tronco do abeto que lhe ficava por traz, e encostou-se a elle, tendo cerrado as palpebras.

—Deixei-a, deixei a França e a Europa e fui para a America, a nova mansão da Liberdade, o unico paiz, em toda a terra, onde se prestava á deusa o culto conveniente. Tinha protestado não voltar, emquanto ella não me chamasse; reclamou-me uma voz terrivelmente differente da sua. Passaram-se tres mezes primeiro que eu tivesse noticia do desastre, n'aquellas remotas paragens. E vi logo que em menos de um mez não poderia chegar ao pé d'ella! E sabia que estava em perigo!... Parece que foi quando principiei a endoidecer... pois é claro que estou doido. Não acha?

Escancarou os olhos muito brilhantes e fitou-os em Estevam, causando-lhe um tal embaraço, que o musico não poude deixar de sorrir tristemente.

— Doido, sim — repetiu elle. Estava com o olhar scintillante, e na verdade não tinha apparencia de ajuizado. Deixou a cabeça cahir entre as mãos e suspirou: — Se eu ao menos estivesse mais doido!

Continuou depois a dizer, em voz differente, sem modulações:

— A historia vae acabar. Quando cheguei, estavam desencadeados em França todos os poderes do inferno, que o meu espirito superior negava. Danton, Marat e Robespierre eram os representantes da trilogia Liberdade, Razão e Humanidade! Cheias as prisões, em actividade constante a guilhotina... era a Edade de Oiro! Passaram-se quinze dias primeiro que soubesse onde ella estava. Já procurou debalde, por uma só hora que fosse, um ente amado? Dante, no circulo mais profundo do seu Inferno, de certo não imaginou tormento egual. A minha casa em Paris, tinha sido confiscada em proveito da nação; o castello do pae d'ella, na Lorena, fôra destruido por um incendio e completamente arrasado. Na minha velha casa, em Nancy, é que afinal obtive informações. Tinha-se negado a fugir com a familia para além do Rheno, mas quando o perigo se tornou ameaçador, foi occupar o seu posto nas minhas propriedades. Como se definia bem n'isto! Prenderam a terrivel inimiga do povo e levaram-n'a para as abjectas prisões de Nancy. Foi lá que...

Arrancou da cabeça o estragado chapeu, puxou com força o cabello para traz e alargou ainda mais o coz da camisa.

— Todos a tinham abandonado, excepto uma pobre rapariga de aldeia, que habitava a nossa herdade e que pertencia a uma familia de patriotas do logar... Arranjara licença para entrar na cadeia. Fui encontral-a ao pé da porta, quando as minhas desesperadas pesquizas para ali me conduziram finalmente. Reconheceu-me... Eu já estava feito um vagabundo, um maltrapilho. Quando me viu a cara, apertou muito as mãos uma contra a outra, e desatou aos soluços. Já era tarde! N'aquella manhã... Porque me olha assim? Admira-se de que eu esteja ainda vivo? Foi onde se vingou de mim o Deus que eu negava. Não posso morrer! Bem sei que podia matar-me... Veja, veja a decadencia a que chegou o Encyclopedista! Não me atrevo a fazel-o, pelo receio de tornar impossivel o encontrar-me com ella novamente. Ah!... Leio-lhe nos olhos uma grande compaixão... Aquella cabecinha delicada!... Levantava-se como uma rainha. Debaixo dos pós, eram de oiro os seus cabellos. Nem uma madeixa, nem um anel me ficou! E tantas vezes que lhe cingi com as duas mãos o pescoço!... A aldeã acompanhou-a até afinal. Esteve junto do cadafalso, para que um olhar affectuoso amparasse aquella alma sublime no instante

LANÇOU-LHE DE REPENTE O BRAÇO EM VOLTA DO HOMBRO

da partida. «Sorriu-se para mim» contou-me lavada em lagrimas a pobre rapariga. Os meus olhos não choravam. Tirou do seio um raminho de violetas e disse-me: «*Madame les avait à son corsage*»...

O musico tinha apanhado as flores e esmagou-as contra a face, murmurando:

— Ella gostava muito de violetas. Estas não teem cheiro... mas as suas... que aroma!...

— Ah! Meu amigo! — segredou-lhe Estevam com infinita piedade no olhar.

Parecia em delirio o artista quando continuou a falar, ao mesmo tempo que as flores se lhe iam escapando das mãos:

— Havia sangue nas violetas... sangue d'ella e meu, porque o homem, que eu então era, morreu assassinado tambem em plena mocidade.

A face estava outra vez livida e os olhos brilhavam irrequietos no fundo das orbitas.

— O que ainda vivia de mim, a miseravel carcassa, o velho... se lhe parece, dê-me este nome... emfim o que vê agora na sua presença, pegou nas violetas e fugiu. Não tornou a parar desde aquelle instante! — Deu uma gargalhada, que soava a loucura.— Para mim já não podia haver casa em logar nenhum, nem patria... Em França menos que em qualquer outro paiz. Mas ha bondade nos céos e nas arvores; entendem a minha dòr, acolhem-n'a em seu seio e ás vezes dão-me em troca a doce paz. Tambem tenho a musica .. sempre a amei. Um homem, um padre de aldeia, reconheceu que o vagabundo, a quem por esmola tinha abrigado, tocava o seu Stradivarius melhor do que elle. Olhava como um filho ao incomparavel instrumento, mas deu-m'o, porque teve compaixão de mim. Foi como nasceu o Rabequista-Hans. E o Rabequista-Hans e a sua rabeca teem vagueado desde esse dia, e hão de assim continuar, até que elle já não possa mover-se .. e então cahirá tambem na boa terra pardacenta... talvez com o rosto voltado para o céo...

Apertou as flores contra o peito e inclinou-se para deante. Com os cotovellos apoiados nos joelhos e os olhos occultos entre as mãos, ficou silencioso. Lá em baixo, no valle, tambem já havia silencio.

Tinha acabado o combate, que decidiu da sorte de muitas centenas de homens e já andavam levantando os cadaveres. Amainara o vento com o cahir da tarde, e só as comas dos pinheiros baloiçavam, murmurando cantos mal perceptiveis. A luz ia-se tornando de um amarello suave; iam-se alongando as sombras. O tordo e o melro começavam, ainda a medo, os seus cantares do entardecer.

Estevam lembrou-se do ferimento.

O rabequista voltou-se e falou-lhe tranquillamente:

— Então qual é o seu caminho? Para deante ou para traz?...

— Não sei — respondeu o outro a meia voz. E baixou os olhos envergonhado.

O rabequista estendeu-lhe a mão e ajudou-o a levantar-se, com um esforço vigoroso. Lançou-lhe repentinamente o braço em volta do hombro e disse:

— Aquella creança... Sidonia... Queria tanto vel-a feliz!... Quando a sua alma apparece atravez d'aquelles crystalinos olhos azues... quando meneia a linda cabeça coroada de cabellos de oiro... E tem um encanto nas falas, no riso... Ouço-a e julgo ouvir uma harmonia de outros tempos, os accordes de uma vida que perdi!... E o seu collo esbelto... as minhas mãos podem cingil-o!... Volte para ella!... Tenha eu a certeza de que é feliz, e o meu espirito inquieto nunca mais vagueará pelos logares onde ella estiver. Ah! Julga que é muito difficil? Engana-se. Não conhece o coração das mulheres. Esqueça-se de que lhe feriram o orgulho. Lembre-se de que ambos são moços. Oh! Se soubessem!... A vida tem para a mocidade uma flor inestimavel. Colha-a, para que um sopro do céo lhe não extinga o perfume. E' para si unicamente. O amor da sua mocidade!... Ande! Vá colhel-o!

— Volto para traz — disse Estevam, com os labios n'um tremor.

Silenciosamente, o Rabequista-Hans foi buscar o cavallo, ajudou o ferido a montar e ensinou-lhe o caminho ao longo da ribanceira.

(Continúa.)

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

Um grande amigo das creanças

(A proposito do contista dinamarquez Andersen)

Celebrou-se recentemente na Dinamarca o centenario de Hans Christiano Andersen, o mais prestigioso contista da infancia. N'essa festa, toda a sociedade dinamarqueza tomou parte, desde o velho rei Christiano até ao mais humilde dos seus subditos. De todo o mundo affluiram felicitações e saudações, porque o grande escriptor é por excellencia um feiticeiro para as creanças de todo o mundo. Vem pois a pello conhecer algumas particularidades interessantes do caracter de Andersen, apresentadas por um distincto escriptor que intimamente o conheceu, Rigmor Bendix. Por este curioso artigo se revelará a bondade, a paciencia, a ternura do grande amigo das creanças.

MUITAS vezes se tem debatido se acaso Hans Christiano Andersen, o mais celebrado dos auctores de contos maravilhosos, tinha realmente um grande amor ás creanças. A tal respeito posso eu falar com conhecimento de causa, visto que desde os primordios da infancia tive occasião de o ver constantemente, ora na casa de meu bisavô, Jonas Collin, ora na dos filhos d'este, ora na de meus proprios paes.

Andersen nunca desperdiçava occasião de nos divertir. Contava-nos as suas lindas historias de fadas, levava-nos ao theatro, e até chegou durante um largo prazo a dar todos os dias um presente a um dos seus pequenos favoritos. Á mais leve provocação revela-va-se n'elle o delicioso contista. Uma vez, o armazem de vinhos que ficava defronte appareceu decorado com taboletas novas dos lados da porta, nas quaes se viam grandes cachos de uvas e uns rechonchudos anjinhos. Apenas Andersen deu pela novidade, sentou-se ao pé da janella com uma creança ao collo, e engendrou logo alli uma historia a proposito das mirabolantes pinturas do visinho.

Nós, os pequenos, divertiamo-nos tambem immenso a ouvir-lhe contar anecdotas para edificação das pessoas grandes. Uma noite, depois do chá, estavamos todos sentados em volta da ampla meza, e Hans Andersen, que se mostrava muito bem disposto, poz-se a narrar-nos episodios do seu passado, das suas viagens, das relações que tivera com gente do commum. Ás

vezes, a sua maneira de contar historias tornava-se positivamente dramatica, e era a miudo amenizada com uma ironia amavel a respeito de si proprio, da qual a maior parte da gente o não julgaria capaz. Por exemplo, quando nos falava do seu encontro com celebridades extrangeiras, com quem muitas vezes estivera em contacto, confessava-nos que não sentira n'essas entrevistas um prazer muito cordial, visto que nunca tivera um grande conhecimento de linguas extranhas.

Entre outras cousas, contou-nos o seu encontro com Charles Dickens em Londres. Dickens tinha mostrado empenho em se relacionar com elle, tinha-o presenteado com um exemplar de *Nicholas Nickleby,* onde escrevera uma dedicatoria amavel, e haviam-se disposto as cousas para uma cavaqueira despretenciosa entre os dois grandes escriptores. Mas pouco tempo depois de começada a *cavaqueira*, Dickens, interrompeu-a para exclamar:

—É preferivel que o sr. Andersen falle em dinamarquez. Estou convencido que o hei de entender melhor.

Um dos seus meios favoritos para se insinuar no animo dos seus amigos infantis era fazer para elles albuns de estampas, recortadas de quanto lhe vinha á mão — annuncios, jornaes illustrados, capas de livros, estampas baratas.

Mas o que sobretudo nos interessava eram as figuras que elle proprio fazia e recortava e que muitas vezes collava nas folhas dos livros. Tinha um talento especial para essas figuras.

Nunca as desenhava, mas emquanto estava sentado a conversar comnosco, ia dobrando o papel, e, sem modelo algum por onde se guiasse, ia-o recortando muito satisfeito – e prompto! apparecia a ideia, cheia de verdade e de vida. As suas figuras favoritas consistiam em cysnes, bailarinos, cupidos, mas nenhumas eram parecidas com as outras. N'essas figuras havia muito do espirito maravilhoso, que as tornava attrahentes e as imprimia na memoria.

Tambem mostrava n'outras obras a sua habilidade de compôr. Um dos seus menores talentos era o de fazer ramalhetes: uma florinha simples, uma espiga de trigo, uma folha de colorido brilhante, atados a uma mancheia de herva. Era tanto maior a sua originalidade quanto a esse tempo não era geralmente conhecido o Japão. Á roda d'esses ramalhetes dispunha papel branco e dourado, recortado nos extremos em fórma de bailarinas e de cupidos.

Entre as cousas mais divertidas que elle fez, avulta uma collecção de figurinhas que nos mandou uma vez para pôrmos na arvore do Natal, ahi por volta de 1850 e tantos. São os exemplares reproduzidos n'este artigo. Eram feitos de papel de varias côres, recortado e collado, formando vestidos com guarnições diversas, ou armaduras ou fardas. É pena que a reproducção não

possa dar as côres; o que apparece em negro é vermelho e ouro, e os originaes teem o dobro do tamanho das illustrações adjuntas.

Hans Christiano Andersen nunca se esquecia dos filhos dos seus amigos. Ainda depois de velho, lembrou-se d'elles com interesse e ternura. Quando estava ás portas da morte, mandou recado a um dos seus amigos pedindo-lhe que lhe trouxesse uma creancinha recemnascida, filho d'este amigo. Mas morreu sem dar tempo a que o pedido fosse satisfeito.

Acharam-se lhe na meza de trabalho uns versos escriptos ao pequenino Svend, os quaes mostravam quanto o preoccupava essa creancinha que elle nunca tinha visto. «Nunca mais jubiloso nos correu o tempo», começa elle, e em seguida espraia-se sobre os extranhos caprichos do inverno que corria.

Aquelles a quem se destinavam estes versos, e que se recordam da sua bondade e da sua ternura, duplamente veneram a perduravel memoria do grande escriptor dinamarquez.

Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa

PENICHE — MANHÃ DE SOL

Photographia da Ex.ma Sr.a D. Olympia Saturnino

SONHO DESFEITO

Ai! sahidas da missa do gallo!
Ai! ceiatas da tia Gertrudes!
Que petiscos! que amor! que regalo!
Que priminhas! que ricas saudes!

Logo a mesa apetite nos dá,
C'os crystaes, porcelanas mui tricles,
Bons *hors-d'oeuvres* de truffas, *foie-gras,*
Galantines, salames e *pickles.*

E depois que a assembléa se arranja,
E eu procuro logar não me falte
Junto á prima Lulu, surge a canja,
Fumegando em terrina de esmalte.

Um silencio. Sonoros, na louça,
Batem quasi a compasso as colheres,
E o que espanta é que nem sequer se ouça
O trivial cochichar das mulheres.

Porém logo que aspectos nipponicos
Vão surgindo no fundo do prato,
E no *hors-d'oeuvre,* a pretexto de tonicos,
Se começa a fazer desbarato,

Só se pensa em tirar a desforra
Da calada a que a fome forçou;
Jorram ditos, pilherias, e jorra
Dos gargalos dourados Bordeaux.

Mas eu cá, no entretanto, suspenso,
Não permitto que a gula me apanhe.
Como pouco, reservo-me e penso
No perú regadinho a Champagne.

Por mim passam pasteis de marisco,
Fricandós, *entremets, vol-au-vents,*
E eu mal provo, sonhando o petisco,
Que é prenuncio da santa manhã.

Toda a gente dizendo chalaças,
A atiçar-me a priminha Lulu
(Que é a quarta na conta das Graças),
E eu cá, moita, a pensar no perú.

Bem me importam risinhos de escarneo,
Ora adeus! não me sahe do toutiço
O peru, pelo qual deixo a carne e o
Peixe, massas, 'té mesmo o derriço.

Surge, ó rei! ergue a audaz, fulva grimpa
Sobre o mar de agriões em que atufas;
Ergue a pansa auri-rubida que impa
Com precioso recheio de truffas.

Surge, ó rei! ao sentir o teu ventre
A ranger sob a lamina viva,
Não te espantes de que eu me concentre
E me cresça na bocca a saliva.

Quando, afim de evitar que me embuche
A carninha que o forno dourou,
Entornar no bandulho um bom duche
De Champagne viuva Cliquot,

Tu verás, tu verás 'té que ponto
Eu afio esta lingua mordaz,
E ao mais forte em loquela, n'um prompto,
Não dou treguas, mas dou sota e az.

Mas o sonho, que enlevos me trouxe,
Veio a sorte cruel, e desfez-m'o.
O villão *cordon bleu* entortou-se
E o peru transformou n'um torresmo.

Porque a fome fatal me espevite,
Ao *dessert* enguli como sete:
Apanhei uma gastro enterite
Com pudins, e bonbons, e sorvete.

RI-PANÇO.

PORTA FERREA

A Universidade de Coimbra

Sexta e ultima parte

Com o capitulo correspondente ao 6.º numero dos *Serões* termina o estudo sobre a Universidade — estudo que não é nem pretendeu ser senão um esboço historico *exterior* do nosso mais antigo estabelecimento de ensino.

A verdadeira historia duma instituição, bem o sabe o auctor d'estas linhas, deve ser sempre: dum lado, a exposição e desenvolvimento das *idéas* que a vieram formando e lhe deram, de dentro — atravez das adaptações successivas impostas pela evolução dos tempos — uma determinada orientação e destino social; d'outro lado, a evocação reconstructiva da sua existencia como ser vivo, dos seus animados aspectos de complexo humano.

Mas não cabia nos limites duma revista como os *Serões,* nem era para a índole desta publicação, um estudo de semelhante natureza.

Por isto, o artigo sobre a Universidade foi, como já disse — salvas as suas imperfeições — o que devia ser: um simples descriptivo e uma exposição corrente de aspectos e de successos vistos de fóra.

Antes de o completar, terminando as indicações relativas á organização actual da Universidade — convirá fazer aqui já a correcção duns lapsos maiores na revisão do numero anterior.

Na segunda columna da pagina 435, linha 10, deve a data de 1845 ser substituida pela de 1844. Na ante-penultima linha da segunda columna, a paginas 437, deverá lêr-se, em vez de: «como das janellas e tribunas actuaes», *como as das janellas e tribunas actuaes.* Na primeira columna da pagina 440, linha 10, o periodo que começa: «São de nomeação regia», deve começar: *Os substitutos são de nomeação régia.* A pa-

MANUEL DA SILVA GAYO

Actual secretario

ginas 441, na 3.ª linha, onde se lê: «uma vez por *semana*», deve lêr-se: *uma vez por mês.* (1)

Continuando com a exposição do estado actual do ensino e organização da Universidade de Coímbra, devo agora referir-me aos

ACTOS

São de três ordens ou graus: menor ou de *bacharel*, de *licenciado* e de *doutor*.

A collação do grau de bacharel é feita pelo presidente do jury respectivo.

A dos graus de *licenciado* e *doutor* é feita pelo Reitor da Universidade.

O grau de *licenciado* é *conferido* em seguida ao respectivo acto de licenciatura, na Real Capella, com a assistencia do corpo docente da faculdade, ornado de insignias.

O grau de *doutor*, requerido depois da defesa de theses, é conferido na sala grande dos actos. E' a cerimonia chamada — do *Capéllo* — a mais solemne da Universidade, a recordar o cerimonial das antigas investiduras da cavallaria.

Sería longo descrever todos os actos e passos, que a compõem. O seu cerimonial, já compendiado, embora não esteja ainda impresso, é mais ou menos conhecido.

A propósito: ainda ha pouco o publi-

---

(1) Já estava em composição esta última parte do artigo sobre a Universidade, quando ás mãos do auctor chegou o n.º 1:424 da *Gazeta da Figueira*, de 6 de novembro de 1905, que insere, acompanhada com palavras da mais amavel gentileza, uma correcção opportuna, devida ao distincto collaborador daquelle jornal, o sr. Francisco Canavarro de Valladares (Ribeira de Pena).

Transcrevendo essa correcção, só mostramos a quem a fez que nos merecem sempre estima e gratidão quantos queiram auxiliar-nos e emendar qualquer lapso nosso em trabalhos de ordem historica.

Segue a rectificação:

«O dr. João Pereira Ramos era irmão legitimo e de legitimo matrimonio de D. Francisco de Lemos (e não *cunhado*, como se diz no n.º 3 dos *Serões*, pag. 248, col. 2) por ambos serem filhos do capitão-mór Manuel Pereira Ramos e de sua mulher D. Helena de Andrada Souto-Maior, senhores da casa e engenho de Marápicú, suburbios do Rio de Janeiro, onde por signal nasceu o futuro Bispo-Conde e Reitor reformador em 1735. O dr. João Pereira Ramos, primogénito, nascera no termo da villa de Iguassú, treze annos antes, em 1722, e foi quem, segundo pensamos, enveredou e protegeu os inicios da carreira publica de D. Francisco»

J. A. C. ALVES
Official-maior

cou, em inglês, sobre uma nota que lhe enviei, Mr. D. J. Cunningham, — illustre professor da Universidade de Edinburgh — no seu trabalho : *The evolution of the graduation ceremony*. A esta cerimonia assistem todos os lentes da Universidade, com as suas insignias.

É de grande apparato; depois da missa na Real Capella, o candidato, já de capello, é acompanhado pelo Prelado vestido de habito talar e borla, pelo decano da faculdade, que é o seu padrinho official, pela pessoa nobre que o apresenta, e por toda a Universidade, á *sala grande* dos actos. Aqui, depois de feito o elogio do doutorando pelos dois professores mais modernos da faculdade, o Prelado confere lhe o grau por imposição das mãos.

Em seguida o decano da faculdade respectiva adorna o novo doutor com as insignias doutoraes, a borla e o anel, e acompanha-o a receber o abraço de paz e fraternidade de todos os lentes, que occupam os doutoraes, revestidos sempre das suas insignias.

O cerimonial dos *actos grandes* e dos *graus* é dirigido pelo Secretário da Universidade, na qualidade de mestre de cerimonias.

Como na cerimonia do capêllo apparece, além do Reitor e dos lentes, quasi todo o pessoal universitario, a quem compete revestir trajos de gala, caracteristicos e tradicionaes — a solemnidade offerece um curioso quadro.

Além do Secretário, com o bastão de prata de mestre de cerimonias, vêr-se-ha o Guarda-mór, de vara. Virão os *bedeis* sobraçando as *maças,* os *continuos,* os *archeiros* da guarda—armados das alabardas brunidas, e envergando as fardas azul-escuro, agaloadas a branco.

E o visitante novo para Coímbra, chegado por acaso, poderá ter durante alguns minutos a impressão duma pequena resurreição historica, se bem que já muito prejudicada em certos detalhes.

*
* *

Com a reforma de 1901 — vão ficar reduzidas a duas classes, em todas as faculdades, as antigas classes: de *ordinarios, obriga-*

UM ARCHEIRO

O GUARDA-MÓR

dos, e *voluntarios*, que havia em mathematica e philosophia. Assim, serão alumnos *ordinarios* os que seguirem o curso geral da sua faculdade, frequentando as cadeiras nos annos e pela ordem do respectivo quadro. Serão *voluntarios* os que seguirem qualquer dos cursos especiaes annexos ás faculdades, e os que frequentarem as cadeiras por uma ordem diversa da do quadro, guardando comtudo as dependencias necessarias.

A Universidade confere diplomas dos seus diversos cursos. Entre estes diplomas, avultam, pelo aspecto artistico do actual modelo, as cartas de bacharel e formatura nas diversas faculdades.

*

* *

A Universidade tem três grupos de estabelecimentos:

Os destinados aos serviços do governo e administração directa do Reitor;

Os estabelecimentos dependentes do governo scientifico das faculdades, e dirigidos respectivamente por lentes das ditas faculdades;

Os estabelecimentos de serviço geral da Universidade.

Comprehende o 1.º grupo:

1.º A REITORIA, com a séde dos conselhos academicos;

2.º A SECRETARIA e suas dependencias;

3.º A Real Capella;

O 2.º grupo compõe-se dos estabelecimentos pertencentes aos serviços das diversas faculdades.

Pertencem á FACULDADE DE MEDICINA:

O gabinete de *anatomia normal;*

BEDEL DE DIREITO

SELLO DA UNIVERSIDADE

O gabinete de *histologia* e *physiologia experimental;*

O gabinete de *medicina operatória;*

O gabinete de *anatomia pathológica;*

O gabinete de *microbiologia;*

O gabinete de *chimica medica;*

O gabinete de *analyses clinicas;*

O gabinete de *hygiene.*

Os HOSPITAES DA UNIVERSIDADE têem actualmente administração separada, e immediatamente dependente do Governo; mas a faculdade de medicina tem ali á sua disposição as enfermarias de clinica de que carece.

Pertence á FACULDADE DE MATHEMATICA: o *observatorio astronomico.*

Á FACULDADE DE PHILOSOPHIA pertencem:

O *laboratorio chimico;*

O *gabinete e laboratorio de physica;*

O *jardim botanico;*

O *museu de historia natural,* comprehendendo os gabinetes de *zoologia, mineralogia* e *anthropologia.*

Está dependente desta faculdade o *observatorio meteorologico* e *magnetico,* que tem direcção e serviço separado.

As faculdades de *theologia* e *direito* não têem estabelecimentos especiaes.

Comprehendem o 3.º grupo: a BIBLIOTHECA, cujo bibliothecário é um lente nomeado pelo governo; o ARCHIVO, dirigido por um lente, da nomeação do Reitor; e a IMPRENSA, que tem uma administração independente, mas que se corresponde com o ministerio do Reino por intermédio da Reitoria da Universidade.

MANUEL DA SILVA GAYO.

AZENHA DE VERÃO NO LEITO DO MONDEGO

Ao fundo a torre do observatorio da Universidade

(Cliché do sr. Mesquita de Figueiredo)

Os Serões dos Bébés

O hospede da noite de Natal

I

Bramindo e roncando, por cima da charneca cheia de neve, gritava o rei Vendaval: — Uhuhu! Uhuhu! Fujam de mim!

Os pinheiros que formavam um bosquesinho ao pé da cabana de Edith, curvavam-se humildemente, á sua passagem e tremiam, ouvindo-o assobiar com estridor nas verdes e escuras ramarias.

— Uhuhu! Quem és tu! — rosnou o rei Vendaval, ao dar com os olhos n'um Trasgosinho, que estava abrigado na cavidade do tronco de uma carvalheira.— Que fazes ahi! Vae-te ou mando ao Vento Norte que te leve e te sepulte debaixo da neve.

O Trasgo, da figura de um homem muito pequenino, estava vestido de verde e tinha calçados uns sapatinhos de oiro.

— Pé... peço perdão a Vossa Magestade, sr. rei Vendaval, — balbuciou elle muito assustado. — Eu já me tinha ido embora se soubesse o caminho para o reino das Fadas.

— Vae-te d'ahi! Vae-te d'ahi! — berrou o Vendaval, soprando e resfolegando com mais furia.

— Aqui estou eu! Vou já leval-o! — gritou o cruel Vento Norte, barafustando em volta da arvore, mugindo e uivando com perversa alegria.

— Tem dó de mim! Se estou aqui, não é por minha culpa! — disse o Trasgo muito afflicto e de mãos postas.— Fóra d'este abrigo, o que me espera?... A ventania e a neve acabam-me com certeza!

— Que me importa! Não tens ahi que fazer! O verão já lá vae! — tornou-lhe o rei Vendaval.

Rugindo e roncando quiz ver se arrancava do chão a carvalheira, mas a arvore tinha já resistido muitos e muitos annos e não se deixou vencer.

— Pio! Pio! Pio! Pio! — piou um Pintarroxo do meio da folhagem. — Protege esse desgraçado até eu voltar, sr.ª Carvalheira, que já descobri meio de lhe valer.

E o passarito voou direito ao pinhal que havia ao pé de uma cabana, feita de turfa e de granito. Em companhia do pae, um pobre trabalhador, alli morava Edith, meiga e bonita rapariguinha, que tinha passado toda a vida no meio d'aquelles valles e outeiros. A chaminé da cabana deitava um fumosinho azul, o que era signal de que Edith estava em casa. As aves e outros habitantes da charneca e dos bosques, companheiros dos brinquedos da pequena, tanta amizade sentiam por ella, que lhe tinham ensinado a sua linguagem.

Abriu-se o postigo mal o Pintarroxo bateu com o bico na janella.

— Vem depressa! — chilreou o passaro. — Um dos nossos companheiros de charneca está em perigo. — E contou-lhe a afflicção do Trasgosinho.

Edith embrulhou-se n'um chale, pegou n'um cestinho em que levava os ovos para o mercado e sahiu a correr pela porta fóra.

O rei Vendaval bem a quiz deter, fustigando-lhe as faces rosades, enfunando-lhe o chale, desgrenhando-lhe o cabello. Edith arrostou-o sem medo e chegou afinal ao pé do carcomido tronco, onde o pobre coitado estava encolhido com medo, debaixo de umas folhas seccas.

— Dá-nos muita honra vindo para a nossa choupana — disse-lhe Edith com timidez, porque n'aquelles logares havia muito respeito pelos Trasgos. — Dentro d'este cestinho pode ir sem perigo.

Elle acceitou muito reconhecido e d'ahi a minutos estava sentado n'um grande banco de carvalho, aquecendo-se ao vivo lume que ardia na lareira da cabana.

— Que bom!... — exclamou o Trasgo, muito satisfeito. — Se não fosses tu... tremo só de o pensar... estava a estas horas nas garras do Vendaval. Fica certa de que hei de recompensar-te pela tua bondade e coragem!

Edith trouxe-lhe pão e leite que elle foi saboreando, ao mesmo tempo que seguia com os olhos a pequenita nas voltas que dava pela cozinha. Por fim perguntou-lhe:

— Em que mez estamos? Desde que ando sumido, perdi a conta do tempo.

— Em dezembro, na noite de Natal.

— Deveras!... Ai! Quantas coisas eu tinha para fazer, se agora estivesse no paiz das Fadas. É obrigação dos Trasgos n'esta noite dar aos bébés sonhos encantadores. Das creanças mais crescidas não tratamos nós.

— Ah! Sim?

— Pois nunca vieram trazer-te brinquedos no Natal? Talvez porque não tens meias, onde os deitassem — accrescentou elle olhando-lhe para os pés descalços.

A pequena disse que nunca tinha tido nenhum brinquedo, a não ser um barquinho que o pae lhe fizera e que ella deitava a boiar no ribeiro.

O Trasgo perguntou-lhe se queria que lhe contasse a historia de quem lhe poderia trazer presentes pelo Natal, porém Edith pediu-lhe que antes contasse a d'elle.

— A minha conta-se depressa — tornou-lhe o Trasgo. Quando principia o bom tempo eu e os meus companheiros sahimos do reino das Fadas e vimos aos milhares para os bosques e charnecas. De dia estamos escondidos na folhagem ou no musgo, e colhemos o mel das flores doiradas do tojo e das flores purpurinas de urze, ou andamos a brincar entre as hastes esguias do silvado... E quando as folhas cahem voltamos para o reino das Fadas.

— Então porque se deixou ficar?

— Eu?... A rainha tinha-me dado ordem para não me ir embora antes de murcharem as ultimas campainhas das dedaleiras. N'uma noite de temporal, perdi-me na charneca e deitei-me a dormir dentro de uma flor de tojo. Quando acordei vi, afflictissimo, que tinham nascido as espigas, formando uma gaiola onde fiquei detido. Só depois de ficar secca a flor é que pude sahir da prisão. Ai! Não vi um só dos meus companheiros. Já tinham todos abalado da charneca. Desde então debalde tentei descobrir o caminho por onde hei de voltar para o reino das Fadas. Se m'o indicasses, ficar-te-hia ainda mais grato.

A MINHA HISTORIA CONTA-SE DEPRESSA — DISSE O TRASGO

— Por mim não posso — respondeu Edith — mas tenho muitos amigos na floresta e ámanhã sem falta vamos consultal-os.

— Deixa-me ajudar-te a cozinhar. Que tens ahi dentro? — perguntou o Trasgo, apontando para uma panella que estava ao lume.

— Batatas.

— Pff!... Fraca ceia para a noite de Natal. É que tens coisa melhor no forno.

— No forno só tenho pão.

— Que grande peta! — disse o Trasgo, rindo e batendo as palmas. — Vae lá ver.

Edith abriu a porta do forno e ficou muito pasmada vendo a assar um bello peru. Deitava um cheirinho que consolava!

— E vê tambem o que estará dentro da panella.

A pequena assim fez e achou um grande pudim, que cheirava melhor ainda que o peru.

— E procura no armario — continuou o Trasgo, rindo muito satisfeito.

Edith, ainda mais admirada e contente, encontrou nas prateleiras muitas maçãs e outras fructas, e uma linda boneca de cera, além de varios outros brinquedos.

O pae, que chegou mais tarde n'aquelle dia, por ter ido a casa de um freguez que morava longe, tambem ficou pasmado e satisfeitissimo com a fortuna que lhe tinha entrado pela porta dentro. Depois de dar mil agradecimentos ao hospede, sentaram-se os tres á meza e ceiaram com a alegria propria da noite de Natal.

E emquanto o camponez e o Trasgo iam conversando as estopinhas, Edith, muito abraçada á boneca e de bocca aberta e olhos fechados, sonhava que já tinha mil bonecas e que andavam todas bailando pelo ar, como bailam as moscas nos dias quentes do verão.

Afinal o pae acordou-a e ambos foram deitar-se nas suas pobres camas, e o Trasgo aninhou-se no macio feno que forrava o fundo do cesto. D'alli a pouco todos tres dormiam a somno solto, sem ouvir o rei Vendaval que lá fóra continuava a roncar:

— Uhuhu! Uhuhu!

II

No dia seguinte o céo estava limpido e azul, o sol brilhava, e um matiz purpurino esbatia-se no horisonte, por entre as encostas verdejantes dos outeiros. Já não havia neve, excepto em um ou outro cume, e no bosque as arvores sussurravam inclinando-se umas para as outras, como se estivessem a conversar a respeito da futura primavera.

Mal acabou os arranjos da casa, Edith foi para o bosque em companhia do hospede da noite de Natal, a fim de consultar os seus amigos de pêlo e de pennas.

— Pio! Pio! Trri! Ti! Ti! — pipilaram os passaritos, correndo para ella. — Ahi vem a nossa querida Flor da Urze! — E esvoaçando-lhe em volta, pousaram-se-lhe na cabeça e nos hombros e foram depenicar os grãos de trigo que Edith lhes offerecia na palma da mão.

— Pip! Pip! Cuí! Cuí! — chiaram os ratinhos do campo, escarreirando atraz d'ella, trepando-lhe pelos pés descalços, e tasquinhando uns bocadinhos de pão que a sua amiga lhes atirava.

— Honk! Hank! — gritaram as lebres e os coelhos, e, furando por entre a urze queimada do frio, vieram apresentar-se á dona, alguns postos em pé na ancia de a verem melhor.

Quando se acabou a provisão de folhas de couve, cenouras, trigo e de outros petiscos, sentou-se Edith n'um tronco de pinheiro derribado pelo Vendaval, e, tendo offerecido ao Trasgosinho um logar a seu lado, disse aos habitantes da floresta que se formassem na frente d'elles em semi-circulo, os passaros adeante, por serem mais pequenitos, e mais atraz os coelhos e as lebres. Cumprida a ordem promptamente, Edith fez saber aos ouvintes o motivo d'aquella visita e pediu-lhes com toda a instancia que valessem ao seu hospede. Mas nenhum, infelizmente, sabia o caminho para o reino das Fadas.

— Porque não vaes consultar os Gnomos? — perguntou, deitando a cabeça por entre duas lebres, uma Toupeira, que tinha chegado sem ser presentida. — Elles estão ao facto de todas as passagens secretas que ha por baixo do chão. Talvez alguma d'ellas vá dar ao reino das Fadas. Os Gnomos são doidos pela musica. Basta, certamente, ouvirem-te a cantiga que te ensinou o rouxinol, para attenderem a quantos pedidos lhes fizeres.

— Irei consultal-os, se me acompanhares até lá — respondeu a pequena á Toupeira.

— Um dos meus tunneis — disse esta — vae ter á caverna dos Gnomos. Anda comigo!

— Sabes o que receio? E' que o meu tamanho não me deixe entrar pela porta — lembrou Edith, quando viu a Toupeira encaminhar-se para um monticulo de terra, que havia alli perto.

— Esfrega os pés e as mãos com este unguento magico — disse-lhe o Trasgo, dando-lhe uma bocetinha feita de uma casca de avellã — e verás como ficas logo do meu tamanho.

A rapariguita seguiu o conselho, e fez-se tão

pequenina que já podia entrar. Foi então seguindo a Toupeira ao longo de um extenso agulheiro, forrado de pyrilampos e de madeira phosphorescente, e chegou finalmente a uma escada, por onde se subia para a caverna dos Gnomos. Mal chegou lá soltou um grito de admiração, porque o tecto e as paredes eram de oiro e prata e deslumbravam a vista com a scintillação de infinitos brilhantes e crystaes.

— N'esta sala dão os Gnomos os seus banquetes — explicou a Toupeira, quando entraram na immensa caverna, illuminada pelas radiações de milhares e milhares de pedras preciosas.

A uma comprida meza, onde estava posto um repasto magnifico, viam-se sentados os Gnomos, que eram uns corcunditas de barba até aos joelhos, vestidos de tunica e calções encarnados. Em frente de cada um havia copos e calices de oiro encrustados de pedrarias, pratos de oiro e prata e variados manjares. Manifestavam todos ruidosa alegria e olharam com espanto para Edith, que a Toupeira lhe apresentou como pessoa da sua amizade e cuja pretenção explicou em poucas palavras. A Toupeira tinha muita popularidade entre os Gnomos, e por isso foi escutada com a maior attenção.

— Podemos, com effeito, ensinar-te o caminho do reino das Fadas — disse-lhe o rei dos Gnomos, sujeito de bom humor, adornado com um manto côr de fogo e uma corôa de rubís — mas sinto muito dizer-te que não está ao nosso alcance o ajudar-te a ir até lá. A porta verde por onde se entra no reino magico, é situada n'um outeiro relvoso erguido no meio de um pantano. As fadas escolheram aquelle logar na parte mais solitaria da charneca, a fim de não serem incommodadas pelos mortaes. Todos os que se teem aventurado a approximar-se de lá, morreram engulidos pelas

EDITH ENCONTROU NAS PRATELEIRAS MUITAS FRUCTAS, UMA LINDA BONECA E OUTROS BRINQUEDOS

aguas traiçoeiras do paul antes de chegarem ao outeiro.

— Obrigada — replicou Edith. — Mas não podem ensinar-me algum modo de ir ter á ilhota?

— Só te poderá ajudar a Feiticeira das Aveleiras. E' bondosa e tem muito saber. Vou dar-te uma prenda para lhe offereceres.

E o rei dos Gnomos entregou a Edith um magnifico brilhante, que scintillava como as mais reluzentes estrellas.

— Em paga de tanta amabilidade — disse a Toupeira — a minha amiguinha vae cantar.

E logo Edith cantou com um grande mimo a canção do Rouxinol.

Ficaram tão enthusiasmados os Gnomos, que lhe pediram muito que não se fosse embora. Prometteram-lhe os mais lindos brinquedos de oiro e prata, e que jogariam com ella, todos os dias, ás escondidas e ó jogo dos quatro cantinhos. Lembraram-lhe que no seu reino situado no interior da terra, ficaria livre do rei Vendaval, do frio, da neve e da geada.

Porém Edith recordou-se da encantadora luz do sol, que se gosava lá em cima, do ar livre, do lindo céo azul, das brancas nuvens, dos verdes outeiros e campinas e disse que não poderia viver em cavernas, embora deslumbrantes como aquella.

Os Gnomos, muito desgostosos, disseram-lhe adeus, e Edith, sempre acompanhada pela Toupeira e pelo Trasgo, voltou para o bosque onde os seus amigos ainda a esperavam.

— Sempre deu algum resultado a visita — disse a Lebre. — Sei onde é o esconderijo da tal feiticeira, e estou prompta a ensinar-te o caminho.

A Lebre, acompanhada por Edith e pelo Trasgo, foi ter junto de uma formosa aveleira, que havia no meio da floresta. Bateu-lhe na casca tres vezes, e logo sahiu da arvore uma creatura muito ligeira, quasi vaporosa, que era a feiticeira em que os Gnomos lhe tinham falado. Os cabellos loiros fluctuavam-lhe em redor como um feixe de raios de sol, os olhos tinham o azul da saphira, e o vestido que lhe cingia as formas gracis, era de um tecido feito com filandras de prata. Acolheu Edith com muito agrado, e, tendo ouvido o que ella pedia e agradecido a offerta do brilhante, disse-lhe:

— Aqui tens um trevo de quatro folhas. Guarda-o no seio com muita cautela, e elle te encaminhará de modo que atravesses o pantano e chegues á ilhota sem difficuldade. Acceita egualmente esta varinha de condão, para te livrares de qualquer perigo que te ameace. Se as bruxas do Cume do Outeiro te virem, hão de fazer todo o possivel para te roubarem o trevo de quatro folhas. Acautela-te.

Edith e o Trasgo deram muitos agradecimentos á linda e bondosa feiticeira, e continuaram na sua peregrinação.

III

Depois de caminharem durante algum tempo, os dois foram ter finalmente a uma parte mais bravia e solitaria da charneca, cercada de carrancudos montes e de asperos despenhadeiros, onde não se viam ovelhas nem vaccas pastando pelas encostas silenciosas. Na sua frente estendia-se, coberto de juncos e de canniços, um escuro e sombrio pantano, em cujo centro se levantava o Morro das Fadas.

Caminharam atrevidamente em direcção ao perfido atoleiro, e já tinham avançado por elle dentro boa extensão, quando sentiram um estridor medonho. Edith olhou aterrada em volta de si e avistou as bruxas do Cume do Outeiro, que vinham acommettel-os, montadas em cabos de vassouras. Soltando berros e guinchos de feroz alegria, cada vez se approximavam mais, de sorte que a pobre pequena poude observal-as melhor. Eram calvas e barbudas, magras como esqueletos, corcovadas em arco, e tinham garras como os abutres e farripas soltas chicoteando o ar. Uma das bruxas trazia uma cobra enroscada no ossudo pescoço; outra apertava com ambos os braços um enorme sapo verde-negro, e no hombro de uma terceira vinha empoleirado um gatarrão preto, que miava e bufava de um modo assustador.

— Depressa! A varinha de aveleira! — gritou o Trasgo. Edith agitou logo a varinha para o lado do esquadrão das bruxas.

Desappareceram todas n'um abrir e fechar de olhos, soltando rugidos de desespero, e passados poucos minutos os dois peregrinos chegavam ao Morro das Fadas.

Mãos invisiveis abriram-lhes uma porta muito larga e muito alta, e avistou-se um comprido corredor verde, tambem illuminado por myriades de vagalumes. Ao cabo d'esta passagem brilhava uma claridade, que se foi tornando mais forte á medida que Edith e o

EDITH, N'UM CARRINHO DE MARFIM PUXADO POR BORBOLETAS, FOI LEVADA POR ARES E VENTOS ATÉ AO FINAL

Trasgo se lhe approximaram. A' sahida viram o céo e o sol, conhecendo a pequenita, cheia de espanto, que tinham chegado em fim ao Reino das Fadas. Para todos os lados avistavam-se moitas de um verde de esmeralda, valles atapetados de lindas flores e delicados fetos; pelo ar adejavam os mais deliciosos aromas, e soltavam cantos harmoniosos innumeras avesinhas, que espannejavam ao sol as lindas plumagens.

Na base de um outeiro verdejante e á beira de um crystalino lago erguiam-se rutilantes os zimborios de oiro e as torres magestosas do palacio das Fadas, cujos tectos de diamantes, batidos pelos raios solares, reverberavam as côres do arco-iris.

Milhares de duendes e trasgos, envoltos em roupagens feitas com as petalas odoriferas das flores, esvoaçavam como um bando de esplendidas borboletas, ou retoiçavam e dançavam alegremente na avelludada alfombra relvosa.

Afinal Edith avistou no ar, deslisando para ella, um gracioso carrinho de oiro e madreperola, puxado por duas pombas alvas de neve. Dentro, reclinada em macias almofadas de seda e debaixo de um docel de rosas, vinha uma creaturinha encantadora, vestida com um traje de finissimo brocado de oiro. Tinha na cabeça um diadema de narcizos e na mão um sceptrosinho de oiro e pedrarias.

N'uma voz melodiosissima deu as boas vindas a Edith e ao Trasgo e ouviu com o maior interesse a narração da aventurosa viagem. Levou-os depois á sala dos festins, onde já estava servida uma delicada refeição sobre mezas feitas de cogumelos. Convidou a ambos para se sentarem a seu lado n'um banco estofado de teias de aranha, com o acolchoado de folhas de rosa, e emquanto os duendes, que faziam de pagens, serviam deliciosos fructos e doces, e orvalho com mel, os menestreis das fadas iam executando melodias suavissimas.

N'esta occasião Edith lembrou-se de que o pae estaria esperando por ella na choupanasinha do pinhal. Levantou-se e disse que tinha de voltar para casa. Então a rainha das Fadas, em agradecimento ao que a pequena tinha feito ao Trasgosinho seu subdito, disse-lhe que escolhesse, de entre tudo o que via, o que mais lhe agradasse, pois que logo lhe ficaria pertencendo, quer fosse de oiro, de prata ou de pedras preciosas.

— Joias, não posso usal-as — respondeu Edith. — Cá para mim não ha nada mais lindo

que a luz do sol, e julgar-me-hia feliz se ella nunca deixasse de allumiar a nossa cabana.

— Será satisfeito o teu desejo — disse a rainha das Fadas e deu ordem a uma das suas damas para que lhe trouxesse uma roda de fiar.

E apenas a rainha recebeu da sua dama a roda, offereceu-a a Edith, dizendo-lhe: «Esta roda ha de fiar unicamente raios de sol. Possam elles dar-te a felicidade!»

A pequenita despediu-se do Trasgosinho, subiu para um carro de marfim puxado por borboletas, e foi levada por ares e ventos até ao pinhal, que ficava ao pé da choupana do pae d'ella. Apenas saltou para o chão, retomou o antigo tamanho e foi ter com o pae, a quem logo contou as suas maravilhosas aventuras. Pareciam, na verdade, tão extraordinarias, que o camponez julgou que a filha tinha estado sonhando, emquanto não viu a roda de fiar. Era a prova de que tudo era verdade.

Desde então correu tudo ás mil maravilhas para o camponez e para a filha. No jardim havia sempre abundancia de flores; as arvores do pomar nunca deixavam de estar carregadas de fructos, nem a horta de dar legumes e hortaliças em barda. Além d'isso as gallinhas punham ovos todos os dias e as vaccas davam leite á farta. Os annos foram correndo assim, e Edith tornou-se uma linda rapariga, com olhos de um azul mais bonito que o do myosote, e cabellos doirados como a flor do tôjo, quando chega o outomno.

Um dia passou na charneca um garboso e esbelto cavalleiro, e viu alongar-se pela encosta a esteira que marcavam os raios de sol e guiado por ella foi até junto da choupana. Viu sentada no seu jardim, ao pé da roda magica, a encantadora Edith, rodeada de passarinhos, de coelhos, de lebres, de toupeiras e de todos os seus amigos da floresta, que tinham ido aquecer-se aos raios doirados do sol, que ella fiava docemente. E um d'esses raios penetrou no coração do cavalleiro e abrazou-o de amor pela formosa rapariga. O cavalleiro pediu então a Edith que fosse sua mulher, e que fiasse raios de sol e alegria para elle e para o seu povo.

Ella, que tambem se tinha apaixonado logo pelo cavalleiro, casou com elle, auctorisada pelo pae, que foi viver com o genro n'um grande castello situado no alto de uma montanha. Ao casamento assistiram todos os trasgos da charneca, e a antiphona foi cantada pelos passarinhos dos bosques.

— Pio! Pio! — chilreou o Pintarroxo, que tinha envergado para a cerimonia o seu melhor collete encarnado, e que muito cheio de si, dizia com os seus botões: «Nunca isto succederia, se não fosse eu e o hospede da noite de Natal».

EVA ROGERS.

QUEBRA-CABEÇAS

Para scismar

Na piugada dos fugitivos

Imaginem-se os nossos leitores transformados por um momento n'um agente policial, procurando descobrir, apenas pelo exame dos vestigios representados no diagramma junto, e que foram produzidos pela fuga de um homem levando uma creança, o que aconteceu exactamente aos dois fugitivos.

1 2 3 4 5 6 7

Afim de desorientar os perseguidores, o homem mudou o meio de locomoção em cada um dos logares marcados com numeros no diagramma.

O problema consiste em descobrir o modo de locomoção entre cada uma d'estas estações e a seguinte; quaes os vehiculos de que o homem se serviu; que lhe aconteceu no decurso da fuga; e que fez elle á creança nas differentes phases da jornada.

Proeza de raposa

Uma raposa bispou n'uma capoeira dez nedias patas

Foi lá a primeira noite, e trouxe comsigo para a toca cinco patas. Voltou na segunda, e trouxe de novo outras cinco. Mas no dia seguinte ainda estavam oito patas na capoeira, sem que ninguem as tivesse accrescentado. Como foi isto?

Querem saber? Vá lá! Explico-lhes, só com receio de os fazer virar a bola com esta arithmetica. É que entre as cinco patas que a raposa trouxe na primeira noite contavam-se as quatro que organicamente lhe pertenciam. E na segunda, idem. De modo que das patas aladas não furtou a raposa senão duas. Ficaram pois oito, e essas duvido que o bicho damninho lhes deite a garra. O dono já está prevenido.

Banquete de familia

Perguntei a um velhote meu conhecido quem tinha jantado com elle no dia de Natal.

Vae elle, respondeu-me:

— Ah! foi um jantar de familia! Estava presente o cunhado de meu pae, o sogro de meu irmão, o cunhado de meu sogro, e o sogro de meu cunhado.

Sabidas as contas, contou-me d'alli a pouco que o homem tinha jantado sósinho, e no emtanto não faltára á verdade nas affirmações que me fizera.

Como pode isto ser?

Labyrinthos

Ha immensos exercicios do genero dos que apresentamos agora aos leitores. O divertimento consiste, como é sabido, em procurar desde a entrada, que está na parte inferior da fig. 1, o caminho até ao sitio marcado com um

FIG. 1

ponto de interrogação, no meio de umas lunetas. Este labyrintho é devido á imaginação de qualquer artista contemporaneo.

O outro labyrintho que apresentamos (fig 2)

FIG. 2

existe realmente na cathedral de Lucca. Durante a Edade Media o seguir todas as circumvoluções de um labyrintho era exercicio religioso que se considerava quasi tão efficaz como ainda hoje a peregrinação á Terra Santa.

Por conseguinte, trilhando sobre o papel, os leitores dos *Serões* poderão porventura alcançar direito a algumas indulgencias...

Circulo exquisito

Tens cento e um. Divide-os por cincoenta.
Em seguida uma cifra lhe accrescenta.
E se a fabula acaso te commove,
Folgarás, por ter uma d'entre nove.

Como se aprende a escrever bem os algarismos

Peça o leitor a um amigo que lhe escreva n'um pedaço de papel os algarismos desde 1 até 9, omittindo o algarismo 8. Por esta forma:

1 2 3 4 5 6 7 9

Agora pergunte-lhe qual d'esses algarismos é que elle julga estar mais mal escripto. Qualquer que elle mencione, multiplique-o por nove e peça-lhe a elle que multiplique o seu numero 12345679 pelo producto achado: 18, 29, 36, etc., conforme o algarismo por elle indicado.

Assim supponhamos que é o 7 o algarismo que elle acha mais aleijado. O leitor obrigal-o ha a fazer a multiplicação do tal numero por 63:

$$\begin{array}{r} 12345679 \\ 63 \\ \hline 37037037 \\ 74074074 \\ \hline 777777777 \end{array}$$

— Prompto! dirá o leitor, apenas elle tenha feito a operação.

— Prompto, o quê? perguntou elle. Onde demonio está a graça d'isto?

— Graça não terá nenhuma, mas é para praticares a escrever o algarismo que te sae mais torto.

Porque a parte curiosa d'este exerciciosinho é que, qualquer que seja o algarismo escolhido, o resultado ha de ser composto apenas d'esse algarismo, repetido nove vezes no producto, afóra as vezes que se escreve nas parcellas.

Jogo de damas — *Por ausencia do sr. José Sevder, somos forçados a omittir no presente numero esta secção do* Quebra-cabeças.

ACTUALIDADES

Grandes topicos

A POLITICA NO MUNDO

Continúa a Allemanha a barafustar na ancia de concentrar em suas mãos a influencia hegemonica da politica mundial. Ainda recentemente, e logo no discurso da corôa, para que mais retumbancia lograsse, Guilherme II denunciava o despeito por sentir que lhe escapam os pontos de apoio. E, como de costume, desafogava em ameaças mal disfarçadas e em vangloriosos protestos de força. Está-se sempre com receio de que um extemporaneo impulso destrua o equilibrio da paz, tão laboriosamente preparado sob os auspicios de Eduardo VII, de Roosevelt e de Loubet. A aguia germanica anceia por voar, e toda a Europa poderia de um momento para o outro entenebrecer-se, á sombra projectada pelas suas gigantescas azas.

Se ao occidente o gallo lhes tolhe a envergadura, o enfraquecimento da aguia russa parece dar á soffrega ave esperanças de se extender para o oriente. Nas aguas turvas do imperio moscovita, poder-se-ha porventura pescar sem graves perigos. Não é com effeito extranho o intento de intervir nas discordias intestinas da Russia, sobre tudo na Polonia, cujas velleidades de independencia ameaçam a integridade facticia do reino prussiano, intento attribuido geralmente ao Kaiser.

Com effeito, a Russia continúa a debater-se nas vascas de uma revolução sem precedentes. O conde Witte, combatido entre as aspirações democraticas e os estimulos ferozes de reacção, vê o seu prestigio abalado e a sua força impotente contra o desencadeiar de paixões, contidas ha seculos.

O oriente da Europa tende a soffrer uma remodelação profunda. O enfermo russo poderá salvar-se com pastilhas de liberalismo, mas tem talvez de ser mutilado. Quanto ao enfermo turco, a questão de Macedonia, com a consequente intervenção das potencias, está-lhe apressando o anniquilamento. Do Neva ao Bosphoro renascerá a saude, sob o influxo da democracia triumphante.

Com o advento do gabinete liberal, a Inglaterra não mudará por certo a politica extrangeira, que naturalmente prepondera no mundo. A *entente cordiale* com a França, base do novo equilibrio europeu no seculo xx, em vez de afrouxar, transformar-se-ha porventura n'uma alliança, em que de futuro entrem as nações latinas. E a intimidade de relações entre este concilio internacional e os Estados Unidos por um lado, e o Japão por outro, assegurará a paz no Occidente e no Oriente, e estabelecerá bazes seguras para o bem estar da humanidade.

Em vesperas de anno novo, são de molde os horoscopos. Eis aquelle que, sobre a politica universal, o estado do am-

UM QUEIJO ESTRAGADO

COSINHEIRO EM CHEFE, NICOLAU — *Dos ratos ainda nós nos livramos; o peior é esta horrivel bicharia.*

Caricatura do «Kladderadatsch»

A ALLIANÇA ANGLO-JAPONEZA

Duas creaturas n'uma bancada só. Dois corações que batem em unisono... aos olhos da Europa
Caricatura do «Ulk»

biente suggere aos *Serões* nas vesperas do anno de 1906.

Concluiremos com a phrase consagrada dos almanachs: *Deus super omnia*. E quer-nos parecer que o instrumento directamente escolhido por Deus para os seus fins beneficos é n'este momento a raça anglo-saxonica. E' ella que, nas duas margens do Atlantico, alongando os braços para o Oriente, tem porventura na sua mão a paz do mundo.

REVOLUÇÃO «Á LA RUSSE»

Ás pessoas que teem a fortuna de viver em paizes governados constitucionalmente, custa a comprehender o motivo por que um autocrata, como por exemplo o czar, mostra tanta repugnancia em tornar-se um monarcha mais ou menos constitucional, como a maioria dos seus collegas europeus. Para o observador isento de preconceitos, o papel de um chefe de Estado á moderna deve parecer um ideal a qualquer homem, quanto mais para um caracter como o que vulgarmente se attribue a Nicolau II.

AS POTENCIAS E MARROCOS

Não é provavel que as ameixas cheguem para todos quando se disputar o bolo de Marrocos.
Caricatura do «Der Wehre Jacob»

O DOENTE DO BOSPHORO E OS SEUS ENFERMEIROS

(A Austria e a Russia)
Caricatura do «Lustige Blätter»

SULTÃO DE MARROCOS — *Muito agradecido, mas não me falta logar entre as duas cadeiras, para ficar sentado no chão.*

A cadeira offerecida pela França tem o distico: Protectorado. A do Kaiser diz: Alliança defensiva.

Caricatura de «Kikeriki»

Toda a responsabilidade e tremenda anciedade, que tanto deve pesar sobre dois hombros apenas, será transferida como por encanto para os hombros dos ministros, que se podem mandar passeiar no momento em que deixem de satisfazer ao serviço. Tal era o espirito philosophico com que o pae do actual rei dos belgas considerava o seu officio. «Eu todos os dias pergunto aos meus ministros, costumava elle dizer, se acaso teem maioria. Se a resposta é affirmativa, pego no chapeu e na bengala e vou dar o meu passeio com todo o socego de espirito. Se pelo contrario elles respondem que não, eu replico com toda a serenidade: «Muito bem. N'esse caso, tenham a bondade de pegar nos seus chapeus e nas suas bengalas, vão passeiar socegadinhos, e escusam de ter o incommodo de cá voltar».

Mas talvez que um «autocrata de todas as Russias» não tenha poder sufficiente para fazer o que lhe apraz, mesmo n'um assumpto tão simples como este. Charles Greville refere-se no seu *Jornal* a um jantar a que assistiam o duque de Wellington e lord Balthurst em 1829. Já n'esse tempo se suppunha estar imminente uma revolução no imperio dos czares. O duque foi de parecer que não tardaria uma revolução a rebentar na Russia e que a guerra, então travada pela Russia, tinha por objecto abrir uma valvula de segurança ás más disposições que começavam a pronunciar-se. Greville repetiu isto a lord Balthurst, o qual redarguiu que «tambem pensava o mesmo, mas que o imperador actual (Nicolau I) era homem de grande energia», como se qualquer caracter ou auctoridade individual podesse tolher a torrente impulsionada por uma revolução universal de sentimento e de opinião. Accrescentava Greville que o fallecido imperador (Alexandre I) estava tão conscio d'isto que morreu de magua, aggravada pela reflexão de que era elle em grande parte a causa d'esse estado de cousas. Quando visitou Oxford, ficou tão fascinado pela veneravel grandeza d'essa universidade que logo tencionou instituir uma, em regressando á Russia, e é egualmente certo ter elle accrescentado que «queria ter opposição».

Desde então tem a Russia fundado muitas universidades — talvez demais, para a sua tranquillidade interna. Ha uma maxima que affirma ser o mantimento de um homem peçonha para outro homem.

A GUERRA VAE SENDO MAIS OU MENOS MORTIFERA?

MENOS, affirma o general americano Bliss, discutindo os importantes elementos nos modernos combates em terra. Depois de dar uma lista das principaes batalhas feridas desde a guerra dos Sete Annos até á batalha de Mukden, resume da seguinte fórma os resultados:

Nas doze batalhas principaes da guerra dos Sete

A CANHONEIRA «INFANTE D. MANUEL»

Ultimamente lançada ás aguas do Tejo, construida com as sobras da subscripção vinda do Brazil para a construcção da canhoneira «Patria».

Annos, as perdas foram, em média, para os vencedores 14 %, para os vencidos 19 %.

Durante a época napoleonica, a média de vinte e duas batalhas dá aos vencedores 12 % de perdas, aos derrotados 19 %.

A perda média em quatro batalhas principaes da guerra da Criméa foi para os vencedores 10 %, para os vencidos 17 %.

A média das quatro acções principaes na guerra franco-austriaca de 1859 dá para os vencedores 8 e para os vencidos 8 1/2 % de perdas.

Em doze batalhas importantes da guerra de Successão da America, a percentagem das perdas do exercito unionista subiu a 19,7, e a dos exercitos confederados a 19,6.

O HOTEL REINA CHRISTINA, ONDE SE INSTALLARÃO OS DELEGADOS DA CONFERENCIA

VISTA GERAL DE ALGECIRAS

Seis acções principaes na guerra austro-prussiana de 1866 dão a percentagem de perdas de 7 para os vencedores e 9 para os vencidos.

A percentagem de oito acções principaes do primeiro periodo de guerra franco-prussiana de 1870 é para os vencedores 10, e para os vencidos 9, de perdas. No segundo periodo da mesma guerra, a percentagem é relativamente 2,5 e 3,5.

Em quatorze batalhas da recente guerra russo-japoneza (incluindo o cerco de Porto-Arthur) as perdas médias foram para os russos 9,5 e para os japonezes 4,6, %.

D'isto conclue o general Bliss que ha uma tendencia positiva para o decrescimento na percentagem das perdas em batalhas. Esta diminuição deve attribuir-se: á gradual eliminação do duello individual; á tendencia para concentrar a energia e evitar a dispersao; maior facilidade em curar os ferimentos da bala moderna; menor efficacia dos tiros rapidos, a grande distancia, contra ordem extensa; grande distancia dos exercitos, que diminue as perseguições dos vencidos pelos vencedores.

A TELEGRAPHIA SEM FIOS ATRAVEZ DAS ARVORES

O major Squire, do exercito dos Estados Unidos, reconheceu poderem usar-se as arvores para receber despachos de telegraphia sem fios, substituindo os arames geralmente suspensos n'um poste alto ou n'uma torre.

Os circulos entre a arvore e o apparelho são effectuados, simplesmente cravando dois pregos ordinarios de ferro na mesma arvore — um na parte superior e outro duas ou tres pollegadas acima do chão — e ligando os fios com estes pregos.

Vida na arte

MR. JOSÉPH BYRCN

Inventor da photographia á luz artificial

PROGRESSO DA PHOTOGRAPHIA Á LUZ ARTIFICIAL

Foi o inglez Joseph Byron que em 1863 tirou a primeira photographia com relampagos de luz artificial. Era um rapaz de dezeseis annos apenas, os recursos scientificos eram então escassos, mas elle conseguiu uma esplendida prova de uma festa nocturna, na sua terra natal, Nottingham, por occasião de se celebrarem os esponsaes do então principe de Galles.

Enthusiasmado com o exito da tentativa, continuou as experiencias com a luz electrica e de gaz; mas só chegou a resultados efficazes depois da invenção do pó de magnesio, unica substancia que verdadeiramente se presta á boa photographia. Na opinião d'elle, esse pó, convenientemente distribuido, produz chapas mais brilhantes do que a luz do dia, por isso que os effeitos de luz e sombra se podem graduar á vontade do artista.

Foi depois da sua ida para a America que Byron começou a applicar a sua descoberta a photographias de scenas de theatro. «Os resultados foram tão completos» diz o photographo, «que dentro em pouco comecei a receber encommendas de todas as partes dos Estados Unidos. O trabalho cresceu rapidamente; os emprezarios começaram a apreciar o novo processo photographico, até que hoje em dia a pho-

UMA SCENA DO DRAMA «DANTE», photographia segundo os processos de J. Byron
A personagem principal é o actor IRVING

tographia pelos relampagos se tornou uma necessidade absoluta para dar ao publico noticia exacta das peças theatraes. Actualmente já não me embaraça uma jornada de trezentas ou quatrocentas leguas de proposito para tirar algumas chapas de importancia, e, dedicando-me ha quasi meio seculo a este genero de trabalhos, posso gabar-me de nunca ter soffrido desastre.»

Nos magazines illustrados do mundo inteiro se encontram hoje photographias de J. Byron, e por todos os paquetes recebe dos recantos mais afastados do orbe perguntas sobre os meios porque obtem tão admiraveis effeitos. Mas, nos seus conselhos, ha uma parte secreta que elle reserva sempre. É um inventor e um artista, e todas as applicações mechanicas de que faz uso, incluindo as lampadas, são devidas quasi exclusivamente ao seu engenho.

Á força de assistir a espectaculos theatraes, é de grande peso a sua opinião sobre o valor das peças e sobre o seu exito. Cita-se o exemplo de um actor celebre, William Collier, que fôra contractado como *estrella* n'uma peça nova. Mr. Byron assistia ao ensaio geral, e prophetisou um fiasco. Em vez de imprimir todas as photographias encommendadas, telephonou ao emprezario, dizendo-lhe que, em vista da queda mais que provavel da peça, lhe parecia preferivel esperar pela sentença dos criticos. O emprezario accedeu. E no dia seguinte a opinião de J. Byron era corroborada por todos os jornaes, e a peça não sobreviveu a uma semana.

MISS MAY DE SOUZA

SERÁ COMPATRIOTA ?

O APPELLIDO de Miss May de Souza, que actualmente desempenha o papel de protagonista na pantomima *Cinderella,* representada no Drury Lane de Londres, parece indicar a sua origem portugueza. Americana é ella chamada em geral pelos jornaes inglezes. Provavel é que esteja apparentada com o celebre regente de orchestra Souza, que nos Estados Unidos tem grande reputação e que de uma familia portugueza descende.

Mas ainda quando não tivessemos a honra de ter por compatriota esta gentil artista, o seu encantador aspecto justifica de sobra o nosso empenho de embellezarmos com o seu retrato uma das paginas dos *Serões.* Eil-a, a linda *Gata Borralheira* que actualmente faz as delicias das creanças londrinas, e decerto lisongeia com muito agrado os olhos dos adultos.

E' extraordinaria a vitalidade do conto infantil dos irmãos Grimm, que tantos e tão variados argumentos tem fornecido aos theatros de todo o mundo.

Esta *Cinderella* do Drury Lane afasta-se bastante, nas suas linhas geraes, de todas as outras variações bordadas sobre o mesmo thema. Escusamos de nos embrenhar no *compte-rendu* da pantomima.

Quanto á nossa presumida compatriota, affirma a critica que desempenha o seu papel de uma fórma encantadora e com grande talento, com uns modos infantis que fascinam todo o publico.

Vida na sciencia e na industria

O LEBAUDY II

O Aero-Club de França concedeu a grande medalha — o seu maior premio — ao constructor, ao piloto e ao machinista do novo dirigivel Lebaudy II, considerado o typo mais aperfeiçoado de navegação aerea.

O constructor, Mr. Julliot, é realmente o inventor dos dirigiveis conhecidos pelo nome dos irmãos Lebaudy. O piloto, George Juchmés, é um notavel aeronauta que conta mais de 100 ascensões feitas entre os 17 e os 30 annos, que é hoje a sua edade. O machinista Rey é um velho empregado superior da casa Creusot, e notabilisa-se pelo sangue frio e pela pericia.

O balão adapta-se a varios usos, principalmente para recreio e para guerra. Os melhoramentos introduzidos por Mr. Julliot teem por principal objectivo augmentar as qualidades fundamentaes do balão, isto é, a sua demora no ar, a extensão das viagens, e a possibilidade de as tentar. Para esse fim augmentou-se o diametro cubico do envolucro, o do balonete, a potencia do ventilador, o peso da carga, etc., e deu-se ao aerobarco meios de viajar de noite.

O LEBAUDY II — ASPECTO GERAL

Ao material do envolucro addicionou-se uma camada interior de borracha, que lhe augmenta a impermeabilidade, preserva o algodão da acção destruidora das impurezas contidas no gaz, e assim dá mais duração ao balão. As valvulas primitivas do gaz foram substituidas por valvulas de mola horizontal, separadas do corpo do balão por um diaphragma de gaze, e fez-se uma disposição para que ellas possam ser concertadas ou substituidas sem despejar o balão.

Melhoraram-se tambem as condições de descida com modificações no cabo e na collocação da ancora.

Além de apparelhos para a illuminação electrica, accrescentou-se um projector de acetylene, de um milhão de lampadas de força, que habilita o aeronauta a dirigir-se convenientemente comparando a zona illuminada com o mappa, e mostrando-lhe, nas baixas altitudes, todos os obstaculos a evitar.

O balão foi alargado á pôpa, fazendo-se varios arranjos para duplicar, apezar d'isso, as suas qualidades sob o ponto de vista da velocidade e da estabilidade, taes como: addicionamento de uma segunda fralda, chamada «borboleta», ligada á pôpa; substituição do antigo apparelho de governo, horizontal, por dois outros mais pequenos em fórma de V, collocados á pôpa; independencia d'esses dois appare-

O LEBANDY II VISTO DE POPA

lhos, que podem produzir o descimento ou a ascensão sem perda de gaz.

N'estas condições começaram as experiencias nos fins de 1904. N'uma d'ellas alcançou o balão a velocidade de 33 kilometros e 200 metros por hora, contra o vento, a maxima obtida até hoje, e a de 70 kilometros a favor do vento.

Recentemente, as auctoridades militares francezas renovaram experiencias nas proximidades de Toul. O proprio ministro, Mr. Berteaux, fez uma ascensão, em que o balão executou evoluções sobre a cidade e os fortes, durante tres quartos de hora, voltando a terra no ponto de partida sem o menor damno. Reconheceu-se a sua utilidade pratica para a observação dos movimentos e para as indicações telegraphicas, assim como para lançar verticalmente projecteis com absoluta precisão.

Ficaram pois demonstradas pelos factos as perfeitas condições de dirigibilidade e as vantagens militares do Lebaudy II. Não tardará o dia em que a sciencia militar será inteiramente revolucionada com a introducção dos dirigiveis, para fins de defeza e ataque.

Vida nos campos

JANEIRO

CAMPOS — Acabadas as sementeiras temporãs e adubações, continúa n'este mez o trabalho das charruas na preparação das terras para as sementeiras serodias a fazer em março.

É tambem n'este tempo que se fazem os arroteamentos de preparação para as bacelladas.

N'este trabalho, em que ha grandes resistencias a vencer, devido á profundidade da lavoura, 30 a 60 centimentros, emprega-se grande quantidade de gado, 4, 6 e 8 juntas de bois a cada charrua, os quaes pachorrentamente harmonisam entre si o seu valentissimo esforço, ao som dolente e fundamente caracteristico do cantico dos boeiros, que assim os animam no seu arduo labutar.

É esta a epocha mais adequada á póda do arvoredo por estar como que adormecida a sua vegetação, e proximo o desenvolvimento da seiva vivificadora. Este trabalho serve para descarregar a arvore das hastes desnecessarias e atrasadoras de uma perfeita fructificação.

Vinhas — Nas vinhas tambem se trata n'este tempo das pódas.

A videira tende a desenvolver longos braços, os quaes abandonados, vão-se multiplicando, e tornando difficil e incompleta a sua fructificação, se os não reduzirmos e localisarmos á acção da seiva methodicamente em favor do fructo.

É este o fim das pódas.

Ha varios systemas de podar, que o viticultor deverá estudar e escolher segundo a qualidade e estado da videira e do terreno.

Chama-se póda larga, quando na vara ficam mais de quatro olhos, e póda curta quando apenas se lhe deixa dois ou tres.

O systema mais usado é deixar á videira duas varas largas, com um talão, ou vara curta, em cuja extremidade se destroe a rebentação para evitar o desenvolvimento da vara. As duas varas largas são habitualmente amarradas a duas estacas dispostas no alinhamento da plantação.

As varas cortadas são em geral aproveitadas para queimar depois de seccas, e as cinzas espalhadas como adubo pela vinha.

Ultimamente tem-se empregado como bella alimentação para todo o gado, especialmente o vaccum, depois de esmagadas em apparelhos especiaes movidos a braço, gado ou vapor, segundo a importancia da quantidade.

N'este mez tambem se faz a reproducção de videiras por meio de mergulhia, que consiste em virar uma vara da videira enterrando a sua extremidade na terra até uma profundidade de 25 centimetros. A vara mergulhada destroe-se os rebentos, deixando ficar alguns apenas na extremidade enterrada, que servem para o desenvolvimento das novas raizes, as quaes, quando bem formadas, permittem a separação da vara da cepa mãe, e a sua perfeita vegetação como planta independente.

Hortas — O hortelão trata este mez de dispôr nos seus logares as diversas plantas de hortaliça semeada, onde devem desenvolver-se debaixo da sua vigilancia.

Semeia favas e ervilhas, batatas, grão de bico, etc.

Tambem mette na terra estacas de arvore fructifera, e limpa os pomares.

Jardins — Poucas são n'este mez as flores nos nossos jardins. No emtanto n'elles se vê o jasmim amarello, geraneos, magnolias roxas, e as camelias ou rosas do Japão.

Esta encantadora flor foi trazida do Japão em 1739 pelo padre jesuita Camelli, a quem deu o nome por que é conhecida, alem do de rosa do Japão, pela sua origem.

Exige esta planta uma terra forte misturada com terra vegetal de pinheiro.

A sua reprodução faz-se por meio de semente, estaca ou mergulhia. O mais facil porém é a estaca.

A variedade de flores n'um arbusto pode conseguir-se facilmente por meio de enxertia na primavera.

Para o perfeito desenvolvimento de uma flor, é necessario isolal-a de outras, destruindo os botões d'estas para que a escolhida aproveite melhor a seiva da planta. Por esta razão tanto mais perfeita será uma camelia quantas menos houver e mais separadas estiverem n'um arbusto.

A camelia dá-se muito melhor nas provincias do

norte do nosso paiz, onde chega a ser espontanea a sua vegetação.

É do Porto que veem para Lisboa grandes quantidades d'esta preciosa flor para ornamentações nos primeiros mezes do anno.

ECONOMIA DOMESTICA

PARA o lavrador, que desejando alimentar-se por completo dos productos da sua propriedade, e não queira entrar no fabríco completo da manteiga, lembramos a pequena batedeira para nata, que a nossa gravura representa.

Compõe-se ella de um ou dois copos de vidro com tampa nikelada, apertados dentro de um arco metallico que gira, suspenso em dois braços, sobre dois supportes.

Separada a nata do leite, por meio do repouso em pratos de loiça, é lançada no copo de vidro, o qual depois de tapado, recebe o movimento de rotação por meio da respectiva manivela, até que se forme dentro a manteiga, o que facilmente se pode ver atravez do vidro. Separado o soro, é lavada a manteiga com agua, dentro do mesmo copo, e acabada de fazer n'um prato com o auxilio de uma faca, flexivel.

D'este modo se obtem um producto que, se não tem todas as boas qualidades de uma manteiga superior, tem o de não ser falsificada, e constituir um agradavel e util passatempo, capaz de despertar o gosto e preparar o manipulador para o fabríco mais completo de uma manteiga que, alem de servir ao consumo da casa, poderá mais tarde engrossar os rendimentos da lavoura.

Um cão imitador

Um intelligente artista canino, que figurou ha mezes n'um circo de Londres, imitava, devidamente caracterisado, varios personagens celebres. Eis a reproducção muito exacta, nas gravuras juntas, do grande dramaturgo IBSEN *e do estadista chinez* LI-UNG-CHANG.

A invasão de Lisboa

EM MARCHA SOBRE A CAPITAL

Cliche do sr. Alfredo T. de Lemos

ACAMPAMENTO DO LARGO DE S. DOMINGOS

Cliché de sr. Alberto Castello Branco

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME I

(2.ª SERIE)